

Arquitetando a “Boa Vizinhaça:”

a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano

■ 1876 - 1945 ■

Fernando Atique

orientadora:

Profa. Dra. Maria Lucia Caira Gitahy

tese apresentada à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade
de São Paulo, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Doutor em
História e Fundamentos Sociais da
Arquitetura e do Urbanismo.

São Paulo, 2007

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Assinatura:

E-mail: fernando.atique@gmail.com

Atique, Fernando

A872a Arquetando a “Boa Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945 / Fernando Atique. – São Paulo, 2007.
470 p. : il.

Tese (Doutorado – Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – FAUUSP.
Orientadora: Maria Lucia Caira Gitahy.

1. Arquitetura – 1876-1945 – Brasil – Estados Unidos 2. Urbanismo – 1876-1945 – Brasil – Estados Unidos 3. Ensino superior I. Título

CDU 72(81:73)

Capa: Fotomontagem de Fernando Atique usando casa projetada pelo arquiteto Mario Pentead, em Campinas / SP; automóvel Chevrolet e o trio de amigos criados por *Walt Disney*.

Projeto Gráfico e Diagramação: Fernando Atique

Fontes Usadas: Baker Signet BT e ABC Logos XYZ



*A Philip Oliver Mary Gunn,
(in memoriam)*

o mais brasileiro dos irlandeses,
o mais plural dos pesquisadores,
um mestre para a vida toda.

A Anézia, Anita Fernanda e Ramez, as fontes vivas da minha história.

AGRADECIMENTOS

Certa vez, eu ouvi de um professor que os agradecimentos das teses e dissertações estavam se tornando as maiores sessões dos trabalhos acadêmicos. Nunca me esqueci desta colocação. Desde então, tenho pensado no significado do famoso jargão de que a produção intelectual é solitária, e estou convencido de que, embora a escrita de uma tese seja tarefa individual, a atividade de pesquisa e a maturação de idéias são trabalhos que transcorrem em interação com professores, colegas e amigos. Ao escrever esta sessão, procuro nominar as muitas pessoas que apoiaram a realização desta tese como forma de agradecimento pelos estímulos recebidos ao longo de quase meia década.

Agradeço, primeiramente, a Maria Lucia Caira Gitahy que desde a entrevista no processo de seleção do doutorado, em 2003, demonstrou entusiasmo pela pesquisa, e que, por circunstâncias da vida, acabou por se tornar minha interlocutora principal. Devo explicitar meu agradecimento pela acolhida num dos momentos mais difíceis da minha vida na Academia e pelas portas que me abriu ao permitir minha participação num dos mais instigantes fóruns de pesquisa e debate que já conheci: o *Grupo de Pesquisa em História Social do Trabalho e da Tecnologia como Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo*, da FAUUSP. Aos colegas deste grupo sou profundamente grato por me acolherem, com generosidade, e por me proporcionarem a chance de interagir com suas próprias pesquisas e, principalmente, por interagirem com a minha. A André Augusto Alves, Artemis Rodrigues Fontana Ferraz, Cristina de Campos, Gustavo Pimentel, Luiz Augusto Maia Costa, Luiz Felipe Bernardini, Marcos Virgílio da Silva, Maria Beatriz Portugal Albuquerque e Sidney Piochi Bernardini eu deixo registrado meu muito obrigado.

Sou grato a Antonio Pedro Tota que não só me instigou a formular várias das hipóteses presentes neste trabalho através de seu livro *O Imperialismo Sedutor*, mas que me brindou ao aceitar participar da banca de qualificação desta tese, ampliando o meu entendimento sobre várias questões historiográficas.

Expresso, ainda, minha gratidão aos amigos que fiz por meio da USP – São Carlos, os quais me forneceram livros, artigos, ombros e entusiasmos diversos ao longo de vários anos: Alessandra Navarro, Alexander Abuabara, Amanda Franco, Ana Cristina Kondor, Ana Paula Cassago, Ana Paula Farah, Cláudia Gomes de Araújo, Daniele Porto, David Sperling, Elizabeth Arakaki, Fabiana Stucchi, Fabiano Lemes, Flávia Brito do Nascimento, Francisco Sales, Fúlvio Teixeira de Barros Pereira, George Dantas, Gustavo Partezani, Heverson Tamashiro, Juliana Mota, Liziane Peres Mangili, Marcus Dantas de Queiroz, Mary Helle Balleiras, Mateus Bertone da Silva, Mirela Macedo, Nora Cappelo, Oigres Cordeiro, Paulo Castral, Renata Cabral, Rosana Steinke, Sálua Manoel e Tatiana Sakurai.

Agradeço aos Professores dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, em São Carlos, e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, em São Paulo, ambos da USP, pelos ensinamentos e trocas de informações ao longo da pesquisa: Akemi Ino, Ana Lanna, Anja Pratsckhe, Hugo Segawa, José Eduardo Lefèvre, José Tavares Lira, Mônica Junqueira de Camargo, Nabil Bonduki, Paulo Bruna e Renato Anelli. A Telma de Barros Correia eu devo expressar minha gratidão por ter sido a primeira pessoa a me falar sobre o *"Mission Style"*, e por ter me orientado nos caminhos de descoberta da História do Urbanismo e da Arquitetura. A Maria Lucia Bressan Pinheiro eu declaro meu apreço pela amizade generosa, e por ter sido interlocutora importante em diversas fases desta pesquisa.

Agradeço à Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES - pela concessão da Bolsa de Estágio de Doutorado *"Sandwich"*, imprescindível na elaboração desta tese. A João Roberto

Patrinhani, da Pró-Reitoria de Pós-Graduação sou muito grato pela ajuda na resolução de todos os trâmites inerentes à referida bolsa CAPES.

A Nilce Aravecchia Botas e Maria Luiza de Freitas eu devo muito, não apenas pelas acolhidas na Paulicéia, mas, principalmente, por terem me estendido a mão tantas vezes; por terem discutido a pesquisa comigo, e por serem duas intelectuais que possuem os mesmos sonhos que eu. A Gabriela Campagnol declaro meu profundo apreço pela amizade e pelo compartilhamento dos planos e das agruras que envolveram esta tese. A Stella Pugliesi sou muito grato pelas conversas, sorrisos e pelas acolhidas em território carioca. A Vanda Quecini expressei meu muito obrigado pela amizade, pela hospitalidade e pelas conversas quase terapêuticas ao longo desses anos de pesquisa.

Externo meu sincero agradecimento ao Professor Fernando Diniz Moreira por ter feito a ponte entre mim e a *University of Pennsylvania*, nos Estados Unidos. Naquela universidade eu encontrei pessoas que foram primordiais para a pesquisa da tese: professor *David Bruce Brownlee*, chefe do *Department of the History of Art*, intelectual de primeira grandeza, que me orientou nos meses em que residi na *Philadelphia*. Ainda, ali, agradeço a atenção e a amizade da professora *Cathrine Veikos*, da arquiteta Tânia Calovi Pereira, da arqueóloga *Linda Meiberg*, da socióloga *Vida Bajc*, do químico Fabrício Vargas, dos arquitetos *Erik Soderberg*, *Grace Ong* e *Alexander Eisenschmidt*, e de Karina Flauzino e Mariana Garcia, pessoas que foram as referências mais importantes em minha “*aclimação*” nos Estados Unidos. Aos funcionários dos diversos acervos, bibliotecas, arquivos e entidades da Penn: *William Whitaker*, *Nancy Thorne*, *Nancy Miller*, *William Keller*, *Tammy Betterson*, *Darlene Jackson*, *Edward Keller*, meu muito obrigado. A *Bridget Arthur Clancy* da *Presbyterian Historical Society* e aos funcionários do *Athenaeum of Philadelphia*, também deixo registrado meus agradecimentos. Ainda nos Estados Unidos agradeço a atenção da professora Cristina Peixoto-Mehrtens, da *University of Massachusetts Dartmouth* e de *Elaine Engst* da *Cornell University*. A *Sally Crimmins-Villela*, da *State University of New York* eu agradeço todas as diretrizes dadas na elucidação de um equívoco historiográfico. De *Lew* e *Lídia Radabaugh* eu trago saudosas lembranças pela generosa recepção dispensada a mim, em Chicago.

No Brasil, nas mais diversas localidades, eu sou grato a Abimael Cereda Júnior, Adriana Irigoyen, Ana Cláudia Orlandi, Ana Luiza Martins, André Rodrigues, Ariane Palma, Benedito Tadeu de Oliveira, Camila Postigo, Carlos Kessel, Carlos Orlandi Júnior, Cecília Francisca da Silva, Cloir Salatiel, Eduardo Carlos Pereira, Esther Araújo, Evandro Atique, Fabíola Orlandi, Francisco Medaglia, Glória Araújo, Helen Dutra Gomes, Hudson Corrêa Lopes, Isabela Trazzi, Jane Falcosky, James Lawrence Vianna, Juciléia Barbosa, Luciane Ortega, Márcia Salatiel, Marco Aurélio Filgueiras Gomes, Maria Alice Vaz Ferreira, Maria Borges, Maria Cecília Luiz, Marília Salatiel, Mirian Tscherne, Raquel Cisoto Barbosa, Roberta Wik Atique, Roberto Conduru, Rodrigo Botas, Rogério Monteiro de Siqueira, Salete Alves, Sania Maria de Lima, Suelen Cereda, Taciana Marinho, Thaís Veltroni, Tirza Garcia Lopes, Washington Pastore Amore.

Agradeço aos funcionários das Bibliotecas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, em especial, Estelita, Maria José e Filomena, da Pós-Graduação, e Rejane, da Graduação; aos funcionários da Biblioteca Paulo Santos, do Paço Imperial do Rio de Janeiro e da Biblioteca Nacional. Às demais instituições pesquisadas, eu também externo meu muito obrigado pela atenção.

Obrigado, também, a todos os funcionários da Pós-Graduação da FAUUSP, em especial, a Isa, sempre cordial e correta, e a Cristina, pelas ajudas importantes, em diversos momentos do doutorado.

Na Universidade São Francisco expressei meus agradecimentos e meu apreço a Washington Luiz Alves Corrêa, Rosemeire Santana e Marta Catalani, por terem viabilizado meu afastamento para a realização do Estágio “*Sandwich*”, nos Estados Unidos. A Glacir Fricke eu sou eternamente agradecido pela generosidade, amizade, senso crítico, eficiência e compreensão que, ao longo de toda a tese, surtiram efeitos de lemes incomparáveis. Ainda, ali, sou sinceramente grato pela amizade e pelo companheirismo dos colegas

professores Ângela Barbon, Jairo Bastidas, Marcus Massak, Maria Camila D'Ottaviano, Maribel Nogueira, Priscila Meireles e Rangel Nascimento. Agradeço a Andrea Loewen pela ajuda em determinados momentos no início da pesquisa. Aos meus alunos e ex-alunos também agradeço e, em especial, devo nominar Alexandre Torricelli, João Luiz do Carmo, José Fábio Bueno, Maria Cristina Erdelyi, Michele Bernardi, Patrícia Goyos, Renata Matsumoto, Ricardo Stéfani e Sandro Pincinato que forneceram materiais para a pesquisa, em momentos diversos.

A Marta de Freitas Salatiel, uma amiga incomparável, uma *“mãe adotiva”* e auxiliadora indispensável, sou profundamente grato por incontáveis coisas, impossíveis de serem enumeradas, mas, espero que sejam facilmente exprimidas.

Agradeço, de forma intensa, aos meus familiares, que, mais do que nunca, foram importantes na minha vida: Anita Fernanda, minha professora de vida; Ramez, meu historiador particular; Ana Rosa, José Gabriel, Augusto, Marcelo, Ana Lúcia, Mateus, Ana Beatriz e minha avó Anézia, a personagem que me deu todos os demais, e que me mostra como é bom viver em família.

Campinas, inverno de 2007.

“O neocolonial não foi idéia original nossa, mas da maior parte do continente que, nas segunda e terceira décadas do século, adotou uma espécie de Doutrina de Monroe para a arquitetura (...) cada qual procurando reviver formas senão autóctones, pelo menos caldeadas no Novo Mundo ao tempo da colonização – algumas repúblicas como o México e os Estados Unidos chegaram a exportar essas formas (‘Mexicano’, ‘Californiano’, ‘Mission Style’)”.

Paulo Santos, Quatro séculos de arquitetura.



 RESUMO

ATIQUÉ, Fernando. **Arquitetando a “Boa Vizinhança”**: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876 - 1945. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Área de Concentração em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007.

Trata do processo de construção de diálogos entre o *Brasil* e os *Estados Unidos*, tendo como focos a arquitetura, o urbanismo e a sociedade brasileira que vivia em cidades, entre 1876 e 1945, período compreendido entre o ano da viagem de Pedro II aos Estados Unidos da América e o final da Segunda Guerra Mundial. Analisa quatro grandes eixos pelos quais a sociedade urbana do Brasil foi alcançada pelo mundo norte-americano: política e relações diplomáticas dos *profissionais do espaço*; disseminação de saberes técnicos e científicos capazes de alterar a arquitetura, o urbano e a domesticidade brasileira; vinculação das instituições de *ensino superior* do país com o universo acadêmico estadunidense, sobretudo com a *University of Pennsylvania*. Aborda, ainda, a prática arquitetônica dentro dos princípios do *“Mission Style”*. Analisa como o Brasil foi, ao longo de sete décadas, tecendo relações que permitiram a construção de discursos e representações sobre o *pan-americanismo*. Mostra a relevância de se enxergar a relação do Brasil com os Estados Unidos como um processo no qual se arquitetou a “Boa Vizinhança”, explicitada com maior ênfase nos anos da Segunda Guerra.

Palavras-chave: Brasil; Estados Unidos; profissionais do espaço; ensino superior; *University of Pennsylvania*; *Mission Style*; pan-americanismo.

 ABSTRACT

ATIQUÉ, Fernando. **Constructing the “Good Neighborhood”**: the Brazilian society and the reception of the American world, 1876 - 1945. Doctorate dissertation. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Área de Concentração em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007.

This thesis explains the making of a relationship between *Brazil* and the *United States*. The period of study begins in 1876 when Pedro de Alcântara, the Brazilian emperor, went to the United States to participate of the Centennial Exhibition held in Philadelphia. The final temporal mark of this study is the year of 1945, when the World War II was finished, and the presence of the goods, equipments and the way of life from the United States got the most relevant levels in the whole world. The thesis's object of research can be understood like a plural one: not only the architecture, but also the whole urban environment and the classes that lived in that space. Trying to develop a particular narrative about the process of Americanization of the architecture and the city in Brazil, the thesis shows four ways of this attitude. The first one is concentrate on considerations about politics and diplomatic relations concerning of a group of professionals (architects, engineers etc) called as *“spatial artisans”*. The second way treats the references and the representations of the United States that had changed the domesticity and the form of the Brazilian way of life. In addition of these two, the work shows the discovers made in the United States about the Brazilians alumni from *University of Pennsylvania* that had came back to Brazil to increase the Americanization's process by the *architecture*. With a special focus about the *pan Americanism* the thesis studies the reception and dissemination of the *Mission Style* architecture in Brazil. The importance of this discussion is great and unfolds a process called as “constructing the Good Neighborhood”.

Key words: Brazil; United States; spatial artisans; University of Pennsylvania; mission style; architecture; pan Americanism.

SUMÁRIO

■ Introdução

Diálogos Velados na Arquitetura e no Urbanismo Brasileiros 3

A gênese da pesquisa 7

O objeto na historiografia da arquitetura e das cidades brasileiras 9

A estrutura do trabalho 14

■ Capítulo I

Americanismo, Pan-Americanismo e Interamericanismo: o “lugar” do Brasil 19

1.1 - Visões da “América”: Debates sobre a Aproximação dos Estados Unidos 22

1.2 - Visões do “Brasil”: Americanos Analisam o Pan-Americanismo 42

1.3 - Questões Profissionais: Os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos 47

1.3.1 - “O Congraçamento dos Obreiros do Belo” 50

1.3.2 - Algumas Lições “Americanas” dos Congressos Pan-Americanos 64

■ Capítulo 2

“A ‘América’ para os Brasileiros”: a sociedade urbana do Brasil e as referências americanas 77

2.1 – Circulação de pessoas, idéias e produtos 79

2.2 - Estados Unidos: lócus da técnica e da indústria moderna 107

2.3 - Olhando o Mundo Americano: Revistas e Cinema 128

Capítulo 3

Um Outro Roteiro: em busca de profissão nos Estados Unidos 135

- 3.1 – ‘Espalhando Sementes’: A Atuação de Educadores Norte-Americanos no Brasil 136
 - 3.1.1 – O Mackenzie College e a divulgação do Ensino Superior Norte-Americano no Brasil 154
- 3.2 – “Ide e Estudail” A Conexão Brasil - Estados Unidos de Ensino Superior 167
- 3.3 – A “*University of Pennsylvania*” e os Alunos Brasileiros 179
- 3.4 – Desenhando as Américas: os Egressos dos Cursos de Arquitetura da Penn e o Brasil 208
 - 3.4.1 – *George Henry Krug*: trajetória eclipsada 212
 - 3.4.2 – *William Procter Preston*: trajetória revelada 220
 - 3.4.3 – *John Pollock Curtis*: da Arquitetura à Embaixada 226
 - 3.4.4 – Christiano Stockler das Neves: discípulo da ‘*Fine Arts*’, não da ‘*Beaux-Arts*’ 231
 - 3.4.5 – Eugênio de Almeida Castro: incógnita persistente 245
 - 3.4.6 – Edgard Pinheiro Vianna: outrora, no grande circuito, agora, fora dos manuais 246
 - 3.4.7 – Washington Azevedo: tentativa frustrada na “Terra do Tio Sam” 265
 - 3.4.8 – Fernando Gama Rodrigues: do Mackenzie para a Penn 266

Capítulo 4

“As Fontes da Arquitetura”: o “*Mission Style*” e o neocolonial no Brasil 271

- 4.1 – Uma Polêmica: A Arquitetura ‘Neocolonial’ e Suas Fontes Estrangeiras 271
- 4.2 – “*Mission Style*”: caracterizações fundamentais 287
- 4.3 - Algumas Escolas de Arquitetura do Brasil com “Repertórios Neocoloniais” 306
 - 4.3.1 – Escola Polytechnica de São Paulo: Escola de “Multi” Referências 308
 - 4.3.2 – Escola [Inter]Nacional de Belas Artes 337
 - 4.3.3 – As Várias “Américas” no Curso de Arquitetura do Mackenzie 359
- 4.4 – A Disseminação de Projetistas e de Manuais de um Neocolonial Segundo o “Gosto Norte-Americano” 372
- 4.5 – O “*Mission Style*” como Arquitetura Pan-Americana 405

Considerações Finais

O Caminho Pan-Americano da Americanização 415

Referências Bibliográficas e Iconográficas 427

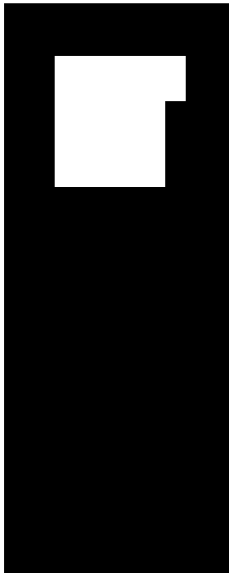
- Anexos:** Tabela Cronológica dos Estudantes da “*University of Pennsylvania*” (Penn) com Comprovada Origem Brasileira (1876 - 1950);
Tabela de Ex-Alunos da Penn com Comprovada Atuação Profissional no Brasil. 449



"Nosso crescente contato, já agora não só econômico e político, mas também cultural, com os Estados Unidos, é um tema ao mesmo tempo inquietante e sugestivo para a imaginação. (...) Na viagem de algumas semanas que acabo de realizar à América do Norte, acostumei-me a julgar melhor semelhante opinião. Exigindo de nós um comércio espiritual que promete conseqüências amplas e duradouras, exatamente o contrário de uma pura aquiescência, ela é, ao menos por esse motivo, digna de atenção e respeito".

Sérgio Buarque de Holanda, 1978, p.23-24.

Fig. 1 a 3: [imagens da abertura]: capas da revista **Careta**.
Disponível em: www.universohq.com/quadrinhos/n24052003_07.cfm. Acesso em 03 jun 2007.



INTRODUÇÃO

Diálogos Velados na Arquitetura e no Urbanismo Brasileiros

Em 1997, como costumeiramente fez ao longo de quase todo o século XX, a indústria cinematográfica de *Hollywood* distribuiu algumas centenas de filmes ao redor do mundo. Naquele ano, entretanto, o setor de entretenimento americano ressuscitou um título que está inserido numa estratégia de mercado que remonta aos anos 1920. ***A Máscara do Zorro***, filme estrelado por *Catherine Zeta-Jones* e *Antonio Banderas* trouxe às telas uma cândida versão da conquista da *California*, processada na primeira metade do século XIX. A produção não provocou nenhuma revolução em termos cinematográficos, mas revelou uma nova tentativa de diálogo dos Estados Unidos com a América Latina. Esta postura de ressurgimento de personagens que permitem uma ligação dos Estados Unidos com o continente americano, como o *Zorro*, não pode deixar de ser vista como uma postura que visa a amenização da expansão do idioma, dos hábitos e da presença física de muitos latinos nos Estados Unidos.¹ O filme, que mostra a luta pela defesa dos interesses dos povos californianos mediante a ação de um herói descendente de hispanos, tem como meta sensibilizar os imigrantes e seus filhos para o fato de que os Estados Unidos, embora se autopropale como a “*terra da democracia*”, necessita de um controle sobre esta diversidade étnica, tentando manter a noção construída ao longo do século XIX, de que é possível que cada estado da federação tenha uma origem própria, mas que, ao mesmo tempo, esteja, cada um, submetido a um fundo histórico comum, explicativo do que se julga ser os Estados Unidos da América. De maneira geral, nos últimos anos o que o governo daquela nação tem procurado fazer é enfatizar a idéia de que o país precisa voltar a ser

¹ ***A Máscara do Zorro*** (*The Mask of Zorro*), de 1997, teve roteiro produzido por *John Eskow*, baseado na história de *Ted Elliott*, *Terry Rossio* e *Randall Jahnson*, com direção geral de *Martin Campbell*. Os filmes anteriores desta saga foram ***A Marca do Zorro*** (*The Mark of Zorro*), um filme-mudo, lançado em 1920, com *Douglas Fairbanks* e *Noah Beery*. O enredo era baseado num conto datado de 1919, intitulado ***The Curse of Capistrano***, da lavra de *Johnston McCulley*. Em 1940 houve uma nova versão desta mesma história, que conservou o mesmo título. Naquele ano, ela foi estrelada por *Tyrone Power* e *Linda Darnell*. A direção esteve a cargo de *Rouben Mamoulian* e a produção foi assinada por *Raymond Griffith* e *Darryl F. Zanuck*. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Zorro>. Acesso em 16 mai 2007.

"americanizado".

O processo de transmissão de conceitos, imagens, produtos e modos de pensamento cuja ascendência está nos Estados Unidos da América é tradicionalmente chamado de "americanização". Em linhas gerais, é sobre este processo que esta tese se debruça, tendo como foco a sociedade brasileira fixada em área urbana e suas demandas espaciais. Como poderá ser visto ao longo do trabalho, alguns recortes foram feitos dentro deste processo de forma a gerar uma ênfase maior sobre o campo da arquitetura e do urbanismo. Assim, por isso, optou-se por recorrer à discussão sobre o reaparecimento da saga do Zorro, nesta introdução, por ver nesta atitude dos empresários do setor cinematográfico muitas implicações sobre as considerações contidas neste trabalho. Com esta retomada nota-se, por um lado, o sucesso da empreitada americana por sobre o continente, uma vez que a imagem dos Estados Unidos como o *locus* da técnica, da vida moderna e do enriquecimento se fixou no imaginário de muitos países latinos. Por outro lado, esta retomada do "herói californiano" deixa explícita, também, que para muitas pessoas não basta apenas consumir ou se referir às novidades emanadas de *New York*, de *Chicago* ou de *Los Angeles* em seus próprios países: é necessário transferir-se para aquelas plagas tentando alcançar o "sonho americano" integralmente. Notadamente, a busca pelos Estados Unidos tem feito com que os americanos passem a sentir o reflexo especular de suas próprias atitudes. Hoje, em linhas gerais, o país procura conter a "hispanificação" do país criador da "americanização".

O processo denominado "americanização" teve defensores e críticos ao longo dos séculos XIX e XX, em todos os países da América, como também, na Europa e na Ásia (CODY, 2003). Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a emergência dos Estados Unidos como grande potência econômica e política, se fez notória. Concomitantemente, teorias e posturas identificadas com a preservação das "heranças locais" dos países alcançados pelos interesses estadunidenses também afloraram. De maneira geral, estas formas de pensamento combativo estavam afinadas às esquerdas políticas e explicitavam a necessidade de um melhor desenho relacional entre os países-alvo da expansão do americanismo e o próprio Estados Unidos. No continente americano, muitos políticos e intelectuais procuraram mapear os riscos e as conseqüências da expansão dos norte-americanos, tentando mitigar a sedução exercida pela economia, pelas paisagens, pela cultura e, também, pela arquitetura estadunidense.

No universo brasileiro também ocorreu o mesmo processo. É possível encontrar, facilmente, diversos

títulos produzidos entre os anos 1960 e 1980 que tratam das relações Brasil – Estados Unidos dentro da idéia da existência de um “*imperialismo yankee*”. Alguns exemplos são as obras de Moniz Bandeira, ***Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história***, de 1973, e ***Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana***, de Gerson Moura, cuja primeira edição remonta a 1984. Contudo, é importante mostrar que, em linhas gerais, a historiografia brasileira cristalizou a idéia de que o processo de “*americanização do Brasil*” se delineou apenas na década de 1930, quando, explicitamente, a “*Política da Boa Vizinhança*”², de *Franklin Delano Roosevelt* foi formulada e posta em prática por *Nelson Rockefeller* e pelo *staff* do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (TOTA, 2000). Particularmente, sobre este processo de americanização, que teve facetas na cultura, na política e na economia, várias obras foram escritas, ajudando a entender muitas opções brasileiras na condução de sua política econômica, como, também, na produção de seu espaço. O livro de Antonio Pedro Tota, ***O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra***, de 2000, e a tese de doutoramento de Ana Elena Salvi, ***“Cidades da Civilização:” políticas norte-americanas no processo de urbanização brasileira com ênfase na metropolização paulistana dos anos 1950 a 1969***, de 2005, são os exemplos mais recentes e mais bem acabados para o entendimento da ação da Política da Boa Vizinhança, no Brasil.

Enquanto a elite intelectual e muitos membros da esquerda militante se manifestavam de forma contrária à vinculação com os Estados Unidos, sobretudo no segundo pós-guerra, os efeitos da americanização já se faziam sentir em cada parte do Brasil, de forma incontestada. Desde os anos 1940, era possível encontrar em quase todo o país, *milk shakes*, sorvetes *Kibon*, calças *jeans* – também chamadas de “*rancheiras*”, demonstrando sua ascendência nos “*ranchos estadunidenses*” – lambretas, discos, e expressões gestuais, como o simples fato de apontar o polegar para cima, em sinal de confirmação, todos advindos dos Estados Unidos (TOTA, 2000: 10).

Contudo, as representações da cultura norte-americana no Brasil não se deram apenas por meio desses signos, e muito menos começaram após o fim da Segunda Guerra Mundial. Este processo teve início ainda no século XIX, e encontrou peculiaridades no Brasil. País visto, tradicionalmente, como um ente estranho no contexto continental, já que era o único a ser governado por um império, o único a falar português, o único a ter uma grande extensão territorial mantida de forma coesa, e um dos poucos a se dividir entre sua adesão ao universo americano ou à sua herança européia, o Brasil era, entretanto, um parceiro de peso que deveria ser buscado por *Washington* (SANTOS, 2004). Desde o final do século XIX, então, pode-se

² A “*Política da Boa Vizinhança*” remonta a 1928, quando *Herbert Hoover*, durante sua viagem a alguns países da América Latina, usou a expressão “*good neighbor*”. Como informa Tota, foi num discurso em *Amapala*, Honduras, que o então presidente dos Estados Unidos cunhou o termo, demarcando o princípio de sua política externa para a América Latina, e dando a sugestão para o nome da política que *Roosevelt* praticaria, a partir de 1933 (TOTA, 2000: 28).

falar num processo de americanização do país, o qual, ainda hoje, não encontrou seu fim. Alerta-se para o fato de que, de forma alguma, este processo deve ser visto como unilateral, ou seja, como tendo sido *maquiavelicamente* pensado pelos norte-americanos para ser implantado à revelia dos brasileiros, embora tenha sido explorado conscientemente pelos estadunidenses. Sustenta-se a tese de que os Estados Unidos era uma nação que oferecia uma opção modernizadora atraente à elite brasileira, a qual passou, então, a celebrar o país das “*estrelas e listras*” em diversas áreas.

Visando construir uma interpretação pluralista deste processo de aproximação com os Estados Unidos, no campo da arquitetura e do urbanismo, esta tese se valeu de um arco temporal traçado por dois acontecimentos políticos que foram cruciais para o desenvolvimento das cidades e da arquitetura no Brasil, e, por conseguinte, para a implantação deste processo de americanização. A primeira baliza remonta ao último quarto do século XIX: a viagem que Dom Pedro de Alcântara, o segundo imperador do Brasil, fez aos Estados Unidos, em 1876, para participar da exposição comemorativa do centenário da independência daquela nação.³ A outra baliza é o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, fato que demarca o início do nacional desenvolvimentismo, no Brasil, e que revela um estreitamento de relacionamento com os Estados Unidos. Optou-se por determinar o ano de 1945 como o marco temporal final para esta pesquisa por se ter, na historiografia nacional, uma grande quantidade de títulos publicados, e um conseqüente discurso, ainda hegemônico, de que o Brasil “*se americanizou*”, de fato, após o conflito mundial encerrado em 1945. Nos quase setenta anos abarcados por esta tese, muitos eventos, personagens, fontes, locais e instituições foram descobertos e tratados, mostrando quão rica e quão densa foi a trajetória do Brasil no que concerne ao seu envolvimento com os Estados Unidos, desconstruindo a noção de que a americanização do país ocorreu na metade dos noventa.

Foi tentando escrutinar este relacionamento multifacetado que se empregou o termo “*mundo americano*” como parte do objeto de estudo desta investigação. O “*mundo americano*” é, pois, entendido, nesta tese, como um recurso retórico que aponta para uma pluralidade de eventos, de personagens e de fontes que, embora tenham origens e trajetórias próprias, ao serem confrontados uns com os outros, e vistos em conjunto, permitem a criação de uma teia que enreda todo o processo de americanização. Como este trabalho foi escrito por um arquiteto e urbanista, dentro da área de concentração em História e Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo, a produção do espaço foi escolhida para a aproximação ao objeto de estudo. Desta forma, muito embora os marcos temporais façam referência a atividades políticas – uma

³ Esta periodização encontra respaldo na bibliografia internacional contemporânea, como o livro *Exporting American Architecture*, da lavra de Jeffrey Cody. Cody revela, em sua obra, que a década de 1870 é crucial para o princípio da construção das relações de comércio e de política externa dos Estados Unidos, inscrevendo-a dentro da Segunda Revolução Industrial. Dentro desta década, o autor em questão aponta a relevância de se enxergar a *Exposição Internacional da Philadelphia*, de 1876, como o principal elemento de catálise do processo de americanização (CODY, 2003).

viagem de um chefe de Estado e o fim de um conflito bélico internacional – são os fatores culturais e espaciais inerentes e decorrentes destes dois eventos que mais interessam a este trabalho. Assim, espera-se que esta tese possa, também, contribuir com a história social da cultura, e não apenas à história da arquitetura e do urbanismo, ou ao debate das formas e das técnicas de produção do espaço, embora estas facetas também apareçam no trabalho.

Deve-se expor, ainda, mais alguns pressupostos presentes no próprio título desta tese. Enquanto os Estados Unidos construíam sua hegemonia político-econômica a partir do final do século XIX, os países com os quais a “*Terra de Tio Sam*” manteve relações eram atraídos pela idéia de obtenção dos produtos “*made in USA*”. Em resumo: enquanto divulgaram, venderam e disponibilizaram mercadorias e tecnologias, os Estados Unidos foram criando laços econômicos que se transformaram, também, em laços sociais, os quais, por sua vez, permitiram a criação de representações positivas acerca do “*mundo americano*”. Este processo, segundo se interpreta, deve ser visto como uma etapa de construção de uma política maior, consolidada na segunda metade do século XX e que, portanto, conduziu à efetivação da “*Política da Boa Vizinhança*”. As etapas que levaram à ampliação e à explicitação do contato norte-americano com o país são entendidas como uma construção que transcorre no tempo e no espaço, mantendo, sempre, íntima relação com a arquitetura e com o urbanismo. Sendo assim, fazendo uma nítida referência ao campo no qual a pesquisa se desenvolveu, e, ao mesmo tempo, mostrando que a “*americanização*” é decorrência de um processo maior, optou-se por utilizar a expressão “*Arquitetando a Boa Vizinhança*” para o título, a qual mostra que o objeto de estudo precede a década de 1930, passa por ela e avança até as portas do marco mais notório do processo de americanização do mundo: o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945.

■ A gênese da pesquisa

A idéia para a escrita desta tese é tributária de três eventos isolados, os quais, entretanto, se coadunam, e nela se fazem presentes, enfim. Para esta pesquisa, a primeira noção de que havia relações não explicadas entre o Brasil e os Estados Unidos no campo da arquitetura e do urbanismo, remonta a 1997, numa assessoria de pesquisa promovida pelo Prof. Dr. Marcelo Tramontano, à época, orientador de Iniciação Científica do autor deste trabalho. Naquele ano, Tramontano apresentou um livro de nome ***Scenes of the World to Come: European architecture and the American challenge – 1893-1960***, escrito pelo

historiador e crítico de arte francês, radicado nos Estados Unidos, *Jean-Louis Cohen*. Resultante de uma exposição homônima organizada por *Cohen* para o *Centre Canadien d'Architecture*, em 1994, para estimular o estudo sobre o "século americano"⁴ o livro desmontou paradigmas historiográficos da própria Europa ao mostrar, através de documentos, que nem todas as propaladas inovações européias eram, de fato, oriundas do Velho Mundo. Como exemplo desta reavaliação historiográfica pode ser citada a gênese de alguns preceitos habitacionais de Le Corbusier, como a *Maison Citrohan*, dos anos 1920, nos *apartment-houses* nova-iorquinos dos anos 1890 (COHEN, 1995: 57). Na época, a descoberta desta formulação analítica de *Cohen*, que apontava para um novo fluxo de referências na arquitetura da Europa, aguçou o criticismo, do então pesquisador iniciante, sobre a produção historiográfica da área arquitetônica no Brasil. Em 1998, já trabalhando numa outra pesquisa de Iniciação Científica, sob o comando da Profa. Dra. Telma de Barros Correia, houve a surpresa pela indicação de que havia dentro do escopo da arquitetura neocolonial realizada no Brasil uma vertente americana chamada *Mission Style*. Nunca antes daquela data este termo havia sido mencionado nas aulas de história da arquitetura e do urbanismo e, muito menos, era possível encontrar explicações plausíveis sobre os motivos pelos quais um país de zelosa memória colonial tivesse praticado uma arquitetura que se referenciava aos Estados Unidos de forma tão explícita. Anos mais tarde, já na fase de preparação da dissertação de mestrado, enfocando uma arquitetura vertical que mediava a "Europa e a América",⁵ uma visita a uma livraria revelou a publicação de um livro que veio a se tornar a inspiração maior para o aprofundamento nas duas questões que acima já foram reveladas. O livro encontrado era o escrito pelo historiador Antonio Pedro Tota sobre as relações brasileiras com os Estados Unidos, dentro do campo que já era caro, ao então mestrando, da história social da cultura. A conjugação destes três eventos isolados deu origem ao plano de pesquisa que conduziu a esta tese.

Inicialmente, procurava-se entender quais teriam sido os elementos domésticos e arquitetônicos que permitiriam vincular o Brasil aos Estados Unidos. Contudo, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, pontos que eram latentes, como a questão do pan-americanismo e da atração profissional pelos Estados Unidos, afloraram. Deve-se explicitar que este ganho repertorial foi devido à atuação do Prof. Dr. Philip Gunn como orientador da tese por mais de dois anos, função que exerceu até seu falecimento, em outubro de 2005, duas semanas após o exame de qualificação deste doutoramento. O prosseguimento dos trabalhos teve um novo incremento com o ingresso no grupo de pesquisa em História Social do Trabalho e da Tecnologia como Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo, coordenado pela Profa. Dra. Maria Lucia Caira Gitahy. As discussões processadas no seio do grupo, que reúne um seleto time de

⁴ Este termo advém do artigo escrito por *Henry Luce* para a revista *Life*, em fevereiro de 1941. A expressão, desde então, tem sido usada como sinônimo da hegemonia político-cultural estadunidense, no mundo.

⁵ Faz-se referência ao Edifício Esther. O resultado desta pesquisa pode ser encontrado no livro *Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther*, publicado pela FAPESP e RiMa Editora, em 2004.

pesquisadores, com investigações relacionadas a esta, enriqueceu as análises que estavam em processamento.

Mais um fator que foi determinante para a escrita desta tese foi a oportunidade de realizar pesquisa nos Estados Unidos, entre março e julho de 2006. Através da obtenção de uma “bolsa sandwich”, concedida pela Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – foi possível consultar arquivos e bibliotecas da *University of Pennsylvania*, na cidade da *Philadelphia*, bem como outras instituições, como a *Presbyterian Historical Society*, o *Athenaeum of Philadelphia* e a *Avery Library*, da *Columbia University*, em *New York*. As pesquisas em fontes primárias e em publicações somente encontradas nos Estados Unidos permitiram a ampliação da tese e, ao mesmo tempo, confirmaram muitas hipóteses sustentadas desde o princípio da investigação, em 2003.

■ O objeto na historiografia da arquitetura e das cidades brasileiras

Há, na historiografia que trata da arquitetura e das cidades brasileiras, um predomínio de narrativas que enfatizam a presença europeia na constituição de seu aspecto formal. Tal discurso, de fato, contempla uma inegável e pertinente ação do *Velho Mundo* sobre o Brasil. Contudo, a despeito de estudos já bem antigos nas ciências humanas que apontam os Estados Unidos da América como referência na cultura, na política e na economia brasileira, torna-se curioso notar que são poucos e bem recentes os trabalhos que abordam as relações do Brasil com os Estados Unidos no desenvolvimento dos espaços, sejam urbanos ou arquitetônicos. Tal lacuna gera uma imagem nebulosa da presença norte-americana no Brasil, e tem razões históricas. Como deixou explícito o arquiteto Carlos Alberto Ferreira Martins, em sua dissertação de mestrado *Arquitetura e Estado no Brasil: elementos para a investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil; a obra de Lucio Costa – 1924/1952* houve, por parte do arquiteto Lucio Costa, a cunhagem de um mecanismo teleológico para a escrita da história da arquitetura que se tornou a base da produção historiográfica deste campo, no Brasil, até poucas décadas atrás (MARTINS, 1987). Assim, os autores vinculados a esta forma de interpretar a história da arquitetura muito pouco revelaram dos germanismos e, principalmente, dos americanismos presentes no país desde os finais do século XIX. O exemplo maior deste procedimento historiográfico é o livro *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, do paleógrafo francês *Yves Bruand*. No livro de *Bruand* é possível encontrar passagens que expressam a ênfase nas relações europeias, como esta:

"os arquitetos brasileiros sentiram-se pouco atraídos pelas grandes realizações de seus colegas dos Estados Unidos. Exceto o crédito de Wright (...), a influência dos E.U.A. não se fez sentir na arquitetura até época bem recente [anos 1960]" (BRUAND, 1991: 255).

Esta informação é dada por *Bruand* a despeito dos arranha-céus que pontuavam a paisagem de nossas grandes cidades, desde a década de 1930, e que eram plenamente identificados como um fenômeno norte-americano (ATIQUE, 2004: 120). Outros argumentos para o menosprezo da repercussão americana, no país, também não são difíceis de serem apontados. Em princípio, pode-se ressaltar que a historiografia da arquitetura e do urbanismo no Brasil, estabilizada como campo disciplinar após a Segunda Guerra Mundial, já sob a égide do Movimento Moderno, viveu o desconforto de pensar o papel dos Estados Unidos em pleno período da Guerra Fria. A percepção que se tinha daquele país variava entre a apologia das suas realizações e a visão de que *Washington DC* nutria "pretensões imperialistas" e de "aniquilamento da cultura local". A última visão devia-se, em muito, à influência da esquerda, que transmitiram, a pelo menos uma geração de historiadores da arquitetura, muita desconfiança pelo "país do norte".⁶ Tal discurso é plenamente compreensível, haja vista a política internacional posta em prática por aquele país, após o fim do conflito, em 1945, com o endurecimento da "Política da Boa Vizinhança". Esta política, ao mesmo tempo em que tolhia possíveis simpatias por outros países, sobretudo aos vinculados ao socialismo, avassalava o Brasil com marcas indeléveis de uma suposta superioridade cultural norte-americana, a qual se tornava muito difícil de ser aceita pela elite cultural e intelectual mais ativa, no país. Assim sendo, poucos pesquisadores da área da arquitetura e do urbanismo se aventuraram num campo que parecia "minado".

As transformações históricas mais gerais que atingiram o capitalismo, no último quartel do século XX, colocaram sob novas perspectivas e novas luzes estas questões. Após este "abalo" na estrutura capitalista, o panorama editorial sobre o mundo americano também se alterou. Devem ser citados, por exemplo, a obra de *Giorgio Ciucci, Manfredo Taffuri, Francesco Dal Co e Mario Manieri Elia, La ciudad americana*, de 1975, que trata da formulação de um campo de trabalho – o urbano - e de teorias formuladas nos Estados Unidos para o trato com este campo. Não se pode deixar de falar, mais uma vez, dos importantes livros de *Jeffrey Cody*, de 2003, e de *Jean-Louis Cohen*, de 1995, já citados.

Na seara editorial brasileira, algumas obras, como a de Nicolau Sevcenko, *Orfeu extático na metrópole*, de 1992, e a de Antonio Pedro Tota, *o imperialismo sedutor*, de 2000, mostram uma gama de elementos

⁶ A trajetória de João Batista Vilanova Artigas é exemplar para essa questão. De projetista de edifícios residenciais aos moldes hispano-americanos e casas de nítida vinculação *wrightiana*, nos anos 1930, Artigas se tornou o principal autor a combater o "imperialismo", não só dos EUA, como de Le Corbusier, após a II Guerra.

culturais, artísticos, sociais e políticos que confirmam a pertinência da hipótese central da tese, que é a de que antes da Segunda Guerra já existia um importante relacionamento cultural com os Estados Unidos. Na produção recente da historiografia da arquitetura brasileira são encontrados trabalhos que abrem caminhos para a investigação da relação Brasil – Estados Unidos. Entre eles está o livro da arquiteta Adriana Irigoyen, de 2002, denominado ***Wright e Artigas: duas viagens***, que versa sobre a presença do arquiteto *Frank Lloyd Wright* nas estruturas basilares da Arquitetura Moderna brasileira. Outro trabalho que procurou empreender uma primeira reavaliação destes diálogos norte-americanos foi o da Profa. Dra. Maria Lucia Bressan Pinheiro, que, em sua tese de doutoramento, de 1997, chamada ***Modernizada ou moderna? A arquitetura em São Paulo, 1938-1945***, mostrou a presença de muitos estilos pitorescos em São Paulo, identificados com a produção arquitetônica estadunidense. Em termos do pensamento e da práxis urbanística, podem ser elencados o recente livro da socióloga e doutoranda em urbanismo, Cristina de Campos, ***São Paulo pela lente da higiene: as propostas de Geraldo Horácio de Paula Souza para a cidade (1925-1945)***, publicado em 2002, que mostra o pensamento urbanístico do médico higienista Horácio de Paula Souza, depois de seus estudos em *Baltimore*, de onde trouxe novos métodos e paradigmas que foram implementados na cidade e no estado de São Paulo. Outro trabalho recente é o do arquiteto Candido Malta Campos Neto (2002), ***Os Rumos da Cidade: urbanismo e modernização em São Paulo***, que mapeia a ação dos principais líderes políticos e urbanistas da cidade, explicitando muitas de suas referências segundo padrões norte-americanos. Os trabalhos das urbanistas Nadia Somekh (1997), ***A cidade vertical e o urbanismo modernizador: São Paulo 1920-1939***, e Sarah Feldman (2005) ***Planejamento e zoneamento: São Paulo, 1947-1962***, analisam a chegada dos preceitos norte-americanos ligados à verticalização e às instituições de urbanismo da cidade. Ao lado destes trabalhos ligados à questão urbana devem ser incluídos, ainda, a tese de doutoramento de Luiz Augusto Maia Costa, ***O moderno planejamento territorial e urbano em São Paulo: a presença norte-americana no debate da formação do pensamento urbanístico paulista / 1886-1919***, 2005; e o livro de Sidney Piocchi Bernardini, de 2006, ***Os planos da cidade: as políticas de intervenção urbana em Santos – De Estevan Fuertes a Saturnino de Brito (1892-1910)***, que mostram, de forma incontestada, a grande ascendência que o universo técnico estadunidense exerceu no exercício do planejamento territorial e urbano brasileiro. Outra obra que também escrutina, pelo campo da ordenação do espaço, o contato do Brasil com os Estados Unidos é a já citada tese de doutoramento da arquiteta Ana Elena Salvi, ***Cidadelas da civilização***, de 2005.

Especificamente no que concerne ao estudo do *Mission Style*, a produção historiográfica é bem mais

lacunar. A obra brasileira que fez maior referência ao tema foi a dissertação de mestrado do arquiteto Eduardo de Jesus Rodrigues, defendida na FAUUSP, em 1986, de nome ***As fachadas na arquitetura paulistana: o estilo missões***. Entretanto, a dissertação não se volta à análise histórica, inserindo-se no campo da linguagem visual. Já o livro da arquiteta Silvia Wolff, ***Jardim América: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura***, de 2001, se atém, com muito critério, justamente, à produção “missioneira” deste bairro-jardim. Wolff aponta, inclusive, que “*dos 102 projetos realizados para o Jardim América, entre 1935 e 1940, quase a metade, ou seja, 46, apresenta motivos forjados pelo neocolonial hispano-americano*” (WOLFF, 2001: 228). Outras duas teses de doutoramento, defendidas na FAUUSP, também trouxeram elementos para a compreensão dos aspectos formais do estilo missões. São elas, ***Manifestações da arquitetura residencial paulistana entre as Grandes Guerras***, da lavra de Clara Correia D’Alambert, de 2003, e ***A morada carioca no contexto das zonas norte e sul nos anos 20***, de Norma Maria Geoffroy, de 2004. Mesmo assim, é a tese de doutorado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2002, de autoria do arquiteto e historiador Carlos Kessel, intitulada ***Entre o pastiche e a modernidade: arquitetura neocolonial no Brasil***, a que traz maiores considerações e fontes documentais importantes ao estudo do *Mission Style*. A passagem em que analisa a difusão do estilo missões, no Brasil, tem a clara intenção de tentar separá-lo do neocolonial luso-brasileiro:

“Apesar das semelhanças formais justificadas pela proximidade entre arquiteturas coloniais portuguesa e espanhola, o Estilo Missões representa o último dos frutos da árvore eclética que o movimento neocolonial tinha se proposto a derrubar – e o fato de que boa parte do público não erudito tomasse um pelo outro se constituía em fator de irritação para os propugnadores do neocolonial” (KESSEL, 2002: 18).

Entretanto, Kessel, com todo o levantamento documental que efetua, abre margens a outros estudos. Isso ocorre, por exemplo, ao analisar a visão de importantes personagens do cenário arquitetônico nacional, como o antigo presidente do Instituto Brasileiro de Arquitetos, Nereu Sampaio, publicada na revista ***Arquitetura e Urbanismo***, em 1940, na qual defendia o *Mission Style* como um exemplo a ser seguido na busca das raízes do país, ou, ainda, do médico e antigo diretor da Escola Nacional de Belas Artes, José Marianno Carneiro da Cunha Filho, que via o missões com cautela, temeroso de que houvesse a produção de um “*equivoco*”, em função do “*entrelaçamento de elementos ornamentais do nosso estilo com os dos variantes hispano-americanos*” (CUNHA FILHO, 1929 In: ARCHITECTURA: mensário de arte, n.7, dez, 1919: 9 -10).

Na historiografia consagrada nacionalmente, o *Mission Style* é interpretado como uma “*forma de ecletismo exótico, de interesse limitado*”, mesmo tendo triunfado “*na arquitetura residencial*” devido “*a moda das casas ‘missão espanhola’, importada dos Estados Unidos por Edgar Vianna*” (BRUAND, 1991: 57). Há, contudo, algumas poucas vozes, como Paulo Santos, que falam com certa simpatia sobre o estilo e sobre a presença norte-americana no país (SANTOS, 1981: 94).

Para completar este breve panorama que versa sobre a presença norte-americana no país, não se pode deixar de lembrar da imagem do Brasil fabricada pelos americanos para seu próprio uso. O melhor caso em relação à arquitetura é o do livro ***Brazil Builds***, editado pelo MoMA – *Museum of Modern Art* -, de *New York*, em 1943. O livro foi um dos principais divulgadores da arquitetura brasileira no estrangeiro, e se inseriu nos esforços americanos de firmar alianças, numa das estratégias da “*Política da Boa Vizinhança*” de *Franklin Delano Roosevelt*, por meio de *Nelson Rockefeller*, como assinala Hugo Segawa (SEGAWA, 1999: 100). Produzido pelo arquiteto *Philip L. Goodwin* e pelo fotógrafo *Kidder Smith*, o ***Brazil Builds*** era um catálogo com 200 páginas, impresso para servir de suporte à exposição homônima montada no MoMA, que chegou a circular pelo país. Apresentando obras antigas e modernas, muitas das quais desconhecidas dos próprios brasileiros, o ***Brazil Builds*** foi um dos principais divulgadores daquilo que se podia considerar arquitetura moderna brasileira, e, por isso, nele não existem grandes referências ao neocolonial e muito menos ao *Mission Style*. Aliás, até existem referências ao neocolonial, mas estas são usadas para descrever o que não deveria ser a arquitetura do Brasil. Alguns autores sustentam que tal interpretação se deu porque, de fato, quem teria elaborado os clichês e selecionado as obras do catálogo teria sido Lucio Costa, como sugeriu, em palestra, o professor Alberto Xavier. Enfim, comprovando-se ou não tal afirmação, o livro englobou apenas aquilo que fazia parte do repertório modernista, lançando as demais posturas e correntes arquitetônicas e a um papel secundário na formação das cidades brasileiras.

Por isto, antes de se realçar apenas o papel que o final da Segunda Guerra Mundial desempenhou dentro do “*triunfo do imperialismo yankee*” da América Latina, compete à historiografia, e, em especial à dedicada à arquitetura e ao urbanismo, indicar os caminhos que foram percorridos até a consumação deste efeito. Esta tese procura colaborar nesta tarefa, fazendo a análise do período em que se “*arquitetava a Política da Boa Vizinhança*”.

Esta tese é composta por quatro capítulos mais considerações finais, além desta introdução. Cada capítulo apresenta uma seqüência de reflexões próprias, o que permite a leitura autônoma de cada seção, caso seja desejável pelo leitor. A organização do trabalho nestas quatro partes, excluindo-se introdução e considerações finais, permite enfatizar quatro caminhos pelos quais se percebeu o processo da americanização. Estes caminhos são o da diplomacia e da política internacional; da expansão do comércio e dos signos do mundo capitalista americano; o da educação atrelada ao projeto religioso estadunidense, e, por fim, o da arquitetura. Posto isto, pode-se esmiuçar o que cada capítulo aponta à reflexão.

O primeiro capítulo, intitulado *Americanismo, Pan-Americanismo e Interamericanismo: o "lugar" do Brasil* se volta à discussão conceitual sobre qual seria o termo adequado para o entendimento da política praticada pelo Brasil desde o século XIX: americanista, pan-americanista ou interamericanista? Nele são estudados os conceitos de América e de pan-americanismo, os quais geraram acaloradas discussões no passado. Intenta-se, com esta análise, pontuar as posições assumidas pelo Brasil, neste debate. Analisam-se, também, as visões que o Brasil teve acerca da política externa estadunidense, abrindo para o registro da presença dos intelectuais que repudiaram a idéia de uma aproximação com aquele país, mas, também, dos que não se importaram e, ainda, para os que estimularam o relacionamento brasileiro com a "*Terra do Tio Sam*". Como primeira aproximação ao campo da arquitetura e do urbanismo estuda-se, ainda, a emergência e a importância dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos, entendidos como fóruns privilegiados para o debate profissional pan-americano e para a divulgação dos pressupostos técnicos, comerciais e formais de ascendência norte-americana.

Tendo analisado a importância do pan-americanismo para o entendimento do relacionamento do Brasil com os Estados Unidos, sobretudo por meio dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos, estuda-se, no segundo capítulo, denominado "*A América para os Brasileiros: a sociedade urbana do Brasil e o mundo americano*", a importância das exposições internacionais processadas naquele país, entre 1876 e 1939, para que o Brasil entrasse em contato com o universo comercial e profissional americano, ajudando na criação de representações positivas sobre ele, por aqui. Analisa-se, ainda, a repercussão de técnicas, empresas, equipamentos e entidades norte-americanas, no Brasil, mostrando a pluralidade de visões da sociedade urbana brasileira sobre os Estados Unidos da América.

Apoiado na ampla divulgação do universo americano, verificado no segundo capítulo, e, especialmente, na idéia de que os Estados Unidos era “*a nação messiânica do mundo moderno*”, como defendia Alberto Freyre, pai de Gilberto Freyre, estudam-se, no capítulo 3, as vinculações entre a chegada de missões protestantes e a criação de um sistema de ensino que estreitou laços com os Estados Unidos. Analisam-se, dessa maneira, a constituição de uma rede educacional que trouxe métodos e docentes dos Estados Unidos ao Brasil, como propiciou, também, a criação de um fluxo de estudantes para as principais universidades norte-americanas, como a *Columbia University*, a *Cornell University* e a *University of Pennsylvania*. Retomando o foco no campo da arquitetura e do urbanismo, analisam-se os profissionais que se formaram na *University of Pennsylvania*, e, dentre estes, os que adquiriram conhecimentos em arquitetura, já que muitos deles foram de capital importância para a ampliação do universo profissional brasileiro, e, principalmente, por terem introduzido formas e estéticas oriundas dos Estados Unidos, pretensamente vinculadas a um “*estilo pan-americano*”.

O quarto capítulo trata, exatamente, da história deste “*estilo pan-americano*”. Analisando a chegada, a recepção e a difusão do *Mission Style*, gerado na costa oeste americana, e encampado como um fator de contato entre o mundo *yankee* e a América Latina, apresentam-se não apenas considerações sobre o escopo formativo da arquitetura neocolonial brasileira, como, também, sobre os principais profissionais envolvidos com sua feitura. Abordam-se, ainda, as escolas de nível superior que divulgaram materiais e métodos de projeção do espaço, favorecendo o enraizamento do *Mission Style*, no Brasil. Aparecem, também, algumas considerações sobre a disseminação, junto às massas, das referências estadunidenses. Ainda neste capítulo, prepara-se o leitor para o alinhavo das questões tratadas durante todo o trabalho, revelando como os quatro caminhos da americanização do Brasil foram semelhantes nas outras repúblicas americanas, o que leva, naturalmente, à pertinência de entender o caminho pan-americano da americanização, discussão empreendida nas considerações finais desta tese.

Concluindo: se a saga do Zorro foi exibida em vários lugares do mundo, foi, de fato, no continente americano que ela encontrou maior acolhimento. A história do Zorro enfatizava a idéia de que aquele tipo heróico, habitante de uma casa pretensamente colonial, poderia mostrar um caminho para o encontro da tradição com a modernidade, da preservação da herança européia, mas, também, do alinhamento com o desenvolvimento econômico e social contemplado nos Estados Unidos. Se a construção de arranha-céus

revelava a imagem de uma cidade estadunidense da costa leste, como *New York*, o aparecimento do *Mission Style* mostrava que muitos almejavam, no Brasil, e na América Latina, como um todo, uma vinculação com as cidades que gravitam ao redor de *Los Angeles*, a cidade mais latina dos Estados Unidos. Se na historiografia da arquitetura e do urbanismo no Brasil ainda é difícil encontrar estudos sobre a vinculação com os Estados Unidos na produção de arranha-céus⁷ e no planejamento urbano, deve-se comentar que o relacionamento brasileiro com as formas e as imagens da costa oeste americana ainda é um tabu. Um diálogo velado que se intenta tornar mais audível com esta tese.

⁷ Uma importante contribuição no preenchimento desta lacuna é a recente dissertação de mestrado do arquiteto Gustavo Ribeiro Pimentel, defendida nesta casa, este ano. Pimentel estuda a tecnologia do concreto armado e a verticalização do centro da cidade de São Paulo, entre 1934 e 1952. (PIMENTEL, 2006).



“A aproximação do Brasil, como a de qualquer outro país, com a grande nação norte-americana não significa, de modo algum, a espécie de protetorado, ainda disfarçado, a que tão erradamente se tem aludido. Essa aproximação, se é útil, se traz vantagens ao Brasil, também as traz igualmente à Norte América. Ela não é mais do que o preparo para uma situação de fomento e de desenvolvimento das nossas forças produtoras.”

O Estado de São Paulo, 28 jul 1906.

Fig. 4 [abertura] - Palácio Monroe por volta de 1906. Foto: Augusto Malta.



AMERICANISMO, PAN-AMERICANISMO E INTERAMERICANISMO: O “Lugar” do Brasil

Em 1906, uma edificação erigida com estrutura de aço e revestida com os referenciais estéticos da *Belle Époque*, adornou-se com todas as bandeiras dos países americanos, na cidade do Rio de Janeiro. O motivo deste engalanamento era a realização da *Terceira Conferência Pan-Americana*¹ que, pela primeira vez, ocorria em terras do sul do continente americano. Montada defronte a Baía de Guanabara, no fim da Avenida Central, a edificação imponente era conhecida, entre os brasileiros, como “*Palácio São Luiz*”, em função de ter sido ela, originalmente, destinada a abrigar o Brasil na Exposição Internacional de *Saint Louis*, ocorrida em 1904, nos Estados Unidos. Entretanto, o nome latino daquela obra de arquitetura seria esquecido em pouco tempo, uma vez que durante a realização das assembléias da referida Conferência, o Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores do Brasil, em concordância com a sugestão do Embaixador brasileiro em *Washington*, Joaquim Nabuco, requereu que o palácio fosse, a partir daquele momento, chamado de *Palácio Monroe*, em memória do antigo presidente dos Estados Unidos *James Monroe*.²

Escolheu-se principiar este capítulo fazendo referência ao Palácio Monroe por conseguir vislumbrar, nele, a cristalização de muitas idéias e assuntos que serão tratados nesta tese e, em especial, neste capítulo. É extremamente importante notar que a sugestão dada por Joaquim Nabuco ao Barão do Rio Branco tinha por objetivo não apenas “*fazer boa figura*” do Brasil perante os Estados Unidos, já que na Conferência de

¹ As Conferências Pan-Americanas – também chamadas de Conferências Americanas - são vistas, pela historiografia, como continuidades do Congresso Continental convocado por *Simon Bolívar*, em 1826. Mas, de fato, a Primeira Conferência seria convocada pelos Estados Unidos, visando aumentar suas relações comerciais com os demais países americanos, em 1889, se desenvolvendo até 1890, em *Washington DC*. A Segunda Conferência Pan-Americana ocorreu em 1901, no México; a Terceira, em 1906, no Rio de Janeiro; a Quarta, em Buenos Aires, em 1910; a Quinta em 1823, em Santiago do Chile; a Sexta Conferência em Havana, em 1928 e a Sétima, em 1933, em Montevideo. Depois desta data, elas assumem outras características e passam a ser designadas até por outros nomes, até meados da década de 1950 (BAGGIO, 2001).

² *James Monroe* nasceu, em 1758, no estado da *Virginia*, e se tornou o quinto presidente dos Estados Unidos, com mandato transcorrido entre 1817-1825. Em 1823, durante seu discurso de fim de ano, declarou não aceitar qualquer interferência européia no continente, nem a título de reconquista de antigas possessões, muito menos, para novas colonizações. Esta declaração assumiu o nome de *Doutrina Monroe*. *James Monroe* faleceu em 1831. Participou da compra da *Louisiana*, em 1819, e da anexação da *Florida*, anos mais tarde.

1906 o Secretário de Estado daquele país, *Elihu Root*³ estava presente, mas, intentava-se, também, sensibilizar as demais nações americanas acerca do assunto Pan-Americanismo, uma vez que *James Monroe* passou à história como o autor da *Doutrina Monroe*, a qual, se não pode ser vista como a origem do Pan-Americanismo, foi, sem dúvida, a justificativa para muitas ações neste sentido.

O Palácio, enquanto artefato, trazia, em si, muitos dos dilemas e das opções estéticas, mercantis e políticas disponíveis ao Brasil, naquele momento. O palácio havia sido todo edificado em estrutura metálica,⁴ algo que remetia diretamente ao mundo norte-americano, e havia recebido vedações que buscavam referências no universo estético europeu, dentro da clara postura de recuperação dos pressupostos historicistas daquele momento, na arquitetura. Era possível de notar através daquele edifício uma *triangulação* muito importante e vivaz naqueles anos: o Brasil, procurando um “lugar” entre a *América* e a *Europa*.⁵

A postura celebradora de *James Monroe* assumida por José Maria da Silva Paranhos Júnior,⁶ o Barão do Rio Branco, era justificada por sua interpretação de *Monroe* como o principal formulador de uma “*Política Pan-Americana*”. Era justificada, ainda, por acreditar que aquele prédio, que em 1906 recebeu os delegados das nações americanas e, em especial o Secretário de Estado *Elihu Root*, havia abrigado, quando em solo estadunidense, o próprio presidente daquela nação, *Theodore Roosevelt*, o que, com seu “ressurgimento” em solo brasileiro parecia indicar, mesmo que metaforicamente, a importância do Brasil no acolhimento da “*causa pan-americanista*”, e, de maneira latente, mas igualmente importante, da “*causa americanista*”.

Hoje, como naquela época, as concepções sobre *Pan-Americanismo*, *Americanismo* e *Interamericanismo* dividem opiniões políticas e repercutem, conseqüentemente, no espaço das cidades brasileiras. Sendo assim, desavenças político-econômicas ressoaram, inegavelmente, na adesão a programas e a soluções técnico-espaciais dos *profissionais do espaço*, naqueles anos.⁷ O objetivo deste primeiro capítulo, desta forma, mais do que dar conta das celeumas motivadas nos meandros da política externa brasileira de fins do Império e começo da República é mapear as formas de pensamento que forneceram subsídios para o entendimento do relacionamento do Brasil com os Estados Unidos. Assim, o primeiro objetivo deste capítulo é fundamentar teoricamente as expressões *América*, *Pan-Americanismo*, *Interamericanismo* e outras que estejam diretamente atreladas ao entendimento das relações Brasil – Estados Unidos. O segundo objetivo é mostrar a importância que a realização dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos tiveram no cenário arquitetônico-urbanístico das Américas, e, em especial, no Brasil. Dessa forma, historiam-se

³ *Elihu Root* nasceu em *Clinton, New York*, em 15 de fevereiro de 1845. Era filho de *Oren Root* e de *Nancy Whitney Buttrick*. Em 1867, *Root* graduou-se pela *Law School* da *New York University*. Depois de advogar particularmente, tornou-se Secretário da Guerra dos Estados Unidos, entre 1899 e 1904, nos governos de *William McKinley* e de *Theodore Roosevelt*. Ele executou, nesse momento, uma reforma completa do exército norte-americano, e se tornou figura central depois da Guerra contra a Espanha, em 1898. Neste período tornou-se encarregado de traçar estratégias para a anexação de Cuba; escreveu a carta de governo das Filipinas, e alicerçou o comércio sem tarifas alfandegárias entre os Estados Unidos e *Puerto Rico*. Em 1905, Roosevelt o nomeou Secretário de Estado dos Estados Unidos. Em 1906, esteve no Brasil para visitar São Paulo, e, especialmente, para participar da Terceira

Conferência Pan-Americana, no Rio de Janeiro. Em 1912 recebeu um prêmio Nobel por seu trabalho como articulador internacional. Faleceu nos Estados Unidos, em 7 de fevereiro de 1937 (WRIGHT, 1907; www.en.wikipedia.org/wiki/Elihu_Root. Acesso em 20 mar 2007).

⁴ Conforme especificado pela Cláusula 1ª do Aviso nº 148 de 3 de julho de 1903 “*Na construção do Pavilhão se terá em vista aproveitar toda a estrutura, de modo a poder-se reconstruí-lo nesta capital*” (Disponível em www.fotonadia.art.br/monroe.htm. Acesso em 20 mar 2007).

⁵ Parafrazeando o título da obra de Luís Cláudio Villafañe dos Santos “*O Brasil entre a América e a Europa*” (2004).

⁶ José Maria da Silva Paranhos Júnior nasceu no Rio de Janeiro, em 20 de abril de 1845, e faleceu na mesma cidade, em 10 de fevereiro de 1912. Era filho de José Maria da Silva

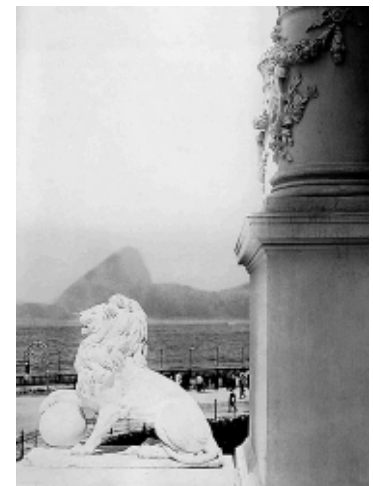
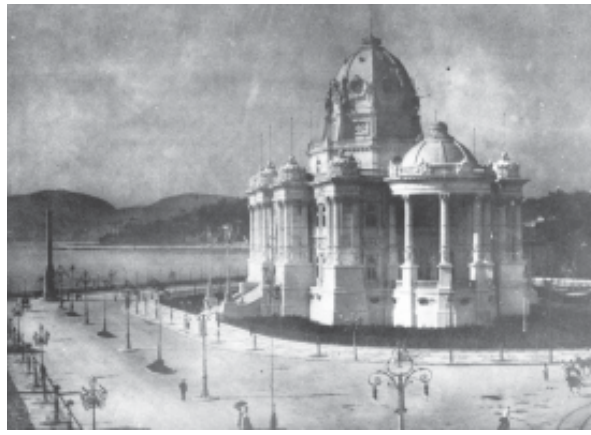


Fig. 5 a 11 - Aspectos diversos do Palácio Monroe. Nota-se a conclusão das obras para a Conferência Pan-Americana de 1906 e a imponência do edifício no fim da Avenida Central. Fontes: (respectivamente) DUNLOP, 1958; http://udaol.multiply.com/photos?&album=&page_start=40; www.fotonadia.art.br. Acesso em 21 mai 2007.

algumas proposições que foram levadas a estes eventos, como forma de suscitar um debate sobre a circulação de idéias entre os países participantes dessas reuniões, especialmente no que tange à divulgação dos Estados Unidos como modelo de arranjo profissional, formal e de educação superior em arquitetura. Procurando sintetizar as investigações processadas pela pesquisa de doutoramento, apresentam-se, na seqüência, algumas reflexões sobre os conceitos do que seria o Pan-Americanismo discutido nos anos abarcados por esta tese.

■ . I - Visões da “América”: Debates sobre a Aproximação dos Estados Unidos

“O sucesso do projeto hegemônico norte-americano, contudo, deveu-se, também, ao retraimento da potência britânica que até então havia imposto sua pax à região. A retórica usada pela potência do norte foi a do Pan-Americanismo, transformado em palavra de ordem, que deveria promover a união das repúblicas do hemisfério.”

Clodoaldo Bueno, 2003: 58.

Como aponta o diplomata e historiador Luís Cláudio Villafañe dos Santos, no livro ***O Brasil entre a América e a Europa***, o termo Pan-Americanismo foi empregado, pela primeira vez, na edição de 27 de junho de 1882 do jornal ***The New York Evening Post***, como forma de denotar uma “*idéia de integração continental*”, dentro do modelo “*dos movimentos pan-eslavo e pangermânico na Europa*” (SANTOS, 2004: 64). Mas, como este autor mostra, antes de se falar na definição exata dos objetivos dessa atitude “*pancontinental*”, é recomendável o entendimento dos vários conceitos de *América* utilizados no século XIX.

Nas décadas consecutivas ao seu *descobrimento*, o continente americano foi denominado “*Novo Mundo*” como forma de demonstrar que ele se incorporava à idéia de “*mundo*”, então corrente: Europa, Ásia e África. Contudo, já nos séculos XVII e XVIII, a Europa passou a ter por esse *Novo Mundo* uma visão diversa, passando a imputar-lhe uma carga de “*inferioridade e decadência*”, dando origem ao que Villafañe dos Santos identifica como “*tese antiamericana*” (SANTOS, 2004: 57). Esse autor mostra que a idéia de *América* foi reconstruída várias vezes, desde o período das Grandes Navegações e, em especial, após o lançamento da tese antiamericana. Ele também revela que uma das primeiras tentativas de definição do que seria a *América* partiu do arquiteto norte-americano *Thomas Jefferson*, com a cunhagem do termo

Paranhos, o Visconde do Rio Branco. Cursou o Colégio Pedro II, a Faculdade de Direito de São Paulo, e, depois, a de Recife. Em maio de 1876, Rio Branco deixava o jornalismo, onde atuou por décadas para aceitar o cargo de cônsul geral do Brasil em *Liverpool*. Em 1884, recebeu a comissão de delegado à *Exposição Internacional de São Petersburgo* e, depois de proclamada a República, foi nomeado, em 1891, em substituição do conselheiro Antonio Prado, superintendente geral na Europa da emigração para o Brasil, cargo que exerceu até 1893. Tornou-se o principal nome da Diplomacia Brasileira, resolvendo inúmeros casos de limites no norte do Brasil, como o do Acre e do Amapá. Pertenceu, também, à Academia Brasileira de Letras. Disponível em www.biblio.com.br/conteudo/biografias/baraodorio Branco.htm. Acesso em 21 mar 2007.

⁷ A expressão “*profissionais do espaço*” foi cunhada visando abarcar os profissionais que atuaram sobre os espaços urbanos e domésticos durante o período pesquisado (1877-1945). Como a regulamentação da profissão de arquiteto viria a acontecer, no Brasil, nos anos 1930, era possível encontrar agrônomos atuando como arquitetos; engenheiros navais como engenheiros civis etc. Além disso, deve-se creditar a médicos, engenheiros e assistentes sociais papel importante na formulação do espaço edificado entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX.



Fig. 12 - Mapa da América do Sul. Fonte: BEALS, Carleton et al., 1945.

"*Hemisfério Ocidental*", no qual exprimia existir uma unidade nos habitantes do continente. Esta "*unidade dos povos americanos era devida à similaridade de seus 'modos de existência', que os distanciavam do resto do mundo (isto é, da Europa)*" (SANTOS, 2004). O que causa estranheza nessa definição de Thomas Jefferson é que os Estados Unidos, apesar de usarem a mesma expressão para designar o conjunto das Américas até hoje, não conseguiram incorporar, definitivamente, as outras nações de origem ibérica como iguais a si, apontando-as, de certa forma, como suas dependentes. Prova maior disto foi a formulação da *Doutrina Monroe*, pelos Estados Unidos, em 1823, imbuída de nítido caráter antieuropeu, mas, também, de demonstração de superioridade em relação às demais nações e colônias do continente, que ficaram, então, tuteladas por aquele país em formação. A *América*, dessa forma, parece ter sido vista como uma aglomeração de terras e tipos físicos classificados a partir do que os habitantes das antigas treze colônias inglesas consideravam de mais bem acabado em termos de política, religião e cultura – seu próprio país – e as demais nações. Deve-se perceber, dessa forma, que a utilização da expressão *América* como sinônimo daquele país gerado pela independência das antigas possessões britânicas nasceu imbuído dessa vontade de expressar que a América tinha seu melhor exemplo, seu modelo, naquele país. Na interpretação estadunidense "*ser americano*" é ser seguidor do modelo de nação que eles construíram.

A repercussão que as antigas "*treze colônias inglesas*" passaram a ter sobre o continente nas duas últimas décadas do século XIX divulgou amplamente o uso da expressão *América* para designar o país que delas se formou. Os Estados Unidos da América, como coloca Pedro Tota

"é um dos únicos países do mundo, se não o único, que não possui um nome específico substantivado. Tem-se a sensação de um ente abstrato que possui qualidades políticas. (...) Mantendo a idéia de independência, o conjunto de estados adotou um nome comum: Estados Unidos da América. Um conceito sociológico e político. (...) Não existe, em inglês, uma palavra que defina os nascidos nos Estados Unidos. Ou melhor: existe: Americans. Havia, desde os primórdios, um desejo inconsciente, que se traduziria na idéia do 'Destino Manifesto': os Estados Unidos se apropriaram da palavra América para denominar o país" (TOTA, 2000: 36).

Há certa tendência, na área das Ciências Humanas e Sociais, de repúdio à utilização da expressão "*americano*" como sinônimo de Estados Unidos. Como mostrou Tota, designar aquele país e seus habitantes torna-se tarefa complexa, pois, se, de fato, todos os nascidos no continente americano são, obviamente "*americanos*", este *substantivo* torna-se *adjetivo* para remeter, de pronto, ao nascido entre as latitudes que são governadas pelo poderio emanado de *Washington*. Recorre-se, então, freqüentemente, à utilização

de “norte-americano”, expressão que, de fato, mais do que resolver o problema acarreta outro, pois exclui o Canadá e o México, também países da América do Norte. Embora a expressão “americano” designe os seres e produtos dos Estados Unidos, o termo “norte-americano” possui, no Brasil e em muitos países de origem ibérica, a mesma função. Ainda nos países de origem hispânica, com maior frequência do que no Brasil, recorre-se à palavra “estadunidense” para evocar o que é relativo aos Estados Unidos da América. Este neologismo parece ser o mais indicado para se referenciar àquele país, uma vez que indica, de imediato, o “ente abstrato” que reuniu estados para a constituição de uma nação. Nesta tese, optou-se pelo emprego de todas as expressões acima discutidas como sinônimo de Estados Unidos, menos de uma: aquela que designa os Estados Unidos como “América”. Desta maneira, embora se use a palavra “americano” para designar ou adjetivar o que provém de lá, restringe-se o termo “América” para se referir ao continente americano.⁸

Convém apresentar, ainda, as respostas suscitadas a esse ideário anglo-saxão de toponímia. Contrapõe-se a ele o conceito de *América* oriundo da **Carta da Jamaica**, escrita por *Simon Bolívar*,⁹ em 1815. Apesar de Bolívar ser tratado pela história da América como uma espécie de “emissário da fraternidade continental”, esse documento revela que a *América* seria apenas uma entidade de origem hispânica que deveria ser reunida num só governo, já que possuía “uma mesma origem, uma mesma religião e uma mesma língua”. Entretanto, como Villafañe dos Santos analisa, “com o Congresso do Panamá, em 1826, essa concepção ampliou-se para também englobar os Estados Unidos e o Brasil, que acabaram sendo convidados para o projeto de confederação de Bolívar”, embora fossem diferentes da idéia original por ele formulada (SANTOS, 2004: 60).

Mais outra forma de designação para o Continente é *América Latina* que, embora possa soar como temporalmente próxima, já que seu uso ficou corrente após a Segunda Guerra Mundial, com a Criação da CEPAL,¹⁰ tem, de fato, sua cunhagem remontando à década de 1830. Em 1836, um francês, de nome *Michel Chevalier*, imbuído da “idéia de que França era a herdeira das nações católicas” o que lhe obrigava a “levar à América a tocha das raças latinas, isto é, francesa, italiana, espanhola e portuguesa”, intentou deter o “expansionismo protestante e anglo-saxão”, começando a atuar junto ao México, um dos lugares da “*América Latina*”, por meio de uma invasão (BRUIT, 2004: 3). Como se sabe, tal idéia não foi levada a cabo. Entretanto, como aponta Villafañe dos Santos, é com a publicação do poema **Las dos Américas**, da lavra do colombiano *Torres Caicedo*, radicado em Paris, que a expressão foi empregada como forma de

⁸ Entretanto, nas citações, conservou-se a designação original empregada pelos autores.

⁹ *Simón José Antonio de la Santísima Trinidad Bolívar Palacios y Blanco* nasceu no atual território ocupado por Caracas, na Venezuela, em 1783. Filho de aristocrática família basca ficou órfão muito cedo, sendo tutorado por importantes professores da Venezuela. Educou-se também na Espanha, onde travou contato com personalidades de seu tempo, como *Alexandre Von Humboldt* e *Aimé Bonpland*. Viajou pela França, pela Itália e pelos Estados Unidos, onde visitou diversas localidades, dentre elas, *Philadelphia*, *Washington DC* e *New York*. Em 1807, após regressar a Venezuela, vindo dos Estados Unidos, envolveu-se com missões diplomáticas e com a luta armada na libertação de diversas repúblicas latinas, o que lhe garantiu

o título de “*El Libertador*”. Em 1826 convocou o Congresso do Panamá, tentando uma integração continental. Faleceu em Santa Marta, em 1830. Mais informações em http://pt.wikipedia.org/wiki/Simón_Bolívar. Acesso em 20 mar 2007. Em Villafañe dos Santos também são encontradas outras importantes referências.

¹⁰ *Comisión Económica para América Latina y el Caribe*.

expressar a maioria dos países do continente americano, recuperando o conceito lançado por *Chevalier*. Esta designação seria retomada por *Caicedo* em outros textos, nos quais debateu a criação de um “*Liga Latino-Americana*”. O historiador *Héctor Bruit* informa que, em 1865, *Caicedo* publicou um outro livro, de título ***Unión Latinoamericana***, em que apresentou seu projeto de “*organizar um movimento contrário à política Pan-Americana dos Estados Unidos*” (BRUIT, 2004: 3). A expressão América Latina foi compartilhada, ainda, pelo argentino, também residente em Paris, *Carlos Calvo*, em obra de cunho jurídico com mais de vinte volumes. A importância desses debates, segundo *Héctor Bruit*, se dava por conta da necessidade de se quebrar a *pecha* negativa que sempre esteve atrelada à latinidade. Para ele, após a época das navegações, dentro da tese antiamericana,

“a idéia de latinidade era associada à idéia de monarquia, de conservadorismo, de anti-liberalismo, de anti-republicanismo”. A latinidade [era] européia, nascida na Roma Antiga, e [estava] estreitamente ligada a Igreja Católica e ao autoritarismo monárquico (BRUIT, 2004: 5).

Entretanto, com o passar do tempo, sobretudo após os movimentos de Independência das primeiras décadas dos oitocentos, essa idéia de *América Latina* começou a se contrapor não só à ascendência anglo-saxã dos Estados Unidos, como ao próprio Brasil, um país que havia sido colonizado por Portugal e era monarquista.¹¹ A expressão *América Latina*, em fins do século XIX era uma definição usada para, intermitentemente, designar as diversas repúblicas que surgiam a partir de antigas possessões da Espanha, apenas. Muito provavelmente, por isso, o Brasil não seja facilmente identificado como um país *latino* até os dias de hoje, já que era vislumbrado dentro de um Império Nacional que nascera de uma antiga colônia portuguesa.¹²

Em resumo, pode-se verificar que a utilização da expressão *América* foi preterida no mundo hispano-luso, ao longo do século XIX, em favor do delineamento dos nomes próprios de cada país. O contrário se dava nos Estados Unidos, que reforçava o caráter federativo de sua nação em construção mediante a incorporação de *Estados* à sua *União*. Deve-se ter em mente, dessa forma, que a utilização de “*América*” como sinônimo daquele país, foi efetivada pelo distanciamento que as demais nações de origem ibérica procuraram manter dos Estados Unidos. Paradoxalmente, enquanto os demais países americanos construía suas identidades próprias, os estados que se reuniam numa federação reclamavam para si a identificação como “*americanos*”.¹³ O emprego que, desde então, tem sido dado ao termo América Latina procura demonstrar duas coisas: primeiramente, a demarcação de um distanciamento com os Estados Unidos, já sinônimo de

¹¹ Em seu livro ***Brasil e América: história de uma política*** (1944), *Pedro Calmon* traça certa genealogia dos contatos dos brasileiros com os Estados Unidos. Dois fatos parecem dar as cores desse relacionamento pregresso à Doutrina Monroe, com teor republicano. O primeiro, de 1786, quando o estudante brasileiro na França, *José Joaquim da Maia* escreveu uma carta a *Thomas Jefferson*, ministro dos Estados Unidos naquele país, requisitou auxílio para a libertação de sua pátria, seguindo “*as novas idéias*” suscitadas pelos norte-americanos (CALMON, 1944: 31). O segundo remonta a 1817, quando ocorria a *Revolução de Pernambuco*. Um comerciante de nome Antonio Gonçalves da Cruz Cabugá, escreveu, a partir da *Philadelphia*, onde, em 1822 se tornaria cônsul geral do Brasil, mensagem ao presidente estadunidense, solicitando apoio “*imediate da grande América*

para os rebeldes republicanos – contra a Casa de Bragança”, já que dos Estados Unidos deveriam “*propagar-se as sementes dessa preciosíssima planta até às costas do Brasil e todas quantas banham o Pacífico e o Atlântico*” (CABUGÁ, 1817, citado por CALMON, 1944: 32).

¹² Calmon ainda cita o receio e o descontentamento de Monroe em ver que “*o governo do Brasil tem mui estreitas relações com os soberanos da Europa, e as que mantem com os novos Estados são de mera cortezia, e solapadas*” (MONROE, citado por CALMON, 1944: 37).

¹³ Isso, inclusive, pode ser vislumbrado no recorrente emprego do nome de Cristóvão Colombo para nomear logradouros públicos e territórios naquele país, como se o navegador genovês houvesse encontrado a América em latitudes

“América”, e, outra, certa noção de pertencimento a um escopo comum aos países de fala espanhola.

Se essas foram algumas das maneiras pelas quais se entendeu a América, durante o século XIX, convém ampliar o entendimento sobre Pan-Americanismo, expressão que também surgiu naqueles tempos. Como já exposto, a palavra “*Pan-Americanismo*” foi cunhada nos Estados Unidos. Entretanto, a apropriação do termo e, além, seu entendimento, se deram de maneiras muito diversas do que as que os estadunidenses idearam. Contudo, para um melhor entendimento, é necessário ter em mente o que significou a criação da *Doutrina Monroe* e as críticas que recebeu.

A *Doutrina Monroe*, didaticamente evocada pelo seu lema “*A América para os Americanos*”, além de revelar que, em 1823, os Estados Unidos enxergavam o continente “América” dentro do seu próprio conceito de Hemisfério Ocidental, tinha por objetivo barrar a intervenção da Santa Aliança nessa porção do globo. Um dos pontos principais dessa Doutrina era o realce que os Estados Unidos davam ao seu caráter de *guardião* das demais nações, numa demonstração de superioridade bélica, de ponto focal e de modelo a ser seguido pelos demais países do continente.

As diversas formas pelas quais os Estados Unidos entenderam a Doutrina Monroe dão também indícios de como o Pan-Americanismo era visto. A historiadora Kátia Gerab Baggio, aponta que os “*Congressos Americanos*”,¹⁴ realizados durante todo o século XIX,¹⁵ foram o palco principal de divulgação do Pan-Americanismo. Segunda ela, especial destaque deve ser dado à

“*Primeira Conferência Internacional Americana, cujas sessões ocorreram de 02 de outubro de 1889 a 19 de abril de 1890, marcando oficialmente o início do Pan-Americanismo (...) [que] passou a denominar o conjunto de políticas de incentivo à integração dos países americanos, sob a hegemonia dos Estados Unidos*” (BAGGIO, 2001: 3).

O “*mundo latino*”, segundo a idéia acima relatada, entendeu o Pan-Americanismo de formas diversas ao longo dos oitocentos. Uma primeira noção foi a de Bolívar, que pretendia unificar as diversas nações que surgiam, dentro de um único país, de dimensões continentais. É por isso que sua idéia de *América* era formada pela presença de caracteres iguais. Sua concepção, na prática, pode ser lida, como faz Villafañe dos Santos, dentro de um conceito de *interamericanismo*.¹⁶ No mundo hispânico, nunca foi possível imputar – apesar das origens comuns – uma mesma herança e uma mesma história aos diversos países

estadunidenses e que tivesse sonhado com um território moldado da maneira como os estadunidenses o têm moldado.

¹⁴ Também são chamados por alguns historiadores, como Congressos Pan-Americanos. Nesta tese, procurou-se empregar esta última designação, sempre que possível.

¹⁵ Essas reuniões foram: Congresso do Panamá (1826), Congresso de Lima (1847-1848), Congressos de Santiago e de Washington (ambos em 1856), II Congresso de Lima (1864-1865) e Conferência de Washington (1899-1890).

¹⁶ A definição que apresenta é essa: “*Esse termo não pertence ao século XIX. A idéia de identidade entre as distintas regiões deste vasto continente abrigava-se então sob diversos títulos: americanismo, hemisfério ocidental, Pan-Americanismo, para citar alguns entre os mais correntes no século [XIX]. Para*

representar essa noção de identidade, que cada autor soube desenvolver de acordo com seus interesses e perspectivas, optou-se por adotar um conceito manifestamente estranho ao século [em questão]. (...) É, pois, em respeito a essas diferenças e peculiaridades que (...) se adotará o termo ‘interamericanismo’ para nomear esse conjunto vasto e heterogêneo de idéias e propostas” (SANTOS, 2004: 29).

hispanicos. Essas heranças se mostraram nódulos insolúveis, já que se mesclaram a povos indígenas diversos (maias, astecas, incas) e a geografias diferentes (cordilheiras, bacias hidrográficas, florestas), mas permitiram diálogos e troca de experiências por causa da origem comum (ex-colônias espanholas). Neste sentido, ser *americano* era compartilhar das origens comuns por meio do colonizador espanhol, mas era celebrar e mostrar as diversidades da cada nação. Falar, dessa forma, em *Interamericanismo*, é falar das relações entre os países hispanicos que surgiram em condições semelhantes, embora em lugares diversos, por força de um colonizador comum.

Villafañe dos Santos, em seu citado livro, constrói uma importante narrativa acerca da política externa do Império Brasileiro no que concerne ao entendimento dessas idéias. Fica nítida a postura de distanciamento tomada pelo Brasil, não apenas em relação aos Estados Unidos, como, também, em relação às demais nações republicanas surgidas nos oitocentos. Dessa forma, em grande parte do século XIX, o Brasil distanciou-se não apenas do Interamericanismo como do Pan-Americanismo, por se ver como um país sem relações comuns com essas idéias. Por outro prisma, o Brasil também era visto pelos países em questão, como um *“ente estranho”*, já que era uma monarquia detentora de um território vasto, com muitas diferenças regionais, porém, unificado. A citação seguinte se torna interessante para esse entendimento:

“O Império [brasileiro] via-se civilizado e europeu, e assim de uma natureza distinta daquela de seus anárquicos vizinhos. Integrar-se a eles seria pôr em risco a própria essência de sua identidade” (SANTOS, 2004: 28).

Essa afirmativa ajuda a entender o porquê da recusa do Brasil em participar dos Congressos que reuniram os políticos das diversas nações do continente ao longo do século XIX. Como se sabe, o Império Brasileiro tomou parte apenas na *Conferência de Washington*, bem no período de mudança de seu regime político de Monarquia para República (1889-1890). Havia por parte do império, uma certa noção de que participar dessas reuniões, ao mesmo tempo, *“Inter e Pan-Americanas”*, era incompatível com sua própria essência monárquica.¹⁷ Todavia, como a análise da historiadora Miriam Dolhnikoff mostra, a própria estrutura federalista, em debate desde a Independência do Brasil, era já uma clara evidência de aceno aos Estados Unidos. Diz a autora que *“se a opção pela monarquia tornava o Brasil uma exceção no continente, a escolha de um modelo de tipo federativo denunciava sua inapelável vocação americana”* (DOLHNIKOFF, 2005: 14). O período republicano mostra, sem dúvida, que esse aceno, um tanto quanto velado no

¹⁷ Entretanto, o Manifesto Republicano, de 1870, demonstrava pensamento divergente não apenas em relação ao regime de governo, como também do papel que o Brasil deveria ter em relação ao restante do continente que ocupava: *“Somos da América e queremos ser americanos. / A nossa forma de governo é, em sua essência e em sua prática, antinômica e hostil ao direito e aos interesses dos Estados americanos. / A permanência dessa forma tem de ser forçosamente, além da origem de opressão no interior, a fonte perpétua da hostilidade e das guerras que nos rodeiam. Perante a Europa passamos por ser uma democracia monárquica que não inspira simpatia nem provoca adesão. Perante a América passamos por ser uma democracia monarquizada, aonde o instinto e a força do povo não podem*

preponderar ante o arbítrio e a onipotência do soberano. / Em tais condições pode o Brasil considerar-se um país isolado, não só no seio da América, mas no seio do mundo” (MANIFESTO REPUBLICANO, 1870, Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Republicano. Acesso em 15 jul 2005).

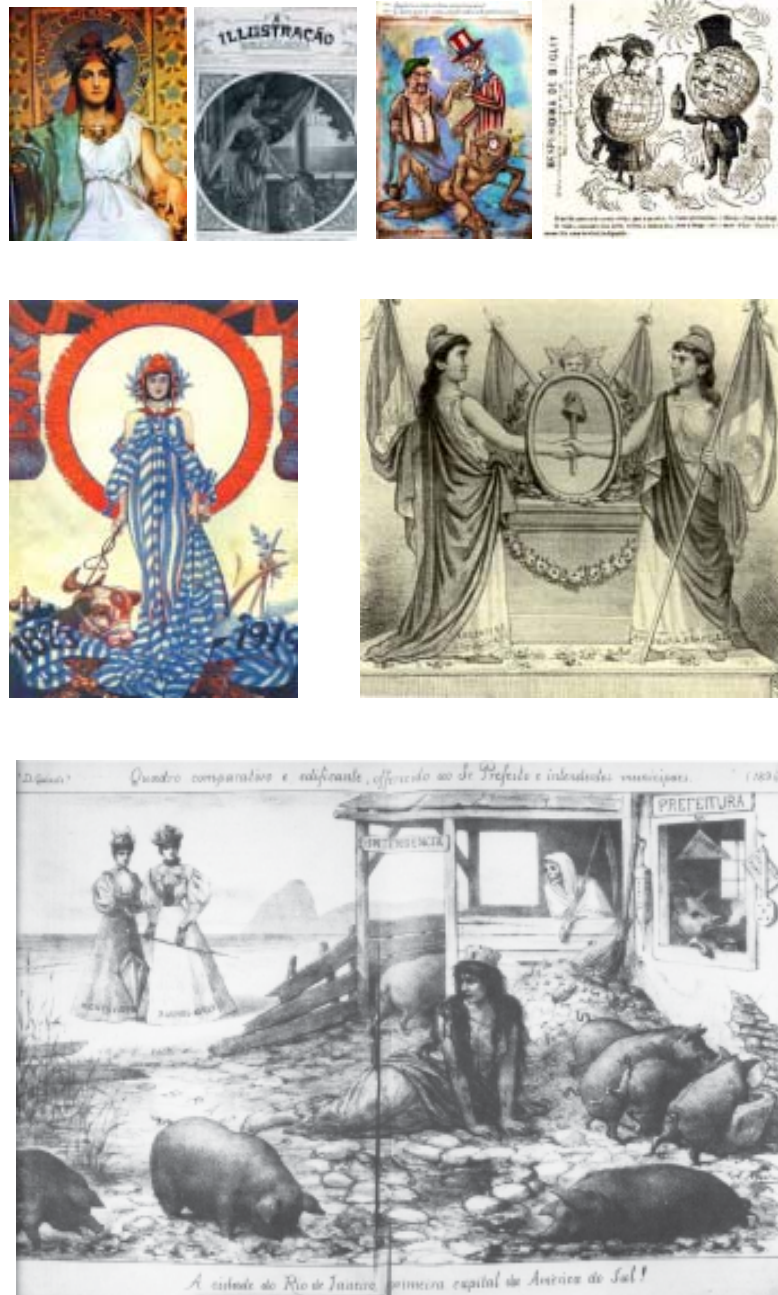


Fig. 13 a 19. Aspectos iconográficos do relacionamento pan-americano: a República na visão de artistas brasileiros, argentinos e uruguaios. “Tio Sam” e os sul-americanos. Propaganda para venda de Hesperidina de Bagley. O relacionamento das Repúblicas Argentina e Brasileira, e gravura extraída da revista *Ilustração Brasileira*, representando o complexo de cidade atrasada sentido pelo Rio de Janeiro em comparação a Buenos Aires e Montevidéu. Fontes: Revista *Histórica*. Disponível em: www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_historica_9. Acesso em 21 de mai 2007.

período imperial, foi revisto, e sucessivamente ampliado. Como atesta uma carta do Barão do Rio Branco, encaminhada ao secretário de Estado norte-americano *Elihu Root*, quando das preparações da Terceira Conferência Pan-Americana, no Rio, pode-se notar que a superação perpassou a escolha de uma aliança com os Estados Unidos e não com o mundo hispânico sul-americano:

“O nosso desejo, V. Exa. sabe, é poder em tudo estar de acordo com os Estados Unidos, cuja amizade o Brasil muito preza e sempre prezou. Mas V. Exa. não ignora que contra os Estados Unidos e contra o Brasil há na América Espanhola antigas prevenções que só o tempo poderá talvez modificar. Verdadeiramente só as não há contra o Brasil no Chile, no Equador no México e na América Central. É necessário muito tato e prudência de nossa parte para que este 3º Congresso Pan-Americano não torne mais fundas as dissidências existentes entre vários grupos de nações latinas” (RIO BRANCO, citado por BUENO, 2003: 60).

Algumas décadas antes dessa carta, no século XIX, os Estados Unidos já haviam conseguido demonstrar quais eram, na prática, as ações emanadas da Doutrina Monroe. Se o México não trazia ressentimentos contra o Brasil, certamente com relação aos Estados Unidos essa nação era antipática. Como mostra o historiador Clodoaldo Bueno,

“A mensagem do presidente Monroe ao Congresso de seu país em 1823 teve um caráter essencialmente defensivo, anticolonialista e dirigida aos membros da Santa Aliança. Todavia, seu significado original logo adquiriu novas dimensões e evoluiu, segundo seus críticos, para um sentido expansionista, já nas presidências de Tyler e Polk, [na década de 1840], para justificar a campanha e a anexação do Texas” (BUENO, 2003: 43).

Apoiando o *Texas* em sua trajetória separatista, os Estados Unidos armaram, de fato, a possibilidade de ampliar seu território, dando, a priori, reconhecimento à independência do *Tejas*, em 1836, mas lhe facultando, inclusive, a possibilidade de votar por sua incorporação ao governo de *Washington*. Em 1845 os Estados Unidos não só continuavam a apoiar a anexação do *Texas* à sua união, como pretendiam comprar territórios também pertencentes ao México, como a *California* e o estado conhecido, hoje, como *New Mexico*. A recusa de venda por parte do México levou à eclosão da *Guerra México – Estados Unidos*, transcorrida entre 1846 e 1848 e, conseqüentemente, à perda de 1 milhão e 300 mil quilômetros quadrados, pelo México. A assinatura do *Tratado de Guadalupe Hidalgo*, em 1848, firmou, assim, a ação conquistadora dos Estados Unidos por sobre quase metade do território original do México (DONGHI, 1989).

Essa atitude bélica, e, sobretudo, as perdas sentidas pelo México, ampliaram o sentimento de *alerta* no



Fig. 20 - Mapa do Brasil. Fonte: HUNNICUTT, 1945.

Fig. 21 - Mapa da rede ferroviária brasileira na década de 1940. Fonte: HUNNICUTT, 1945.

Fig. 22 - Foto de um dos galpões contruídos por Henry Ford em Belterra, na região amazônica, para exploração do látex. Fonte: HUNNICUTT, 1945.

continente americano contra os Estados Unidos, que, explicitamente, esqueceram seus postulados de “*fraternidade continental*” em prol de territórios e de uma passagem para o Oceano Pacífico.

O Brasil era temeroso de uma intromissão estadunidense em seus domínios recém-transformados em República, especialmente num momento em que as questões de demarcação definitiva do território brasileiro se tornavam uma das pautas centrais da política externa do país. A *Questão do Acre*, eclodida na passagem do século XIX para o XX, serviu para demonstrar qual deveria ser a marcha empregada pelo governo republicano na lide com aquela nação do norte, ainda mais depois da Guerra contra a Espanha, em 1898, que rendeu a incorporação de *Puerto Rico* e o domínio sobre *Cuba*. O Acre, território de procedência boliviana, mas, de fato, ocupado por nordestinos e demais povos amazônicos para a exploração da *Hevea brasiliensis* (seringueira), contou com inúmeros atores sociais interessados na fixação de empresas econômicas, dentre eles o *Bolivian Syndicate*, formado por capitalistas ingleses e norte-americanos, dentro do esquema financeiro das *chartered companies*¹⁸ (BUENO, 2003: 310). Embora a Doutrina Monroe deixasse claro, em suas linhas gerais, que a intromissão européia nas nações americanas era indesejável, especialmente no que tange à ocupação territorial nas Américas, a união anglo-americana para a conformação do *Bolivian Syndicate* mostrava que, em certas ocasiões, os Estados Unidos poderiam passar de defensores a exploradores do continente, dando nova interpretação à *Doutrina*. Esta empresa adquiriu, segundo Clodoaldo Bueno, *status* de um “*para-Estado*”, capaz de explorar recursos econômicos, impor taxações e abrir espaço para a fixação de outros povos em pleno território conflitante em função das cláusulas firmadas com a Bolívia (BUENO, 2003: 311). A pejeira brasileira quanto à presença deste *Bolivian Syndicate* apenas seria amenizada e encerrada, de fato, em 1903, pela atuação do Barão do Rio Branco, que assinou pacto com os bolivianos. Nas palavras de Bueno, este acordo, conhecido como *Tratado de Petrópolis*, foi, efetivamente, uma compra da região acreana, o que rendeu encargos econômicos pesados ao Brasil, como a construção de uma estrada de ferro - a *Ferrovía Madeira-Mamoré* - para permitir a saída dos bolivianos ao Atlântico, o pagamento de dois milhões de libras esterlinas, e a cessão de terras àquele país (BUENO, 2003: 321-323).

Entretanto, não só de repúdio foi a reação do Brasil em relação aos americanos naqueles anos. Com a proximidade da Terceira Conferência Pan-Americana, em 1906, a qual acabou sendo realizada no Rio de Janeiro em detrimento de Buenos Aires, autores das mais variadas tendências políticas brasileiras passaram a escrever sobre o tema, expondo concepções curiosas acerca da aproximação com os Estados Unidos.

¹⁸ Clodoaldo Bueno informa que o *Bolivian Syndicate* era formado pelas firmas *Cary & Withridge*, *United States Rubber Company* e *Export Lumber*, além de empresários influentes politicamente, como *W.E. Roosevelt*, primo de *Theodore Roosevelt*, então vice-presidente dos Estados Unidos (BUENO, 2003: 310).

Parece ser conveniente expor, então, quais foram as posições defendidas por Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, no que concernia à aproximação com a “*Terra de Tio Sam*”.

O Barão do Rio Branco, em linhas gerais, não via os Estados Unidos como os “*desinteressados guardiães do Novo Mundo*” que se faziam crer (BUENO, 2003: 320). Em sua interpretação, os Estados Unidos eram um importante parceiro comercial para o Brasil, em função das importações de produtos brasileiros, sobretudo do café¹⁹, mas, além desta, também, das exportações que começavam a mandar para o Brasil. Entretanto, Rio Branco deixou registrado que não encaminharia a política externa do país de forma a dar “*as costas*” à Europa, e, muito menos, de maneira a abrir sendas profundas para a atividade norte-americana no país. Ele mantinha, dessa forma, uma “*aproximação pragmática*” com os Estados Unidos:

“Os Estados Unidos são o principal mercado para o nosso café e outros produtos. Ao seu governo devemos (...) provas da mais cordial amizade, e devemos também serviços valiosos prestados em circunstâncias difíceis para nós. Tudo nos aconselha, portanto a cultivar e estreitar cada vez mais essa amizade, para que assim possamos continuar a desfazer as intrigas e os pérfidos manejos de nossos invejosos de sempre e dos adversários ocasionais que as questões de fronteira nos têm trazido” (RIO BRANCO, 1905, citado por BUENO, 2003: 160).

Em linhas gerais, embora não cedesse aos interesses americanos, mantendo relações comerciais com a Europa, Rio Branco demonstrou que dos Estados Unidos esperava a manutenção de sua posição de comprador do produto agrícola brasileiro, ao mesmo tempo em que conservasse seu papel de desinteressado nos territórios amazônicos. A posição de Paranhos Júnior pode ser classificada, dessa feita, como *pragmática*, servindo-se das relações com os Estados Unidos de forma prática para manter o bom relacionamento político e econômico, mas, também, repelindo maiores contatos e/ou ascendências sobre o Brasil.

Apesar de ser, costumeiramente, apontado como celebrador dos Estados Unidos, Rio Branco soube fazer um jogo diplomático no qual acenava fortemente aos Estados Unidos mostrando-lhe uma face amiga e interessada, mas, ao mesmo tempo, mantinha restrições a muitas atividades bélicas e comerciais daquele país, especialmente quando essas incidiam sobre relações comerciais do Brasil com os demais países sul-americanos. Se, assim, o *pragmatismo* da postura de Rio Branco não o tornou um entusiasta completo dos Estados Unidos, tampouco o afastou de suscitar, no país, debates acerca de parcerias e de ligações político-econômicas com aquela nação.

¹⁹ Em 1906, os Estados Unidos comprou 5.237.055 sacas de café de 60kg; em 1907 foram compradas 5.248.787 sacas e em 1908 5.954.626 sacas (RELATÓRIOS DO MINISTRO DA FAZENDA DO BRASIL, citados por BUENO, 2003: 103-105).

Entretanto, outra parcela dos diplomatas brasileiros, naquele momento, via com ceticismo os objetivos dos Estados Unidos e de seu respectivo “*monroísmo*”, como a declaração do brasileiro Manuel de Oliveira Lima,²⁰ de 1906, deixa claro:

“A doutrina Monroe sempre foi, desde o seu primitivo estágio, uma doutrina egoísta que visava reservar a América, econômica e diplomaticamente, para um apanágio da sua porção preponderante, em vez de continuar a depender das suas velhas metrópoles, não mais exclusivistas do que a nova. E tanto nunca foi uma doutrina altruísta ou mesmo cujas responsabilidades fossem comuns, e também as vantagens, a todas as repúblicas americanas, representando uma garantia recíproca de defesa, de preservação e de soberania (...) que os Estados Unidos se guardaram ciosamente o direito de escolher a ocasião ou o pretexto da sua aplicação de acordo com seus próprios interesses” (LIMA, 1980: 37).

O diplomata Oliveira Lima, como expõe Washington Luís Pereira de Souza Neto (1980), na introdução da reedição da obra ***Pan-Americanismo: Monroe, Bolívar, Roosevelt***, de 1907, via de forma clara a intenção política sobre o Pan-Americanismo e sobre o sistema de governo norte-americano:

“Opunha-se ao ‘rooseveltismo’ de Nabuco, procurava demonstrar os perigos que adviriam da extensão da doutrina de Monroe com o corolário de Roosevelt e esboçava uma nova orientação da política externa brasileira, a qual deveria, em sua opinião, basear-se em uma maior aproximação com a Argentina e demais repúblicas latino-americanas, na manutenção das tradicionais relações com o mundo europeu, e não na busca açodada de relações privilegiadas com os Estados Unidos da América” (SOUZA NETO, 1980: 10).

Oliveira Lima não era propriamente um oponente da noção de Pan-Americanismo, mas repudiava a política do “*Big Stick*”, de *Theodore Roosevelt*.²¹ A postura de Oliveira Lima foi definida por Gilberto Freyre, personagem que desfrutou de seu convívio em *Washington*, como “*pan-americanista crítico*” (FREYRE, 1970: 11). Esse “*Pan-Americanismo crítico*” deve ser entendido como fruto de uma concepção política que via o mundo norte-americano como modelar até certos aspectos, tais quais, o de moldar um capitalismo progressista em solo próprio, paradoxalmente movido a conquistas externas. Entretanto, a grande crítica de Oliveira Lima aos Estados Unidos dizia respeito à questão Pan-Americanista, formada, em suas palavras, por sobre uma “*base egoísta*”:

“quando a famosa doutrina de Monroe passar, como é de direito, de apanágio de uma só nação para o domínio comum do continente que diz proteger; quando, portanto, pertencer o monroísmo ao patrimônio de todas as nações americanas e não mais for, na sua edição corrente, uma arma única de ascendência dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que uma fortaleza erigida contra a intervenção européia que, sob color de manter o equilíbrio de poderes no Novo Mundo, poderia querer se limitar à marcha da grande República, o Pan-Americanismo [poderá vir a ser] a articulação das três Américas em uma vasta federação ou comunhão internacional de interesses políticos, econômicos e morais, com o objetivo de garantir à civilização futura seu pleno desenvolvimento” (LIMA, 1980: 96).

²⁰ Manuel de Oliveira Lima nasceu na capital de Pernambuco em 25 de novembro de 1867. Era filho de *Luís de Oliveira Lima* e de *Maria Benedita de Oliveira Lima*. Entrou no serviço diplomático brasileiro em 1890 como Adido à Legação em Lisboa e, no ano seguinte, foi promovido a Secretário. Mais tarde, desenvolveu suas atividades diplomáticas em Berlim, e, em 1896, foi transferido para *Washington*, na qualidade de Primeiro Secretário. De *Washington* passou mais tarde para Londres onde conviveu durante algum tempo com Joaquim Nabuco, Eduardo Prado, Graça Aranha e José Carlos Rodrigues. Na década de 1910 fixou residência em *Washington*, onde passou a colaborar com a Universidade Católica daquela capital. Oliveira Lima faleceu em *Washington DC*, em 24 de março de 1928 (LIMA, 1980; <http://www.biblio.com.br/conteudo/biografias/oliveiralima.htm>).

Acesso em 21 mar 2007).

²¹ O *Corolário Roosevelt*, enviado ao Congresso dos Estados Unidos pelo, então, presidente da nação, *Theodor Roosevelt* (1859-1919), pode ser entendido como um documento complementar à doutrina Monroe, como seu *corolário*. No documento, o presidente declarava que os Estados Unidos não aceitariam demonstrações de força nas suas áreas de interesse, ainda que os motivos fossem aceitáveis, como o de executar dívidas em atraso das nações continentais junto a credores europeus. O mesmo texto informava que se algum país da América ferisse interesses – e, diga-se de passagem, principalmente os interesses norte-americanos, fossem eles explícitos ou velados – o governo estadunidense usaria a marinha para recuperar a ordem. Essa política anunciada no *Corolário Roosevelt* ficou conhecida como *Big Stick*. Mais

Mas, de fato, ele era cético quanto à possibilidade da instauração dessa “*fraternidade continental*”. Em texto escrito antes da Conferência Pan-Americana de 1906, em Caracas, Oliveira Lima tergiversou que

“os Estados Unidos procuram com toda a razão alargar a sua esfera mercantil no continente sul, o que é lícito e até louvável, alegando, não injustificadamente no nosso caso, que são eles os grandes compradores do nosso café, o que, contudo, não autorizaria o tornarem-se os compradores da nossa absoluta autonomia política” (LIMA, 1980: 44 - 45).

Se, por vezes, indica-se que Oliveira Lima era crítico com relação às concepções pan-americanistas do Barão do Rio Branco, deve-se ter em mente que neste assunto ele se situava em campo diametralmente oposto ao de Joaquim Nabuco (SOUZA NETO, 1980; BUENO, 2003). Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo²² foi o intelectual brasileiro da Primeira República que mais se empenhou em divulgar supostas benesses de uma aliança dos países da América Latina com os norte-americanos. Em suas conferências, em algumas universidades e eventos em que participou nos Estados Unidos,²³ Nabuco exprimiu opiniões favoráveis não só apenas dessa aliança, como do que chamava de “*civilização norte-americana*”: Joaquim Nabuco, expôs em seu discurso *A Aproximação das Duas Américas*, de 1908, que

“Vós, [Estados Unidos da América] com toda a vossa alta civilização, não podeis fazer mal a nenhuma outra nação. O contacto íntimo convosco, seja em que condição for, só poderá, portanto, trazer benefício e progresso á outra parte” (NABUCO, 2001: 40).

Num sábio jogo de palavras, Nabuco transmitiu sua noção de Pan-Americanismo, tentando demonstrar que, para ele, tal atitude de conagração traria muitos benefícios às duas partes que se aproximavam:

“O único efeito que posso enxergar no trato íntimo da América Latina convosco é que ella viria a ser lentamente americanizada; isto é, ella se impregnaria, em medida diversa, do vosso optimismo, intrepidez e energia. (...) Não quero dizer que algum dia emparelhemos com o vosso passo. Nem o desejamos. Excedestes toda a actividade humana de que ha memoria, sem perturbar o rhythmico da vida. Fizestes novo rhythmico só para vós. Nós nunca o poderíamos conseguir. Para as raças latinas festina lente é a regra da saude e da estabilidade. E seja-me licito dizer que é um bem para a humanidade que todas as raças não marchem a passo igual, que todas não corram” (NABUCO, 2001: 40).

Algo que deve ser apontado é que o próprio título da conferência *A Aproximação das Duas Américas*, proferida na sexagésima assembléia da *University of Chicago*, em 28 de agosto de 1908, remete ao título do livro de *Torres Caicedo*, referenciado atrás. Além disso, outro dado importante dessa citação, é que para Joaquim Nabuco, após a proclamação da República, no Brasil, parece ter havido uma incorporação

informações podem ser obtidas em BUENO, 2003.

²² Joaquim Nabuco era filho de José Tomás Nabuco de Araújo, senador do Império, e de Ana Benigna de Sá Barreto. Nascido em Recife, em 19 de agosto de 1849, estudou em Recife, depois em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Entrou para a Academia de Direito de São Paulo em 1866, e concluiu o curso na Faculdade de Direito de Recife, em 1870. Em 1876 foi aos Estados Unidos estudar, fixando-se em *New York*. Em 1880 fez-se deputado pelo Recife. Na década de 1880 abraçou a causa abolicionista. Foi ferrenho monarquista até 1900, alinhando-se, inclusive ao lado dos interesses britânicos por muitas vezes. Em 1900 tornou-se diplomata e funcionário da República, modificando suas concepções acerca desse regime político. Em 1905 tornou-se o primeiro Embaixador do Brasil em *Washington*, passando a cultivar grande interesse

pelos assuntos norte-americanos. Em 1910 faleceu em *Washington* (GOUVÊA, 1989; <http://www.fundaj.gov.br/docs/nabuco/jn.html>. Acesso em 21 mar 2007).

²³ Os discursos de Joaquim Nabuco foram sistematizados numa publicação organizada pela Fundação pernambucana que leva o seu nome, a partir do trabalho de Carlos Daghljan (1988). Os discursos que proferiu sobre a temática pan-americanista foram na Academia Americana de Ciências Políticas e Sociais, na *Pennsylvania*, em 1906, em um clube de *New York*, em 1907, numa a assembléia popular em *Washington*, em 1908, na Universidade de *Chicago*, em 1908, e no Jantar do *Bureau Internacional das Repúblicas Americanas*, também em *Washington*, em 1909 (DAGHLIAN, 1988: 26-27).

do país ao “*escopo latino*”, algo que, como visto, era rechaçado tanto pelo Império Brasileiro, quanto pelas nações de origem hispânica. Em 1908 o Brasil era, então, um *país latino* pronto para marchar seguindo os Estados Unidos. É interessante apontar que no cenário internacional americano, essas visões diversas sobre os Estados Unidos também existiam. Na Argentina, por exemplo, *Domingo Faustino Sarmiento*, em texto de nome ***Conflicto y Armonia de las Razas em América***, de 1883, explicita que os Estados Unidos eram um modelo a ser seguido pelas outras nações americanas. O que os Estados Unidos promoviam, segundo ele era “*o caminho para a ordem, a liberdade e o progresso*” (SANTOS, 2004, p. 63). Sua adesão às repercussões das ações norte-americanas pode ser sentida neste excerto:

“Não detenhamos aos Estados Unidos em sua marcha: isso é definitivamente o que alguns propõem. Alcancemos os Estados Unidos. Sejamos a América, como mar é o oceano. Sejamos os Estados Unidos” [tradução minha] (SARMIENTO, 1883, citado por BRUIT, 2004, p.5).

É muito interessante notar que Nabuco desenvolvia raciocínio na mesma linha de *Sarmiento* e de outros argentinos em prol da “*amizade americana*”. De fato, Joaquim Nabuco, como aponta Fernando da Cruz Gouvêa, transitou “*entre a Monarquia e a República*” (GOUVÊA, 1989), passando de uma extremada defesa do sistema monárquico inglês, para uma interpretação mais cuidada do republicanismo norte-americano. Entretanto, como a citação de trecho do livro ***Minha Formação*** deixa ver, Nabuco temia ser visto, pelos seus pares, como partidário incondicional dos Estados Unidos, preferindo ser associado à idéia de defensor do Pan-Americanismo:

“O efeito do republicanismo norte-americano só podia ser para mim o de corrigir o que houvesse de supersticioso no meu monarquismo, tirar-lhe tudo o que parecesse direito divino, consagração super-humana. Entre os dois espíritos, o inglês e o norte-americano, eu não via oposição, como não há oposição entre as duas raças e as duas sociedades; não havia nada mais fácil de compreender e conciliar do que a admiração com que Gladstone fala dos Estados Unidos e a admiração dos escritores mais respeitáveis da América pela constituição inglesa. Nenhuma das minhas idéias políticas se alterou nos Estados Unidos, mas ninguém aspira o ar americano sem achá-lo mais vivo, mais leve, mais elástico do que os outros saturados de tradição e autoridade, de convencionalismo cerimonial” (NABUCO, 1963: 153).

Por essas passagens, fica um pouco mais nítido que o autor em questão não propunha uma equiparação dos países da América aos Estados Unidos. Para ele, era natural que a república estadunidense fosse a líder da “*fraternidade das Américas*” por considerá-la “*predestinada*” por questões de raça, credo e geografia. Em resumo, Joaquim Nabuco aceitava as concepções do *Destino Manifesto*.

Na realidade brasileira, foi possível identificar três situações com relação ao Pan-Americanismo: uma, de celebração desse ideal, que se mostrava associado ao desenvolvimento econômico e material do país, à semelhança do que representava os Estados Unidos; outra, de postura crítica moderada, muito em função da possibilidade de diálogo com outros países e, por fim, uma atitude de repúdio completo, por identificá-lo intimamente com a política externa norte-americana.

Especificamente, dentro desse terceiro caso, está a obra do paulista Eduardo Prado,²⁴ autor de *A Ilusão Americana*, de 1893. Documento, ao mesmo tempo, monarquista e antiestadunidense, *A Ilusão Americana* é uma obra que se tornou clássica ao ser mobilizada para expor as idéias de repúdio ao propalado “*imperialismo yankee*”, antes da Primeira Guerra e, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. Mas, em todo caso, polêmicas sempre cercaram a obra. Eduardo Prado, poucos anos depois da Proclamação da República, ainda defendia que apenas um governo centralizador, vitalício, calcado em títulos de nobreza, seria capaz de encaminhar o Brasil rumo às resoluções de seus problemas políticos. Seu suposto “*anti-republicanismo*” ecoou fortemente durante o governo do Marechal Floriano Peixoto, quando por meio de textos, atacou incidentes políticos deflagrados ou encabeçados pelos Estados Unidos, país que passava a ser visto como um dos principais parceiros comerciais pela compra do café brasileiro, como, também, distribuidor de produtos industrializados no país.²⁵

O livro *A Ilusão Americana* acabou sendo confiscado pelas tropas do governo federal, no mesmo dia do lançamento, em 1893, e só veio a público em 1894, em Londres, cidade onde o autor se encontrava exilado (PRADO, 2001). Contudo, a obra pode ser considerada um dos ensaios inaugurais da linha de combate à política externa dos Estados Unidos. Eduardo Prado pode ser citado, também, como um dos primeiros autores a se indispor à noção de “*fraternidade americana*”, preconizada pela Doutrina Monroe. Expondo opiniões pessoais Prado anunciava que “*a fraternidade americana [era] uma mentira*”, já que existiam “*mais ódios, mais inimizades*” entre as “*nações ibéricas da América*”, do que entre as nações da Europa, como apreciou Aldo Rebelo no prefácio de uma das recentes edições da obra (REBELO, 2001: IX).

Pelo que se nota, Eduardo Prado não via a possibilidade de uma postura pan-americanista devido às suas concepções políticas (era monarquista) e sociais (já que era defensor das questões de raça, credo e história

²⁴ Eduardo Paulo da Silva Prado nasceu em São Paulo, em 27 de fevereiro de 1860. Era filho de Martinho Prado e de Veridiana Valéria da Silva Prado, membros de uma das mais influentes famílias da Província de São Paulo, tanto em termos econômicos quanto políticos. Eduardo Prado formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, no começo da década de 1880. Desempenhou a função de jornalista no Correio Paulistano, e publicou, também, alguns livros. Foi adido da legação brasileira em Londres, onde manteve contato com personalidades ilustres de seu tempo, como Eça de Queirós, amigo que muitos autores julgam ter baseado *Jacyntho*, do romance *As Cidades e as Serras*, em Prado. Prado escreveu *A Ilusão Americana* em 1893, combatendo a aproximação com os Estados Unidos. Exilou-se em Londres em função de perseguições comandadas pela polícia a pedido de Floriano

Peixoto. Seu teor monarquista e anti-republicano foi sua marca registrada, o que o afastava, inclusive, de muitos de seus irmãos de sangue. De volta ao Brasil, faleceu em São Paulo, em 30 de agosto de 1901, aos 41 anos de vida (PRADO, 2001: VII-VIII). Sobre os meandros da vida política nacional, a partir das trajetórias dos “Prados”, convém analisar o importante livro de Darrell E. Levi, de nome *The Prados of São Paulo, Brazil: na elite family and social change, 1840-1930*, editado pela University of Georgia Press, 1987.

²⁵ Expondo situações em que a política externa norte-americana feriu os interesses nacionalistas do México, do Peru, da Colômbia, do Haiti, da Argentina e de outras nações da América, Eduardo Prado queria mostrar que já era “*tempo de reagir contra a insanidade da absoluta confraternização*

como identificadoras dos países, e não como um fator unificador delas). Mas o teor contestador dos Estados Unidos não se restringia apenas à manutenção de distância pelo mundo estadunidense. Prado também não via com bons olhos a aproximação do Brasil com o universo hispânico, como deixa claro nesta passagem:

"O México deprime, oprime e tem, por vezes, invadido a Guatemala, que tem sangrentíssimas guerras com a república do Salvador, inimiga rancorosa da Nicarágua, ferozes adversárias de Honduras, que não morre de amores pela república da Costa Rica. A embrulhada e horrível história de todas essas nações é um rio de sangue, é um contínuo morticínio. E onde fica a solidariedade americana, onde a confraternização das repúblicas? (...) A Colômbia e a Venezuela odeiam-se de morte. O Equador é vítima, nunca resignada, ora das violências colombianas, ora das pretensões do Peru. E o Peru? Já não assaltou a Bolívia? (...) E o Chile, já não invadiu duas vezes a Bolívia e o Peru? (...) A República Argentina é a adversária nata do Paraguai. (...) E que sentimentos tem a República Argentina pelo Uruguai? Não há um só homem de estado argentino que não confesse que a suprema ambição de seu país é a reconstituição do antigo vice-reinado de Buenos Aires, pela conquista do Paraguai e do Uruguai. Eis aí a fraternidade americana" (PRADO, 2001, 31-32).

Como apontou Derrel Levi, com ***A Ilusão Americana***, Prado fez, no Brasil, o que o uruguaio José Enrique Rodó fez na América Latina, de forma geral, com o livro ***Ariel***, saído em 1900. Levi disse ser *Ariel* "um trabalho universal, baseado no conflito entre materialismo e espiritualismo", o qual aponta para os problemas internos da América Latina, enquanto "A Ilusão" era devotada a um estudo de caso, onde as questões materiais se faziam mais proeminentes (LEVI, 1987: 128). Como bem pontuou este autor, as viagens empreendidas por Eduardo Prado durante a década de 1880, as quais o levaram até os Estados Unidos – terra que não o agradou por sua "sujeira e violência" – e a Europa, plantaram no autor paulista a sensação de que o Brasil era dependente de modelos para seu desenvolvimento. Após o confisco de seu livro e de sua retirada para a Europa, até mesmo Paris passaria a ser vista como "terra corruptora de sua nacionalidade" (LEVI, 1987). De volta ao Brasil, envolveu-se profundamente com o catolicismo romano e com a escrita da história, passando a estudar figuras como José de Anchieta e Padre Vieira para descobrir a "essência de seu país" (LEVI, 1987: 127). No final de sua vida, questionando a necessidade das vinculações do Brasil a países estrangeiros, Eduardo Prado não apenas antipatizaria com as "ilusões americanas", mas, com as "ilusões estrangeiras", de forma geral. Em todo caso, tal característica, que, para Levi, aponta para a construção de uma brasilidade, já estava presente nas conclusões de ***A Ilusão Americana***, em 1893: "não há razão para querer o Brasil imitar os Estados Unidos, porque sairíamos da nossa índole, e, principalmente, porque já estão patentes e lamentáveis, sob nossos olhos, os tristes resultados da nossa imitação" (PRADO, 2001: 130).

que se pretende impor entre o Brasil e a grande república anglo-saxônica, de que nos achamos separados, não só pela grande distância, como pela raça, pela religião, pela índole, pela língua, pela história e pelas tradições de nosso povo. (...) O fato de o Brasil e de os Estados Unidos se acharem no mesmo continente é um acidente geográfico ao qual seria pueril atribuir uma exagerada importância. (...) Pretender identificar o Brasil com os Estados Unidos, pela razão de serem do mesmo continente, é o mesmo que querer dar a Portugal as instituições da Suíça, por que ambos os países estão na Europa" (PRADO, 2001: 31).

No mesmo período, entretanto, muitas outras personagens surgiram pelo Brasil, alinhando-se nas trincheiras já mostradas. Dentre essas personagens, talvez mereçam destaque algumas como o deputado imperial Tavares Bastos, que, em 1862 escreveu requisitando subvenções do Império à navegação de vapores entre *New York* e o Rio de Janeiro, por estar

“convencido de que, mesmo sob o ponto de vista político, as relações com os Estados Unidos da América do Norte são aquelas que mais convêm ao Brasil. Devemos cultivá-las e desenvolvê-las, porque é da liberdade contra a servidão, do progresso contra a barbárie; está reservado á grande republica de Washington um papel incalculavel nos destinos do Mundo” (BASTOS, 1862, citado por CALMON, 1944: 54).

Já no momento de mudança de regime político, personagem envolvido com o *“ideário americano”* foi Ruy Barbosa de Oliveira.²⁶ Autodefinido como *federalista*, Ruy Barbosa teria atuação como deputado durante o Império e, depois, já sob a égide republicana, como ministro e vice-chefe do governo provisório (ZIMMERMAN, 2007: 2).

Encarregado da revisão dos projetos constitucionais da Carta Magna de 1891, a primeira da República Brasileira, Ruy Barbosa recorreu, assim como fizeram os Inconfidentes, em 1789, e outros membros das Regências, no Império, à Constituição dos Estados Unidos (DOHLNIKOFF, 2005). Não deve ser visto como mera coincidência ou incidente natural, então, o fato desta constituição oficializar o título da recente república fundada como *“República dos Estados Unidos do Brazil”*. A esse respeito Ruy Barbosa declarou que:

“Para dar-lhe feição liberal, a Constituição dos Estados Unidos era o modelo que nos impunha. Fora dela só teríamos a democracia helvética, intransplantável para Estados vastos, e os ensaios efêmeros da França, tipo infeliz, além do oposto às condições de um país naturalmente federativo como o nosso” (BARBOSA, citado por ZIMMERMAN, 2007: 3).

Ruy Barbosa nutriu, por muitos anos, admiração pela Inglaterra e pelo sistema parlamentarista de governo adossado à Monarquia, considerado, por ele, como o modelo mais adequado ao Brasil. Tendo a República se tornado fato consumado, procurou encontrar no federalismo uma saída para suas concepções, aproximando-o dos Estados Unidos, a quem imputou o dístico de *“orgulho deste continente, a mais prodigiosa das nações modernas”* (BARBOSA, citado por CHACON, 1987: 108). Augusto Zimmerman mostra, inclusive, que o grau de conhecimento sobre este país, demonstrado por Barbosa, foi elevado a ponto dos norte-americanos, como *Carleton Smith*, professor da Faculdade de Sociologia e Ciência Política

²⁶ Nascido em Salvador, em 5 de novembro de 1849, Ruy Barbosa era filho do médico e político de intenções intelectuais João Barbosa de Oliveira, e de Maria Adélia Barbosa de Oliveira. Formado em Direito pela Academia de São Paulo, em 1870, “advogou” várias causas em várias áreas em sua vida. Foi ministro da República, orador prolixo e representante do Brasil em algumas Conferências Internacionais. Foi candidato a presidente, mas foi derrotado em todos os pleitos. Faleceu em 1928.

capítulo I da *State University of New York*, em palestra realizada no Rio de Janeiro, em 1974, chegar a observar que “até um historiador norte-americano poderia vangloriar-se de possuir conhecimentos tão profundos sobre os Estados Unidos como eram os dele” (ZIMMERMAN, 2007: 23). Zimmerman também comenta que em correspondência trocada com Nabuco, Ruy Barbosa vangloriava-se de ser um dos maiores entusiastas dos Estados Unidos, no Brasil (ZIMMERMAN, 2007: 23).

O grau de envolvimento de Ruy Barbosa com o mundo norte-americano, contudo, é ainda pouco discutido no universo das obras a ele dedicadas. Fora os registros textuais de próprio punho, existem muitos relatos, advindos de diversas penas, que mostram o convívio íntimo de Ruy Barbosa com estadunidenses, como no setor educacional. Em São Paulo, por exemplo, a historiografia relativa ao *Mackenzie College* é unânime em mostrar que Barbosa foi um dos responsáveis pelo esboço jurídico capaz de legalizar a atuação da *State University of New York*, no setor educacional brasileiro, no princípio da década de 1890, por força de seu convívio com o médico e educador presbiteriano *George Chamberlain* (HACK, 2002; GARCEZ, 1970).

Outros autores, menos ligados às questões de política internacional, mas, igualmente destacados na sociedade brasileira daquele período, também exprimiram suas idéias acerca do *Pan-Americanismo*. Um desses autores foi Euclides da Cunha, que não sendo propriamente um ardoroso defensor do *monroísmo*, julgou que a aproximação com os Estados Unidos era algo incluso na “*evolução nacional*”, contra a qual seria difícil resistir. A esse respeito, em carta a Araripe Júnior, Cunha expressou que até

“que o malsinado imperialismo ianque se exagere até a posse dos países estranhos, - de que nos valeriam lamúrias de superstições patrióticas? [...] subordinados à fatalidade dos acontecimentos, agravados pela nossa fraqueza atual, devemos antes, agindo inteligentemente, acompanhar a nacionalidade triunfante, preferindo o papel voluntário de aliados à situação inevitável de vencidos” (CUNHA, 1903, citado por BAGGIO, 2001: 7).

Esta opinião, de certa forma, era compartilhada pelo diplomata brasileiro Heitor Lyra que, em um texto publicado na *Revista Americana*²⁷, em 1917, dizia que

“se Monroe, em 1823, estabeleceu pública e oficialmente as bases do panamericanismo, a América do Sul alguns antes já pensara em adotar essa política liberal. (...) Era o sonho de Bolívar” – dizia ele: ‘Somente unida a América poderia se apresentar ‘al mundo com aspecto de majestad y grandeza sin ejemplos en las naciones antiguas’” (REVISTA AMERICANA, 2001: 201).

²⁷ A *Revista Americana*, publicada no Rio de Janeiro, entre 1909 e 1913, e entre 1916 e 1919, contou “com a publicação de artigos dos mais diversos assuntos, poemas, contos e crônicas de autores hispano-americanos” e revela, segundo Kátia Baggio, “a disposição política que havia no início do regime republicano no Brasil por uma maior aproximação com as repúblicas americanas. As relações entre intelectuais brasileiros e hispano-americanos foram garantidas, em grande medida, pela diplomacia, que proporcionava a circulação de homens e livros pelo continente. Apesar da simpatia manifesta pelos Estados Unidos, a revista publicou pouquíssimos artigos de intelectuais norte-americanos, revelando que as relações entre a intelectualidade brasileira e a norte-americana neste período ainda eram tênues. Entretanto, a adesão política ao projeto pan-americanista capitaneado pelos Estados Unidos, como procuramos

demonstrar, era evidente” (BAGGIO, 2001: 6).



– Não serei eu a mais linda do universo; no entanto é do Brasil o melhor café do mundo.



Fig. 23, 24 e 25 - Bandeira dos Estados Unidos, bandeira provisória da República do Brasil e Bandeira do Estado de São Paulo. As duas bandeiras do Brasil mostram nítida ascendência na bandeira americana. A bandeira provisória da República vigorou apenas por quatro dias, já a de São Paulo, desenhada pelo escritor e professor do Mackenzie College Julio Ribeiro, em 1888, entrou em vigor na década de 1930. Fontes: (respectivamente) Disponível em: <http://www.awesomelibrary.org/Flag.html>. Acesso em 21 mai 2007; Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_de_S%C3%A3o_Paulo. Acesso em 21 mai 2007; Disponível em: <http://www.editorainformal.com.br/atividades/festivas/bandeira/bandeira-provisoria.htm>. Acesso em 21 mai 2007.

Fig. 26 - Propaganda de café brasileiro, durante a Segunda Guerra Mundial. "Tio Sam" prova o café do Brasil. Fonte: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2003.

Fig. 27 - Capa da revista **Caretta** mostrando a união mundial contra a Segunda Guerra. Fonte: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2003.

O que se pode afirmar é que depois da Proclamação da República o Brasil passou a conhecer quatro tendências ideológicas no trato com a questão Pan-Americanista: uma *“atitude de rechaço”*, capitaneada por Eduardo Prado, uma postura de *“aproximação pragmática”*, sustentada pelo Barão do Rio Branco; uma *“postura crítica”*, liderada por Oliveira Lima, e uma atitude que postulava uma *“aproximação fraternal”* com os Estados Unidos, que foi sustentada por Joaquim Nabuco. Estas quatro tendências encontravam analogia no continente. E, como se pode supor, o Brasil também era analisado pelos norte-americanos no que diz respeito ao *Pan-Americanismo*.

■ 1.2 - Visões do “Brazil”: Americanos Analisam o Pan-Americanismo

“Eu descobri que os brasileiros são um povo que olham para frente, não para trás.”

Ben Cherrington, citado por Hunnicutt, 1945.

Benjamin Harris Hunnicutt, um engenheiro agrônomo norte-americano que trabalhou no país por um período superior a 50 anos,²⁸ publicou, em 1945, pelo Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, um livro nitidamente vinculado aos preceitos de aproximação entre o país e os Estados Unidos, dentro das repercussões da ação, durante o período da Segunda Guerra, do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (SALVI, 2006; TOTA, 2000; MOURA, 1993). A obra, intitulada ***Brazil Looks Forward***, era toda escrita em inglês e fartamente ilustrada. Hunnicutt apresentava o país numa seqüência que ia de sua descrição geográfica até a análise de suas instituições públicas, empresariais e de ensino. Interessante, e não menos importante, é deixar claro que o livro tinha como fio condutor a comprovação – um tanto açodada, diga-se de passagem - de relações entre os Estados Unidos e o Brasil, nestas áreas. Nesse afã de divulgar o quanto os brasileiros *“herdaram”* dos norte-americanos, Hunnicutt apontava conselhos, *en passant*, para os brasileiros, visando a sua *“americanização”* (HUNNICUTT, 1945: 468).

No capítulo 30 de sua obra, ao focar as relações culturais entre os dois países, o autor explicita que *“os Estados Unidos tem sido acusado, na América do Sul, de imperialismo”*, mas, complementa, dizendo que, *“aparentemente, o Brasil não tem engrossado esses temores e tem feito muito para dissipar essas suspeitas por meio de esforços definitivos de entendimento”* (HUNNICUTT, 1945: 469).²⁹ Esta *“cândida”* explicação acerca dos interesses norte-americanos e do efeito demonstrativo das boas intenções dos Estados Unidos, pelo Brasil, mais do que surtir o efeito almejado pelo autor, demonstra certa dose de desconfiança, por

²⁸ Ligado à Igreja Presbiteriana, Hunnicutt desempenhou atividades de direção no Instituto Presbiteriano Gammon, em Lavras, Minas Gerais, e, também, em São Paulo, no Mackenzie College, nas décadas de 1920 e 1930.

²⁹ No original: *“The United States has often been suspected in South America of imperialistic motives toward this continent. But let it be said that Brazil apparently has not participated in these fears, and much has been done to dissipate all suspicion through definite efforts for better understanding”*.

parte dos estadunidenses, de que sua penetração cultural gerava embates pesados naqueles anos de Guerra, as quais poderiam, no mínimo, frustrar suas intenções culturais e econômicas. Como já foi visto, e ainda poderá ser sentido em outras partes desta tese, esse repúdio ao “*mundo americano*”, se dava desde o século XIX. Na tentativa de minimização daquilo que *Hunnicut* chamou de “*mão única*” num processo de relacionamento, ou seja, de conhecimento mais aprofundado acerca dos Estados Unidos pelos brasileiros, do que de seu reverso, o autor citou a constituição de algumas instituições, como a *The Pan American Union*, fundada em *Washington*, em 1906, com o objetivo de aglutinar as nações do continente e favorecer suas trocas comerciais e intelectuais e o *The Institute of International Education*, instituição filantrópica criada “*para facilitar o intercâmbio de estudantes, professores e palestrantes entre as nações latinas e os Estados Unidos*”, sobretudo das Américas. *Hunnicut* citou, também, a criação de escolas e centros de idiomas envolvidos na difusão da língua falada nos Estados Unidos, bem como de sua cultura, no Brasil. Neste sentido, apontou, o autor, a criação do *Instituto Brasil - Estados Unidos*, no Rio, e a *União Cultural Brasil – Estados Unidos*, em São Paulo (HUNNICUTT, 1945: 471). De forma mais enfática, contudo, é a análise que empreendeu acerca do trabalho do *Office of Inter-American Affairs*, liderado por *Nelson Rockefeller*, ao qual imputou a pecha de zelar pela construção de um trabalho comercial e de uma aproximação cultural muito importante, por meio do

“*Radio, imprensa, filmes, ciência e educação, um bem planejado contato para dar aos brasileiros, assim como aos sul-americanos, oportunidades para avaliar, por si próprios, acesso a acumulados fundos de conhecimento dos Estados Unidos. (...) Para fazer isso de uma forma que não ofenda os sensíveis sul-americanos é necessário toda diplomacia e tato possíveis*” [tradução minha] (HUNNICUTT, 1945: 481).³⁰

Antes, contudo, deste livro de *Hunnicut*, já era possível perceber ações no mesmo sentido. Em 1907, um ano após a Terceira Conferência Pan-Americana, ocorrida no Rio de Janeiro, foi publicada, na *Philadelphia*, a segunda edição, revista e ampliada, de um livro, originalmente lançado em 1902, escrito por *Marie Robinson Wright*. O nome da obra era ***The New Brazil: its Resources and Attractions - Historical, Descriptive and Industrial***. A autora, jornalista norte-americana, era membro da *Geographical Society of America*, da Sociedade Geográfica do Brasil, do Instituto Histórico e Científico de São Paulo e da *Sociedad Geographica de La Paz*, e, de certa forma, pode ser considerada uma *latino-americanista*, já que era autora de outros livros semelhantes a esse, como: ***Picturesque Mexico; The Republic of Chile; Bolivia e The History of Peru***. O livro não traz nenhuma referência explícita sobre quem realizou a encomenda à autora, muito embora a capa traga em alto-relevo o brasão da República, e, também, no frontispício, uma

³⁰ No original: “*Through radio, press, movie, science and education a well planned approach is made to give Brazilians especially, as well all South Americans willing to avail themselves of it, access to the accumulated funds of knowledge of the United States, weathier acquired by research experience. To do this in a way that will not offend sensitive South Americans will require all the diplomacy and tact possible*”.

gravura do, então presidente, Affonso Pena.³¹ Contudo, embora seja dedicado à análise de todos os estados do Brasil e do, então, território do Acre, por diversas vezes a autora faz menção ao secretário *Elihu Root* e à *Pan-American Union*, dando margem ao entendimento de que este órgão e esta personagem tenham tido alguma relação com a edição. Contudo, uma passagem, já na apresentação da obra, mostra qual era o ideal que motivou a redação do livro:

*“Por ocasião da celebração de seu 400º aniversário, em 1900, o Brasil não apenas assinalou seu maravilhoso crescimento e desenvolvimento, desde uma aparente insignificância para a posição de grande importância entre as nações, como demarcou, também, com sucesso, a inauguração de novas condições, as quais, durante os últimos 8 anos têm enrijecido e dado estabilidade para uma força permanente no moldar da vida nacional à vista de seu povo: Ordem e Progresso. Todos os olhos, agora, se voltam em direção à América do Sul, assim como já se voltaram ao seu vizinho do norte, no princípio do século que recentemente se encerrou; e há muitas razões para acreditar que o fenomenal crescimento e progresso que demarcou a história dos Estados Unidos da América durante o século XIX será reproduzido durante o presente século nesta sua república irmã e amiga do Novo Brasil (WRIGHT, 1907: 14).”*³²

Ao longo de seu livro, Wright descreve suas impressões e, quando possível, as de seus conterrâneos, sobre o Brasil. Em uma das passagens chega a dizer que quando da Proclamação da República, em 1899, o presidente dos Estados Unidos foi um dos primeiros chefes de Estado a não só aceitar o Governo Provisório de Marechal Deodoro da Fonseca, como também, das credenciais de J.G. do Amaral Valente, como ministro para os Estados Unidos, e de Salvador de Mendonça, como ministro em missão especial àquele país (WRIGHT, 1907: 68). Em outro trecho, discutindo a Primeira Constituição Republicana do Brasil, tece paralelos entre as Cartas Magnas do Brasil e de seu país, reforçando as declarações de Ruy Barbosa acerca da fonte inspiradora daquela constituição (WRIGHT, 1907: 73, 75). Contudo, seus maiores e mais nítidos comentários acerca do relacionamento entre os dois países se dão nas páginas em que dedicou à Conferência Americana do Rio de Janeiro, de 1906. Ali, a autora foi enfática ao relacionar as transformações sanitárias e formais em curso no Rio de Janeiro, por meio da Reforma Passos, com a projeção do Brasil internacionalmente, segundo ela, o que proporcionava ao país, *“seguir na mesma esteira dos Estados Unidos”* (WRIGHT, 1907). Dizia *Marie Wright* que *“a atenção das grandes potências se voltaram ao Brasil como nunca antes ocorrera, e seus olhos estavam abertos ao fato de que na América do Sul, assim, como na América do Norte, o espírito da civilização ocidental tinha se desenvolvido poderosamente impondo fatores no controle da política mundial”* (WRIGHT, 1907: 105).³³ Para a autora, então, o emblema maior desse novo patamar alcançado pelo Brasil era a reunião Pan-Americana ocorrida no Rio, a qual possibilitou *“a visita àquela cidade do secretário Elihu Root dos Estados Unidos”*, e a

³¹ Miriam Lifchitz Moreira Leite, em entrevista, defende, entretanto, que *Wright* era uma jornalista que havia sido contratada pelo presidente Affonso Pena. Disponível em: www.comciencia.br/comciencia/?section=8&tipo=entrevista&edicao=14. Acesso em 20 mar 2007.

³² No original: *“By the celebration of her four hundredth anniversary, in 1900, Brazil not only signaled her wonderful growth and development from apparent insignificance to a position of great importance among the nations, but also marked the successful inauguration of new conditions, which during the past years have been strengthened and given the stability of permanent force in moulding the national life to accord with the watchword of the people: Order and Progress. All eyes are now turning toward South America, as they turned*

toward her northern neighbor at the beginning of the century recently closed; and there is every reason to believe that the phenomenal growth and progress which marked the history of the United States of America during nineteenth century will be duplicated during the present by her young republican sister and friend – The New Brazil”.

³³ No original: *“the attention of the great powers was directed to Brazil as never before, and their eyes opened to the fact that in South America, the spirit of western civilization has developed powerful and imposing factors in the control of the world’s politics.”*

“*demonstração da aliança entre os países do norte e do Sul das Américas*” (WRIGHT, 1907: 106).

A atitude de *Marie Wright*, neste livro, deve ser entendida como uma importante contribuição norte-americana, dentro da política auto-celebradora instituída pelo regime republicano brasileiro, à idéia de que o Brasil deveria ser o principal aliado norte-americano no sul da América. Tal postura estadunidense soava como harmônica à política Pan-Americanista desenvolvida por Rio Branco e Nabuco. Como bem observou Gilberto Freyre, no prefácio que escreveu para a edição italiana de seu ***Ordem e Progresso***

“*Num ponto a República afastou-se notavelmente da Monarquia: no uso, no estrangeiro, de então modernas técnicas de propaganda, quer do régimen, em particular, quer do Brasil, em geral. Obra não de um republicano, mas de um daqueles barões ilustres da Monarquia que a República convocou para seu serviço, dando-lhe carta branca para reorganizar o Ministério das Relações Exteriores: o Barão do Rio Branco. Na chefia desse Ministério - e até antes de assumir essa chefia - o Barão do Rio Branco foi também um ministro invisível de um igualmente invisível, mas, eficiente Ministério de Propaganda. Nunca - nem antes nem depois dele - o Brasil teve tão brilhante serviço de propaganda, quer oficial, quer particular, na Europa e mesmo nos Estados Unidos. Propaganda [que se deu] através de livros como o de Marie Robinson Wright, The New Brazil (Philadelphia, 1907), o de Arthur Dias, Brazil of Today (s/d), o de Santa Anna Nery, The Land of the Amazons (Londres 1901), o de G. Artom Kerby, The Land of Tomorrow (New York, 1906); ou de anuários, semanários, mensários e jornais como o Anuário Brasileiro Comercial (Paris), o Brazilian Year Book (Londres), a Etoile du Sud (Rio), Fanfulla (São Paulo), South American Journal (Londres)*” (FREYRE, 1969: 40).

Fora os livros elencados por Freyre como editados e/ou escritos por estadunidenses, existiram outras publicações daquele país dedicadas aos “*termas pan-americanistas*”. Dentre esses títulos, destacam-se ***Pan American Questions***, de Amaro Cavalcanti, brasileiro que sistematizou as decisões obtidas nas Conferências Pan-Americanas de 1906 e 1910, transformando-as nesse livro, em 1913; ***Problems in Pan Americanism***, de *Samuel Guy Ingman*, circa de 1921, em que se historicam as atividades em prol de uma liga de relacionamento comercial e político no continente americano, bem como, quais eram os supostos entraves verificados pelos Estados Unidos, para este fim. Merece atenção a obra ***Pan-Americanism: its beginnings***, de *Joseph Byrne Lockey*, que não apenas tenta definir o que seria Pan-Americanismo, mas, ainda, traça comentários sobre as interpretações dadas por cada um dos países americanos à questão. O caso brasileiro que foi agrupado, num único capítulo, ao argentino e ao chileno, foi mostrado como de papel capital para a aceitação de um relacionamento estreito com os Estados Unidos. Para *Lockey*, a monarquia brasileira havia sido um elemento pernicioso durante o século XIX, o qual influenciou, negativamente, as pequenas repúblicas latinas pela tendência absolutista de procedência européia (LOCKEY, 1920: 441). O autor ainda historiou as causas de uma suposta rivalidade entre argentinos e brasileiros

pelo domínio no sul do continente, e concluiu apontando como havia sido importante a constituição de uma *República Brasileira* para que o “*espírito americano*” se fizesse visível em todo o continente por meio de uma mesma forma de governo, típica dele (LOCKEY, 1920: 445).³⁴

Em 1917 *Clayton Sedwick Cooper* lançou *The Brazilians and their Country*, que se inscreve na linha dos relatos de viajantes, mas também discute questões Pan-Americanistas. Num de seus capítulos, de título *The Latin American View of North Americans*, o autor mostra a necessidade de maior atenção por parte dos americanos com relação ao Brasil, sobretudo, para que incidentes como o de um exportador estadunidense que remeteu suas mercadorias ao “*Rio de Janeiro, Province of Buenos Aires, Brazil*” não se repetissem, aumentando certa antipatia brasileira e, conseqüentemente, causando prejuízos às empresas americanas pela impossibilidade de entrega dos produtos (COOPER, 1917: 372) Em todo caso, o autor incentiva os americanos a não só visitarem o Brasil, como a estimularem os brasileiros a conhecerem os Estados Unidos, de forma que as más impressões mútuas fossem dissipadas, cristalizando, dessa forma, a imagem que, segundo ele, em linhas gerais, o brasileiro já tinha do estadunidense: “*o norte-americano é sinônimo nas mentes de muitos desses povos de eficiência nos negócios*” (COOPER, 1917: 372).³⁵

A obra *Pan American Progress*, de *Philip Leonard Green*, de 1942, publicada em plena Segunda Guerra, demonstrava quais haviam sido as “*benesses*”, até aquele momento, da questão Pan-Americana para o continente. Destinado a elencar os avanços feitos no trato da questão Pan-Americanista, este livro contribuiu com o entendimento das diversas instituições reconhecidas pela *Pan American Union* nas três Américas, além de fornecer certo estado da arte sobre eventos Pan-Americanos. As instituições e os eventos tratados no livro eram o *American Institute for the Protection of Childhood*; o *Gorgas Memorial Laboratory for the Treatyn of Tropical Diseases*; a *Inter-American Comission of Women*; a *Inter-American Radio Office*; a *Inter-American Trade Marks Bureau*; a *Pan American Highway Confederation*; a *Pan American Institute of Geography and History*; a *Pan American Railway Committee* e a *Pan American Sanitary Bureau* (GREEN, 1942).

Contemporâneo a este livro é o texto que, de certa forma, escancarou ao mundo não só os efeitos do Pan-Americanismo, mas, retumbantemente, da “*americanização*”. *The American Century*, escrito por *Henry Luce*,³⁶ e publicado em uma de suas revistas, a *Life*, em 1941, tinha por objetivo mostrar aos próprios americanos, que, embora, oficialmente, o país não tivesse entrado na Guerra – os Estados Unidos invadiriam

³⁴ O mesmo autor possui outro livro dentro desta temática, datado de 1939, que, em linhas gerais, pouco acrescenta ao livro de 1920. Esta nova versão de suas considerações acerca do pan-americanismo se chama *Essays in Pan-Americanism*, e foi editado pela *University of California Press*.

³⁵ No original: “*the north american is synonymous in the minds of many of these people with business efficiency.*”

³⁶ *Henry Robinson Luce*, filho de um missionário presbiteriano, nasceu *Dengzhou*, China, em 3 de abril de 1898. Ele foi educado em diversas escolas confessionais na China e na Inglaterra até que, com 15 anos, finalmente conheceu a terra natal de seus pais. Ele se graduou em 1920 em *Yale*, época em que já trabalhava no setor editorial, do qual seria um dos magnatas nas décadas seguintes. Em 1930 ele comprou a

revista *Fortune*; em 1936 ele fundou a revista *Life*. Na década de 1950 comprou a *House & Home* e a *Sports Illustrated*. Membro do Partido Republicano, *Luce* foi um dos principais opositores do comunismo, valendo-se de suas revistas para alimentar a Guerra Fria. Há indícios, inclusive, que suas revistas, sobretudo a *Life*, eram usadas de forma a granjear posições políticas. A Enciclopédia Wikipédia indica que o artigo *The American Century* foi escrito visando alcançar a posição de Secretário de Estado, o que não ocorreu. Ele faleceu em 28 de fevereiro de 1967. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Henry_Luce. Acesso em 25 de mar 2007.

a Normandia apenas em 1944 - *Luce* considerava que todas as bases lançadas desde a década de 1870 permitiam afirmar que o século XX, seria o “*século americano*”. Entendendo o século XX como tendo começado na década de 1870, momento em que os empresários norte-americanos começaram a travar contato mais íntimo com os demais países do continente americano, procurando brechas que permitissem o estabelecimento de relações comerciais em regiões dominadas pelo poderio econômico britânico e pela nascente indústria germânica, *Luce* via que a Guerra amplificaria o raio de ação da indústria norte-americana, já que os tradicionais rivais econômicos de seu país (Alemanha e Grã-Bretanha) estariam economicamente muito abalados com o fim do conflito, além de necessitados de produtos industrializados em larga escala, os quais só os Estados Unidos poderiam fornecer.

Velando os interesses econômicos em apelos de “*psicologia de massa*”, tais, como os evocados no *Destino Manifesto* - como o de “*Guardião da América*”, de “*Bom Samaritano*” -, *Luce* tentava mostrar que o ingresso americano na Guerra era necessário para que as características da vida rica “*em alimentos, roupas, educação*” pudessem ser espalhadas pelo mundo, completando o projeto de nação que foi iniciado no século XVII, numa clara construção teleológica da importância daquela nação (LUCE, 1941: 61 - 65).

As repercussões desse ideário no pós-Segunda Guerra têm sido estudadas freqüentemente no Brasil. Entretanto, as décadas que, segundo a visão de *Luce*, marcaram o início do “*século americano*”, quase nunca foram abordadas, o que leva a mostrar a pertinência das questões a serem tratadas nesta tese. Como uma dessas primeiras contribuições está a análise das repercussões do projeto Pan-Americanista junto à classe arquetônica, definitivamente, uma das mais importantes para a consolidação imagética dos Estados Unidos nas Américas.

■ 1.3 – Questões Profissionais: Os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos

“Estes congressos têm sancionado conclusões que tem encontrado o apoio imediato de vários governos americanos, já que as conclusões dos congressos são meros votos de aspiração, até que encontrem a sanção legal necessária e indispensável, das autoridades, para que se tornem eficazes”

Raúl J. Alvarez, 1931: 114.³⁷

Como foi visto, o Pan-Americanismo não encontrou uma única definição ao longo dos anos em que foi

³⁷ No original: “*Estos congresos han sancionado conclusiones que han encontrado el apoyo inmediato de varios gobiernos americanos, ya que las conclusiones de los congresos son meros votos de aspiración, hasta que encuentran la sanción legal necesaria e indispensable, de las autoridades, para que resulten eficaces*”.

discutido. A tendência, manifestada por meio da *Doutrina Monroe*, de cristalizar os Estados Unidos como “*modelo de nação*” encontrou respostas advindas de países hispânicos e provocou debates acalorados por todo o continente americano. Contudo, dentre essas várias propostas Pan-Americanistas a dos Estados Unidos conseguiu se impor, de fato, ao longo dos anos, em função do estabelecimento de várias estratégias, como a de promoção de eventos, de visitas, de estabelecimento de relações comerciais, de invasões militares e, também, de participação em reuniões científicas e mesmo de associações profissionais. Neste sentido, é inegável que a presença norte-americana nos encontros profissionais causava certo burburinho, uma vez que a exibição de pesquisas e de avanços técnico-científicos daquele país mostrava possíveis caminhos a serem percorridos também pelas demais repúblicas americanas em seu desenvolvimento intelectual.³⁸

A descoberta da existência de reuniões sistemáticas de arquitetos dentro de congressos batizados de “*Pan-Americanos*”, chamou a atenção e mostrou a necessidade de compreensão, não apenas das origens desses encontros, mas, também, dos debates processados e das possíveis incorporações feitas pelos países participantes das conclusões ali apresentadas. Embora os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos continuem a existir, a proliferação de eventos ligados à arquitetura e, depois, ao urbanismo, a partir dos anos 1950, diminuíram a atenção dada a tais reuniões. Entretanto, o estudo empreendido mostrou que nem sempre foi assim. Entre o ano de sua primeira edição, em 1920, e o da quinta reunião, ocorrida em 1940, os eventos não só gozaram de grande notoriedade, como eram os principais fóruns de debates dos arquitetos no continente americano, antecipando, em certo sentido, e encontrando, muitas vezes, mais prestígio do que os contemporâneos *Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna*, os CIAMs, por exemplo.

O interesse desta tese em descobrir o grau de entendimento do Brasil acerca do mundo norte-americano levou à sondagem de se o Pan-Americanismo desses congressos poderia ser visto como partidário das concepções emanadas dos Estados Unidos. Dessa forma, intentando medir o grau de ingerência daquele país na “*irmandade arquitetônica*” das Américas, sobretudo na brasileira, realizou-se uma pesquisa relativa à documentação dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos nas mais diversas fontes, em pelo menos dois países, e constatou-se que, como imaginado, a delegação norte-americana, apesar de numericamente pequena, se comparada à argentina e à uruguaia, por exemplo, se fez presente, e era vista como modelar para a resolução de muitas questões de interesse dos demais países americanos. Esta descoberta levou à

³⁸ Deve-se informar que não apenas entre os arquitetos essa noção se fez presente por meio da realização de Congressos Pan-Americanos. Profissionais das áreas de Assistência Social, Medicina, Higiene, Engenharia, sem falar das competições esportivas, se reuniram diversas vezes ao longo do século XX, pondo em diálogo, as Américas.



Fig. 28 - Chegada das delegações argentina, uruguaia e chilena ao IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos, no Rio de Janeiro, em 1930. Fonte: Revista de Arquitectura de Buenos Aires, n. 116, 1930.

Fig. 29 - Foto de todas as delegações presentes ao IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos, em 1930. Fonte: Revista de Arquitectura de Buenos Aires, n. 116, 1930.

confirmação de uma hipótese central desta tese: havia trânsito de idéias entre os países americanos no que concernia às discussões acerca do ambiente construído.

Sobre esses congressos, *a priori*, deve-se informar que foram idealizados por um grupo de arquitetos uruguaios interessado em regulamentar a profissão naquele país. A gênese de tais eventos remonta a 1914, ano em que foi organizada a *Sociedad Central de Arquitectos del Uruguay*, pela mão de profissionais atuantes na primeira metade do século XX, como *Alfredo R. Campos, Alfredo Baldomir, Horacio Acosta y Lara*, dentre alguns outros. A iniciativa de regulamentação e de defesa dos profissionais da arquitetura, naquela nação, surtiu efeito, e foi colocada, pelo grupo fundador, como cabível e necessária aos outros países do continente americano. Como forma de garantir a implementação dessa discussão, este grupo uruguaio formulou a hipótese de reuniões sistemáticas que permitissem a participação das demais nações americanas, objetivando criar um movimento forte e coeso, capaz de pressionar as autoridades de cada nação no estabelecimento de normas federais voltadas ao resguardo das questões profissionais. Para tanto, o Uruguai estabeleceu, em 1916, o *Comité Permanente de los Congresos Panamericanos de Arquitectos*, que ficou locado, durante vários anos, em *Montevideo*, sob a direção do arquiteto *Horacio Acosta y Lara*, um dos expoentes da profissão naquele país.³⁹

■ 1.3.1 – “O Congraçamento dos Obreiros do Belo”

São poucos os livros de arquitetura e de urbanismo que tratam dos congressos Pan-americanos de Arquitetos. Um dos autores que se deteve, ainda que brevemente, nas contribuições dessas reuniões, foi Paulo Santos, em *Quatro Séculos de Arquitetura*. Mas Santos relata apenas alguns acontecimentos e algumas conseqüências do Congresso de 1930, ocorrido no Brasil (SANTOS, 1981). Em sua obra não são encontradas análises sistêmicas dos congressos, o que dificulta a compreensão da importância do próprio evento que o país abrigou. Hugo Segawa, em *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*, também não se deteve na análise das repercussões dos Congressos Pan-americanos, indicando, apenas, a participação de algumas personagens, como o engenheiro Flávio de Carvalho, na edição de 1930 (SEGAWA, 1999). Na obra de Yves Bruand, *Arquitetura Contemporânea no Brasil*, por sua vez, sequer são encontradas referências a esses eventos (BRUAND, 1991). Candido Malta Campos Neto, no livro *Os Rumos da Cidade: urbanismo e modernização em São Paulo*, de 2002, trata da participação de alguns profissionais brasileiros nos congressos, mas não se detém mais do que o necessário à sua narrativa, na análise da

³⁹ A função central desse comitê era estruturar a participação dos países das Américas nos congressos a serem realizados.



Fig. 30 - Abertura Oficial do V Congresso Pan-Americano de Arquitetos, no Rio de Janeiro, em 1930. Fonte: Revista de Arquitectura de Buenos Aires, n. 116, 1930.

contribuição desses eventos para a arquitetura e o urbanismo no Brasil (CAMPOS NETO, 2003). No âmbito acadêmico, pode-se citar a dissertação de mestrado da arquiteta Ana Lúcia Cerávolo, defendida no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, como uma breve contribuição à relevância de tais eventos, ao abordar a trajetória do arquiteto Paulo de Camargo e Almeida e sua participação no Congresso Pan-Americano de 1940 (CERÁVOLO, 2000).

A primeira tentativa de análise do escopo dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos parece ter saído da pena de Margareth da Silva Pereira, professora do PROURB da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu *Curriculum* disponível por meio da *Plataforma Lattes* indica que a pesquisadora abordou a questão no desenvolvimento de uma pesquisa intitulada *A Americanização da América: A ideologia Pan-Americanista e o seu Impacto na Forma Urbana do Rio e de São Paulo - 1900/1960*, encerrada em 2001, a qual parece ter gerado o artigo *O Pan-Americanismo e seu impacto na institucionalização do urbanismo no Brasil: 1920-1945*, apresentado no IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, em 1998, Rio de Janeiro. Entretanto, não foi possível encontrar o artigo em questão nos Anais do Evento. O contato com Pereira também não foi possível, mesmo após algumas tentativas, por sua presença na França, onde desenvolvia pesquisa de pós-doutorado. Por fim, este relacionamento com a pesquisadora acabou sendo abandonado por conta da viagem de estudos que se empreendeu aos Estados Unidos.

No âmbito latino-americano, também não foram encontradas muitas obras que tratem desse assunto, sendo, talvez, exceções, o artigo de *Alberto Gurovich*, *Conflictos e Negociaciones: la Planificación Urbana em el Desarrollo del Gran Santiago*, publicado na **Revista Urbanismo**, versão eletrônica mantida pelo Departamento de Urbanismo da *Universidad del Chile*, contudo, muito vago na análise desses eventos; e um breve texto, de *Ramon Gutierrez* sobre o tema, conforme declarou Hugo Segawa em conversa informal. Entretanto, as revistas de arquitetura publicadas no período de realização desses congressos, como a revista **Arquitectura e Construções** e a **Revista de Engenharia do Mackenzie**, de São Paulo; as revistas cariocas **Arquitectura no Brasil, Arquitetura e Urbanismo**, e a argentina **Revista de Arquitectura**, publicada pela *Sociedad Central de Arquitectos de Buenos Aires*, permitiram a obtenção de fontes documentais valiosas ao estudo dessas iniciativas. Junto delas, devem ser acrescentadas as fontes primárias encontradas na *University of Pennsylvania*, nos Estados Unidos, embora, neste país, outras publicações e/ou artigos versando sobre esses eventos não tenham sido localizados.

Devido à grande quantidade de informações que necessitam de análise, visando um melhor entendimento dos Congressos Pan-americanos de Arquitetos, optou-se, neste capítulo, por apresentar as discussões processadas nesses eventos de maneira bem sucinta, e de forma a mostrar o relacionamento entre os Estados Unidos e as demais nações americanas visando um melhor entendimento do Pan-Americanismo junto aos profissionais do espaço.⁴⁰

Dessa maneira, o que se depreende, de chofre, da análise dos documentos que tratam dos Congressos Pan-americanos de Arquitetos é que havia uma interpretação de Pan-Americanismo, entre seus participantes e idealizadores, próxima dos conceitos pelos quais o brasileiro Joaquim Nabuco e o argentino *Domingo Faustino Sarmiento* o entenderam. Tal afirmação é corroborada pelo editorial da revista ***Architectura no Brasil***, de setembro de 1923. Tal texto, a seguir transcrito, é singular na explicitação dos objetivos ideológicos do II Congresso Pan-Americano de Arquitetos, então, em curso, em Santiago do Chile:

“Reune-se pela segunda vez em nosso continente o Congresso Pan-Americano de Architectos, cujo promissor inicio realizou-se ha tres annos passados na linda cidade de Montevideo, capital do nosso vizinho amigo o Uruguay. (...) O Brasil, como um dos grandes membros da grande familia americana, congratula-se com os demais paizes amigos pela realização desse congraçamento de obreiros do bello, no qual se reúnem debaixo do mesmo palio fraternal da paz e trabalho, os principaes architectos americanos, portadores de idéas e principios, cuja utilidade para o engrandecimento da architectura em nosso continente excuzamo-nos de enaltecer. (...) Para governo de uma profissão, as resoluções dos congressos internacionaes não eram o sufficiente. Além das sabias lições adquiridas no convívio com o meio selecto de architectos da velha Europa, nesses magnos torneios de arte, algo de mais especializado e absolutamente restricto ao meio ambiente da America necessitavam os nossos architectos, porque ha sempre uma mesma lei moral de harmonia que nos irmana e engrandece, baseada em um novo ideal altamente de solidariedade humana” (ARCHITECTURA NO BRASIL, 1923: 141).

Deve-se ter em mente, ainda, o fato de que os Congressos Pan-americanos de Arquitetos tinham como línguas oficiais o espanhol, o português, mas também, o inglês e o francês, em decorrência de dois dos países da América do Norte – Estados Unidos e Canadá – falarem tais idiomas. Esta simples detecção permite perceber um ideal de reunião que pretendia facilitar o intercâmbio do conhecimento entre as Américas. Contudo, ao se analisar os Anais de tais encontros, percebe-se um certo predomínio na participação de profissionais da América do Sul, como Argentina, Uruguai, Chile e Brasil, seguidos, em menor número, por participantes da Colômbia, da Venezuela, do Peru, da América Central e do Caribe, como Cuba. Com relação aos Estados Unidos, deve-se apontar que sempre suas delegações foram formadas por um número muito pequeno de delegados, não chegando a se constituírem, numericamente, em um

⁴⁰ É possível encontrar interpretações mais detidas e profundas em dois outros artigos publicados pelo autor. Um deles se chama *Profissão, Estilo e Causa: um olhar sobre os Congressos Pan-americanos de Arquitetos*, contido nos **Anais** do 7º seminário de História da Cidade e do Urbanismo, ocorrido em Niterói, em 2004; e *Os Debates sobre Habitação nos Congressos Pan-americanos de Arquitetos*, apresentado e publicado nos **Anais** do XI Encontro Nacional da ANPUR, ocorrido em Salvador, em 2005.

grupo hegemônico em nenhuma dessas reuniões. Com relação ao Canadá, sabe-se de sua participação, pela primeira vez, no IV Congresso, ocorrido no Rio, mas, mesmo assim, por representação do arquiteto escocês *Robert Prentice*, atuante na antiga capital federal do Brasil, membro de uma sociedade de classe daquele país⁴¹ (REVISTA DE ARQUITECTURA, 1930).

Posto isto, torna-se premente mostrar quais foram os temas centrais debatidos em cada uma das cinco primeiras edições dessas reuniões. A primeira edição dos Congressos Pan-americanos ocorreu em *Montevideo*, em 1920, sob a presidência do arquiteto *Horacio Acosta y Lara*. Sabe-se que a idéia original do *Comité Permanente de los Congresos Panamericanos de Arquitectos* era ter realizado este evento logo após a constituição da *Sociedad Central de Arquitectos* daquele país, mas, segundo carta encontrada nos arquivos do *Professor Warren Laird*, da *University of Pennsylvania*, tal iniciativa foi postergada, algumas vezes, em função da Guerra Mundial que grassava na Europa, e conseqüentemente, das dificuldades de viagens pelo Atlântico (CARTA DE H. ACOSTA Y LARA A W.P. LAIRD, 12 set 1919).

Da leitura das conclusões deste primeiro congresso transparece a idéia central da reunião que era a de lutar e estimular a promulgação e a sanção de leis que regulamentassem a profissão de arquiteto em cada país americano, como já insinuava a criação do *Comité Permanente*, no Uruguai. Nesse sentido, fica claro que o primeiro congresso procurava dialogar com os poderes centrais de cada país, entendidos como os responsáveis diretos por oficializar as conclusões obtidas no evento. Tal diálogo também incorporava a colaboração norte-americana, já que o *American Institute of Architects* era conhecido no continente todo, e alguns alunos formados na *University of Pennsylvania* – Penn - possivelmente já haviam indicado esta conexão, como por exemplo, *Francisco Squirru*, arquiteto formado em 1915 e delegado oficial da *Penn*, nesta primeira reunião, bem como na segunda também (CARTA DE F. SQUIRRU A W.P. LAIRD, 2 dec 1919).

O Segundo Congresso foi realizado em Santiago do Chile, em 1923, tendo sido presidido pelo arquiteto *Ricardo González Cortés*. O que se depreende, de imediato, de suas conclusões, é a necessidade de estudo e de entendimento sobre o urbanismo em todas as Escolas de Arquitetura da América. Aparece, ali, também, o debate acerca da conservação dos monumentos históricos dos países latino-americanos, atitude que antecipou a discussão e a criação de vários serviços com essa finalidade nos países participantes, como por exemplo, no Brasil.⁴²

⁴¹ Essa representação foi possível por causa do *Commonwealth*, que igualou as atribuições profissionais dos arquitetos da Grã-Bretanha aos do Canadá.

⁴² O Brasil teve seu Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN - constituído apenas em 1937, muito embora, outras iniciativas locais já fossem existentes desde a década de 1920 (RODRIGUES, 2000: 13).

O terceiro encontro, o primeiro que, de fato, contou com a presença de um grande número de participantes, ultrapassando a centena, ocorreu em *Buenos Aires*, tendo sido presidido pelo arquiteto *Raul E. Fitte*. Nessa edição dos Congressos Pan-Americanos a questão do ensino nas Escolas de Arquitetura foi uma das pautas centrais, deslocando o debate persistente sobre a questão da proteção aos profissionais, para a que incidia sobre “*qual profissional se queria ver formado*” na América. Contudo, é neste Congresso que aparecem, pela primeira vez, teses específicas sobre qual seria o destino da arquitetura com a proliferação da “*vertente moderna*”.

Este Congresso contou com a presença de *Warren Powers Laird*, que apresentou uma tese sobre o ensino de arquitetura na América do Norte, e, em especial, na Penn. Ao seu lado estavam antigos alunos, como *Christiano das Neves* e o próprio *Francisco Squirru*, que, nesta ocasião, desempenhava a função de Secretário Geral do Terceiro Congresso Pan-Americano de Arquitetos (CARTA DE F. SQUIRRU A W.P. LAIRD, 09 set 1927).⁴³

O Congresso seguinte foi organizado pelo Brasil, e aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1930, sob a presidência do arquiteto *Nestor Egydeo de Figueiredo*. Das reportagens sobre esse encontro, depreendem-se as noções de nacionalismo que vigoravam naqueles anos, em cada país participante, e, sobretudo, no país anfitrião. Mas puderam ser sentidas, também, as repercussões positivas e negativas acerca da arquitetura e do urbanismo modernos, bem como da metropolização das cidades da América do Sul. Nesta edição dos Congressos Pan-Americanos decidiu-se que Havana, em Cuba, seria a organizadora do próximo encontro, agendado para 1933, seguindo, naquela altura, uma costumeira estrutura trienal.⁴⁴ Contudo, problemas políticos e econômicos deflagrados pelo *crack de Wall Street*, em 1929, levaram a ilha a sofrer forte recessão e a não conseguir viabilizar a realização dos encontros, embora propagandas sobre ele tenham chegado a ser veiculadas em diversos periódicos, em 1931 (REVISTA DE ARQUITECTURA, 1931, n.129:478). Com a suspensão do Congresso de 1933, em Cuba, houve uma interrupção de dez anos nos encontros, os quais, por fim, acabaram sendo realizados novamente em *Montevideo*.

Assim, o Quinto Congresso Pan-Americano de Arquitetos tomou curso no Uruguai, em 1940, tendo sido presidido pelo arquiteto *Daniel Rocco*. O evento lá acontecido fechou um ciclo de vinte anos, permitindo a leitura de uma discussão muito interessante sobre temas sociais, quer seja sobre a resolução do crescimento

⁴³ Em um artigo de 1928, um professor norte-americano, em regresso aos Estados Unidos escreveu que havia grande possibilidade do 5º Congresso Pan-Americano de Arquitetos acontecer naquele país, “*confirmando o verdadeiro caráter daqueles eventos*” (LAIRD, 1928: 152).

⁴⁴ A sugestão de Cuba como lugar do evento partiu de *Francisco Prestes Maia*, na Assembléia de Encerramento do IV Congresso, no Rio (REVISTA DE ARQUITECTURA, 1930, n.116: 501).

desordenado das cidades, quer seja sobre o problema habitacional da população de baixa renda, ou, ainda, sobre a necessidade de se lutar por fundos de aposentadoria para os arquitetos. A discussão que começou em *Montevideo*, em 1920, tendo como base a regulamentação da profissão dos arquitetos, retornou à mesma cidade com temas que pareciam indicar, se não uma mudança nas suas atividades profissionais, ao certo, uma ampliação do entendimento da própria profissão, mediante a possibilidade de discussão e amadurecimento proporcionados pelos congressos.

A persistência sobre a questão da organização dos arquitetos quer seja em órgãos profissionais, quer seja por meio de seus trabalhos em instituições universitárias, permitiram verificar que os Congressos Pan-Americanos foram, ao longo de suas primeiras edições, fóruns privilegiados para a troca de experiências e para a assimilação de modelos diversos, sobretudo dos advindos dos Estados Unidos. Corroborando com uma melhor compreensão deste fenômeno de contato com os Estados Unidos, apresentam-se, na seqüência, algumas considerações.

No continente americano, apenas os Estados Unidos tinham órgãos centrais devotados à luta e a organização da classe arquitetônica até 1914, ano em que foram idealizados os Congresso Pan-Americanos de Arquitetos. O Canadá, por suas ligações com a *Commonwealth*, valia-se de regras e legislações britânicas na condução de suas escolas de arquitetura e no seu dia-a-dia profissional. Entretanto, os Estados Unidos haviam desenvolvido, ainda no século XIX, uma instituição própria, a qual alcançava grande notoriedade no país, mostrando às demais nações americanas as vantagens daquele formato de órgão na luta pelos direitos profissionais.

O *American Institute of Architects*, mais conhecido pela sigla *AIA*, foi criado em 1857,⁴⁵ em *New York*, por um grupo de 13 profissionais envolvidos com o setor da construção civil. Como não havia naquela época nenhuma escola de arquitetura oficialmente constituída nos Estados Unidos, os profissionais ali reunidos com o fim de “*promover o aperfeiçoamento científico e prático da profissão*”, eram carpinteiros, pedreiros e construtores (AIA, 2007). Esta foi a primeira iniciativa, pelo que sabe, destinada a promover uma aproximação dos profissionais ligados ao mundo arquitetônico, nas Américas, o que atraiu grande atenção, não apenas do próprio país em expansão territorial naqueles anos, mas, também, de todo o continente.

⁴⁵ Alguns autores, como CODY (2003) e NOBLE (1979), consideram 1867 como a data oficial de fundação do AIA.

A trajetória de consolidação do AIA, nome que, por sinal, veio a substituir a primitiva designação de *New York Society of Architects*, pode ser dividida em dois períodos. Durante mais de uma década os membros fundadores se reuniram apenas em *New York*, discutindo textos, assistindo a palestras, confeccionando maquetes e promovendo interação social. Naquela época, participavam um pouco menos de trinta pessoas. Contudo, em 1867, os estatutos da entidade foram emendados de forma muito interessante. Naquele ano foi acrescentada ao órgão a função de “*unir fraternalmente*” os arquitetos do continente norte-americano e de “*promover o desenvolvimento artístico, científico e prático da profissão*” (AIA, 2007). Por “*continente*” entendeu-se, naquela ocasião, apenas a América do Norte, tendo havido a sugestão, inclusive, de que os “arquitetos” do México e do Canadá fossem convidados a participar, o que, entretanto, não aconteceu, especialmente depois dos incidentes como a anexação de territórios outrora pertencentes ao México pelos estadunidenses, o que rendeu antipatias recíprocas entre os dois países, desde meados do século XIX. Em plena época de “*Corrida para o Oeste*” o Instituto acabou por entender o “*continente*” como formado apenas por novos territórios descobertos e por estados que iam se acrescentando, sucessivamente, à União Federal Norte-Americana. Dessa forma, houve a fundação de muitos “*Chapters*” (Sessões) naquele ano e nos posteriores, dando origem à estrutura federalizada do AIA, cuja a sede encontrava-se em *Washington D.C.*, tal qual a do poder federal estadunidense.

Uma característica importante a ser apontada com relação ao AIA é o fato de que seus membros, em princípio, tinham de ser *arquitetos-práticos*. Com a criação das escolas de arquitetura a partir de 1868⁴⁶ e com a conseqüente emergência do *arquiteto-intelectual*, o AIA foi forçado a criar categorias diversas para os seus sócios, a partir dos anos 1880.⁴⁷ Isso permitiu, inclusive, que arquitetos nativos dos Estados Unidos, mas residentes em outros países, pudessem vir a se associar ao AIA, tornando-se *Honorary Corresponding Members*. Dentro do cenário norte-americano, os *arquitetos-intelectuais*, ou, como denominam os norte-americanos, *non-practitioners*, eram recebidos como *Honorary Members*, e tinham atribuições profissionais restritas, principalmente porque lhes era vedada a atividade prática sem alteração de seu *status* junto à entidade (AIA, 2007).

Segundo *Jeffrey Cody*, em seu livro ***Exporting American Architecture: 1870 - 2000***, a presença de arquitetos americanos trabalhando fora do país, fenômeno verificado desde os oitocentos, levou este Instituto a criar, em 1920, uma comissão interna denominada de *Foreign Building Cooperation Standing Committee*, que vigorou com força, até a Grande Depressão, iniciada no fim dos anos 1920. Este comitê

⁴⁶ Em 1868 se criou o *Massachusetts Institute of Technology*. Anos depois, surgiram os cursos de *Cornell*, em 1871, da *University of Illinois*, em 1873, da *University of Pennsylvania*, em 1874 e da *Columbia University* em 1881.

⁴⁷ O surgimento das academias devotadas à educação formal de arquitetos, entretanto, parece ter sido, de certa forma, uma derrota obtida pelo órgão, já que o AIA almejava a constituição de uma Escola Central de Arquitetura, aos moldes da *École de Beaux-Arts* de Paris, sob seus auspícios. Em certo sentido, contudo, as discussões processadas dentro do AIA sobre os modelos de educação a serem aplicadas na formação do arquiteto americano foram incorporadas por *Robert Ware*, o fundador do *Massachusetts Institute of Technology* e membro ativo do AIA (AIA, 2007).

vinha efetivar os esforços de contato mantido pelo AIA com muitos *practitioners* que já trabalhavam na América Latina, considerada pelo Instituto como uma das principais regiões do Globo, ao lado da Ásia, a merecerem especial atenção do setor da construção civil norte-americana. *Cody* cita, por exemplo, que em 1914 haviam quatro arquitetos ligados ao AIA com endereço fora dos Estados Unidos: *J. Edward Campbell*, na *Ciudad del México*; *William Cresson*, em *Quito*; *Antonio Nechodoma*, em *San Juan (Puerto Rico)* e *Clinton Ripley*, em *Honolulu* (CODY, 2003: 59). Antes de 1914 era possível detectar, ainda, *Alfred Zucker*, em Buenos Aires, considerado o introdutor da tecnologia americana do *Steel Frame* (estrutura metálica) na Argentina (CODY, 2003: 59). Durante a Primeira Guerra Mundial, *Jeffrey Cody* informa que se encontrava *Louis N. Thomas*, em Buenos Aires, o qual detinha o título de *Honorary Corresponding Member* do AIA, por ali residir (CODY, 2003: 60). No Brasil, *John Pollock Curtis* e *William Procter Preston* também eram *Honorary Corresponding Members* do AIA, e residiam no Rio de Janeiro, onde haviam ajudado a fundar e participavam do *Instituto Central de Arquitetos* daquela cidade, em 1921 (ATIQUE, 2006). Junto desses nativos, residentes no estrangeiro, o AIA começou a expedir títulos de *Honorary Membership* aos arquitetos ligados aos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos. Em documento datado de 19 de novembro de 1927, o AIA ponderava que fora os títulos concedidos ao arquiteto *Horacio Acosta y Lara* por ocasião do Primeiro Congresso Pan-Americano de Arquitetos, ocorrido no Uruguai, como, também, aos aos arquitetos chilenos *Morales* e *Cortez*, o órgão, “em reconhecimento da crescente importância das relações intercontinentais, evidenciadas fortemente, em dimensão, escopo, e sucesso”, por meio do Terceiro Congresso Pan-Americano de Arquitetos, transcorrido em *Buenos Aires*, recomendava a expedição de certificados de membros honorários a três dos líderes daquele evento, a saber: *Raul E. Fitte*, *Alberto Coni Molina* e *Francisco Squirru* (UNIVERSITY ARCHIVES, LAIRD PAPERS, 1927).

Convém apontar, ainda, quais foram as principais conquistas alcançadas pelo AIA na regulamentação da profissão nos Estados Unidos para que se observem as semelhanças entre aquele país e as demais nações americanas no trato desta questão. Logo em 1866 o AIA criou um modelo de contrato a ser usado por todos os associados no seu relacionamento com a indústria da construção civil. Como informa o *sítio eletrônico* do Instituto, este modelo de contrato ajudou a mostrar ao país o que “*era um arquiteto e o que ele fazia*” (AIA, 2007). O segundo importante documento elaborado pelo AIA explicitava que qualquer concurso visando a construção de um edifício deveria contar com um arquiteto no júri, além de ser aberto à participação de diplomados em arquitetura e com registro do AIA apenas. O mesmo documento mostrava

que o planejamento urbano era atividade a ser desenvolvida somente pelos arquitetos (AIA, 2007). Estes documentos possibilitaram a constituição de uma profissão coesa, e evitou, ao longo do tempo, com que papéis profissionais diversos, como do engenheiro e do arquiteto, fossem confundidos, como ocorre, ainda hoje, no Brasil. Entretanto, foi necessário criar uma *licença de construtor* para que os formados em Arquitetura pudessem vir a atuar na sociedade, restringindo, assim, ainda mais, a ação de construtores dentro do campo delimitado pelo AIA, o que redundou na criação de um grupo seletivo de membros, facilmente identificável, no instituto.

Nas escolas de Arquitetura a presença do AIA sempre foi notória por meio da atuação dos professores a ele vinculados, os quais inculcavam, nos alunos, a meta de pertencimento àquela organização de classe como fator distintivo. Mesmo entre os estudantes de procedência estrangeira tal propaganda surtia efeito. Dessa forma, alunos advindos de países como Argentina, México, Chile e Brasil reputavam ao AIA um elevado grau de respeito. Muitos alunos egressos das escolas de arquitetura norte-americanas, sobretudo da *University of Pennsylvania*, não só acabaram por se tornar membros do AIA, como foram figuras-chave para a realização dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos e, conseqüentemente, para o estabelecimento dos órgãos de classe em seus diversos países, como Squirru, já citado, comprova.

A relação entre o *American Institute of Architects* e os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos encontra-se ainda muito velada, muito embora a pesquisa de doutoramento processada junto à *University of Pennsylvania*, nos Estados Unidos, por meio de uma *Bolsa Sandwich* concedida pela CAPES, tenha permitido encontrar documentos muito importantes, comprobatórios deste contato. No que concerne a esta tese, deve-se dizer que não se sabe se a formação do grupo uruguaio visando a constituição de sua *Sociedad Central de Arquitectos* foi inspirado no AIA, mas pode-se afirmar que este órgão estadunidense foi consultado, diversas vezes, pelo *Comité Permanente de los Congresos Panamericanos* quando da montagem dos primeiros eventos desses profissionais, e que as correspondências entre os líderes das associações de classe já formadas no continente, era prática constante.

Um relatório encaminhado ao AIA pelos delegados norte-americanos que participaram do Segundo Congresso Pan-Americano de Arquitetos, ocorrido em Santiago do Chile, em 1923, mostra quais foram as detecções feitas pelos “*olhos americanos*” acerca da América Latina:

“Não há dúvida de que a questão emergirá: quais são as oportunidades, na América do Sul, para arquitetos dos Estados Unidos? A resposta é uma das mais difíceis, e envolverá uma longa discussão, maior do que o espaço aqui permitirá. Em todo caso (...) 1. O código de ética sob o qual a prática da arquitetura se dá na América do Sul é totalmente diferente do nosso. Em muitos casos o arquiteto e o construtor são a mesma pessoa. (...) 2. A ética dos concursos é igualmente diferente. Nós encontramos um aprofundado interesse por nossos métodos. 3. Nossos conceitos são absolutamente diferentes dos deles, o que torna impossível, para um norte-americano, tomar conhecimento apropriado dos problemas sul-americanos, até que ele fixe residência ali, não por uma semana ou um mês, mas tempo o suficiente para aprender a língua e apreender os ângulos mentais de abordagem deles. Aqui, novamente, descortina-se o argumento sobre o intercâmbio de estudantes. Não resta dúvida de que há um rápido ‘desobstruir mental’ acerca dos ideais norte-americanos de arquitetura, assim como em outras coisas, os quais têm proporcionado uma maior demanda e um efetivo incremento da população estadunidense morando na América do Sul. (...) Nós acreditamos que, com o tempo, muitas associações agradáveis e úteis poderão ser efetivadas por arquitetos norte-americanos na América do Sul, e por arquitetos sul-americanos, na América do Norte. Consideramos isto um resultado de grande interesse para nossos jovens” (AIA FOREIGN RELATION COMMITTEE, FOLDER 8, citado por CODY, 2003: 60).⁴⁸

Este relatório foi escrito pelos arquitetos *William Plack* e *Frank Watson*, ambos atuantes na *Philadelphia*, por requisição de *William Faville*, o presidente do AIA, naquela época. O relatório dos norte-americanos⁴⁹ demonstra que havia a intenção de aprofundar a presença estadunidense no setor da construção civil, mas, também no de projetos, por toda a América. A explicitação de diferenças de ação, por parte dos relatores, nos diversos países com os quais tomaram contato no Congresso, mostrou a necessidade de se pensar em um sistema de educação que aproximasse as Escolas de Arquitetura do continente, de forma a dirimir as barreiras profissionais. Outra intenção que transparece do relatório de *Plack* e *Watson* diz respeito ao grande interesse no estabelecimento de concursos, sobretudo de concursos públicos, na América Latina, o que não era prática corrente naqueles anos. Como se nota, apesar de terem sido apenas dois arquitetos nativos dos Estados Unidos participando do evento, o crescente interesse acerca dos métodos construtivos norte-americanos e as soluções de arranjo profissionais dadas pelo AIA chamaram a atenção dos congressistas.

Foi possível constatar, ainda, o papel de “modelo” que era atribuído ao AIA, pelos sul-americanos. Em carta datada de datada de 15 de dezembro de 1927, a comissão organizadora do Terceiro Congresso agradecia ao Professor *Warren Powers Laird*,⁵⁰ diretor da *Fine Arts School* da *University of Pennsylvania*, e delegado oficial daquela instituição, o envio de folhetos acerca daquele órgão de classe ao *Comité Permanente de los Congresos Panamericanos*. O envio de folhetos sobre a estrutura de organização do AIA havia sido solicitado em carta de 7 de novembro daquele ano, meses após o encerramento do

⁴⁸ No original: “No doubt the question will arise – what are the opportunities in South America for architects from the U.S? The answer is most difficult one, and would involve a much longer discussion than the space allotted will permit. However (...) 1. The ethical code under which the practice of architecture is conducted in South America are [sic] totally different from ours. In most cases the architect and the builder are the same individual. (...) 2. The ethics of competition are as yet unsettled. We found a keen interest in our methods. 3. Our conceptions are so absolutely different that its impossible for the North American architect to have anything like the proper understanding of South American problems, until he takes up residence there, not of a week or month, but sufficiently long to acquire the language and the mental angles of approach. Here again looms up the argument of

the interchange of the students. There is no doubt that there is a rapidly increasing open-mindedness towards North American ideas in architecture as well as other things, which is creating a demand and adding to this we have the ever-growing North American population living in South America. (...) We believe that in time many agreeable and profitable associations may be affected by North American architects in South America, and by South American architects in North America. We consider this a matter of great interest to our young men”

⁴⁹ De fato, a menor delegação a participar daquele evento era a norte-americana, que era oficialmente formada por *Watson* e *Plack* como delegados do AIA, e por *Francisco Squirru*, argentino formado pela Penn, em 1915, e delegado

Terceiro Congresso Pan-Americano (UNIVERSITY ARCHIVES, LAIRD PAPERS, 1927). Nos Estados Unidos, Laird encaminhou a solicitação ao AIA que remeteu os panfletos desejados a *Buenos Aires* (CARTA DO AIA A A.C. MOLINA, 7 Nov 1927). Esta troca de correspondência deixa clara a relação constante entre os Estados Unidos e as demais nações americanas, neste setor profissional. Deve-se perceber, então, que havia uma rede formalmente constituída entre os arquitetos e seus órgãos por todo o hemisfério. Não só o AIA conhecia, arrebanhava e acompanhava os profissionais nascidos nos Estados Unidos, ao redor do mundo, como estimulava os latinos a irem estudar naquele país. Uma das explicações para isso se dava por conta da Comissão dedicada à Cooperação Internacional do AIA, criada nos anos 1920 para facilitar a difusão das técnicas, princípios e estéticas estadunidenses pelas Américas, ampliando as possibilidades de trabalhos profissionais dos americanos.

Com relação à educação superior em Arquitetura deve-se notar que a presença de *Warren Laird* neste evento de 1927, não apenas garantiu, mais uma vez, a participação efetiva dos Estados Unidos da América, como foi revestida de interesses particulares da *University of Pennsylvania*. Laird encaminhou a todos os ex-alunos sul-americanos da *Fine Arts School* da Penn cartas informando sobre sua participação no Congresso, e requisitando, se fosse possível, que eles fossem encontrá-lo em *Buenos Aires*, ou nas escalas de seu vapor, no Rio, em Santos e em *Montevideo* (UNIVERSITY ARCHIVES, LAIRD PAPERS, 1927). *Laird* esperava encontrar seus antigos alunos para conhecer suas produções locais e, também, se inteirar das condições profissionais dessas cidades. No Brasil, cartas foram encaminhadas para Christiano Stockler das Neves, residente em São Paulo; a Edgard Pinheiro Vianna, *John Pollock Curtis* e *William Procter Preston*,⁵¹ moradores do Rio de Janeiro. Nos arquivos da Penn foi possível encontrar uma carta de Christiano das Neves, em resposta a esta de *Laird*, celebrando a passagem do Diretor de sua antiga escola, pelo Brasil. Neste documento, ele demonstrou seu interesse em conversar longamente com o norte-americano, em *Buenos Aires*, para onde também se dirigia para participar do III Congresso Pan-Americano de Arquitetos, entre 1 e 10 de julho de 1927 (CARTA DE C.S. DAS NEVES A W.P. LAIRD, 1927 – LAIRD PAPERS). Sabe-se que Neves se encontrou com *Laird* em *Buenos Aires*, onde também manteve contato com *Francisco Squirru*, e com *Renato Thierry*, graduado em 1919. Os demais alunos residentes no Brasil se encontraram com *Laird* no Rio de Janeiro, e promoveram uma excursão para que ele apreciasse a paisagem local (LAIRD, 1928: 157).

No Congresso, Laird apresentou um *paper* denominado *O Princípio Seletivo na Educação Arquitetônica*:

constituído por aquela casa para o evento, tal qual acontecera em 1920, no I Congresso (UNIVERSITY ARCHIVES, LAIRD PAPERS, 1928). O evento contou, no total, com 65 arquitetos de vários países. Deve-se apontar a não participação do Brasil no evento, causada por trâmites burocráticos entre a Embaixada do Chile que remeteu as convocações ao Instituto de Engenharia no Rio de Janeiro, impedindo a organização da delegação brasileira em tempo hábil.

⁵⁰ Sobre a *University of Pennsylvania* – Penn - e *Warren Powers Laird*, consultar o capítulo 3 desta tese.

⁵¹ Todos estes ex-alunos da Penn, com residência no Brasil, serão estudados profundamente no capítulo 3, desta tese.

uma proposta pela *University of Pennsylvania*⁵² (UNIVERSITY ARCHIVES, LAIRD PAPERS, 1927). Neste texto, Laird discursou sobre o novo formato de ensino recém-inaugurado na Penn, tentando mostrar como os Estados Unidos se adequavam às necessidades daquela década (LAIRD, 1927). Um colega seu, delegado enviado pela *Associate Collegiate Schools of Architecture, Professor Parker*, apresentou dois outros artigos versando sobre Concursos de Arquitetura e a Prática da Construção nos Estados Unidos (LAIRD, 1928: 154).

Esta mesma viagem foi registrada por *Laird* em um outro artigo produzido para a revista da *University of Pennsylvania*, denominada ***General Magazine and Historical Chronicle***, publicada em janeiro de 1928. Neste artigo, de nome, *Our Sister Continent*, Laird descreveu, no formato de uma crônica, sua “aventura pelas Américas”, mostrando grande admiração pela paisagem “exótica” da América do Sul, um continente [sic] irmão até então, desconhecido por ele integralmente. Neste artigo, também expôs sua surpresa pela detecção da falta de muitos avanços tecnológicos em termos de construção civil e de equipamentos domésticos, como a calefação, que o fez “sentir o pior frio de sua vida”, em *Buenos Aires* (LAIRD, 1928: 156). Com relação ao Brasil, *Laird* teceu comentários sobre o Rio de Janeiro, já que a cidade assumia “peculiar proeminência” entre as cidades sul-americanas (LAIRD, 1928: 156). Segundo ele, isso ocorria “por conta de provocar na mente do turista tamanha força dramática pela extraordinária beleza de sua implantação, merecidamente famosa” tornando-a inesquecível (LAIRD, 1928: 156).

Com a participação de *Laird* no Terceiro Congresso Pan-Americano de Arquitetos, ampliou-se uma via que veio a ser intensamente usada na divulgação de muitos aspectos do mundo americano. Esta conexão pôde ser mais enfatizada, ainda, no Congresso de 1930, transcrito no Rio de Janeiro. Aproximadamente quatro meses antes do início deste evento, uma entrevista concedida pelo Presidente da Comissão Organizadora do Congresso, Nestor Egydeo de Figueiredo, ao Jornal carioca ***A Noite***, e transcrita para o espanhol pela ***Revista de Arquitectura de Buenos Aires***, mostrou o grau de intimidade dos organizadores da reunião com os Estados Unidos. Disse Figueiredo na entrevista:

“O Dr. Rowe, diretor da ‘União Pan-Americana’, com sede em Washington, tem estado em constante comunicação com nosso Comitê, e sabemos que o Congresso tem despertado grande interesse nos Estados Unidos. Por essas comunicações e pelas do ‘American Institute of Architects’ teremos a certeza de que as figuras mais representativas da Arquitetura da Grande República do Norte estarão presentes em junho, trazendo para maior significação de nossas deliberações, a admirável soma de conhecimentos do gênio americano em urbanismo e em edificação. Nos informa, também, o arquiteto Kenneth M. Murchison, presidente

⁵² O título original é: *The Selective Principle in Architectural Education: a proposal by the University of Pennsylvania*.

⁵³ *John Galen Howard* (1864-1931) foi dono de um importante escritório de Arquitetura em *San Francisco*, desde o último quartel do século XIX, onde se empregou a primeira mulher americana a se formar em arquitetura na Europa, *Julia Morgan*. Praticante de uma arquitetura recuperadora de elementos latinos, visitou o Brasil algumas vezes, e parece ter mantido relação íntima com alguns arquitetos locais, em um intercâmbio de idéias que ainda está por ser melhor explorado. Foi o arquiteto que concebeu o Campus de *Berkley* da *University of California*, ao lado de *Morgan*. Nesta Universidade foi o fundador e diretor da *School of Architecture at the University of California* por anos Disponível em www.ucmex.us.ucr.edu. Acesso em 31 de março de 2007).

da seção de Relações Exteriores daquele Instituto, que as Universidades americanas serão representadas por delegações de professores e alunos. (...) O professor John Galen Howard, veneranda figura de mestre e um dos arquitetos de fama mundial reconhecida, grande amigo do Brasil,⁵³ desenvolve nas costas do Pacífico uma intensa propaganda de nossa pátria e de nosso Congresso. A Universidade da Califórnia, na qual ele é professor, já designou sua delegação, da qual toma parte o ilustre professor” (A NOITE, 28/02/1930).⁵⁴

O trecho acima mostra como havia, também no Brasil, contato do AIA com as mais proeminentes figuras do cenário arquitetônico do país. A lista de nomes de norte-americanos, citada por Nestor Figueiredo, deixa explícito o interesse dos Estados Unidos pelo evento, algo que, como nos Congressos anteriores, perpassava as salas do *Pan American Union Building*, sede da União Pan-Americana. Contudo, em 19 de junho, na abertura dos trabalhos do IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos, a delegação norte-americana parece ter sido bem menor do que esperava Figueiredo. A mesma era composta por três membros: *Carl Ziegler*, *John Pollock Curtis* e *William Procter Preston*, estes dois, residentes no Rio de Janeiro. Não havia menção a nenhuma delegação especial de nenhuma universidade norte-americana, nem da Penn, nem da *California*, como poderia se esperar. Tampouco havia citações à efetiva participação de *Curtis* e *Preston* no evento, que ficou, de fato, restrito à atuação de *Ziegler*, e a uma recepção efusivamente preparada pelo Embaixador dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, *Mr. Morgan*, aos congressistas (REVISTA DE ARQUITECTURA, 1930, n. 116: 473).

Embora a presença norte-americana tenha sido reduzida, ela encontrou importância, sobretudo na discussão acerca dos arranha-céus como modelo válido a todas as Américas. Presidindo a Comissão de análise das teses que versavam sobre o tema, *Ziegler* era visto como a pessoa com mais intimidade neste tema, já que para muitos participantes do evento, os arranha-céus eram fenômenos típicos dos Estados Unidos.

No Congresso de 1940, dois membros da delegação norte-americana também foram escalados para participarem de dois temas intimamente ligados mundo norte-americano: *Julian Clarence Levi* foi conduzido à presidência da Comissão de número 3, encarregada de discutir os *Concursos Públicos*, e *George Harwell Bond*, trabalhou como vice-presidente na sessão que analisou os *Auxiliares Especialistas em Obras de Arquitetura* (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 95). Ademais, muitos outros temas inerentes aos Estados Unidos foram tratados neste congresso, bem como em suas outras edições. Para maior conhecimento das questões discutidas tendo como referências os Estados Unidos, convém analisar quais foram algumas possíveis “lições americanas” avaliadas nos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos.

⁵⁴ Também publicado em *Revista de Arquitectura*, publicada pela *Sociedad Central de Arquitectos de Buenos Aires*, 1930, n. 112: 320 – abril.

1.3.2 – Algumas Lições “Americanas” dos Congressos Pan-Americanos

Algo extremamente valioso para a compreensão da história da profissão, e que pode ser notado nos Congressos Pan-americanos de Arquitetos, é a capacidade de análise, por parte de seus Comitês Organizadores, das conjunturas da época em que cada evento ocorria, as quais estão refletidas na escolha das temáticas de cada reunião. Logo no Primeiro Congresso puderam ser discutidos temas como: *“Transformação, desenvolvimento e embelezamento da cidade de tipo predominante na América”*; *“Materiais de Construção peculiares a cada país da América – meios adequados para difundir o conhecimento de sua natureza e emprego em todo o continente”*; *“Casas baratas urbanas e rurais na América”*, além dos que tratavam especificamente da questão do entendimento profissional, como: *“Convém regulamentar o exercício da profissão de Arquiteto?”*; *“Meios de se obter maior cultura artística do público para uma melhor compreensão da obra arquitetônica”* e *“Responsabilidade Profissional do Arquiteto”*, dentre outros (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940). Todas estas discussões já haviam ocorrido nos Estados Unidos, dentro do AIA, ainda no século XIX, e acabaram sendo processadas em outros órgãos profissionais durante o século XX.

Do ponto de vista da regulamentação da profissão, as conclusões do I Congresso Pan-americano de Arquitetos estabeleciam noções que, de certa forma, passaram a ser defendidas pelos arquitetos brasileiros, mesmo antes da oficial regulamentação da profissão pelo governo Vargas, na década de 1930.⁵⁵ Para tanto, é interessante cotejar as definições de *“arquiteto”*, extraídas do material que trata dessas cinco primeiras edições desses congressos, e notar que, muito embora a noção de arquiteto como *“homem das artes”*, típica da tradição *Beaux-Arts* não tenha desaparecido por completo, novos entendimentos foram surgindo, acoplando-se a ela. As conclusões oficiais desse primeiro evento diziam que o arquiteto era *“o profissional que possui todos os conhecimentos jurídicos e econômicos, necessários para projetar as obras de arquitetura e fazê-las executar sob sua direção”* (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 14); o arquiteto era, também, o profissional habilitado

“para melhorar a estética das cidades, desenvolver a cultura geral, para obter um critério definido nas condições de nossas vivendas que tanta influência têm na saúde física e moral do povo, para assegurar a beleza, segurança e higiene de toda a espécie de edifícios” (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 14).

A noção de que a atividade do projeto era distinta daquela da construção, podendo, em todo caso, ser

⁵⁵ Merece destaque o fato de que o Brasil talvez tenha colaborado neste quesito, uma vez que desde 1911 existiam agremiações de Engenheiros e Arquitetos, como a de São Paulo, fundada em 1911 (FICHER, 1989: 160).



Fig. 31 e 32 - Panfletos relativos ao I Congresso e à I Exposição Pan-Americana de Arquitetos, realizados no Uruguai, em 1920. Fonte: University Archives, University of Pennsylvania, Laird papers.

Fig. 33 e 34 - Panfletos relativos ao III Congresso e à III Exposição Pan-Americana de Arquitetos, realizados em Buenos Aires, em 1927. Fonte: University Archives, University of Pennsylvania, Laird papers.

Fig. 35 - Prospecto contendo a Programação do I Congresso Pan-Americano de Arquitetos, ocorrido em Montevideo, em 1920. Fonte: University Archives, University of Pennsylvania, Laird papers.

Fig. 36 - Fotografia mostrando a chegada do delegado americano, C. A. Ziegler, ao porto do Rio de Janeiro, para a participação no IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos. Notar, dentre outras pessoas, o jornalista Assis Chateaubriand (à esq., de branco), na comitiva de recepção. Fonte: Revista de Arquitectura de Buenos Aires, n. 116, 1930.

Fig. 37 e 38 - Cartão postal enviado por Francisco Squirru a Warren Powers Laird dando notícias sobre o II Congresso Pan-Americano de Arquitetos, ocorrido em Santiago, Chile, em 1923. Fonte: University Archives, University of Pennsylvania, Laird papers.

realizada pelo arquiteto, é algo muito notório nos Estados Unidos, sendo possível lembrar que o relatório de *William Plack* e *Frank Watson*, de 1923, mostrava certa surpresa de na América Latina isso não acontecer freqüentemente.

O segundo Congresso, entre suas determinações, fazia “*votos para a regulamentação da profissão de Arquiteto, como unico meio de alcançar o nível que lhe corresponde como fator fundamental do melhoramento da vida moderna*” (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 18), e explicitava, também, que era

“função que [competia] primordialmente aos Arquitetos do continente estudar em todos os seus aspectos e características locais o problema da habitação e da edificação em geral e das casas proletarias e economicas em particular, de modo a estabelecer as condições que [convinham] fixar para chegar ao estímulo efetivo das construções de toda a especie nas cidades e povoações americanas” (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 18).

Estas determinações deixam clara a noção de compromisso social do profissional, sobretudo, se for notada a discussão sobre a questão da habitação de interesse social, que foi discutida no evento. Um paralelo inevitável deve ser traçado com os debates do CIAM, que em função da realidade européia de reconstrução e melhoramento das construções, de fato, só introduziria esse debate sobre a habitação social, em um evento de objetivo e porte semelhante, no final da década de 1920. Entretanto, numa espécie de paradoxo aos olhos contemporâneos, o mesmo congresso recomendava que o ensino nas escolas de arquitetura fosse “*essencialmente artístico, sem prejuízo de serem desenvolvidos, convenientemente, os conhecimentos de ordem técnica e científica necessarios para a formação do Arquiteto*” (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 19). Mesmo nos Estados Unidos esta definição era corrente. Deve-se informar que o curso de Arquitetura da *University of Pennsylvania*, reorganizou seu curso dentro de uma *School of Fine Arts*, o que, na prática, a aproximava bastante das Escolas de Belas Artes existentes no continente todo, responsáveis pela formação de arquitetos. Ainda no evento de 1930, no Rio de Janeiro, o antigo diretor da Escola Nacional de Belas Artes, José Marianno Filho, fez surgir a discussão sobre a necessidade de se proibirem cursos de Arquitetura dentro de Escolas Politécnicas (REVISTA DE ARQUITECTURA, 1930).

Os congressistas do evento de 1927, transcorrido em *Buenos Aires* deram novos contornos a temas persistentes no cenário profissional daqueles anos. A primeira conclusão daquele congresso era intitulada

“como deve ser definido o arquiteto da América e quais devem ser suas atividades no exercício profissional”, a saber:

“O Arquiteto é um artista e um técnico, que projeta e dirige suas obras com exclusão de toda a atividade comercial das mesmas, sendo um anseio do III Congresso Pan-Americano de Arquitetos que os poderes públicos de todos os países da América, ao ditar as respectivas regulamentações profissionais, dêem força a essa definição” (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 23).

A resolução mostra a incorporação de certos princípios racionalistas, como a fusão de Arte e Técnica, que havia sido objeto de reflexão do arquiteto ítalo-paulista *Rino Levi*, em 1925, por meio de uma carta publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, em 25 de outubro de 1925 (ANELLI; GUERRA; KON, 2001). Mas ela mostra, também, que ainda nos anos finais da década de 1920 muitos países não possuíam legislações sobre a regulamentação das profissões. Dessa forma, as principais resoluções desse Terceiro Congresso refletem uma retomada de noções já debatidas nos eventos anteriores, como, por exemplo, a que procura uniformizar o ensino da arquitetura em todas as escolas do continente, possibilitando um intercâmbio de profissionais pelos diversos países, e, sobretudo, aquela que procura o entendimento do urbanismo e sobre suas relações com a arquitetura.

Nesse quesito, é interessante observar que o evento recomendava aos “arquitetos manter em seu estudo e em seu desenvolvimento”, um contato direto com o urbanismo, “ciência intimamente ligada com a Arquitetura”, entendida como a responsável por limitar a densidade exagerada das edificações sobre as vias tradicionais das cidades americanas, como ainda, à qual competia a confecção de planos reguladores ou de extensão a cada povoação da América” (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 23). A necessidade de junção do urbanismo, “ciência” em constante construção naquele momento, com a arquitetura, se, por um lado, frustra a idéia de americanização nesta área, já que nos Estados Unidos as profissões de *Architect*, *Urban Planner* e de *Landscape Architect* já eram carreiras separadas, desde o começo dos anos 1920, por outro, mostra que o urbanismo em implantação nas Américas Central e do Sul tinha de buscar as contribuições dos colegas estadunidenses, sobretudo por meio do *Zoning* (FELDMAN, 2005; SOMEKH, 1997).

O quarto Congresso Pan-americano de Arquitetos, realizado no Rio de Janeiro, introduziu, com grande força, a discussão sobre as “expressões nacionais da arte”, e sobre as formas de alcançar sua difusão em

cada país do continente. Dessa forma, fica clara a noção de que o arquiteto era o profissional dotado de capacidade de composição arquitetônica, completada por “*conhecimentos históricos, técnicos e científicos*” (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 27). Todavia, tal noção foi ampliada, na medida em que ficou explicitada, dentre as determinações do congresso, que ocorresse a “*criação de cadeiras ou cursos de urbanismo nas escolas superiores de arquitetura assim como o ensino especializado da Arquitetura Paisagista*”, sendo explicitado, ainda, que “*o Urbanismo, por sua importância, constitua tema obrigatório dos futuros congressos*” (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 29), recomendação que foi seguida quando da montagem do V Congresso, em 1940. A definição de uma área específica de Arquitetura Paisagista, mostra de que forma os organizadores dos Congressos viam a estruturação da carreira do arquiteto, nos Estados Unidos. Arquiteto-paisagista seria o título dado ao arquiteto que completasse sua formação em Arquitetura com lições aprofundadas nesta área. Assim como nos Estados Unidos, ele estaria apto a trabalhar apenas com esta área.

A quinta edição dos ‘*Pan-Americanos de Arquitetura*’ dedicou grande parte de suas discussões à questão do crescimento das cidades e da resolução dos déficits habitacionais. Para tanto, o congresso recomendou a criação de uma “*Conferência Pan-Americana de Urbanismo*”, sob os auspícios do Comitê Permanente dos Congressos Pan-Americano de Arquitetos. Essa conferência teria a função apresentar soluções, já debatidas nos “*Institutos Oficiais Autônomos de Urbanismo e Urbanística*”, de cada país, visando “*levar a cabo uma ação coordenada de investigações, ensino e divulgação dos problemas urbanos e rurais*” (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 31).

Vê-se, então, que houve um crescente amadurecimento no pensamento sobre as atribuições profissionais do arquiteto, somando à tradicional concepção de homem das artes, noções de ciência, técnica e planejamentos habitacional e regional, muito em função do englobar do urbanismo ao *métier* já consagrado. Mas outro fator que possibilitou mudanças no entendimento da própria profissão do arquiteto foi a luta pela regulamentação profissional durante as cinco edições em análise.

De conclusões genéricas ocorridas no primeiro encontro, em 1920, como a que cobrava dos governos nacionais “*a necessidade de definir a responsabilidade legal do Arquiteto, a exemplo do que ocorre com as demais profissões cujo exercício é fiscalizado por lei*” (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 15), chegou-se em 1940, com recomendações mais precisas sobre os comportamentos esperados de júrís em

concursos públicos e privados, bem como com questões específicas, como a dos honorários cabíveis a cada categoria trabalhista envolvida numa obra. O que fica claro é que esta premissa era um desdobramento dos postulados das edições anteriores, como a de 1930, que propugnava “*com relação á propriedade artística*”, que os poderes públicos sancionassem leis, ou reformassem as existentes “*no desejo de garantir os direitos de autores nas obras de arquitetura*”, estabelecendo especificações mais claras, já que “*os codigos convencionais e opiniões juridicas só tratam do assunto de um modo geral, incluindo-a entre as demais artes e a literatura*” ((ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 29). Os modelos das associações profissionais já existentes em diversos países, nesta época, como o brasileiro, com a Sociedade Central de Arquitetos; o norte-americano, com o AIA; e o uruguaio com a *Sociedad Central de Arquitectos del Uruguay*, parecem terem sido as principais matrizes para tal resolução, como os documentos citados, neste capítulo mostram.

Outra contribuição dada a certas mudanças no panorama da Arquitetura, nas Américas, foi a que incidiu sobre o fomento e “*a formação de indústrias [de] elementos de construção que se submetam a determinados tipos, classes e dimensões, procurando a produção em série de tipos estandardizados*” (ARQUITETURA, 1940: 72). Essa é uma conclusão que parece estar em dia com as principais realizações norte-americanas e europeias, uma vez que utiliza um vocabulário altamente especializado acerca da necessidade de uma produção em massa, - como grafaram: “*em série*”-, visando a constituição de um repertório de elementos e formas de construir que barateassem a produção habitacional. Como aponta a arquiteta Maria Luiza de Freitas “*a discussão sobre a racionalização da construção começou a aparecer nos periódicos de engenharia [nacionais] a partir de 1918*”, mas abordando aspectos relativos à insolação, acústica, cálculo de concreto etc, sendo que, só a partir de 1924, o termo passou figurar com maior ênfase no país, muito em função de artigos da revista *Architectura e Construções*, do *Boletim do Instituto de Engenharia* e da *Revista Polytechnica* (FREITAS, 2002: 182). Esta informação deixa claro, então, que havia entre os países das Américas Central e do Sul o conhecimento dessas maneiras de otimização da construção, mas, além disso, pode-se sentir certa vontade de vê-las empregadas nos países latinos tal qual já ocorria nos Estados Unidos. Como visto, *Alfred Zucker* já trabalhava em Buenos Aires, no período da Primeira Guerra Mundial, montando estruturas metálicas (CODY, 2003).

A questão dos concursos como meio de garantir trabalho e a atuação do arquiteto na sociedade volta à baila, em 1927, no III Congresso realizado em Buenos Aires, seguindo as posturas já definidas desde o



Fig. 39 - Aspecto da entrada da IV Exposição Pan-Americana de Arquitetura, montada no Rio, em 1930. Fonte: Revista de Arquitectura de Buenos Aires, n. 116, 1930.

Fig. 40 - Foto oficial dos delegados dos diversos países que participaram do IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos, no Rio de Janeiro, em 1930. Fotografia batida no Palácio do Catete. A única mulher é a engenheira Carmen Portinho. Fonte: Revista de Arquitectura de Buenos Aires, n. 116, 1930.

Fig. 41 - Debate acalorado numa das seções do IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos. Fonte: Revista de Arquitectura de Buenos Aires, n. 116, 1930.



III Congreso Panamericano de Arquitectos

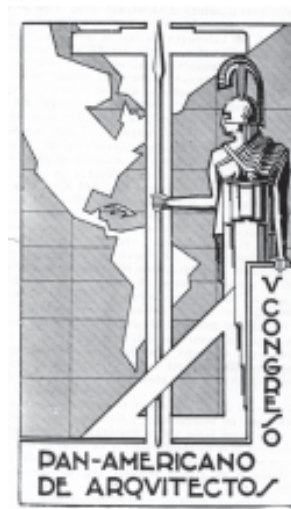
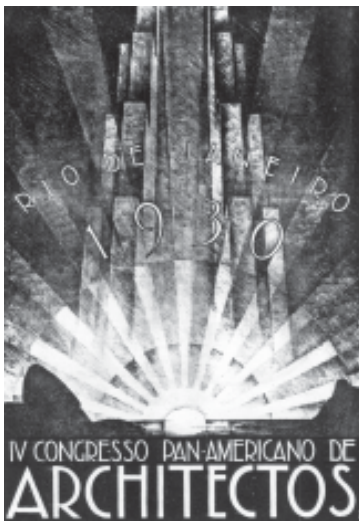


Fig. 42 - Selo oficial do III Congresso Pan-Americano de Arquitectos. Fonte: University Archives, University of Pennsylvania, Laird papers.

Fig. 43 - Cartaz do IV Congresso Pan-Americano de Arquitectos, Rio, 1930. Notar que o pálio de luz configura um arranha-céu na praia de Copacabana, remetendo ao universo imagético americano. Fonte: Revista de Arquitectura de Buenos Aires, n. 116, 1930.

Fig. 44 - Primeiro cartaz para V Congresso Pan-Americano de Arquitectos, previsto, originalmente, para Havana, Cuba. Fonte: Revista de Arquitectura de Buenos Aires, n. 123, 1931.

Fig. 45 - Cartaz definitivo do V Congresso Pan-Americano de Arquitectos, ocorrido em Montevideo, em 1940. Fonte: Revista Arquitectura e Urbanismo, 1940.

final do século XIX pelo AIA e que foram mostradas por *Laird e Parker* (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 79; REVISTA DE ENGENHARIA, 1927: 14).

Em 1930, no Rio de Janeiro, durante a quarta edição desses congressos, houve um debate acirrado acerca da pertinência dos arranha-céus⁵⁶ como forma e estética nas cidades americanas (REVISTA DE ARQUITECTURA, 1930: 496). Dentre inúmeras polêmicas que o tema suscitava, compareceu uma solução que acabou sendo incorporada às resoluções acerca da “*Solução Econômica do Problema Residencial*,”⁵⁷ a saber:

“*que se recomende um estudo que permita a edificação cooperativista, ou seja, a divisão das casas por pisos e apartamentos e, sua venda fracionada, como uma das formas para resolver o problema residencial urbano, para operários e empregados*” (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 82).

O que se propunha era a adoção da habitação coletiva como forma de minimização de encargos econômicos, como também, de área urbana na construção das habitações de caráter social. Isso soava enfaticamente às recomendações do congresso anterior, de *Buenos Aires*, que explicitava o desejo de que se criassem casas individuais ou coletivas, e além, que se vendessem habitações a chefes de família vinculados ao Estado. Como explicitam Nabil Bonduki e Flávia Brito do Nascimento, os casos de conjuntos habitacionais de grandes proporções, no Brasil, foram poucos, mesmo dentre os produzidos pelos IAPs, já que a opção governamental recaiu sobre a casa isolada nos lotes das periferias, financiada ao trabalhador, ao lado, ainda, da auto-construção (BONDUKI, 1999: 303; NASCIMENTO, 2004: 77). Nesse quesito, pode-se perceber a afinção de atitudes da política do período Vargas com as discussões dos dois últimos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos e a crescente penetração da estética e do planejamento urbano segundo o gosto norte-americano.

O V Congresso Pan-Americano de Arquitetos, realizado em 1940, concluiu a favor de um “*Prêmio América*” a ser regulado pela *União Pan-Americana de Washington*, com o fim de permitir o intercâmbio de recém-formados visando estudos de levantamento e prática da restauração de monumentos de interesse do continente, o que permitiria a constituição de o que os arquitetos ali reunidos pensavam, como *História da América* (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 34).

Estas conclusões são a síntese de um momento em que se procuravam atitudes mais maduras no

⁵⁶ Nesse período, qualquer edifício notadamente vertical em meio a paisagem de uma cidade, era denominado arranha-céu, independente do número de pavimentos (ATIQUÊ, 2004: 112).

⁵⁷ A sessão de trabalho sobre esse tema foi composta da seguinte maneira, segundo artigo da Revista de Arquitetura, de Buenos Aires: “*Presidente: Arq. Pasman, argentino. Vicepresidente: Giurua, uruguayo. Secretario: Gouvêa Freire, brasileiro*” (REVISTA DE ARQUITETURA, 1930: 475).

enfrentamento da profissão do arquiteto. Elas são fruto de sua época, marcada, nas Américas, pela perda das ilusões formais e conservadoras dos Planos de Melhoramentos do começo do século, em função da beligerância européia na Segunda Guerra, e de um de seus maiores efeitos: a presença maciça de técnicos, referências e estéticas estadunidenses.

As lições norte-americanas, contudo, não foram recebidas apenas através das discussões, dos artigos e das Exposições Pan-Americanas de Arquitetura, ocorridas paralelamente aos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos nas quais eram premiados arquitetos das três Américas. Elas foram ministradas ainda no século XIX, em momentos festivos, como as Exposições Internacionais promovidas pelos Estados Unidos, às quais muitos brasileiros rumaram em busca de imagens e tecnologias da “*Terra de Tio Sam*”, como o capítulo 2 mostrará. Em todo caso, convém ver que enquanto a Guerra grassava na Europa, e enquanto nenhum país do continente ainda tinha aderido oficialmente ao combate, os arquitetos expressavam seu apreço pela profissão, dentro de cândidas linhas, como estas, do arquiteto brasileiro Wladimir Alves de Souza, proferidas numa recepção ocorrida no Uruguai, por ocasião do encerramento do IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos:

“E aqui estamos pefeitamente integrados na grande família americana, neste generoso continente, remanso da civilização, todo sol, amor e paz laboriosa, ao passo que outras terras se devoram a si próprias no entrechoque das civilizações. Enquanto os laranjais florescem nupcialmente na California, enchendo a atmoféra com seu perfume fresco, enquanto os cafesais recebem nas asas da brisa, um pouco do murmúrio dos trigais argentinos, enquanto o condor paira espectralmente sobre o azul da cordilheira e os rebanhos pisam as ferteis planícies do Uruguai, enquanto de todos os países da América se levantam os canticos da paz e do trabalho, os homens dois velhos países que nos fizeram nascer e daqueles que alimentaram a nossa incipiente cultura, cobrem suas cabeças com as cinzas do luto. Experimentamos, pois, um orgulho justificado, ao contemplarmos a obra americana, e sentimo-nos estreitamente ligados a ela, nós os construtores de cidades, sabendo que a civilização do nosso tempo ficará espelhada na nossa produção, reflexo que é, a arquitetura, das necessidades do agrupamento humano” (ARQUITETURA E URBANISMO, 1940: 94).



"Quem tem hábito de ler anúncios em catálogos que os Estados Unidos nos expedem num português misturado com espanhol sabe perfeitamente que os negociantes americanos possuem um talento especial para criar nomes grotescos para batizar suas mercancias."

Lima Barreto, 1922 [2005].

2

Fig. 46 [abertura] - Carros, na década de 1910, circulando pela Avenida Niemeyer, no Rio. Fonte: DUNLOP, 1958.

2

“A AMÉRICA PARA OS BRASILEIROS”:

A sociedade urbana do Brasil e as referências americanas

Lima Barreto¹ foi um dos cronistas mais perceptivos das transformações urbanas ocorridas no Rio de Janeiro, entre fins do século XIX e o início da década de 1920. De sua pena saíram constatações importantes acerca do processo de introdução dos elementos norte-americanos naquela plaga. Crítico ferrenho deste processo, Lima Barreto exprimiu o incômodo provocado pelas relações comerciais e culturais do Brasil com os Estados Unidos, como esta passagem, de um artigo de 1919, revela: *“nós não estamos ficando surdos com as coisas americanas, mas (...) cegos; e, na clássica imagem, somos como mariposas que a luz atrai, para matá-las”* (LIMA BARRETO, 1919, citado por TOTA, 2000: 9).

Esta declaração de Barreto deixa clara a opinião de uma parcela da sociedade urbana brasileira com relação ao americanismo, nos anos da República Velha. Paradoxalmente, ela revela também que, ainda hoje, quando se tenta analisar a recepção dos produtos, modelos, técnicas e relações culturais do Brasil com os Estados Unidos pouco se sabe sobre as *“coisas americanas”* que estavam à disposição do cidadão urbano do período retratado por ele. São poucos os estudos que permitem identificar o que havia de norte-americano antes da primeira metade do século XX, no país. Focando aspectos relativos às representações dos Estados Unidos no Brasil, este capítulo procura mostrar, sistematicamente, alguns traços que permitem esclarecer a atuação dos profissionais do espaço ligados ao mundo americano. Para tanto, convém acompanhar os movimentos recíprocos entre Brasil e Estados Unidos no arquitetar de suas relações comerciais e culturais.

¹ Affonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, em 1881, e faleceu na mesma cidade, em 1922. Seu pai, João Henriques Lima Barreto, era um tipógrafo, e sua mãe, Amália Augusta Barreto, era filha de ex-escrava. Lima Barreto, apesar de sua mãe ter sido educada formalmente até tornar-se professora, vivenciou muitas situações de preconceito, a começar por sua ascendência negra. Contudo, o escritor sofreu rechaços também por seu nível educacional, julgado baixo por seus pares. O fato de seu pai ter sido doente mental somado à sua opção por viver no subúrbio carioca, também o deslocou do circuito erudito de sua época. Lima Barreto foi escritor de importantes obras literárias nas quais sempre apontou a introdução de novos comportamentos na sociedade. Foi, ainda, um dos mais astutos e diretos cronistas da vida política e urbana do Rio.

É certo que os meios de comunicação, até a primeira metade do século XX, aprimoraram-se década a década, permitindo, assim, que se passasse do domínio da pausada informação telegráfica à estonteante e frenética era do rádio, até o culminar da televisão, nos 1950. Inegavelmente, estes três veículos de comunicação, juntamente com o cinema, muito devem aos Estados Unidos, principalmente na catalisação do processo de produção de massas. Visando sua consolidação como principal distribuidor de produtos industrializados, os Estados Unidos soube divulgar seus produtos por meio de algo que é considerado, por muitos autores, como uma das molas-mestra do capitalismo: a propaganda (PADILHA, 2001). Valendo-se da aura sedutora das novidades, nos oitocentos; de atores populares, nas primeiras décadas do século XX, e da criação da necessidade de consumo, nas décadas centrais daquele século, a propaganda foi uma importante ferramenta para a construção da recepção do mundo americano, no Brasil.

Embora se saiba que a propaganda cria demandas na população consumidora objetivando a capitalização dos industriais, pode-se afirmar que nas últimas décadas do século XIX, ao lado deste, havia um outro objetivo na propaganda emanada dos Estados Unidos: vencer a concorrência exercida pela Grã-Bretanha e pela Alemanha na competição industrial ao redor do mundo. Estas duas nações eram, em fins daquele século, os principais centros industriais do planeta, os quais produziam desde objetos de uso doméstico até imóveis completos que eram vendidos por catálogos, como os da indústria escocesa *MacFarlane*, especializada na produção de casas, estações de trem, abrigos e igrejas em ferro e aço (COSTA, 2001). A Alemanha também era muito importante na educação tecnológica e na conseqüente produção e venda de aparelhos e peças, em franca expansão naquele tempo. Desta forma, aos Estados Unidos competia criar uma estratégia que permitisse, num primeiro momento, erradicar as ações britânica e alemã no suprimento de produtos em seu próprio país e, depois, incrementar sua própria produção industrial visando a ampliação do leque de países receptores de suas mercadorias. Esta iniciativa estadunidense perpassou a constituição de redes simbólicas de representação, como as exposições internacionais, que foram, ao mesmo tempo, vitrine e espelho da americanização, sobretudo no Brasil.



Fig. 47 - máquina de costura exibida durante a "Centennial", nos Estados Unidos, em 1876. Fonte: WEBER, 2005.

2.1 – Circulação de pessoas, idéias e produtos

“Recebi e agradeço uma revista de São Paulo que se intitula Klaxon. Em começo, pensei que se tratasse de uma revista de propaganda de alguma marca de automóveis americanos. Não havia, para tal, motivos de dúvidas, porque um nome tão estrambótico não podia ser senão inventado por mercadores americanos, para vender seu produto.”

Lima Barreto, 1922 [2005].

Como pontuou *Jeffrey W. Cody* no livro *Exporting American Architecture: 1870 - 2000* o marco inicial da afirmação estadunidense no campo das relações comerciais entre os países da América, e mesmo da Europa, está inscrito no efeito desempenhado pela Exposição do Centenário da Independência dos Estados Unidos. *A International Exhibition of Arts, Manufactures and Products of the Soil and Mine*, mais conhecida como *The Centennial Exhibition*, ocorrida na *Philadelphia*,² entre maio de 1876 e meados de 1877, é um ponto-chave tanto para o livro de *Cody*, quanto para esta tese. A iniciativa, além de comemorar o feito que lhe dava nome tinha, também, o objetivo de expor inventos estadunidenses a vários países do mundo que participavam da feira (PESAVENTO, 1997). Imbuída de um caráter “celebrador do progresso”, como aponta *Sandra Jatahy Pesavento*, e seguidora do mesmo ideário-motriz das Grandes Exposições Internacionais, surgidas em 1850, na Inglaterra, a Exposição do Centenário da Independência estadunidense mostrava, com preponderância, as criações dos Estados Unidos³ e revelava as intenções expansionistas dos industriais daquela nação. *A Centennial*, segundo *Pesavento*

“foi acompanhada da publicação de uma série de obras ilustrativas e explicativas do que fora capaz aquela nação ao longo de cem anos de sua vida independente. O sentido laudatório era manifesto, e a América era apresentada como a terra da promessa, o maior exemplo de democracia já construído no planeta, a nação que, a partir de uma origem modesta e tímida, foi capaz de se igualar, após um século, com as maiores potências do mundo. (...) Segundo sua auto-apreciação, os Estados Unidos não só haviam dado ao mundo uma demonstração do seu gênio como a América comprovava ser uma nação do primeiro mundo (...) [que superava os velhos países da] Europa pela sua produção em série e pelos engenhosos inventos que tornavam mais fácil e cômoda a vida cotidiana (PESAVENTO, 1997: 149, 152).

Essa gama de novidades “facilitadoras da vida cotidiana” foi explorada com astúcia pelos anfitriões *yankees*. Como mostrou *Cody*, o sucesso da *Centennial* foi tamanho que a imprensa de todo o mundo ajudou a cristalizar a idéia dos Estados Unidos como a terra dos maiores avanços tecnológicos do século XIX

² A *Philadelphia* foi, até a inauguração de *Washington, Distrit of Columbia*, em 1800, a capital norte-americana. Tal centro, por este motivo, tornou-se o palco da assinatura da *Declaração da Independência* e, cem anos depois, foi escolhido como o lugar natural para a celebração do centenário de nascimento da república norte-americana.

³ Entre os produtos mostrados estavam máquinas de escrever, armas, lanternas, fornos, máquinas de costura, vagões de trens, carruagens, equipamentos agrícolas etc (WEBER, 2005. Disponível em www.assemblymag.com. Acesso em 04 jul 2005).

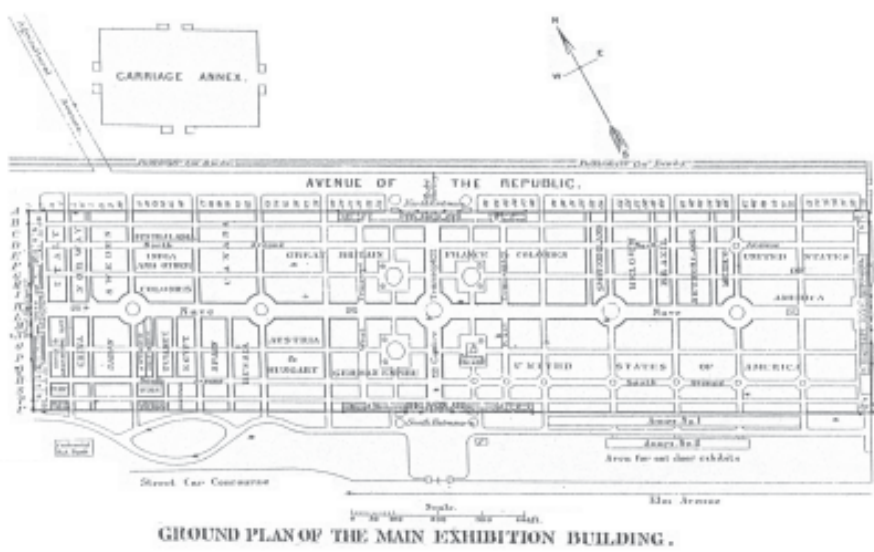
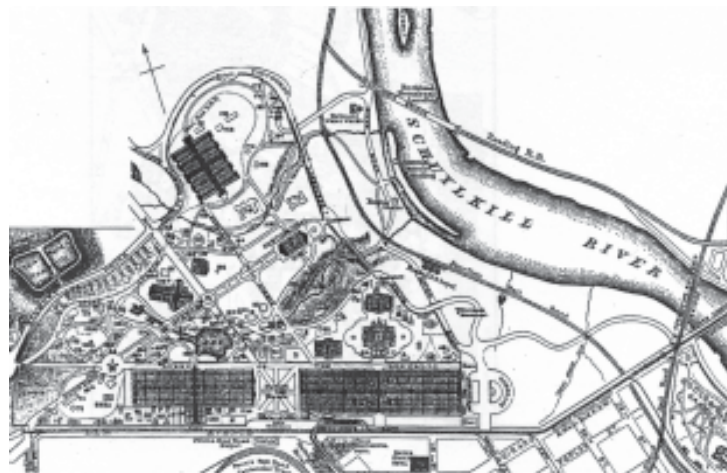


Fig. 48 - Gravura que retrata a abertura da "Centennial", nos Estados Unidos, em 1876. Fonte: POST, 1976.

Fig. 49 - Aspecto interno de um dos pavilhões de exposições da Exposição da Philadelphia, em 1876. Fonte: POST, 1976.

Fig. 50 - Parte da implantação da "Centennial" no "Fairmount Park", na Philadelphia. Fonte: MATTIE, 1998.

Fig. 51 - Planta do rés-do-chão do pavilhão de exposições da "Centennial". Fonte: PENNSYLVANIA BOARD..., 1878.

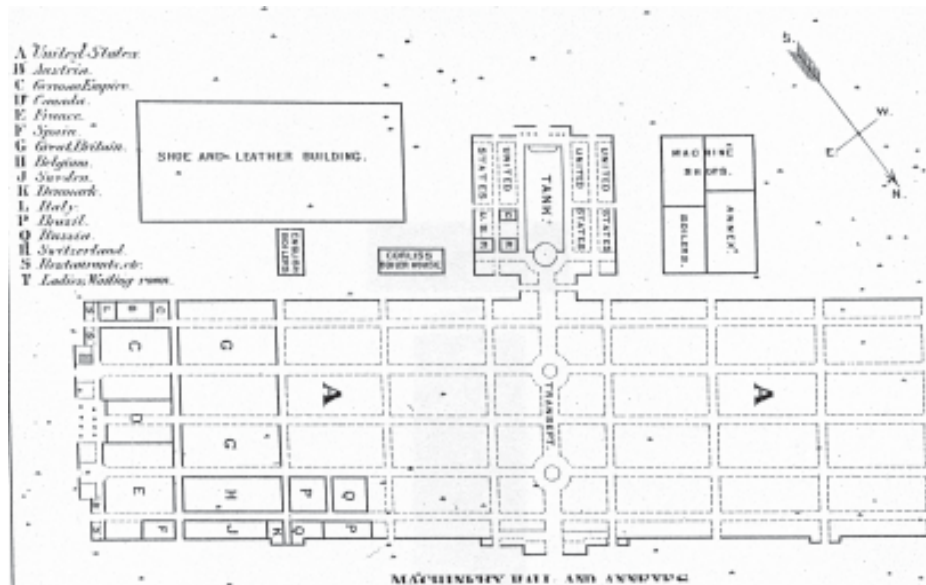


Fig. 52 - "Memorial Hall", anexo, na Exposição de 1876. Fonte: PENNSYLVANIA BOARD..., 1878.

Fig. 53 - Planta do "Machinery Building" da "Centennial". Fonte: PENNSYLVANIA BOARD..., 1878.

(CODY, 2003: 6-7). O mesmo autor revelou que, ainda durante os meses finais da mostra, em 1877, a dupla de jornalistas *Charles Root* e *Franklin Tinker* estabeleceu uma publicação destinada a divulgar e a vender os produtos industrializados dos Estados Unidos, por terem vislumbrado o sucesso alcançado pelos inventos de seu país, naquela exposição. Esta publicação foi batizada de *The American Exporter* e se tornou uma das principais fontes de informação para vendas no além-mar, durante as décadas finais daquele século. O sucesso e a repercussão desta revista foi grande, permitindo, inclusive, a anexação de outro periódico de mesma linha editorial, denominado *American Mail and Export Journal* (CODY, 2003: 7). A publicação resultante da junção das duas revistas se inseriu, assim, numa disputa corpo-a-corpo com os britânicos e com os alemães que controlavam os principais centros industriais do planeta. Como mostrou *Jeffrey Cody* a revista foi enviada para quase todos os países da América: a Argentina, por exemplo, importou moinhos de vento fabricados em aço e madeira para seus campos de trigo valendo-se das reportagens ali estampadas, e vários países da América Central adquiriram casas de madeira pré-fabricadas por conta de anúncios de empresas especializadas anunciadas, na publicação (CODY, 2003: 8, 5).⁴

O Brasil também foi alcançado pelos efeitos da feira em questão, sobretudo com a viagem do Imperador Pedro II como convidado do governo americano. A presença do imperador brasileiro no evento inaugurou um novo momento nas relações Brasil – Estados Unidos, em várias frentes. Embora tenha declarado que viajava como “*cidadão brasileiro e não como chefe de Estado*,”⁵ Pedro II despertou interesse na imprensa norte-americana pelo fato de ser “*a primeira vez que um monarca pisava território norte-americano independente*” (SCHWARCZ, 2003: 374). A presença do chefe imperial brasileiro em terras setentrionais permitiu a visita, ao longo de quase três meses, a escolas, a instituições científicas e a museus. Pedro II também inaugurou estradas e fábricas; conheceu *Niagara Falls* e viu de perto o legado de um de seus intelectuais preferidos: o naturalista *Louis Agassiz*.⁶ O que convém mostrar é que a presença de D. Pedro II nos Estados Unidos, bem como nas outras localidades estrangeiras que visitou⁷, lhe garantiu o contato com várias invenções de seu século, como a fotografia,⁸ o telefone⁹ e a eletricidade,¹⁰ as quais acabaram sendo trazidas e divulgadas no Brasil, por sua mão.

A viagem à exposição da *Philadelphia*, muito embora apareça na história que trata das relações Brasil – Estados Unidos como um caso isolado, não deve ser vista desta forma. Apesar de não ser possível criar uma genealogia das relações intelectuais, comerciais e urbanas com aquele país tomando como fato inaugural apenas a presença de D. Pedro II lá,¹¹ pode-se usar a excursão do imperador como um marco

⁴ Não se localizou edições do *The American Exporter*, no Brasil. Contudo, outros catálogos de origem norte-americana foram localizados no país, como o *United States Steel Products Company*, editado em New York, em 1916. Esta edição pertence ao acervo do CONDEPHAAT e traz fotografias e descrições sobre peças para ferrovias, pontes, capitéis para colunas de construções, pregos, taxas para sofás etc.

⁵ Conforme assinala Lilia Moritz Schwarcz, em *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, “no exterior, o imperador fazia questão de tirar o “Dom” e assinar apenas Pedro de Alcântara; portava seu sobretudo preto e gostava de afirmar: ‘O imperador está no Brasil. Eu sou apenas um cidadão brasileiro.’” (SCHWARCZ, 2003: 373).

⁶ É Marcus Vinicius de Freitas, em *Charles Frederick Hartt:*

um naturalista no Império de Pedro II quem aponta o evento: “Quando de sua ida aos Estados Unidos em 1876, por ocasião da Exposição Universal da Filadélfia, Pedro II janta em casa de Elisabeth Agassiz, em Cambridge – o marido já havia morrido -, com Emerson e Longfellow presentes. Ligando-se aos cientistas, Pedro II, ligava-se aos artistas e aos poetas” (FREITAS, 2002: 119).

⁷ Dom Pedro II viajou, pela primeira vez a Portugal, França, Alemanha, Itália, Palestina, Ásia Menor, Egito, em 1872; em 1876 foi aos Estados Unidos, Canadá, a partes da Ásia e da África; ainda passou pela Alemanha, Dinamarca, Suécia, Noruega, Rússia, Turquia, Grécia, Áustria, Bélgica, Holanda, Suíça e concluiu a longa viagem por Portugal. (SCHWARCZ, 2003: 361-371; 373 - 379).

⁸ O daguerreótipo, considerado um ancestral da máquina de

importante para o início de um relacionamento novo entre as duas nações, o qual veio a ser sucessivamente ampliado durante as décadas seguintes. A presença do monarca brasileiro junto aos inventos, aos produtos e em meio à simbologia norte-americana de “*desenvolvimento e progresso*”, metaforizou o início de uma mudança de aceitação de paradigmas, no Brasil. D. Pedro II, como mostra Lilia Schwarcz, concedeu aos Estados Unidos o epíteto de uma terra progressista: “*a grande nação americana*” (SCHWARCZ, 2003: 373). Esta afirmação serve para ilustrar que não havia, como tradicionalmente se pensa, um distanciamento tão grande do Brasil em relação ao mundo americano no que concerne à idéia de parceria comercial e de referência cultural. O monarca que se pretendia cientista conheceu, experimentou e encomendou produtos norte-americanos que, não tardaram muito, vieram a fazer parte das cidades e das casas dos brasileiros. Mas, além disso, o imperador imputou respeitabilidade à ciência norte-americana e aos feitos dos profissionais lá atuantes, razões que ajudam a entender alguns caminhos da interação entre o Brasil e os Estados Unidos, a partir da década de 1870.

A participação do Brasil na feira de 1876 também gerou a idéia de que o país poderia se tornar mais próximo dos Estados Unidos não apenas para a obtenção de tecnologias e produtos industrializados, mas, especialmente, para ampliar seu mercado externo. A intenção brasileira era incrementar a venda de produtos agrícolas, como a borracha, o cacau e o café, que era usado como bebida estimulante pelos americanos, muito embora houvesse a intenção de demonstrar os diversos tipos de indústria das províncias. Dessa forma, em 1874, foi instituída, por decreto imperial,¹² a comissão encarregada de organizar a participação brasileira no certame. A comissão ficou alocada dentro da pasta do Ministério da Agricultura e era constituída pelo Conde D’Eu (presidente), pelo Visconde de Jaguaray (1º vice-presidente), pelo Visconde de Bom Retiro (2º vice-presidente), pelo Visconde de Souza Franco, pelo Comendador Joaquim Antônio de Azevedo (membros), pelo Conselheiro Francisco Ignácio Marcondes Homem de Mello e pelo Conde do Bonfim (comissários) (ALMANAK LAEMMERT, 1874: 81; 1876: 91). Por meio do relatório do Ministro da Agricultura, publicado no *Almanak Laemmert*, em 1875, foi possível não apenas entender as etapas preparatórias da exposição do Brasil na *Philadelphia* como, também, qual era o conceito empregado pela comissão nos trabalhos:

“Para promover e dispor os trabalhos preparatórios da exhibição dos productos brasileiros no compartimento, com a extensão de 1851 metros quadrados, que lhes foi destinado no palacio construido no parque Fairmount em Philadelphia, nomeei o chefe da legação brasileira em Washington, Conselheiro Antonio Pedro de Carvalho Borges. (...) Em abril do corrente anno deverão realizar-se nas provincias exposições dos respectivos

fotografar, chegou ao Brasil, em 1840, e D. Pedro II, na época, com 14 anos, foi um dos primeiros brasileiros a adquirir o invento, atribuindo-lhe respeitabilidade (MAUAD, 1997: 197).

⁹ Durante a exposição norte-americana, Dom Pedro II testou o invento de *Alexander Graham Bell*, e encomendou um aparelho que, em 1877, foi instalado no Palácio Imperial de São Cristóvão, no Rio.

¹⁰ É interessante notar, também, como aponta o historiador João Luiz Máximo da Silva, que a viagem de Pedro II aos Estados Unidos, serviu para viabilizar, em certo sentido, a introdução da energia elétrica no país, entre 1880 e 1900, a partir do “*surgimento de pequenas usinas geradoras (...), sempre ligadas ao fornecimento de luz e força motriz para fábricas*” (SILVA, 2002: 15).

¹¹ Tal construção genealógica demonstraria certa ingenuidade histórica, já que, a despeito da pouca regularidade desses contatos, essas relações já existiam antes da viagem do monarca, e se fizeram presentes no ideário da Inconfidência Mineira, no século XVIII, bem como na formulação do Código Criminal Brasileiro, por volta de 1830, como mostrou Philip Gunn, citando Wright (1978): “*o contato de políticos brasileiros com essa obra [Código Criminal dos EUA] é comprovado no ‘Relatório Confidencial’ do encarregado de negócios dos Estados Unidos no Brasil em 1830. Nesse relatório [revela-se] que o Marquês de Abrantes solicitou por empréstimo uma tradução francesa do Código, pois era feita, então, a ‘revisão das leis penais e criminais do Brasil’*” (WRIGHT, 1978, citado por GUNN, 1986: 80).

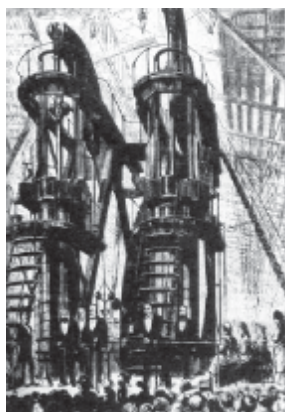


Fig. 54 - Comitativa imperial em visita a "Niagara Falls", em 1876. Fonte: WILLIAMS, 1937.

Fig. 55 - Charge mostrando Dom Pedro II como cientista, após sua visita aos Estados Unidos. Fonte: WILLIAMS, 1937.

Fig. 56 - Pavilhão brasileiro na Exposição da Philadelphia, em 1876. Fonte: POST, 1976.

Fig. 57 - Stand brasileiro num dos pavilhões de exposições da "Centennial", em 1876. Fonte: POST, 1976.

Fig. 58 - Presidente Ulysses S. Grant e Dom Pedro II acionando o "Corliss Engine" na abertura da "Centennial", em 1876. Fonte: PESAVENTO, 1997.

Fig. 59 - Um boletim científico distribuído por ocasião da "Centennial", retratando os avanços tecnológicos da Segunda Revolução Industrial nos Estados Unidos. Fonte: POST, 1976.

productos industriaes, e na corte a 7 de Setembro proximo vindouro, para que se possa fazer seleção dos que tenham de ser enviados a Philadelphia. (...) Fiz as mais instantes recommendações ás presidências das provincias, para que envidassem todos os esforços, afim de que se obtivessem os melhores productos, e em quantidade que tornassem patentes a actividade e o adiantamento dos diversos ramos da industria nacional. Estas recommendações têm sido em geral observadas, sendo de esperar que o Brasil ocupe lugar de distincção entre os povos cultos, mesmo no conceito, embora severo, dos profissionaes norte-americanos” (ALMANAK LAEMMERT, 1876: 92-93).

Já nos Estados Unidos, em 1876, Pedro II, ao lado do presidente norte-americano *Ulysses Simpson Grant*, acionou “o *engenho Corliss, gerador que provia força para todas as máquinas*” do *Machinery Hall*, o pavilhão destinado à exibição dos avanços tecnológicos dos países participantes (KUHLMANN JÚNIOR, 1996: 38). O gerador *Corliss* – “*grande como uma casa*”, na linguagem de seus contemporâneos – anunciava o caráter de feitos superlativos no ramo tecnológico que seria uma das marcas da civilização norte-americana durante todo o século XX. Pedro II, “*como um cientista interessado*”, na interpretação de Lilia Schwarcz, seduziu-se pelos sinais de progresso que a feira demonstrava.

Após a *Centennial*, o Brasil foi contatado por algumas instituições americanas voltadas à ciência. Essas instituições estavam interessadas em trocas com as instituições similares brasileiras, como mostra Heloísa Maria Bertol Domingues. Esta autora revelou, ainda, que em 1876 o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, recebeu pedidos do *Departament of Agriculture*, de *Washington*, do *Smithsonian Institution of Philadelphia* e da Secretaria de Agricultura do estado de *Illinois* propondo a permuta de sementes de árvores florestais americanas por madeiras brasileiras, espécies de frutas, fibras, elementos botânicos, fósseis, mudas, dentre alguns outros símbolos das ciências nos oitocentos (DOMINGUES, 1999: 211).

Mas o Brasil não se fez representar nos Estados Unidos apenas durante a *Centennial*. O estreitamento de relações entre os dois países, após aquele evento, foi tal que o Brasil foi convidado para as demais exposições de caráter internacional promovidas na “*Terra de Tio Sam*”. Muitas vezes, o país expôs não apenas sua produção agrícola, mas também os produtos industriais que produzia, como o relatório imperial, acima citado, já deixava ver. Carlos Lemos apontou, por exemplo, que para a exposição internacional de *Saint Louis*, celebrada em 1904, já em época republicana, o *Lyceu de Artes e Officios* de São Paulo ganhou um prêmio “*com uma estante giratória que o presidente do Estado Bernardino de Campos encomendara, cuja concepção demonstrava parentesco com os trabalhos de Mackmurdo*” (LEMOS, 1993: 53).

A participação efetiva do Brasil nos eventos sediados nos Estados Unidos está sistematizada no quadro I, a seguir. Por meio dele perceber-se-á que o país atendeu a diversos convites, quase sempre erigindo pavilhões próprios, vinculados às linguagens arquitetônicas internacionalmente aceitas naqueles momentos. Sem dúvida nenhuma, esses espaços de exibição serviram para ampliar o imaginário estadunidense sobre o país e, concomitantemente, a gerar a imagem de que os produtos americanos poderiam ser bem-recebidos no Brasil.

**QUADRO I:
FEIRAS INTERNACIONAIS TRANSCORRIDAS NOS ESTADOS UNIDOS
COM EFETIVA PARTICIPAÇÃO DO BRASIL**

Sistematização: F. Atique

ANO	LOCALIDADE	NOME CONSAGRADO	PARTICIPAÇÃO
1876	<i>Philadelphia</i>	<i>United States Centennial International Exhibition</i>	<i>Com Pavilhão</i>
1884	<i>New Orleans</i>	<i>World's Industrial and Cotton Centennial Exposition</i>	<i>Com "Stand"</i>
1893	<i>Chicago</i>	<i>World's Columbian Exposition</i>	<i>Com Pavilhão</i>
1904	<i>Saint Louis</i>	<i>Louisiana Purchase Exposition</i>	<i>Com Pavilhão</i>
1926	<i>Philadelphia</i>	<i>United States Sesquicentennial International Exposition</i>	<i>Com Pavilhão</i>
1933	<i>Chicago</i>	<i>Century of Progress Exposition</i>	<i>Com Pavilhão</i>
1939	<i>San Francisco</i>	<i>San Francisco Golden Gate Exposition</i>	<i>Com Pavilhão</i>
1939	<i>New York</i>	<i>New York World's Fair</i>	<i>Com Pavilhão</i>

Fora a *Centennial*, o Brasil participou de uma das mais importantes feiras internacionais sediadas nos Estados Unidos, realizada sob o pretexto de celebrar a descoberta da América por Cristóvão Colombo. A *World's Columbian Exposition*, realizada em *Chicago*, às margens do *Lake Michigan*, em 1893, pode ser vista como uma das primeiras tentativas de explicitação do poderio tecnológico e econômico dos Estados Unidos. Em plena época de reavaliação da Doutrina Monroe, e com o propósito de "louvação da América" - o "mundo novo" descoberto por Colombo -, o país anfitrião parecia sinalizar à Europa uma mudança de hegemonia político-econômica; aos demais países americanos, aquela nação apontava qual deveria ser o modelo de país, na América. Nesta época, inclusive, forjaram-se, com maior veemência, identidades arquitetônicas que se tornariam símbolos do continente americano. O *skyscraper* associou-se às cidades

de *Chicago* e *New York* e à idéia de desenvolvimento, e o *Spanish Renaissance*, usado no pavilhão da *California*, se tornou estilo válido para expressar a “*unidade americana*” por meio da retomada das tradições plástico-construtivas.¹³

A comissão encarregada de estruturar a participação brasileira neste evento era formada por republicanos, uma vez que a instauração desse regime político, no Brasil, havia ocorrido há poucos anos. A feira de *Chicago*, inclusive, foi vista como uma grande chance de o país alinhar-se, de uma vez, às demais nações do continente, dando força ao dístico de que a América era o *locus* da democracia. O pavilhão brasileiro, edificado segundo projeto do engenheiro militar Francisco Marcelino de Sousa Aguiar,¹⁴ vinculava-se à tendência construtiva dos demais, com revestimento em gesso branco, de acordo com a grande atração da feira, a *white city*, proposta por *Daniel Burnham*. O pavilhão era complementado, em sua fachada central, por “*figuras indígenas, alegóricas à República brasileira*”, o que despertou atenção e aprovação dos anfitriões e mostrou certa dose de exotismo (PESAVENTO, 1997: 214).

Marcelino Sousa Aguiar seria, ainda, o responsável pelo projeto e pela execução do Palácio São Luiz, depois renomeado como Palácio Monroe, originalmente pensado como pavilhão brasileiro na exposição de *Saint Louis*, ocorrida em 1904, para comemorar a compra da *Louisiana* pelos americanos. Com este pavilhão, o Brasil foi elogiado pela imprensa estadunidense que não poupou comentários laudatórios à harmonia de linhas e à qualidade do espaço. Na ocasião, o pavilhão do Brasil foi condecorado com a medalha de ouro no Grande Prêmio Mundial de Arquitetura, transcorrido paralelamente à exposição (PESAVENTO, 1997). Enquanto se encontrava nos Estados Unidos, para esta exposição de 1904, Sousa Aguiar foi incumbido de realizar algumas pesquisas para o governo brasileiro. Entre estas investigações, destacavam-se o pedido efetuado, pelo ministro do Interior, da análise de instituições que favorecessem subsídios para o projeto do novo edifício-sede da Biblioteca Nacional, bem como o estudo da fabricação de cédulas para implantação dos serviços da Casa da Moeda e do sistema estadunidense de fabrico da pólvora sem fumaça (www.fau.ufrj.br/brasilexpos/f2-1893.html. Acesso em 23 abr 2007). As pesquisas de Sousa Aguiar parecem ter sido bem sucedidas, pelo menos no que tange à execução da Biblioteca Nacional, já que Lima Barreto, em artigo publicado no ***Correio da Noite***, do Rio de Janeiro, em 13 de janeiro de 1915, expôs que a biblioteca era um “*palácio americano*” que de tão suntuoso, afugentava o cidadão carioca que ali pretendesse ir ler (BARRETO, 2005: 64).

¹² Decreto promulgado em 21 de Março de 1874.

¹³ O pavilhão do estado da *California* foi o responsável por apresentar aos visitantes da feira de *Chicago*, o que era o *Spanish Renaissance*.

¹⁴ Francisco Marcelino de Sousa Aguiar nasceu em Salvador, aos 2 de junho de 1855 e faleceu no Rio de Janeiro, em 10 de novembro de 1935. Em 1869 ingressou na Escola Militar, no Rio de Janeiro, como cadete. Tornou-se alferes-aluno em 1874 e concluiu o curso de Engenharia em 1876. Foi prefeito do então Distrito Federal de 16 de novembro de 1906 a 23 de julho de 1909; reformou-se no posto de marechal em 1911. Assumiu o cargo de secretário do Ministro da Guerra em 1892, até integrar, no mesmo ano, a comissão que representou o Brasil em *Chicago*. Sousa Aguiar foi Presidente

da Comissão da Exposição do Brasil em *Saint Louis* (www.wikipedia.com.br/sousaaguiar. Acesso em 23 abr 2007).

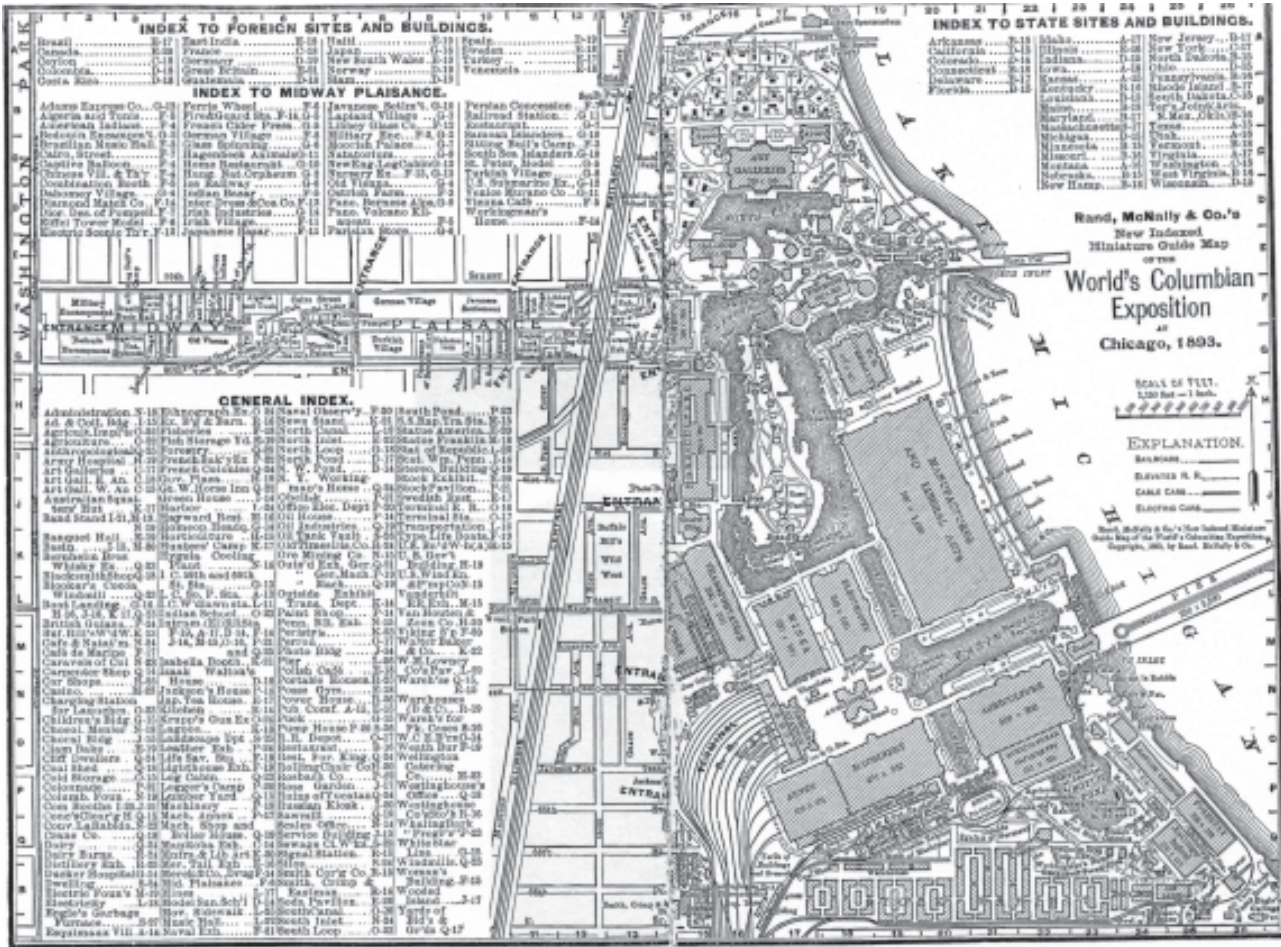


Fig. 60 - Capa de um dos periódicos que circularam durante a vigência da World's Columbian Exposition, em Chicago. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

Fig. 61 - Mapa geral da Exposição de 1893, em Chicago. no "cruzamento" E - 17, encontra-se a exata localização do pavilhão brasileiro. Fonte: APPELBAUM, 1980.

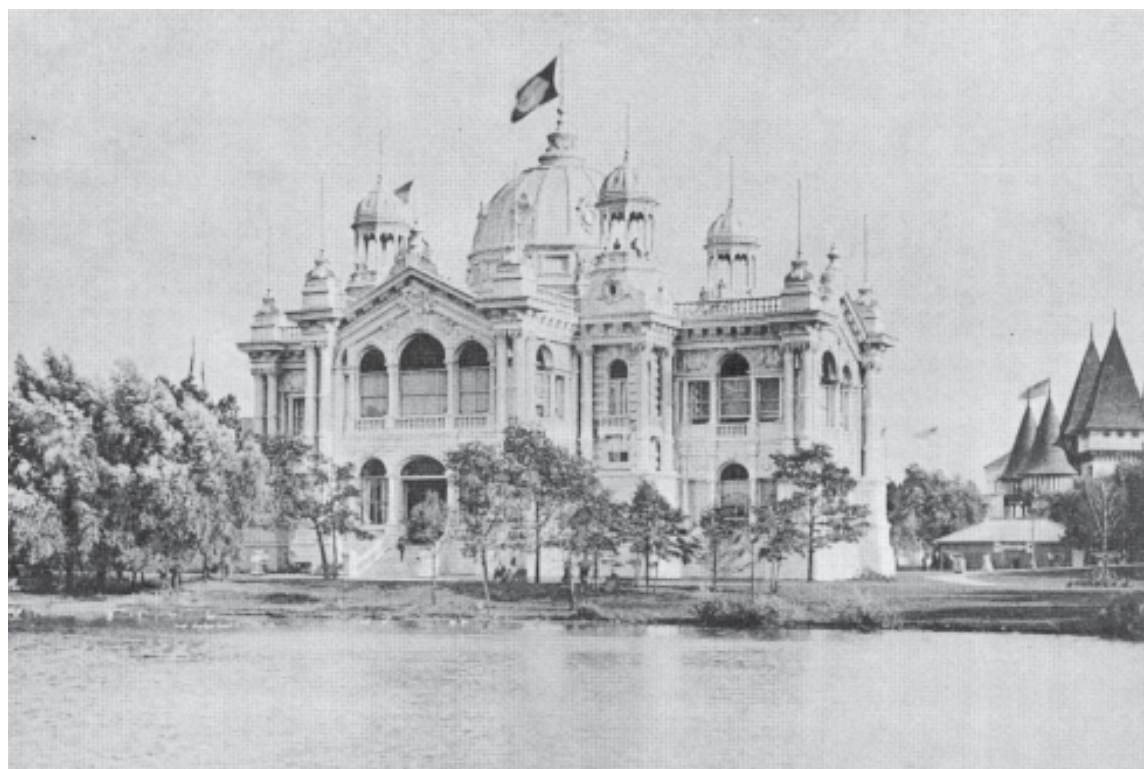


Fig. 62 - "The Fisheries Building, em Chicago, em 1893. Fonte: APPELBAUM, 1980.

Fig. 63 - Interior de um dos pavilhões de exposições da "World's Columbian Exposition", em Chicago, em 1893. Fonte: APPELBAUM, 1980.

Fig. 64 - Aspecto externo do pavilhão brasileiro, erigido na Feira de Chicago, em 1893. Fonte: APPELBAUM, 1980.

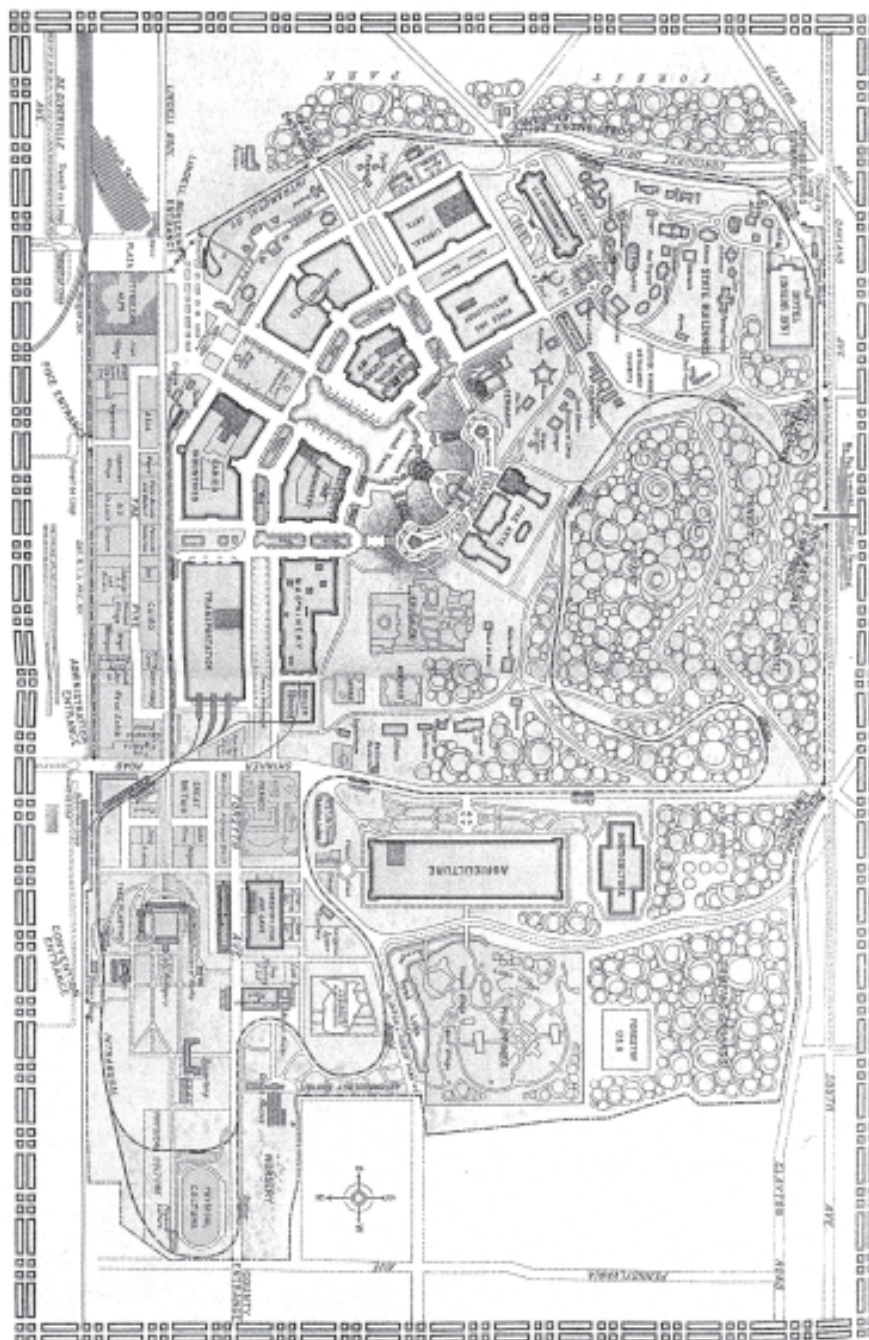


Fig. 65 - Implantação da Exposição de Saint Louis, em 1904.
Fonte: PETERS; MCGUE, 1989.



Fig. 66 e 67 - Pavilhão brasileiro na exposição de 1904, em Saint Louis. Remontado no Brasil, recebeu o nome de Palácio Monroe. Fonte: PETERS; MCGUE, 1989.

Fig. 68 - Capa do catálogo publicado pelo governo brasileiro acerca de sua exposição na Louisiana, em 1904. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

69 e 70 - Aspectos do pavilhão brasileiro na Feira de 1939, em New York. Fonte: ARCHITECTURAL RECORD, 1939.

Fig. 71 - Fachada do pavilhão brasileiro na "Golden Gate Fair", em San Francisco, 1939. Fonte: ARCHITECTURAL RECORD, 1939.

Outro personagem ligado à modernização brasileira, em processo naquelas décadas, que também se sentiu atraído pelas “*novidades*” americanas foi Delmiro Gouveia. Gouveia visitou a exposição de *Chicago*, em 1893, conhecendo não só os pavilhões de exposições, mas também, as próprias concepções de espaços urbanos, arquitetura e tecnologia ali expostas. Como afirmou Telma de Barros Correia, “*o projeto do Mercado do Derby*” – um centro de diversões e compras erigido por Gouveia, em Recife, em 1899 – “*foi profundamente marcado [pelos] valores arquitetônicos [da feira], revelando particular inspiração no Fisheries Building, projetado por H. Ives Cobb*” (CORREIA, 1998: 195 -196).¹⁵

O Brasil se fez representar, novamente, numa feira internacional norte-americana, em 1926, na celebração da *Sesquicentennial Exposition*, transcorrida na *Philadelphia*. Desta celebração, segundo revelou a pesquisa em periódicos nacionais, o Brasil não teria participado e nem erigido um pavilhão próprio, já que o concurso organizado no Brasil fora cancelado, exatamente, por força da “*desistência da república em participar do certame*” (COSTA, 1997). Todavia, a pesquisa nos Estados Unidos mostrou que o Brasil não só erigiu uma estrutura no *Fairmount Park*,¹⁶ como teve o dia 15 de novembro de 1926 designado como “*Brazilian Day*”. Nesta data, o embaixador brasileiro em *Washington*, Gurgel do Amaral foi recebido no recinto de exposições com brilhante *staff* (AUSTIN; HAUSER: 1929: 8; 412 - 413).

Em 1939, o país participou, duplamente, de celebrações nos Estados Unidos: na feira de *New York* - constantemente estudada, no país, por força do pavilhão brasileiro riscado por Oscar Niemeyer e Lucio Costa e ambientado por *Paul Lester Weiner* – e na *San Francisco Golden Gate Exposition*, cujo pavilhão, bem próximo dos preceitos arquitetônicos de *Marcello Piacentini*, fora erigido segundo o projeto do arquiteto estadunidense *Gardner Dailey*, com colaboração de *Ernest Born* (displays) e de *Jane Berlandina* e *Robert Howard* (murais) (ARCHITECTURAL FORUM, jun 1939:492 – 493).

Após 1939, a participação brasileira em eventos nos Estados Unidos rareou, muito pela própria perda de significado desse tipo de exposição. O mesmo não pode ser afirmado, contudo, com relação à participação em congressos profissionais e outras reuniões de teor político-econômico, que só aumentaram ao longo das décadas do século XX. Um exemplo bem ilustrativo da atração brasileira pelo universo acadêmico estadunidense é o do professor da Escola Central de Odontologia, no Rio de Janeiro, o dentista Coelho e Souza. Em 1911, Coelho e Souza esteve, por uma breve temporada, nos Estados Unidos para se aperfeiçoar em odontologia na *Dental School* da *University of Pennsylvania*, considerada a primeira e a melhor escola

¹⁵ Mas, independentemente de sua presença física na Exposição de *Chicago*, o envolvimento de Delmiro Gouveia com o mundo econômico norte-americano remonta a 1892, ano em que assumiu a gerência da filial do curtume americano *Keen Sutterly & Co*, em Recife, e prosseguiu nas décadas seguintes, já que, em 1910, há a informação de que ele procurou se associar a um certo empresário norte-americano, de sobrenome *Moore*, com “*vistas à criação de uma concessionária para fornecimento de energia elétrica para os estados do Nordeste*” (CORREIA, 1998: 191). O malogro do empreendimento parece ter como causa a recusa, por parte do governador do estado de Pernambuco, Dantas Barreto, de conceder à sociedade em questão o uso da cachoeira de Paulo Afonso para instalação de uma pequena usina hidrelétrica.

¹⁶ O autor do projeto não foi encontrado, já que nenhum dos arquitetos premiados pelo governo brasileiro no concurso promovido para escolha do pavilhão revelou ter sido contratado. Participaram arquitetos de grande projeção nacional, dentre eles, Lucio Costa, que se sagrou vencedor; Edgard Vianna; Afonso Eduardo Reidy, Nereu Sampaio e outros.

de dentistas daquele país. Na *Philadelphia*, cidade onde a referida universidade está assentada, Coelho e Souza tomou contato com o que chamou de “civilização americana”, fato que lhe despertou o desejo de regressar àquele país. Em 1922, Coelho e Souza foi enviado pela Sociedade Brasileira de Odontologia para a *Philadelphia* para participar do 7º Congresso Dentário Internacional que ali aconteceria. Esta viagem, que foi expandida a outras localidades daquela nação, até o Canadá, resultou na publicação do livro *Impressões dos Estados Unidos*, lançado no Rio de Janeiro, em 1927. O objetivo do livro, segundo o autor, era prover seus colegas odontólogos brasileiros de referências acerca daquele país, facilitando o intercâmbio de idéias e de cultura (SOUZA, 1927: 2). Mas, de fato, cogita-se a hipótese de que esta viagem de Coelho e Souza tenha alcançado muita repercussão no Brasil, instigando os brasileiros a visitarem a “Terra de Tio Sam” e a instalarem, por aqui, algumas soluções de espaço como a descrita a seguir:

“Ha nos Estados Unidos muitos aparelhos automaticos, mas o mais curioso que lá observei, foi o serviço de restaurante. Não se trata de methodo semelhante ao adoptado pela Associação Christã de Moças, no Largo da Carioca, que não constitue para nós novidade. (...) O consumidor apanha a sua bandeja e o seu talher. Percorre o mostruario e vê o que lhe apetece. Feita a escolha, lança pela respectiva fresta a moeda representando o valor da iguaria. Immediatamente a porta do nicho que aloja o prato com o acepipe abre-se, a pessoa retira-o e senta-se á mesa para consummil-o” (SOUZA, 1926: 55).

Coelho e Souza, embora critique, em seu livro, certa descompostura dos norte-americanos no trato social, sobretudo no que ele julgava um traço elevado do mundo europeu – a gentileza para com a mulher – exprimiu, de forma laudatória, que “os automatismos applicados ás industrias, formidaveis prodigios de mecanica, denunciam o atilado espirito de quem os concebe” (SOUZA, 1927: 55).

Tergiversando sobre muitos aspectos da vida americana, Coelho e Souza capacitou muitos leitores a irem aos Estados Unidos para experimentarem, *in loco*, tudo o que descreveu. No campo profissional da dentística, por exemplo, muitas revistas foram criadas, no Brasil, produzindo matérias com os olhos nos Estados Unidos. A revista *Brasil Odontológico*, por exemplo, não só circulou por todo território brasileiro, por algumas décadas, como era enviada, também, aos Estados Unidos, para suprir de informações os profissionais e estudantes brasileiros residentes naquela nação. Em todo caso, para aqueles impossibilitados de cruzar o continente americano, restava a opção de adquirir os produtos “made in USA”, no Brasil, alinhando-se, assim, ao que Souza declarou ser uma tendência irrevogável: “a da mecanica [suprir] o creado” criando “maquinas para tudo: para lavar roupa, para asseiar a casa por meio de aparelhos aspiradores” (SOUZA, 1927: 54).

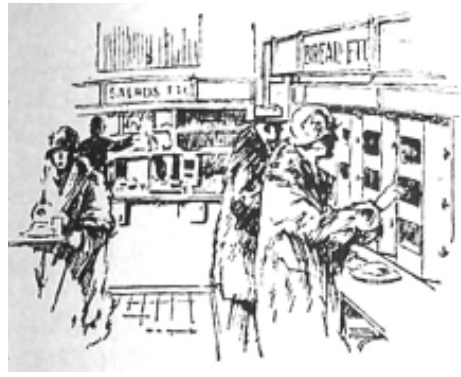


Fig. 72 a 76 - Capa e páginas diversas do livro "Impressões dos Estados Unidos", publicado pelo dentista Coelho e Souza, em 1927. Fonte: SOUZA, 1927.

No que tange à chegada de produtos norte-americanos ao país, algumas descobertas foram elucidativas não só do que os brasileiros adquiriram, mas, sobretudo, do que os estadunidenses vendiam aos trópicos. Pesquisando o *Almanak Laemmert*, editado no Rio de Janeiro, entre 1844 e 1889, encontraram-se alguns “reclames” ilustrativos do que a indústria norte-americana disponibilizava, na então capital brasileira, a partir da metade do século XIX. No almanaque, a classificação das referências de produtos dos Estados Unidos se dava por meio da categoria de “*armazéns de cadeiras americanas, esteiras da Índia para forrar salas e para cama, e outros artigos da Índia e da América do Norte*”. Os distribuidores arrolados, em 1859, eram Felix Antonio Vaz & Cia, e Antonio José Pedroso (ALMANAK LAEMMERT, 1859: 409). Já por volta de 1870, aos dois distribuidores originais agregou-se Manoel Olegário Abranches, cuja casa de comércio ficava na rua da Alfândega, bem no coração da capital imperial (ALMANAK LAEMMERT, 1876: 574). Neste almanaque foi possível verificar, também, a existência de uma loja chamada “*As Duas Américas*”, de Generoso Estrella & Queiroz, que se apresentava como casa “*importadora de gêneros ingleses, francezes, alemães, autriacos, norte-americanos; mecanismos, objectos de agricultura, ornamentos para jardim, e grande sortimento de generos para uso domestico e para viagem, por atacado e a varejo*” (ALMANAK LAEMMERT, 1877: 748). Esta mesma empresa fornecia o “*oleo electrico Rei da Dor (King of Pain)*”, importado de *New York* (ALMANAK LAEMMERT, 1877: 748). Havia no *Laemmert*, ainda, anúncios de companhias telegráficas, de empresas de navegação e de jornais internacionais, dentre os quais se destaca o “*Novo Mundo*”, apresentado no reclame como “*o primeiro jornal illustrado da America no idioma portuguez, redigido por Brasileiros, em Nova-York, com especial destino ao Brasil*” (ALMANAK LAEMMERT, 1880: 941). O objetivo desta publicação, segundo seu anúncio, era proporcionar o acesso a notícias variadas sobre os Estados Unidos e o resto do mundo, além de pôr à disposição do público leitor “*gravuras delicadas e artigos de transcendente importancia (...) e uma secção destinada ás senhoras, illustrada de figurinos, bordados e outras coisas dignas de apreço*” encontradas naquele país (ALMANAK LAEMMERT, 1880: 941).

Luiz Felipe de Alencastro elucidou, por meio de artigo publicado na coleção *História da Vida Privada no Brasil*, no volume sobre o período imperial brasileiro, que a chegada desses produtos norte-americanos ao país, naqueles anos, se dava por conta da navegação empreendida por navios de bandeira estadunidense destinados a alcançarem a costa oeste daquela nação¹⁷. Como apontou Alencastro, a principal casa importadora de gêneros norte-americanos do Rio de Janeiro, a *Nathaniel Sands*, estampava em jornais da corte brasileira “*reclames de tecidos, de máquinas debulhadoras de milho*”, além de anunciar, também,

¹⁷ As mercadorias dos Estados Unidos, no Brasil, nesse período, eram encontradas por conta das dificuldades de locomoção internas daquele país. Como inexistiam, entre 1840 e 1860, estradas e ferrovias abundantes no centro daquele país, no período conhecido como “*Corrida para o Oeste*” ou “*Corrida do Ouro*”, havia apenas duas formas de ligação entre *New York* e *San Francisco*. A primeira delas era fazer a viagem de navio até a costa da América Central, passando o istmo do Panamá em lombo de burro, e tomando, depois, um outro navio, já no Pacífico, rumando até a costa oeste. A outra maneira era viajar apenas de navio, descendo toda a costa americana até o *Cabo Horn*, na América do Sul. Essa segunda forma de locomoção era muito freqüente e tinha como escalas tradicionais as cidades de Salvador e do Rio de

Janeiro, as quais, por isso mesmo, foram abastecidas de mercadorias norte-americanas (ALENCASTRO, 1997: 41).

“produtos industriais fabricados para o Sul escravista da América do Norte e, portanto, de boa aceitação no Império” (ALENCASTRO, 1997: 41). A gama de produtos “made in USA” deixada nas cidades portuárias brasileiras era bem maior do que as encontradas nas páginas do *Almanak Laemmert* ou dos jornais da corte. Ainda na década de 1870 era possível comprar, em Salvador, por exemplo, máquinas de costura, mobílias, ferros de passar roupa e, principalmente, relógios de bolso, conhecidos como “cebolões”, os quais ajudaram a efetivar a mudança do tempo religioso para o tempo mecânico, no país (ALENCASTRO, 1997: 42-43; MATTOSO, 1997: 165).

Entretanto, fora esse período inicial de comércio - que, certamente foi abalado quando os americanos efetivaram suas ligações de costa a costa -, o Brasil, buscando uma aproximação econômica maior, celebrou, em 1891, um tratado econômico de reciprocidade pelo qual “favorecia a entrada de maquinaria e de farinha de trigo americanas e os Estados Unidos davam idêntico tratamento ao nosso café” (SINGER, 1975: 375).¹⁸ Como um possível reflexo deste acordo, tem-se notícia, no espaço doméstico de São Paulo, da presença de um fogão de ferro “dotado de serpentina [e] importado dos Estados Unidos (...) conhecido como ‘fogão econômico’”. Este fogão foi batizado desta forma “porque permitia o melhor aproveitamento da lenha”, somando-se ao fato que proporcionava o aquecimento da água a ser usada nas torneiras e no banho, de uma só vez, remindo o tempo a ser gasto nas tarefas domésticas, coadunando-se, assim, à noção de “progresso tecnológico” buscado pelas elites nacionais, naqueles anos (HOMEM, 2003: 131). Este produto podia ser adquirido na rua da Imperatriz, sob o nome de “Uncle Sam”, numa casa importadora chamada *George Harvey & Silva*. (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 28 dez 1879, citada por HOMEM, 2003: 130).

Outro produto que, apesar de restrito a casas muito abastadas, causou repercussão na cidade de São Paulo, em fins do século XIX, foi a “geladeira americana”,¹⁹ também importada dos Estados Unidos. Este utensílio doméstico “tinha estrutura de madeira” e, internamente, folhas de flandres, nas quais eram colocados blocos de gelo fornecidos, diariamente, pelas cervejarias existentes na capital. Aliado ao seu alto custo, Maria Cecília Naclério Homem apontou alguns outros inconvenientes da “máquina” em questão: “só funcionava enquanto durasse o gelo” e deixava a água do degelo empoçada no chão (HOMEM, 1996: 132).

Na manutenção da balança comercial brasileira, alguns outros acordos alfandegários foram efetuados

¹⁸ Parece que esse tratado foi quebrado em 1894, quando os Estados Unidos impuseram uma taxa de 40% ao açúcar brasileiro que era, também, um produto que se esperava negociar, ao lado do café (SINGER, 1975: 375).

¹⁹ A geladeira foi inventada na França, em 1850, mas encontrou grande mercado nos Estados Unidos, em função da corrida do ouro rumo a costa oeste, uma região mais seca e quente.

dando favorecimento explícito aos Estados Unidos. As taxações, por diversas vezes, foram reduzidas redundando na disseminação, pelas principais capitais do país, de “*leite condensado, borracha manufaturada, farinha de trigo, relógios, frutas, tintas e vernizes*” estadunidenses. Em 1910, ao lado destes produtos, o país passou a receber, também, “*cimento, espartilhos e frutas secas*” ampliando a gama de produtos estadunidenses, no país (SINGER, 1975: 375).²⁰

Deve-se apontar que a alteração da sonoridade e do lazer brasileiros estiveram entrelaçados à presença de produtos norte-americanos. Em 1891, em Belém do Pará, um fonógrafo de funcionamento à pilha, da marca *Pacific Phonograph*, foi desembarcado por um húngaro chamado *Friedrich Figner*, recém-egresso de *New Orleans*. “*Fred*” *Figner* que seria conhecido como o “*pioneiro do disco e do fonógrafo no Brasil*” foi, até a década de 1930, o principal importador e comerciante de fonógrafos, cilindros de vidro para gravação, discos e demais apetrechos sonoros, do Brasil (SÁ, 2002: 15). Entre 1891, ano de sua chegada em Belém, até 1896, quando montou a primeira loja especializada no setor, no Rio de Janeiro, *Figner* circulou por diversas localidades, como Manaus, Fortaleza, Natal, Parahyba (atual João Pessoa), Recife, São Paulo, além de diversas cidades de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, de onde alcançou, inclusive, *Montevideo* e *Buenos Aires*. Nessas viagens *Figner* levava, de início, apenas o relatado fonógrafo, com o qual fazia “*audições pagas*”, mas, com o tempo, passou a levar, também, para venda, discos e outros aparelhos, em sua maioria, norte-americanos. O sucesso que *Figner* alcançou foi tanto, que suas lojas no Rio de Janeiro se tornaram conhecidas no país todo, especialmente uma delas, que foi batizada de “*Casa Edison*”, em homenagem ao norte-americano, inventor do fonógrafo (SÁ, 2002: 15-21).²¹

Mais equipamentos de origem norte-americana chegaram, ainda em fins do século XIX, a São Paulo. Em 1884, os primeiros aparelhos telefônicos foram instalados na capital paulista e, num intervalo de um ano, já eram 680 no estado todo, o que demonstra a possibilidade de conexões, não só entre vários locais da mesma cidade, mas, também, entre São Paulo e Santos; São Paulo e Bragança Paulista; Campinas e São Paulo, por exemplo, e, ainda, entre essas cidades e diversas fazendas produtoras de café, do interior do estado (LOVE, 1982: 130).²²

Com relação à criação de crescentes levas de consumidores, Ana Luiza Martins mostrou, em sua tese de doutorado publicada sob o título de ***Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República***, que os periódicos das primeiras décadas do século XX viam a mulher - a responsável pela

²⁰ Em 1904, Rodrigues Alves reduziu as taxas de importação dos primeiros produtos listados, em 20%. Em 1905 o Congresso aboliu essas concessões, mas a presidência da República as reintroduziu, ampliando, inclusive, a gama de produtos a serem contemplados, em 1910 (SINGER, 1975).

²¹ *Figner* também esteve, em 1893, na exposição de *Chicago*, onde conheceu e adquiriu outra invenção de *Thomas Edison* que passaria a utilizar no Brasil: o “*kinetoscópio*”, espécie de ancestral do projetor de filmes (SÁ, 2002: 16). Márcia Padilha mostrou que em meados dos anos 1920, a “*casa Paul J. Christoph & Comp.*”, uma das mais antigas lojas da capital paulista, inaugurou “*uma seção da fábrica Victor Talking Machine, de Nova York, para lançamento de gramofones e vitrolas importados*”, fazendo concorrência à casa Edison, carioca (PADILHA, 2001: 123).

²² O historiador *Joseph Love* fornece os números do incremento da telefonia em São Paulo: “*em 1907, o estado possuía 5.000 aparelhos; em 1913, já eram 10.000. Em 1937, apenas na capital havia 45.000 telefones*” (LOVE, 1982: 130).

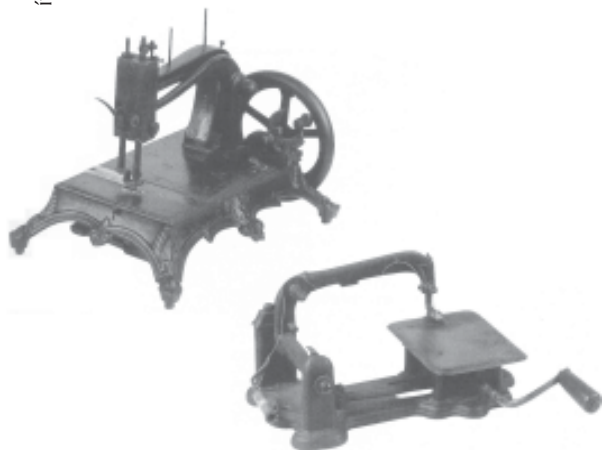


Fig. 77 - Máquinas de costuras americanas comercializadas no Brasil, no século XIX. Fonte: ALENCASTRO, 1997.

Fig. 78 e 79 - Anúncios publicados na corte brasileira sobre relógios de bolso trazidos por americanos e de dentista dos Estados Unidos. Fonte: ALENCASTRO, 1997.

Fig. 80 - Propaganda do fonógrafo de Edison, à venda na Casa Figner. Fonte: CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL, 2001.

Fig. 81 - Propaganda que revela o caráter "inovador" do rádio elétrico. Fonte: CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL, 2001.

Fig. 82 - Fotografia de uma galena. Fonte: CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL, 2001.

5

BURRAS DE FERRO
À PROVA DO FOGO.
 As melhores e mais bem acabadas
BURRAS DE FERRO DATCO
 DE HENNING, À PROVA DO FOGO, O MELHOR QUE EXISTE.

Este burras de ferro é fabricado em uma fundição americana, sob a direção de um mestre fundidor, e é conhecido por sua resistência e durabilidade. É muito usado em todas as oficinas mecânicas e fábricas de ferro e aço.

Vendem-se em casa de Nathaniel Sands & C.,
 RUA DA ALFANDEGA N. 20.

DEBILHADORES DE MILHO
APERFEÇOADOS DO AUTOR SANDS.

Este debilhador de milho é fabricado em uma fundição americana, sob a direção de um mestre fundidor, e é conhecido por sua resistência e durabilidade. É muito usado em todas as fazendas e propriedades rurais.

Vendem-se em casa de Nathaniel Sands & C.,
 Rua da Alfandega n. 20.

OBJECTOS DE CAPRICHOS.
MOBILIAS NORTE-AMERICANAS.

Este anúncio refere-se a uma variedade de objetos de caprichos e mobiliários norte-americanos, fabricados em uma fundição americana, sob a direção de um mestre fundidor, e é conhecido por sua resistência e durabilidade. É muito usado em todas as residências e propriedades rurais.

Manoel Olegário Abranches e G.
 10 RUA DA ALFANDEGA 10
 DEFRONTE DO NOVO EDIFÍCIO PARA O SERVIÇO COMERCIAL.

THE
S. PAULO TRAMWAY, LIGHT & POWER CO. LTD.

OS FERROS ELECTRICOS
COM para engommar SAC

Os mais simples,
 Os mais seguros,
 Os mais limpos,
 Os mais econômicos.



Os mais convenientes,
 Os mais econômicos,
 Os mais rápidos e
 Os mais duráveis,
e conservam-se sempre quentes durante o trabalho.

UNCLE SAM

FOGÕES ECONOMICOS AMERICANOS



FOGÕES ECONOMICOS AMERICANOS

Este fogão econômico americano é fabricado em uma fundição americana, sob a direção de um mestre fundidor, e é conhecido por sua resistência e durabilidade. É muito usado em todas as residências e propriedades rurais.

ESTE FAMOSO FOGÃO


Este fogão econômico americano é fabricado em uma fundição americana, sob a direção de um mestre fundidor, e é conhecido por sua resistência e durabilidade. É muito usado em todas as residências e propriedades rurais.

COM EGUALDADE DE PREÇOS
 NO DEPOSITO TEMPORARIO, RUA DA IMPERATRIZ, N. 52 A
 E em casa de George Harvey & Silva
5 B — Rua da Imperatriz — 5 B
 UNCLE SAM

Fig. 83 - Anúncios e equipamentos e utensílios norte-americanos, num dos jornais da Corte. Fonte: ALENCASTRO, 1997.

Fig. 84 - Anúncios de ferros elétricos publicados pela Light, em São Paulo. Fonte: HOMEM, 2003.

Fig. 85 - Anúncio publicado em jornal paulistano anunciando o fogão americano de sugestivo nome "Uncle Sam". Fonte: HOMEM, 2003.



IM
MA
CU
LA
DO

NA SUA BRANQUEZ

KOLYNOS

O CREME DENTAL SCIENTIFICO

NA FABRICA

NO PESSOAL

NA PUREZA DE SEUS INGREDIENTES

O ACESSO A ESTA CASA E LIVRE

THE KOLYNOS CO.
New Haven, Conn. (E. U. A.)

UNICOS AGENTES PARA O BRASIL
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
RIO DE JANEIRO S. PAULO



APEX-ROTAREX
OS MELHORES LIMPORES

Varredores a vacuo para todos os fins.

Demonstrações sem compromisso

BYINGTON & Co.
Rua General Camara, 65
RIO DE JANEIRO

RADIOTELEPHONIA
APPARELHOS DA RADIO CORPORATION OF AMERICA



RADIOLA Super-VIII

Os amadores de radiotelephonia encontrarão nestes aparelhos o que ha de mais perfeito na arte. Os concertos, conferencias, cotações de cambio e da bolsa, transmitidos pelas estações de São Paulo, Rio e Buenos Aires, são recebidos nitidamente; o som é puro e melodioso.

Temos para prompta entrega

DISTRIBUIDORES
Byington & Cia.
Rua Alvares Penteado, 4
S. PAULO



A FRIGIDAIRE DA REFRIGERACAO
Mais higiene
Mais economia
Mais pratica

A FRIGIDAIRE
Conserve os alimentos por mais tempo sem o maior trabalho

Frigidaire
GELADEIRA ELECTRICA AUTOMATICA

Piçam informações a:
PIRIE, VILLARES & CIA
PRAÇA DA REPUBLICA
Phone Octubr 8871 - S. PAULO - Caixa Postal 3889

Fig. 86 - Anúncio do creme dental "Kolynos". Fonte: A CASA, 1927.

Fig. 87 - Propaganda dos aspiradores de pó, Apex - Rotarex, na década de 1920. Fonte: A CASA, 1927.

Fig. 88 - Radiotelephonia em anúncio da casa Byington, de São Paulo. Fonte: MAGALHÃES, 2000.

Fig. 89 - geladeira Frigidaire, em anúncio da década de 1920. Fonte: MAGALHÃES, 2000.

administração do espaço doméstico -, “*como cliente em potencial, capaz de influenciar as decisões da família*”. Isto fez, de certa forma, com que as casas importadoras e os demais comerciantes passassem a destinar as propagandas dos produtos à venda ao gênero feminino. Ana Luiza Martins mostrou, assim, que as revistas publicadas no Brasil, visando garantir “*a preferência pelo produto importado em detrimento do similar recente ‘nacional’*” passaram a abusar dos adjetivos como “*parisiense elegante*” – ainda dentro da idéia de que a Europa era o *locus* do ‘requinte’ - e “*jovem yankee moderna*” – introduzindo uma visão da mulher americana como dinâmica e inovadora. Tal estratégia intentava vender desde “*fortificantes para a prole, dentifrícios para a família, produtos alimentícios, sabonetes de qualidade*” até fogões “*americanos*”, refrigeradores a querosene e outra infinidade de produtos industrializados com sotaque estadunidense, muitos dos quais, já eram produzidos no país (MARTINS, 2001: 379).

Márcia Padilha, em estudo sobre a vida urbana paulistana na década de 1920, acrescentou mais alguns elementos ao rol de produtos originários dos Estados Unidos, disponíveis no Brasil da República Velha. Chama atenção a análise desta autora acerca do universo feminino, profusamente explorado pela publicidade daquela década. Mostrou Padilha que muitos produtos americanos eram oferecidos à mulher por seu papel-chave na decisão dos gastos da família brasileira, sobretudo, porque este efeito, aqui verificado, era também existente nos Estados Unidos, facilitando, dessa maneira, não só o oferecimento direto de mercadorias, como a reciclagem de anúncios americanos, muitas vezes. Dois anúncios citados por Padilha dão o tom de como os Estados Unidos foram associados, pouco a pouco, ao “*glamour*” feminino. A cera para pele “*Franck Lloyd*”, apregoada na revista **A Cigarra**, de março de 1926, dizia que “*sem dúvida alguma, na mulher, a par da excelente educação, deve haver uma epiderme sã*” (A CIGARRA, 1926, citada por PADILHA, 2001: 126). Anos antes, a mesma revista divulgou a importância dos “*beauty parlors*” para a mulher brasileira, enfatizando o elemento norte-americano como equiparado ao europeu em termos de requinte:

“O Instituto Moderno de Belleza estabelecido á rua Libero Badaró, 49 (sobreloja) dispõe de todos os aparelhos modernos que exigem os progressos da sciencia, para os cuidados da beleza. Gabinete de manicure, pedicure, massagens, depilação, banhos faciaes, banhos de luz e vapor, lavagem de cabeça, raios violeta, calor de alta tensão, etc. Dirigido pela professora de beleza higienica dra. Titânia S. de Garate, diplomada em Paris e Buenos Aires. Pedicures diplomados pela “the School of Chiropedy of Nova York” (A CIGARRA, 1926, citada por PADILHA, 126).

Deve-se mostrar, dessa forma, que a própria noção de “*civilidade*”, naqueles tempos, perpassava a noção

de asseio e higiene. Cientes desse efeito e, em grande medida, também dele provocador, as empresas norte-americanas instaladas no país passaram a mostrar que um dos “*avanços da ciência*”, naquele período, era proporcionar aparências saudáveis. Sendo assim, à mulher, mas também, ao homem, competia o cuidado com a saúde e com a “*aparência civilizada*”. Assim, o homem deveria usar lâminas “*brownie*” produzidas pela “*Gillett Safety Razor do Brasil*”, além de cremes dentais, como o “*Kolynos*” (A CIGARRA, 1923, citada por PADILHA, 2001: 128 - 129).

A proliferação deste tipo de propaganda, aliada ao incremento populacional das cidades brasileiras durante as primeiras décadas do século XX, facilitou o surgimento das lojas de departamento, sem dúvida, uma novidade em termos de comércio varejista, no Brasil. A loja que mais atraiu público, por seu pioneirismo e por sua diversidade de produtos, foi a *Mappin Store*. Criada no século XVIII, na pequena *Sheffield*, na Grã-Bretanha, pelas famílias *Mappin* e *Webb*, a loja alcançou fama e seu caráter de loja de departamento no século XIX, no mesmo período em que, nos Estados Unidos, este tipo de comércio se ampliava (<http://en.wikipedia.org/wiki/Selfridges>. Acesso em 17 jan 2007). De *Sheffield*, a loja se mudou para Londres e, de lá, abriu filiais na Argentina e no Brasil. A versão paulistana foi fundada pelos irmãos *Walter* e *Hebert Mappin*, na rua 15 de Novembro, em 1913. Em 1919 a loja se mudou para a praça do Patriarca e, em 1939, foi para a praça Ramos de Azevedo, defronte ao Theatro Municipal de São Paulo. O *Mappin*, apesar de sua origem britânica, vendia muitos produtos fabricados nos Estados Unidos. Padilha mostrou que ao lado do tradicional chá das cinco, de ascendência inglesa, o *Mappin* vendia utensílios domésticos, livros importados e “*familiarizava o paulistano com o último grito das cidades mais concorridas da Europa e dos Estados Unidos*”, no que dizia respeito ao vestuário (PADILHA, 2001: 88). A presença de uma loja dessas proporções, bem no coração da cidade de São Paulo, apenas enfatizava algo que já se percebia em grande escala em várias cidades brasileiras: o acolhimento dos Estados Unidos como referencial à vida doméstica brasileira.

Como mostra o livro ***A vida cotidiana no Brasil moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1880-1930)***, publicação do Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, as referências aos Estados Unidos chegaram com muita força não apenas no espaço público brasileiro, por meio de empresas e escritórios envolvidos com a infraestruturação das cidades, mas, ainda, no espaço doméstico. Dentro dessa referência estadunidense ao cotidiano doméstico, o referido livro coloca a importância assumida pelo rádio na transformação dos hábitos familiares. Embora seja do italiano *Marconi* a patente do rádio, a



Fig. 90 e 91 - Aspectos noturnos do Rio de Janeiro iluminado por lâmpadas elétricas. Acima, vista da enseada de Botafogo, na década de 1920. Abaixo, vista da Exposição do Centenário da Independência do Brasil, em 1922. Fonte: CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL, 2001.

Fig. 92 - Propaganda da Light, no Rio, incentivando o consumo de energia elétrica. Fonte: CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL, 2001.

Fig. 93 - Anúncio de geladeira da General Electric. Fonte: CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL, 2001.

Westinghouse

Locomotivas Eléctricas WESTINGHOUSE transporte moderno

E' mister apreciar a grande obra realizada com a locomotiva a vapor que percorre as rotas da via férrea que chegam até aos confins do mundo.

Constante, o progresso trae consigo a applicação cada vez mais extensa de electricidade, e manifestou-se como foi em seu tempo a locomotiva a vapor já não é a última palavra. Actualmente as locomotivas electricas Westinghouse traem do interior das matas milheos productos para ser transportados até aos portos e bairros dos navios pelos quais são transportados através do oceano.

O aperfeiçoamento da locomotiva electrica por Westinghouse tem tomado possíveis condições ainda mais em meio de transporte.

Erving & Co.
Rua Álvaro Pinheiro, 4
Cidade de Curitiba, P.
Tel. Central 715
S. PAULO



Senhores Industriais

No interior das fabricas e na electromotriz e a fonte principal de consumo de energia.

A Electricidade, se efficaz e utilizada de accordo com certos regulos, é uma verdadeira fonte de rendimento, facilitando o trabalho, permitindo um aumento de produção nunca antes visto e t.

A luz Electricidade diminui o numero de acidentes, trabalha a fabricação e reduz o custo de manutenção.

GENERAL ELECTIC
R. N. do Rocio, 50 - S. PAULO - Tel. 44 4585



AS COSINHAS MODERNAS

A evolução do nosso gosto, que já nos fazia transformar a decoração interior das nossas residencias, devia-se evidenciar igualmente nas instalações de uma peça da casa sempre decorada e moderna bem importante: a cozinha.

Por isso se vê, agora, manifestarem-se esforços consideráveis a favor das instalações de cozinhas modernas, concebidas conforme um intelligente plano de conjunto.

Aqui tivemos período de um espaço triangular, para uma cozinha elevada sobre uma base. É' muito adequada a vista; igualmente para, bem como para o pavimento, branco para as paredes, que na parte superior são pintadas com tinta azul pastel.

Uma grande cozinha, modernamente decorada, com um grande jardim. Partida de um ambiente moderno. Evidente a harmonia do ambiente, do qual se vê, em primeiro plano, o elemento de maior importância: a cozinha, com toda a sua estrutura, com um espaço de um metro quadrado, com um espaço de um metro quadrado, com um espaço de um metro quadrado.

Um bom habitante, a que se a cozinha (detalhes interessantes) e moderna, com um espaço de um metro quadrado, com um espaço de um metro quadrado, com um espaço de um metro quadrado.



Fig. 94 e 95 - Anúncios de grandes empresas do setor elétrico norte-americano, no Brasil. Fonte: MAGALHÃES, 2000.

Fig. 96 - Excerto da revista *Vida Doméstica*, dos anos 1920, mostrando as metamorfoses da cozinha. Fonte: PADILHA, 2001.

veiculação de notícias e músicas por este veículo se deve a *Reginald Fessenden*, um canadense, que radicado nos Estados Unidos lançou a moda de veicular notícias via rádio, em 1906. Naquele país, em 1910, uma programação diária de notícias e eventos voltados ao entretenimento e ao lazer se fixou, mostrando a adesão a este tipo de programação tanto no ambiente de trabalho, quanto no da casa (CENTRO DE MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL, 2001: 215). No Brasil, na década de 1920, tal forma de transmissão de notícias e de propagação musical seria introduzida. Em 1922, quando da abertura da Exposição Internacional do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro, a primeira transmissão radiofônica foi feita por meio de equipamentos da *Westinghouse Electric Company*, instalados no alto do Corcovado. Em 1923, Roquete Pinto e Henrique Morize inauguraram a primeira emissora brasileira comercial, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Em março de 1923, em Pernambuco, também um grupo de moços realizaria transmissões radiofônicas sistemáticas (CENTRO DE MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL, 2001: 217). Em 1927, por conta de acordos alfandegários, os antigos e pouco numerosos rádios de galena foram retirados, gradativamente, do mercado brasileiro, e aparelhos elétricos, de procedência americana, sobretudo, foram trazidos. Marcas como *Zenith* e *Crosley* eram vendidos no país em casas dedicadas à iluminação, como a *Byington & Cia*, e eram anunciadas em diversas revistas, como *Careta*, *A Casa*, *Eu Sei Tudo* e outras.

Na segunda metade da década de 1920, por exemplo, a revista *A Casa* dizia, em uma de suas matérias, sobre a transformação do espaço doméstico e sobre a necessidade de se prever tomadas e demais lugares para as novidades americanas nas casas do Brasil. Dizia a reportagem que os arquitetos americanos favoreciam a vida doméstica porque procuravam fornecer aos clientes,

“todas as facilidades possíveis que, mais cedo ou mais tarde, seriam necessárias. Ora são armários embutidos nas paredes e em lugares adequados, (...), ora são pequenas mezas desmontáveis, sem referir a profusão de tomadas de corrente em todos os pontos da habitação, afim de permitir a colocação de lâmpadas, ventiladores, ferros de engomar, etc, enfim, tudo quanto é hoje imprescindível á vida de um ser civilizado” (A CASA, n. 32, dez, 1926).

Ao lado dos equipamentos elétricos, a casa brasileira também encontrou outras referências oriundas de um movimento em prol da simplificação e organização da vida doméstica. O espaço privilegiado desta discussão, tanto lá, quanto na Europa e, por conseguinte, no Brasil, foi a cozinha. Setor beneficiado pelas redes de água, esgoto e energia que chegavam, progressivamente, às cidades brasileiras, a cozinha se transformou num dos espaços mais projetados ao longo do século XX. Remontando, de fato, à primeira

metade do século XIX, quando *Catherine Esther Beecher* escreveu obras, como *A Treatise on Domestic Economy, for the Use of Young Ladies at Home and at school*, em 1841, em que postulava regras para a simplificação do trabalho doméstico e dava instruções para a valorização do trabalho feminino. Em decorrência da obra de *Beecher*, nos Estados Unidos se desenvolveu intensa reformulação dos ambientes de serviços das casas, e a indústria americana passou a construir e a desenvolver equipamentos que se inscreviam na discussão deflagrada por *Beecher*. Exemplo interessante dessa ascendência de *Beecher* e de suas seguidoras para a formulação de uma nova espacialidade para as cozinhas é a propalada cozinha de *Frankfurt*. Desenvolvida pela equipe do arquiteto *Ernst May*, no período de reconstrução do primeiro após Guerra, a idéia da compacta superfície de trabalho complementada por gavetas e prateleiras projetadas a partir das funções de cozinhar e preparar alimentos teve sua origem nos Estados Unidos. Na época da construção das unidades domésticas pela equipe de *May*, este designou a arquiteta *Grete Shütte Lihotsky* para que aplicasse os princípios desenvolvidos por *Christine Frederick* e *Mary Pattison*, duas vizinhas numa *company town* nos Estados Unidos. *Lihotsky* havia estudado as proposições de *Frederick* e *Pattison* mediante os livros que ambas publicaram, de nomes, respectivamente, *Household engineering: scientific management in the home* e *Principles of Domestic Engineering*, no período 1915 – 1919. Nestas obras, a idéia de cozinhas compactas, com encaixes para eletrodomésticos e muitas prateleiras para os diversos utensílios domésticos eram recomendadas. A equipe de *May* desenvolveu a proposta, aplicando-a a diversos conjuntos habitacionais de *Frankfurt*.²³ Por este motivo recebeu este nome, embora a gênese de tal proposição seja os Estados Unidos. No Brasil, os princípios de arranjo espacial da “cozinha de *Frankfurt*” foram empregados no conjunto habitacional do Realengo, no Rio de Janeiro, projetado pelo arquiteto Carlos Frederico Ferreira, nos anos 1930. Contudo, soluções esparsas, advindas dos Estados Unidos já eram visíveis por aqui, ainda nos primeiros anos do século XX. Entretanto, é preciso enfatizar que a grande reviravolta no desenho das cozinhas brasileiras se deu na década de 1940, quando a infraestruturação do país se deu de forma mais sistemática, e a produção de comida enlatada se proliferou no Brasil. Para abrigar as latas de salsicha, sardinha, molhos e vegetais, as cozinhas brasileiras foram pensadas como passíveis de receberem prateleiras e diversos armários, muitos embutidos. Por conta da Segunda Guerra Mundial, o princípio da *Case Study House* e das cozinhas simplificadas²⁴ chegou ao Brasil, e parece ter se enraizado até os dias atuais (IRIGOYEN, 2005).

Se os produtos americanos foram capazes de alterar muitas dimensões da vida cotidiana no Brasil, deve-se entender, com maior vagar, como as teorias aplicadas na indústria estadunidense também atraíram a

²³ Informações obtidas nas notas de aula da disciplina História Social da Arquitetura Moderna, ministrada pelo Prof. Dr. Paulo Bruna, no primeiro semestre de 2004, na FAU.

²⁴ Com a ida de muitos americanos para os campos de combate na Segunda Guerra, a indústria americana valeu-se do trabalho feminino como forma de suprir a produção crescente de produtos industrializados, e de manter aquecido o mercado interno. Visando liberar a mulher do trabalho doméstico processado segundo ditames antigos, sobretudo num período em que a mulher estava em casa, arquitetos e engenheiros desenvolveram estruturas espaciais mais eficientes, dentro do pensamento tributário de *Beecher*.

atenção dos industriários brasileiros.

2.2 – Estados Unidos: ‘locus’ da técnica e da indústria moderna

“O Sky-scraper define o americano. É a arrogância do parvenu e a estupidez do arrivista que não sabe esperar pelo tempo e outras circunstâncias mínimas para ter personalidade. Faz o grande, gesticula, berra, veste-se com cores vivas, arrega-se de brilhantes e pérolas, de todas as jóias, enfim, para parecer fidalgo, poderoso e original.”

Lima Barreto, 1919 [2005].

Se até aqui se falou de anúncios produzidos por lojas dedicadas ao comércio varejista e das “atrações americanas”, deve-se abrir espaço para comentários sobre a associação dos Estados Unidos ao ambiente industrial moderno e aos avanços tecnológicos de ponta. De fato, ao se falar da circulação de idéias e de produtos entre os Estados Unidos e o Brasil, não se pode deixar de comentar, também, como o ambiente urbano foi modificado pela introdução da iluminação, sobretudo da proveniente de matrizes elétricas. Como mostrou o historiador Nicolau Sevcenko, a vida urbana da passagem do século XIX ao XX enfatizou a iluminação feérica, constante e vertiginosa, como uma das conquistas da modernidade (SEVCENKO, 2000: 18). A questão da iluminação e do fornecimento de energia elétrica às cidades brasileiras esteve atrelada à ação direta de profissionais norte-americanos e à incorporação de tecnologias produzidas ou patenteadas por aquele país, ao lado de outras nações, como a Alemanha e a França (MAGALHÃES, 2000: 31). Mesmo havendo profissionais brasileiros, sobretudo da Escola Polytechnica de São Paulo, que desenvolviam sistemas de produção e de transmissão de correntes elétricas desde o século XIX, a falta de investimentos públicos, em função do liberalismo vigente no período, impossibilitou a aplicação desses inventos nacionais, no país, em grande escala, abrindo caminho para a entrada de capitais estrangeiros.²⁵

Ao se falar em energia elétrica nos dois principais centros urbanos brasileiros daquele período - Rio de Janeiro e São Paulo - faz-se mister abordar o grupo *Light*. De grande envergadura no país, o grupo era formado por capitais americanos, britânicos canadenses²⁶ e havia sido constituído visando a exploração do transporte por bondes eletrificados e à iluminação pública, no Brasil.²⁷ Como aponta o historiador João Luiz Máximo da Silva,

²⁵ Gildo Magalhães mostra, em seu livro *Força e Luz*, que profissionais brasileiros impossibilitados de produzir industrialmente seus inventos elétricos, os vendiam a empresas internacionais, como a francesa *Ducretet*, que comprou do brasileiro Oswaldo de Faria, “o transformador eletrolítico” que “*tinha as propriedades de uma válvula retificadora, [cuja] principal aplicação era a carga das baterias acumuladoras*” (MAGALHÃES, 2000: 50). Causa estranheza saber que essa venda, bem como o sucesso na aplicação do invento, na Europa, foi noticiada pela *Revista Polytechnica*, em 1907, o que levou o Senado Federal a instituir uma comissão de avaliação dos benefícios do invento brasileiro, que teve de sofrer modificações ínfimas para poder ser usado no país de seu inventor (MAGALHÃES, 2000: 50).

²⁶ A própria *Light* apresentou os capitalistas envolvidos no trâmite: “*James Gunn, Alexander Mackenzie, John Smith, Herbert Vernon, Archibald Sinclair, Richard Goset e Ernest Mcneil*”, além de “*Daniel Mulqueen e Walter Gow*”. (THE SÃO PAULO TRAMWAY, LIGHT & POWER LTD, 1950).

²⁷ Em São Paulo o fornecimento de gás era efetuado pela firma britânica *The São Paulo Gás Company* (SILVA, 2002: 17-18).

“O grupo de capitalistas envolvidos na constituição da *Light* já tinha experiência na exploração de serviços de transporte eletrificado e na construção de ferrovias. Francisco Antonio Gualco (que vivia e trabalhava em Montreal) foi o testa-de-ferro deste grupo no Brasil. Seu papel foi de criar condições favoráveis e dar cobertura para a instalação do grupo no país, adquirindo concessões de serviços para a empresa. Em 1897 Francisco Gualco associou-se [ao] ao comendador Augusto de Souza²⁸ e juntos obtiveram a concessão do serviço de viação elétrica por quarenta anos. Orientados pelo engenheiro americano Frederick Pearson, conseguiram a ampliação da concessão original para novas linhas e a autorização adicional para a produção e distribuição de energia elétrica. Em 1899, um grupo articulado por Pearson fundou a *The São Paulo Railway, Light and Power Limited*, com sede em Toronto, mas com capital inglês. No mesmo ano, Gualco e Sousa transferiram seus privilégios e concessões para a empresa que passou a se chamar *The São Paulo Tramway, Light and Power Company Limited*” (SILVA, 2002: 18).

Como mostra Tamás Szmereczányi, em artigo sobre a história do grupo *Light* no Brasil, “na prática, a *Light* era uma empresa pouco canadense” e o fato de que “sua sede se localizava no Canadá”, não significava que houvesse um projeto canadense para o Brasil. Diz este autor que a escolha do Canadá como sede se deveu a dois fatores: primeiramente, a possibilidade de estar próximo do universo britânico de investimento por meio do *Commonwealth*, e, em segundo lugar, o mais decisivo, segundo Szmereczányi, “por conveniências fiscais e financeiras” ali oferecidas (SZMEREZÁNYI, 1986: 134). No Brasil, o grupo formado se tornou o maior em capital e o mais sedento pelo comando da eletrificação do país. Dessa forma, em 1900, a *Light* inaugurou, em São Paulo, sua primeira usina termoeleétrica e sua primeira linha de bondes. Num processo de luta contra as outras concessionárias envolvidas com os serviços públicos daquela cidade, a *Light* foi constituindo um monopólio que não mediu esforços para deflagrar indisposições nos usuários, voltando-os contra os serviços fornecidos pela companhia de gás, pela Companhia Viação Paulista – que efetuava o transporte de bondes – bem como pela Companhia de Água e Luz do Estado de São Paulo, suas concorrentes diretas (SILVA, 2002: 19-20; MAGALHÃES, 2000: 52).

No Rio de Janeiro a *Light* se estabeleceu em 1904, com a inauguração da eletricidade em alguns pontos centrais da cidade, durante a gestão de Pereira Passos. Entrando em conflito com a Gaffrée e Guinle, empresa carioca interessada no serviço de iluminação pública e no transporte por bondes, a *Light* recorreu ao Departamento de Estado dos Estados Unidos, ao Barão do Rio Branco e ao ministro Lauro Müller para afastar os concorrentes e, assim, efetivar sua ação naquela cidade, muito embora a firma de Candido Gaffrée e Eduardo Guinle continuasse atuando em outros bairros e no interior fluminense (MAGALHÃES, 2000: 53).²⁹ A trajetória da *Light*, no Rio de Janeiro, é analisada da seguinte forma por Carlos Kessel, no livro *A Vitrine e o Espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio*:

²⁸ Em publicação comemorativa de seus cinquenta anos, a *Light* relatava o seguinte, com relação aos paulistas envolvidos em sua fundação no Brasil: “Viajando pela América do Norte, Américo de Campos, que era irmão de Carlos de Campos, genro do Comendador Souza, passou por Montreal, onde teve oportunidade de conversar a respeito desse projeto com o Capitão Francisco Antônio Gualco, oficial da marinha Real Italiana. Desse fortuito entendimento, resultou a vinda do Capitão Gualco a São Paulo, no mesmo ano de 1896” (THE SÃO PAULO TRAMWAY, LIGHT & POWER LTD, 1950).

²⁹ Houve uma terceira iniciativa da *Light*, nestes mesmos ramos, que foi a prestação de serviços para cidade de Sorocaba, SP, a partir de 1911, com o aproveitamento do salto de Itupararanga, sob o nome de *São Paulo Electric Co.* (MAGALHÃES, 2000: 53). Carlos Kessel informa, também, que a *Light* manteve iniciativa semelhante em Salvador, na Bahia (KESSEL, 2001: 35).

“A Light (...) inicialmente garantiu o monopólio do fornecimento de eletricidade do Distrito Federal, com a aquisição de uma concessão pertencente a William Reid (que datava de 1900), e com a assinatura de um acordo com o estado do Rio de Janeiro para explorar a cachoeira de Ribeirão das Lages. Ao mesmo tempo dava início à aquisição do controle acionário da The Rio de Janeiro Gas Company (controladora da Société Anonyme du Gaz, detentora da concessão para iluminação pública e privada da cidade); das companhias carris São Cristovão, Vila Isabel, Carioca e Carris Urbanos; e da Rio de Janeiro Telephone Company, controladora da Brasilianische Elektricitäts-Gesellschaft, a concessionária alemã dos serviços telefônicos (KESSEL, 2001: 34).

O ideário reformista deflagrado pelas reformas urbanas de Pereira Passos, no Rio de Janeiro, e pelos “Melhoramentos Urbanos” de Antonio da Silva Prado, em São Paulo, parece que favoreceu a instalação da empresa anglo-canadense nestas localidades. Convém ressaltar que a imagem pública da *Light*, por conta de seu ramo de atuação, bem como em função dos profissionais que contratava, corroborava a imagem norte-americana de “progresso” e “feitos urbanos superlativos”, típicos daquela sociedade. Entre os profissionais norte-americanos que a *Light* empregou figuraram *Frederick S. Pearson*, engenheiro da *Metropolitan Street Railway of New York*, responsável pela construção da Usina de Itupararanga, em Sorocaba - executivo de alta patente do grupo -; e o engenheiro norte-americano, *Asa White Kenney Billings*, nascido em *Omaha, Nebraska*, em 1876, construtor da usina do Rasgão, da Usina em Cubatão, e da represa nas escarpas da Serra do Mar, em 1926, batizada de Represa Billings, por sua ação na idealização do empreendimento. A força simbólica demonstrada pelos empreendimentos da *Light* era vista como sinal de “progresso” e de avanço técnico, do Brasil. Tanto era assim que a **Revista de Engenharia do Mackenzie**, em editorial de 1926, celebrava o “progresso” trazido por mãos estrangeiras, já que

“éramos um povo necessitado de todo apoio, experiência, habilidade e técnica do estrangeiro, estrangeiro amigo e valeroso, que descobrindo, em nós, fontes financeiras e econômicas, em nós desperta, e para nós, outros tantos idênticos interesses” (REVISTA DE ENGENHARIA DO MACKENZIE, citada por MAGALHÃES, 2000: 66).

Em 1912, como mostra Tamás Szmereczányi, foi constituída uma *holding* que assumiu o nome de *Brazilian Traction*, à qual se subordinaram tanto a *Light* de São Paulo quanto a do Rio. As ações dessa empresa foram vendidas em Londres, aferindo grandes lucros e dando ligeira dianteira aos investidores britânicos sobre os americanos, mas, estes, ainda continuaram não só em número considerável na empresa, como imprimiram, de vez, procedimentos comerciais e métodos de gestão americanos (SZMERECZÁNYI, 1986: 135). Em termos comerciais, a *Light* divulgava o “mundo americano”, na medida em que importava e

expunha aparelhos elétricos em vitrines nas cidades em que atuava, como fez, pela primeira vez, em 1908, na Praça Antonio Prado (SILVA, 2002: 54). Esta atitude “*divulgadora*”, exercida pela *Light*, visava ampliar o consumo de energia doméstica, por ela gerada e distribuída, mas de pequenas proporções, tanto em São Paulo, como no Rio, naqueles anos iniciais do século XX. Na mesma linha desta iniciativa da *Light*, outras empresas também importavam e divulgavam produtos elétricos, como as lojas especializadas em eletrificação, *Casa Byington* e *A iluminadora* – que importava um mecanismo, de nome “*Machina Standard Vaccum Airgaz*”, voltado à produção de gás, em domicílio, a partir de derivados de petróleo –, além da “*The São Paulo Gás Company*” que importava e comercializava fogões a gás, norte-americanos, que desbancaram os fogões elétricos comercializados pela *Light* (SILVA, 2002: 32, 42, 55). No Rio, por sua vez, era a firma *Guinle & Cia.* quem comercializava produtos de empresas como a *General Electric*, a *Victor* e a *Kodak* (KESSEL, 2001: 37). Também a *Companie Anonyme du Gas* vendia equipamentos domésticos e elétricos, de várias procedências, especialmente dos Estados Unidos (CENTRO DE MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL, 2001).

Em publicações voltadas aos interessados em construções e em melhoria da domesticidade - como os arquitetos, engenheiros ou construtores -, propagandas de máquinas e eletrodomésticos, bem como reportagens sobre o desenvolvimento técnico norte-americano, começaram a aparecer, com maior frequência, a partir dos anos 1920. A revista **A Casa** possui alguns reclames que merecem destaque. Em agosto de 1927 foi publicado um anúncio que intentava vender “*varredores a vacuo para todos os fins*”, da marca americana *Apex-Rotarex*. Esses “*varredores*” eram aspiradores de pó elétricos que podiam ser adquiridos na “*Casa Byington & Cia, à rua General Camara*” (A CASA, n.40, 1927: 12). No número seguinte, publicado em setembro do mesmo ano, uma breve nota trazia o seguinte texto:

“Ha muito tempo que se tem estudado o processo para a projeção de imagens luminosas no ceu. Nos Estados Unidos acaba de ser construído pela General Electric um projector poderosissimo, cuja fórma se aproxima muito da dos canhões dos navios de guerra. (...) Actualmente estão sendo feitos outros eguaes ao que serviu de experiencia. Têm um reflector parabolico de 1m,50 de diametro e podem projectar imagens sobre nuvens situadas a 8 kilometros de distancia” (A CASA, n.41, 1927: 34).

A despeito da nota não indicar a aplicabilidade do projetor, o tom celebrador dos avanços da técnica americana fica bem nítido. Tal noção de que os americanos estavam em franco desenvolvimento técnico e industrial aparece em outra reportagem de **A Casa**. Em fevereiro de 1926 uma matéria sobre o lustre

recém-instalado no edifício-sede do Banco do Brasil, no Rio – hoje CCBB – aponta a compreensão dos brasileiros sobre a auto-celebração estadunidense no mundo da técnica e da tecnologia:

“UM LUSTRE... illustre. O lustre que acaba de ser instalado no novo edifício do Banco do Brasil não chega a ser o ‘the biggest in the world’, como diriam os americanos, preocupados em apresentar ao mundo boquiaberto o seu paiz como possuidor de cousas grandiosas e gigantescas, onde até mesmo os desabamentos e os vários desastres ferro-viários assumem proporções fantásticas, mas, em todo caso é o maior da America do Sul” (A CASA, n. 22, 1926: 26).

Bem menos explícitos, mas igualmente partidários da divulgação das “*benesses electricas*” são os anúncios encontrados na *Revista de Engenharia do Mackenzie*. Em 1926 era anunciada a geladeira elétrica “*Frigidaire: um produto General Motors*”, que era vendida pela firma Pirie, Villares & Cia, em São Paulo (REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE, n. 39, 1926). Já em 1927, o apelo que a *General Electric – GE* - fazia era voltado aos “*senhores industriaes*”, aos quais se tentava seduzir apontando que “*a iluminação, se eficiente e utilizada de acordo com certas regras, é uma verdadeira fonte de renda. Ella, facilitando o trabalho, permite augmento de produção nunca inferior a 8%*” (REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE, n. 44, 1927). De fato, o apelo da *GE* era voltado a uma classe importante, uma vez que o cenário industrial brasileiro já era, na década de 1920, de proporções consideráveis (GUNN, 1986). Dentro da seara empresarial, como era de se supor, estavam, também, as corporações formadas por capital norte-americano.

A partir de 1927 pode-se falar de um outro conglomerado norte-americano incidindo diretamente no setor elétrico: a *American & Foreign Power Co.*, conhecida por sua sigla, AMFORP. A AMFORP era vinculada à *Electric Bond & Share*, um dos braços da *General Electric*,³⁰ e chegou ao Brasil para atuar, mediante uma subsidiária – a Companhia Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileiras – nas diversas frentes desta área (MAGALHÃES, 2000: 67). A *Bond & Share* através da AMFORP que, na verdade, era um *trust* com representações no México, em Cuba, no Panamá e na Guatemala, “*adquiriu concessões e serviços de fornecimento de energia elétrica em nada menos que 10 estados brasileiros*”³¹ tentando “*unificar esses serviços e expandi-los*”, mediante o aumento sucessivo das tarifas, que geraram um descontentamento das demais empresas brasileiras, bem como da população, levando o governo de Getúlio Vargas, em 1934, a baixar o Código Nacional das Águas que extinguiu a cláusula-ouro dos contratos de concessão de serviços de energia elétrica, limitou em 10% o lucro sobre o capital investido e instituiu o princípio do custo histórico na avaliação do capital das concessionárias (SZMEREZÁNYI, 1986: 135; SINGER, 1975: 388). A AMFORP foi obrigada, a partir dos anos 1940, a reduzir sua margem de lucro e a se enquadrar

³⁰ O seguinte comentário de Gildo Magalhães sobre o panorama norte-americano das empresas de energia, marca a gênese da GE: “*a indústria norte-americana foi marcada pela rivalidade, a partir de 1880, entre suas três maiores empresas: Thomson-Houston (dos inventores Elihu Thomson e Edwin Houston), Edison (do inventor Thomas Edison) e Westinghouse*. A Edison e a Thomson-Houston se fundiram em 1892, formando a *General Electric (GE)*, com o suporte financeiro do poderoso capitalista J.P. Morgan” (MAGALHÃES, 2000: 31).

³¹ A AMFORP, entre 1927 e o início dos anos 30, garantiu o controle acionário das seguintes empresas, no Brasil: “*Pernambuco Tramways & Power Co. Ltd. e The Telephone Company of Pernambuco Limited, em Recife; Companhia de Energia Elétrica Rio-Grandense, em Porto Alegre; Cia. Energia*

Elétrica da Bahia e Cia. Circular de Carris da Bahia, em Salvador; Cia. Força e Luz de Minas Gerais, em Belo Horizonte; Cia. Brasileira de Energia Elétrica, em Niterói; Cia. Força e Luz do Paraná, em Curitiba; Cia. Força e Luz do Nordeste do Brasil, em Maceió e Natal; Cia Central Brasileira de Força Elétrica, em Vitória; The Rio-Grandense Light & Power Syndicate, em Pelotas, e a Companhia Paulista de Força em Luz, no interior de São Paulo” (CPFL. Disponível em: www.cpfl.com.br. Acesso em 22 ago 2004).

nas diretrizes do governo federal com a política de estatização do setor energético. Na década de 1960, todas as empresas pertencentes à AMFORP foram nacionalizadas (SINGER, 1975: 388).

A *General Electric do Brasil*, por sua vez, entendida como a reunião de seus diversos braços econômicos no país, atuou de forma sistêmica entre as camadas urbanas brasileiras. Indo da produção de energia elétrica até a venda de lâmpadas, fabricadas em sua indústria, montada em 1921, no país, passava, ainda, pela distribuição e pela regulação da energia domiciliar e dos transportes elétricos, além da crescente e constante importação e venda de eletrodomésticos (MAGALHÃES, 2000: 69).

Se esta breve trajetória da AMFORP transmite a noção da vigência de interesses econômicos norte-americanos no Brasil, pode-se dizer que outros empreendimentos desenvolvidos, por aqui, desde o final do século XIX, atestam a atração que o Brasil exercia, no exterior, nos “caçadores de concessões”, dentre os quais, o maior expoente foi *Percival Farquhar* (SINGER, 1975: 377). O multi-empresário *Percival Farquhar*, engenheiro de formação, pode ser considerado o maior magnata americano a realizar empreendimentos de grande escala na América Latina, na passagem do século XIX ao XX. Nascido numa família de empresários de máquinas agrícolas, *Farquhar* envolveu-se, desde a mocidade, com negócios atrelados à modernização dos transportes urbanos e regionais, apesar de possuir outras empresas em ramos diferentes. Sua relação econômica com Brasil teve origem em 1904 quando adquiriu a *Rio de Janeiro Light & Power Co.*, por meio dos engenheiros *Alexander Mackenzie* e *Frederick S. Pearson*, como visto, ligados à firma *São Paulo Tramway Light and Power*. Nesta mesma oportunidade *Farquhar* assumiu o controle acionário dos serviços de bondes do Rio de Janeiro, serviço que havia sido fundado e dirigido, entre 1868-1883, também por americanos. Em 1905, *Farquhar* arrematou a *Companie Anonyme du Gas*, bem como a empresa telefônica carioca dirigida por alemães (SINGER, 1975: 379). Ainda em 1905, *Percival Farquhar* formou negócios em outras duas regiões do país. Na Bahia, mediante a compra de linhas de bondes de britânicos, holandeses e alemães, criou a *Bahia Tramway, Light & Power* – que depois seria adquirida pela AMFORP. No Pará, região que era de extrema importância em função da exploração do látex, ele fundou a *Port of Para*, cuja concessão lhe garantiu juros de 6% sobre o capital, mais 2% sobre todas importações (SINGER, 1975: 381).³²

Na Amazônia, o americano ainda conseguiu a concessão para a finalização da Estrada de Ferro Madeira - Mamoré, destinada a prover a Bolívia³³ de uma saída para o mar, após o Tratado de Petrópolis, assinado

³² Interessante é notar que para a formação das docas de Belém, *Farquhar* empregou dois engenheiros americanos, de sobrenomes *Lavandeyra* e *Corthell* (SINGER, 1975: 381).

³³ Segundo acordo binacional Brasil-Bolívia, firmado em função da efetiva transferência da propriedade do Acre ao Brasil, negociada pelo Barão do Rio Branco.

no começo do século XX pelo Barão do Rio Branco, após a investida do *Bolivian Syndicate*, formado por britânicos e norte-americanos interessados na exploração da área amazônica de fronteira com a Bolívia (BUENO, 2003). O ramo dos transportes ferroviários, deve-se enfatizar, foi o que consumiu maiores investimentos políticos e econômicos de *Farquhar* no Brasil e nos países vizinhos, especialmente os do sul. Decidido a criar uma ferrovia que ligasse o Uruguai ao extremo norte brasileiro, idéia surgida após o Congresso Pan-Americano de 1906, ocorrido no Rio, *Farquhar* passou a anexar ferrovias e ações, visando constituir uma linha de nome *Brazil Railway* (SINGER, 1975: 384). Esta idéia de uma ferrovia que cortasse o Brasil de sul a norte, deve ser entendida dentro de uma discussão mais ampla, de caráter pan-americano. A idéia de uma ferrovia transcontinental era idéia antiga, e uma importante discussão que se processava na pauta norte-americana desde a última década do século XIX, a qual ganhou fôlego com *Theodore Roosevelt*. A intenção de construção desta linha férrea, por parte dos estadunidenses, era facilitar a comunicação no sentido norte-sul, facilitando a venda de máquinas e vagões norte-americanos para os países articulados pela *Pan American Railway*, como, ainda, favorecer a exploração dos recursos naturais, necessários à industrialização do norte da América. Em certo sentido, os altos custos para a implantação da empreitada e o sentimento nacionalista das diversas repúblicas americanas amainou o projetou. Em todo caso, a construção da ferrovia no Panamá, a qual veio a articular o canal construído na década de 1910, pode ser visto como um pronunciamento efetivo nesta intenção (BUENO, 2003; GREEN, 1942).

Outra atitude que corrobora a idéia de “*integração pan-americana*” é o projeto ferroviário de *Farquhar*. Este empresário fundou, ao longo de uma década, negócios que impressionam pela distribuição territorial, bem como pela diversidade de áreas de atuação. O pesquisador Carlos Kessel estudando as relações que o engenheiro e ex-prefeito do Rio de Janeiro, Carlos Sampaio, manteve com o grupo *Light* e com *Farquhar*, forneceu uma listagem das empresas sob o controle deste norte-americano:

“Uruguay Railway Co., Parana Railway Co., Brazil Land, Cattle & Parking Co., Southern Brazil Lumber Co., E.F. Vitória Minas, Transparaguayan Railroad, Bolivian Development & Colonization Co., Compagnie Port de Rio de Janeiro, Companhia Docas do Rio de Janeiro, Assunción Tramways, Rio de Janeiro Hotel Co., Antofagasta & Bolivia Railroad Co., Bolivia Central Railway, Compagnie Port de Rio Grande do Sul, Amazon River Steam Navigation Co., Amazon Land & Colonization Co., E.F. São Paulo-Rio Grande, Madeira-Mamoré Railway, E.F. Mogiana, E.F. Sorocabana, E.F. Paulista etc (KESSEL, 2001: 35).³⁴

O *Sindicato Farquhar*, nome dado a esse conglomerado de empresas controladas pelo norte-americano, causou muitas polêmicas na sociedade brasileira, e foi taxado de antinacionalista por diversos setores da

³⁴ Segundo informações colhidas nos textos de Paul Singer, na lista ainda devem ser incluídos dois outros empreendimentos que interessam diretamente a São Paulo: um frigorífico em Osasco e um hotel no Guarujá.

economia brasileira, especialmente pela Gaffrée e Guinle, sua principal concorrente. Como bem observou Paul Singer, ao citar *S.G. Hanson* (1937), essa atitude crítica de parte da sociedade brasileira em relação à concentração de serviços cruciais ao funcionamento das cidades, bem como de articulação do território brasileiro nas mãos de um estrangeiro, causou “*uma eclosão extraordinária de medo da expansão territorial americana no Brasil e incrementou a crescente ansiedade latino-americana a respeito do imperialismo yanque*” (HANSON, citado por SINGER, 1975: 384). Tal análise é plenamente aceitável quando se leva em consideração o amplo debate nacionalista em voga nos anos 1920, mesmo assim, causa estranheza, pois como se verificou por meio da tabela que se segue, reproduzida do livro ***História do Pensamento Econômico no Brasil***, de Heitor Ferreira Lima, o período de 1920 em diante será marcado pela maciça chegada de companhias estadunidenses, ao Brasil:

**QUADRO 2:
SELEÇÃO DE EMPRESAS NORTE-AMERICANAS, NO BRASIL, (1920-1929)
POR ANO E DECRETO DE AUTORIZAÇÃO**

Fonte: LIMA, 1976: 342-343.

Ano	Dec. Federal nº	Nome da Sociedade
1920	14.166	<i>American Coffee Corporation</i>
1920	14.167	<i>Ford Motors Company</i>
1920	14.242	<i>The Sydney Ross Company</i>
1920	14.244	<i>Bethlehem Steel Company of Brazil</i>
1921	14.887	<i>Davis & Co. Ltd. of Brazil Inc.</i>
1922	15.551	<i>Atlantic Refining Company of Brazil</i>
1923	16.056	<i>Firestone Tire and Rubber Company</i>
1923	17.164	<i>Universal Pictures Corporation</i>
1923	16.270	<i>American Steamship Agencies Company Inc.</i>
1924	16.585	<i>Great American Insurance Company</i>
1924	16.754	<i>Armour of Brazil Corporation</i>
1924	16.756	<i>Parker, Davis & Company</i>
1924	16.757	<i>International Business Machine Co. of Delaware</i>
1926	17.304	<i>International Harvester Export Company</i>
1926	17.491	<i>Metro Coldwyn Mayer (do Brasil)</i>
1926	17.609	<i>Ingersoll-Rand Company of Brazil</i>
1927	17.970	<i>Companhia Brasileira de Força Elétrica</i>
1928	18.404	<i>Goodrich Rubber Company of Brazil Inc.</i>
1929	18.591	<i>General Tire & Rubber Co. of Brazil</i>
1929	18.592	<i>Refinações de Milho Brazil</i>
1929	18.648	<i>Western Electric Company of Brazil</i>
1929	18.664	<i>First National Picture Brazil Incorporated</i>
1929	18.745	<i>Companhia Burroughs do Brasil Inc.</i>
1929	18.768	<i>Pan American Airways Inc.</i>

Esta instituição visava favorecer a divulgação dos produtos estadunidenses no país, além de criar uma rede de solidariedade entre as empresas e as instituições norte-americanas atuantes no Brasil, aproveitando o salto exportador dado pelos Estados Unidos durante a Primeira Guerra Mundial. Numa das primeiras listas de associados da AMCHAM, publicada em seu *Bulletin* de setembro de 1920, constavam 87 empresas situadas em 25 logradouros do centro paulistano e em duas ruas dos bairros do Ipiranga e do Belém. Entretanto, já nos anos 1940, era possível contar 6 mil empresas associadas. A expansão das Câmaras Americanas de Comércio não foi um fenômeno verificado apenas no Brasil, inscrevendo-se numa estratégia de consolidação de mercados externos que alcançou todo o mundo. O ápice de proliferação das AMCHAMs se deu entre o período de paz que viveu os Estados Unidos, entre a guerra contra a Espanha, em 1898, e a entrada daquele país na Primeira Guerra Mundial, em 1917. No período de após Primeira-Guerra as companhias americanas como a *United States Steel Products*, a *Armour do Brasil* e a *Standard Oil* eram algumas das que já haviam se estabelecido no Brasil (Disponível em www.amcham.com.br/entidade/historia/index_html. Acesso em 9 dez 2006).

Das empresas listadas por Ferreira Lima, transcritas no quadro acima, destacam-se as alimentícias, as cinematográficas e, especialmente, as automobilísticas. A *Ford Motors Company*, autorizada a funcionar em 1920, uniu-se à fábrica paulistana de Luiz Grasse e Irmãos, produtora de carrocerias para caminhões, primeiramente. Outra empresa do setor automotivo que também iniciou seus trabalhos no Brasil, naquela década, foi a *General Motors*, que se instalou em Osasco, em 1925, e que se valeu da mesma produtora de carrocerias que a Ford para completar sua produção de veículos, no país (GUNN, 1986: 155). A presença do automóvel na paisagem paulistana era, como aponta Nicolau Sevckenko, atestado da metropolização em curso:

“Em São Paulo, o automobilismo era um culto. A elite da cidade se orgulhava, se não de ter introduzido o automóvel no subcontinente, o que era mais difícil de provar, ao menos de ter organizado a primeira competição automobilística da América do Sul. O clube mais reservado e importante da cidade, marco referencial da área nobre do centro e ponto de encontro da elite que decidia os destinos da República, era o Automóvel Club” (SEVCENKO, 2000: 73-74).

Márcia Padilha mostrou, ainda, que *“os anúncios de carro (...) estavam entre os que mobilizavam mais sentidos do termo ‘moderno’”,* no Brasil da década de 1920 (PADILHA, 2001: 115). O automóvel se transformou, para parte da elite econômica brasileira, na principal demonstração de que os limites das antigas cidades estavam sendo quebrados não apenas em relação às alturas das construções – com os



Fig. 97 - "Chevrolets" circulam por São Paulo, nos anos 1920, assim como "Fords" e "Oldsmobiles". No Viaduto do Chá, além dos automóveis, havia propaganda em luminosos sobre o automobilismo americano. Fonte: CAMPOS NETO; SACCHETTA; GAMA, 2004.

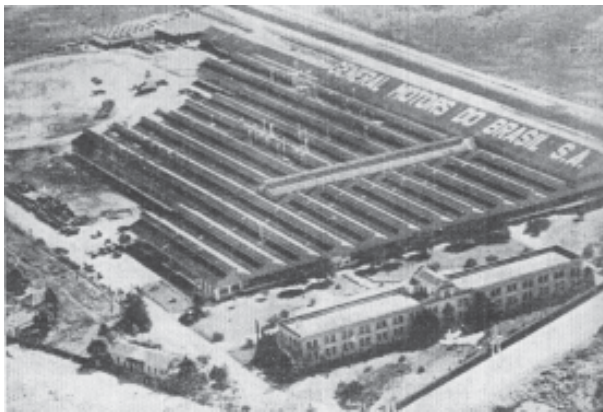


Fig. 98 - Anúncio da abertura de uma revendedora oficial de "Chevrolets", em São Paulo, nos anos 1920. Fonte: São Paulo, 110 anos de industrialização, 1992.

Fig. 99 - carros e seus motoristas. Fonte: São Paulo, 110 anos de industrialização, 1992.

Fig. 100 - Participante da prova automobilística, no começo dos anos 1920, em São Paulo, batizada de Washington Luiz. Fonte: REIS FILHO, 1997.

Fig. 101 - Vista aérea da fábrica da "General Motors", na região Ide São Paulo. Fonte: HUNNICUTT, 1945.

Fig. 102 - "Mappin Stores", na antiga sede, na Praça do Patriarca. Fonte: PADILHA, 2001.

skyscrapers -, mas, também, no que dizia respeito às distâncias a serem percorridas – com os carros. Para Maria Irene Szmereczányi, a inserção do automóvel na dinâmica urbana favoreceu a criação de novos postulados para o urbanismo. Explicitação maior desta referência, no Brasil, foi o Plano de Avenidas de São Paulo, proposto por Francisco Prestes Maia, nos anos 1930, mas originado de um artigo escrito a quatro mãos com o urbanista Ulhôa Cintra, em 1924. Szmereczányi tece importantes considerações sobre a apologia do transporte rodoviário e o ideário do planejamento, em São Paulo. Esta autora comenta que embora a estrutura física do Plano de Avenidas, baseada no radio-concentrismo, divirja “daquela mais presente nos Estados Unidos, cujas cidades têm geralmente a forma de grelha, à qual se aplicaram drenos ortogonais de trânsito os quais, no limite, constituem verdadeiras rodovias urbanas, cujo exemplo notório é Los Angeles e sua região metropolitana”, é clara a referência aos Estados Unidos e à dinâmica de ocupação do território em função do carro (SZMEREZÁNYI, 2003). Expõe, esta autora que,

“De toda forma, planos para a cidade do automóvel tornam-se indispensáveis a partir da revolução do Ford T,³⁵ (...) e o fato de que ela seja pensada no Brasil na década de 1920, quando São Paulo, assim como o Rio de Janeiro eram chamadas cidades do bonde, mostra a precocidade com que esse processo “civilizatório” norte americano se inicia no país. Segundo alguns, a dominância dos veículos automotores no sistema de transportes brasileiro veio acoplada ao valor atribuído à mecanização pelas elites culturais filiadas ao modernismo e pelos setores burgueses industrialistas, sendo bem acolhida como símbolo do dinamismo e da capacidade técnica paulista. Poristo liga-se também à crença positivista no taylorismo e no fordismo, como soluções administrativas americanas para o desenvolvimento econômico e social do país, criando uma engenharia social da colaboração entre as classes. (...) Como nos Estados Unidos, os veículos automotores se tornaram no Brasil condição e símbolo da liberdade de movimentos. O tamanho do território, a própria história do seu povoamento expandindo a fronteira agrícola durante o século XX e a falta de investimentos suficientes em ferrovias obrigaram a outras soluções. O carro, o caminhão, os ônibus produzidos em massa, e vendidos a crédito, foram postos ao alcance de médias poupanças ou ganhos medíocres, funcionando como um pequeno capital ao serem explorados comercialmente, assim satisfazendo a ânsia de elevação social dos imigrantes e migrantes internos. De outro ângulo, a circulação automotiva, com todas suas exigências infra-estruturais faz parte de um projeto econômico e político que, como foi indicado, já está em pleno andamento nos anos de governança de Washington Luís (1916-1930) cujo lema mais conhecido foi ‘governar é abrir estradas’ (de rodagem)” (SZMEREZÁNYI, 2003).

Entusiasta do veículo automotor, o jornalista e cronista urbano João do Rio³⁶ mostrou que o automóvel, em São Paulo, ajudou a compor seu aspecto “*new-yorkino*”, enfatizando a circulação de dinheiro entre uma burguesia industrial que era clientela assídua do *Automóvel Club*, espaço que evocava a modernidade por meio de sua associação ao carro (JOÃO DO RIO In: SCHAPOCHNIK, 2004: 170). Lima Barreto, que era crítico ardoroso do telefone, por ver nele o efeito desagregador daquilo que julgava ser a “*célula-mãe*”

³⁵ Modelo desenvolvido por Henry Ford, em 1908, que alcançou larga difusão no mundo inteiro, e, em especial, nos Estados Unidos até 1927, quando foi retirado de mercado, pelo produtor (FLINK, 1990: 177).

³⁶ João Paulo Alberto Coelho Barreto, dito João do Rio, nasceu no Rio de Janeiro em 1881, e faleceu em 1921. Foi cronista celebrado na *Belle Époque*, sobretudo no Rio. Escreveu para jornais diversos, e produziu livros importantes sobre a cultura urbana, como *A Alma Encantadora das Ruas*, de fins da década de 1910, além de alguns outros.

da sociedade – a família – foi, por outro lado, um aficionado pelo automóvel (BARRETO, 2005: 53). Em seu romance *Clara dos Anjos* Lima Barreto apontou o que o carro representava, no princípio do século XX, para a sociedade brasileira: “*máquina magnífica, que passava pelas ruas como um triunfador*”; “*o carro era uma (...) representação maravilhosa de elegância, de beleza, de vida, de insolência, de orgulho e força*” (BARRETO, 1922: 250 – 251, citado por MACHADO, 2002: 182).

Se o automóvel era celebrado por seu aspecto moderno, quase como um arauto das semelhanças entre São Paulo e *New York*, deve-se apontar que os preceitos de organização da produção, emanados das teorias de *Henry Ford*, foram igualmente aceitos no país, como bem frisou Szmereczány, linhas atrás. Um dos maiores apreciadores do “*ideário fordista*” foi o artista plástico, jornalista, escritor, tradutor, crítico de artes e fazendeiro Monteiro Lobato,³⁷ que considerava *Ford* “*a mais alta expressão da lucidez moderna*”, um homem que demonstrava “*a altíssima significação da palavra indústria*” (LOBATO, 1946: 10). Lobato, que ao longo de sua vida passou de republicano a integralista, nutriu e fez questão de divulgar sua admiração pelos preceitos maquinicistas da sociedade norte-americana. Tendo estado nos Estados Unidos, no final da década de 1920, como adido comercial do governo brasileiro, Monteiro Lobato escreveu um livro denominado *América: os Estados Unidos de 1929*, em que conversa com *Mr. Slang*, um antigo personagem inglês, com quem debatia nos tempos do governo de Washington Luís, como visto, líder político adepto do carro. Por meio do diálogo travado com este personagem, Lobato comentou aspectos da vida naquele país, sempre apontando as possibilidades e os entraves à industrialização do Brasil. Como escreveu em *América*,

“*Ferro e petróleo dão a máquina; e a máquina dá eficiência ao homem. O segredo da prosperidade americana é a máquina, fatora da eficiência. O mal do Brasil está na ineficiência do homem que o habita, por falta de intensa maquinização; e o país não tem máquina porque não desenvolveu a indústria do ferro e do petróleo – ferro, matéria prima da máquina – petróleo, matéria prima da energia que move a máquina*” (LOBATO, 1950: IX).

O legado fordista no Brasil ainda está em investigação, sobretudo no que concerne à sua implementação no campo da arquitetura e do urbanismo.³⁸ Entretanto, como aponta *James J. Flink*, o automóvel, embora “*seja europeu de nascimento, é americano por adoção*” (FLINK, 1990: 181). Este autor, estudando o “*mito fordista*”, aponta que o carro encontrou grande repercussão nos Estados Unidos por vários motivos, muitos dos quais, não eram aplicados à realidade européia. Diz *Flink* que a grande concentração de

³⁷ Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, estado de São Paulo, em 1882, e faleceu em 1948. Articulista de jornais foi dono de duas importantes editoras, a Monteiro Lobato & Cia. e a Companhia Editora Nacional, por onde publicou muitos livros de escritores internacionais, muitos dos Estados Unidos. É conhecido por sua obra infantil, mas também se envolveu com a campanha pró-petróleo brasileiro e com a oposição ao Estado Novo Varguista.

³⁸ Neste sentido, convém apontar a tese de doutorado, nesta casa, em preparação pela arquiteta e professora Artemis Rodrigues Fontana Ferraz sobre o sistema SESC, SENAI e SENAC, onde as idéias fordistas e tayloristas foram aplicadas, condicionando, em parte a própria arquitetura de suas unidades.

produtores rurais ao redor das cidades em desenvolvimento, viu no automóvel a possibilidade de incremento da forma de escoamento de suas produções agrícolas e uma possibilidade de melhoria nas condições de cultivo, com o advento de tratores e máquinas agrícolas por meio do motor a combustão. O mesmo autor aponta, entretanto, que, dentre alguns outros motivos, foi certo caráter higiênico dos carros, em comparação aos cavalos, que fez com que os moradores de centros urbanos adotassem este meio de transporte. Enxergando no automóvel uma solução para alguns problemas de limpeza urbana, os governantes estimularam a aquisição dos veículos e abriram vias para comportar sua crescente presença. Dentro, ainda, da lógica típica da sociedade americana, *Flink* expõe que o fato de haver certa persistência do que chama de “*mito jeffersoniano*”, a classe média dos Estados Unidos pôde aliar a idéia de capitalização mediante o trabalho na cidade, e a vida bucólica no campo, dando ênfase e novo aspecto ao subúrbio (FLINK, 1990: 180).

Todos estes aspectos, apontados por este autor americano, frisam os supostos benefícios causados pelo carro, entretanto, convém mostrar que, para além do produto “carro”, em si, houve a celebração de um personagem: *Henry Ford*. Isto se deveu ao fato de que um dos principais inventos do empresário, a linha de montagem, pôde mudar alguns padrões de consumo da sociedade americana. Segundo *Flink*,

“Estas técnicas de produção em massa fizeram decrescer grandemente os custos de produção, fazendo com que Ford repassasse ao consumidor final um Ford T com preços abaixo de 290 dólares, em 1927. Aplicado à manufatura de outros itens, essas técnicas de produção incrementaram, significativamente, o padrão de vida médio da família americana, e transformou a economia dos Estados Unidos de uma orientação produtiva à subsistência para uma economia de consumo elevado. Reconhecendo, antes de seus contemporâneos, que a produção em massa necessitava de um consumo de massa e que era preciso criar condições para que os trabalhadores alcançassem meios de adquirir as mercadorias que a máquina produzia, em 1914, Ford estipulou para seus trabalhadores, uma jornada de trabalho de oito horas diárias, a cinco dólares a hora, a qual mais que dobrou a paga por um dia curto de trabalho. (...) Liderado pela indústria automobilística, o poder aquisitivo elevado se tornou parte da sociedade americana de meados da década de 1920” [tradução minha] (FLINK, 1990: 184 – 185).³⁹

Esta visão, embora soe celebradora do próprio *Ford*, serve para mostrar a imagem que o empresário passava aos empresários e ao cidadão médio urbano do período. Há, por outro lado, várias críticas à espécie de regulação ostensiva imposta pela máquina. A maior e mais enfática delas, parece ser a advinda de um contemporâneo de *Ford*: o britânico *Charles Chaplin*. No filme *Tempos Modernos*, de 1936, a produção dominada pela máquina não apenas regula o próprio personagem como se espalha sem controle, alcançando o imaginário por onde os efeitos da americanização se fizeram notar.⁴⁰

³⁹ No original: “These mass production techniques greatly decreased unit production costs, which Ford passed on to the consumer in the form of lower Model T prices, to a low of only \$290 for the coupe by 1927. Soon applied to the manufacture of many other items, these mass production techniques significantly increased the standard of living of the average American family and shifted the American economy from a production-oriented economy of scarcity to a consumption-oriented economy of affluence. Recognizing ahead of his contemporaries that mass production necessitated mass consumption and that workers had to have the means to purchase what the machine produce, in 1914 Ford inaugurated for his workers the five-dollar, eight-hour day, which more than doubled wages for a short work day. (...)”

Led by the automobile industry, the credit buying of expensive items thus became an established part of American life by the mid-1920's” (FLINK, 1990: 184 – 185).

⁴⁰ É possível notar uma dupla crítica neste filme, tanto ao *fordismo*, quanto ao *taylorismo*, tratado mais adiante, nesta tese.

No Brasil, para além da celebração do personagem *Ford*, levada a cabo por Lobato e colegas, a expressão “*Ford*” se transformou em um adjetivo. Esta apropriação do espírito produtor “*em série*” transitou pelos mais diversos ramos empresariais. A análise de algumas publicações voltadas ao setor da construção civil, no país, por exemplo, como a já citada revista **A Casa**, permite verificar que a expressão era usada correntemente para designar propostas onde houvesse o mínimo de inovação na execução. Em 1926, um anúncio de casas destinadas à venda, feitas ao mesmo tempo, se valeu da expressão *Casas Ford*, como forma de mostrar não apenas a rapidez da execução, como a inserção da empreitada dentro de princípios cosmopolitas (A CASA, n. 27, 1926: 29). Em São Paulo, Carlos Lemos apontou que a mesma designação era aplicada em propostas semelhantes, neste mesmo período. Segundo Lemos, em algumas regiões da cidade, os operários e a classe média adquiriam “*sobradinhos Ford*” (LEMOS, 2002: 6). Nesta linha, é importante notar que, pouco a pouco, a sociedade urbana brasileira se acostumou com a expressão, o que, entretanto, não permite que se diga que houvesse uma plena compreensão dos postulados fordistas.⁴¹

Outros preceitos de organização da indústria, também emanados dos Estados Unidos, igualmente alcançaram repercussão e foram aplicados na sociedade brasileira. Os principais foram os de *Frederick Winslow Taylor*, engenheiro mecânico que criou o “*gerenciamento científico*”, ainda em fins do século XIX, na Philadelphia. Os preceitos *tayloristas* chamaram a atenção de muitos empresários e intelectuais e se disseminaram por países com os mais diferentes perfis, ao mesmo tempo, como Rússia, Argentina, França e Brasil, por exemplo (CODY, 2003; COHEN, 1995). Segundo *Harry Braverman*, Taylor ocupava-se dos “*fundamentos da organização dos processos de trabalho e do controle sobre eles*” (BRAVERMAN, 1977: 83). Para este autor Taylor vinculava-se a princípios já em discussão no século XX, como os de *Charles Babbage*, na Inglaterra; *Colbert*, *Vauban* e *Belidor*, na França e *Henri Fayol* (BRAVERMAN, 1977: 85). Entretanto, Taylor pode ser visto como o ponto culminante nas discussões sobre o trabalho, e sua concepção de “*gerência científica*” é, na visão de Braverman, uma atitude que deu uma “*filosofia e título a uma série desconexa de iniciativas e experiências*” (BRAVERMAN, 1977: 85).

Iniciada na década de 1880, no momento em que os Estados Unidos entravam em franca competição pelo mercado capitalista de produção, *Taylor*, criou uma seqüência de preceitos por meio de sua experiência como operador de torno numa empresa da *Philadelphia*. Após três anos de tentativas, passou a escrever e a palestrar sobre “a organização científica da produção”, expressão que, na França, assumiu o nome de “organização racional do trabalho”. No campo da arquitetura, sobretudo em *Frankfurt*, com *Ernst May*, no

⁴¹ É interessante relatar que as “*teorias*” e comunicações de *Henry Ford* foram seguidamente acompanhadas pelo Brasil. Em setembro de 1930, a revista **A Casa** publicou uma matéria em que traduzia uma entrevista concedida pelo americano ao jornal *Chicago Daily News*. O ponto central da discussão de *Ford* era a temática da habitação. Na entrevista traduzida pela revista carioca, o empresário sustentava a tese de que “*a electricidade desempenhará papel muito mais importante na habitação futura, do que óra desempenhada*” e, como ressalvava, referia-se “*á residencia de família de recursos comuns*” (A CASA, n.42, 1930: 3).

primeiro pós-guerra, o termo “racionalização da construção” exprime a referência *taylorista* (COHEN, 1995: 69). O preceito básico do *taylorismo* é o “estabelecimento de um dia de força de trabalho” (BRAVERMAN, 1977: 91). Para tanto, Taylor passa a dimensionar as atividades necessárias na preparação das peças – no caso da metalúrgica – e a designar, como analisou *Olivier Pastré*, “dois níveis de trabalho”. Um “horizontal”, entendido como a separação das atividades construtivas, em si, e, um “vertical”, que levou à distinção entre design e execução (PASTRÉ, citado por COHEN, 1995: 69). A primeira idéia é a que mais se difundiu como sinônimo de *taylorismo*, contudo, a segunda observação de *Pastré* permite ver que em *Taylor* estava implícito o ideal de que a operação de uma fábrica tinha um pressuposto de relacionamento entre diferentes classes sociais. É, pois, pertinente entender que diferentes papéis fazem parte dos princípios de gerenciamento. Às funções cronometradas aplicáveis aos operários, corresponde uma função de distribuição das atividades e dos tempos ideais para sua execução pelos gerentes, e, estes, por sua vez, estão subordinados à resoluta cobrança da quantidade de peças – ou outros produtos – pelos diretores. Como apontou *Braverman*, Taylor não se interessava pelo avanço da tecnologia, antes, interessava-lhe o controle do trabalho em qualquer nível de tecnologia (BRAVERMAN, 1977: 101). Em linhas gerais, pode-se afirmar que o *taylorismo* reorganizou toda a hierarquia fabril ao tratar a indústria como um ambiente encadeado e subordinado.

Embora a aplicação dos princípios *tayloristas* tivesse sido pensada para o ambiente fabril, muitos autores e seguidores viram a pertinência de sua aplicação em outras áreas, em especial na cidade e na arquitetura. Telma de Barros Correia mostrou, com propriedade, como os princípios *tayloristas* foram fundamentais na formulação do Instituto de Organização Racional do Trabalho - IDORT – e apontou suas conseqüências, sobretudo junto à transformação da gestão da casa, no país (CORREIA, 2004: 79). No campo industrial os mesmos princípios foram seguidos por Paulo Nogueira Filho e Henrique Dumont Villares, que acabaram enfrentando certa antipatia de seus empregados, que julgaram a cronometragem das funções, um novo tipo de escravidão, tal qual aconteceu nos Estados Unidos, com o próprio Taylor (ATIQUE, 2004: 233; COOPER, 1990: 163).

Como apontou Philip Gunn, a própria organização dos escritórios se alterou, no Brasil, a partir da década de 1910, quando os métodos de organização científica chegaram aqui. A difusão da máquina de escrever, comercializada pela IBM do Brasil e por firmas importadoras, proporcionou um aumento do rendimento de tarefas árduas, como a realização da verificação dos censos sobre a economia de 1920 (GUNN, 1986:

CASAS FORD Preço da casa urbana, tipo F, com fogão, R. F.,
banheira, instalação elétrica, etc. 30\$000,00
Privilegiadas pelo Governo Federal (Patente N. 14196) Idem sem instalações 25\$000,00
Em Concreto Armado Entrega em 20 dias após a licença municipal

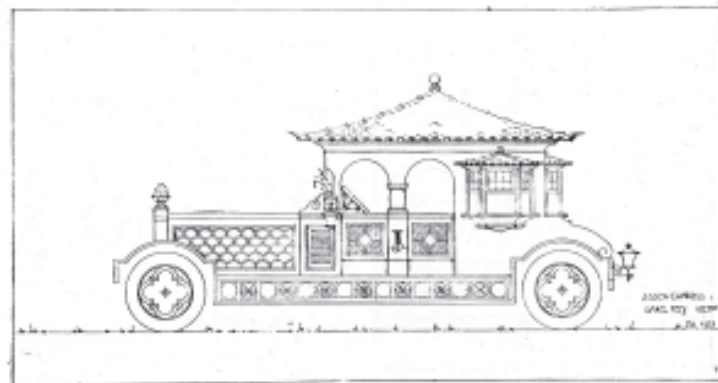


Muros em concreto armado.
Preços por metro linear, com dois de altura, inclusive alcegre, 50\$000
Faz-se uma casa por dia.
Constróem-se em metros de muros em 24

horas, com 10 operários.
Construções elétricas, econômicas e... viciosismos!
Única proprietária: Companhia Brasileira de Construção e Colonização.



Successor: Enéas Paiva
Escritório: Rua 13 de Maio n.º 50 (Sobrado) - Telephone Central 4332
Officinas: Praia de S. Christovão n.º 316
— Não se recebe dinheiro adiantado —

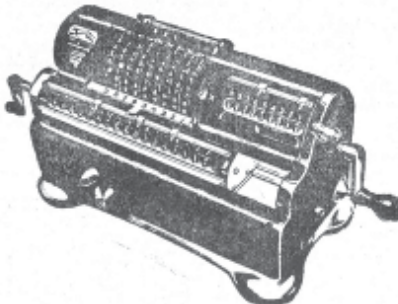


Curiosa fantasia arquitetônica, inspirada em motivos perenes coloniais, produzida pelos arquitetos J. de Souza Comerio e Israel Ney, afim de demonstrar a exuberância de formas que esses motivos podem assumir quando que unidos com seriedade e arte das nossas antepassadas.

Fig. 103 - Anúncio publicado na revista **A Casa**, de residências "Ford". Fonte: A CASA, n. 27, 1926.

Fig. 104 - Um "Ford" neocolonial. Fonte: A CASA, n.27, 1926.

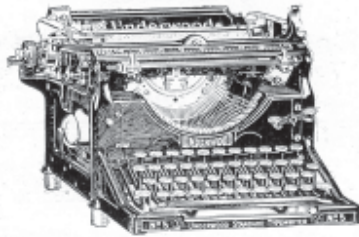
CALCULADOR
MERCHANT
O UNICO CALCULADOR DE ALAVANCAS DE FABRICAÇÃO AMERICANA



Mais simples no funcionamento
Mais resistente no uso.

Mais rapido no manejo
Não é o mais caro.

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO SEM COMPROMISSO
BYINGTON & Co.
Rua General Camara, 60 RIO DE JANEIRO



Peçam o folheto que explica porque a
UNDERWOOD
Vence sempre todos os compeonatos

A machina de escrever UNDERWOOD é considerada universalmente como a machina padrão que as demais procuram, em vão, igualar.
A MAIS DURAVEL - devido á robustez da sua construcção.
A DE MAIS FACIL MANEJO - devido á simplicidade do seu mecanismo.
A QUE PERMITTE MAIOR VELOCIDADE - devido ao seu perfeito ajustamento mechanico.

Ouvidor 95 Rio Unicos Agentes PAUL J. CHRISTOPH COMPANY São Bento 45 S. Paulo

Fig. 105 e 106 - Anúncios publicados na revista *A Casa*, de calculadores e máquinas de escrever de procedência americana. Fonte: *A CASA*, n. 39, 1927.

157). Outro tipo de equipamento que passou a ser disseminado no Brasil foi a máquina de calcular, como um anúncio publicado na revista **A Casa**, comprova: “*Calculador Marchant: o unico calculador de alavancas de fabricação americana*” (A CASA, n.39, 1927: 10).

Apesar de ter havido, no país, certas celebrações do método de organização científica do trabalho, também foi possível detectar algumas críticas à sua difusão. Mais uma vez é a revista **A Casa** que fornece subsídios para tal detecção. Com um artigo intitulado “*A organização scientifica do trabalho*”, de autoria desconhecida, publicado em outubro de 1947, o periódico dava espaço à discussão sobre os inconvenientes do que denomina “*systema Taylor*”. Dizia o artigo que

“o systema Taylor está eivado de um erro fundamental e que vem a ser ‘o desconhecimento total do funcionamento do machinismo humano’. Que se diria, por exemplo, de um engenheiro que, ao organizar uma fabrica, ignorasse completamente os machinismos e as características das machinas de que futuramente se iria utilizar? Emquanto as machinas estivessem novas, ser-lhes-ia facil obter dellas o Maximo rendimento, fazendo-as girar o mais rapidamente possivel, até o momento em que estragos prematuros tornassem o seu funcionamento defeituoso ou mesmo paralyassem definitivamente” (A CASA, n.42, 1927: 10).

Continuando a argumentação, o artigo citou um certo professor *Lee*, de *New York*, que declarou que

“nas usinas americanas, em geral, encontram-se raramente homens ou mulheres velhos; 45 annos parece ser a idade de aposentadoria dos operarios”. Sob tal alegação, o artigo declarava que “uma observação dessa ordem é bastante para condemnar um systema de organização de trabalho que provoca um desperdício tão formidavel de mão de obra” (A CASA, n.42, 1927: 10).

Deixando de lado os princípios de organização racional do trabalho, convém mostrar outras entradas do universo técnico no Brasil. George Ferreira Dantas estudou a ação de um engenheiro civil, atuante em Natal, no Rio Grande do Norte, cidade crucial para as relações Brasil – Estados Unidos. *Omar O’Grady*, formado pelo *Illinois Institute of Technology*, de *Chicago*, na década de 1910, era brasileiro, nascido em Natal, descendente de irlandeses. Depois de sua graduação em *Illinois*, *O’Grady* ainda trabalhou ali por dois anos antes de voltar ao Brasil (DANTAS, 1998). A imprensa natalense se manifestou de forma positiva à ação projetual de *O’Grady*, porque cria que este profissional colocaria seus conhecimentos adquiridos nos Estados Unidos, a serviço da cidade:

“Há actualmente uma febre de trabalhar, [...] de progredir que não se limita apenas a São Paulo, [...]. Mas

agora as capitães pequenas também se deixam influenciar pelo sopro renovador. [...]. O presidente Lamartine, [...], acaba agora de iniciar a remodelação completa de Natal. Para isso, acaba de contratar um urbanista de renome nacional. Entre os planos do actual governo está de construir um hotel moderno. [...]. Graças á energia do Sr. Lamartine e á acção realisadora do actual prefeito – jovem engenheiro, educado nos Estados Unidos, cheio de ideias sadias e de realizações constructoras – Natal, [...] tem feito tantos progressos que pode se colocar entre as cidades brasileiras dignas de ser visitadas” (A REPÚBLICA, 15 mar 1929, citada por DANTAS, 1998).

Ainda sobre a atuação de O’Grady, George Dantas mostrou que havia no ambiente natalense, subsídios capazes de fomentar a discussão sobre o papel dos Estados Unidos no universo da urbanização:

“Mas, o paiz em que a propaganda do city plan atingio o seu standard foram não ha dúvida os Estados Unidos. Basta reportarmo-nos ás condições em que foram lançados os planos monumentais de Chicago e Nova York. Existem lá Associações Americanas de Urbanismo [...]. A directriz dessas sociedades tem sido de tal maneira proveitosa que constitue hoje um verdadeiro postulado do pragmatismo americano: educar as massas afim de que elas venham a cooperar no efetivamento da obra que os homens cultos iniciaram” (A REPÚBLICA, 15 mar 1929, citada por DANTAS, 1998).

Por sua vez, no sudeste brasileiro, o arquiteto Sidney Piochi Bernardini, em sua dissertação de mestrado, de nome **Os Planos da Cidade**, construiu uma importante reflexão sobre os vínculos profissionais existentes entre os Estados Unidos e o Brasil. Analisando a trajetória do sanitarista *Estevan Fuertes*,⁴² porto-riquenho de nascimento, mas primeiro professor de engenharia civil da *Cornell University*, em *Ithaca*, no estado de *New York*, Bernardini mostrou sua ação em Santos, para onde propôs um projeto de saneamento, que pode ser lido, também, como uma postura de planejamento regional, uma vez que não só incidiu sobre a questão do tratamento dos esgotos na cidade em questão, como projetou uma estação de quarentena a quilômetros de distância, em Ilhabela (BERNARDINI, 2003: 109). A despeito da relevância do assunto e das propostas de Fuertes, pode-se detectar que este engenheiro trouxe outros profissionais norte-americanos para auxiliá-lo no desenvolvimento de seu projeto: os engenheiros *John Hill*, *Rudolph Hering* e *James Fuertes* que ajudaram a criar a noção de uma comissão norte-americana trabalhando em Santos, cidade assolada por epidemias tropicais (BERNARDINI, 2003: 109). É relevante comentar que Fuertes já era conhecido de brasileiros antes de sua atuação direta no país. Tal conhecimento prévio se deu por intermédio de Antônio Francisco de Paula Souza, engenheiro formado na Alemanha, mas que trabalhou ao lado do porto-riquenho na construção de ferrovias na *Louisiana*, entre 1869 e 1870 e que veio a ser o criador da Escola Polytechnica de São Paulo (BERNARDINI, 2003: 94; CAMPOS, 2002: 3; MORSE, 1970: 217).

⁴² *Fuertes* era Bacharel em Filosofia, doutor em Medicina e Engenharia Civil, e um dos profissionais mais premiados da comunidade acadêmica norte-americana de seu tempo (BERNARDINI, 2003: 95).

Ainda em território paulista deve-se apontar a importância da Comissão Geographica e Geologica do Estado, que foi balizada pelo trabalho do engenheiro baiano Theodoro Sampaio, simpatizante do universo técnico estadunidense. Esta comissão, estudada profundamente por Luiz Augusto Maia Costa, era chefiada por um geólogo, também ligado à *Cornell University*, de nome *Orville Derby* (COSTA, 2000).

Através do livro ***São Paulo pela Lente da Higiene***, da socióloga e urbanista Cristina de Campos, pode-se entender como as conexões do Brasil com os Estados Unidos, no que tange aos princípios urbanos, se desdobraram ao longo do século XX. Geraldo Horácio de Paula Suoza, filho de Antonio Francisco de Paula Souza, buscou qualificação profissional entre os *yankees*. Nascido em Itu, em 1889, Geraldo Paula Souza se formou em farmácia, em 1908, em São Paulo, e em medicina, em 1912, no Rio de Janeiro. Ainda durante o curso de medicina, realizou estágios em diversas cidades européias, mas, de fato, foi à frente do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, entre 1922 e 1927, que obteve destaque profissional. Como mostra Campos, sob os auspícios da *Rockefeller Foundation*⁴³,

“em 1925, após um breve período de levantamento dos principais problemas sanitários que afligiam o Estado de São Paulo, Paula Souza lança as bases da nova metodologia de trabalho, baseada na educação sanitária, como a reforma do Código Sanitário. Esses conceitos inovadores foram trazidos dos Estados Unidos pelo médico. De 1918 a 1920 ele esteve naquele país, onde doutorou-se, juntamente com Francisco Borges Vieira, em Higiene e Saúde Pública pela John Hopkins University de Baltimore” (CAMPOS, 2002: XVII).⁴⁴

O período de aprendizado nos Estados Unidos foi preponderante para Geraldo Paula Souza, que procurou difundir, no país, os preceitos da *Fundação Rockefeller* no campo da Higiene, inclusive adotando o registro fotográfico - forma apresentada a ele nos Estados Unidos -, como principal ferramenta de trabalho no que concernia à Saúde Pública. Como poderá ser visto nesta tese, o ambiente acadêmico norte-americano exerceu grande atração nos brasileiros, fazendo-os rumarem até os Estados Unidos em busca de profissão e, seguramente, intentando contemplar as paisagens que eram mostradas pelos livros técnicos, mas, também, pelas revistas de variedade e pelo cinema, janelas abertas para a “*Terra do Tio Sam*”.

⁴³ Fora a pesquisa de Campos, é possível, também, sondar a presença e as ações da *Rockefeller Foundation* no Brasil por meio dos livros de Maria Gabriela Silva Martins da Cunha Marinho, ***Elites em negociação: breve história dos acordos entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo (1916-1931)*** e ***Norte-americanos no Brasil: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934-1952)***, ambos publicados pela Editora da Universidade São Francisco. A atuação de *Nelson Rockefeller* foi objeto de estudo da arquiteta Ana Elena Salvi, em sua tese de doutoramento defendida nesta faculdade. Antonio Pedro Tota também desenvolve pesquisa sobre esta personagem. Em vista destes títulos, não se processou com maior ênfase pesquisa acerca dos *Rockefellers* no Brasil.

⁴⁴ Ao voltar, ele funda o Instituto de Higiene, em São Paulo, que seria uma das razões da criação da Faculdade de Saúde Pública de São Paulo, em 1945.

2.3 – Olhando o “mundo americano”: revistas e cinema

“E todas essas fitas americanas são brutas histórias de raptos, com salteadores, ignóbeis fantasias de uma pobreza de invenção de causar pena, quando não são melodramas idiotas que deviam fazer chorar as criadas de servir de há quantos anos passados”.
Lima Barreto, 1920 [2005].

Os meios capazes de mostrar imagens das terras setentrionais do continente americano e de sua arquitetura já eram abundantes nos primeiros anos do século XX, no Brasil. O cinema, conhecido nas primeiras décadas daquele século como cinematógrafo, coadunou-se a revistas femininas, almanaques, hebdomadários e revistas de decoração que circulavam em quantidades razoáveis na sociedade urbana brasileira (PADILHA, 2001, BENDER, 1979). Estes meios tiveram grande papel como formadores de uma simbologia doméstica e de costumes e, como não poderia deixar de ser, também de gosto arquitetônico, no mundo todo. A chegada do cinematógrafo ao Brasil, ainda em fins do século XIX, ajudou a causar mais uma transformação na sociedade, aliando-se a um processo que perpassava a incorporação de novos *sports* e de novas formas de lazer. Um trecho de uma crônica intitulada “*Coisas da Cidade*”, originalmente publicada na edição vespertina d’*O Estado de São Paulo*, em 1919, e reproduzida por Inimá Simões, no livro *Salas de Cinema em São Paulo*, de 1990, mostra que

“se fosse possível indicar, pelos traços de um diagrama, tudo quanto veio influenciando sobre os rapazes e as moças de hoje, o ‘football’ e o cinematógrafo é que teriam, provavelmente, os pontos mais culminantes da curva. Porque, em verdade, nada tem empregado mais os rapazes do que o sport do ponta-pé e, quanto as meninas, nada as tem interessado mais do que o cinematógrafo” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 24 mar 1919, citado por SIMÕES, 1990: 13).

Embora revele a ascendência que a Europa – no caso em questão, com o futebol, a Grã-Bretanha – detinha sobre o cotidiano da sociedade urbana brasileira do período, o excerto acima parece mostrar a identificação do cinematógrafo como um meio vocacionado a incidir sobre a alteração da sociabilidade brasileira, também segundo ditames norte-americanos. O texto deixa claro que era o universo feminino que se sentia mais atraído pelo cinema, característica que seria modificada, ao longo das décadas seguintes, abarcando, também, o público masculino. O que se percebe é que conforme o cinema se intensificou como forma de lazer, ele acabou se revelando uma “obsessão” entre as diversas camadas urbanas de São Paulo, como apontou Nicolau Sevcenko, em *Orfeu Extático na Metrópole*, ao citar um cronista de um dos

diários da capital:

“Não falta por cá quem viva para o cinema, banalizado e imaterializado (...). Não escasseiam também os que, não contentes com isso, vivem para além das telas e das fitas... Cúmulo da abstração, armam-se em lindas cabecinhas cinematógrafos ideais em que se projetam – projeções de projeções – reminiscências de filmes e vidas inteiras de atores e atrizes, medíocres e nulas, na generalidade. (...) Há, quem, prosseguindo nesse ardor, traga ao peito medalhões com heróicas efígies norte americanas” (SEVCENKO, 2000: 93).

Se o cinematógrafo foi inventado pelos irmãos franceses, *Lumière*, em 1895, foi com os norte-americanos, nas décadas iniciais do século XX, que ele alcançou notoriedade. Como aponta a historiadora Maria Inez Machado Borges Pinto, *“desde o início do século XX os cinemas dos centros urbanos dedicaram-se, quase que exclusivamente, à apresentação de filmes americanos”*, e essa exibição de filmes estadunidenses cresceu de tal forma entre as camadas urbanas, que na década de 1920 já se podia falar no cinema como *“um referencial cultural determinante”* dessas cidades (PINTO, 2000). Em São Paulo, cidade que foi uma das primeiras a abrigar salas de projeção, ainda na década de 1900, a grande aceitação do cinema pode ser analisada sob a conjugação de vários fatores: a possibilidade de aquisição de vários filmes, em franca produção por *Hollywood*,⁴⁵ - fato que foi possibilitado pela acumulação de capital proveniente de suas indústrias e do agronegócio -; além de um número crescente de expectadores, que era ampliado pelo alto afluxo de imigrantes que chegavam à cidade.

A proliferação de cinemas pela cidade de São Paulo,⁴⁶ indica uma aceitação crescente dos modos comportamentais, dos produtos e da estética mostrada nas telas. Como essa estética era, às vezes, produto da *“fábrica de ilusões”*, que construía histórias e arquiteturas simbólicas (MENEGHELO, 1996: 41), o expectador transportava esse projeto estético, muitas vezes, para sua vida real. Nesse sentido, como coloca Maria Inez Borges Pinto, *“a análise do cinema, num determinado momento, pode nos desvendar as matrizes de uma época, os modos de percepção, sensibilidade, vontades, gostos e os valores morais”* (PINTO, 2000). Sabendo que muito do apresentado na grande tela, nos primeiros anos do século XX, é parte de um projeto norte-americano de sociedade e vida urbana, pode-se falar que a sociedade brasileira atendeu a esse apelo imagético, e criou diálogos arquitetônicos e urbanos com os cenários, bem como com o modo de vida norte-americano.

Dessa forma, a grande popularização que alcançou nas décadas de 1910 e 1920, talvez tenha se dado,

⁴⁵ Existem referências de que eram exibidos filmes *western*, dramas, musicais, românticos, comédias, de guerra, policiais, aventuras, nas salas de São Paulo, já nas primeiras décadas do século XX. (PINTO, 2000; SIMÕES, 1990: 13).

⁴⁶ Joseph Love, em *A Locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira – 1889 / 1937*, diz que a cidade de São Paulo, em 1937, detinha *“mais de um quarto do total de 887 cinemas em todo o país”*. (LOVE, 1982: 131).



Don Jose Mojica is another visitor from the Land of the South in the Cinema World. His voice, trained in the Chicago Opera Company, is heard in a Fox production.

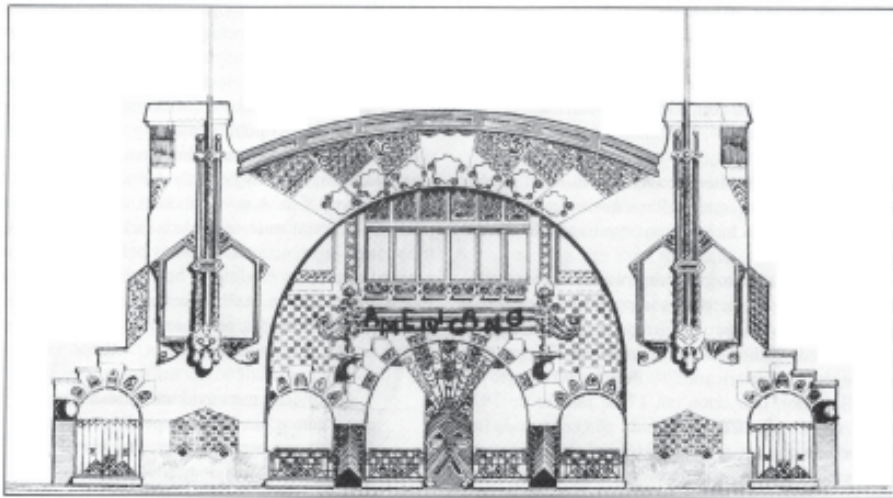


Fig. 107 - Cena de **Tempos Modernos**. Fonte: FLINK, 1990.

Fig. 108 - Don Jose Mojica e Mona Maris, em uma cena evocativa dos "heróis californianos" na visão de Hollywood. Fonte: CALIFORNIA, ARTS AND ARCHITECTURE, 1930.

Fig. 109. Cinema Santa Helena, no subúrbio carioca de Olaria. A fachada em "Mission Style" mostra o grau de entendimento dos Estados Unidos, via cinema. Fonte: GONZAGA, 1996.

Fig. 110 - Fachada do "Cine Americano", no desenho de Antonio Virzi. Fonte: GONZAGA, 1996.

na interpretação de Maria Inez Pinto, pelo fato de despertar sensações de ânimo, e por libertar a imaginação de uma grande parcela da população urbana, antes restrita a atividades intelectuais ou a experiências internacionais como forma de devaneio. (PINTO, 2000). Pode-se considerar, também, que num país que tinha, nos anos 1920, um elevado número de analfabetos,⁴⁷ ou seja, uma massa de impossibilitados de terem acesso à leitura, o cinema veio provocar uma nova forma de atividade lúdica, sobretudo na capacidade de representação das massas. Algo que na interpretação de *Richard Morse* pode também ter tributado a uma possível repercussão do cinema foi a criação de um ideal de habitação. Para este autor,

“com maior efeito de propaganda, o cinema popularizava o ideal norte-americano de lares bonitos e confortáveis e de oportunidades de lazer e esportes para todas as classes. Palavras, slogans, frases abstratas e países distantes – tudo isso o cidadão médio então concebia e tudo isso tinha relação imediata” (MORSE, 1970: 324).

Nesse quesito, uma das principais revistas especializadas em cinema, no Brasil, foi **A Scena Muda**. Lançada em 31 de março de 1921, **A Scena Muda** era uma publicação originária do Rio de Janeiro, editada por uma empresa batizada com o sugestivo nome de “*Companhia Editora Americana S.A., empresa editora da Revista da Semana, Eu Sei Tudo e Almanaque do Eu Sei Tudo*” (BENDER, 1979: 1). A revista circulou até 1955 e foi produzida, durante muitos anos, valendo-se de fotos, reportagens e notas de “*revistas americanas*” e dos “*press sheets distribuídos pelas companhias [cinematográficas]*” (BENDER, 1979: 2). O universo cinematográfico era algo que conquistava semanalmente a atenção do grande público brasileiro e, como coloca a historiadora Flora Bender, as capas das edições da **Scena Muda** eram tipicamente alusivas às produções norte-americanas.⁴⁸

A publicidade dos filmes era algo que incidia também nos jornais das cidades. Em São Paulo, além dos cartazes preparados seguindo as “*modas tipográficas*”, os diários ostentavam reportagens de meia página e, às vezes, páginas inteiras, o que – aliado às demais técnicas propagandísticas da indústria cinematográfica – possibilitou a entrada de 70 milhões de metros de filmes dos Estados Unidos no mercado sul-americano, apenas no ano de 1920 (SEVCENKO, 2000: 92).

No Rio de Janeiro, até mesmo a arquitetura das salas de cinema passou a fazer referências ao universo estético-formal americano. Algumas salas, construídas nos subúrbios cariocas evocaram os cenários mostrados nas produções cinematográficas. O cinema Santa Helena, em Olaria, valeu-se da arquitetura

⁴⁷ Em 1940, o número oficial de analfabetos era de 56%, o que leva a supor que nas décadas de 1910 e 1920 esse número fosse sobremodo elevado (LOVE, 1982: 30).

⁴⁸ Flora Christina Bender informa que **A Scena Muda** estampou em suas capas, em alguns anos, mais imagens norte-americanas do que de outros países. A listagem que apresenta é interessante para atestar o quanto o público brasileiro viu sobre *Hollywood* na década de 1920: “*Em 1921, temos trinta e quatro capas com fotografias de artistas mulheres do cinema americano e cinco do cinema não-americano (quatro do italiano e uma do alemão); / Em 1922, quarenta e oito são do cinema americano e quatro parecem alemãs (ou têm nomes alemães, embora muitas artistas de nomes alemães ou nórdicos sejam do cinema americano) (...); / Em 1923, são quarenta e oito as capas de estrelas do*

cinema americano, três do brasileiro e uma do alemão (quatro do não-americano); / Em 1924, quarenta e nove capas são do cinema americano e três parecem do não-americano; / Em 1925, quarenta e nove capas são do cinema americano e três não são: duas são brasileiras (ou portuguesas) e, uma, alemã; / Em 1926 quarenta e nove são do cinema americano e três do alemão (sendo que uma mesma artista alemã aparece duas vezes); / Em 1928, quarenta e três fotos são do cinema americano e nove não são: temos seis alemãs, uma italiana, uma de nome espanhol e uma brasileira; / Em 1929, temos quarenta e quatro fotos do cinema americano e oito de duas nacionalidades, a saber: quatro alemãs, três parecem brasileiras e uma italiana” (BENDER, 1979: 4).

missões para sua sala; já o cine americano, reformado por *Antonio Virzi*, em meados dos anos 1920, era um misto de referências maias e hispânicas (GONZAGA, 1996: 128). Em todo caso, embora sejam múltiplas as referências arquitetônicas empregadas nas salas de cinemas, não apenas a nomenclatura, como também, a seleção filmística, enfatizavam, década a década, a vinculação com os Estados Unidos. Esta filiação à “*Terra do Tio Sam*”, como mostra Alice Gonzaga, em ***Palácios e Poeiras: cem anos de cinemas no Rio de Janeiro***, certamente surtiu efeito catalisador das referências estadunidenses nos freqüentadores de salas de cinema no Rio. Esta autora mostra, por meio de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – que, em 1937, o Rio teve mais de 23 milhões de expectadores em suas salas de exibição de filmes. Em 1955, este número alcançou a cifra de mais de 57 milhões de freqüentadores (GONZAGA, 1996: 191). Tomando por conta que mais de 90% dos filmes exibidos neste período vinham dos Estados Unidos, não soa exagerado dizer que a sociedade urbana do Brasil ampliou, em muito, seu conhecimento sobre estética, formas, gestos, moda e arquitetura norte-americana por meio da grande tela.

Assim, pelas discussões suscitadas, torna-se possível concordar com *Jean-Louis Cohen*, que considera o século XX como o “*século americano*”, dentro da leitura oriunda de *Henry Luce* sobre a expansão industrial e cultural dos Estados Unidos (COHEN, 1995). Entre o final do século XIX e as décadas centrais do século XX, a sociedade urbana do Brasil acostumou-se com “*a voga [dos] nomes próprios, que passavam a se inspirar nos nomes republicanos norte-americanos – Jefferson, Franklin, Washington*” (SCHWARCZ, 2003: 471); cederam a sabores inusitados, como frutas secas e desidratadas, e se empolgaram com a iluminação feérica e lancinante dos holofotes das salas de cinema, das ruas e dos faróis dos carros. Elementos, estes, que remetem aos Estados Unidos e ao estereótipo do imaginário daquela nação. Como será trabalhado na seqüência desta tese, todavia, outro fator também foi importante para que as referências estadunidenses aportassem por aqui: a educação. É por meio dela que se entenderão mais alguns caminhos trilhados pelos brasileiros em busca da modernização de sua sociedade ao olharem os Estados Unidos, dessa vez, com os próprios olhos.



"Viajo cheio de saudade. Mas também animado de uma grande curiosidade: saber o que me espera nos Estados Unidos. Como serão os meus estudos? Como me adaptarei à vida yanque?"

Gilberto Freyre, 2006 [1975].

3

Fig. 111 - [abertura do capítulo] - Vista do campus da University of Pennsylvania, em 1890. Fonte: CATALOGUE AND ANNOUNCEMENTS: 1893-1894.

3

UM OUTRO ROTEIRO:

Em Busca de Profissão nos Estados Unidos

Para que se possa vislumbrar com maior clareza a atração que brasileiros sentiram pelo ensino dos Estados Unidos, a ponto de rumarem até o norte do continente americano em busca de formação superior, é necessário entender a forma como a educação norte-americana foi vista pela sociedade brasileira. Dentro do arco temporal da pesquisa, ou seja, entre 1876 e 1945, tem-se a constituição de diversas “*escolas americanas*” pelo território brasileiro, que, explicitamente, procuravam disseminar métodos e técnicas de ensino aos moldes dos praticados nos Estados Unidos. Essas escolas eram consequência de algumas missões protestantes chegadas ao Brasil na segunda metade do século XIX. O objetivo principal dessas missões era o de evangelizar o país, mas, frequentemente, aliaram à constituição de suas denominações em terras brasileiras, a formação de escolas, ora como modo de promover aproximação entre os missionários e a população a ser evangelizada, ora como forma de garantir acesso pleno dos povos praticantes da fé reformada à prática da leitura e da interpretação da Bíblia, duas condições básicas do protestantismo.

Calcadas no acesso à educação, independentemente do credo político ou religioso dos estudantes, as escolas fundadas pelas igrejas de confissão reformada dos Estados Unidos ajudaram diversas localidades brasileiras a mudar seus métodos educacionais, como o exemplo de São Paulo atesta¹. Por outro lado, essas escolas geraram, no seio da sociedade brasileira, debates acalorados sobre o papel de norte-americanos no provimento de educação no Brasil. Como será visto, muitas dessas “*escolas americanas*” permitiram

¹ Poderá ser visto, neste capítulo, o grau de envolvimento dos protestantes, sobretudo dos presbiterianos, na reforma do ensino efetuada por Caetano de Campos e Rangel Pestana, em princípios da década de 1890, na cidade de São Paulo.

que seus alunos tomassem contato com bibliografia, mobiliário, didáticas, datas comemorativas e professores norte-americanos, o que permite propor a tese de que significativa parcela dessa clientela, formada em instituições moldadas por este projeto educacional, interpretou os Estados Unidos como um local adequado para a obtenção de diplomas profissionais. Ou seja, sustenta-se a hipótese de que quem foi educado segundo os moldes norte-americanos, nos anos de formação básica, tendia a continuar seus estudos superiores nos mesmos parâmetros, como um desdobramento natural. É, pois, vasculhando esta conexão educacional que se explicará, neste capítulo, o porquê de muitos brasileiros terem rumado aos Estados Unidos em busca de uma profissão de nível superior,² buscando um outro roteiro, não-europeu, para obterem titulação (FREITAS, 2002: 233-234).

■ 3.1 – “Espalhando Sementes”: A Atuação de Educadores Norte-Americanos no Brasil

A ligação entre o protestantismo trazido por norte-americanos e a educação, no Brasil, tem sido abordada por alguns pesquisadores da área da Pedagogia e da Teologia.³ Neste rol destacam-se, sobretudo, os trabalhos acerca das iniciativas presbiterianas no setor escolar, uma vez que esta religião teve a primazia na criação e no desenvolvimento de escolas e de cursos superiores no país,⁴ que seguiram a estrutura educacional norte-americana. Ao lado dos presbiterianos, devem ser colocados, também, os metodistas e os batistas que, ainda durante o século XIX, se valeram de escolas como forma de expandir suas missões no país.

O método dos missionários estadunidenses na área da educação foi, ao lado de outros já discutidos anteriormente, um dos mais eficazes na transmissão de imagens e conceitos sobre os Estados Unidos, aos brasileiros. Uma importante relação a ser frisada é a que vincula o incremento do campo educacional ocupado pelos protestantes, no país, à divulgação e às interpretações políticas da República Norte-Americana, aqui chegadas desde o século XVIII, à época da Inconfidência Mineira, mas ampliadas, de fato, na segunda metade do século XIX, no período antecedente à Proclamação da República (CALMON, 1944: 31-32). Com o avançar do século XIX, e com o aumento do número de adeptos da causa republicana por aqui, os protestantes foram ganhando terreno e prestígio junto à elite nacional. Como analisa o historiador Oswaldo Hack,

“a efervescência política e social do Brasil, no período que caracterizou a preparação do ambiente para a libertação dos escravos e a proclamação da República, era alimentada não só pelo Parlamento e pelos

² Por outro lado, quase que num processo especular, analisam-se as contribuições de alguns profissionais norte-americanos para a consolidação dessa imagem atraente dos Estados Unidos, no Brasil, seja por meio da educação, seja por meio da arquitetura, sobretudo, no quarto tópico deste capítulo.

³ Ver a este respeito as obras de HACK, Oswaldo (2002). *O Mackenzie College e o ensino superior brasileiro*: uma proposta de universidade; MENDES, Marcel (2000). *Mackenzie no Espelho*; MESQUIDA, Peri (1994). *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*; ELIAS, Beatriz Vicente (2005). *Inovação americana na educação do Brasil*; BENCOSTTA, Marcus (1996) *Ide por Todo Mundo*: a província de São Paulo como campo

missionário presbiteriano – 1869-1892; GARCEZ, Benedito Novaes (1970) *Mackenzie*, entre muitos outros.

⁴ Apesar de outras tentativas, os presbiterianos se debruçam, de fato, sobre o Ensino Superior com o *Mackenzie College*, transformado, nos anos 1970, em Universidade Presbiteriana Mackenzie.

clubes, mas também pelas lojas maçônicas, das quais as elites intelectuais e líderes norte-americanos de áreas empresariais ou religiosas participaram ativamente. (...) As novas idéias oriundas dos Estados Unidos, em franco desenvolvimento e com projeção mundial, foram recebidas com boa dose de otimismo. (...) A presença da educação protestante [sobretudo] na província de São Paulo respondia à convicção da elite intelectual e política portadora de ideais liberais norte-americanos, buscando o progresso e a Modernização” (HACK, 2002: 44-45).

O texto de Hack permite expor, de imediato, uma das condições basilares da implementação do ensino protestante no país: o relacionamento da elite republicana brasileira com a idealização da sociedade norte-americana. Personagens ligados à história do republicanismo no país, como Prudente de Moraes, Cincinato Braga, Rangel Pestana, Campos Sales,⁵ entre outros, foram muito próximos do ensino protestante de ascendência norte-americana, por julgarem que os missionários, mais do que *mensageiros da salvação cristã*, eram propagadores do *mundo americano* e de seus símbolos, como a liberdade política e o desenvolvimento capitalista. Como analisa a historiadora Ana Maria Costa de Oliveira, este relacionamento se efetivou porque vinha

“ao encontro dos interesses de facções político-sociais brasileiras, que se empenhavam, quer na luta pela substituição da mão de obra escrava e na conseqüente abolição da escravatura, quer na expansão do comércio e da indústria, já visualizando uma diversificação na área econômica dedicada exclusivamente à monocultura latifundiária do café, quer na pregação do regime republicano” (OLIVEIRA, 1995: 14).

Um exemplo bem elucidativo do interesse da elite política e econômica brasileira pelo campo educacional estadunidense é o de Prudente José de Moraes Barros. Ituano e primeiro presidente civil do país (1894–1898), ele possuía divergências com os métodos de ensino católicos que, em sua interpretação, reforçavam o caráter imperial da sociedade brasileira e, obviamente, opunham-se aos seus interesses políticos e econômicos, sobretudo pela manutenção da escravidão como base do trabalho. Ciente da atuação de professoras americanas em São Paulo, no Colégio Pestana,⁶ Prudente de Moraes contatou, na segunda metade da década de 1870, o pastor metodista *Junius Newman* para a fundação de uma escola que aplicasse os *“métodos americanos”* de ensino. Esta escola, como informa Hack, ficou conhecida como Colégio Newman e foi fundada em 1879, valendo-se, em seu corpo docente, das professoras *Annie* e *Mary Newman*. *Annie Newman* foi a professora norte-americana que lecionou para Rangel Pestana, em São Paulo, e de quem Moraes tivera notícia para contatar esta família. A proposta do Colégio Newman era a de criar uma escola para moças brasileiras, visando a formação de professoras. A experiência malogrou, conforme narra Hack, mas foi revista e ampliada por outra metodista, a professora e missionária *Martha*

⁵ O sítio do Colégio Batista Brasileiro, de São Paulo, traz informações de que Campos Sales, no final de seu mandato como presidente, trocava correspondências com os missionários *William Bucky* e *Ana Luther Bagby*, fundadores da instituição. “Em uma de suas cartas, revelou que sua família tinha sido educada em escolas evangélicas. Isso levou os missionários a refletirem na idéia de reforçarem sua atuação com a fundação de um Colégio”, o que ocorreu em 1902. O então-presidente referia-se à Escola Americana, mais tarde *Mackenzie College*, na carta. (CBB, disponível em www.batistabrasileiro.com.br/home/institucional/nossahistoria.asp). Acesso em 04 nov 2006.

⁶ O Colégio Pestana pertencia ao jornalista, professor e republicano Rangel Pestana; foi fundado no Brás, em São Paulo, no início da década de 1870.

Hite Watts, que iniciou o *Colégio Piracicabano*, em 1881, núcleo original da futura Universidade Metodista de Piracicaba.

Revelando métodos de educação bem diferenciados dos encontrados no país nessa época,⁷ como mostra o artigo da jornalista Beatriz Vicentini Elias sobre o Colégio Piracicabano, as mudanças implantadas por Watts, “*começavam pelos prédios próprios, com arquitetura que os distinguia pelas salas amplas e construídas especificamente para o ensino*” (ELIAS, 2005: 82). A mesma autora ainda complementa dizendo que as classes eram mistas, com mobiliário individualizado, repletas de mapas de história e geografia, além de “*cartazes com esqueleto do corpo humano, pesos e medidas para o ensino do sistema métrico, microscópios*”, e outros suportes didáticos para o ensino, que era ministrado sem castigos físicos e sem a necessidade de memorização de pontos escolares (ELIAS, 2005). A política educacional calcada em salas de aula com frequência mista, e sem o ensino da religião oficial do Império⁸ (católica romana) acarretou, logo no início de funcionamento do Colégio Piracicabano, críticas e punições por parte do Inspetor Geral do Ensino de São Paulo, as quais foram rebatidas por Rangel Pestana,⁹ que replicou dizendo que os mestres protestantes possuíam “*critérios saudáveis*” para conduzir uma escola mista (HACK, 2002: 63).

Esta iniciativa dos metodistas no interior do estado de São Paulo não deve ser vista como uma atitude isolada, já que sua proposta educacional frutificou por todo o país.¹⁰ Uma das razões da expansão da fé de *John Wesley*¹¹ era que ela, assim como outros grupos protestantes do período, procurava arrebatar filhos de políticos que estavam em litígio explícito com a Corte, ajudando a passar a imagem de que era liberal e não-discriminatória. Mesmo que explicitamente vinculados a denominações reformadas, geralmente os colégios protestantes não obrigavam seus frequentadores a se converterem, muito embora esta fosse uma questão capital para os mantenedores das obras missionárias e um dos pontos de maior debate no seio da elite brasileira.

Antônio Gouvêa Mendonça, estudando a inserção do protestantismo no Brasil, indaga sobre quais teriam sido as razões que levaram os missionários a essa preocupação com a educação, paralelamente à propaganda religiosa.

“Poderia haver algum traço de espírito filantrópico diante da escassez de instrução vigente que chocava os norte-americanos? (...) Por outro lado, a carência de instrução podia ser um notável empecilho ao aprendizado da doutrina protestante, todo calcado na leitura da Bíblia, livros, revistas e jornais, que logo começaram a ser

⁷ Embora os jesuítas tivessem sido expulsos do país, no período pombalino, os castigos e punições físicas, herdados do seu método educacional, ainda prevaleciam no século XIX.

⁸ O artigo quinto da Constituição Imperial de 1824 definia como religião oficial do Estado o catolicismo romano e proibia que as demais religiões usassem, para seus locais de culto, edifícios com a forma tradicional de templos religiosos.

⁹ Rangel Pestana fora ligado não só ao grupo que fundou o Colégio Newman, mas, antes também, fora docente do Colégio Internacional de Campinas, iniciativa de missionários presbiterianos, analisada adiante, neste capítulo. Ressalte-se, também, que Pestana mantinha relações pessoais com Prudente de Moraes, o que explica, de certo modo, o porquê de sua manifestação a favor do Colégio Piracicabano.

¹⁰ Depois do Colégio Piracicabano, em Piracicaba, foram fundados a Escola do Alto, no Rio de Janeiro, em 1888; o Colégio Americano, em Petrópolis, em 1895; o Colégio Metodista, em Ribeirão Preto, em 1899, e o Colégio Isabela Hendrix, em Belo Horizonte, em 1904. Como esclarece Beatriz Elias, “*todas essas escolas priorizavam a educação da mulher e receberam contribuições da Woman’s Missionary Society, ou seja, de membros de igrejas metodistas americanas, que recolhiam contribuições mensais voluntárias*” com o propósito de sustentar missões estrangeiras (ELIAS, 2005: 82).

¹¹ *John Wesley*, o criador do Metodismo na Inglaterra, no século XVIII, intentava uma reforma da religião Anglicana, mas, por ter sido incompreendido, acabou montando uma nova denominação religiosa que conheceu grande expansão

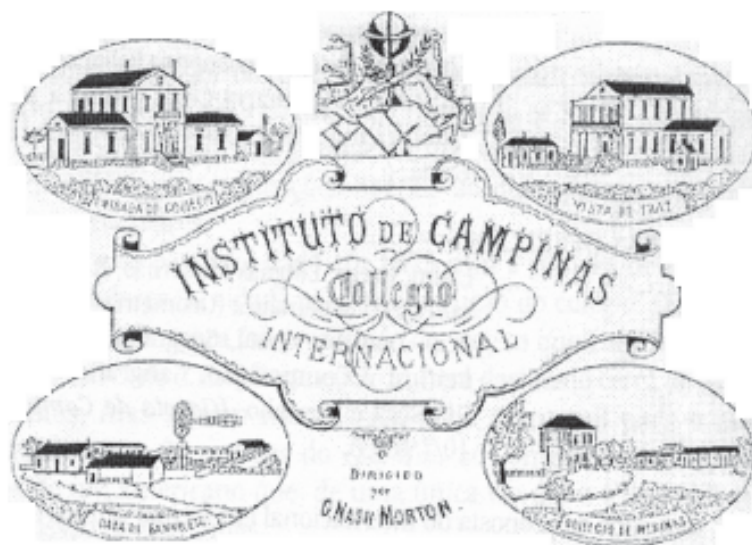


Fig. 112 - Alunos metodistas em frente ao Colégio Piracicabano, por volta de 1906. Fonte: ELIAS, 2005.

Fig. 113 - Sede do Colégio Batista Americano [Gilreath], de Recife. Fonte: www.americanobatista.com.br. Acesso em 04 nov 2006.

Fig. 114 - Prospecto do Colégio Internacional de Campinas, conhecido como Instituto de Campinas, por um curto espaço de tempo. Fonte: BENCOSTTA, 1996.

Fig. 115 - Fotografia da sede definitiva do Colégio Internacional de Campinas, no bairro Guanabara. Fonte: MATOS, 2004.

publicados por iniciativa das missões. (...) Daí não ser difícil concluir que a evolução do protestantismo dependia, em grande dose, da alfabetização de seus adeptos e, em especial, da criança” (MENDONÇA, 1984: 98).

Mas, bem mais que isso, como bem aponta Ana Maria Costa de Oliveira:

“a necessidade de suprir lacunas no campo cultural, educacional e religioso, fundamental para a sobrevivência ideológica do projeto de imigração norte-americana, já que não podiam encontrar correspondência nas instituições católicas tradicionais brasileiras, sulcou o veio para a infiltração da proposta liberal norte-americana, que encontrava respaldo ‘nas forças liberalizantes do país’” (OLIVEIRA, 1995: 14).

Nota-se, então, que, embora tivesse havido, dentro do seio das instituições protestantes, certa dúvida acerca da vinculação de suas expansões religiosas através da constituição de igrejas ou de escolas, - debate conhecido, respectivamente, pelos nomes de *sistema evangelístico direto e indireto* -, algo muito claro estava colocado pelos imigrantes norte-americanos, que seduzia os políticos brasileiros: a idéia de que a ação missionária ultrapassava o universo religioso, pois envolvia a divulgação de valores culturais e éticos norte-americanos e, conseqüentemente, atingia setores da prática econômica. Esta espécie de explanação dos protestantes acerca de suas intenções provocou uma nítida *condescendência* das autoridades brasileiras com suas escolas, mas permitiu que os missionários fossem, na prática, aliando educação e evangelização, sobretudo no que concerne à transmissão de uma moral protestante, em suas instituições.¹²

Embora os batistas¹³ explicitassem que a *“expansão da fé reformada”* por meio de igrejas fosse a prioridade,¹⁴ é possível detectar algumas mensagens subliminares deixadas na constituição das escolas que fundaram pelo Brasil. Conforme avançava a aceitação das religiões protestantes, e da Batista, em particular, como demonstra o gráfico 1, a sociedade brasileira começava a ser introduzida ao *“mundo americano”* de forma mais veemente. Isso se dava pela própria nomenclatura das instituições, que, via de regra, valiam-se do termo *Americano* como forma de adjetivar os colégios, imputando-lhes distinção social por sua origem em uma sociedade diversa da brasileira. Mas, mais que isso, era possível perceber, já nas primeiras décadas do século XX, que a própria arquitetura de tais edifícios escolares seguia modelos estadunidenses, enfatizando a adjetivação iniciada com a nomenclatura das iniciativas. O exemplo mais contundente, neste sentido, vem das informações contidas no *sítio eletrônico* do Colégio Batista Americano de Recife, outrora conhecido como *Colégio Americano Gilreath*. Fundada em 1905, pelo missionário *W.H. Canada*, e expandida por seu colega *H.H. Muirhead*, a escola, após a aquisição de uma chácara nos arredores dessa cidade, começou

entre os puritanos que imigrariam aos Estados Unidos.

¹² Ana Maria Costa de Oliveira fornece uma lista com nomes de colégios fundados pelas missões protestantes no país, que permite acrescentar alguns nomes aos tratados neste capítulo, como: *“Colégio Granberry (primeira Faculdade de Farmácia e Odontologia do Brasil), Minas Gerais, 1889 e Colégio Americano de Taubaté, Taubaté, 1890”* (OLIVEIRA, 1995: 180).

¹³ O primeiro colégio Batista fundado no país foi o Colégio Americano, em Salvador, em 1898, seguido do Colégio Batista Americano de São Paulo, em 1902; do Colégio Batista Americano de Recife [Gilreath], em 1905, e do Colégio Batista Brasileiro, no Rio de Janeiro, em 1908.

¹⁴ Os líderes batistas decretaram em sua assembléia nacional, em princípio do século XX, que: *“a educação segue a evangelização e não a evangelização a educação. Ademais, a experiência nos ensina que as grandes quantias derivadas da evangelização e despendidas na construção de grandes colégios prejudicam a causa do Evangelho e retardam seu progresso. A pátria brasileira jamais seria evangelizada pelos colégios”* (CABTREE, 1962, citado por HACK, 2002: 58).

“a construção de seu primeiro edifício,¹⁵ que levaria o nome do professor Alfredo Freyre¹⁶, (...) diretor do colégio. A idéia original era que o prédio reproduzisse a fachada da Casa Branca,¹⁷ sede da presidência dos Estados Unidos” (Disponível em www.americanobatista.com.br. Acesso em 04 nov 2006).¹⁸

Outros desdobramentos dessa ascendência americana entre os colégios batistas no Brasil podem ser sentidos na auto-identificação desses institutos educacionais como os introdutores de *signos da vida americana* no país, como o *volleyball*, que se tornou prática esportiva regular nas escolas do Brasil. Outra transmissão de emblemas norte-americanos foi a fundação do primeiro centro de ensino de datilografia de Recife, montado dentro do Colégio Americano desta cidade, e batizado com o nome da célebre empresa de máquinas de escrever *Remington* (Disponível em www.americanobatista.com.br. Acesso em 04 nov 2006).

Já os presbiterianos, apesar de debaterem as duas formas de evangelismo (direto ou indireto), tiveram de superar outra dicotomia: a presença de dois grupos evangelísticos diversos, embora ambos fossem procedentes dos Estados Unidos. Oficialmente, o introdutor do presbiterianismo no país foi o pastor *Ashbel Green Simonton*, natural de *West Hanover, Pennsylvania*, chegado ao Rio de Janeiro em 1859. Ele era enviado da Junta de Missões Estrangeiras do Norte dos Estados Unidos¹⁹. Cerca de uma década depois, os pastores missionários *George Nash Morton* e *Edward Lane*, ligados à Junta de Missões Estrangeiras do Sul daquele país aportaram também, fixando-se no interior da, então, Província de São Paulo (MATOS, 2002: 8).

Estes dois grupos missionários reproduziram, mesmo que somente por alguns anos, no Brasil, a divisão tomada pelo presbiterianismo nos Estados Unidos, em função da Guerra Civil.²⁰ Com a beligerância entre o norte e o sul, também a Igreja Presbiteriana sofreu um cisma, dividindo-se, em 1861, em duas.²¹ A Igreja dos estados do norte passou a ser chamada de *Presbyterian Church of the United States of América*, conhecida pela sigla PCUSA, e a dos estados do sul se tornou *The Presbyterian Church in the United States*, PCUS. Estas duas células presbiterianas, apesar de conservarem as tradições calvinistas,²² divergiam com relação às práticas cotidianas de condução da igreja e, principalmente, com relação à escravidão. A igreja do norte possuía uma estrutura administrativa autônoma em relação à do sul.²³ Dessa forma, pode-se entender que Simonton, enviado da Junta de Missões da igreja do norte, também chamada de *Board of Foreign Missions* ou, simplesmente, *Board of New York*, chegou ao Brasil e iniciou sua obra missionária em meio urbano, enquanto Morton e Lane foram enviados pelo órgão sulista, chamado de *Committee of*

¹⁵ Ainda existe uma lacuna grande no que tange ao estudo das arquiteturas desses colégios do século XIX. É possível identificar dois motivos para isso. O primeiro diz respeito ao desaparecimento de grande parte dos edifícios desses colégios e, o segundo, concerne a uma questão ideológica, que esmaeceu o estudo sobre o mundo protestante e seus artefatos no Brasil, a ser feito urgentemente.

¹⁶ Alberto Freyre era pai do intelectual brasileiro Gilberto Freyre, ex-aluno e professor do Colégio.

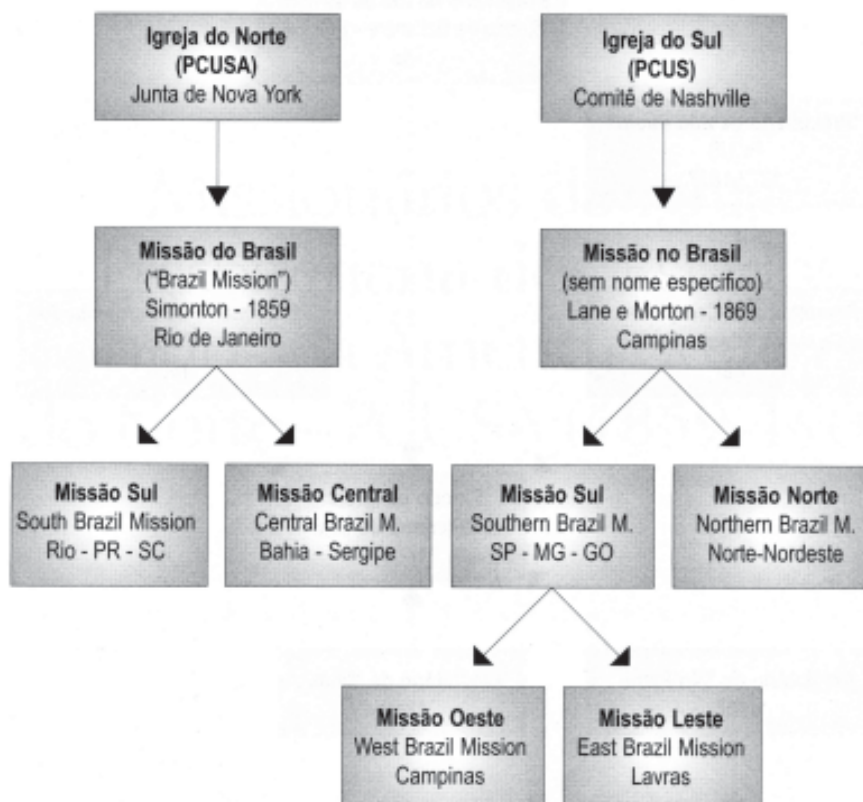
¹⁷ A arquitetura da “Casa Branca” é pertencente ao *Federal Style*, nos Estados Unidos. Este estilo arquitetônico, originalmente chamado de *Adam Style*, por causa do arquiteto Robert Adam, que lhe deu força, no século XVIII, na Inglaterra, foi muito executado nos Estados Unidos após o Processo de Independência das antigas 13 colônias,

sobretudo na construção de edifícios públicos, cujo ápice seria alcançado em *Washington D.C.* Segundo *Philadelphia Architecture: a guide to the city*, “o Federal Style é leve e delicado (...), colunas, pilastras e outros ornamentos são estreitos e planos. As janelas são estreitas, com delicadas divisões. A decoração exterior é contida, e usualmente empregada apenas nas portadas. A ornamentação interna é também delicada, com um apurado uso de formas curvas e ovais nas plantas das salas, nas bay-windows, ou nas janelas de ventilação acima das portas principais. O efeito geral é singular em refinamento e graça” [tradução minha] (FOUNDATION FOR ARCHITECTURE, 1994: 30).

¹⁸ O texto está disponível em www.americanobatista.com.br/historia.htm. Acesso em 04 nov 2006.

¹⁹ Para uma breve, porém didática aproximação ao trabalho

Missões Presbiterianas Norte-Americanas no Brasil



missionário dos presbiterianos, veja HEUSER JUNIOR, Frederick J. (1988). *A Guide to Foreign Missionary Manuscripts in the Presbyterian Historical Society*. Especial atenção deve ser dada ao capítulo "Presbyterians in Mission: an historic overview".

²⁰ A Guerra Civil Norte-Americana, também chamada de *Guerra da Secessão*, explodiu em 1861 entre o sul agrário e o norte, em franco processo de industrialização. O conflito, depois de terminado, em 1865, tornou a proposta do norte, de industrialização e mecanização do país, compulsoriamente aplicável sobre o sul (JUNQUEIRA, 2001: 68). Em função das perdas econômicas e ideológicas, por volta de 3 mil norte-americanos imigraram para o Brasil, em 1866, ocupando áreas cedidas pelo Imperador Brasileiro Pedro II na Província de São Paulo (em Santa Bárbara d'Oeste e no Vale do Ribeira,

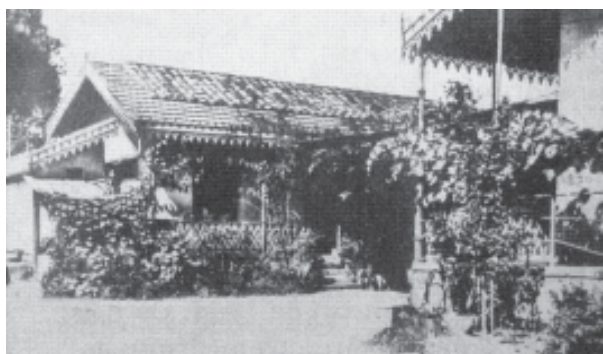
principalmente). A chegada desses americanos "confederados" foi proporcionada graças aos contatos do general A. T. Hawthorne, que visitara o Brasil logo após o final da guerra civil, bem como de todo um trabalho de cooptação de imigrantes, mantido pelo Império no Brasil, nos Estados Unidos, desde 1865, sob comando de Quintino Bocayúva e de outros viajantes que publicaram textos nos Estados Unidos acerca das vantagens de se imigrar para o Brasil (OLIVEIRA, 1995: 89-103). Entre os americanos imigrados havia um grande número de protestantes, o que atraiu a atenção de denominações reformadas dos Estados Unidos para esta área de São Paulo, enviando, nos anos subseqüentes, missionários para zelar pela fé dos imigrados, mas, também, para expandir a pregação do evangelho (BENCOSTTA, 1996: 41).

Fig. 116 [página ao lado] - Organograma das missões presbiterianas atuantes no Brasil. Fonte: MATOS, 2004.

Fig. 117 - Primeira sede da Igreja Presbiteriana do Brasil, no Rio de Janeiro. Fonte: MATOS, 2004.

Fig. 118 - Casa do casal de missionários George e Mary Ann Chamberlain, em São Paulo, onde teve início a Escola Americana de São Paulo. Fonte: MATOS, 2004.

Fig. 119 - Sede da Escola Americana na Avenida São João, no final do século XIX. Fonte: MATOS, 2004.



²¹ Contudo, antes desta data, já era possível encontrar braços do presbiterianismo, que não faziam parte da *American Presbyterian Church* – a igreja-mãe que foi dividida em 1861. Heuser Junior mostra que existiam, pelo menos, mais três grupos presbiterianos, nos Estados Unidos, antes do cisma (HEUSER JUNIOR, 1988: 2).

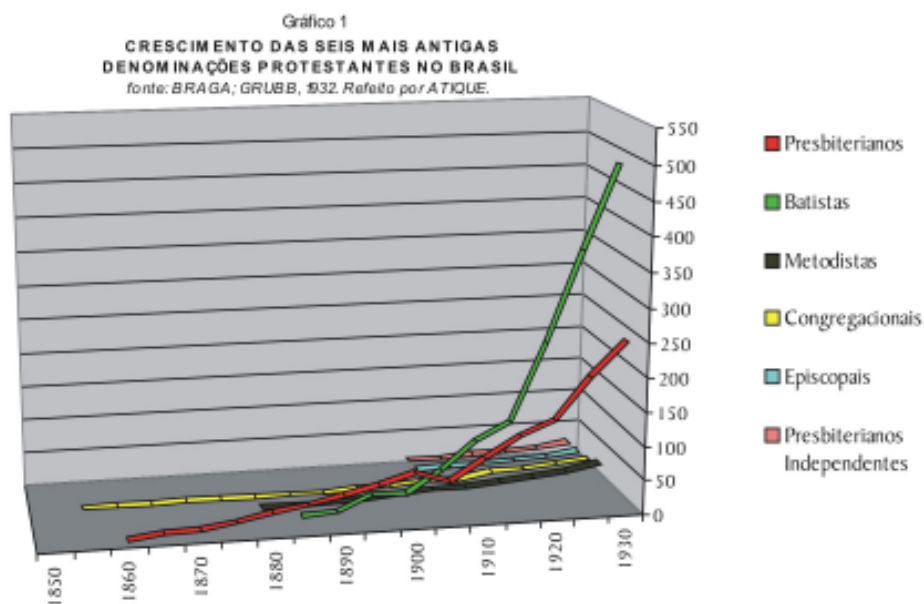
²² O presbiterianismo, apesar de ser identificado como fruto do trabalho do escocês *John Knox*, segue, de perto, as interpretações teológicas de *João Calvino*, contemporâneo de *Martinho Lutero*, e um dos reformadores do século XVI. Maiores detalhes acerca desta interpretação teológica da fé presbiteriana podem ser vistas no já citado livro de Marcus Bencostta, e, principalmente, no de Silas Luiz de Souza,

denominado **Pensamento Social e Político do Protestantismo Brasileiro**, editado pela Editora Mackenzie, em 2005.

²³ Alderi Souza de Matos explica que a PCUSA tinha duas frentes de ação, duas Missões, no Brasil: a *Central Brazil Mission* (Bahia e Sergipe) e a *South Brazil Mission* (Rio de Janeiro até Santa Catarina). Já a PCUS tinha outras duas Missões: *Northern Brazil Mission* (Nordeste e Norte) e *Southern Brazil Mission* (São Paulo, Minas Gerais e Goiás). (MATOS, 1999: 20).

Nashville, com o objetivo de, num primeiro momento, assessorar os núcleos de imigração norte-americana fixados na região agrícola de Santa Bárbara d'Oeste, em São Paulo²⁴ (BENCOSTTA, 1996:41-42).

Em todo caso, interessante é notar que o presbiterianismo chegou em terras brasileiras por meio de um pastor-missionário, cuja primeira profissão, nos Estados Unidos, foi a de educador. Simonton, com 26 anos à época de sua chegada, após um breve contato com estrangeiros de língua inglesa,²⁵ desistiu de se manter ligado às colônias anglo-saxônicas e começou a trabalhar apenas com os brasileiros. Deu início ao estudo do português e abriu, em 1861, a primeira Escola Dominical²⁶ do país, na região portuária daquela cidade (CÉSAR, 2000: 95).



Oriundo de família presbiteriana nos Estados Unidos, *Simonton*, antes de ser ordenado pastor, cursou o ensino médio oferecido dentro da *University of Princeton*,²⁷ em *New Jersey*, estado onde morava com a família. Ele diplomou-se professor, em 1852, por esta instituição. Até 1854, o jovem educador *yankee* trabalhou, curiosamente, em diversas localidades do sul estadunidense, no chamado *território confederado*, ensinando. Ao regressar ao estado de *New Jersey*, intentava preparar-se para a carreira de advogado, mas acabou se destinando ao estudo da Teologia, dentro do *Princeton Theological Seminary*. Percebe-se, então, que ao chegar ao Brasil, depois de ordenado ministro presbiteriano, em 1859, *Simonton* já tinha bagagem para conciliar os afazeres de pastor e os de educador, caso desejasse ou fosse necessário (MATOS, 2002: 8; SIMONTON, 2002: 35).

²⁴ Convém informar que a primeira igreja Batista do Brasil foi fundada também em Santa Bárbara d'Oeste, como aponta o livro de Betty Antunes de Oliveira *Centelha em Restolho Seco*, edição da autora, de 1985. Antunes aponta o ano de 1871 como o marco de organização da primeira igreja batista em terras brasileiras, muito embora os primeiros missionários remontem, também a 1859 (OLIVEIRA, 1985: 65). Como aponta o artigo de Elizete da Silva, os primeiros missionários batistas chegados ao Brasil, aportaram no Rio de Janeiro, com um navio cargueiro da companhia da família *Levering*, também batistas, que negociavam café no país (SILVA, 2006: 17).

²⁵ O diário íntimo de *Simonton*, publicado em língua portuguesa pela Editora Cultura Cristã, antiga Casa Editora

Presbiteriana, traz interessantes passagens acerca de seu trabalho no país, como o trecho a seguir: "*Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1859. No dia 29, (...) tive uma conversa com Dr. Kalley [Robert Reidy Kalley, missionário escocês, pioneiro no Brasil, que fundou a Igreja Evangélica Fluminense, de confissão Congregacional, em 1855]. Ele acha a missão oportuna, e missionários americanos os mais convincentes para levá-la a efeito porque seu ministro e cônsul poderão dar-lhes proteção, ao passo que os ingleses não o fariam. Insiste em que eu me mova em segredo; julga que seria melhor que as sociedades que mandam missionários para países papistas tivessem fundos operacionais secretos. Acha que é tempo de começar a pregação em português e que já há pessoas prontas a sofrer por Cristo. Quanto a serviços religiosos para os americanos, inclina-se a desaconselhá-los.*"

Após alguns anos de trabalho, que rendeu a fundação do primeiro periódico evangélico do país, em 1864, a criação do Presbitério²⁸ do Rio de Janeiro, em 1865, e a organização de um seminário, em 1867, o norte-americano faleceu no Rio de Janeiro, neste mesmo ano, com 34 anos de idade, vitimado pela febre amarela (MATOS, 2002: 11). Entretanto, sua morte não se constituiu em malogro do trabalho presbiteriano no país, já que *Simonton* contou, ainda nos primeiros anos de seu ministério em terras brasileiras, com o auxílio de outros pastores mandados no começo da década de 1860, pela *Board of New York*. Eram eles *Alexander Latimer Blackford*²⁹ e *Francis Joseph Christopher Schneider*.³⁰ O primeiro era cunhado de *Simonton* e permaneceu algum tempo no Rio, auxiliando-o, e o segundo, de origem alemã, mas naturalizado americano, migrou para São Paulo para atendimento de germânicos fixados na região de Rio Claro (BENCOSTTA, 1996: 40).³¹ Ao lado destes pastores, outra importante figura aliada de *Simonton* foi o médico e educador formado pelo *Delaware College*, nos Estados Unidos, *George Whitehill Chamberlain*, que havia aportado no país em 1862, buscando tratamento de saúde, mas que acabou se envolvendo não apenas com a causa educacional da igreja em formação, como também se ordenando pastor, em 1866, pelas mãos de *Simonton*, de quem se tornou amigo íntimo.³²

Mas, mesmo sendo, além de pastor, também um educador, *Ashbel Simonton* não se valeu, *a priori*, do meio educacional para alcançar seus objetivos missionários, embora tivesse deixado registrado diversas vezes seu apreço pela atividade educacional a serviço da evangelização. Em relatório enviado à Junta de Missões da PCUSA, em 1867, escreveu que era chegada “a ocasião propícia de conseguir licença para abrir [no Rio de Janeiro] uma escola, sem qualquer cunho religioso” (SIMONTON, 1867, citado por HACK, 2002: 61). No mesmo ano, em uma palestra ministrada numa das reuniões do Presbitério do Rio de Janeiro, ele explicitou que a formação de escolas “era um meio indispensável para assegurar o futuro da igreja evangélica no Brasil (...), [já que] em outros países é reconhecida a superioridade intelectual e moral da população que procura as igrejas evangélicas”, e complementou, dizendo: “o evangelho dá estímulo a todas as faculdades do homem e o leva a fazer maiores esforços para avantejar-se na senda do progresso” [grifos meus] (SIMONTON, 2002: 184). Essas colocações de *Simonton* iam ao encontro do ideário progressista de parte da elite brasileira, o que auxiliava na manutenção de seus trabalhos missionários no país.

Sabe-se que no ano de sua morte, ou seja, em 1867, a escola proposta por *Simonton* abriu suas portas no Campo de Santana, numa sala anexa ao templo da denominação, atendendo apenas a meninos. Junto da

Não posso concordar com ele neste ponto. Acredito que além de ser útil a eles, posso também adquirir uma posição segura e tê-los como aliados. Minha presença e meus objetivos aqui não podem ficar escondidos.” (SIMONTON, 2002: 127).

²⁶ A Escola Dominical era um trabalho de evangelização, sobretudo de crianças, provendo lições de alfabetização e de catequese protestante. Por ocorrer semanalmente, sempre aos domingos, recebeu esse nome. Há de ser ressaltado que, nesse período, a religião oficial do Império era a católica romana, e as outras denominações eram proibidas de funcionarem em edifícios com aparência de templos, em função do artigo 5º da Constituição de 1824. *Simonton* desenvolveu suas atividades pastorais em residências, salões e navios estrangeiros, depois se restringindo a salões alugados,

onde a lei não poderia ser aplicada em função da não aparência de templos religiosos desses espaços. A liberdade de cultos viria apenas em 1888, quando o Senado Imperial aprovou uma lei com este teor. Contudo, a revogação do catolicismo como religião oficial ocorreu apenas com a República.

²⁷ Alderi Matos explica que “os presbiterianos (...), tão logo começaram a se organizar eclesialmente nos Estados Unidos, passaram a estabelecer os seus colégios, o primeiro dos quais foi o Colégio de Nova Jersey, hoje a Universidade de Princeton, fundado em 1746” (MATOS, 1999: 3).

²⁸ O presbitério é a reunião regional de diversas igrejas presbiterianas. Nele são discutidos assuntos “estratégicos” da denominação, como locação de pastores em determinadas cidades, e é, também, onde os candidatos a pastor, depois

escola de instrução primária funcionava o Seminário Presbiteriano relatado acima, que era, de certa forma, outra instituição de ensino desta igreja (MATOS, 1999: 4).

Ao findar a década 1860, a postura da PCUSA acerca da provisão educacional no Brasil ampliou-se de tal modo, que a *Board of New York* passou a enviar missionárias diplomadas em educação visando a constituição de específicas instituições de ensino. Uma das que primeiro aportaram no Brasil foi *Mary Parker Dascomb*. Esta missionária, nascida em *Providence*, a capital do estado de *Rhode Island*, foi educada no *Oberlin College*, em *Ohio*, onde se formou professora, em 1860. Depois de graduada, trabalhou em algumas cidades norte-americanas, conquistando, em 1863, o cargo de professora no *Vassar College*, em *New York*. Sua permanência nesta instituição, contudo, foi breve, pois, a convite do recém-empossado Cônsul dos Estados Unidos no Brasil, *James Moore*, *Miss Dascomb*, como era conhecida, foi contratada como preceptora das filhas do diplomata e se mudou para o Rio de Janeiro, em 1866. *James Moore* fora professor no *Oberlin College* e havia sido deputado também (MATOS, 2004: 67). Logo que chegou ao Rio de Janeiro, “ela se tornou próxima do trabalho da ‘Brazil Mission’ e de seus missionários”, mesmo sendo filiada à *First Congregational Church of Oberlin*, porque o cônsul vinha de ascendência presbiteriana (PHS, RG 360, DASCAMB).³³ Após dois anos e meio de serviços prestados às filhas do cônsul, *Dascomb* retornou aos Estados Unidos, onde permaneceu por um ano, até se candidatar a uma das posições da *Board of New York*, de missionária no Brasil. Acompanhada de *Herriet Greenman*, *Dascomb* voltou em 1869, já como missionária da PCUSA. Aportando no país, imediatamente “elas iniciaram uma escola no Rio, assessoradas por um professor nativo. Depois de um semestre, foi descoberto ser necessário conseguir uma permissão por parte do Governo para que o trabalho prosseguisse³⁴, e a escola foi fechada por um longo período”³⁵ (PHS, RG 360, DASCAMB).

Como mostra uma biografia de *Dascomb*, de autoria anônima, arquivada na *Presbyterian Historical Society*, na cidade da *Philadelphia*, a duração da escola no Rio de Janeiro foi curta. Tão breve quanto a escola carioca foi a permanência dela na, então, capital brasileira. Tendo *Miss Greenman* contraído matrimônio no Brasil, e se mudado para São Paulo, *Dascomb* foi levada para lá também, no final de 1870, pelo Reverendo *Chamberlain*, para que trabalhasse numa “escola, a princípio, muito pequena, mas que se tornou grande e importante” (PHS, RG 360, DASCAMB).³⁶ Anos mais tarde, *Chamberlain* a levou à terceira igreja presbiteriana organizada no Brasil, na cidade de Brotas, interior de São Paulo,³⁷ para que

de terem seus estudos concluídos num seminário, são examinados pelo colegiado de presbíteros e pastores visando obter o status de pastor ordenado, apto a dirigir igrejas.

²⁹ *Alexander Latimer Blackford* era natural do estado de Ohio, Bacharel em Artes pelo *United Washington and Jefferson College* (1850) e pastor pelo *Western Theological Seminary* (1859). Era casado com *Elizabeth Simonton*, irmã do pastor *Ashbel Green Simonton*.

³⁰ *Francis Joseph Christopher Schneider* nasceu em *Erfurt*, na Alemanha, em 29 de março de 1832. Emigrado aos Estados Unidos, diplomou-se em Letras no *Jefferson College*, em *Canonsburg*, no estado da *Pennsylvania*, em 1861, e em Teologia, pelo *Western Theological Seminary*, neste mesmo ano. Depois de anos de trabalhos prestados ao presbiterianismo, ele ingressou na Secretaria de Estado da

Agricultura, trabalhando como meteorologista ligado à Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, em 1890, onde se aposentou em 1910. No mesmo período ele foi eleito presidente de uma Comissão de Edificação de Templos da PCUSA, no Brasil, trabalho do qual encontramos poucas informações (MATOS, 2004: 45).

³¹ Pouco tempo depois, a situação se inverteu. *Blackford* mudou, em 1863, para a cidade de São Paulo, onde iniciou a igreja presbiteriana na Rua Nova de São José, número 1 (atual Líbero Badaró), e *Schneider* voltou ao Rio de Janeiro onde passou a ministrar aulas no Seminário recém-criado.

³² Entretanto, quando da morte do pastor *Simonton*, *Chamberlain* estava no *Princeton Theological Seminary*, em *New Jersey*, completando sua formação em Teologia, e regressou ao Brasil atendendo ao mandado da *Board of*

lecionasse numa escola ligada à igreja, algo que faria também, em Rio Claro, em 1874;³⁸ em Botucatu, na década de 1880,³⁹ e em Curitiba, a partir de 1892. Entre 1874 até sua morte, em 1917, *Dascomb* trabalhou com outra missionária presbiteriana, *Miss Elmira Kuhl*, nascida em *Cooper Hill*, no estado de *New Jersey*, em 1842, e falecida em *New York*, no mesmo ano em que *Dascomb* morreu em Curitiba.⁴⁰

Ainda no mesmo período, também no interior de São Paulo, *George Nash Morton*⁴¹ e *Edward Lane*,⁴² chegados a Campinas, em 1869, começaram a obra evangelística da igreja do sul dos Estados Unidos, como relatado. Campinas fora escolhida pelo *Committee of Nashville* para a fixação dos missionários, por permitir fácil deslocamento a outras regiões do país a serem evangelizadas,⁴³ e, principalmente, por ser vizinha à Vila de Santa Bárbara d'Oeste,⁴⁴ ponto focal original do trabalho missionário da PCUS, no Brasil. Como relata Marcus Bencostta,

“Os primeiros contatos com os habitantes [de Campinas] levaram estes missionários a querer atuar de uma outra forma para atingir seus objetivos missionários. Para tanto, [contataram] elementos significativos da sociedade campineira a fim de manter uma política de gentileza que em um futuro próximo lhes seria necessária. A herança cultural americana que possuíam em muito lhes ajudou na conquista da simpatia das elites dessa cidade, mesmo que essa herança fosse originária de uma civilização marcada pelo protestantismo” (BENCOSTTA, 1996: 71).

A constituição dessa rede de *gentilezas sociais*, por parte dos missionários *Morton* e *Lane* com os campineiros, foi formada antevendo a criação de uma obra educacional, pela qual *“teriam a oportunidade de formar cidadãos brasileiros marcados por uma moral protestante”* (BENCOSTTA, 1996). Em 1871, depois de uma viagem de *Edward Lane* aos Estados Unidos para obter a permissão da Assembléia do Comitê Missionário que os sustentava, para a abertura da instituição educacional, esta idéia se difundiu na sociedade de Campinas, através de artigos de jornais locais, nos quais se fazia a apologia da iniciativa, principalmente por serem seus idealizadores *“homens educados nos Estados Unidos”*, e, por isso, supostamente capazes de transplantarem os pressupostos educacionais norte-americanos à cidade:

“nos Estados Unidos, o ensino como que faz timbre por assinalar e justificar o papel tão preconizado que a geração moderna conferiu ao século XIX. Pois bem: é o ensino assim concebido como realiza a América do Norte, que os srs. Lane e Morton pretendem fundar e seguir no Colégio projetado” (GAZETA DE CAMPINAS, 30 nov 1871).

Apoiados, em parte, pelas doações da igreja norte-americana e, em parte, por donativos da intelectualidade

Foreign Missions, em 1869, para sustentar a igreja em formação em São Paulo (GARCEZ, 1970: 13).

³³ No original: *“There she became acquainted with the Brazil mission and its missionaries”* [tradução minha]. Este texto está arquivado na *Presbyterian Historical Society*, na cidade da Philadelphia, na pasta relativa à *Miss Dascomb*, sob o número 360.

³⁴ Esta escola, como sugere um texto de Matos, foi criada para atender adultos, no mesmo local onde já funcionava, desde 1867, a escola para meninos, e, por isso, conclui-se que a licença obtida por *Simonton* para a escola de meninos não garantia o funcionamento da escola de adultos (MATOS, 1999: 4).

³⁵ No original: *“On landing they commenced a school in Rio*

assisted by a native teacher. After a season it was found necessary to get a permit from the Government to prosecute the work, and the school was closed for an indefinite vacation” [tradução minha].

³⁶ Com certeza, a referência é relativa à Escola Americana, recém-fundada pelo casal *Chamberlain*, em São Paulo.

³⁷ A igreja de Brotas foi organizada em 1866, pelo ex-padre, José Manuel da Conceição, ex-pároco da cidade, e convertido ao presbiterianismo, pouco tempo antes desta data. Neste ano de 1866, Conceição tornou-se o primeiro pastor presbiteriano ordenado no Brasil. As igrejas que antecedem a esta, são as do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente, de 1862 e 1865 (MATOS, 2004: 551).

³⁸ A igreja e a escola presbiterianas de Rio de Claro foram

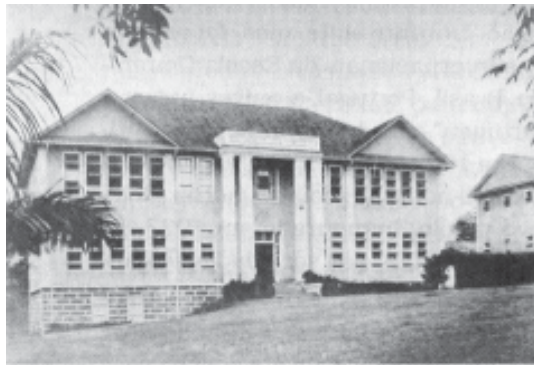


Fig. 120 - Escola Americana de Curitiba, no período Dascomb - Kuhl. Fonte: MATOS, 2004.

Fig. 121 - Sede do Colégio Carlota Kemper, em Lavras, Minas Gerais. Herdeiro do Instituto Gammon. Fonte: MATOS, 2004.

Fig. 122 - Sede do Instituto Gammon, em Lavras. Disponível em: www.ipb.org.br. Acesso em 01 nov 2006.

Fig. 123 - Alunas e professoras da Escola Americana Presbiteriana de Recife [Colégio Agnes Erskine]. Disponível em: www.ipb.org.br. Acesso em 02 nov 2006.



Fig. 124 - Corpo docente do Instituto Bíblico Eduardo Lane - IBEL -, em Patrocínio, Minas Gerais, década de 1920. Disponível em: www.ipb.org.br. Acesso em 02 nov 2006.



fundadas pelo pastor *João Fernandes Dagama* (1830-1906), natural da Ilha da Madeira, que, fugindo de perseguições religiosas, migrou aos Estados Unidos, onde estudou Teologia. Depois de ordenado pastor, embarcou para o Brasil como missionário da PCUSA. Em 1873 ele começou o trabalho presbiteriano em Rio Claro e, em 1875, em São Carlos (MATOS, 1999: 4).

³⁹ A escola de Botucatu foi criada pelo Reverendo *George Landes* (MATOS, 1998: 9).

⁴⁰ Tanto *Dascomb* quanto *Elmira Kuhl* tiveram muita importância na expansão do trabalho presbiteriano no país. Valendo-se dos conhecimentos pedagógicos norte-americanos, as escolas em que lecionaram e dirigiram, como a *Escola Americana de Curitiba*, formada em 1909, formavam moças preparando-as para a sociedade, exercendo funções

que não se restringiam apenas à vida doméstica.

⁴¹ *George Nash Morton* nasceu em *Marshall County*, no *Mississippi*, em 1841. Ele era graduado e mestre pelo *Hampden Sydney College*, na *Virginia*. Foi tenente durante a Guerra Civil, e formou-se na primeira turma do *Union Theological Seminary*, em *Richmond*, ao lado de *Edward Lane*.

⁴² *Edward Lane*, irlandês de nascimento, foi educado nos Estados Unidos, após ter ficado órfão em sua terra natal, e de ter sido levado por uma senhora à América do Norte. Formou-se pelo *Union Seminary*, em *Richmond*, na *Virginia*, no sul dos Estados Unidos, após a Guerra Civil.

⁴³ Os missionários da PCUS evangelizaram, a partir de Campinas, a região da Mogiana, o oeste de Minas, o Triângulo Mineiro e o sul de Goiás.

e burguesia locais, o *Colégio Internacional de Campinas*, idealizado por Lane e Morton, iniciou suas atividades em 1873. O resumo do projeto pedagógico do Internacional foi assim descrito por Marcus Bencostta: “*formar alunos aptos para os exames nas academias de ensino do Império, como também para as universidades européias e norte-americanas*” [grifos meus] (BENCOSTTA, 1996: 85). Estava colocada, então, a questão de que o ensino ministrado na escola seria voltado não apenas para a realidade interna do país, destituído de universidades,⁴⁵ mas, principalmente, para uma educação que proporcionasse a inserção de alunos da elite campineira em universidades estrangeiras, elucidando, de certa forma, o porquê do nome escolhido para a obra: *Colégio Internacional*.

O corpo docente empregado no Internacional era formado por mestres estrangeiros, como *William Le Conte*, *Herman Rentscheler*, *Wilhelm Fuoss*, e brasileiros, como *José Felíssimo Ferreira Braga* e *Rangel Pestana* (BENCOSTTA, 1996: 87). Fora os mestres, muitos republicanos se tornaram *habitués* do Colégio, como Francisco Quirino dos Santos, Campos Sales, Carlos Ferreira e Saldanha Marinho.

Com o passar do tempo, o Colégio construiu sua sede própria⁴⁶ e arrebanhou uma considerável quantidade de alunos.⁴⁷ Embora seu sistema de ensino fosse baseado na separação das classes por sexo,⁴⁸ a partir de 1879 ele precisou, por problemas de espaço, reunir meninos e meninas, tornando-se, segundo Bencostta, a primeira escola mista da Província de São Paulo (BENCOSTTA, 1996: 101).

Um artigo de Rangel Pestana, publicado no jornal *A Província de São Paulo*, em 1876, quando já havia deixado o corpo docente do Internacional, explicita que os planos de *Lane* e *Morton* haviam vingado. Pestana diz, explicitamente que

“Ao penetrar os umbrais do Colégio Internacional sente-se a gente alegre, vendo um ar tanto petulante, mas cortês das crianças e rapazes. Nessa casa de educação já estão se formando moços que se aproximam do tipo de estudantes norte-americanos, ativos, delicados e, enérgicos e respeitadores das leis sociais” [grifo meu] (A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, 29 jun 1876).

Se, pela ótica de Rangel Pestana, a educação do Colégio Internacional estava, de fato, moldando jovens à *americana*, a comprovação máxima obtida pelo colégio foi a aprovação, em 1876, de Flaminio Augusto Rodrigues,⁴⁹ aluno aceito no *Hampden-Sydney College*, na *Virginia*,⁵⁰ instituição onde *Morton* também

⁴⁴ Em Santa Bárbara fora fundada uma igreja, de nome *Hopewell*, que, em 1872, agregava 30 membros adultos e, em Campinas, organizou-se a Igreja Presbiteriana local que, no mesmo ano, declarava possuir 17 membros adultos (BENCOSTTA, 1996: 44).

⁴⁵ Havia, apenas, cursos isolados de Direito e Medicina, além da Escola de Minas, em Ouro Preto, até fins do século XIX, quando surgiram, por exemplo, outras instituições como a Escola Politécnica de São Paulo.

⁴⁶ A sede própria do Colégio Internacional foi construída por *Mr. Krug*, segundo relato de Lane ao *Committee of Nashville*: “*Mr. Krug (sic), o construtor, está usando de muita precaução para garantir um trabalho sólido e perfeito (...). A casa quando terminada deve ser simples e elegante, e avaliada em Campinas em trinta mil dólares em ouro. O máximo que podemos esperar*

para o presente é ocupá-la sem os muros rebocados, ou as salas pintadas, e no final de junho transferi-la para aquele local” (BENCOSTTA, 1996: 86). Este Krug, citado por Lane, era o pai do arquiteto George Krug – que será abordado mais adiante, neste capítulo, o alemão *Wilhelm Gustav Heinrich Krug*, imigrado a Campinas, na década de 1860. Como a passagem mostra, o relacionamento dos Krug com o presbiterianismo vem de longa data. *Wilhelm* era conhecido tanto por *William* como por *Guilherme Krug* em Campinas (CANTUARIA, 2000: 28).

⁴⁷ Em 1878 o colégio chegou a ter 135 alunos matriculados (BENCOSTTA, 1996: 103).

⁴⁸ O historiador Alderi Souza de Matos, nomeado historiador oficial do presbiterianismo no Brasil, aponta que em 1872, chegou a Campinas a primeira missionária-educadora da



Fig. 125 - Edifício Mackenzie [prédio número 1] do Mackenzie College, em São Paulo. Fonte: PEREIRA, 2005.

Fig. 126 - Construção do prédio número 1, em 1894. Dentre as pessoas sentadas estão os pastores Carvalhosa e William Waddel (construtor do prédio) e Horace Lane. Fonte: MATOS, 2004.

Fig. 127 - Corpo docente do Mackenzie College, em 1913. Fonte: MATOS, 2004.



PCUS, Arianna Henderson, conhecida como Nannie, que fundou, em 1873, uma escola para meninas, que funcionava ao mesmo tempo que o colégio para meninos, ou seja, o Internacional (MATOS, 1998: 9). Após 1874, não foi possível encontrar outras menções a esta escola feminina.

⁴⁹ Flaminio Augusto Rodrigues nasceu em Limeira, São Paulo, em 05 de agosto de 1856. Antes de ingressar no Colégio Internacional, em 1874, cursou uma instituição chamada Colégio Ipiranga, em Araraquara, entre 1870 e 1874. Ele foi encaminhado à instituição norte-americana de ensino por meio dos missionários atuantes em Campinas, e rumou aos Estados Unidos, acompanhado pelo Reverendo John Dabney, antigo tesoureiro do Colégio, quem substituiu Lane na direção do empreendimento, por ocasião de suas viagens (BENCOSTTA, 1996: 105). Flaminio também se tornou pastor presbiteriano em 1892, tendo estudado Teologia, no final da década de 1880, no *Columbia Seminary*, na Carolina do Sul (MATOS, 2004:

212).

⁵⁰ Segundo verbete presente na Internet, na Enciclopédia Wikipédia, *Hampden-Sydney College* tem seu nome derivado de uma junção dos nomes de John Hampden (1594-1643) e Algernon Sydney (1622-1683), ingleses revolucionários do século XVII. O Colégio foi fundado por ex-alunos e por membros da *Princeton University*. O nome desses dois cidadãos ingleses foram combinados por serem muito admirados pelos fundadores deste *College*, que, por sua vez, foram membros ativos da Independência dos Estados Unidos. Em 1812 houve a fundação do *Union Theological Seminary* dentro do *Hampden-Sydney College*. Anos mais tarde, o Seminário se mudou para *Richmond*, na *Virginia*, e hoje é conhecido como *Union Theological Seminary and Presbyterian School of Christian Education*. Em 1838 houve a fundação de uma escola de Medicina

havia recebido o grau de Bacharel em Artes, em 1860.⁵¹ Rodrigues se formou em Letras, nos Estados Unidos, em 1880, atestando os méritos da instituição campineira. O sucesso do colégio parece ter ocorrido, também, na difusão da fé presbiteriana, processada de *forma indireta*, dentro das atividades da escola, já que Flaminio e alguns outros alunos se converteram ao presbiterianismo (BENCOSTTA, 1996: 111).

Embora gozando de prestígio junto à burguesia campineira, o Colégio Internacional enfrentou problemas graves. O maior deles foi o desentendimento entre *Edward Lane* e *George Morton*. Este último, acusado por Lane de improbidade administrativa, apontou, também, o tesoureiro *John Boyle*, como seu cúmplice. A PUCS reagiu, substituindo *Boyle* por *John Dabney*. Morton, sentindo-se injustiçado, começou a cogitar sobre a abertura de uma Instituição de Ensino, em São Paulo, capital, que ministrasse os cursos primário, secundário e superior. O ensino superior seria calcado, especialmente, na formação de bacharéis em Belas Artes e em Ciências (BENCOSTTA, 1996: 102). Tendo se desligado do Internacional, *Morton* conseguiu abrir uma pequena escola primária em São Paulo, batizada de *Colégio Morton*,⁵² levando consigo grande parte do corpo docente de sua antiga instituição. Mesmo tendo sido aberto numa das principais áreas de expansão de São Paulo, ao lado da igreja da Consolação,⁵³ a duração do Colégio Morton foi efêmera - apenas dois anos - e não contou com o apoio do *Committee of Nashville*, o que obrigou o missionário a regressar aos Estados Unidos, onde exerceu o magistério até finais do século XIX. *George Nash Morton* faleceu em 1904.⁵⁴

Após o escândalo envolvendo *Morton*, seu antigo diretor, o Internacional entrou em uma profunda crise, tendo recebido outros líderes que, ao lado de Lane, tentaram dar prosseguimento à causa educacional. Uma das tentativas foi colocar Flaminio Rodrigues, recém-chegado dos Estados Unidos, como diretor-interino, talvez tentando reacender a fama de uma escola que estava vinculada ao modelo estadunidense de educação. Entretanto, o efeito esperado não correspondeu às iniciativas e a PCUS enviou, em 1891, o reverendo *Samuel Rhea Gammon*,⁵⁵ norte-americano de *Bristol*, na *Virginia*, para dirigi-lo, o qual implementou poucas mudanças no projeto pedagógico original, acrescentando apenas as disciplinas de música e composição à grade.

Em função do ambiente epidêmico de Campinas, que desde a década de 1880 sofria com a febre amarela, *Gammon* tentou forjar uma nova condição infra-estrutural para o colégio, pois via o número de alunos

junto ao Seminário. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Hampden-Sydney_College. Acesso em 05 nov 2006.

⁵¹ É possível supor, embora não tenha sido localizada documentação comprobatória, que o encaminhamento de Flaminio Rodrigues à mesma instituição de ensino superior, que diplomou *Morton*, tenha se dado pelos dirigentes do Colégio Internacional. Como poderá ser visto no caso do *Mackenzie College*, os professores egressos das instituições norte-americanas de ensino, que ali ministravam aulas, enviaram diversos estudantes brasileiros para estudar nos Estados Unidos.

⁵² Existem referências de que Alberto Santos Dumont foi aluno do Colégio Morton. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Santos_Dumont. Acesso em 20 nov 2006.

⁵³ Clóvis de Athayde Jorge, no livro sobre a história do bairro da Consolação informa que o *Colégio Morton* funcionou no mesmo prédio que seria ocupado pelo Seminário das Educandas, em 1898, "ao lado da Igreja de Nossa Senhora da Consolação, tempos depois demolido pelas obras de regularização da rua do Ipiranga". Este autor ainda informa que "nesse estabelecimento estudaram o jornalista Júlio César Ferreira de Mesquita (1862-1927), diretor de O Estado de São Paulo (1891 e 1927) e filho do campineiro Francisco Ferreira de Mesquita. Também o dr. Carlos de Campos (1866-1927), coronel da Guarda Nacional e presidente do Estado (de 1924 a 1927) e outras figuras de representação político e social" (JORGE, s/d: 89).

⁵⁴ Para um melhor detalhamento dos passos de *Morton* após sua saída do Colégio Internacional, ver BENCOSTTA, 1996.

decrecer assustadoramente.⁵⁶ Entretanto, com o pior surto da febre amarela já registrado por Campinas, em 1892,⁵⁷ o Colégio Internacional fechou suas portas e, por determinação da mantenedora norte-americana, a instituição escolar teve de procurar uma nova localidade para seu trabalho, para que deixasse a cidade paulista o mais rápido possível. Neste ano, então, *Samuel R. Gammon* e *George W. Chamberlain* – que apesar de ligado à PCUSA, tornara-se aliado das atividades do Colégio Internacional –, rumaram para Minas Gerais, à procura de localidades que pudessem sustentar a causa presbiteriana. Embora São João Del Rey também tenha sido cogitada como uma futura sede da escola, foi Lavras, no sul desse estado, a localidade escolhida em definitivo.

Ao invés de simplesmente *reinaugurar* o Colégio Internacional, Gammon criou uma nova instituição escolar, batizando-a de *Instituto Evangélico*, em 1893.⁵⁸ O termo *Instituto* expõe que a nova obra deveria se dedicar à formação superior também, e não mais apenas ao ensino básico. Embora o termo *Colégio*, como apontado por Hack, fosse usado pelos primeiros ministros protestantes tentando denotar certa equiparação com os *Colleges* estadunidenses, no Brasil, pode-se notar que, na prática, ao longo do século XX, o termo *College* assumiu uma idéia diversa, mais voltada à formação ginasial e secundarista (HACK, 2002: 23). A denominação *Instituto*, quando da criação desta nova obra presbiteriana de ensino, mais tarde rebatizada de *Instituto Gammon*,⁵⁹ procurava deixar clara a nova postura dos presbiterianos, ou seja, um pronunciamento mais efetivo sobre a formação superior,⁶⁰ que seria visível na cidade de São Paulo, com a constituição da obra conhecida como *Mackenzie College*.

Antes, contudo, de abordar a trajetória do Mackenzie College, o que interessa de perto a esta tese, convém frisar, mesmo que rapidamente, o impacto que o Instituto Gammon teve na sociedade do sul de Minas Gerais. Voltado, em certa medida, mais à formação de meninas, o Instituto teve, na missionária *Charlotte Kemper*, a expressão máxima do modelo norte-americano de ensino. Nascida em 21 de agosto de 1837, na *Virginia*, já que seu pai era diretor da *University of Virginia*, *Kemper* teve uma infância abastada e recebeu sólida educação, tornando-se professora. Ela decidiu tornar-se missionária aos 45 anos de idade, ou seja, em 1882. O campo destinado pela PCUS foi Campinas, em função de um contato travado por ela com *Edward Lane*, numa das viagens deste missionário aos Estados Unidos. Ela atuou até o fechamento do Colégio Internacional, em Campinas, mas foi, em Lavras, que teve maior espaço. Assessora direta de *Gammon*, a quem ministrou aulas de português, ela também assumiu a tesouraria do campo missionário da PCUS no Brasil, de quem foi a primeira missionária no país.

⁵⁵ *Samuel Rhea Gammon* nasceu em 30 de março de 1865 e diplomou-se pelo *Hampden-Sidney Seminary*, na *Virginia*, em 1889. Neste mesmo ano, depois de ordenado ministro protestante, embarcou para o Brasil para trabalhar como missionário da PCUS em Campinas. Fundou e foi homenageado com seu nome no Instituto Evangélico (Gammon), em Lavras. Faleceu, após mais de trinta anos de trabalho no Brasil, em 30 de julho de 1928, à bordo de um vagão de trem, quando retornava do Rio de Janeiro (MATOS, 2004: 237-247).

⁵⁶ Em 1889 o Colégio possuía apenas 40 alunos; no ano anterior teve 85, um número expressivo, já que em 1886 tivera apenas 50 alunos matriculados (BENCOSTTA, 1996: 103).

⁵⁷ Neste mesmo ano *Edward Lane* faleceu acometido de febre-

amarela, agravando a situação da escola que fundara.

⁵⁸ A arquitetura do Instituto Evangélico, hoje, Gammon, também tentou reproduzir a arquitetura norte-americana chamada de *Federal Style*, detectada no Colégio Americano de Recife.

⁵⁹ O Instituto Evangélico passou a se chamar Instituto Gammon, depois da morte do seu fundador, e existe até hoje. O trabalho de *Samuel R. Gammon* deu origem, anos mais tarde, a uma das primeiras escolas de agronomia do Brasil, que, depois de federalizada, deu origem à Universidade Federal de Lavras (HUNNICUTT, 1945: 463; www.gammon.br/aescola/historico/. Acesso em 06 nov 2006).

⁶⁰ A historiadora Ana Maria Costa de Oliveira, dissertando sobre a mentalidade dos fundadores das antigas 13 colônias

Notabilizada por sua cultura e conhecimentos diversos, que iam do hebraico ao latim, passando pelo grego, aritmética e história, *Kemper* foi identificada como *o modelo da mulher americana* no sul de Minas, especialmente entre suas alunas. Conhecida como “*Aunt Carlota*”, deduz-se que foi por sua boa aceitação entre o corpo discente, que outras norte-americanas, como *Miss Sarah Lace*, *Miss Kennedy* e *Miss Margaret Davis*, sentiram-se atraídas pelo trabalho missionário-educacional no Gammon. Este conjunto de americanas, ao lado de *Charlotte Kemper*, passaram a ensinar às alunas, segundo o *sítio eletrônico* da Universidade Federal de Lavras – UFLA -, “‘*prendas domésticas*’ (*Home Economics*), *como se fazia nos Estados Unidos*”.

Há, ainda, informações de que, durante as primeiras décadas do século XX, as alunas do curso ginásial receberam aulas de “*decoração, com especialistas vindas dos Estados Unidos*”. Tais aulas eram baseadas em “*revistas americanas como Ladies Home Journal, Better Homes and Gardens, Family Circle, Life e outras*”, assinadas pelo Instituto Gammon (www.portalmuseu.ufla.br/Lavras_cultura/lavras_cultura7.htm). Outras, como aponta o *sítio eletrônico* do Museu da UFLA, foram prosseguir seus estudos superiores nos Estados Unidos, por intermédio dos missionários que administravam a instituição (www.portalmuseu.ufla.br).⁶¹ Tendo falecido apenas em 1927, *Kemper* conseguiu manter parâmetros de educação cristã e de modelo doméstico, à moda americana, em Lavras, por mais de 30 anos, notabilizando-se nacionalmente.

Convém, a título de conclusão da difusão dessas iniciativas escolares pelo território brasileiro, mapear, brevemente, as demais instituições presbiterianas fundadas. Os presbiterianos ligados à PCUS atuaram, em Recife, por meio de *John Rockwell Smith*,⁶² em 1878, e no interior de Pernambuco pela ação do médico *George W. Butler*. A presença desses missionários no Nordeste – na época, Norte do Brasil – também se deu em Fortaleza, com *DeLacey Wardlaw*. Por sua vez, como aponta *Alder* Souza de Matos, os missionários da PCUSA tinham como principais campos Bahia e Sergipe, onde atuaram os reverendos *Blackford* e *John Benjamin Kolb*. Em Nova Friburgo, nesse período, trabalhava *John M. Kyle*; já no Paraná, os trabalhos estavam a cargo de *Robert Lenington* e *George A. Landes*. Os missionários norte-americanos fundaram, ainda, em Natal, em 1895, o Colégio Americano de Natal, pelas mãos de *Katherine H. Porter*, esposa do pastor *William C. Porter*. Ainda no Nordeste, dessa vez, em Pernambuco, foram idealizados o Colégio [Presbiteriano] Americano, em Recife, depois chamado de *Colégio Agnes Erskine*, e o Colégio Quinze, na cidade de Garanhuns, ambos pelas mãos dos missionários *William* e *Rena Buttler*, em 1900 (VITALINO E REINAUX, 1985). Na Bahia, em *Ponte Nova*, houve também a fundação do Instituto Ponte

norte-americanas, ressalta que “*a preocupação com a educação surgiu desde os primeiros tempos*”. Isso fez com que a igreja reformada, dentro do “*seu espírito missionário*”, patrocinasse a montagem de escolas e faculdades, onde encontrou “*um veículo de propaganda de suas crenças, ainda que não obrigassem seus alunos a aderirem a elas*”. A autora resume, enfim, a idéia de vivência comunitária, como só sendo completa “*quando possuíse escolas de ensino superior*” (OLIVEIRA, 1995: 49). Parece que este ideal esteve presente na mente dos educadores reformados, sobretudo presbiterianos, que perseguiram a idéia de criar escolas de nível superior no país, como atestam as trajetórias do Gammon, já vista, e do Mackenzie, vista a seguir.

⁶¹ Infelizmente, o referido *sítio eletrônico* não traz o nome das alunas que rumaram aos Estados Unidos para estudar. Não foi possível efetuar pesquisa de campo em Lavras, nos arquivos do Instituto Gammon, para verificar a referência.

⁶² Informações biográficas sobre grande parte desses personagens históricos citados em itálico não serão dadas por terem sido eles personagens de pouca atuação sobre o recorte escolhido. Entretanto, os interessados podem encontrar excelente material acerca deles na obra de *Alder* Souza de Matos, chamada *Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil (1859-1900)*, publicada pela Editora Cultura Cristã, em 2004.

Nova, por mãos do reverendo *William Alfred Waddell*,⁶³ em 1906, criado numa fazenda, seguindo o modelo de ensino baseado no trabalho no campo, visando capacitar os sertanejos para a lida mais comum da região. O trabalho em Ponte Nova diferenciava-se, em certa medida, das demais obras educacionais presbiterianas, porque apenas as crianças ligadas ao trabalho protestante tinham acesso à instituição, ao contrário do que acontecia na grande maioria das outras escolas fundadas sob os auspícios da PCUS e da PCUSA (PHS, RG 360, WADDELL).

A repercussão dos ensinamentos das escolas criadas dentro do ideário comportamental e religioso norte-americano, bem como as referências arquitetônicas empregadas em suas sedes, é algo ainda a ser explorado no Brasil. O que não se pode deixar de apontar é que o referencial norte-americano se faz presente até os dias de hoje nas instituições descendentes desse trabalho iniciado no século XIX. Livros norte-americanos de formação básica em economia doméstica, em decoração e em música sempre foram usados nas escolas, e o próprio repertório dos coros mistos, masculinos e femininos dos colégios e das igrejas de protestantes históricos é, ainda hoje, baseado em obras traduzidas dos hinários estadunidenses, divulgados neste período. A imagem, dentro do meio presbiteriano, como também do batista, do congregacional, do metodista etc, foi – talvez com maior ênfase na virada do século XIX para o XX, mas, inegavelmente ainda persistente –, a de que os Estados Unidos era um país de fé e de rigor comportamental, que produzia elevados conhecimentos científicos e que colaborava para a transformação da sociedade brasileira. Embora houvesse oposição à ascendência norte-americana, como visto anteriormente, é necessário perceber que até mesmo o Estado laico recorreu aos serviços dos “missionários”, em fins do século XIX, por ocasião da reforma liderada por Caetano de Campos, Cesário Mota e Gabriel Prestes do Ensino Público em São Paulo, por conta do prestígio do trabalho da Escola Americana da capital paulista (HACK, 2002; MATOS, 1999; HUNNICUTT, 1945: 441).

■ 3.1.1 – O Mackenzie College e a divulgação do Ensino Superior Norte-Americano no Brasil

O *Protestant College* de São Paulo, conhecido, anos mais tarde, por Escola Americana e, ainda, por Mackenzie College, teve sua origem entre os anos de 1869 e 1870, pelas mãos de *George Whitehill Chamberlain* e *Mary Ann Annesley Chamberlain*. Este casal de missionários da PCUSA, chegado ao Brasil na década de 1860, foi o responsável pelo início da obra educacional presbiteriana na cidade de São Paulo. *Mary Chamberlain* era formada em educação,⁶⁴ nos Estados Unidos; seu esposo, além de médico

⁶³ Nascido em 5 de fevereiro de 1862, em *Bethel*, no Estado de *New York*, ingressou no *Union College*, na cidade de *Schenectady*, no mesmo estado, onde se bacharelou em *Arts and Sciences* e em *Civil Engineering* (1882). Depois de graduado, trabalhou dois anos na Comissão Geográfica e Geológica do Estado de *New York*. Anos mais tarde, estudou no *Princeton Theological Seminary*, entre 1883 e 1885. Tornou-se pastor em 1887 e teve, como primeiro campo, a Igreja Presbiteriana *San Pedro*, em *Los Angeles, California*. Quando pastoreava esta igreja, candidatou-se ao cargo de missionário da PCUSA, para ir à China. Após alguns anos, e uma suposta aceitação por parte da *Board of Foreign Missions*, ele mudou seus planos, segundo expressou em carta arquivada na *Prebyterian Historical Society*, “por não possuir um ouvido musical e uma voz nada flexível”, o que

o faria padecer no aprendizado do *Mandarin*. Expressou, então, seu interesse em vir para a América Latina ou o Brasil, por ser mais “familiarizado com o espanhol” [tradução minha] (PHS, RG 360, WADDELL). Ele embarcou, então, em 20 de agosto de 1890, chegando em 19 de setembro ao Brasil. Estudou português na cidade de Campanha, Minas Gerais, sendo, depois, alocado em São Paulo, onde passou a colaborar com a obra da PCUSA e com a Escola Americana. Entre 1896 e 1914 trabalhou por inúmeras cidades do Nordeste brasileiro, fundando, inclusive, outras “Escolas Americanas”. Em 1914, assumiu a direção do *Mackenzie College* até 1927. Ele faleceu em 22 de fevereiro de 1939, nos Estados Unidos. Mais informações sobre ele serão dadas no corpo de texto deste capítulo, mais à frente (MATOS, 2004: 131-137).

e, depois, pastor, desempenhou, com frequência, a função de educador também. Como aponta Benedicto Novaes Garcez, no livro *Mackenzie*, as primeiras crianças a frequentar essa obra educacional foram filhas de protestantes da igreja de São Paulo e de abolicionistas paulistanos, que se referiam às aulas ministradas na sala de jantar da casa do casal, à rua Congonhas do Campo, número 1, no atual bairro dos Campos Elíseos, como Escolinha, e depois, como Colégio Protestante (GARCEZ, 1970:15).⁶⁵

Tendo encontrado certo sucesso na empreitada e desejando ampliar o alcance da iniciativa, o pastor Chamberlain fez constar de uma das atas de reunião da Igreja Presbiteriana de São Paulo, em outubro de 1870, que “o número de meninas já [excedia] a capacidade da referida sala. [Urgia] encontrar-se outro local maior a fim de receber também ‘meninos’ que [sofriam] restrições nas Escolas Públicas em virtude de intolerância religiosa”. Chamberlain complementou, exprimindo que era “desejo de Mrs. Chamberlain ampliar os limites do curso até alcançar o ideal da educação americana, qual seja a escola mista” [grifo meu] (ATAS DA 1ª IGREJA PRESBITERIANA DE São Paulo, citadas por GARCEZ, 1970:16).

Este registro em ata da igreja que dirigia pode ser visto como uma tentativa de tornar a ‘escolinha’, aos olhos do público, uma obra do presbiterianismo de ascendência americana em São Paulo, e não uma atividade de benemerência de *Mary Chamberlain*, na cidade. Esta opinião é corroborada pela detecção dos objetivos de uma viagem de *George Chamberlain* aos Estados Unidos, em princípio de 1871. O pastor rumou àquele país tentando alcançar a aprovação da *Board of Foreign Missions* da PCUSA, para a escola, e, principalmente, intentando conseguir donativos financeiros entre os americanos para a obra,⁶⁶ já que a *Brazil Mission* não aceitou arcar com os custos da fundação de uma escola em São Paulo, por falta de recursos (GARCEZ, 1970). A *Board of Foreign Missions* da PCUSA tornou-se, então, oficialmente, a mantenedora do *Protestant College*, em 1871. Neste mesmo ano, a escola foi formalmente organizada nas instalações da igreja em São Paulo, que ficava, nesta época, à rua Nova de São José (atual Líbero Badaró), próxima ao Largo de São Bento. Conforme aponta o historiador Alderi Souza de Matos, neste ano, a escola possuía “uma classe em inglês com vinte e três alunos de ambos os sexos e uma classe em português com dez crianças” funcionando. Matos ainda informa que, em 1871, a escola contava com a presença, no corpo docente do colégio, das educadoras e missionárias norte-americanas *Mary Dascomb* - que lecionava matemática - e *Herriet Greenmann* - professora de inglês, caligrafia e conhecimentos gerais -, e dos mestres brasileiros Júlio Ribeiro - docente de português⁶⁷ -, *Adelaide Molina* – que ensinava geografia - e *Palmyra Rodrigues* – que ministrava aulas de história -, além da própria *Mary Chamberlain*,

⁶⁴ Não foi possível localizar a instituição de ensino onde *Mary Chamberlain* estudou. As informações de que ela era uma educadora formada advêm dos historiadores que abordaram a obra do Mackenzie, como Garcez, Hack, Matos, todos já citados.

⁶⁵ Benedicto Garcez expõe que “o curso da ‘escolinha’ (...) abrangia aulas de inglês e francês ocupando 20% do tempo para cada matéria dada por Mrs. Chamberlain; o Dr. Chamberlain usava os 80% do tempo restante para ensinar as matérias em língua portuguesa. A escolinha tomou vulto rapidamente pois, além das meninas evangélicas, foram admitidas as filhas de Republicanos e Positivistas, que sofriam também os efeitos da intolerância das escolas públicas” (GARCEZ, 1970: 15).

⁶⁶ *Chamberlain* intentava conseguir donativos não só junto à *Board of New York*, mas, também, segundo informa Benedicto Garcez, “junto à Aliança da Igreja Reformada em Edimburgo”. A razão desses planos, diz este autor, era que “a Inglaterra nessa época tinha suas melhores atenções voltadas para a América Latina, principalmente para a Argentina e o Brasil, onde estava aplicando enormes capitais em empreendimentos ferroviários e portuários”. Chamberlain obteve da *Board* 10 mil dólares, e apenas uma simbólica contribuição dos ingleses, em cifra não conhecida. Como aponta o historiador em questão, as doações inglesas vieram por meio da “Estrada de Ferro São Paulo Railway Co., através do superintendente Dr. D. M. Fox”, que passou a ser chamado, por Chamberlain, de “benemérito da Instituição”. Este Dr. Fox era presbiteriano de longa data, já que foi em

que ficou com as cadeiras de francês e de música (MATOS, 1999: 5; MATOS, 2004: 49).

Repetindo a repercussão que alcançava o Colégio Internacional de Campinas, neste mesmo período, o *Colégio Protestante* era notícia na imprensa paulistana. Uma nota publicada no jornal **Correio Paulistano**, em 1872, e recuperada por Alderi Souza de Matos, dá o tom do grau de reconhecimento da iniciativa na sociedade de São Paulo. A nota era referente aos exames recém-concluídos na instituição e enfatizava que:

“Mostraram todos [os alunos] maravilhosos desenvolvimentos, como não estamos nós, brasileiros, habituados a presenciar nas nossas escolas rotineiras do tempo colonial. Encontra-se ali o ideal americano – escola mista regida por mulher” (CORREIO PAULISTANO, 20 ago 1872).

Neste mesmo ano foram compradas mobílias⁶⁸ para as salas de aula, nos Estados Unidos, e a *Board of New York* ratificou o desejo da assembléia da fundação oficial da escola, que resolveu mudar o nome da obra educacional de Colégio Protestante para Escola Americana, seguindo a postura, como já vista, das demais denominações de confissão reformada atuantes no setor educacional brasileiro.

Em 1874 seria aberto o internato para meninas, à rua dos Bambus (atual Rio Branco), número 20, ao lado de onde morava o casal *Chamberlain*. Este internato foi dirigido, em seus primeiros anos, pela já citada missionária *Elmira Kuhl*. Houve, neste mesmo período, por parte de *Chamberlain*, a idéia de constituir o que Garcez chama de *“Instituto de Alta Cultura”*, que abrangeria o curso Normal (*Training School*) e uma Faculdade de Filosofia (*Scientific School*) voltada ao melhoramento do grau de instrução dos pastores formados no Seminário Presbiteriano, iniciado por *Simonton*, em 1867, no Rio de Janeiro (GARCEZ, 1970: 50).⁶⁹

Em 1875, a escola, em função dos recursos mandados pela *Board of New York* e do incremento do número de alunos, conseguiu adquirir um terreno na esquina da rua de São João com a rua Ipiranga, onde, um ano mais tarde, edificou a primeira sede exclusiva para a escola (HACK, 2002). Apesar de longa, a citação a seguir descreve não só o edifício construído, como aponta para a rede de contatos que *Chamberlain* mobilizou na estruturação da Escola Americana:

“Era um grande edifício assobradado, [tendo] reservada a parte superior para internato feminino e o andar térreo para as confortáveis salas de aulas do externato mixto (sic). O edifício era de tijolo aparente, dotado

sua casa, em 1863, que se realizou o primeiro culto desta denominação em São Paulo (GARCEZ, 1970: 60).

⁶⁷ Júlio César Ribeiro Vaughan (1845-1890) era filho do norte-americano *George Washington Vaughan* e da brasileira *Maria Francisca Ribeiro*. Nascido em Sabará, Minas Gerais, tornou-se presbiteriano na década de 1860, em Taubaté. Por sua cultura diversificada, que incluía Filologia, Gramática, Línguas Estrangeiras, bem como por sua ascendência norte-americana, Júlio Ribeiro tornou-se docente na Escola Americana, onde, mais tarde, seu filho Joel Ribeiro também estudaria. É conhecido por seu romance naturalista, de nome *A Carne*, publicado em 1888, em época que se dizia afastado do presbiterianismo (MATOS, 2004:467-469).

⁶⁸ Segundo Benedicto Garcez, os bancos escolares foram

comprados pela *Board of New York*, da firma *Chair & Desk Co.*, de Boston, Mass (GARCEZ, 1970: 49).

⁶⁹ Autores ligados ao estudo da trajetória da Instituição, como Alderi Souza de Matos e Oswaldo Hack, apontam que não existe documentação suficiente que comprove a abertura desses dois cursos de caráter superior, nos primórdios do Mackenzie, em 1874. O que pode ter ocorrido, foi a divulgação, por parte de Chamberlain, de suas intenções para a instituição e, de fato, a implementação da *Training School*, que tinha um caráter de curso técnico, secundarista (HACK, 2002: 138; MATOS, 1999: 5-8).

de espaçoso Salão Nobre, que ficou conhecido como 'Sala Grande' (...). A planta desse edifício, o madeiramento e suas esquadrias, vieram dos Estados Unidos. Também seu mobiliário, inclusive as célebres cadeiras de carvalho que ornavam a 'Sala Grande' onde funcionou a Igreja Presbiteriana de 1876 a 1884. (...) O material de cerâmica empregado no referido prédio foi adquirido na Olaria Manfred, no Bom Retiro. O construtor do edifício foi o Sr. Isidoro Martins, presbítero da Igreja de Sorocaba. O material fornecido pela Olaria Manfred foi pago, parte com o auxílio inglês, e parte por amigos de Chamberlain residentes em São Paulo. Entre êsses amigos: Dulley, Sharp & Filhos, Anhaia e Dr. Fox" (GARCEZ, 1970: 60).⁷⁰

Em 1878, dois importantes acontecimentos para a instituição se deram: a visita do Imperador Pedro II e a abertura do que, pelo que sugere a pesquisa, talvez tenha sido o primeiro Jardim-da-Infância do Brasil, o *kindergarten*, dirigido pela educadora norte-americana *Phoebe A. Thomas*⁷¹ (GARCEZ, 1970: 39, MATOS, 2004: 440).

Por volta de 1879, o casal Chamberlain adquiriu, com recursos próprios, de Maria Antonia da Silva Ramos, filha do Barão de Antonina e membro ativo da primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo, uma chácara de 27 mil metros quadrados, ao valor de 800 mil réis. Esta chácara ficava dentro do recém-aberto bairro de Higienópolis, na área hoje conformada pelas ruas Itambé e Maria Antonia (GARCEZ, 1970: 80). A intenção que permeou a aquisição da gleba era a de construir uma sede para o internato masculino, em formação. Ao lado dessa propriedade juntaram-se outros terrenos, comprados por missionários da PCUSA e pela própria *Board of New York*, que, juntos, configuraram 47 mil e 700 metros quadrados, e que correspondem à quase totalidade do atual campus do Mackenzie, neste bairro paulistano.⁷²

Embora fosse o principal mentor da escola em formação e tivesse objetivos claros de impactar a sociedade brasileira com um modelo de ensino norte-americano, *Chamberlain* tinha obrigações maiores como pastor-missionário no Brasil, o que o levava a viajar bastante pelo país, e de participar dos outros trabalhos presbiterianos, como, por exemplo, o dos missionários da PCUS, em Campinas, visto linhas atrás. Neste sentido, talvez por temer um esfacelamento da obra educacional em São Paulo, como a que se insinuava em Campinas, *Chamberlain* resolveu transferir a direção da Escola Americana a um profissional que pudesse se dedicar integralmente à expansão da instituição. Assim, em 1885, tomou posse o norte-americano, *Horace Lane*.

*Horace Manley Lane*⁷³ nasceu em *Readfield*, no estado americano do *Maine*, em 29 de Julho de 1837. Em 1856, o jovem Lane embarcou para o Brasil tentando ocupar-se com atividades comerciais. Fixado no Rio de Janeiro, trabalhou como professor no *Colégio John Kopke*,⁷⁴ em Petrópolis, e, depois, no

⁷⁰ Não foi possível encontrar elementos iconográficos que permitissem uma leitura do espaço desta sede da escola.

⁷¹ Nascida em *Wilkes-Barre*, na *Pennsylvania*, em data desconhecida. Chegou ao Brasil em 1877, com destino à Escola Americana, onde implantaria o Jardim da Infância, em 4 de fevereiro de 1878. Foi, também, a primeira professora de Educação Física desta escola. Faleceu na mesma localidade em que nascera, em 1890 (MATOS, 2004: 440-441).

⁷² Para uma descrição detalhada dos compradores e doadores de área para a constituição deste campus da Escola Americana, consultar GARCEZ, 1970: 77-81.

⁷³ Apesar do mesmo sobrenome, aparentemente não existia nenhum grau de parentesco entre *Edward Lane*, o missionário da PCUS em Campinas, e *Horace Manley Lane*, envolvido com o Mackenzie College. Como muitas outras famílias de

imigrantes puritanos nos Estados Unidos, o sobrenome Lane vem de ascendência européia, no caso, *Lone*, que se transformou em *Lane*. As diversas genealogias pesquisadas por meio de dicionários de família, nos Estados Unidos, e pela Internet não mostraram qualquer vínculo entre os dois missionários, mesmo porque este é um dos nomes de família mais comuns por todo o país. Há de ser ressaltado, também, que nenhum dos historiadores envolvidos com a causa presbiteriana aponta parentesco entre os dois.

⁷⁴ Pouco se sabe sobre este *Colégio John Kopke*. Foram encontradas informações de que ele fora fundado em Petrópolis, e não no Rio de Janeiro, como tradicionalmente se diz nas biografias de *Horace M. Lane*, em 1º de janeiro de 1850. Conforme <http://www.ihp.org.br/docs/gkf19530800.htm>. Acesso em 20 nov 2006. Ver também MATOS, 2004: 115.

Colégio Pedro II, na, então, Corte Imperial, ministrando aulas de inglês e de matemática. Sua trajetória como educador é nebulosa a tal ponto que, nem em sua biografia, contida no prontuário a ele destinado pela *Presbyterian Historical Society of Philadelphia*, nos Estados Unidos, foi possível esclarecer se ele possuía ou não formação como educador, nem durante quanto tempo ele trabalhou neste setor, antes de ingressar na obra presbiteriana em São Paulo.⁷⁵ Em todo caso, sabe-se que *Horace Lane* explorou, depois de passar pelas instituições de ensino no território fluminense, diversas outras atividades no Brasil, dentre as quais, a de inspetor de terras oferecidas pelo governo brasileiro para a imigração de norte-americanos confederados, após a Guerra de Secessão, na região de Juquiá, em São Paulo, no ano de 1866. Nesta cidade, ele adquiriu uma fazenda, de nome Poço Grande, que se tornou um dos cernes do presbiterianismo na área, no fim da década de 1890 (OLIVEIRA, 1995: 13; MATOS, 2004: 115). Fora as atividades profissionais já expostas, *Lane* também exerceu a de comerciante, quando se ligou à firma *Maxwell, Wright & Co.*, no Rio de Janeiro. Esta era uma empresa especializada na venda de produtos estadunidenses, com sede na Rua do Ouvidor. *Lane* parece ter residido no Brasil, de maneira intermitente, até o ano de 1870, quando deixou o país, com *Ellen Williams*, - com quem se casara em 1863, nos Estados Unidos⁷⁶ - e com seus cinco filhos mais velhos - *Fred S. Lane, Horace Manley Lane Junior, G. Williams Lane, Margaret E. Lane* e *Fanny M. Lane* - com destino à sua terra natal, para graduar-se em medicina.⁷⁷ (PHS, RG 360, LANE). Morando em seu país de origem, teve mais três crianças - *Rufus R. Lane, Lauriston Job Lane* e *Suzanne D. Lane* -, e passou a clinicar numa pequena cidade no interior do estado do *Missouri*, de nome *Smithfield* (MATOS, 1999: 8; PHS, RG 360, LANE).

Sua conexão com a obra educacional presbiteriana em São Paulo se deu por meio de um convite de *George Chamberlain*, com quem passou a se corresponder, a partir de novembro de 1884. Numa das cartas, *Chamberlain* o convidou para assumir a direção da Escola Americana.⁷⁸ O contato entre os dois, como sugerem alguns autores, como *Benedicto Garcez*, deu-se no começo da década de 1860, pois há informações de que o salão que *Simonton* alugara no centro do Rio de Janeiro, para as reuniões da nascente igreja, era em cima da loja de *Horace Lane*, na rua do Ouvidor (GARCEZ, 1970). Sendo ele norte-americano e de origem *unitarista*, parece que freqüentava os trabalhos presbiterianos no Brasil, o que o tornou conhecido dos primeiros missionários, como *Blackford* e *Chamberlain*. Mediante os constantes contatos com *Chamberlain*, *Lane* aceitou a empreitada e veio ao Brasil assumir a direção da escola, o que, de fato, aconteceu no segundo semestre de 1885, depois de ter sido persuadido a aderir ao presbiterianismo oficialmente, por meio do batismo e da sua pública profissão de fé (MATOS, 1999:8). Sua adesão explícita

⁷⁵ Algumas pistas, entretanto, são deixadas por um dos seus filhos, *Lauriston Job Lane*, no livro de sua formatura em Medicina, na *University of Pennsylvania*, em 1899. *Lauriston Lane* identificou seu pai e colocou, entre parênteses, ao lado do nome dele, uma seqüência de siglas usadas nos Estados Unidos para designar graus acadêmicos. Segundo seu filho, *Horace Manley Lane* parece ter recebido os graus de *Doctor of Medicine* (MD.), de *Doctor of Philosophy* (PhD) e de *Doctor of Laws* (LL.D.), embora não tenha explicitado em quais instituições, em que anos.

⁷⁶ Sua esposa faleceu em 1879, nos Estados Unidos, em decorrência de uma gripe adquirida após o nascimento do último filho do casal.

⁷⁷ Não foi possível encontrar registros nos documentos guardados na *Presbyterian Historical Society*, na *Philadelphia*,

sobre a escola de medicina que *Lane* cursou nos Estados Unidos. Todavia, como já apontado, foi possível encontrar seu filho *Lauriston Job Lane* e seu neto, *Lauriston Job Lane Junior*, entre os graduados em medicina pela *University of Pennsylvania*. Sendo a *Penn* a escola de medicina mais antiga dos Estados Unidos, e tendo em vista a presença de dois de seus descendentes nesta instituição, levanto a hipótese de que *Horace Lane* tenha se formado neste lugar, e que seu nome tenha escapado da pesquisa sobre os diplomados na instituição, que empreendi *in loco*, por um lapso.

⁷⁸ Nesta carta, *Chamberlain* abusa dos jargões protestantes para persuadir *Lane* a aceitar a empreitada: “*Será que Deus tem trabalho para você, entre esta gente cuja língua e costumes lhe são tão familiares, nesta cidade à qual aflui a mocidade do país para estudar?*” (CHAMBERLAIN, 1884, citado por RIBEIRO, 1987: 27).

ao credo presbiteriano se fez necessária porque, sem se tornar membro da denominação, a *Board of New York* não aceitaria mantê-lo à frente da obra que era um dos produtos da atividade missionária no Brasil.

Durante o segundo semestre de 1885, Horace Lane recebeu pagamentos por meio do presbitério de São Paulo, mas, como apontam os registros na *Presbyterian Historical Society*, na *Philadelphia*, a partir de maio de 1886 ele se tornou ligado oficialmente à PCUSA e passou a ser remunerado como missionário no Brasil, o que lhe garantiu seu principal rendimento até sua morte, em 1912, já que clinicava de forma inconstante em São Paulo (PHS, RG 360, LANE).

Uma das primeiras atitudes de *Horace Manley Lane*, à frente da Escola Americana, foi mudar o nome da unidade para *Instituto de São Paulo*, intentando, como visto com a fundação do Instituto Gammon, demonstrar um engajamento da escola no oferecimento de cursos superiores, mesmo que ele, a princípio, tivesse sido contrário à idéia, por temer a reprodução de cursos superiores baseados no modelo europeu, como os que o país já tinha e estava habituado. Em todo caso, *Lane* mudou sua opinião e passou a dar indícios de que a obra que encabeçaria teria outra matriz educacional. Sendo assim, ele publicou catálogos da instituição que dirigia, como fazem os *Colleges* norte-americanos, e foi assumindo, pouco a pouco, a liderança sobre todas as obras de caráter educacional da PCUSA, no Brasil (MATOS, 1999: 9). Ele foi explícito, diversas vezes, nos objetivos que vislumbrava para a antiga Escola Americana, como no texto de um prospecto que fez publicar, em 1885, de nome ***A Protestant College for Brazil***:

“Todo homem pensante (...) será forçado a concluir que um colégio cristão americano naquele centro [São Paulo] contribuirá mais que qualquer outra coisa para formar o caráter da nação – americanizar o Brasil e harmonizá-lo com instituições livres. Esta é a hora de fazê-lo, enquanto tudo é fluido, e antes que se cristalizem, de volta, velhos moldes de uma civilização latina” [grifos meus] (LANE, 1885).

Lane era dotado de muitas pretensões para o *College* que queria ver implantado, a ponto de declarar que *“um colégio protestante perfeitamente equipado, organizado por americanos que estimam o Brasil (...) [remodelaria] a nação em uma geração”* (LANE, 1885). O certo é que, em função dos contatos que mantinha com a elite paulistana por meio do Instituto, ele conseguiu, de fato, modificar algumas estruturas educacionais tanto na instituição de ensino, quanto fora dela.

Internamente, fez com que o *ensino aplicado* fosse colocado como base da educação. Ou seja, como ele

mesmo declarou, o fim da educação no *Protestant College* “não era preparar o menino para um ofício, mas, sim, educá-lo, conservar-lhe a saúde e desenvolver-lhe as forças físicas, agregando ao ensino formal dos livros o ensino manual que torna o homem completo para a vida prática” (LANE, 1904: 111, citado por HACK, 2002: 88).

Bem-visto por educadores como Antonio Caetano de Campos e Rangel Pestana, pela introdução de novos métodos didáticos, sobretudo por aqueles derivados do pedagogo norte-americano *Horace Mann*⁷⁹ na organização da Escola Americana, *Lane* foi convidado a encabeçar a reforma do ensino público de São Paulo, em preparação, em 1890, pelo presidente da Província, Bernardino de Campos (HACK, 2002: 90-91). Para esta feita, *Lane* encarregou a professora norte-americana *Marcia Percy Browne*, antiga diretora da Escola Normal de *Massachusetts*, e que desempenhava as funções de direção do ensino infantil junto à instituição presbiteriana, de auxiliar o governo de São Paulo na implantação de sua Escola Normal. A atuação de *Miss Browne*, como era conhecida, foi elogiada, a ponto de ela ser incumbida de liderar a formação de outras duas escolas na capital, a *Escola Modelo do Carmo* e a *Escola Modelo da Luz*. Formada na primeira instituição moldada por *Horace Mann*, em *Massachusetts*, chegando, inclusive, a dirigi-la, *Browne* empregou, tanto no *Mackenzie*, quanto nas escolas públicas que ajudou a montar, a pedagogia desse educador norte-americano, como defende Hack. Embora *Horace Lane* tenha passado a responsabilidade maior da reforma do ensino em São Paulo a *Miss Browne*, ele ainda atuou na empreitada de forma intensa: indicando referências de materiais didáticos e encomendando mobiliário nos Estados Unidos para a Escola da Praça da República, o qual, certamente, foi comprado na mesma distribuidora dos móveis de seu colégio (HACK, 2002: 91). Sabe-se, ainda, que *Lane* e *Browne* intermediaram a contratação de professores nos Estados Unidos, que atuaram nos primeiros anos de funcionamento dessas escolas em São Paulo.⁸⁰

Tendo recebido uma apreciação favorável, tanto por parte dos homens do governo, quanto pela imprensa da época, *Lane* pôde encabeçar, finalmente, a criação de cursos superiores no Instituto Protestante. Assim, em 15 de julho de 1890, ele participou da organização do Conselho de Curadores, ou, como também era conhecido, do *Board of Trustees of Protestant College at São Paulo*, em *New York*. Este órgão tinha por finalidade facilitar a incorporação de cursos superiores à instituição educacional da PCUSA, na cidade. Para a criação desses cursos superiores, a PCUSA enviou ao Brasil dois pastores americanos, *J. Aspinwall Hodge* e *Charles E. Knox*, que grafaram no relatório que escreveram à PCUSA explícitas

⁷⁹ Estadunidense (1796-1854), que ficou conhecido como o “Pai do Ensino Público Norte-Americano”, pois atuou na fundação da Escola Normal desse estado, em 1848, criando uma teoria que alavancou a criação de escolas públicas em todo os Estados Unidos. Baseado, segundo Hack, na idéia de que o êxito do ensino reside, antes de tudo, “na preparação de professores competentes”; e que ao lado de cada escola deveria haver “bibliotecas bem providas de livros”, *Mann* estipulou critérios de educação que trocaram a idéia de castigos e imposição do medo junto aos alunos, pelo que chama de “estima e orientação” (HACK, 2002: 73). Autores mostram que dois pontos podem explicitar a maneira como ele postulava sua pedagogia: a *lei da simetria* – desenvolvimento harmônico de todas as faculdades humanas – e a *lei da ação* – necessidade da aplicação do conhecimento

equivalente ao obtido nos livros. As escolas que mais seguiram as posturas de *Horace Mann* e que tiveram ascendência no Brasil foram, segundo Hack, *University Elementary School*, de Chicago, e a *Columbia University*, por meio da *Horace Mann School* e da *Lincoln School*, além da própria Escola Normal de *Saint Louis*, onde se formou a educadora *Marcia Percy Browne* (n.1845), ligada ao *Mackenzie* (HACK, 2002: 75).

⁸⁰ Hack aponta o ano de 1896 como o de regresso de *Browne* à sua pátria (HACK, 2002: 93). Não foi possível encontrar todos os nomes desses educadores formados nos Estados Unidos contratados para o corpo docente da Escola Normal. O único nome que chegou às mãos foi o de *Maria G.L. de Andrade*, brasileira educada lá, e que se tornou diretora de uma das escolas anexas à Escola Normal. Teriam sido, os

recomendações sobre a imediata “*dotação de um colégio verdadeiramente cristão em São Paulo, Brasil, semelhante ao Colégio Robert em Constantinopla, e ao Colégio Protestante Sírio, em Beirute, como uma medida necessária para o progresso de nossas missões no país*” [grifo meu] (ROBERT E KNOX, 1888, citados por MATOS, 1999:10).

Esta declaração dos enviados norte-americanos permite o entendimento de algumas conexões relativas ao estabelecimento do que se conhece, hoje, por Universidade Presbiteriana Mackenzie. Primeiro deve ser ressaltado que a simples enumeração das instituições educacionais do Oriente revela, já no século XIX, a abrangência do projeto expansionista dos Estados Unidos. Mas, para além desta constatação, é a análise do caráter dessas três “escolas” que demonstra o nível de excelência que os líderes presbiterianos tinham para a obra educacional brasileira. Uma breve análise da história das duas instituições congêneres se faz necessária para algumas considerações futuras.

O *Colégio Protestante Sírio*, citado no relatório dos pastores, foi idealizado em 1862, por um órgão interdenominacional, chamado *American Board of Commissioners for Foreign Missions*, conhecido pela sigla ABCFM. Este órgão, formado em 1810, tinha o intuito de fomentar as atividades missionárias de norte-americanos pelo mundo. Ele foi mantido por um consórcio de denominações reformadas, encabeçado pelos Congregacionalistas e Presbiterianos, durante grande parte do século XIX (HEUSER JUNIOR, 1988). Acrescente-se a isso o fato de ter sido, este órgão, o deflagrador do trabalho de disseminação do protestantismo no Oriente Médio. À ABCFM competia, também, a manutenção de missionários no estrangeiro, como a do pastor, e também médico, *Daniel Bliss*, que recebeu a incumbência, neste período, de deixar o campo missionário e fundar um colégio protestante em Beirute. A escola ideada por Bliss começou a funcionar em 1863, após receber da *University of the State of New York – USNY* -, uma carta-patente que o nomeou *Syrian Protestant College*, e o subordinou ao Departamento de Educação daquele estado. O primeiro curso de caráter superior da referida instituição foi o de Medicina, que se iniciou em 1867.⁸¹

Já com relação ao *Robert College*, sabe-se que ele foi fundado em 1863, em *Bebek*, lugarejo próximo a Istambul, na Turquia. A obra, apesar de possuir fundo cristão, foi possibilitada por uma doação do industrialista norte-americano, *Christopher Robert*, e pelo empresário local, *Cyrus Hamlin*, que estava abrindo uma padaria, uma lavanderia e uma pequena escola “*à moda norte-americana*”, neste mesmo

demais, brasileiros diplomados em Academias norte-americanas ou estadunidenses imigrados? Convém, a título de ilustração, ressaltar que a pesquisa nos Estados Unidos mostrou a presença de uma professora atuante no Brasil, de nome *Ethelwyn Porter*, graduada em *A.B.*, em 1906, pela *Miami University*, em *Ohio*. Ela indicou no catálogo de ex-alunos desta instituição, residir em Nova Friburgo, à rua Alberto Santos Dumont, 1 (MIAMI UNIVERSITY, 1909: 171). Percebe-se, contudo, que a presença de professores estadunidenses no país era algo freqüente e muito bem visto pela sociedade brasileira, haja vista a própria trajetória de *Horace Lane* e do irmão do pastor-missionário *Simonton*, *James Simonton*, que lecionou, a partir de 1861, por vários anos, numa escola em Vassouras, no interior fluminense (MATOS, 2002: 9).

⁸¹ Em 1920, o *Board of Regents* da USNY alterou o nome da instituição, de *Syrian Protestant College* para *American University of Beirute* (http://en.wikipedia.org/wiki/American_University_of_Beirut). Acesso em 28 nov 2006).

período, em Istambul (www.robcol.k12.tr. Acesso em 01 dez 2006). Em 1864, a USNY concedeu carta-patente à instituição, possibilitando a graduação de *Bacharéis em Artes*, num processo muito semelhante ao que aconteceria, alguns anos depois, também na escola paulistana.

Com relação às conseqüências da declaração dos pastores norte-americanos chancelando os anseios de *Horace Lane* e *George Chamberlain* por uma instituição de ensino com formação de nível superior no Brasil, deve-se notar que a transformação da antiga Escola Americana em Instituição de Ensino Superior, tem fatos extremamente semelhantes aos das duas instituições orientais. Sustenta-se a tese de que mais do que o simples comentário em um relatório, os dois pastores que visitaram o Brasil deram informações precisas do histórico de formação do *Syrian Protestant College* e do *Robert College*, recomendando a Lane e a Chamberlain que seguissem os mesmos passos. Uma das sustentações desta hipótese vem do contato que se fazia, por volta de 1888-1889, com a *University of the State of New York – USNY* -, que hoje está vinculada ao *State Department of Education of New York* e que já havia colaborado com a obra dos missionários em Beirute e em Istambul.⁸² A outra baliza está relacionada ao contato travado entre os missionários da PCUSA no Brasil e um filantropo estadunidense, de nome *John Theron Mackenzie*, que, após ofertar uma significativa quantia em dinheiro para a montagem do *College* em São Paulo, assim como fizera *Christopher Robert* em Istambul, foi homenageado como patrono da Instituição, que se transformou em *Mackenzie College*.

Convém, contudo, esmiuçar mais esses paralelismos, começando com o relacionamento entre o *Mackenzie College* e a *USNY*. Uma das indagações centrais da pesquisa que deu origem a esta tese foi a que apontava para uma razão plausível de contato do *Mackenzie* com a *USNY*, no passado. Embora se tenha chegado a outras conclusões, sabe-se que o motivo central do relacionamento entre a *Escola Americana de São Paulo* e a universidade nova-iorquina era o fato de esta universidade exercer o papel de controladora de academias educacionais, neste estado americano, desde a década de 1870, quando, a partir de leis governamentais, foi criada a *Board of Regents of the University of the State of New York*. Mas, o mais importante foi a descoberta de que, com o incremento do número de instituições educacionais de nível superior nos Estados Unidos, a *USNY* passou a controlar não apenas as escolas circunscritas ao estado de *New York*, como as instituições estrangeiras que quisessem equiparação de diplomas, como seria o caso da escola paulistana, e era o caso dos apontados colégios em Beirute e em Istambul. Como se percebe, vincular-se a esta estrutura educacional norte-americana era algo já recorrente aos missionários presbiterianos

⁸² Nos Estados Unidos, foi possível travar contato com a *SUNY*, por meio de *Sally Crimmins Villela*, *Senior Associate Director* do *Office of International Programs*, que esclareceu que a vinculação do *Mackenzie* era com a *University of the State of New York – USNY* -, e não com a *State University of New York – SUNY* -, onde trabalha. Ela apontou, inclusive que, ao contrário do que costumeiramente se vê grafado em teses e demais publicações que tratam deste período, a *SUNY* não teve vínculos com o *Mackenzie* [grifo meu]. (mensagem de correio eletrônico, recebida em 25 de abril de 2006). Pesquisando a história das duas instituições, foi possível descobrir que a *SUNY* foi estabelecida apenas em 1º de julho de 1948, no segundo pós-guerra (FOLTS, 1996). Disponível em <http://www.nysl.nysed.gov/edocs/education/sedhist.htm>. Acesso em 29 nov 2006). Já a *USNY*, como dito no corpo de

texto, teve sua estruturação em 1 de maio de 1784, tendo, desde então, a atribuição principal de incorporar e supervisionar bibliotecas, museus, escolas à distância (*correspondence schools*) e outras instituições educacionais, como a legislação do estado de *New York* assegurou em 1889 e em 1892 (FOLTS, 1996). A própria *SUNY* responde ao sistema educacional do estado de *New York* encabeçado pela *USNY*, até hoje, embora seja uma instituição com administração própria.

ligados à fundação e desenvolvimento de instituições de ensino pelo mundo. Embora a Escola Americana de São Paulo tenha sido fruto direto da PCUSA e as suas congêneres orientais frutos de filantropos e da ABCFM, evidencia-se uma expansão cultural dos Estados Unidos vinculada à chamada *"divulgação da mensagem de salvação cristã"* que pregavam. Além do mais, deve-se frisar que todos os órgãos centrais de administração dos trabalhos missionários de religiões reformadas tinham suas sedes em *New York*, o que facilitava o contato entre os *Colleges*, as *Boards of Foreign Missions* e a *USNY*. Assim, encarar a ligação da Escola Americana de São Paulo, com os demais *Colleges* fundados por norte-americanos, reforça a tese de que as escolas protestantes fundadas no Brasil faziam parte, não só do ideário amplificador das religiões de confissão reformada, mas, também, da expansão de aspectos culturais estadunidenses, já defendida, aqui, por diversas vezes.

O quadro a seguir, que sistematiza alguns dados pesquisados em fontes nacionais e internacionais acerca da ação da *USNY*, no mundo, em fins do século XIX, dá o grau de importância alcançado pelo *Mackenzie College* e suas congêneres orientais, ao obterem a chancela da *USNY*:

**QUADRO 3:
INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR VINCULADAS À USNY**

INSTITUIÇÃO	CIDADE
<i>Columbia University</i>	<i>New York</i>
<i>Union University</i>	<i>Schenectady</i>
<i>Cornell University</i>	<i>Ithaca</i>
<i>Clarkson College of Technology</i>	<i>Potsdam</i>
<i>Polytechnic Institute of Brooklyn</i>	<i>Brooklyn</i>
<i>Resenlear Polytechnic Institute</i>	<i>Troy</i>
<i>Syrian Protestant College</i>	<i>Beirute</i>
<i>Robert College</i>	<i>Istanbul</i>
<i>Mackenzie College</i>	<i>São Paulo</i>

Fonte: HACK, 2002. Revisado por ATIQUÊ.

Conforme observa o historiador Oswaldo Hack,

"Em 17 de maio de 1890, o governador do estado de Nova York promulgou uma lei que permitia às entidades incorporadas no estado, com fins educacionais missionários, em país estrangeiro, funcionar com dotações orçamentárias inferiores aos mínimos exigidos por legislação. Assim, o Colégio Protestante recebeu a sua carta-patente n. 659 em 7 de julho de 1891, concedida pelo Conselho de Síndicos da Universidade de Nova York" (HACK, 2002: 175).⁸³

⁸³ *William Waddel esclarece que a implicação direta desta decisão era uma tentativa de fomento e desenvolvimento de instituições em países julgados carentes de instrução. Assim, como colocou, em 1915: "os bens que essas cooperações possuírem nos Estados Unidos e os dons legados que por ventura ao receberem são isentos de todo e qualquer imposto. Para isso, entretanto, é necessário que se observem as seguintes condições: a) que todas as doações que venham a receber sejam administradas de conformidade com as condições estabelecidas pelos doadores; b) que parte da receita do estabelecimento, quer procedente do patrimônio, conta corrente ou doação não seja gasta senão na manutenção e desenvolvimento do trabalho educativo; c) que nenhuma parte do patrimônio ou rendas seja distribuída, direta ou indiretamente, como dividendos, lucros, ordenados, sendo*

que os lentes, preparadores e pessoal da administração podem receber apenas um ordenado razoável e os síndicos (trustees), nenhuma recompensa por seus serviços nesse caráter" (WADDELL, 1915: 45).

A expedição desta carta-patente permitiu a estruturação de novas posturas para a instituição, conforme desejava *Lane*. A principal consequência foi o desenvolvimento do plano de instalação de um curso de Engenharia, o qual seria, de fato, o primeiro de nível superior, na instituição.

Embora em 1890 já houvesse a possibilidade de início deste curso, problemas financeiros, infra-estruturais e pedagógicos adiaram a empreitada até 15 de setembro de 1891, quando, então, *Horace Lane* recebeu informações de que o curso superior que almejava sairia do papel, em definitivo. Nesta data foi assinado um acordo, em *New York*, que estipulava que *John Theron Mackenzie*,⁸⁴ advogado e filantropo daquele estado, doaria quarenta e dois mil dólares para a construção e a equipagem das instalações de um prédio destinado a um curso de engenharia (MATOS, 1999: 12). *John Mackenzie* doou 4.400 dólares, na assinatura deste acordo, e o saldo à medida que a construção e o equipamento do prédio prosseguiram, até 20 de março de 1892. Com sua morte, em setembro deste mesmo ano, suas irmãs, seguindo uma recomendação de seu testamento, doaram parte da herança que lhes cabia à obra no Brasil, alcançando, a doação total, a cifra de 50 mil dólares (HACK, 2002; MATOS, 1999).

Por ser uma das cláusulas da doação de Mackenzie, a instituição de ensino procedeu à construção de uma sede para a escola, antes do início de suas aulas, no antigo terreno adquirido por *Chamberlain*, na esquina das ruas Itambé e Maria Antônia, no bairro de Higienópolis. Esta construção principiou-se em 1893,⁸⁵ seguindo os riscos de um projeto em *Georgian Style* simplificado,⁸⁶ da lavra do arquiteto *Oscar Kleinschmidt*, bem aos moldes de inúmeros prédios de universidades na *Philadelphia*, em *New York* e em *Chicago*, construídos no período. Este edifício, como apontou Maria Cecília Naclério Homem, em livro sobre o bairro de Higienópolis, foi riscado por este arquiteto de origem anglo-saxã, pelo fato de muitos norte-americanos radicados em São Paulo recorrerem a profissionais com a mesma origem na realização de trabalhos profissionais (HOMEM, 1981:80). A construção do edifício, entretanto, foi inspecionada pelo engenheiro civil e também pastor, *William Alfred Waddell*, que trabalhava ministrando aulas de Teologia no Instituto, e que foi convidado por *Horace Lane* para se envolver com a montagem do curso de Engenharia. As etapas relacionadas à edificação e à abertura do curso foram estas: em 1894 lançou-se a pedra fundamental do edifício, que foi concluído em fins de 1895; em 1896 a instituição iniciou suas aulas e formou sua primeira turma em 1900 (GARCEZ, 1970).

⁸⁴ Nascido em *Phelps*, no estado de *New York*, em 1818, Mackenzie estudou direito e se formou pela Academia de *Canandaigua*, ligada à USNY, na década de 1830. Mediante a leitura de textos de José Bonifácio de Andrada e Silva publicados em jornais norte-americanos, neste período, Mackenzie se interessou pelo Brasil, e procurou se corresponder com este Andrada. Durante alguns anos, trocaram correspondências acerca de assuntos ligados à mineralogia área em que ambos possuíam interesses. Não se sabe de que forma isso ocorreu, mas no fim da década de 1880, *Horace Lane* entrou em contato com Mackenzie, talvez por meio da PCUSA, talvez por meio do diretor da SP Railway, Dr. Fox, e acertou com ele a contribuição para o desenvolvimento da causa educacional do *Protestant College at São Paulo*. Garcez diz que Mackenzie desejava a montagem

de um curso que favorecesse o desenvolvimento das atividades ferroviárias, no país (GARCEZ, 1970: 110, 129).

⁸⁵ A partir de 1893, o termo *Mackenzie* passou a ser usado pelo corpo discente, em homenagem ao norte-americano, de forma espontânea, como aponta Benedicto Garcez (GARCEZ, 1970: 112). Como esclarece Hack, "o Mackenzie College veio substituir o Protestant College por deliberação do Conselho de Regentes da Universidade do Estado de Nova York, a partir de 15 de dezembro de 1898, com assinatura de documento oficial e registro público devido à mudança de nome" (HACK, 2002: 143).

⁸⁶ O *Georgian Style* é o nome alcançado nas colônias inglesas na América pelo *Palladian Style*, praticado na Grã-Bretanha, no século XVIII, numa retomada de princípios arquitetônicos

Neste período houve conturbadas avaliações por parte do corpo de pastores brasileiros da Igreja Presbiteriana, no Brasil, sobre a escola. Estes julgavam a obra educacional norte-americana um instrumento de lesa-pátria brasileira e chegaram a pedir, em uma de suas instâncias, que a PCUSA se retirasse do comando do presbiterianismo em São Paulo, por meio de um documento batizado de *Moção Smith*, encabeçado pelo pastor Eduardo Carlos Pereira (MATOS, 1999: 145). Muitos colaboradores estadunidenses que freqüentavam as reuniões da principal igreja presbiteriana da cidade, pastoreada por Pereira, se retiraram e fundaram um novo templo da denominação, visando mostrar repúdio à atitude do brasileiro que julgava a PCUSA uma “influência exógena” e um entrave ao desenvolvimento da igreja presbiteriana brasileira. Entre os que se sentiram incomodados estavam *Waddell*, que rumou para o, então, norte brasileiro, como missionário, e *Lane*, que se afastou das reuniões nos templos presbiterianos, pedindo, inclusive, seu arrolamento como membro de uma igreja presbiteriana norte-americana. Esta espécie de repúdio às discussões imperialistas dentro do Mackenzie levou *Horace Lane* a tomar uma postura diversa daquela esperada pela PCUSA. Lane passou a publicar artigos e mensagens nas quais explicitava que não era o objetivo principal das escolas americanas – a “dele”, em especial - ensinar religião, pois cria ele, “*que a instrução religiosa é um meio para o desenvolvimento do caráter*”, o que desagradou aos seus “colegas nacionalistas” e à PCUSA, que passou a cortar verbas destinadas à manutenção da obra (HACK, 2002: 152). Vendo-se em uma crítica situação financeira e perdendo pastores americanos que ensinavam na instituição, Lane não hesitou em desfazer a confusão por meio dos catálogos do Colégio, onde também passou a expor, claramente, que

“O Mackenzie College é uma sucursal da Universidade do Estado de Nova York, seus cursos são, portanto, equivalentes aos das Academias Cornell, Columbia, Union. As divergências permitidas pelos Regentes dessa Universidade são mudanças no sentido de adaptar os cursos às necessidades do Brasil, sem, contudo, depreciá-los. Os estudantes de qualquer curso do Mackenzie College são admitidos à matrícula em qualquer academia dos Estados Unidos no ano correspondente ao que estiverem cursando aqui” (LANE, 1905: 83, citado por HACK, 2002: 160).

A partir de 1898, quando “*os regentes autorizaram o Colégio Protestante a emendar seus estatutos, passando a denominar-se Mackenzie College*”, uma nova etapa da instituição começou. Com a autorização “*para diplomar Bacharéis em Letras (B.L.), Bacharéis em Artes (B.A.) e Bacharéis em Ciências (B.S.)*”, expedida pela USNY, Lane conseguiu implementar um novo modelo de ensino em São Paulo, sobretudo nos cursos superiores montados na instituição. O binômio *ensino teórico e ensino prático*, verificado nas séries que antecederiam a formação superior, tornou-se, também, o mote desta. Assim, a vida acadêmica do *Mackenzie College* pautava-se, desde esta época, pela presença “*de laboratórios onde o estudante pudesse*

do arquiteto *Andrea Palladio*. Este estilo é composto pelo uso de formas geométricas puras na composição volumétrica e, nos Estados Unidos, sobretudo, é edificado com o uso de alvenaria de tijolos aparentes, sobre a qual são postos ornamentos de formas clássicas. O adjetivo “simplificado” usado para a designação do edifício original da Escola de Engenharia do Mackenzie College denota um uso mais contido de ornamentação, muito comum na Europa e nos Estados Unidos, após o deflagrar da Revolução Industrial (FOUNDATION FOR ARCHITECTURE, 1994: 23).

verificar pessoalmente a teoria estudada; de trabalho campal (...) para que o moço estudasse, no terreno, os problemas da matéria; do emprego de lentes que dedicassem todo o seu tempo ao ensino; da presença de professores especialistas”, o que, para Hack, define a essência do ensino universitário norte-americano desejado pelos pastores, em 1888 (HACK, 2002:159).

Na visão da mantenedora e dos diretores, o Mackenzie College era um dos veículos promotores do “desenvolvimento” da nação brasileira, como pretendia Lane, já na década de 1880. Em texto sobre a história do Mackenzie, *Charles Stewart*⁸⁷ explicita o ideário mackenzista de formação:

“O nosso methodo essencialmente democrático presta-se a formação de uma elite de facto e de jure. O systema continental pelo qual um estudante que freqüente as escolas populares só pode passar a universidade repisando annos de vida escolar; os planos pelos quaes as escolas de preparatórios são separadas das escolas públicas por um golfo só transponível por parte de ouro; os systemas que tornam instrução preparatória e superior tão dispendioso que somente os filhos dos abastados pôdem alcançá-lo temem todos a formação de uma elite que não tem razão de ser, nem de facto, nem de jure. A taes systemas devemos o exercito de incapazes formados que desfiguram a civilização de muitos estados europeus. No systema verdadeiramente democrático, que procuramos praticar, o alumno que ‘naturalmente pôde’, vae adiante. Quem não pôde, cae” (STEWART, 1932: 23).

Estava clara, então, a razão de existir do Mackenzie College: a formação de uma elite. Se for percebido que, desde o início da instituição, nomes ligados às correntes republicanas e liberais se fizeram “amigos da obra”, poder-se-á notar que a atitude *mackenzista* de formação de uma elite governista sempre esteve pautando as decisões administrativas de *Chamberlain* e *Lane*. As aulas dadas a crianças “discriminadas” no ensino católico e público dos idos de 1860 transformaram-se, de fato, uma escola voltada para a elite. E, sem dúvida, a iniciativa de formação de uma suposta “*elite capaz*” prosperou, uma vez que a esparsa documentação presente no Centro Histórico do Mackenzie aponta que a *Escola Americana de Curitiba*, fundada em 1892, e a *Escola Americana de Castro*, de 1914, ambas no Paraná, foram montadas por antigos docentes da Escola Americana de São Paulo, por ordem de ação da PCUSA. Fora isso, com o tempo, o Mackenzie passou a ceder seus métodos de ensino e seu prestígio a algumas escolas que a ele se “*associaram*”. Assim, lugares como Alto Jequitibá, em Minas Gerais, antigo reduto de missão presbiteriana; Araraquara e Poços de Caldas⁸⁸ possuíram unidades educacionais vinculadas às teorias da antiga Escola Americana de São Paulo. Apesar de todas não terem tido vida longa, ajudaram a criar a noção de ensino de qualidade e de educação diferenciada que reforçou a imagem da matriz, em São Paulo.

⁸⁷ Este norte-americano era genro de Eduardo Carlos Pereira e teve a mais tumultuada administração que o Mackenzie já conheceu, pois governou durante o *crack* da Bolsa de *New York* e enfrentou problemas com o Estado Novo Varguista (MATOS, 1999: 17).

⁸⁸ A escola de Araraquara, fundada em 1920, era apresentada como “*Escola Mackenzie de Araraquara (Gymnasio Agrícola, Commercial, Technico, Escola Primaria e Complementar)*”; a escola de Presidente Soares (Alto Jequitibá), criada em 1923, era denominada de “*Gymnasio Evangelico de Alto Jequitibá*” e oferecia os cursos primário, intermediário, comercial e ginasial; e, por fim, a unidade de Poços de Caldas, na verdade uma escola municipal que contava com os auxílios do Mackenzie, era chamada de “*Escola Municipal Mackenzie de Poços de Caldas*”, funcionou apenas durante o ano de 1932 (ATIQUÊ, 2005b).

Por ter este público-alvo, não causa estranheza ler, que

“A estreita ligação do Mackenzie com os colleges norte-americanos, como Cornell, Columbia, Union, quanto ao padrão acadêmico, oferecia vantagens de intercâmbio e expressão internacional quanto à graduação superior: era um curso superior norte-americano oferecido no Brasil. O próprio diploma era expedido em inglês, com timbre e selo da Universidade de Nova York” (HACK, 2002: 177).

Deve-se frisar que o Mackenzie se via como obra *yankee* no Brasil; como um divulgador da cultura norte-americana, sobretudo do norte estadunidense. Neste sentido, não causa espanto ver que a biblioteca da instituição, em formação desde a aquisição de sua sede própria na década de 1880, seja repleta de títulos em inglês, idioma que, antes, era mais utilizado nas transações comerciais com a Grã-Bretanha, do que como língua de erudição, no país (COSTA, 2005: 347, HUNNICUTT, 1945: 461). O idioma britânico, com vocabulário e acento norte-americano, era ministrado dentro da instituição desde o seu início; seus docentes, por serem, em grande medida, estadunidenses, com contatos diretos com a PCUSA e com as universidades que cursaram, também favoreciam a divulgação e a chegada de autores daquele país à instituição.

Com todo este ambiente preparado, era natural que aqueles que foram iniciados à vida de estudos, num sistema norte-americano, almejassem contemplar, com seus próprios olhos, o que a *“Terra do Tio Sam”*, do *Doctor Chamberlain*, do *Doctor Horace Lane*, do *Engineer Waddell* e de muitos outros profissionais norte-americanos, com quem tinham contato, poderia oferecer àqueles que não só eram atingidos pela *“fé protestante”*, mas, também, pelas *“maravilhas yankees”*.

■ 3.2 – “Ide e Estudai!” A Conexão Brasil - Estados Unidos de Ensino Superior

*“Essa mão dupla, entretanto, precisa ser melhor qualificada: o mundo acadêmico norte-americano se organiza para estudar a América Latina; os latino-americanos vão aos Estados Unidos aprender como devem se estudar”
Lúcia Lippi Oliveira, 2000:21.*

Enfatizando a tese de que os alunos brasileiros, educados em um sistema de ensino balizado por pedagogia e estrutura de ascendência norte-americana, tendem a prosseguir seus estudos em universidades daquele país, passar-se-á a expor, um pouco mais detidamente, esta relação. Ressalte-se, desde já, que esta *conexão Brasil-Estados Unidos* tinha um caráter ambíguo. Enquanto, por um lado, ela reforçava a almejada

eficácia do ensino primário e secundarista promovido no Brasil pelos missionários, já que, pelo menos aos olhos do público nacional, o fato de os egressos dessas instituições protestantes serem recebidos em universidades estadunidenses os colocava em pé-de-igualdade com os norte-americanos, por outro, ajudava a frisar a imagem da superioridade daquele país na formação profissional, impingindo-lhe um prestígio antes reservado apenas ao “*mundo europeu*”.

Como analisado anteriormente, a rede de contatos formada entre os missionários protestantes e a elite brasileira foi determinante para o encaminhamento de estudantes brasileiros aos Estados Unidos. Personagem que, inegavelmente, contribue para a comprovação da existência dessa rede é o intelectual Gilberto Freyre, filho de tradicionais famílias recifenses. Egresso do Colégio Batista Americano Gilreath, de Recife, onde estudou, com destaque, desde as primeiras letras até o término do segundo grau, em 1917, para ele e para seus familiares, como bem aponta *Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke*, “*viajar para o estrangeiro significava (...) criar condições para que seu grande potencial fosse devidamente desenvolvido e suas perspectivas ampliadas*” (PALLARES-BURKE, 2005: 54).

Embora a versão oficial sobre a educação de Gilberto Freyre no Colégio Batista seja a de que ele foi encaminhado para esta escola pela conjugação de *corpus sanum* e *mens sana*,⁸⁹ podem-se acrescentar outros dados determinantes para esta escolha. O pai de Freyre, Alfredo, era o diretor da instituição, o que fazia com que fosse desejável, no mínimo, que seu filho freqüentasse o colégio por ele dirigido. Some-se a isso, também, certa simpatia de Alfredo Freyre pelo protestantismo e pelos Estados Unidos, país ao qual imputava o título de “*a messiânica nação do mundo moderno*”.⁹⁰ Essa vivência num *ambiente protestante* fez com que o futuro sociólogo se inclinasse para a fé reformada,⁹¹ contrariando a família materna, de arraigada fé romana, provando, mais uma vez, a eficácia do referido sistema de evangelização indireta aplicado nos colégios.

Muito embora seja possível detectar a adesão de Gilberto Freyre à religião dos mantenedores do colégio em que estudava como uma consequência dos planos dos missionários batistas de expandir o número de fiéis no Brasil, o que mais chama a atenção é o fato de que ele, após se bacharelar em *Ciências e Letras*, aos 17 anos, no *Colégio Batista Gilreath*,⁹² parece seguir outra consequência prevista nos planos das missões protestantes norte-americanas no Brasil: a de permitir que os estudantes brasileiros dessem continuidade aos seus estudos nos Estados Unidos.

⁸⁹ Segundo informa a biografia publicada pela Fundação Gilberto Freyre, de Recife, “*com oito anos, Gilberto Freyre entrou no Jardim de Infância do Colégio Americano Gilreath, instituição escolhida por sua família porque alternava o ensino acadêmico com exercícios físicos*”, uma inovação para a época. Disponível em <http://bvgf.fgf.org.br/portugues/vida/viagem/01a.htm>. Acesso em 10 nov 2006).

⁹⁰ No original, em inglês: “*the messianic nation of the modern world*” (Citado por Pallares-Burke, 2005: 55).

⁹¹ Por volta dos 16 anos, Gilberto Freyre decidiu se tornar missionário na Amazônia e começou a pregar “*o evangelho na Igreja Batista de Capunga e em casebres da periferia de Recife*”, depois de se tornar membro professo na Igreja Batista, em Recife. (FREYRE, 2006: 39). Ver também o sítio eletrônico da Fundação Gilberto Freyre disponível em <http://>

bvgf.fgf.org.br/portugues/vida/viagem/01a.htm. Acesso em 10 nov 2006.

⁹² Nesta ocasião, Freyre proferiu um discurso que o projetou *extra-muros* da instituição, sobretudo porque ele convidou o diplomata e historiador Oliveira Lima para paraninfo da turma. Oliveira Lima se tornaria figura muito próxima de Freyre nos anos subseqüentes, especialmente durante a estadia dele nos Estados Unidos, na década de 1920, onde Lima exercia cargo diplomático. Disponível em <http://bvgf.fgf.org.br/portugues/vida/viagem/01a.htm>. Acesso em 12 nov 2006.

Embora tenha deixado grafado que almejava estudar na Europa, Freyre comentou que a Primeira Guerra Mundial se constituiu em um empecilho para os brasileiros que tinham essas pretensões, restando-lhes, apenas a opção pelos Estados Unidos. No caso de Freyre, esta opção era complementada por uma experiência familiar bem sucedida. Contraditoriamente, desde o início da década de 1910, seu irmão, *Ulisses*, estava cursando a *Baylor University*,⁹³ no *Texas*, o que, segundo ele, o deixou com o “*caminho aberto*” (FREYRE, 2006: 42-53). De fato, como frisa Pallares-Burke,

“aparentemente, a Universidade de Georgetown, em Washington D.C., chegara a ser uma das alternativas cogitadas por Freyre, mas a Universidade de Baylor, em Waco, por sua filiação com a Igreja Batista, apresentara-se como a escolha mais fácil para um egresso do Colégio Americano Batista do Recife prosseguir seus estudos nos Estados Unidos” (PALLARES-BURKE, 2005: 55).

Pesaram, afora as marcas da Guerra na Europa e a presença do irmão no *Texas*, dois outros quesitos para a partida de Gilberto Freyre para os Estados Unidos: a equiparação de conteúdos programáticos entre os colégios brasileiros de confissão reformada e os norte-americanos (estratégia educacional empregada visando facilitar o ingresso de brasileiros em cursos superiores nos Estados Unidos), e certa “tradição” do Gilreath em encaminhar alunos a *Baylor*.⁹⁴ O próprio Freyre escreveu, em um caderno de rascunhos para uma autobiografia em inglês, não-publicada, mas recuperada por Pallares-Burke, sobre o processo que o levou aos Estados Unidos:

“Nós éramos enviados para aquela específica universidade porque nossos estudos secundários no Colégio Anglo-Americano eram por ela aceitos, já que a maioria dos diretores e professores anglo-americanos do mesmo ‘colégio’ haviam se formado naquela universidade. As autoridades do ‘Colégio Americano’ também prometiam aos pais que cuidados pessoais e assistência especial seriam prestados aos estudantes brasileiros. Filhos de algumas das melhores famílias católicas do Nordeste brasileiro estavam entre os alunos que freqüentavam esse colégio: filhos de senhores de engenho, de proeminentes doutores, juízes, advogados, comerciantes, industriais e membros do Parlamento nacional” (FREYRE, citado por PALLARES-BURKE, 2005: 56).

Tendo mostrado que a conexão educacional Brasil-Estados Unidos não era geograficamente concentrada em apenas uma região do Brasil, convém, então, estudar algumas outras redes formadas pelo território brasileiro. Para tanto, é necessário voltar à análise da trajetória do Mackenzie College, em São Paulo, para preparar terreno para a análise das trajetórias dos “*profissionais do espaço*” eleitos, por este trabalho, como preponderantes para a comprovação da tese.

⁹³ *Baylor* é a maior Universidade Batista dos Estados Unidos e está situada em Waco, no *Texas*, a aproximadamente cem milhas ao sul de *Dallas*. Fundada em 1848, ela é conhecida como a capital do *Bible Belt*, região que engloba partes do Sul e do Meio-Oeste dos Estados Unidos, com nítida ascendência puritana e fundamentalista. Maiores informações podem ser obtidas através do sítio eletrônico da instituição, disponível em <http://www.baylor.edu/about/>. Acesso em 20 nov 2006.

⁹⁴ Como pontua Maria Lúcia Pallares-Burke, “os créditos do Colégio Americano preenchiam suas exigências de admissão” e *Ulisses Freyre* e os irmãos *Edgar* e *Lauro de Britto* também já haviam passado, com sucesso, pela mesma Universidade (PALLARES-BURKE, 2005: 55).

Quando, finalmente, em 1896, iniciou-se o curso de Engenharia Civil do que viria a ser o Mackenzie College, a instituição presbiteriana contava com apenas sete alunos em cursos superiores⁹⁵ (COSTA, 2005; 349). Entretanto, em poucos anos, ela passaria não só a oferecer mais cursos, como explicitaria a conexão educacional íntima que mantinha com os Estados Unidos. A citação a seguir, extraída dos “*Prospectos: Escola Americana*”, de 1905, expõe o ambiente de estudos oferecido pelo Mackenzie College:

“os estudos são divididos em três cursos: um clássico ou de Letras, outro científico ou de Ciências Naturais e outro de Matemática e Engenharia. (...) O estudante que escolher o Curso de Letras e depois de três anos, seguir o curso acadêmico, também de três anos, receberá no fim do curso o grau de Bacharel em Letras (B.L.); o que escolher o curso de Ciências Naturais, e depois cursar os três anos do outro curso, receberá o grau de Bacharel em Ciências (B.S.); ou se seguir o curso especial de Engenharia receberá no fim dos dois cursos o grau de Bacharel em Engenharia Civil (B.E.). Os diplomas serão conferidos pelos Regentes da Universidade de Nova York” (PROSPECTOS DA ESCOLA AMERICANA, 1905: 83).

Oswaldo Hack esclarece de que maneira o Mackenzie explicitava a ligação que mantinha com a USNY:

“O aluno que completar o primeiro curso de três anos, tendo a seu crédito as unidades de frequência exigidas e o resultado médio acima de 66 nos estudos, receberia a certidão de Madureza, que equivalia a do ‘Regent’s Examination’ da Universidade de Nova York; aquele que alcançasse 85 pontos ao completar o curso receberia o diploma ‘cum laude’. Essa certidão, correspondente ao ‘Freshman’⁹⁶ do sistema americano, habilitava o estudante a matricular-se lá, no segundo ano dos cursos acadêmicos e de alguns cursos técnicos” (HACK, 2002: 161).

Algo que precisa ser frisado é que, sendo a USNY uma das mais conceituadas universidades estadunidenses, neste período de mudança de século, seus diplomas e certificados também eram aceitos por outras instituições superiores daquele mesmo país, como, por exemplo, a *University of Pennsylvania*, sediada na cidade da *Philadelphia*. Na confirmação desta assertiva, a citação a seguir é fundamental:

“O Mackenzie College é uma sucursal da Universidade do Estado de Nova York, seus cursos, são, portanto, equivalentes aos das Academias Cornell, Columbia, Union etc. (...). Os estudantes de qualquer curso do Mackenzie College poderão ser admitidos em qualquer estabelecimento de ensino do Estado de Nova York, e na maior parte dos outros Estados, no ano correspondente ao que estiverem cursando aqui” [grifo meu] (WADDELL, 1927: 37).⁹⁷

Resta esclarecer uma questão: houve, de fato, entre os alunos egressos do Mackenzie College, a continuidade de estudos nos Estados Unidos? Pode-se afirmar que sim. Tal qual foi visto no caso do Colégio Batista Americano de Recife, *ex-mackenzistas* rumaram aos Estados Unidos aproveitando-se das prerrogativas de equiparação de conteúdos, para buscar uma nova formação. O primeiro exemplo apontado por Hack é o

⁹⁵ Deve-se fazer uma ressalva neste ponto. Como mostra Oswaldo Hack, em 1886 o Mackenzie oferecia um curso de Teologia em caráter superior, mas que era restrito ao que se chama de “*candidato ao ministério*”, ou seja, membros de igrejas presbiterianas que almejavam se tornar pastores. Hack informa que, em 1886, “*constava a matrícula de dois alunos no curso superior: Alfredo Queiroz, da cidade de Sorocaba (SP) e Benedicto de Campos, da cidade de Rio Claro (SP)*” (HACK, 2002: 137). Matos, por sua vez, informa que apenas dois engenheiros foram diplomados em 1900, sendo mais quatro bacharelados em 1902, ano em que começou o curso Comercial Prático. Em 1897, o Mackenzie tinha, “*em todos os seus departamentos, 528 alunos, 60 dos quais no curso superior, e as escolas filiais contavam com mais de 400 estudantes*” (MATOS, 1999: 15). Já Clóvis de Athayde Jorge

informa que, “*de 1886 a 1913, cursaram o colégio 14.381 alunos pagos e 3.672 gratuitos, através de bolsas de estudo ou scholarships*” (JORGE, s./d: 89).

⁹⁶ O “*Freshman*” é a denominação empregada nos *Colleges* dos Estados Unidos para designar os recém-ingressos ao nível superior de ensino. O termo foi cunhado valendo-se do adjetivo “*Fresh*”, que pode ser entendido como “*Novo*”, “*Recente*”, “*Fresco*”. A correspondência lingüística mais próxima, apesar de se referir a outro sistema, seria, em português, “*calouro*”. Para designar os estudantes do segundo ano letivo, os americanos empregam o termo “*Sophomore*”; para os do terceiro ano, o termo “*Junior*”, e, finalmente, “*Senior*”, para os concluintes do *College*.

⁹⁷ Em 1905, *Horace Lane* publicava, nos *Prospectos do*

de *Francisco de Sales Oliveira*, irmão de *Armando de Sales Oliveira*, e diretor da Escola de Engenharia do Mackenzie nos anos 1930, que fez seus estudos secundaristas na instituição paulistana e se graduou em *Yale* e no *Union College* (HACK, 2002: 86). No tópico seguinte, quando for exposta a relação da *University of Pennsylvania* com o Brasil, poderão ser vistos alguns outros ex-mackenzistas cursando esta instituição da *Philadelphia*, descobertos em função da pesquisa efetuada *in loco* nos Estados Unidos.

Convém ressaltar, entretanto, que uma ligeira sondagem acerca dos graduados na *Cornell University*, entre 1873 e 1905, por meio de catálogos dos formandos, quando da pesquisa nos Estados Unidos, revelou a existência de muitos paulistas naquela instituição. Pela pesquisa genealógica e pela leitura de biografias de presbiterianos históricos, foi possível intuir sobre algumas ligações entre o Mackenzie e *Cornell*, embora, de forma alguma a comprovação tenha sido conseguida, permanecendo o campo em aberto para outras pesquisas. Entretanto, é muito interessante notar que o sobrenome *Paes de Barros*, no período apontado, foi um dos mais comuns no rol de brasileiros em *Cornell*. Uma possível razão para isso é o fato de que *Maria Paes de Barros*, nascida *Maria de Souza Barros*, filha de uma das mais antigas famílias de São Paulo, foi membro ativo da Igreja Presbiteriana de São Paulo, desde dois de julho de 1878 (MATOS, 2004: 470). Dentro da denominação presbiteriana essa senhora exerceu grande liderança no que concernia aos assuntos de benemerência, envolvendo-se com campanhas em prol da construção do Seminário Presbiteriano Paulista e do Hospital Samaritano. Alderi Souza de Matos expõe que *Maria de Souza Barros*, tendo se casado, em 1868, com seu primo *Antonio Paes de Barros*, filho do primeiro Barão de Piracicaba, “teve vários filhos: *Gertrudes, Rosalina, Maricota, Antônio e outros*” (MATOS, 2004). Ele informa, também, que todas as cinco irmãs e a mãe de *Maria*, *Dona Felicíssima Campos Barros*, se converteram ao presbiterianismo, dando a entender que grande parte da descendência dessa família se ligou à obra presbiteriana e, muito provavelmente, à escola dos presbiterianos. Neste sentido, como aponta *Benedicto Garcez*, a lista dos sobrenomes de alunos que se matricularam no Mackenzie, em seus primeiros anos de funcionamento, quando ainda era *Escola Americana* sob o comando de *Chamberlain*, permite verificar que os *Paes de Barros* lá estavam, ao lado de muitos outros membros da elite paulista (GARCEZ, 1970: 50).⁹⁸

A partir do exame do quadro número 4, disposto a seguir, no qual está sistematizado o rol de alunos brasileiros encontrados em *Cornell*, é preciso tecer algumas considerações. Vem se afirmando, ao longo deste capítulo, que o Mackenzie College, após a constituição de seus cursos superiores, se não estimulava, também não escondia a possibilidade de seus estudantes continuarem sua formação nos Estados Unidos.

Mackenzie College, texto com o mesmo conteúdo.

⁹⁸ Como aponta *Garcez*, os alunos presbiterianos eram: *Carvalho Braga, Carvalhosa, Garcia, Paes de Barros, Cerqueira Leite, Miguel Torres, Bandeira Trajano, Cyriaco Silva e Reis*. Os estudantes não-protestantes eram: *Campos Sales, Cezário Motta, Prudente de Moraes, Rangel Pestana, Queiroz Telles, Campos, Arruda Botelho, Guedes, Silva Prado, Souza Barros, Piza, Cintra do Prado, Camargo Pentead, Anhaia, Artigas, João Theodoro, Paulino Nogueira, Elias Chaves e parentes do Barão de Antonina e do Barão de Serra Negra* (GARCEZ, 1970: 50).

Sabendo-se que a formação dos cursos superiores do Mackenzie remonta a 1896, de fato, como se explica, então, a presença de comprovados alunos do Mackenzie, como Waldomiro Almada Fadundes⁹⁹ e de muitos outros prováveis, antes desta data em *Cornell*? A resposta a esta indagação vem da ciência de que os alunos da instituição, ainda durante o período de *Chamberlain*, e em contato com um corpo docente já formado por norte-americanos, tinham certa facilidade para acessar as universidades estadunidenses. Lembre-se o fato, a título de ênfase nesta conexão prévia entre o Mackenzie e a USNY, de que *Chamberlain*, dentre vários outros docentes da escola presbiteriana, era graduado pelo *Union College*, instituição pertencente à rede dirigida pelo *State Department of Education of New York*, e deve ter seguido o mesmo processo deflagrado pelo Colégio Internacional de Campinas, que enviou Flávio Rodrigues à universidade onde *George Morton* estudou. Ou seja, enquanto não possuía cursos de caráter superior, o Mackenzie deve ter encaminhado ex-alunos e filhos das famílias ligadas à elite paulista com quem seus líderes tinham relações, aos Estados Unidos, aproveitando certa tradição paulistana de enviar seus filhos para graduarem-se no estrangeiro.

QUADRO 4:
EGRESSOS DA CORNELL UNIVERSITY, ATÉ 1905, COM ENDEREÇO NO BRASIL.

	NOME	PROCEDÊNCIA	CURSO	ÉPOCA
01	Antonio Queiroz Telles Neto	São Paulo / SP	Civil Engineering	1873
02	Custodio Alves Lima	São Paulo / SP	Civil Engineering	1873
03	Thomaz de Aquino e Castro	São Paulo / SP	Mechanical Engineering	1873
04	Alberto Pereira Campos Verguerio	São Paulo / SP	Civil Engineering	1874
05	Benvenuto Jordao	São Paulo /SP	Mechanical Engineering	1874
06	Jose Herculano Thomaz de Aquino	São Paulo / SP	Mechanical Engineering	1874
07	Jose Nabor Pacheco Jordao	São Paulo / SP	Civil Engineering	1874
08	Pedro de Mello Souza	São Paulo / SP	Civil Engineering	1874
09	Octaviano Abdon Pierre de Mendes	Itu / SP	Architecture	1875
10	Carlos Paes de Barros	São Paulo /SP	Civil Engineering	1876
11	Luiz de Souza Barros	São Paulo / SP	Civil Engineering	1876
12	Francisco de Assis Vieira Bueno	Não revelado	Civil Engineering	1876
13	Ella Lucy Grandall (Mrs. Pedro de Mello Souza)	São Paulo / SP	B. S.	1876
14	Fernando Paes de Barros	São Paulo / SP	Civil Engineering	1876 – 77
15	Antonio Epaminondas de Marie Frota	Fortaleza / CE	Civil Engineering	1877
16	Bento de Almeida Prado	São Paulo / SP	Agriculture	1878
17	Fernando de Barros Paes	São Paulo / SP	Civil Engineering	1878
18	Jose Luiz Monteiro de Silveira	Rio de Janeiro / RJ	Civil Engineering	1878
19	Francisco Fernando de Barros	São Paulo / SP	Civil Engineering	1878
20	Augusto Cezar de Vasconcelos	Pouso Alegre / MG	Mechanical Engineering	1878
21	Saturnino Ferreira da Veiga Junior	Rio de Janeiro / RJ	Civil Engineering	1881
22	Aras Ferreira de Avila	Rio de Janeiro / RJ	B.S.	1885
23	Anastacio Rodrigues Coimbra	Rio de Janeiro / RJ	Mechanical Engineering	1885
24	Casimiro Eugenio Amoroso Lima	Rio de Janeiro	Agriculture	1885
25	Bento de Barros	São Paulo / SP	Agriculture	1888
26	Henrique Barbosa da Cruz	Rio de Janeiro / RJ	Mechanical Engineering	1889
27	Jayne (?) Villares Barbosa	São Paulo / SP	Electrical Engineering	1895
28	Alberto Felix Schreiner	Rio de Janeiro / RJ	Civil Engineering	1895
29	Fernando Xavier Silveira	Monte Santo / MG	Civil Engineering	1896
30	Carlos Paes de Barros Junior	São Paulo / SP	Mechanical Engineering	1900
31	Waldomiro Fagundes	São Paulo / SP	Agriculture	1902
32	Augusto Cardoso de Moura Brasil	Rio de Janeiro / RJ	Electrical Engineering	1903
33	Waldomiro Almada Fagundes	São Paulo / SP	Civil Engineering	1905

Fonte: HOLMES; WILLIAMS JR. (1905). Dados sistematizados por ATIQUÊ.

⁹⁹ Waldomiro Almada Fagundes teve, no verbete reservado ao seu nome, no livro sobre a História de Cornell, a indicação – pelo que parece, fornecida por ele – de que fez seus estudos preparatórios no Mackenzie College, na segunda metade da década de 1890 (HOLMES; WILLIAMS JR., 1905).

Obviamente, não se pretende explicar que a ida de brasileiros aos Estados Unidos, em busca de graduação, tenha se dado apenas por meio do relacionamento dos protestantes com seus alunos, mas este relacionamento é um fato inegável e relevante. Dentre as outras motivações possíveis para a constituição desse “roteiro educacional” estão, também, os projetos pedagógicos dessas escolas de confissão reformada, que permitiram o aprendizado do idioma anglo-saxônico, bem como de conteúdos programáticos que eram requisitados pelas “*Board of Trustees*” das Academias estadunidenses para admissão de alunos. Mais um outro fator que pesou no interesse pelos Estados Unidos na busca pela qualificação profissional foi o contato com técnicos norte-americanos atuantes no Brasil, em obras de mapeamento, de infra-estrutura, de pesquisas naturais etc, em curso no Segundo Império e na República, em particular.

Como contribuição a este entendimento, deve-se ressaltar que, desde meados do século XIX, o Brasil recebeu com grande interesse cientistas e técnicos procedentes dos Estados Unidos. Alguns estudos têm apontado para a pertinência dessa ligação, sobretudo os que têm sido desenvolvidos pelos membros do “*Grupo de Pesquisa em História Social do Trabalho e da Tecnologia como Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo*”, coordenado pela Profa. Dra. Maria Lucia Caira Gitahy, nesta Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Não se pretende, com esta tese, narrar ou abarcar o conteúdo de cada uma das pesquisas dos colegas de Grupo, mas apenas pontuar o relacionamento de alguns desses técnicos com o ambiente de ensino que abriu as portas para os estudantes brasileiros, nos Estados Unidos.

No caso específico deste trabalho, uma das primeiras considerações a serem feitas, nesse campo, diz respeito à apreciação e à passagem de alguns profissionais renomados pelo Mackenzie College, desde a época da montagem de sua estrutura superior, em fins do século XIX, até a efetivação do início de seus cursos superiores sob a responsabilidade da USNY. Foi descoberto, por exemplo, que, em 1890, a igreja norte-americana fez publicar um panfleto em inglês, de nome ***A Brazilian Christian College***, visando alcançar recursos financeiros para a efetivação do processo de transformação da instituição em escola superior, que já havia iniciado. Neste panfleto, além “*do mapa do Estado de São Paulo, do decreto de liberdade religiosa emitido pelo governo republicano (07-01-1890) e de declarações elogiosas feitas (...) pelo jornal The New York Times*”, havia algumas citações de mesmo teor do cientista *Louis Agassiz* (MATOS, 1999: 10). *Agassiz*, suíço de nascimento, mas naturalizado norte-americano, embora tenha se tornado, ele próprio, uma “instituição científica”, grande divulgador da ciência naquele país, onde atuou por muitos anos, teve vínculos indiretos com o Brasil desde a década de 1820, quando classificou uma

colecção de peixes brasileiros coletadas pela dupla de naturalistas *Spix* e *Martius*. Entretanto, ele só aportou aqui, pela primeira vez, em 1865, para a expedição científica *Thayer* (FREITAS, 2002: 57). Quando esteve no Brasil, foi aproximado do Imperador Pedro II, o que, num processo especular, favoreceu a ampliação da imagem do monarca como “*homem das ciências*” e, de Agassiz, como “*modelo de cientista*”, tanto no Brasil, como nos Estados Unidos. O suíço-americano foi o responsável, em certa medida, como aponta Marcus Vinicius de Freitas, pela formação de dois outros cientistas “*naturalistas*” envolvidos com o Brasil: *Charles Frederick Hartt* e *Orville Adalbert Derby*. O primeiro fez uma expedição pelo Brasil, entre 1870-1871, visando fazer prospecções geológicas, a convite de Dom Pedro II; o segundo, ex-aluno e colega de *Hartt* nesta expedição, esteve contratado do país, desde o século XIX, para chefiar a Comissão Geográfica e Geológica do Império e, depois, a Comissão Geográfica e Geológica Paulista (FREITAS, 2002: 55-59; COSTA, 2003: 133). Se, como se pode perceber, o texto de *Agassiz*, publicado em *New York*, ajudou a divulgar uma imagem de solidez e de expansão científica para o Brasil e, por tabela, para a escola presbiteriana paulistana que almejava captar recursos financeiros para a obra educacional, não se pode deixar de comentar acerca de algumas razões para o envolvimento de *Orville Derby* com o Mackenzie.

A USNY requisitava que a fiscalização das instituições chanceladas por ela se desse por meio de personalidades com “*notável reputação no mundo profissional*”¹⁰⁰ (COSTA, 2005: 355). A tarefa desses “*fiscais residentes*”, como eram chamados, era a de

“não só inspecionar o estabelecimento, como também examinar as teses dos formandos (e, se quisessem, todas as provas escritas), bem como realizar qualquer pesquisa que julgassem necessária a fim de garantir o cumprimento dos programas dos cursos” (COSTA, 2005).

O primeiro *fiscal residente* a figurar no Mackenzie College foi, exatamente, o geógrafo *Orville Derby*, que desempenhou a função, como sugere Garcez, até sua morte, em 1915, embora se saiba que, em princípio do século XX, ele desempenhava funções técnicas no Estado da Bahia (GARCEZ, 1970:159, COSTA, 2003: 150). O fiscal era peça importante no *referendum* pela USNY dos diplomas a serem outorgados aos brasileiros e, apesar de não ser remunerado pela tarefa, nem pelo Mackenzie, nem pela USNY, ele se destacava socialmente nessa relação. Embora tenha sido procurada a razão que levou *Derby* a assumir o cargo perante o Mackenzie, não houve sucesso na empreitada. Teria sido *Derby* recomendado pelos professores do Mackenzie ou indicado pela USNY, já que ele havia cursado a *Cornell University* com brilhantismo até o “*PhD*”? Teria sido *Agassiz* contatado pela *Board of New York* para indicar alguém de sua

¹⁰⁰ Existiam duas formas de relacionamento das instituições com a USNY. A primeira era a de simples pertencimento ao *State Department of Education of the State of New York*, que permitia que algumas instituições tivessem autonomia para a expedição de diplomas. A outra maneira englobava as instituições que tinham o direito de recomendar candidatos à USNY para diplomação. Esta forma era mais comum em instituições estrangeiras, como era o caso do Mackenzie. Assim, o estudante mackenzista, “*para alcançar o diploma de bacharel da Junta de Síndicos da Universidade do Estado de Nova York, sob cuja fiscalização se acha o Mackenzie College, é preciso que o diretor, o registrador e o fiscal residente da Universidade certifiquem: 1- que o estudante fez todos os preparatórios exigidos pelo regulamento antes de se matricular no Mackenzie e que teve durante todo o*

curso o coeficiente de frequência exigido por lei (85%); 2- que apresentou as lições nas aulas e fez o trabalho fora delas, exigido pelas diversas matérias, apresentando-o, em tempo, aos respectivos professores; que prestou exames satisfatórios nas épocas marcadas no regulamento, de todas as matérias do curso, obtendo uma média nas notas das aulas, combinadas com as do exame; 4- que apresenta no fim do curso e dentro do prazo marcado, uma tese original e aceitável. (...) À vista desta certidão, autenticada perante um tabelião, mostrando ter assim satisfeito as leis e as ordenanças da Universidade, a Junta de Síndicos mandará passar o diploma, que deve trazer o grande selo do Estado e vir com as firmas reconhecidas pelo Cônsul do Brasil em Nova York” (PROSPECTOS: MACKENZIE COLLEGE, 1913: 22).

confiança no Brasil, já que ele havia prestado favores à mesma quando da publicação do folheto? Ou a importância do geógrafo no cenário científico norte-americano e, depois, paulista, em fins do XIX, bastou, como apontam a maioria dos autores, para que ele passasse a desempenhar esta função? Infelizmente, não se tem a resposta para esta indagação, o que demonstra que ainda é necessário que alguém proceda a uma maior pesquisa sobre estes círculos relacionais, em trabalhos futuros.

Quando *Derby* deixou a função de fiscal da USNY, foi substituído pelo arquiteto *George Henry Krug*. A família de George Krug era presbiteriana, e seu pai, como apontam os documentos consultados por Marcus Bencostta, foi o responsável pela construção da sede do Colégio Internacional, em Campinas, na década de 1870. A trajetória de George Krug, por interessar de perto a esta tese, será abordada especificamente, mais à frente, neste capítulo, quando se tratar da trajetória dos arquitetos egressos da *University of Pennsylvania*, instituição que cursou entre 1883 e 1885 (ATIQUÉ, 2006). Como afirma Sylvia Ficher, George Krug atuou como professor das cadeiras de Arquitetura e Construção no curso de Engenharia do Mackenzie College, entre 1899 e 1902 (FICHER, 1989: 109). Em 1904, ele foi nomeado lente substituto-interino da 4ª Seção de Artes da Escola Politécnica de São Paulo, sendo efetivado no cargo, em 1906, e elevado à condição de catedrático, em 1916 (FICHER, 1989). Se a informação de Benedicto Garcez for mesmo fidedigna acerca do período que *Derby* exerceu sua função de fiscal residente, pode-se considerar que Krug assumiu o mesmo papel para a USNY junto ao Mackenzie, após sua saída do corpo docente do curso de Engenharia desta escola. O que se deseja vincar, contudo, é que no caso de Krug, sua presença se deu, primeiramente, dentro do corpo docente do Mackenzie College e, depois, como fiscal da USNY, por três razões: por ser um dos profissionais de destaque no cenário paulista da Arquitetura e da Engenharia; por ter sido ele de família presbiteriana, envolvido profundamente com várias construções da denominação; e, principalmente, por ostentar certificado de uma universidade norte-americana, o que o chancelava como conhecedor do sistema estadunidense de ensino superior.

Com a morte de Krug, em 1919, a função de fiscalização passou às mãos de *W.V.B. Van Dyke*, então presidente da *Companhia General Electric do Brasil – GE* -, e antigo professor do *Rutgers College*¹⁰¹ (COSTA, 2005: 355). Uma das razões para que *Van Dycke* tenha ocupado o cargo de fiscal residente, junto à instituição, foi o fato de que, em 1919, tanto a *General Electric* quanto o Mackenzie se envolveram com a Criação da Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos conhecida, entre seus fundadores, como *American Chamber of Commerce - AMCHAM*.

¹⁰¹ O *Rutgers College* pertence ao Sistema de Universidades do estado de *New Jersey*, e foi criado em 1864, sobre a antiga estrutura de um “College” fundado em 1766. Disponível em <http://rutgerscollege.rutgers.edu/>. Acesso em 08 dez 2006.

O primeiro presidente da AMCHAM foi *Arthur Gillun Krug*, engenheiro civil e irmão de George Krug. Um dado interessante acerca da conexão entre a AMCHAM e o Mackenzie é que em 1921, numa listagem dos imóveis da instituição educacional, um estava “alugado à Câmara Americana do Commercio para funcionamento de uma escola para meninos americanos” (MACKENZIE COLLEGE, 1921, citado por SZONOLKY, 1995). Pode-se supor, então, que, sendo o Mackenzie e a GE sócios fundadores da AMCHAM, a busca pelos fiscais residentes para a USNY fosse uma atribuição do “College” paulistano, mais do que uma imposição norte-americana.¹⁰²

Em todo caso, sabe-se que *Van Dyke* foi o último fiscal residente da USNY a atuar no Mackenzie, pois, em 1923, por consequência de uma série de polêmicas que se arrastavam desde 1915, quando o Governo Brasileiro implantou uma reforma no ensino superior nacional conhecida como “*Reforma Carlos Maximiliano*”, o cargo foi extinto. Esta “reforma”, referendou a *Lei Rivadávia*, de 1911, que pretendia requerer uma postura mais dura à simples validação dos diplomas de escolas estrangeiras, como vinha sendo praticado desde o início da República. Embora, de fato, a validação dos diplomas estrangeiros não tenha cessado, o que permitia ao egresso do Mackenzie apenas apresentar seu diploma expedido em inglês pela USNY, desde que com a respectiva tradução juramentada, para registro na Diretoria Geral de Educação, desde a reforma, houve um recrudescimento junto à sociedade brasileira, que passou a ver a proposta do Mackenzie como insubordinada às leis brasileiras, e mais, como fruto de uma denominação protestante exótica às tradições nacionais (MENDES, 2000: 48). Por outro lado, se começou a haver certo *incômodo* junto à sociedade culta do país pela atuação do Mackenzie no provimento educacional, a própria diretoria desta casa não se retraiu, continuando a tecer comentários desdenhosos às autoridades nacionais, como sempre fez, desde o século XIX. Por inúmeras vezes, em seus catálogos e relatórios enviados à *Board of New York*, *Horace Lane*, *William Waddel* e outros explicitaram algumas razões que os faziam distantes das recomendações e das leis nacionais no que concernia à educação superior. Os adjetivos empregados para expor o afastamento são provocadores: *Lane* publicou, em 1909, que “as autoridades do Brasil eram formadas por políticos corruptos”, o que afastava a instituição norte-americana e protestante desse convívio. *Waddell*, na mesma linha, expôs, em 1919, que “o College era uma instituição missionária que não necessitava de recursos financeiros governamentais”, e, portanto, não havia porque se submeter a ele¹⁰³ (MENDES, 2000: 75; HACK, 2002: 178).

A extinção do cargo de fiscal residente se deu em 1927, porque alguns anos antes, em 1923, o Mackenzie

¹⁰² Não foi possível encontrar entre os papéis disponíveis para consulta no Centro Histórico do Mackenzie nenhum documento que comprove esta suposição, muito embora ela seja bem plausível.

¹⁰³ Essas e outras posturas seguidas por outros mackenzistas podem ser recuperadas mediante a leitura das teses de Marcel Mendes e de Oswaldo Hack, já citadas, sobre a instituição.

foi obrigado a alterar seu projeto pedagógico, principalmente o do curso de Engenharia, para atender ao Decreto-Lei n. 4659-A, que estabelecia a “*equiparação dos cursos de orientação estrangeira aos estabelecimentos oficiais*” (DECRETO-LEI n. 4659-A, citado por HACK, 2002: 183). O resultado, contudo, não foi o abandono completo das posturas que permitiam a ligação do Mackenzie com a USNY e com o *Department of Education of New York*. A escola paulistana passou quase que a ministrar dois cursos paralelos, para que pudesse continuar expedindo diplomas válidos tanto nos Estados Unidos, quanto no Brasil. O estudante que almejasse galgar posições nas instituições norte-americanas poderia alcançá-las com a simples diplomação superior da USNY por meio do chamado “*Curso Americano*” do Mackenzie; já os nativos que objetivassem atuar no Brasil, deveriam seguir o “*Curso Nacional*”.¹⁰⁴ Como aponta Mendes, o curso norte-americano passou a ter o menor número de alunos, em certo sentido, por causa de toda a polêmica acerca da real função do Mackenzie na sociedade paulistana. A equiparação, mais do que acalmar o burburinho acerca dos métodos norte-americanos de ensino do Mackenzie, despertou uma pública disputa. Uma mensagem encaminhada ao Senado Federal, encabeçada pelo arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, lente catedrático da Escola Politécnica de São Paulo, em 1921, expôs como a Escola Oficial do Estado de São Paulo via sua congênera:

“Trata-se de conceder favores a uma escola estrangeira dirigida exclusivamente por estrangeiros, e que faz timbre de estrangeirismo e de menosprezo aos nossos métodos de ensino; é mais uma escola que, sob o pretexto de instrução, faz, sobretudo propaganda religiosa protestante junto da mocidade que a frequenta. (...) É a essa escola que se vão conceder regalias oficiais, em detrimento e com achinchalhe para as outras; escola que obedece exclusivamente à orientação de uma faculdade estrangeira da cidade de Nova Iorque” (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 1922, citado por MENDES, 2000: 48).

O caso tornou-se tão notório, que até mesmo editoriais de jornais nacionais¹⁰⁵ foram escritos sobre a questão, via de regra, voltando-se contra o Mackenzie College. O curioso é expor que, embora a discussão sobre o “estrangeirismo” do Mackenzie fosse vista como condenável para a expedição de diplomas profissionais, o ensino secundarista continuava sendo muito elogiado, recebendo, inclusive algumas filiais pelo Brasil. Esta contradição, em certo sentido, favorecia a obtenção de títulos diretamente no exterior, usando o “Mackenzie secundarista” como porta de entrada para o exterior.

O certo é que, até 1927, a questão acerca da real identidade da Instituição não havia se resolvido, sendo, inclusive, alimentada pela expansão da Igreja Presbiteriana Independente, braço do presbiterianismo surgido em 1903, que repudiava a maciça presença da PCUSA e da PCUS na composição da igreja brasileira, o

¹⁰⁴ Sobre o programa de curso oferecido pela Escola de Engenharia do Mackenzie College, ver a tese de doutorado de Luiz Augusto Maia Costa, defendida nesta casa, em 2005, e o livro do Professor Dr. Marcel Mendes, publicado pela Mackenzie Editora, em 2000.

¹⁰⁵ Hack cita dois editoriais do *Estado de São Paulo* sobre a querela, além de fazer referências a editoriais publicados na *Gazeta dos Tribunais* e no *Jornal do Brasil*, ambos do Rio de Janeiro, além de outros de Porto Alegre e Belo Horizonte. (HACK, 2002: 182).

que se somava a toda efervescência nacionalista que marcou a política, a arquitetura e as artes no Brasil dos anos 1920 e 1930. Percebendo que a gestão do Mackenzie por um *“Board of Trustees”* sediado em *New York* catalisava as discussões sobre a instituição de ensino, a PCUSA requisitou maior liberdade para o Mackenzie, o que, de fato, foi conseguido *“pela criação do Conselho do Mackenzie College, com sede em São Paulo”*, em substituição à gerência nova-iorquina vigente desde 1896. Este Conselho passou a *“ser o detentor dos bens móveis e imóveis”* outrora pertencentes a *Board of Trustees* (HACK, 2002: 184). Apesar de o curso americano ter sido mantido com a maior flexibilidade de mudanças que representou a criação do Conselho do Mackenzie College, o projeto educacional desenvolvido pelo Mackenzie não foi bem digerido pelo Governo Federal, que, quando do Golpe de Estado de 1930, capitaneado por Getúlio Vargas, fez caçar os direitos de funcionamento da Escola de Engenharia da casa. Autores interpretam, freqüentemente, que a cassação efetuada por meio do Decreto nº 21.519/32, se deveu ao fato de o Mackenzie ter sido visto como histórico reduto liberal e *“perrepista”* e participante ativo da *“Revolução de 1932”*. A justificativa contida no referido decreto, contudo, era de falta de adequação às normas educacionais, principalmente, como expõe Benedicto Garcez, pela falta de um sistema de carreira *“por cátedras”*, já que o sistema norte-americano não se vale desse modelo, e, conseqüentemente, nem se valia dele o Mackenzie (GARCEZ, 1970: 170).

O que interessa de perto a este trabalho, a despeito das implicações educacionais da cassação, é o estopim que deflagrou tal processo: a identificação, mais uma vez, da obra presbiteriana paulistana com a dos Estados Unidos. O interregno se estendeu até 1938, quando, então, após satisfazer todas as exigências do Governo Federal, e de abandonar a ministração de estudos dentro da pedagogia e do sistema norte-americano de ensino, o Mackenzie voltou a ser reconhecido como instituição credenciada pelo Governo Federal. Como aponta Garcez, não só a estrutura de funcionamento da Escola de Engenharia se alterou, mas todas as demais esferas, desde o Jardim da Infância até o ensino superior (GARCEZ, 1970: 188).

Entretanto, como será mostrado, as vinculações com os Estados Unidos não se apagaram por completo, principalmente no que concernia ao funcionamento do curso de arquitetura da Instituição, mantido pelo polêmico Christiano Stockler das Neves, egresso da *University of Pennsylvania*, instituição que se passa a analisar.

■ 3.3 – A ‘University of Pennsylvania’ e os Alunos Brasileiros

“A escola é o ‘portal’ para a Profissão, e nós somos os responsáveis pelo tipo de homens que graduamos”¹⁰⁶
George Simpson Koyl, 1934: 5

Em 1895, uma publicação da *University of Pennsylvania – Penn* -, intitulada ***The Alumni Annual***, apresentava a seguinte apreciação sobre a dinâmica de um dos seus cursos de graduação:

“Existem duas coisas das quais o Departamento de Odontologia pode se orgulhar, se comparado com os outros Departamentos da Universidade. Uma é sua capacidade de automanutenção, que sempre lhe permite chegar ao fim do ano com superávit. Este ano, inclusive, ele ajudou os outros Departamentos com a soma de 8.600,00 dólares. A outra é seu caráter cosmopolita. Ele possui mais estrangeiros em suas turmas do que todos os outros departamentos juntos, e seus egressos são encontrados em quase todas as terras onde o sol da civilização nasceu” [tradução minha] (ALUMNI ANNUAL, 1895: 9).¹⁰⁷

Este caráter cosmopolita do Departamento de Odontologia da Penn, apontado por seus professores, já no século XIX, está intimamente entrelaçado ao Brasil. Neste mesmo ano, podia-se contar nos bancos escolares desta universidade, sediada na cidade da *Philadelphia*, 15 brasileiros cursando Odontologia.¹⁰⁸ Este era o quinto maior grupo estrangeiro do Departamento, antecedido apenas por alemães (33 alunos), suíços (23), cubanos (18) e ingleses (17).

Todavia, engana-se quem pensa que os brasileiros nesta universidade se resumiram a esta quinzena voltada ao estudo das dentições. Entre 1876 e 1900 foram 43 os brasileiros que estiveram na Penn estudando as mais variadas áreas do conhecimento humano. Entre 1901 e 1950, pôde-se demarcar mais 65 alunos oriundos do Brasil, perfazendo um total de 108 brasileiros em pouco menos de um século (ATIQUE, 2006). Na realidade, a partir de 1876, quando o carioca Bernardo de Souza Franco Harrah chegou a *Philadelphia* para cursar a *Law School*, a versão norte-americana do curso de Direito, estabelecido nessa instituição em fins do século XVIII, o Brasil dava os primeiros passos na consolidação de um processo de busca de qualificação educacional de nível superior em terras norte-americanas que só cresceria nos anos subseqüentes. As razões que levaram esta seleta parcela da elite brasileira a rumar para a *University of Pennsylvania* e para outras instituições congêneres estadunidenses têm sido apontadas, ao longo deste capítulo, e serão um pouco mais aprofundadas neste tópico, principalmente, porque foi esta universidade palco importante para a formação de alguns *profissionais do espaço* que interessam a este trabalho. Mas,

¹⁰⁶ No original: “The school is the ‘gate’ to the Profession, and we are responsible to it for the type of men we graduate”. George Simpson Koyl foi diretor da School of Fine Arts da Penn.

¹⁰⁷ No original: “There are two things that the Department of Dentistry can boast of as compared with the other departments of the University. One is that she is self-sustaining and always comes out at the end of the year with a surplus. She helped out the other departments this year to the tune of \$8600. The other is her cosmopolitan character. She has more foreigners in her classes than all the other departments put together, and her graduates are found in nearly every land under the sun where the civilization has reached.”

¹⁰⁸ Os estadunidenses denominam este curso da área da saúde de *Dentistry*.

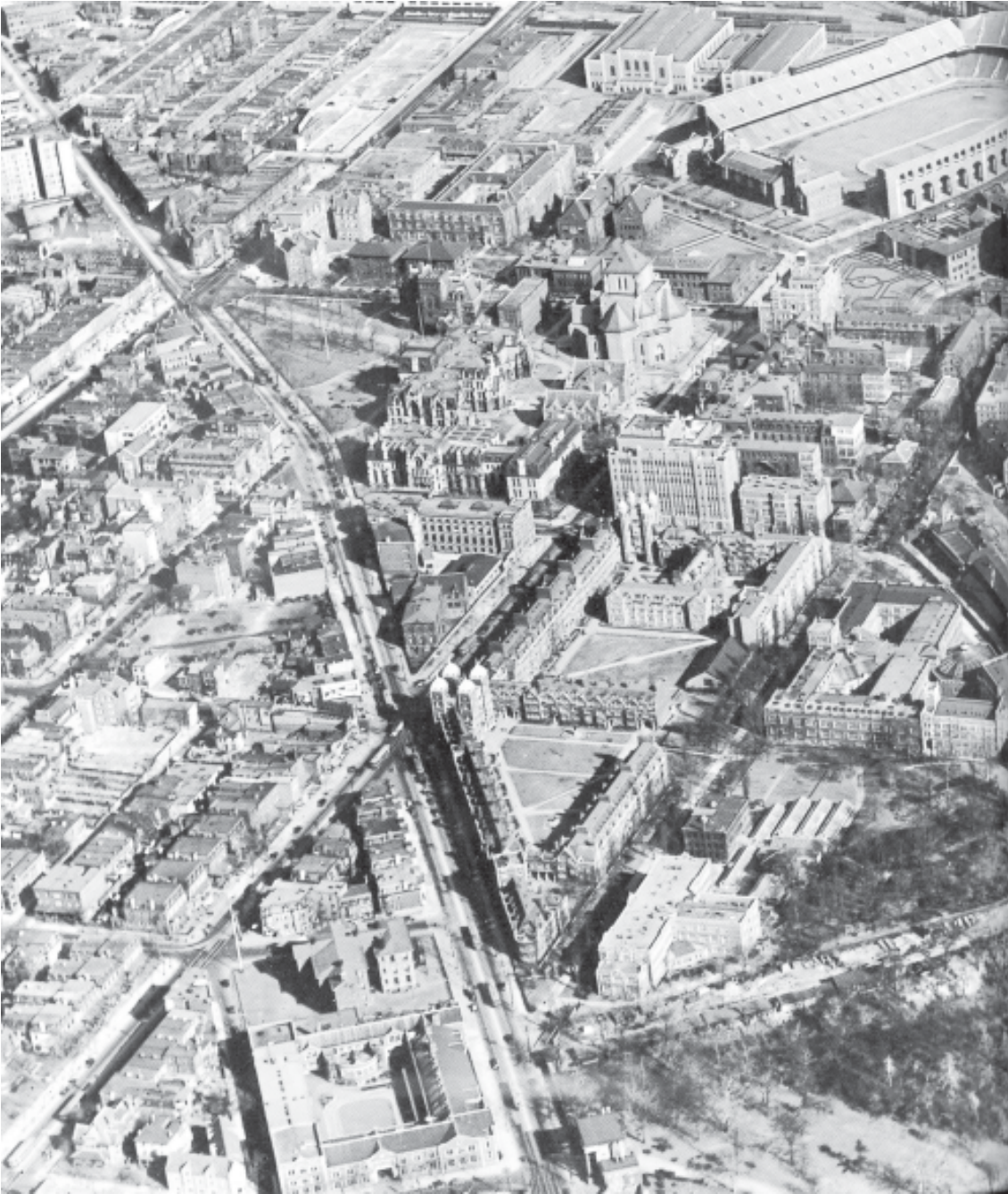


Fig. 128 - Vista aérea do campus da "University of Pennsylvania", em "West Philadelphia", no começo da década de 1930.
Fonte: THOMAS: BROWNLEE, 2000.

além disso, a Penn serviu, também, de referência para a formação de outras instituições de ensino brasileiras que seguiram o modelo norte-americano de formação superior.

Apoiado em uma pesquisa realizada *in loco* na universidade em questão, por meio de uma bolsa de “*Pesquisa Sandwich*” concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES –, pôde-se vasculhar os históricos escolares e as demais fontes documentais relativas aos alunos brasileiros presentes nessa universidade norte-americana, entre 1876 e 1950, segundo o plano de pesquisa ***Em Busca de Profissão nos Estados Unidos: pesquisa e documentação sobre a formação de brasileiros no curso de Arquitetura da ‘University of Pennsylvania’, entre 1876 e 1950.*** Deve-se ressaltar que, embora o foco fosse dado, como demonstra o título, na formação em arquitetura dentro da Penn, a pesquisa abarcou todos os brasileiros formados nos cursos oferecidos pela instituição nesse período, uma vez que inexistem estudos sistêmicos acerca dos egressos brasileiros dessa universidade, quer no Brasil, quer nos Estados Unidos.¹⁰⁹ A pesquisa revelou significativa ação da Penn na formação da elite intelectual e acadêmica brasileira, de diversas áreas, cuja listagem completa pode ser conferida no Anexo I desta tese, e as análises desses resultados ainda neste capítulo.

Antes, contudo, de se iniciar a interpretação das descobertas feitas na Penn, convém traçar as origens desta instituição de ensino. A *University of Pennsylvania* remonta à formação, por mãos de *Benjamin Franklin*, da *Academy and Charitable School of Philadelphia*, em 1740. *Franklin*, nascido em *Boston*, migrou para a *Philadelphia*, um dos mais pujantes centros das colônias britânicas, em 1723, em busca de novas oportunidades de trabalho. A opção de *Franklin* pela *Philadelphia* se deu pelo caráter não-sectário e mais liberal dessa cidade, fundada pelo inglês *William Penn*, em princípio de 1680. A história de ocupação dessa área está intimamente ligada à trajetória de seu fundador. *Penn* conseguiu do rei *Charles II* a doação de uma imensa porção de terras no continente americano, para que pudesse fundar uma colônia que tivesse por base a tolerância religiosa, uma vez que ele havia sido perseguido e preso na Inglaterra, diversas vezes, por pertencer à *Religious Society of Friends*, associação cujos membros são, também, conhecidos como *Quakers* (THOMAS; BROWNLEE, 2000: 23). Sendo a religião oficial da Grã-Bretanha o Anglicanismo, *Penn* não possuía liberdade de culto em sua terra natal. Em função de uma dívida que o rei *Charles II* havia contraído com o pai de *William Penn*, este requisitou uma carta de doação de terras na América, em troca do perdão da dívida. Em 1681 foi expedida a carta de concessão e, em 1682, *Penn* deu início ao processo de ocupação do que se convencionou chamar, em inglês, do *Commonwealth of*

¹⁰⁹ Por outro lado, a Penn tem sido muito atenta aos egressos asiáticos por ela formados desde o século XIX, como atesta o recente trabalho da Professora Wilma Fairbank, editado pela *University of Pennsylvania Press*, ***Liang and Lin: Partners in Exploring China’s Architectural Past***, que analisa os efeitos da formação desses dois arquitetos chineses na Penn, na produção arquitetônica da China. Entretanto, o feito mais relevante na demonstração do interesse da instituição pela Ásia foi a promoção da Conferência “*The Beaux-Arts, Paul Philippe Cret and Twentieth Century Architecture in China*,” que mobilizou grande número de pesquisadores da *School of Design* e do *Department of the History of Art* da Penn, em 2003. Fora o âmbito das artes e da arquitetura, a Penn possui diversos grupos de estudo sobre as línguas, as sociedades, as histórias e as políticas

dos países asiáticos. Para maiores referências, acessar www.upenn.edu/gazette/0304/0304arts02.html e www.upenn.edu/pennpress/book/561.html. Acesso em 10 mai 2006.

Pennsylvania (FOUNDATION FOR ARCHITECTURE, 1994: 10-12). O nome *Pennsylvania* foi sugerido pelo rei inglês, que, ciente da grande quantidade de árvores na área doada, a batizou de “*Bosques de Penn*” -, em tradução aproximada para o português. O principal assentamento urbano do *Commonwealth* foi planejado por *William Penn* e por seu principal assistente *Thomas Holme*, que traçou o plano dessa, que foi a primeira cidade totalmente planificada, *a priori*, nas colônias britânicas. O nome escolhido por Penn para a sede de seu *Commonwealth*, remete ao termo grego “*filadelfos*”, que foi usado no livro bíblico do Apocalipse para designar a igreja do “*amor fraterno*” - *Filadélfia*.

A idéia de *William Penn* era desenvolver um núcleo onde houvesse a liberdade de culto, de idéias, além de desenvolvimento econômico a seu favor. O plano desenhado por *Holme* baseou-se numa quadrícula aos moldes dos *traçados hipodâmicos*, que se desenvolve no sentido norte-sul, e leste-oeste, sendo sobreposto por duas largas vias, denominadas *Broad Street* e *High Street*, que se cruzam no centro geométrico da imensa gleba entre os dois rios que dominam a paisagem, o *Delaware* e o *Schuylkill*. Foi também, na Philadelphia, que o sistema de nomenclatura das ruas por números parece ter sido usado, pela primeira vez, espalhando-se, depois, pelas outras cidades fundadas nas colônias britânicas, chegando a tornar-se emblema da toponímia estadunidense.

A idéia original do plano era a de vender as áreas cercadas por ruas para imigrantes que desenvolvessem a função agrícola, o que acabou não acontecendo na totalidade, dando origem a muitas atividades urbanas, como comércio, teatros e demais serviços. Em 1687, *Thomas Holme* desenhou um plano de ocupação de áreas circunvizinhas à cidade, tentando aglutinar outros vilarejos existentes, formados por imigrantes suecos e alemães. Por ter sido o porto da cidade locado no *Delaware River*, a cidade teve maior concentração de residências e demais funções urbanas neste *front*, deixando o lado oeste da cidade, defronte o *Schuylkill*, por anos, menos habitado (FOUNDATION FOR ARCHITECTURE, 1994: 12). Segundo dados apresentados pelo ***Philadelphia Architecture: a guide to the city***, em 1701, o núcleo possuía 2 mil moradores, mas, em 1740, já concentrava 10 mil habitantes. Esta era a segunda cidade em tamanho e volume de negócios nas 13 Colônias Britânicas, perdendo apenas para Boston (FOUNDATION FOR ARCHITECTURE, 1994: 13).

Assim, quando o jovem *Benjamin Franklin* chegou à cidade, ela estava em franco processo de crescimento e era muito freqüentada por estrangeiros, em função da importância de seu porto. Embora dinâmica em

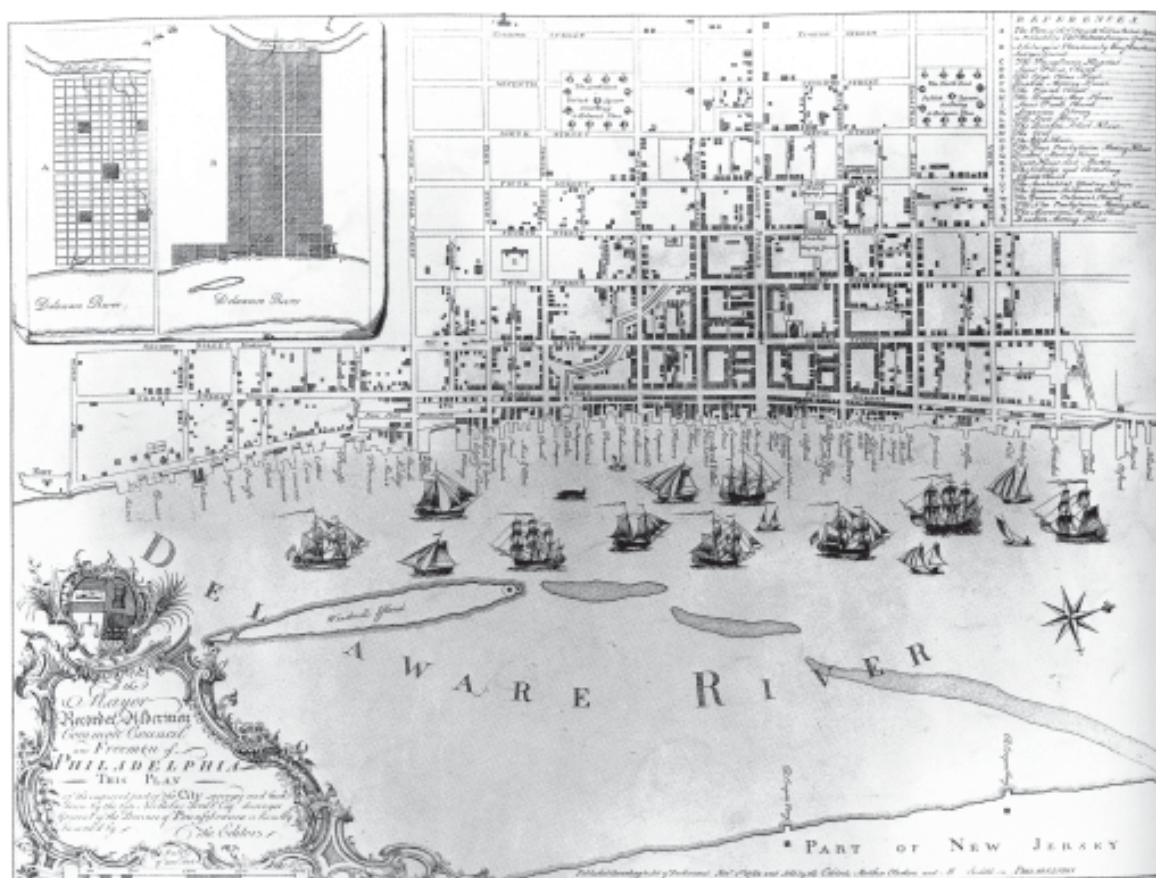


Fig. 129 - Mapa da cidade da Philadelphia, com vista a partir do "Delaware river". Fonte: THOMAS: BROWNLEE, 2000."



Fig. 130 - "The Quaker's Meeting House", na Philadelphia. Foto: Fernando Atique, 2006.

Fig. 131 - "Christ Church", a mais antiga igreja da Philadelphia. Foto: Fernando Atique, 2006.

Fig. 132 - Aspecto de algumas "town houses" da antiga Philadelphia, área conhecida, hoje, como "Old City". Foto: Fernando Atique, 2006.

Fig. 133 - Antiga tipografia, na "Old City", onde Benjamin Franklin imprimia seu jornal de nome "Aurora". Foto: Fernando Atique, 2006.

suas relações comerciais e, até mesmo, espirituais – logo nas primeiras décadas dos setecentos, era possível encontrar presbiterianos, *quakers*, luteranos, calvinistas, anglicanos, católicos romanos, metodistas e anabatistas no assentamento -, a questão educacional não era privilegiada, conforme apontam *George Thomas* e *David Brownlee* em ***Building America's First University: an historical and architectural guide for the University of Pennsylvania***. Para estes autores, como os *quakers* eram a maioria religiosa da cidade, e não necessitavam de templos e nem de líderes espirituais – eles, ainda hoje, se reúnem apenas 1 vez ao mês em salões chamados de *Quaker's Meeting Houses* –, não houve a preocupação com a criação de seminários para a formação de religiosos, nem de escolas, o que também não foi providenciado por nenhuma outra denominação ou governante até por volta de 1740 (THOMAS; BROWNLEE, 2000: 23-26). Dessa forma, a primeira iniciativa na provisão educacional dos habitantes da *Philadelphia* se deu com a criação da *Academy and Charitable School of Philadelphia*, pelas mãos de *Franklin*, neste ano, embora a data esteja envolta em densas contradições.¹¹⁰ Em 1749, contudo, este autor publicou um texto de nome ***Proposals for the Education of Youth In Pensilvania*** [sic]. Este texto é considerado, nos Estados Unidos, como a primeira declaração pública de que, no “*Novo Mundo*”, todas as raças e credos deveriam ter acesso à educação. Tanto o texto quanto a *Academy and Charitable School of Philadelphia* são considerados, pelos historiadores da Penn, como a origem desta universidade. (THOMAS; BROWNLEE, 2000: XI). Embora o *College of Philadelphia* tenha surgido apenas em 1755, depois, inclusive, dos *Colleges of Yale* (1701), *Princeton* (1746) e de *Columbia* (1754), alguns historiadores norte-americanos atribuem ao *College of Philadelphia* a primazia como a “*primeira instituição genuinamente americana*” (THOMAS; BROWNLEE, 2000). A razão para isto, como expõem *Thomas* e *Brownlee*, está no fato de que o *College of Philadelphia* foi um desdobramento da antiga escola para meninos, montada por *Benjamin Franklin*. O *College* passou por certa alteridade durante o “*Período Revolucionário*”, quando chegou a ser fechado, entre 1777 e 1779, devido ao domínio “*Tory*” na *Philadelphia*.¹¹¹

A história da educação superior nesta porção dos recém-criados Estados Unidos, contudo, não foi sempre tão frágil, uma vez que após a consolidação da Independência, em 1779, o ensino de nível superior foi restaurado por meio da criação da *University of the State of Pennsylvania*, a primeira iniciativa neste sentido no país recém-independente (THOMAS; BROWNLEE, 2000: 4). Na prática, a *University of the State of Pennsylvania* assumiu este nome para denotar a ascensão do Estado como mantenedor da obra educacional, bem como para expressar que certa pluralidade de formações seria possível na cidade, já que, alguns anos antes, nela havia surgido o primeiro curso de medicina do norte do continente americano,

¹¹⁰ Tudo indica que a *Academy and Charitable School* tenha começado a funcionar em 1743, embora as datas sejam as mais díspares entre os historiadores norte-americanos. A própria Penn só passou a se considerar fundada em 1740 por *Franklin*, no final do século XIX, depois que seu mantenedor, *Edgar Fahs Smith*, assumiu a versão de que a Penn havia sido fundada antes de *Princeton* (THOMAS; BROWNLEE, 2000: 17-19).

¹¹¹ Este termo, usado para descrever os membros ou simpatizantes do Partido Conservador Britânico, se espalhou pelas Américas Anglo-Saxônicas durante o conflito pela Independência das 13 Colônias Inglesas, no século XVIII. Como expõe um verbete da Enciclopédia Eletrônica Wikipédia, a expressão vem do Gaélico “*tóraighe*”, que significa,

literalmente, “*lutador de guerrilha*”. Parece que a expressão foi utilizada, pela primeira vez, durante as “*Guerras dos Três Reinos*”. Hoje, no Canadá e nos Estados Unidos, o uso do termo *Tory* serve para denominar os “*legalistas*” e “*conservadores*”, contudo, no Período Revolucionário do século XVIII, ele expressava, com mais ênfase, os “*fiéis à Coroa Britânica*”. Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Tory>. Acesso em 11 dez 2006.

o qual ficou agregado à recém-criada universidade. O *College*, como lócus de uma formação mais erudita, baseada nos modelos “clássicos” de ensino foi, também, posteriormente, reaberto e acoplado à Escola de Medicina, em 1791. Por meio desta junção, por decreto oficial, a instituição educacional assumiu seu atual nome: *University of Pennsylvania*.

Embora o caráter não-sectário da universidade tenha se manifestado desde os primeiros tempos de sua formação, por ação de *Franklin*, sua administração, baseada na “*Board of Trustees*”, sempre contou com a participação de destacados membros da sociedade local, sobretudo de ministros protestantes metodistas, presbiterianos, anglicanos e, anos mais tarde, também de *quakers* e de católicos romanos. Esta não-vinculação religiosa, inclusive, é usada pela comunidade universitária “*pennsilvaniense*,” desde meados do século XIX, para expressar que a Penn sempre gozou de uma suposta maior liberdade de pensamento e maior capacidade de assimilação de diferentes culturas do que suas congêneres de ascendência confessional.

Durante muitos anos, mesmo contando com um significativo incremento de alunos em seus cursos,¹¹² a *University of Pennsylvania* não possuía acomodações adequadas ao pleno desenvolvimento de suas funções educacionais, além de ser descuidada com sua biblioteca. Embora tenha ocupado edifícios na chamada “*Old City*” desde sua fundação, até por volta de 1870, foi apenas na porção oeste da malha original da cidade, na margem direita do rio *Schuylkill*, que ela conheceu sua expansão em termos de cursos oferecidos e de alunos matriculados (THOMAS; BROWNLEE, 2000: 54-55).

Ao chegar ao novo campus, em 1872, a Penn possuía a seguinte estrutura de funcionamento, segundo informa o “*Special Announcement of the Organization and Courses of Study of the New Department of Science, to be Opened September, 1872*”: *Department of Arts*, estabelecido em 1755; *Department of Medicine*, estabelecido em 1765; *Department of Law*, estabelecido em 1789 e o recém-criado *Department of Sciences* (1872) (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, 1872:5).¹¹³

Embora a publicação aponte para uma estrutura departamental criada ainda no século XVIII, pode-se afirmar que ela fora estabelecida, de fato, na segunda metade do século XIX, mais precisamente, no momento que antecedeu a mudança da Penn para o novo campus.¹¹⁴ Atente-se, por exemplo, para o fato de que o *Department of Arts* era, na verdade, o *College*, propriamente dito, e mantinha o oferecimento dos cursos de formação clássica, além do curso de música, procurado, especialmente, por mulheres. O

¹¹² “A *Academy and Charitable School* começou com apenas 17 alunos, mas já havia 146 estudantes ao final do primeiro ano de funcionamento. Dois anos mais tarde, 226 estudantes foram recebidos no novo edifício; aproximadamente 1 quarto deles vinha de estados vizinhos, e alguns outros vinham de países estrangeiros. Em 1757, três anos após o recebimento da ‘Carta’ de criação do *College*, uma turma de 7 estudantes foi agraciada com o grau de bacharel” [tradução minha] (THOMAS; BROWNLEE, 2000: 34).

¹¹³ Optou-se por conservar a grafia original na língua inglesa não apenas das cidades, lugares, edifícios, como, também, das nomenclaturas de disciplinas, uma vez que muitos termos não anglo-saxônicos não encontram exata tradução em português. Por outro lado, em face da franca disseminação

do idioma inglês, no Brasil, a apreensão desses termos mantidos no original se tornam fáceis.

¹¹⁴ Um interessante artigo acerca da história da instituição, presente em outra publicação oficial, o “*The Record of the Class of 1901 of the University of Pennsylvania*”, aponta que a universidade, por força de uma verba federal destinada às instituições que ministrassem cursos superiores de Agricultura e de Mecânica Aplicada, transformou o *College*, em 1864, em *College of Agriculture, Mines, Arts and Mechanic Arts* (THE RECORD OF THE CLASS OF 1901: 86-87). Sabe-se, por meio deste artigo, que o curso de Agricultura malogrou sem sequer funcionar, fazendo com que a vocação industrial da cidade, experimentada desde a década de 1820, se tornasse o fio condutor da expansão dos cursos da casa.

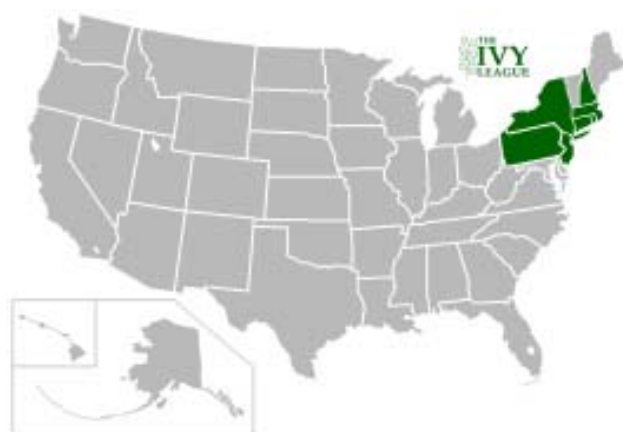


Fig. 134 - Mapa dos Estados Unidos mostrando os estados abarcados pela "Ivy League". Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Ivy_League. Acesso em: 01 dez 2006.

Fig. 135 - Campus da "Princeton University", no estado de New Jersey. Foto: Fernando Atique, 2006.

Fig. 136 - Campus da "Columbia University", em New York City. Foto: Fernando Atique, 2006.



Fig. 137 - Projeto elaborado por T. W. Richards para o campus da Penn, em "West Philadelphia". O edifício em questão era destinado ao College, e abrigou as primeiras turmas de arquitetura da universidade. Fonte: THOMAS; BROWNLEE, 2000.

Fig. 138 - Vista do edifício conhecido como "College Hall", em finais do século XIX. Fonte: THOMAS; BROWNLEE, 2000.

Department of Medicine ministrava o curso de Medicina e controlava o Hospital Universitário, criado em 1874. O *Department of Law* ministrava o curso de Jurisprudência, enquanto o *Department of Sciences* seria o responsável pela ministração do curso de Química aplicada às Artes Industriais; dos cursos de Mineralogia, de Geologia e de Mineração; de Metalurgia e de Materiais; das Engenharias Civil, Mecânica e de Mineração, além dos cursos de Desenho Mecânico e de Arquitetura (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, 1872: 6). Como esclarecia o referido “catálogo”, os “*Trustees*” organizaram a “*sua escola dentro do mais liberal e compreensivo plano*”, já que criam que o mais recente Departamento criado deveria ser o “*necessário complemento (...) de um sistema de instrução mantido por um estabelecimento chamado Universidade, em uma cidade como a Philadelphia*”, repleta de indústrias e carente da “*difusão de habilidades e de conhecimentos técnicos*” (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, 1872: 6).

Como expõem *George Thomas* e *David Brownlee*:

“Vazado no método científico, o novo empirismo assumiu uma variedade de formas nos campi americanos. Laboratórios de treinamento e bibliotecas de pesquisa foram montados, assim como a discussão sobre o design nos cursos de arquitetura, de metalurgia e nos de engenharia mecânica, cada um mimetizando o moderno mundo do trabalho. Os laboratórios e as grandes bibliotecas de pesquisa que se tornaram comuns nos campi americanos, nas décadas de 1870 e 1880, representaram os frutos destes novos ideais. A University of Pennsylvania foi moldada por cada um destes movimentos, selecionando estudantes dos estratos econômicos e sociais da região, adicionando cursos representativos do mundo do trabalho, e eventualmente, construindo as bibliotecas e os laboratórios que puderam dar ao seu campus a aparência de uma fábrica de aprender em tijolos vermelhos” [tradução minha] (THOMAS; BROWNLEE, 2000: 7).¹¹⁵

Neste sentido, na década de 1880, por sua vez, houve o aparecimento dos departamentos de *Philosophy*, *Architecture*, *Archaeology and Paleontology*, da *Training School for Nurses*, além da constituição do *the Graduate Department to Women* [sic], do *Laboratory of Hygiene*, do *Hospital for Dogs*, do *Wistar Institute of Anatomy and Biology* e de muitas outras benfeitorias (THE RECORD OF THE CLASS OF 1901: 87). Esta significativa expansão em carreiras era seguida pela construção de numerosos edifícios, como o da nova Biblioteca, projetada pelo arquiteto local *Frank Furness*, em *Queen Anne Style*, e dos prédios do Museu, do *Dental Hall* e da *Law School*, além dos dois prédios seminais do campus, o *Logan Hall* e o *College Hall*, projetados e edificados por *Thomas Webb Richards*, o primeiro “*Professor of Drawing and Architecture*”, da Penn, que seria, também, o responsável pela fundação do curso de graduação nesta carreira, em 1873 (ARCHITECTURAL ALUMNI SOCIETY, 1934: 12).

¹¹⁵ No original: “*Rooted in scientific method, the new empiricism took a variety of forms on American campuses. Laboratory training and library research vied with design courses in architectural studios and metalwork in mechanical engineering shops, each mimicking the modern world of work. The laboratories and large research libraries that became common on American campuses in the 1870s and 1880s represented the fruits of these new ideals. The University of Pennsylvania was shaped by each of these movements, selecting students from the economic and social strata of the region, adding courses from the world of work, and eventually building the libraries and laboratories that would give its campus the appearance of a red brick factory for learning*” (THOMAS; BROWNLEE, 2000: 7).

Entre 1885 e 1893, ao contrário do que acontecia com as universidades de *Yale* e *Princeton*, a Penn teve dois terços de seus estudantes de graduação bacharelando-se em Ciências (*Sciences*), contrariando a tendência norte-americana de expedir mais diplomas em Artes. Neste mesmo período, do total de alunos bacharelados pela Penn, metade cursava uma das quatro habilitações em engenharia oferecidas pela Instituição (Civil, Elétrica, Mecânica e Química) (THOMAS; BROWNLEE, 2000: 66). A eclosão desses cursos de engenharia na Penn teve início na década de 1870, mas foi na década seguinte que a *Towne Scientific School* (o nome assumido pela Escola de Engenharia da universidade) tornou-se a líder em número de alunos. Aproveitando a maciça concentração industrial da cidade, a Penn desenvolveu cursos que demarcaram sua contribuição ao desenvolvimento econômico e industrial do capitalismo norte-americano e, por conseqüência, dos países ligados aos Estados Unidos. Em 1903, por sua vez, após certa expansão dos cursos da área de saúde, como *Veterinária* e *Odontologia*, aproveitando outra vocação da cidade, a área da saúde, a Penn criou a *Wharton School of Commerce and Finance*, a primeira instituição do gênero no país, que seria proeminente durante todo o século XX na criação de cursos gerenciais e de economia, como o MBA, lá desenvolvido em meados daquele século.

Todos estes cursos atraíram grande número de estudantes norte-americanos, mas, também, estrangeiros. Uma considerável parte dos alunos não-estadunidenses era advinda de possessões norte-americanas, como Porto Rico; outra parcela era originária do Oriente, sobretudo da China, que havia sido derrotada na Guerra dos Boxers,¹¹⁶ e, como forma de consolidar a penetração ocidental naquele país, os Estados Unidos ofereciam bolsas de estudos em algumas universidades, como a Penn. Uma parcela significativa de estudantes na Penn era da América do Sul, sobretudo da Argentina e do Chile, mas, mesmo assim, em número inferior ao de brasileiros.

Os alunos brasileiros da Penn advinham das regiões ligadas às mais pujantes em termos econômicos, no período estudado. Como expõe o gráfico 2, o estado com maior número de estudantes na Penn foi São Paulo. Esta alta concentração de paulistas é, em parte, explicada pela acumulação de capital proporcionada pelo café e, sobretudo, pelo desenvolvimento industrial do estado,¹¹⁷ desde o último quartel do século XIX. É, ainda, por causa de instituições vinculadas às missões protestantes que uma grande parcela de estudantes paulistas são encontrados na Penn. O segundo estado em número de estudantes na *Philadelphia* foi o Rio de Janeiro, sobretudo da antiga capital do país. Por força de imigrantes norte-americanos, já radicados no Brasil, e por conta do prestígio da Penn, além dos recursos proporcionados pela lavoura

¹¹⁶ A enciclopédia Wikipédia informa que O Levante, Rebelião ou Guerra dos Boxers (1899-1900) - chamado também de Movimento Yijetuan - foi um movimento popular anti-ocidental e anticristão na China. O movimento começou na província de Shandong e tinha suas raízes na pobreza rural e no desemprego, cuja responsabilidade era atribuída às importações do Ocidente. Os boxers atacaram as missões e demais estabelecimentos estrangeiros, cortaram as linhas telefônicas e as vias férreas, forçando os missionários, chineses e não-chineses, a rumarem para o oeste. Aqueles que possuíam bens estrangeiros foram atacados também. O movimento foi apoiado pela imperatriz Cixi (Tseu-Hi) e alguns governadores de províncias. As forças estrangeiras lançaram ataques punitivos na região de Beijing e negociaram pesadas reparações (1901). A monarquia salvou-se aceitando a

liquidação das sociedades secretas, o pagamento no *Protocolo Boxer* de uma indenização de guerra e a proibição de importar armas. Depois dessa aberta e brutal intervenção militar, o outrora orgulhoso Império Celestial definitivamente tornou-se a "colônia de todas as metrópoles". O levante fez com que aumentasse a interferência estrangeira na China, com a conseqüente diminuição da autoridade da dinastia Qing. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Levante_dos_Boxers. Acesso em 14 jan 2007.

¹¹⁷ Apesar de a pesquisa ter seu período inicial em 1876, ou seja, no século XIX, quando a terminologia para os atuais estados brasileiros eram "Províncias", optou-se, no caso desta análise sistêmica de regiões, por usar o termo estado, já que ele vigorou por maior tempo dentro do arco temporal estudado.

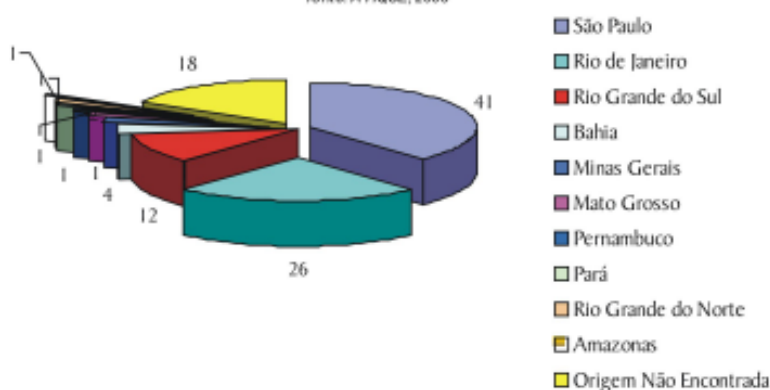


Fig. 139 - Alguns estudantes da Penn, em 1911. Nota-se o caráter cosmopolita da universidade por meio dos traços étnicos. Fonte: HUTCHINS, 2004.

Fig. 140 - Primeira turma a se graduar no campus em "West Philadelphia", em 1873. Fonte: HUTCHINS, 2004.

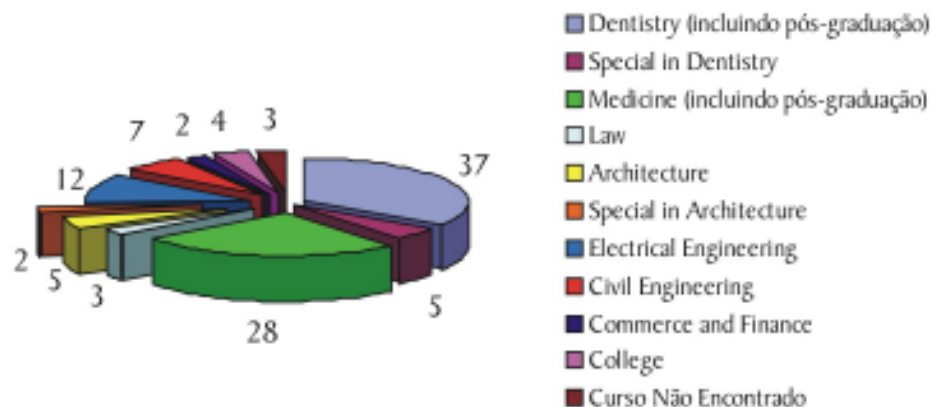
canaveira no interior e pelas indústrias, na capital, muitos cariocas e fluminenses rumaram até os Estados Unidos em busca de profissão. O Rio Grande do Sul foi outro estado brasileiro a enviar estudantes ao Estados Unidos. Em função da indústria da carne desidratada, ou charque, o sul do Brasil conseguiu manter altos índices econômicos, favorecendo a manutenção de estudantes fora do país, e, sobretudo nos Estados Unidos. Em menor número, mas com significativa presença, têm-se alunos provenientes da região de extração de borracha, no norte do país; da região açucareira nordestina; das áreas de cafeicultura de Minas Gerais e da pecuarista, em Mato Grosso. Embora considerável parcela dos alunos brasileiros da Penn não tenha sido detectada, sabe-se que eles deveriam ser oriundos das regiões já citadas.

Gráfico 2:
NÚMERO DE ALUNOS BRASILEIROS NA "UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA", ENTRE 1876 E 1950,
POR ESTADO BRASILEIRO
fonte: ATIQUE, 2006



Os alunos brasileiros da Penn foram presentes em quase todos os cursos de graduação oferecidos pela universidade, com exceção do curso de *Veterinary Medicine*, onde nenhum brasileiro foi identificado. Tanto quanto suas diversidades de interesses acadêmicos, os brasileiros foram diversos na forma de acesso a um curso superior na Penn. Muitos foram estudantes de cursos tradicionais de bacharelado, mas, um significativo grupo, sobretudo de arquitetos, valeu-se do oferecimento de *cursos especiais*, que apenas emitiam *Certificados de Proficiências* e não graus, para obterem formação. A vantagem de se obter um *Certificado* em Arquitetura, por exemplo, era a de retornar ao Brasil com a chancela certificada de uma conceituada instituição de ensino norte-americana, e de não ser impedido de exercer a profissão no país, pela inexistência de órgãos de classe, e pela atitude mais simbólica do que investigadora dos trabalhos de convalidação de diplomas nas instituições nacionais, sobretudo durante o Império e primeiros anos da República.

Gráfico 3:
NÚMERO DE ALUNOS BRASILEIROS, POR CURSO, NA
"UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA",
ENTRE 1876 E 1950.
fonte: ATIQUE, 2006



Houve, também, a procura por *Graduate Courses* que, em português, são conhecidos como cursos de *Pós-Graduação*. Estes cursos atraíram, principalmente, dentistas que, desejosos de obter uma formação complementar, ou mesmo, uma visão universitária sobre o *métier*, matriculavam-se na *School of Dental Medicine*, fundada em 1886. Até a chegada à Penn para a realização da pesquisa-sanduiche, era desconhecida, por completo, a existência dessa escola e da grande atração provocada no Brasil. A maioria dos 108 brasileiros identificados entre 1876 e 1950 cursou odontologia na Penn, seja em nível de graduação (*undergraduate course*) ou pós-graduação (*graduate course*). Há várias razões para este fenômeno. Uma delas é a fama alcançada pelo curso da Penn mundialmente, já que foi esta uma das primeiras escolas de odontologia fundadas nos Estados Unidos, e que renegava os métodos de trabalho europeus na área, sobretudo os franceses e os alemães. Notícias sobre a Penn eram divulgadas por meio de revistas estrangeiras que chegavam ao Brasil por mão dos dentistas norte-americanos imigrados para o país. Muitos destes dentistas, como *Ira G. Baumgardner*, formado pela Penn, em 1888, e conhecido como "*Dentista Americano*", se fixaram em São Paulo¹¹⁸; *William Baldwin Keyes*, da turma de 1889, e, ainda *J. Merritt Fordham* moraram no Rio de Janeiro e em Petrópolis, respectivamente. Fora estes, existem alguns outros¹¹⁹ que também se envolveram com a docência, especialmente no Rio de Janeiro, na Escola de Odontologia fundada na capital federal de então (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDERS I.G. BAUMGARDNER; W.B.

¹¹⁸ Deve-se informar que a residência de Ira T. Baumgardner, à Avenida Higienópolis, 22, em São Paulo, foi projetada pela firma de construções mantida por *Wilhelm* e *George Krug*, este último também egresso da Penn. A construção em "*estilo campestre*" teve seu projeto aprovado em 1898 (HOMEM, 1981: 83).

¹¹⁹ Breve Listagem dos Cirurgiões Dentistas Nascidos nos EUA a trabalharem no Brasil: "*J. Merritt Fordham, Preston A. Rambo, Carlos Hastings, William B. Hentoz, Stafford Rambo, William Baldwin Keyes, Charles Keyes, Max M. Eble, Roberto Peacock Johnson, Ralph Waldo Emerson, Charles Hentz, E.A. Mehaffey, Otto Inglis e John Cullens.*" Fonte: *Brasil Odontológico*, v. IX, n. 1 e 2, jul-ago, 1932. Esta lista foi baseada numa foto de 1893, de posse dos editores deste número desta revista.

KEYES; J.M. FORDHAM). Através das salas de aulas e de periódicos, como a revista *Brasil Odontológico*, publicada no Rio de Janeiro, a partir da década de 1910, e de circulação por todo o território nacional, a *Philadelphia* e a Penn eram divulgadas, retro-alimentando a procura dos brasileiros.

Outra forma de divulgar a Penn, no Brasil, era mediante a própria atividade profissional. A pesquisa, tanto no país, quanto no exterior, permitiu encontrar alguns documentos muito expressivos neste sentido. Foi localizada, por exemplo, a papelaria¹²⁰ do dentista Pedro Baptista Gomes de Freitas, diplomado pela *Dental School*, em 1909. Em seu consultório, em Pelotas, Rio Grande do Sul, todos os seus receituários, bem como seu cartão profissional, ostentavam, ao lado da identificação funcional, o nome *University of Pennsylvania*, o que parece denotar a importância de seu titular, mas, também, referendar sua qualificação profissional, amealhada, em grande parte, na *Philadelphia*, nos Estados Unidos (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER P.B.G. DE FREITAS).¹²¹

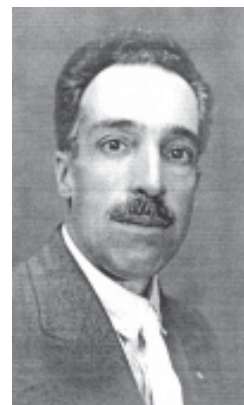
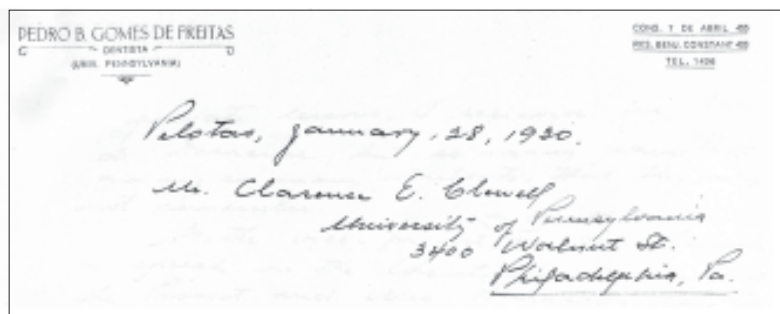


Fig. 141 e 142 - receituário e fotografia de Pedro Baptista Gomes de Freitas, mostrando sua condição de egresso da Penn. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

Fora o caso deste cirurgião dentista, há, também, a papelaria do arquiteto Edgard Pinheiro Vianna, que se apresentava ao público, na década de 1920, como “*Architecto pela University of Pennsylvania – USA*”. Os dois exemplos atestam, inegavelmente, que no período tratado por esta tese, a imagem positiva dos Estados Unidos estava em expansão junto à sociedade urbana brasileira, sobretudo, junto a suas camadas

¹²⁰ *Papelaria* é um termo técnico, usado no Design Gráfico, para expressar o conjunto de papéis desenhados para determinada firma ou profissional. Geralmente, a *papelaria* inclui cartões profissionais, talonários, blocos de anotação, papéis para cartas, envelopes, todos timbrados com a logomarca, o brasão ou os dados do profissional ou empresa em questão.

¹²¹ Os dizeres de seu cartão profissional são bem elucidativos da divulgação da Penn, no país: “*Dr. Pedro B. Gomes de Freitas – Ex-membro da Sociedade Dentária “E.C. Kirk”, 1908, Philadelphia; Doutor em Cirurgia Dentaria pela Universidade de Pennsylvania, 1909, Philadelphia. Membro da Associação Geral dos Formados pela Universidade de Pennsylvania. Diplomado pelo Philadelphia (Blockley) Hospital. Id. Pela Escola para graduados, de Coroas e Pontes, do Dr. EA. Peeso,*

Philadelphia. Ex-Professor-fundador e ex-diretor da Faculdade de Pharmacia e Odontologia de Pelotas, 1911/1920. Ex-Cirurgião Dentista da Santa Casa, de Pelotas, 1912. Autor do ‘Resumo de Prótese Dentária’ 1919, Sócio honorário da Associação Amasonense de Cirurgiões Dentistas 1921; Membro do Segundo Congresso Odontológico, de Buenos Aires, 1925, Primeiro Vice-Presidente (fundador) da Associação Pelotense de Cirurgiões-Dentistas, 1929, etc., etc.” (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER P.B.G. DE FREITAS).

UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA
PHILADELPHIA
RECORDER'S OFFICE

Date Oct 15th 1936

NOTE: Your name is listed in the Biographical File maintained by the Recorder of the University. In order to keep his records up to date, the University authorities would appreciate having you fill out and return this blank in the enclosed envelope. This record is wanted whether you are or are not a member of the General Alumni Society.

Full name Benedicto Montenegro class & Dept. Log M. Degree M.D.

Date and Place of Birth April 7th 1888 at Ipaçu, State of São Paulo

Preparatory Schools Attended American School Mackenzie College, Brazil.

Degree or certificate from institutions (other than U. of P.) D.Sc. (Mackenzie College).

University Student Activities
Fraternities & Societies Omega Upsilon Phi Med Fraternity James
Tussock Medical Society

Athletic activities Full back National team Soccer Football (1904)

Present Occupation or Profession Surgeon - Prof. of Surgery Med. School Univ. of
São Paulo; Prof. of Oral Surgery, Dental School, Univ. of São Paulo,
Chief Surgeon in a Coal & Iron Railway Co., Hospital Director St. Catharina
Hospital, Ribeirão Preto, etc.

Residence Address Rua Parã

With children name Luiz de Carvalho, 21 years and wife of children Maria Amélia,
20; Eduard, 17; Henrique, 15; Lúcia, 13.

Clubs and Societies International College of Surgeons; Sociedade Internationale
de Cirurgia; Associação Brasileira de Cirurgia; Associação de
Medicina de Curitiba; Associação de Cirurgiões do Brasil;
Sociedade Internacional de Anatomia e Embriologia; Assoc.
Sociologica Brasileira de Cirurgia; Associação de Cirurgiões
de Pernambuco; Sociedade de Medicina de São Paulo

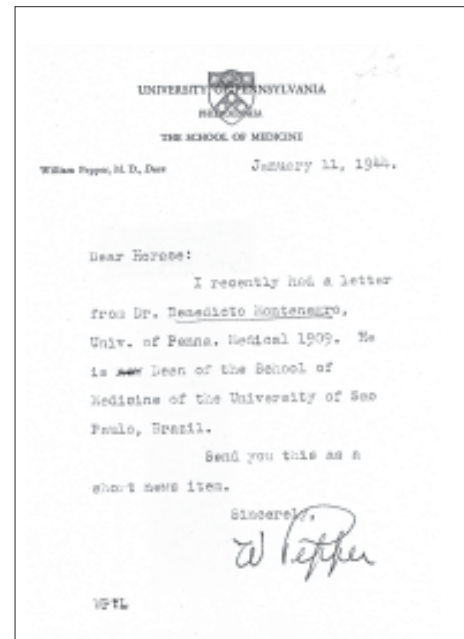
Military Service (with certificate) _____

Membership on Board of Directors Governor of the American College of Surgeons, São Paulo

Books and articles published Many articles on surgical subjects

Remarks _____

(For additional information see other side) Over



Dr. Pedro B. Gomes de Freitas

Ex-membro da Sociedade Dentária "E. C. K.K.K.", 1906, Philadelphia; Doutor em Cirurgia Dentária pela Universidade de Pennsylvania, 1906, Philadelphia. Membro da Associação Geral dos Estudantes da Universidade de Pennsylvania. Diplomado pelo Philadelphia (Buckley) Hospital de alta Escola para graduados de Dentist e Periodon. de St. J. S. Pedro, Philadelphia. Ex-Professor-Adjunto e ex-Diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Padova, 1911-1916. Ex-Cirurgião Dentista do Santa Casa, de Padova, 1916. Autor do "Programa de Prática Dentária" 1919. São Honorário da Associação Amadora de Cirurgiões Dentários 1921; Membro da Segunda Comissão Odontológica de Buenos Aires, 1925, primeiro Vice-Presidente (Indeclinável) da Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas, 1930, etc., etc.

CONSULTORIO E RESIDENCIA:
RUA BENJAMIN CONSTANT, 403 PELOTAS

CLINICA DENTARIA
10
Dr. Pedro B. Gomes de Freitas (D. D. S.)
(Universidade de Pennsylvania — Philadelphia)

CONSULTORIO — Rua 7 de Abril, 403
RESIDENCIA — Rua Benjamin Constant, 403 — Phone 1436
PELOTAS

1148 — GIARDI — PELOTAS

Mr. Colwell:

Please found within one letter to dr. Kerr and another one to dr. Turner, both of the Dental Department. After you read them may forward if approved.

Cordially
P. Vianna
30-1-30.

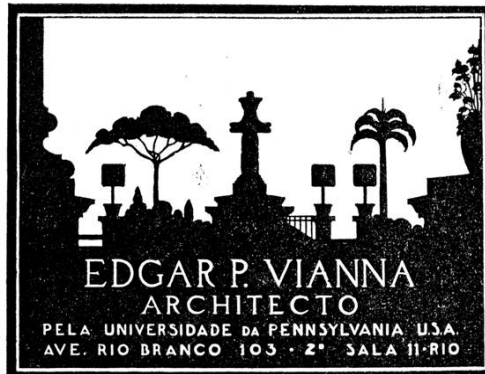


Fig. 143 - Formulário enviado pela Penn ao ex-aluno brasileiro Benedicto Montenegro, em 1936. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

Fig. 144 - Comunicação interna à Penn com dados relativos à condição profissional de Benedicto Montenegro. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

Fig. 145 - Cartão profissional de Pedro B.G. de Freitas indicando seu antigo vínculo com a Penn. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

Fig. 146 - Receituário de Pedro B.G. de Freitas. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

Fig. 147 - Cartão profissional do arquiteto Edgard P. Vianna, mostrando sua condição de egresso da Penn. Fonte: Acervo Pessoal de James Lawrence Vianna.

médias, que tinham acesso aos serviços desses profissionais.

Outras formas de gerar distinção profissional mediante a passagem pela Penn foram descobertas em diversos prontuários pesquisados. Frequentemente, ao reportarem à *General Alumni Association*, a Associação de Ex-Alunos,¹²² sobre suas trajetórias profissionais, os egressos da Penn diziam que eram os introdutores de empresas, produtos, arranjos espaciais etc, nitidamente norte-americanos, ou eram empregados de empresas estadunidenses, no Brasil. Por exemplo, *Mário de Souza Carvalho*, graduado em Engenharia Civil, em 1916, era funcionário da *American Bridge Company*, no Rio de Janeiro; *John Paxton Stevenson Jr.*, graduado em Engenharia Civil, em 1901, era diretor da *Federal Express Company*, e representante da *Munson Steamship Line*, no Rio de Janeiro, além de ter sido presidente da *American Chamber of Commerce in Brazil*. *Clement Esmond Paxson*, Engenheiro Eletricista (1902), era Engenheiro-Chefe da *Telephone Co. of Rio de Janeiro e São Paulo*; *Benedicto Montenegro*, médico formado em 1909, foi diretor da Faculdade de Medicina da USP, dentre muitos outros profissionais tabulados no Anexo I (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDERS M.S.CARVALHO, J.P. STEVENSON JR., C.E. PAXSON, B. MONTENEGRO).

Convém, contudo, frisar a trajetória de alguns profissionais graduados pela Penn, que exprimem bem as conexões Brasil-Estados Unidos que este capítulo apontou. Um dos primeiros nomes a exemplificar a vinculação entre as “*Escolas Americanas*” e as Universidades Norte-Americanas, mais especificamente, a Penn, é Antonio Gomes da Silva Rodrigues. Nascido em 26 de outubro de 1862, em Sorocaba, estado de São Paulo, Silva Rodrigues foi educado, primeiramente, em uma escola régia, e, depois, particularmente, pelo pastor presbiteriano Antonio Pedro de Cerqueira Leite, nesta mesma cidade. Por força do contato com *George W. Chamberlain*, Rodrigues, já adolescente, foi encaminhado para a Escola Americana de São Paulo, em 1878. Tornou-se membro da Igreja Presbiteriana de São Paulo, em maio de 1880, e candidatou-se à vida pastoral em 1882. Ordenado pastor, em 1886, foi trabalhar sob os auspícios da *Brazil Mission*, em Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo, mas tendo enfrentado problemas financeiros, e já estando casado, desistiu da vida ministerial e seguiu para São Paulo (MATOS, 2004: 481; UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER, A.G.S. RODRIGUES). Pelo que parece, seu antigo contato com os membros do Mackenzie College o aproximaram de *Horace Manley Lane*, que, muito provavelmente, o encaminhou para o estudo da Medicina na *University of Pennsylvania*, em 1889, instituição em que supostamente se graduou. Na Penn, Silva Rodrigues foi membro da *The Hayes Agnew Surgical Society* e da *The John Guiteras Medical*

¹²² Esta associação foi organizada em 12 de junho de 1895.

Society. Durante a pesquisa, foi possível detectar que a Penn publicou no livro de formandos de 1892, que Rodrigues havia sido preparado para a entrada no curso de Medicina da universidade por *George W. Chamberlain* (THE RECORD OF THE CLASS OF 1892). Tendo voltado ao Brasil, tornou-se pesquisador ao lado de *Vital Brazil Mineiro da Campanha*, outro presbiteriano, em São Paulo, desenvolvendo pesquisas sobre a febre amarela. Em 1903 teve outra temporada de estudos em *New York*, por 5 meses. No regresso, tornou-se médico da Sociedade Beneficente e da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Empregados da *São Paulo Railway Co*. Aposentou-se, em 1927, por problemas de saúde, e faleceu em 1938, na capital paulista. Em seu prontuário na Penn, consta um artigo necrológico escrito para a **Revista S.P.R.**, publicado em dezembro de 1938. Este artigo fora enviado ao *Dr. William Pepper*, da Escola de Medicina da Penn, por *Lauriston Job Lane Jr.*, graduado em Medicina, assim como seu pai, pela mesma instituição de Silva Rodrigues (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER, A.G.S. RODRIGUES).

Estes dois *Lane* são, respectivamente, filho e neto do antigo diretor do Mackenzie College, *Horace Manley Lane*. *Lauriston Job Lane* e seu filho, Junior, graduaram-se pela Penn, respectivamente, em 1899 e 1929. Ambos, ao regressarem ao Brasil, após a formatura, encontraram emprego no Hospital Samaritano, em São Paulo, obra fundada por presbiterianos, ainda em fins do século XIX. O fato de Silva Rodrigues ter sido presbiteriano, assim como estes dois médicos, os colocou em contato próximo, além daquele proporcionado pela profissão, explicando, em parte, o porquê deste médico encaminhar o comunicado da morte aos Estados Unidos. *Lauriston* foi aluno da Escola Americana em São Paulo, e obteve grau no *Union College*, no Estado de *New York*, em 1895, valendo-se da prerrogativa obtida pelo Mackenzie, quando acoplado à USNY, de equiparação de estudos. Com 33 anos de idade, ele lecionava psicologia no Mackenzie, conforme informa o *Decennial Record of the Class of 1899 – Medical Department of University of Pennsylvania*. Seu filho, *Lauriston Job Lane Jr.* também se diplomou pelo *Union College* antes de se graduar em Medicina pela Penn, em 1929. Os amigos e familiares de *Horace Manley Lane*, como se vê, também estiveram presentes na *University of Pennsylvania*, assim como outros ex-alunos do Mackenzie College, como *Benedicto Montenegro*, *João Baptista de Freitas Montenegro*, *Benedico Ávila Paiva*, *Bernard McDowell Krug*, *Washington Azevedo* e *Fernando Gama Rodrigues* ratificando as intenções presentes no desenvolvimento da instituição paulistana, como exposto, linhas atrás.

Quando já presentes nos Estados Unidos, nas universidades almeçadas, os brasileiros se organizavam em agremiações diversas. O historiador brasilianista *Richard Morse* foi um dos primeiros autores a indicar a

Dr. A. G. Silva Rodrigues

A Revista S.P.R., ao traçar o necrológico do dr. A. G. Silva Rodrigues, nada mais faz do que cultivar a memória de uma personalidade ilustre, que, a custa de grandes sacrifícios, conseguiu elevar-se ao cimo da vitória, tornando-se um dos clínicos mais afamados dos nossos tempos. Filantropico, conhecedor profundo da arte de suavizar a dor do próximo, a sua existência foi um rosário de relevantes benefícios prestados á humanidade.

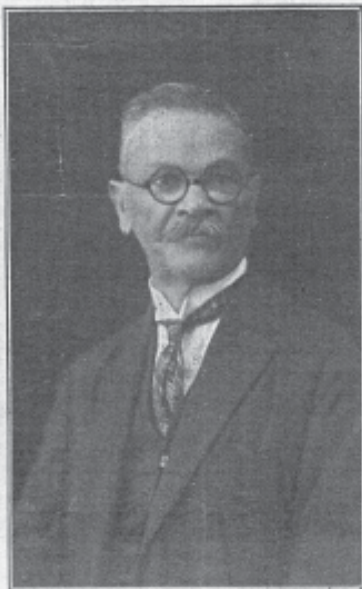
Nasceu em Sorocaba (Estado de São Paulo), aos 26 de outubro de 1852. Cursou as suas primeiras letras, na escola regida de Manoel Joaquim de Souza Guerra, sendo depois aluno do Rev. Antonio Pedro de Carvalho Leite. Veio para São Paulo, ainda com a idade de 18 anos, isto em 1878, cursou a Escola Americana, trabalhando para poder fazer face aos seus estudos.

Em São Paulo, além dos professores americanos, Rev. J. B. Howwell e G. W. Chamberlain, foi aluno dos drs. Francisco Rangel Pestana, Aquilino do Amaral e Teófilo Dias. Também na Escola Americana, foi colega de Arnaldo Vieira de Carvalho.

Aos 22 anos de idade, casou-se em Dots Corregos (Estado de São Paulo), em 6 de março de 1885. Nessa localidade fundou um colégio. Em 1887, voltou para São Paulo, frequentando então, como ouvinte, o Curso Anexo da Faculdade de Direito, e estudando particularmente com Julio Ribeiro, a quem auxiliava fazendo traduções. Em 1888, licenciou-se para ministro protestante, indo residir em Santa Cruz do Rio Pardo, lugar inteiramente sertão, ainda muitas vezes atacado pelos bugres. Foi ali que resolveu es-

tudar medicina. Foi para a America do Norte.

Estudou na Universidade de Pennsylvania, Philadelphia, Estado de Pennsylvania. Formou-se no dia 6 de maio de 1892. Enquanto estudante nos Estados Unidos, foi socio da "The D. Hayes Agnew Surgical Society" e da "The John Guiteaus Medical Society".



Dr. A. G. Silva Rodrigues, distinto médico da Caixa de Pensões, recentemente falecido.

Voltou para o Brasil e prestou exame de suficiencia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, obtendo boas notas. Foi para Sorocaba, onde clinicou, indo depois para São Carlos, trabalhando incessantemente contra a epidemia da febre amarela. De lá voltou para São Paulo. Aqui, convidado pelo seu velho amigo e colega da Escola Americana, dr. Vilof Brasil, trabalhou em estudos sobre a febre amarela, com os drs. Emilio Ribas, Luiz Pereira Barreto e Adriano de Barros. Era já então, medico da Sociedade Beneficente das Empregadas da S. Paulo Railway, desde Janeiro de 1901.

Em 1903, foi aos Estados Unidos, fazer um curso de aperfeiçoamento, em Nova York, onde frequentou diversos hospitais, durante 5 meses.

Como medico da Sociedade Beneficente e da Caixa de Aposentadoria e Pensões das Empregadas da São Paulo Railway, ocupou os districts de Braz, Lapa e Santa Eligenia, tendo sido inconfundível para com os seus inumeros clientes, concorrendo sobremansera para o engrandecimento da Caixa.

Esteve por duas vezes na Europa, frequentando as clinicas e hospitais de "Lausanne" (Suissa), e assistindo ás aulas teóricas dos professores Bourget, Roux e Combe.

Em Paris, frequentou, "La Salpêtrière", ouvindo as conferencias dos professores Déjerine e Pierre Marie.

Aposentou-se em 1927, obrigado pelo seu recato estado de saude.

Pouco tempo clinicou particularmente, pois veio a falecer a 18 de maio de 1938, no Hospital Samaritano, onde por algum tempo já havia dedicado o seu estorço e carinho juntamente com o dr. Strain, seu particular amigo. Nesse hospital, tambem fez parte da diretoria, em companhia de outro velho amigo, dr. William G. Speers.

A Revista S.P.R., que segue passo a passo os mínimos detalhes da vida ferroviaria, sente pezarosamente tão lamentavel perda, enviando á exma. familia do estirpo as suas sinceras condolencias.

SEP 18 1930

'29M. The marriage of Dr. Lauriston Job Lane, of San Paulo, Brazil, and Miss Catharine Janney, daughter of Mr. and Mrs. Richard Janney, of Merion, Pa., took place on July 24th. After a wedding trip, Dr. Lane and his-beide will make their home in San Paulo.

LAURISTON JOB LANE,
Age, 33 years.

204 Rua Consolocui, P. O. B. 14,
San Paulo, Brazil.

Son of Horace M. Lane (M.D., Ph.D., L.L.D.) and Ellen M. Lane. Married—December 17, 1901, to Helen Maxwell Walter. Children—Lauriston Job Lane, Jr., born November, 1902; Horace M. Lane, 2nd, born October, 1904; John Struthers Lane, born August, 1906; Elizabeth Maxwell Lane, born January, 1908.

Early education, American School and Mackenzie College, San Paulo. Took his degree of B.S. at Union College, 1895. He is now practicing Surgery in San Paulo, Brazil. In 1899-1900, he was Resident at the Mercy Hospital, Pittsburgh; 1900-1901, Resident at the Presbyterian Hospital, Philadelphia; 1901, Assistant Surgeon, Samarito Hospital; 1906, Surgeon and Medical Superintendent in the Samarito Hospital, San Paulo; and Surgeon to the San Paulo Railway Co. Has taught Physiology at Mackenzie College, San Paulo.

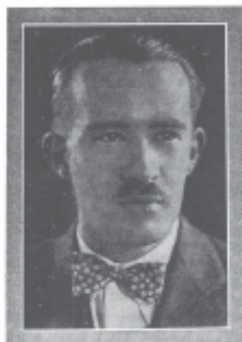
He is a member of the Sociedade Scientifica, San Paulo.

Fig. 148 - Recorte de jornal brasileiro encontrado na pasta do ex-aluno Antônio Gomes da Silva Rodrigues. Sua ida até a Penn se deve a Horace Manley Lane, que o encaminhou por conta das relações do Mackenzie College com o universo acadêmico americano. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

Fig. 149 - Nota acerca do casamento do neto de Horace Lane, Lauriston Job Lane Junior, no jornal da "University of Pennsylvania", chamado de "Penn Gazette". Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

Fig. 150 - Trecho do livro de egressos da Penn, onde aparece m informações sobre Lauriston Job Lane, filho de Horace Lane. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

SCOPE



CHARLES HENRY LAMON
"Chuck"
NEW KENSINGTON, PENNSYLVANIA.

Lafayette, B.S.
Sigma Chi.
Phi Beta Pi.
Mercy Hospital, Pittsburgh, Pa.

LAURISTON JOB LANE, JR.
"Joby"
SAO PAULO, BRAZIL.

Union College, B.S.
Sigma Phi.
Nu Sigma Nu.
Class President (2).
William Pepper Medical Society.
University Hospital, Philadelphia, Pa.



WINFIELD WILSON LATTOMUS
"Lotty"

TOWNSEND, DELAWARE.
University of Delaware, B.S.
Sigma Phi Epsilon.
Alpha Kappa Kappa.
William Pepper Medical Society.
Geisinger Memorial Hospital, Danville, Pa.



One hundred two

1929

Fig. 151 - Página do "Medical Scope", publicação em que são mostrados os formandos em medicina da Penn. Notar o verbete destinado a Lauriston Job Lane Junior, neto de Horace Manley Lane, e filho de Lauriston Job, todos ligados ao Mackenzie. Assim como fez com Antonio Silva Rodrigues, Horace Lane enviou seu filho para os Estados Unidos para se graduar, e, este, por sua vez, seguiu tal "tradição" familiar com seu rebento. Fonte: The Scope of the Class of 1929.

importância dessas organizações estudantis para o estudo da história social com atores brasileiros. Em seu livro *Formação Histórica de São Paulo*, publicado, em português, em 1970, o autor apontou para a existência de um periódico editado pelos alunos brasileiros de Cornell, denominado *Aurora Brasileira* (MORSE, 1970: 216). O *Aurora Brasileira*,¹²³ como mostra Marcus Vinícius de Freitas, já demonstrava, em 1873, a importância da *University of Pennsylvania* para o Brasil, por meio de um artigo escrito por “Gabriel de Toledo Piza e Almeida” (FREITAS, 2002: 267). Neste sentido, a pesquisa revelou que muitos brasileiros que passaram pela Penn foram membros das agremiações estudantis, disponíveis no campus, naquela época. Vários deles, tentando solucionar o problema da moradia, tornaram-se membros de *Fraternidades*.

O termo “fraternidade”, em inglês *fraternity*, designa agremiações fundadas com o objetivo de servirem, socialmente, principalmente aos estudantes de estabelecimentos de ensino superior. Surgidas nos Estados Unidos no século XIX, elas eram batizadas sempre pela junção de letras gregas e, originalmente, eram destinadas apenas a homens,¹²⁴ que eram recebidos após terem sido aprovados em alguns pré-requisitos e de serem iniciados em um ritual. No período estudado, detectou-se a presença de alguns brasileiros como membros dessas sociedades. Embora o fato de a grande maioria dos brasileiros não ter participado de uma fraternidade na Penn tenha causado certa admiração, notou-se que a seleção para estas agremiações eram rígidas e um tanto quanto discriminatórias. *David Brownlee* e *George Thomas* expõem que as fraternidades se viam como as “*perpetuadoras de uma casta elitista*”, fomentada pela própria Penn, que classificava as irmandades existentes na *Philadelphia* em classes “A” e “B” (THOMAS; BROWNLEE, 2000: 96-97). Segundo estes autores, os membros da elite tradicional eram recebidos em irmandades classe “A”, enquanto outros grupos, como judeus e negros eram apenas admitidos na classe “B”. A seleção partia, inclusive, de uma listagem preparada pela própria universidade, levando em conta a origem familiar e as posses de cada aluno (THOMAS; BROWNLEE, 2000).

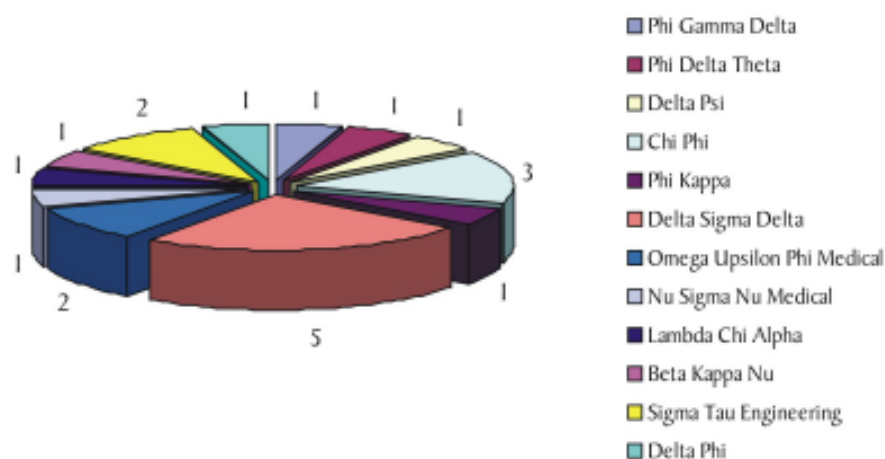
A primeira fraternidade criada na Penn foi a *Delta Psi*, em 1849, ainda na *Old City*. A segunda a ser formada, já no campus foi a *Delta Phi*, seguida de muitas outras. No total geral, foram identificadas 12 variáveis das letras gregas na Penn, onde houve o registro de brasileiros. Nas mais antigas do campus, *Delta Psi* e *Delta Phi*, foram recebidos, respectivamente, Bernardo de Souza Franco Harrah, o primeiro brasileiro formado em *Law* pela Penn, e Juan Clinton Llerena, o último estudante abarcado pelo arco temporal da pesquisa. Contudo, entre estes dois extremos, convém analisar o que significava para os

¹²³ É curioso perceber que um dos primeiros jornais diários e de oposição a ser publicado nos Estados Unidos se deu pelas mãos do neto de *Benjamin Franklin*, *Benjamin Franklin Bache*, na *Philadelphia*, a partir de 1790. Este jornal era denominado de *Aurora General Advertiser*. Talvez não seja mera coincidência que o primeiro jornal publicado em língua portuguesa nos Estados Unidos tenha recebido o nome de *Aurora Brasileira*, já que desde o século XVIII havia notícias de sua circulação tanto em Portugal quanto no Brasil, conforme <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/alm010720032.htm>. Acesso em 09 jan 2007.

¹²⁴ Em fins do século XIX, as mulheres formaram as *sororoties*, que nada mais eram do que a versão feminina das *fraternities*.

brasileiros pertencer a uma fraternidade. A intenção mais forte de pertencer às fraternidades foi a questão de resolver o problema com o alojamento. Tradicionalmente, as fraternidades possuem sedes próprias para abrigar seus membros. Vazadas nos mais diversos estilos arquitetônicos, as casas são identificadas, na fachada, pela presença das letras gregas que as denominam, e permitem entrada restrita apenas aos membros. Em poucas ocasiões as sedes são abertas ao grande público. Cada cidade universidade ostenta, além da denominação grega, geralmente em três letras, e de uso nacional, um nome também formado por uma letra grega, que designa a seção (*Chapter*, em inglês) local. As fraternidades provêm, durante o período de estudos do membro, toda a infra-estrutura necessária para a vida na cidade. No caso da Penn, algumas fraternidades, que tradicionalmente são plurais na área de conhecimento de seus membros, tornaram –se específicas para certos cursos de graduação, como a Fraternidade *Omega Upsilon Phi Medical*, da qual o paulista Benedicto Montenegro e o carioca Henrique Lindenberg participaram.

Gráfico 4:
MEMBROS BRASILEIROS DAS FRATERNIDADES EXISTENTES NA
"UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA", ENTRE 1876 E 1950
fonte: ATIQUE, 2006



Quando não eram recebidos em Fraternidades, os brasileiros habitavam pensões que foram surgindo ao redor da universidade, ou conseguiram vagas em um dos quartos dos *Dorms*, os alojamentos estudantis que, na Penn, foram edificados em 1896 e 1902 (THOMAS; BROWNLEE, 2000: 235-236). Sabe-se que Oscar Centeno Crespo, estudante de *Electrical Engineering*, oriundo de Pelotas, no Rio Grande do Sul, residiu, em 1916, no quarto 54 dos alojamentos da Penn. Algumas famílias que enviaram todos os seus filhos para estudarem na Penn viram, freqüentemente, os irmãos residindo na mesma fraternidade,

como é o caso dos paulistas Filinto de Moraes Pedroso e Arnaldo de Moraes Pedroso, membros da *Delta Sigma Delta*.¹²⁵ Outro exemplo, neste sentido, é o da família Krug, que teve George Henry Krug e Arthur Gillum Krug residindo na Seção *Nu* da Fraternidade *Chi Phi*.¹²⁶

Fora as Fraternidades, os brasileiros também participavam ativamente de agremiações temáticas, como o *Glee Club*, o *Mask and Wig Club*, a *Athletic Association*, a *Varsity Swimming*, os *Varsity Soccer Teams*, a *Eswin T. Darby Dental Society*, a *John Guiteras Medical Society*, a *Tyson Medical Society*, a *Whitney Engineering Society*, a *Electrical Engineering Society*, a *Architectural Society*, e, principalmente, de clubes étnicos, como o *Cosmopolitan Club*, o *Latin American Club* e o *Brazilian Club*. Nesta lista estão agremiações culturais, como o *Glee Club* e o *Mask and Wig*, respectivamente, um coral masculino de grande fama no princípio do século XX, na Penn, e um grupo teatral formado apenas por homens, que se travestiam em mulheres para os papéis femininos. Houve, também, a vinculação de brasileiros aos esportes, por meio das associações esportivas como a *Athletic Association*, a *Varsity Swimming*, e os *Varsity Soccer Teams*, que promoviam disputas inter-universidades e que eram muito famosas, ainda no século XIX, em toda a costa leste estadunidense. As associações de alunos por carreira, como a *Eswin T. Darby Dental Society*, a *John Guiteras Medical Society*, a *Tyson Medical Society*, a *Whitney Engineering Society*, a *Electrical Engineering Society* e a *Architectural Society* devem ser vistas como uma espécie de premiação ao desempenho acadêmico dos brasileiros. Apenas podiam participar delas os estudantes que tivessem obtido médias muito altas no transcurso do período letivo. Os melhores de cada curso eram, então, arrebanhados e participavam de reuniões, muitas vezes recebendo instruções aprofundadas dos mestres de seus respectivos cursos, o que garantia a publicação de suas fotos nos livros de formatura, e a expedição de um certificado de participação que abria portas no mundo profissional.

Algo que chama a atenção foi a procura dos brasileiros por clubes étnicos. Talvez, tentando minorar os efeitos da distância de casa, numa época em que até mesmo os telegramas eram morosos, os brasileiros se reuniam em clubes para praticar o idioma, para auxiliarem uns aos outros, para estudarem juntos e para festejarem. Embora tenham sido verificadas referências à existência de um *Brazilian Club*, aos moldes do que se tem notícia em *Cornell*, nenhum documento oficial sobre ele foi encontrado. Caso ele tenha mesmo existido, como parece, por causa da vinculação de *Sebastião Frageli*, graduado em Engenharia Civil, em 1917, a agremiação deve ter tido vida efêmera. A maioria dos brasileiros se vinculou mesmo ao *Latin American Club*, por vezes também chamado de *Latin American Association*, demonstrando que

¹²⁵ Sobre o irmão mais velho, Alexandrino de Moraes Pedroso, não foi obtida informação sobre o pertencimento à mesma irmandade.

¹²⁶ O irmão caçula dos dois, Bernard McDowell Krug, pertenceu à *Nu Sigma Nu Medical*, mas estudou em período posterior na Penn (1910-1914).

havia uma convivência íntima entre eles e os demais *hispano-descendentes*, sobretudo do continente sul-americano. Na Penn não foi possível achar nenhuma publicação que se comparasse ao *Aurora Brasileira*, mas, por muitos anos, houve a publicação de fotos e dos nomes dos componentes dessas associações, comprovando a presença dos brasileiros.

A convivência entre pares, sejam eles profissionais, como a que se dava nas salas de aulas, ou nacionais, se manteve após a graduação. Foram encontrados documentos que mostraram a fundação de uma entidade, no Brasil, denominada *The Brazilian Society of the Alumni*, com sede à avenida Rio de Janeiro Branco, 107, no Rio de Janeiro. Em 1924, ela era dirigida por um certo *J.R. Haney*, de quem não se obteve maiores informações (ALUMNI ORGANIZATION AND ACTIVITIES, 1924). Anos depois, parece ter sido criada outra associação, a “*The University of Pennsylvania Alumni Association of Brazil*”, também com sede no Rio de Janeiro, na avenida Rio Branco. Ela era presidida, em 1964, por *José Manuel Fernandes*, formado em Engenharia Elétrica, em 1915, e alto funcionário da *General Electric do Brasil*. A data de fundação desta Associação de Ex-Alunos não foi obtida, mas, em ofício datado de 11 de maio de 1964, Fernandes dizia ao presidente da *Alumni Association of the University of Pennsylvania*, *Mr. Gaylord P. Harnwell*, que existiam “*cerca de 180 homens, por todo o Brasil*”, graduados pela Penn. Contudo, ele queixava-se da dificuldade de contatar todos eles.¹²⁷ O mesmo ofício informava que a diretoria da Associação era composta por Dr. Figueiredo Mendes, secretário, e pelos membros do *Special Committee of 1960 Convention*: *Kent Lutey*, o introdutor da fábrica de sorvetes Kibon, no Brasil, e mais *Jorge Mattox*, formado em 1943, *Jorge de Toledo*, *Julio de Moraes* e *Gilbert Strikland* (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER J.M. FERNANDES).

Foi possível verificar a existência, ainda hoje, de uma associação de ex-alunos da Penn, no Brasil. Infelizmente, parece que todos os personagens históricos envolvidos com a primeira *Alumni Association* da Penn, no Brasil, já faleceram, o que impediu o contato com eles. A entidade descoberta se chama *Wharton Brazil* e está sediada no Rio de Janeiro, contando com numerosos membros por todo o país. Pelo histórico dessa associação, percebe-se que não existe ligação alguma entre a primeira e esta (Disponível em www.whartonbrazil.com.br. Acesso em 10 de janeiro de 2007).

Pertencente à chamada *Ivy League*,¹²⁸ que reúne oito das mais antigas instituições de ensino do Nordeste dos Estados Unidos,¹²⁹ a *University of Pennsylvania* teve, ao longo dos séculos XIX e XX, fundamental

¹²⁷ Um trecho do original: “*I think I already told you that we are about 180 men all over Brazil, but very scattered and so it is not easy to contact them or get together*” (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER, J.M. FERNANDES). Esta pesquisa tendo terminado no ano de 1950, não conseguiu detectar o mesmo número apontado por Fernandes no ofício. Contudo, uma breve análise do *Worldwide Alumni Directory*, publicado pela Penn, em 1990, demonstrou que, após a Segunda Guerra Mundial, o número de brasileiros cresceu grandemente, na Penn, sobretudo junto a *Wharton School*.

¹²⁸ *Ivy League* significa, literalmente, “*Liga da Hera*”, nome dado em função da cerimônia celebrada por antigas instituições de ensino, de plantar mudas de heras, no dia da Colação de Grau, nas paredes de seus prédios. A “*Liga*” foi formada apenas em 1954, e tem sua base em Princeton. As

instituições que reúne são: *Brown University* (Providence, Rhode Island); *University of Pennsylvania* (Phialdephia, Pennsylvania); *Cornell University* (Ithaca, New York); *Columbia University* (New York City, New York); *Dartmouth University* (Hanover, New Hampshire); *Harvard University* (Cambridge, Massachusetts); *Princeton University* (Princeton, New Jersey), e *Yale University* (New Heaven, Connecticut). Hoje em dia, dentro das cerimônias de colação de grau, existe uma celebração específica chamada de “*Ivy Day*”, que, no caso da Penn, forçou, por conta da preservação dos edifícios, a transformação do plantio em assentamento de placas de mármore ou granitos, com o desenho da folha de hera, e a identificação do ano de formatura.

¹²⁹ Embora quase todas as instituições pertencentes à *Ivy League* sejam particulares, o forte senso de contribuição que

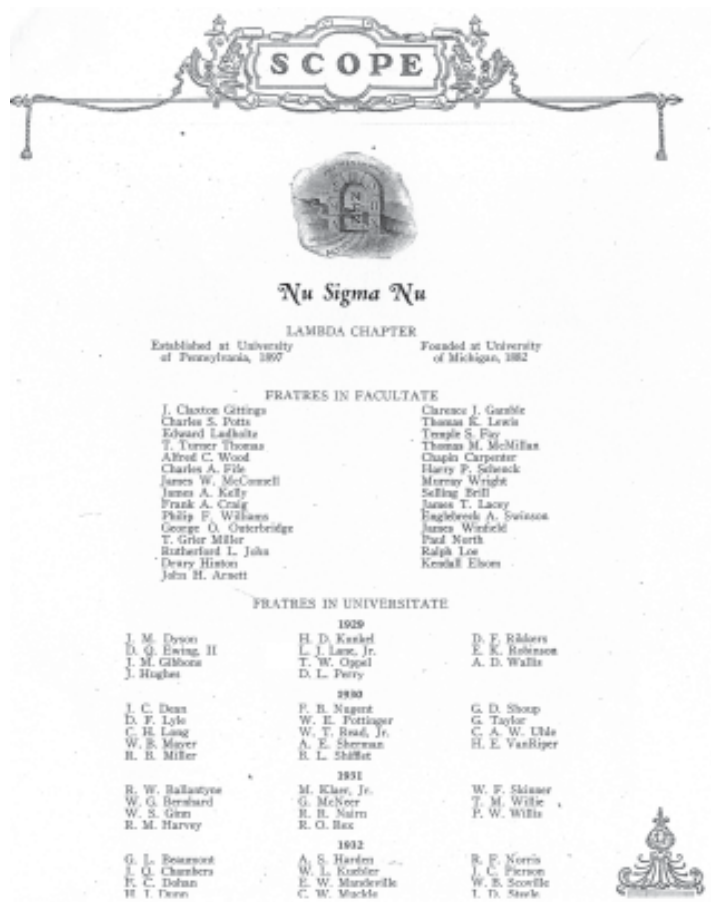


Fig. 152 e 153 - Página do "Medical Scope", mostrando os membros da "Nu Sigma Nu Medical Fraternity". Fonte: The Scope of the Class of 1929.

tiveram na formação intelectual e prática do povo dos Estados Unidos faz com que recebam recursos do governo federal e dos estados norte-americanos onde se situam. Sete das oito universidades foram criadas no período colonial norte-americano, com exceção de *Cornell*, de 1865.

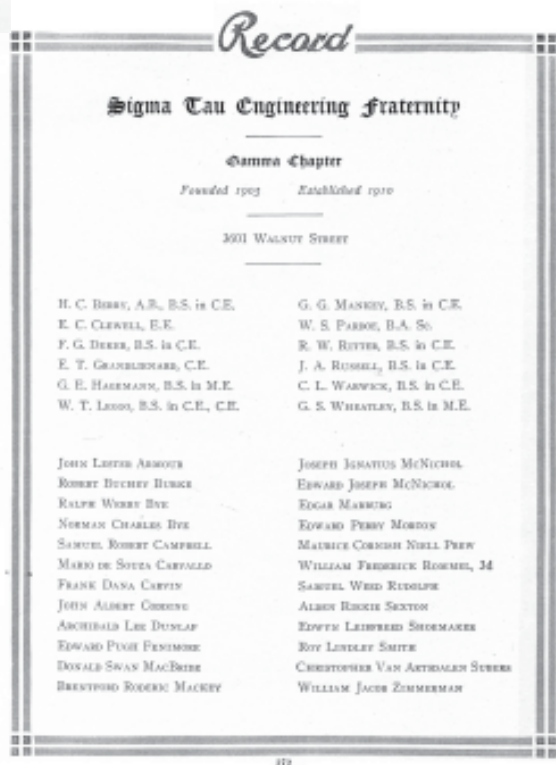


Fig. 156 e 157 - Páginas do "Record of the class of 1916", mostrando Mário de Souza Carvalho entre os graduandos e seu pertencimento à "Sigma Tau Engineering Society". Fonte: The Record of the Class, 1916.

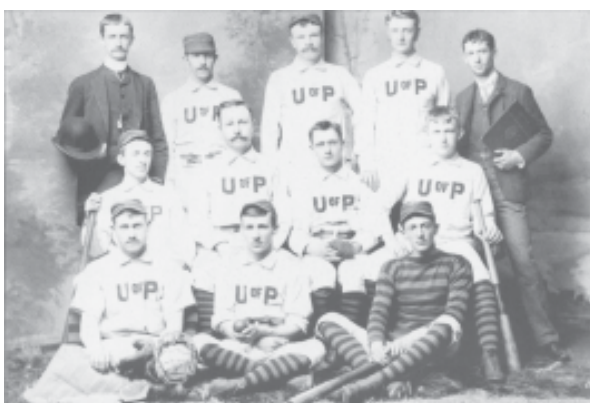


Fig. 158- "The Mask and Wig Club" por volta de 1930. Fonte: HUTCHINS, 2004.

Fig. 159 - Corpo de jogadores de "baseball" da Penn, por volta de 1880. Fonte: HUTCHINS, 2004.

Fig. 160 [à esq.] - Sede da fraternidade "Psi Upsilon" no campus da Penn, também conhecida como "The Castle". Fonte: THOMAS; BROWNLEE, 2000.

Fig. 161 [à dir.] - Fraternidades "Lambda" e "Sigma Delta Tau", na região circundante ao campus da Penn. Fonte: THOMAS; BROWNLEE, 2000.

papel na consolidação da formação educacional de seu país, e seus egressos atingiram vários continentes. Como visto, não tardou para que brasileiros fossem encaminhados para seus bancos escolares e que regressassem ao seu país de origem, trazendo, na bagagem, referências, livros, imagens e posturas profissionais que ajudariam a divulgar o mundo norte-americano, no Brasil.

■ 3.4 – Desenhando as Américas: os Egressos dos Cursos de Arquitetura da Penn e o Brasil

A formação em Arquitetura, na *University of Pennsylvania*, teve início, como visto, em 1873, pelas mãos de *Thomas Webb Richards*. Este curso era oferecido dentro do *College*, e, oficialmente, durava 4 anos, embora, como apontou *Edwin Bateman Morris*, um antigo aluno e professor da casa, os dois primeiros anos de estudo “eram devotados aos estudos acadêmicos – uma seqüência de estudos ‘formadores de mentes’” – e apenas os dois últimos aos de arquitetura, propriamente dita (MORRIS, 1934: 12). O mesmo autor apontou que o fundador dessa carreira na Penn, “*Mr. Richards, parece ter sido uma pessoa de considerável zelo e devoção à causa da Arquitetura, instilando em seus pupilos um entendimento dos princípios do design como ele mesmo os entendia*” (MORRIS, 1934). Carentes de maiores recursos espaciais, as aulas eram ministradas no edifício central da universidade, o *College Hall*, e este prédio, assim como o *Logan Hall* – a sede do curso de medicina –, ambos desenhados por Richards, eram apontados como exemplos de “boa arquitetura” aos alunos. Sendo os dois prédios tributários da arquitetura medieval, embora ostentem muitos ornamentos e volumes típicos de outras referências estilísticas empregadas no século XIX, é fácil se supor quais eram as soluções formais utilizadas pelos alunos em seus trabalhos acadêmicos. A *School of Architecture*, como instituição autônoma do *College*, só foi inaugurada em 7 de outubro de 1890, sob a direção de *Theophilus P. Chandler*, arquiteto atuante na cidade. Um inquérito sobre as *Escolas de Arquitetura nos Estados Unidos* dedicou à Penn um artigo extenso nas páginas da revista *The Architectural Record*, em 1901. Neste artigo, escrito pelo jornalista *Percy C. Stuart*, são encontrados muitos dados acerca das origens dessa escola, alguns dos quais contrariam a própria narrativa histórica consolidada sobre o início do oferecimento dessa carreira na Penn. Em todo caso, a citação a seguir permite vislumbrar alguns pontos interessantes acerca das razões para a criação de um curso de arquitetura:

“A origem e o desenvolvimento da Escola de Arquitetura da University of Pennsylvania ilustram muito bem a necessidade que os membros dessa profissão, na Philadelphia, sentiram por meios que pudessem fazer os jovens com interesse na área receber ensino sistemático e compreensível em arquitetura, e mais, ilustram,

também, o profundo interesse e as ações desses arquitetos no estabelecimento dessa escola. Instigados pela Seção da Philadelphia do American Institute of Architects, uma comissão foi criada, cerca de 12 anos atrás, com o propósito de traçar caminhos e meios de prover a instrução arquitetônica na cidade. A coisa mais sensata a fazer era confiar o projeto à proteção e à asa poderosa da grande Universidade em West Philadelphia. Neste sentido, no ano de 1890, era possível achar o presidente da referida comissão, Mr. T.P. Chandler Jr., supervisionando, de forma modesta, aulas e demais instruções em arquitetura, no piso superior do College Hall, na Universidade” [tradução minha] (ARCHITECTURAL RECORD, 1901: 315).¹³⁰

A versão publicada pela revista desconsidera o papel de Thomas W. Richards. De fato, mesmo nos *Architectural Archives* da Penn, documentação sobre este primeiro período é muito difícil de ser encontrada. Em todo caso, sabe-se que a formação em arquitetura existiu ainda nos anos de 1870 e, de fato, graduou muito poucos profissionais. Os métodos de ensino empregados não são facilmente verificados pela falta de dados nos catálogos e demais publicações da universidade. Estima-se que houvesse a adesão ao curso de arquitetura, sem a necessidade de se cursar os anos básicos do *College*, caso o aluno fosse aprovado em *exames de suficiência*, aplicados pelos docentes da casa. Dessa forma, ao invés de quatro anos, o curso se reduzia a dois. Como algumas publicações acerca do ensino de arquitetura nos Estados Unidos revelam, havia forte ênfase formal no entendimento e na reprodução dos estilos britânicos, e, muitas vezes, a forte tradição de edificação em tijolos da *Philadelphia*, tornava-se condição *sine qua non* dos projetos acadêmicos (FOUNDATION FOR ARCHITECTURE, 1994: 14).

Uma das possíveis causas para esse obnubilar, talvez tenha sido o fato de que, primeiramente, o curso era oferecido dentro do *College*, por meio do *Department of Arts*, passando, depois, para a responsabilidade da escola de engenharia – a *Towne Scientific School* – e, apenas na década de 1890, tornando-se uma escola própria, por mão de *Chandler Jr.* (ARCHITECTURAL RECORD, 1901: 315).

Em todo caso, nos anos 1890, oficializou-se o ensino de Arquitetura na Penn. Neste período, havia, além do curso de bacharelado de quatro anos, um curso de curta duração, designado como *Special Course in Architecture*, que, ao invés de expedir o grau de Bacharel em Arquitetura, emitia um Certificado de Proficiência em Arquitetura, após dois anos. Este curso era destinado a profissionais que tivessem desempenhado, comprovadamente, na área, atuação como desenhistas, construtores ou mestres de obras. Ele se destinava, ainda, a estudantes que tivessem cursado parte de um curso similar em qualquer academia de ensino superior. Quem seguisse o *Special Course*, poderia estender seus estudos mediante um outro curso de *Interior Architecture*, também de dois anos, tendo direito a um diploma especial (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, CATALOGUE AND ANNOUNCEMENTS, 1893-94: 158).¹³¹ A regulamentação

¹³⁰ No original: “The origin and growth of the University of Pennsylvania’s School of Architecture well illustrate the need which the members of the architectural profession in Philadelphia felt for means by which young men of that vicinity might receive systematic and comprehensive training in architecture, and also the deep interest which said members took in the effort to establish that school. At the instigation of the Philadelphia Chapter of the American Institute of Architects a committee was formed about a dozen years ago for the purpose of devising ways and means for providing architectural instruction in that city. The most feasible thing to do seemed to be to confide the infant project to the protecting and powerful wing of the great University in West Philadelphia. Accordingly, in the year 1890, we find the chairman of the said committee, Mr. T.P. Chandler, Jr.,

supervising in a necessarily modest way lectures and instruction in architecture upon the top floor of the College Hall Building at the University” (ARCHITECTURAL RECORD, 1901: 315).

¹³¹ As taxas para os cursos *Regular* e o *Special* eram de US\$ 160 por ano. O curso de *Interior Architecture* era de US\$ 40 por ano (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, CATALOGUE AND ANNOUNCEMENTS, 1893-94: 158).

dessa formação mais curta é um forte indício de que ela já acontecia, de fato, anteriormente, como sugerido acima.

Entretanto, uma ressalva deve ser feita. Há informações, nos catálogos consultados, de que os estudantes que fossem considerados impossibilitados de se encaixar, em um dos dois modelos de cursos propostos, poderiam, ainda assim, ser admitidos como “*Partial Students*” (estudantes parciais) nessas linhas de estudo, conforme seus preparatórios os atestassem aptos (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, CATALOGUE AND ANNOUNCEMENTS, 1893-94: 165).¹³² Toda esta facilidade de se cursar a *University of Pennsylvania* deve ser vista como uma tentativa de atrair o maior número possível de estudantes, já que ela era mantida, em grande medida, pelas taxas cobradas dos matriculados, embora recebesse subvenções estatais. Como, no século XIX, os Estados Unidos ainda padeciam de uma certa desigualdade de instrução entre seus diversos estados, permitir arranjos especiais aos estudantes interessados em cursar as instituições superiores de ensino, garantia uma qualificação do trabalho a ser empregado no desenvolvimento da indústria e dos setores de serviços nacionais. Por outro lado, esta facilidade de acesso favoreceu a chegada de estudantes internacionais que, cientes das diversas possibilidades para a obtenção de uma formação - aliado ao fato de que as taxas se tornavam exauríveis, em função do câmbio desfavorável de suas moedas -, optavam pelos cursos especiais ou parciais, eliminando o problema de pagarem por muitos anos as *tuitions* e as *fees*. No caso da Arquitetura, esta opção foi freqüente, e a grande maioria dos brasileiros que se dirigiram à Penn valeu-se desta possibilidade de formação mais rápida.

A *School of Architecture* passou por diversas remodelações ao longo de sua história. Uma das mais retumbantes foi a contratação de *Paul Philippe Cret*,¹³³ arquiteto diplomado pela *École Nationale de Beaux-Arts de Lyon*, na França, em 1901, e premiado com o *Grand-Prix de Paris* neste mesmo ano, que permitiu o ingresso da *University of Pennsylvania* na tendência estadunidense de afrancesamento de suas graduações em Arquitetura, processada desde meados da década de 1890 (GROSSMAN, 1996: XV). Com a chegada de *Cret*,¹³⁴ o ensino assumiu uma postura mais próxima dos dogmas das *Écoles* francesas, mas não seguiu totalmente o método de ensino nelas empregado. Por força do pragmatismo norte-americano, a formação artística foi simplificada e aliada ao caráter técnico que dominava as formações em engenharia praticadas nas escolas norte-americanas, e de onde, não coincidentemente, a graduação da Penn havia saído há pouco. A segunda reforma diz respeito à transformação, em 1920, da *School of Architecture*, em *School of Fine Arts*, mudança que, mais do que incorporar os cursos de graduação em

¹³² As taxas para os cursos Regular e o Especial eram de US\$ 160 por ano. O curso de Interior Architecture era de US\$ 40 por ano (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, CATALOGUE AND ANNOUNCEMENTS, 1893-94: 158).

¹³³ A melhor fonte para o estudo da trajetória profissional deste arquiteto é o livro de *Elizabeth Greenwell Grossman*, de título *The Civic Architecture of Paul Cret*, editado pela Cambridge University Press, em 1996.

¹³⁴ Muito interessante é notar que *Cret*, em carta enviada a seu tio *Fleury Bernard*, informa acerca de sua aceitação das condições de trabalho na Penn, que incluía liberdade de ensino e salário de 15 mil francos por mês, e, principalmente, que era seu desejo *viver um pouco a vida americana*: “*Me*

voici donc très content puisque tu sais que je désirais tâter un peu de la vie américaine”. (CRET, 1903, citado por GROSSMAN, 1996: 223).



Fig. 162 e 163 - Aspectos das salas de aula nos primórdios do curso de arquitetura da Penn. Até a década de 1910 as aulas eram ministradas no "College Hall", o que forçou a capela do prédio (foto XX) transformar-se em ateliê. Fonte: ARCHITECTURAL RECORD, 1901.

Fig. 164 e 165 - A antiga biblioteca central do Campus, projetada pelo arquiteto Frank Furness, em 1888. Hoje, rebatizada de "Fisher Fine Arts Library" ela abriga apenas os acervos da "School of Design" e todo o material dedicado às artes visuais e gráficas. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

Fig. 166 e 167. Depois de sair do "College Hall" o curso de arquitetura se mudou, na década de 1910, para o antigo prédio da Odontologia, conhecido como "Hayden Hall" ou "Dental Hall". Na foto XX pode-se notar a presença das cadeiras odontológicas na clínica dentária, posteriormente transformada em "studio". Fonte: THOMAS; BROWNLEE, 2000.

música e artes plásticas, tentou traduzir, literalmente, sua vinculação às *Écoles de Beaux-Arts*, embora já ostentasse a separação da carreira do arquiteto em três campos: a do *Architect*, a do *Urban Designer* e a do *Landscape Architect*, seguindo a peculiar estrutura profissional norte-americana (KOYL, 1934:10).

Tendo analisado, mesmo que brevemente, a inserção dos brasileiros na Penn, passa-se, agora, ao estudo mais detido dos arquitetos formados segundo o ideário desta instituição. Como visto, a ministração do curso de arquitetura na Penn passou por diversas fases, e estas alterações de currículo repercutiram no modo como cada um dos egressos desenvolveu sua carreira. Embora tenham sido seis os brasileiros que tiveram passagem pela Arquitetura da Penn, optou-se por analisar, também, dois outros norte-americanos, que desenvolveram grande parte da vida profissional no país. Dessa forma, a este grupo foram acrescentados os nomes de *William Procter Preston* e *John Pollock Curtis*. Serão apresentados, também, dois outros brasileiros que, apesar de não terem concluído a graduação em arquitetura, também servem de exemplo das dificuldades enfrentadas pelos estudantes do Brasil nos Estados Unidos. Estes últimos são Washington Azevedo e Fernando Gama Rodrigues, também egressos do Mackenzie College, em São Paulo. A apresentação de cada um desses personagens históricos¹³⁵ será feita individualmente, seguindo-se a ordem de suas graduações ou permanências nos Estados Unidos.

■ 3.4.1 – GEORGE HENRY KRUG: trajetória eclipsada

Gorge Henry Krug, arquiteto e professor de importantes instituições paulistanas de ensino superior, em fins do século XIX e início do XX, tem sua trajetória profissional muito pouco estudada. Isso tem provocado muita dificuldade na apreensão de seu papel profissional e na análise de seu pensamento. Esparsas referências à sua biografia e obra têm difundido suposições como fatos historicamente comprováveis. Talvez o mais significativo exemplo deste desconhecimento sobre ele seja a confusão acerca de sua nacionalidade. Os poucos estudos a tratar de sua biografia intelectual atribuem a ele a nacionalidade norte-americana, como um californiano de *Fresno*, quando, de fato, ele era natural do interior de São Paulo, conforme atesta seu prontuário de ex-aluno arquivado no *University Archives and Record Center* da *University of Pennsylvania*, na *Philadelphia*. Fora este equívoco inicial, muitas outras informações não foram localizadas pelos poucos historiadores a tratar de sua obra. De qualquer forma, a pesquisa efetuada nos Estados Unidos, se não completou todas as lacunas referentes à obra deste arquiteto, permitiu um avanço significativo acerca de seu papel no campo arquitetônico brasileiro.

¹³⁵ Alguns desses serão enfocados novamente, no capítulo 4 desta tese, por interessarem de perto à chegada do *Mission Style*, ao país.



Coletânea de fotos dos principais engenheiros e arquitetos de São Paulo, publicada em "Impressões do Brasil no Século Vinte". Notar que Domiziano Rossi, nº 7, comparece reconhecidamente como arquiteto

ARQUITECTOS E ENGENHEIROS DA CIDADE DE SÃO PAULO

- | | | | |
|-----------------------------------|------------------------|----------------------------------|--------------------------------|
| 1. Dr. A. C. de França Meirelles | 6. José Rossi | 11. Hippolyto Gustavo | 16. Dr. João Duarte Junior |
| 2. Dr. Antonio Prudente de Moraes | 7. Dr. Domiziano Rossi | 12. Dr. P. P. Ramos de Azevedo | 17. Dr. Augusto Fried |
| 3. O Edifício dr. C. H. Gomar | 8. M. E. Hehl | 13. Dr. Victor Dubogus | 18. Dr. Domingos Alves Muffato |
| 4. Dr. Benjamin G. Corner | 9. Ricardo Severo | 14. Dr. George Krug | |
| 5. Carlos Ilorata | 10. Augusto do Toledo | 15. Dr. Alexandre de Albuquerque | |

Fig. 168 - Colaboradores do arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo . Na célula de número 14 se vê um dos poucos retratos de George Henry Krug. Fonte: LEMOS, 1993.

Nascido em Campinas, interior paulista, em 03 de dezembro de 1860, *George Henry Krug* era filho do alemão *Wilhelm Gustav Heinrich Krug* e da norte-americana *Amely Catherine Bailey Krug*¹³⁶ (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER G. KRUG). Seu pai, como visto anteriormente, era construtor e mantinha ligações com o presbiterianismo, o que lhe permitiu dirigir a construção do *Colégio Internacional*, em Campinas, na década de 1870. A família de George Krug residiu durante alguns anos nos Estados Unidos, vindo, depois, ao Brasil, onde se fixou em Campinas, no último quartel do século XIX, e, posteriormente, em São Paulo, em princípio do século XX. A família Krug é bastante antiga em Campinas, o que explica, em certo sentido, o destino final de Catherine e Wilhelm.¹³⁷ Pelo cruzamento de diversas fontes, pôde-se perceber que o alemão *Wilhelm Krug* imigrou sozinho aos Estados Unidos, onde assumiu o nome *William*, e se casou com *Amely Bailey*, vindo, depois, ao Brasil, em consequência da Guerra de Secessão, como muitos outros imigrantes estadunidenses.¹³⁸ Em lista preparada por *Betty Antunes de Oliveira*, sobre as famílias norte-americanas que entraram no Brasil, entre 1865 e 1885, aparece o registro de *William Krug*. Já no Brasil, o casal teve *George Henry Krug* e *Arthur Gillum Krug*; e, posteriormente, em 1889, em Taubaté, *Bernard McDowell Krug*, o caçula (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, THE MEDICAL SCOPE, 1914).¹³⁹

Nos documentos consultados nos Estados Unidos, principalmente nos arquivos referentes ao ex-alunos, não se obteve muita informação a respeito de George Krug pelo fato de que, muito raramente, ele respondeu às pesquisas encaminhadas aos ex-alunos da instituição. Entretanto, algo extremamente importante foi a descoberta de que os três Krug estudaram na Penn. O primeiro deles, segundo os registros encontrados lá, foi mesmo George, que ingressou no *College*, em 1883, como *Special Student in Architecture*, desligando-se em 1885 (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER KRUG). Entre 1884 e 1885, foi a vez de Arthur Krug se matricular no curso de *Civil Engineering* (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER A. KRUG), e, em 1914, *Bernard McDowell Krug* se graduou em *Medicine* (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, THE MEDICAL SCOPE, 1914). A presença dos três irmãos Krug na *University of Pennsylvania* permite ver que, para além da manutenção dos nomes ao gosto da terra da mãe, a família conservou o ideário de que os Estados Unidos era detentor de uma formação respeitável em cursos superiores. Deve-se expor, todavia, que no momento em que George Krug vai para a Penn estudar arquitetura, São Paulo não contava com nenhum curso que habilitasse a esta prática profissional, e, mesmo em nível nacional, apenas a Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, garantia esta formação, mas, com pouco prestígio (DURAND, 1989: 98). O mesmo ocorreu com relação a seu irmão Arthur Gillum Krug, egresso, em 1885, do curso de Engenharia Civil, da Penn. Em São Paulo as graduações em

¹³⁶ O nome de seu pai foi "americanizado" em seu prontuário na Penn, como *William* e, no Brasil, abreviado para *Guilherme*, a suposta tradução de *William* (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER KRUG). No Brasil, sua mãe é chamada de Amélia Catarina Baley Krug por Ficher (FICHER, 2005: 88).

¹³⁷ Em Campinas estava fixado, desde 1846, *Jorge Krug*, farmacêutico, que recebeu o irmão Francisco, no princípio da década de 1850. Este fundou uma marcenaria, em 1853, uma fábrica de desencaroçar e enfiar algodão, outra de troles, carros e carroças, e uma ferraria, além de envolver-se em atividades comerciais. Este Francisco Krug também teve importante atuação em outros setores da vida local: presidiu a *Sociedade Alemã de Instrução e Leitura*, em 1872; foi acionista da *Cia. Paulista de Estradas de Ferro*; e ocupou

o cargo de agente consular alemão, de 1878 a 1889, quando faleceu, vítima de febre amarela. A manutenção dos negócios ficou a cargo da viúva F. Krug. *Wilhelm* [Guilherme], pai de George Krug, era irmão de Jorge, o farmacêutico, de Francisco, o serralheiro, e de *Anna Krug* que, depois de casada, se tornou *Kupfer*, citada por Carlos Lemos, em Ramos de Azevedo e seu escritório (LEMOS, 1993: 3).

¹³⁸ Sua esposa era originária do estado de *Missouri*, onde nasceu em 1838. Apesar de estar no centro-oeste do país, o estado do Missouri valia-se da mão-de-obra escrava. Contraditoriamente, lutou a favor do *yankees* na Guerra de Secessão, fato que pode ter apressado a vinda da família ao Brasil, em busca de seus familiares.

¹³⁹ Arthur Krug era cerca de 1 ano mais novo que George

Engenharia Civil seriam oferecidas apenas em 1890 e 1896, respectivamente, na Escola Polytechnica e no Mackenzie College, o que, pelo menos parcialmente, explica a busca por esta carreira no exterior.

Ainda com relação ao envio de esses irmãos aos Estados Unidos, afóra a questão de serem filhos de uma norte-americana com um alemão, primeiramente radicado naquele país, e, depois, no Brasil, está o fato de seu pai ter tido grande trânsito junto à elite paulista, o que fez com que o casal seguisse o mesmo costume dessa classe social paulista, que enviava seus filhos para se graduarem em *Cornell* e na própria Penn, como já visto. Embora tenha afirmado, neste capítulo, ter havido uma conexão intencional entre as universidades norte-americanas e as “escolas americanas” do Brasil, no caso dos Krug esta ligação não pôde ser comprovada. Entretanto, sabendo-se que *Wilhelm Krug* foi o construtor do Colégio Internacional em Campinas, e, posteriormente, residiu em São Paulo, envolvendo-se com a execução do Hospital Samaritano, também, presbiteriano, é provável que tenha matriculado os filhos em uma dessas instituições.¹⁴⁰

Embora a vida pregressa de George Krug seja importante de ser analisada, é, contudo, sua presença na Penn que convém ser ressaltada. No ano de 1883, quando aportou na *Philadelphia* para cursar a *University of Pennsylvania*, o curso de Arquitetura era ministrado dentro do College, sob a responsabilidade do professor *Thomas Webb Richards*. Ao contrário do que pode ser pensado, George H. Krug não cursou a graduação convencional oferecida pela Instituição. Ele se matriculou num curso especial, de curta duração, destinado a profissionais que tivessem comprovada atuação na área, como desenhistas, construtores ou mestres de obras, ou, ainda, a estudantes que tivessem cursado parte de um curso similar em qualquer academia de ensino superior reconhecida pela Penn. Como em São Paulo, lugar em que residia até chegar à *Philadelphia*, inexistiam graduações em Arquitetura, é bem provável que Krug tenha sido examinado, levando-se em conta sua atuação com seu pai, muito embora não tenham sido encontradas fontes comprobatórias desta hipótese, em seus registros como estudante.

Este curso especial freqüentado por Krug, até sua entrada, havia diplomado apenas sete estudantes.¹⁴¹ No ano em que obteve o certificado de proficiência em arquitetura, 1885 – os estudantes do curso especial não recebiam o grau de bacharel, como dito – ele foi o único aluno. Não foi possível identificar qual era o programa de curso que estes alunos pioneiros cursaram na Penn. Analisando a mais antiga referência à constituição dessas “*instruções em arquitetura*”, o catálogo de 1872, foi possível detectar que *Thomas Richards* ministrava as disciplinas de “*Drawing – Geometrical and Isometrical Drawing, and Drawing from*

Krug; já Bernard Krug, era 29 anos mais moço que George, já que nasceu em 12 de dezembro de 1889.

¹⁴⁰ Esta possibilidade se mostra muito plausível, haja vista a manutenção de “*heranças norte-americanas*” na vida familiar, como os nomes próprios e a língua. Estando à disposição, e dentro do círculo de contato da família, instituições que ministravam instruções aos moldes norte-americanos, soa como natural que as crianças deste casal fossem educadas neste sistema de ensino, embora a família também tivesse sido ligada a outras duas escolas em Campinas: o *Colégio Culto à Ciência*, e a *Sociedade Alemã de Instrução e Leitura*, atual *Colégio Rio Branco*.

¹⁴¹ A lista de alunos graduados é esta: 1877 - *Horace Wells Sellers*; 1880 - *William Cresson Pritchett Junior*; 1882 – *Albert Maxwell Whitman*; 1883 – *Frank Milles Day, William M. Ellicott*; 1884 – *James Barr. Ferree; Emyln Lamar Stewardson* (ARCHITECTURAL ALUMNI SOCIETY, 1934: 151).

the Flat. Free Hand Sketching”, para o *Freshman Year*, e “*Drawing – Perspective Drawing. Principles of Architecture. Shading in Indian Ink. Ornamental Drawing*”, para o *Sophomore Year* do College. Quando os alunos ingressavam nos seus campos de escolha, como, por exemplo, *Civil Engineering*, Richards se encarregava de ensinar “*Drawing – Use of the Scale and Protractor. Water – colors. Graphical Representations from Geometry. Free Hand Sketching. Ornamentation*”, para o *Freshman Year* deste curso e “*Drawing – Isometric and Linear Perspective. Graphical representations from Descriptive Geometry. Ornamental Drawing. Landscap*”, para o *Sophomore*. Os *Junior Year* e *Senior Year* do curso de *Civil Engineering* estudavam, respectivamente, “*Drawing – Topographical Drawing. Roofs. Bridges*”, e “*Drawing – Plans. Elevations. Sections.*” Os estudantes ainda cursavam as cadeiras de Geometria no *Freshman Year* da Engenharia Civil: “*Descriptive Geometry – Problems, including the Point, Right Line, and Plane*”, e *Descriptive Geometry*, no *Sophomore Year*, que se baseava em “*Practical Problems. Shades, Shadows and Perspective*”, e, no *Junior Year*, “*Descriptive Geometry – Application to Ground Plans. Elevations and Sections*” (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, 1872:9-10,15-16).

Fora estas disciplinas apontadas, os estudantes ainda receberiam instrução obrigatória em Mecânica Teórica, Aquecimento, Som, Iluminação, em Literatura e Língua Alemã, em Literatura Inglesa, em Redação, História, Ciência Social, Eletricidade, Astronomia e Geografia Física (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, 1872:16). Em comparação com o *Special Course in Architecture*, oferecido pela *School of Architecture*, depois de 1890, nota-se que o programa de estudos para a certificação de um arquiteto, nos anos iniciais dessa habilitação na Penn, não era muito diferente do que viria a ser oficializado com a criação da *School of Architecture*. A falta maior recaía sobre os conteúdos de história da arquitetura, que, possivelmente, eram ministrados no momento das aulas práticas, quando da reprodução dos modelos em gesso, e no desenvolvimento de projetos.

Tendo terminado o curso de dois anos, George Krug regressou ao Brasil, não como se pensa, Bacharel em Arquitetura, apenas Proficiente em Arquitetura. Esta diferenciação estava para a arquitetura nos Estados Unidos, assim como o trabalho dos “práticos em odontologia” esteve para os dentistas brasileiros, até os anos de 1960. Contudo, valendo-se do campo de trabalho aberto por seu pai no Brasil, Krug passou a trabalhar junto dele, primeiramente, em Campinas, e, logo em seguida, em São Paulo, certas vezes sendo denominado de *Arquiteto*, outras de *Engenheiro*.

Na capital paulista, pai e filho desenvolveram o projeto do Hospital Evangélico, depois chamado de Hospital Samaritano, inaugurado em 25 de janeiro de 1894, na atual rua Conselheiro Brotero, em Higienópolis. Este edifício teve sua arquitetura vazada dentro das regras compositivas tão caras ao século XIX que, com certeza, fizeram parte do repertório adquirido na Penn. Ainda no bairro de Higienópolis, segundo Maria Cecília Naclério Homem, a firma Guilherme Krug & Filho construiu, como visto, um chalé em “estilo campestre” para Ira .G. Baumgardner, à avenida Higienópolis, 22; duas residências para Martinho Burchard, uma à avenida Higienópolis, 20, e, a outra, à rua Aracaju, além da casa da família, no mesmo bairro (HOMEM, 1981: 79-80, 82-83). Sabe-se que a produção arquitetônica de George Krug era vinculada a programas e estéticas norte-americanas, como emprego freqüente do *Queen Anne Style*, que, apesar de remeter, pela própria nomenclatura, à Grã-Bretanha, era, de fato, uma das mais prolíficas estéticas empregadas nos Estados Unidos. Este fato permite expor que seus vínculos com a pátria onde estudou nunca foram rompidos.

Krug trabalhou para o arquiteto Ramos de Azevedo, antes mesmo que este constituísse o *Escritório Técnico Ramos de Azevedo*, em 1907. Carlos Lemos diz, em **Ramos de Azevedo e seu escritório**, que desde 1886 Krug auxiliava Ramos no desenvolvimento de seus projetos. Este auxílio era apenas um desdobramento natural do relacionamento que seu tio Samuel Malfatti e seu pai *Wilhelm* já mantinham com Ramos de Azevedo, desde Campinas (LEMOS, 1993: 54). Seus afazeres no escritório não foram confirmados, mas devem ter sido os mesmos que couberam a outros colegas, como *Victor Dubugras* e *Maximiliano Hehl*: desenvolvimento de projetos, execução de aquarelas, acompanhamento da execução de detalhes em obras.

Heloisa Barbuy, consultando os processos de construção, reforma e ampliação das edificações do “*Triângulo Histórico de São Paulo*”, até 1914, localizou algumas obras feitas tanto pela firma Guilherme Krug & Filho, quanto apenas por George Krug. Dentre elas, estão a construção do prédio para o *Deutsche Bank*, em 1897, no Largo do Tesouro; a reforma para instalação de um outro banco, na rua do Tesouro, em 1899; a modificação da fachada do imóvel do antigo número 45 da rua da Quitanda, em 1909; a construção de um prédio no Largo da Misericórdia, em 1910; a construção e alterações em edifício nos antigos números, 22, 24 e 36 da rua da Quitanda, entre 1911 e 1914 (BARBUY, 2006: 259 – 285).

Sylvia Ficher relata, também, em sua tese de doutoramento, recentemente publicada em livro pela EDUSP,



Fig. 169 - Chalés de Martinho Burchard, na avenida Higienópolis, projetados por Guilherme Krug & Filho, em 1897. Fonte: *HOMEM*, 1981.

Fig. 170 e 171 - projetos de George Krug com seu pai no "Triângulo Histórico", nas primeiras décadas do século XX. Fonte: *BARBUY*, 2006.

Fig. 172 - Hospital Samaritano, em Higienópolis, São Paulo, em 1900. Fonte: *ELETROPAULO*, 1990.

que, em 1904, Krug e seu pai foram selecionados e premiados com a medalha de Prata na Exposição Internacional de *Saint Louis*, nos Estados Unidos. O projeto apresentado, segundo esta autora, foi o de um armazém para o Engenho Victoria, de propriedade da *E. Johnston & Co.*, em estilo *Queen Anne* simplificado, edificado em São Carlos do Pinhal, hoje, São Carlos, no interior paulista (FICHER, 1989: 108). Na pesquisa efetuada nos catálogos e relatórios oficiais da referida exposição, não foi detectada nenhuma referência a esta premiação alcançada por um escritório brasileiro, embora, como visto no capítulo 2, o Brasil tivesse participado do evento. Em São Carlos também nunca foi possível descobrir onde teriam sido edificados esses armazéns, como, tampouco, obter informações sobre a operação desta firma estadunidense lá.

Já foi relatado, também, que a George Krug competiu, por alguns anos, (1889-1902) a tarefa de Professor na Escola de Engenharia do Mackenzie College, onde ministrou aulas nas cadeiras de Arquitetura e Construção, função que deixou após ter ingressado na Escola Polytechnica de São Paulo, em 1904, mediante votação acontecida entre os membros da Congregação dessa escola, na qual obteve vitória sobre nomes já consagrados, como Euclides da Cunha e Regino Aragão, entre outros. Nesta reunião ficou explícita a proteção de Ramos de Azevedo a George Krug, conforme interessante artigo de José Carlos Barreto de Santana (SANTANA, 1996: 322).

Contudo, paralelamente às suas funções de docente, Krug manteve a firma criada por seu pai, até a morte deste, em 1907. Anos depois, por volta de 1910, associou-se a seu antigo colega no escritório Ramos de Azevedo, e seu então desenhista, *Antonio Garcia Moya*, transformando a razão do escritório de Guilherme Krug & Filho, para Krug, Moya & Cia. Neste período, houve certo incremento no número de suas obras, inclusive no interior do estado, onde, em 1914, realizou uma grande reforma no Colégio Piracicabano, fundado por *Martha Watts*, em 1881, e cujo edifício principal havia sido realizado por *Antonio de Matheus Haussler*, em 1884. Conforme a Secretaria de Turismo de Piracicaba, George Krug atuou, primeiramente, como arquiteto e construtor de um edifício anexo ao colégio, batizado de *Martha Watts*, mas, depois, estendeu seu trabalho à “*reforma da fachada do Edifício Principal de modo que combinasse estilisticamente com o anexo*” (Disponível em www.setur.piracicaba.sp.gov.br/. Acesso em 14 de janeiro de 2007). A nova fachada, então, passou a apresentar “*elementos da arquitetura republicana, do período após a Guerra da Secessão, dos EUA*”, possivelmente, do já citado *Federal Style*, praticado nesta época em todo o Brasil.

A partir de 1916, ano em que se tornou catedrático da Polytechnica, Krug assumiu a direção das obras da nova catedral de São Paulo, até então tocadas por seu colega *Maximiliano Hehl*. Esteve diretamente vinculado a elas, até sua morte, em 1919. Pelo que parece, George Krug nunca trabalhou com seu irmão Arthur Krug, engenheiro civil. A presença de Arthur Krug na firma, se deu, segundo Sylvia Ficher, após a morte do titular do escritório, que se tornou, então, *Krug, Moya & Malfatti*, e, depois, apenas *Moya & Malfatti* (FICHER, 1989: 109). Nos anos 1920, sabe-se que Arthur Krug desenvolvia atividades como um dos diretores-fundadores da *American Chamber of Commerce*, em São Paulo (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER A.G. KRUG). Crê-se que o envolvimento no escritório do irmão deva ter ocorrido para liquidar obras pendentes, até encontrar sucessor ao trabalho.

George Krug era tio de Guilherme Malfatti, arquiteto pela Escola de Belas Artes de São Paulo, em 1933, e de Anita Malfatti, pintora modernista. Filhos de *Eleonora Elizabeth Krug Malfatti*, irmã de George, ambos foram alunos do Mackenzie College, e, sabe-se, com certeza, que Anita Catarina Malfatti foi apadrinhada pelo tio, após perder o pai, o construtor italiano, Samuel Malfatti. A atitude de mecenas de George Krug levou Anita Malfatti a estudar na Alemanha, a partir de 1910, e na *Independent School of Art*, em *New York*, entre 1914 e 1916. Envolvendo-se com a Arte Moderna, desagradou seu tio, mas não rompeu com os preceitos modernistas. Guilherme Malfatti tornou-se herdeiro do escritório do tio e, só depois, se formou arquiteto.¹⁴² No campo da regulamentação profissional, Krug fez parte da Sociedade de Arquitetos de São Paulo, fundada em 1911, e do Instituto de Engenharia, fundado em 1917, dentro da Polytechnica, como expõe, Carlos Lemos, quase que numa continuação natural daquela agremiação profissional pioneira (LEMOS, 1993: 83).

Não se sabe muito sobre a descendência deste arquiteto, fato que demonstra que, embora tenha dado contribuições inegáveis para o desenvolvimento da profissão de arquiteto em São Paulo, sua trajetória ainda se encontra eclipsada, devendo ser estudada mais profundamente em outros trabalhos da área.

■ 3.4.2 - WILLIAM PROCTER PRESTON: trajetória revelada

O segundo egresso da *University of Pennsylvania* a trabalhar com Arquitetura no Brasil foi *William Procter Preston*.¹⁴³ Este foi o primeiro norte-americano localizado pela pesquisa que imigrou ao Brasil para exercer a profissão. Nascido em 19 de outubro de 1877, na *Philadelphia*, estado da *Pennsylvania*, *William P.*

¹⁴² A casa do arquiteto foi publicada em *Acrópole*, em fevereiro de 1940, no número 22, às páginas 16-19. Ela, apesar de remeter a muitos elementos estilísticos, apresenta forte ênfase em soluções do neocolonial brasileiro, e mesmo do *Mission Style*, como portas com serralheria artísticas e arcadas. Talvez essa seja uma pista para o estudo do escopo de referências empregadas na *Escola de Belas Artes de São Paulo*, depois de 1925.

¹⁴³ Há certa divergência na grafia do "middle-name" de Preston. Em diversos documentos aparece o nome *Proctor*, em outros, *Procter*. Por ter percebido que o arquiteto grafava seu nome com a vogal "e", optou-se, neste trabalho, por esta grafia, embora se saiba que ambos se referem à mesma pessoa.

Preston era filho de *David Preston* e de *Harriet Hoskins*. Com 18 anos, ingressou no curso de Arquitetura da Penn, diplomando-se, como *Bachelor in Sciences – Architecture*, em 1900. Antes, concluiu o ensino secundário na *Central Manual Training School*, na mesma cidade.

Pela análise dos diversos documentos encontrados nos arquivos da Penn, referentes à sua vida escolar, bem como à sua trajetória como egresso, foi possível detectar que *Preston* serviu na guerra contra a Espanha, em 1898, guerra que rendeu a anexação de Porto Rico aos Estados Unidos. A participação de *Preston* neste combate se deu, além de estar em idade militar, como muitos outros colegas da *University of Pennsylvania*, pelo fato de ele cursar uma graduação que adquiria caráter estratégico na leitura e compreensão do espaço mediante a leitura de plantas e mapas. Seu preparo físico, conseguido por meio de intensa vida esportiva na universidade - ele participou de vários times esportivos, como o *Football Team*, o *Track Team* e o *Varsity Crew* -, também o fazia apto às atividades militares (A RECORD OF THE CLASS OF NINETEEN HUNDRED: 39; A RECORD OF THE CLASS OF 1899: 49). Sua participação nesta guerra durou três meses. A patente adquirida por *William P. Preston* foi a de *Volunteer Engineer* do *First Regiment of US Army*, a despeito de ser estudante de arquitetura (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER W.P. PRESTON). Ferido, após três meses de luta, retornou à *Philadelphia*. Contudo, este espaço de tempo o fez adiar em 1 ano sua graduação, que ao invés de ocorrer em 1899, aconteceu, de fato, em 1900. O currículo pedagógico cursado por *Preston* foi o primeiro mantido pela *School of Architecture* e consistia nas disciplinas apresentadas no quadro disposto na seqüência:

OUADRO 5:

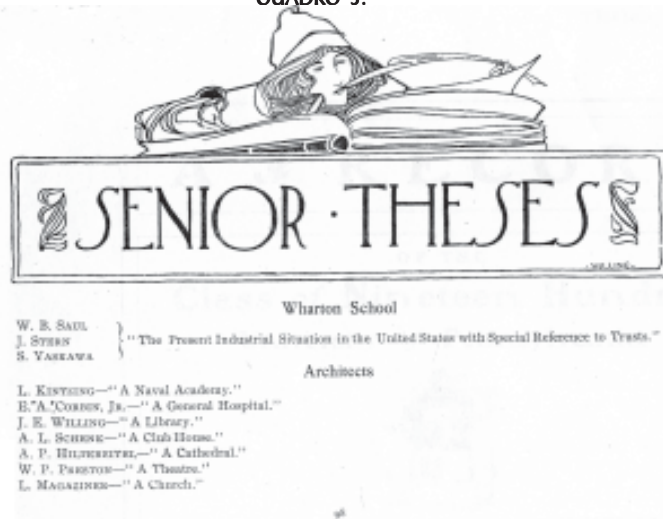


Fig. 173 - Página do "Record of the Class of 1900", em que se nota o título do trabalho de conclusão de curso de *William P. Preston*. Fonte: Record of the Class of 1900.

CURRICULUM OF THE FOUR YEAR COURSE IN ARCHITECTURE AT THE SCHOOL OF ARCHITECTURE - PENN .

COURSES IN ARCHITECTURE

FOUR YEAR COURSE

FRESHMAN YEAR (A)*(Architectural Studies)*

ARCHITECTURE, A1 - Freehand Drawing	Five hours	Mr. Dawson
ARCHITECTURE, A2 - Mechanical Drawing	Three hours – first term	Mr. Dawson
ARCHITECTURE, A3 - Elements of Architecture	Three hours – first term	Mr. Millard
ARCHITECTURE, A4 - Elementary Design	Three hours – second term	Mr. Millard
ARCHITECTURE, A5 - Descriptive Geometry	Two hours – second term	Mr. Millard
<i>(Other Studies Required)</i>		
ENGLISH 1 – Rhetoric	Two hours	Mr. Penniman
ENGLISH LANGUAGE 1 – English Language and Analysis	One hour	Professor Easton
GERMAN 6 each student elects 1 of the 2 languages only	Five hours	Mr. Wesselhoeft
FRENCH 4	Five hours	Prof. Rennert and Mr. Lorenz
MATHEMATICS 1 - Algebra	Two hours	Dr. Schwatt
MATHEMATICS 3 – Solid Geometry	Two hours (part of 1st term)	Dr. Schwatt
MATHEMATICS 5 – Plane Trigonometry	Two hours (part of 1st and 2nd Terms).	Dr. Schwatt
CHEMISTRY 1	Three hours	Professor Smith, Dr. Ohly, Mr. Shinn and Mr. Moyer
SANITARY SCIENCE - Hygiene	One hour	Dr. Faries
PHYSICAL EDUCATION - Lectures, examinations and exercises in gym	Three hours	Dr. Faries

SOPHOMORE YEAR (B)*(Architectural Studies)*

ARCHITECTURE, B1 - Freehand Drawing	Five hours	Mr. Dawson
ARCHITECTURE, B2 – Shades and Shadows	Three hours – first term Two hours – second term	Mr. Millard
ARCHITECTURE, B3 – Working Drawings	Three hours – first term Two hours – second term	Mr. Millard
ARCHITECTURE, B4 - Elementary Building Construction	One hour – second term	Professor Laird
ARCHITECTURE, B5 - Perspective	Three hours – second term	Mr. Dawson
ARCHITECTURE, B6 – The Orders of Architecture	Eight hours – first term	Professor Laird
ARCHITECTURE, B7 – Sketch Design	—	Mr. Millard
ARCHITECTURE, B8 - Design	Twelve hours – second term	Mr. Millard
ARCHITECTURE, C8 – History of Architecture	One hour (through-out two years).	
<i>(Other Studies Required)</i>		
ENGLISH LITERATURE 1 – Modern Essayists.	Three hours – first term	Professor Schelling and Mr. Smith
ENGLISH LITERATURE 2 – Modern Novelists	Three hours – second term	Professor Schelling and Mr. Penniman
FRENCH 3 One of these two languages only /	Three hours	Professor Rennert

one selected in Freshman year is required		
GERMAN 3	Three hours	Professor Seidensticker
MATHEMATICS 10 – Analytic Geometry	Three hours	Professor Kendall
PHYSICS 1 – Elementary Practical Physics	Three hours	Assist. Prof. Goodspeed
PHYSICAL EDUCATION – Examinations and exercises in gymnasium	Two hours	Dr. Faries
JUNIOR YEAR (C)		
ARCHITECTURE, C1 – Freehand Drawing	Six hours	Mr. Everett
ARCHITECTURE, C2 - Sketching	Three hours – part of first and second terms	Mr. Everett
ARCHITECTURE, C3 – Pen and Ink Rendering	Two hours	Mr. Eyre
ARCHITECTURE, C4 - Modeling	Three hours	Mr. Plasschaert
ARCHITECTURE, C5 – Water Color Drawing	Three hours	Professor Dana
ARCHITECTURE, C6 – Sketch Design	Fifteen hours	Assistant Professor Seeler
ARCHITECTURE, C8 – History of Architecture	One hour through two years	Prof. Laird and lecturers
ARCHITECTURE, C9 – History of Ornament	One hour (part of one term)	Mr. Everett
ARCHITECTURE, C10 – Mechanic of Materials	Two hours – first term	Mr. Millard
ARCHITECTURE, C11 – Graphical Statistics	Two hours – second term	Professor Laird
CIVIL ENGINEERING, 39 – Theory of Surveying	Three hours – first term	Mr. Worthington
ARCHITECTURE, C12 – Advanced Building Construction	1 hour – part of first and second terms	Mr. Boyden
SANITARY SCIENCE, 2 – plumbing and drainage	One hour – second term	Dr. Abbott
ARCHITECTURE, A, B, C 1 – Summer Sketching	_____	Mr. Everett
ARCHITECTURE A, B, C 2 – Office Work	_____	_____
SENIOR YEAR (D)		
<i>(Architectural Studies)</i>		
ARCHITECTURE, D1 – Freehand Drawing	Six hours	Mr. Everett
ARCHITECTURE, D2 - Sketching	Three hours – part of first and second terms	Mr. Everett
ARCHITECTURE, D3 – Pen and Ink Rendering	Two hours	Mr. Eyre
ARCHITECTURE, D5 – Water Color Drawing	Three hours	Mr. Everett
ARCHITECTURE, D6 – Sketch Design	_____	Assist. Professor Seeler
ARCHITECTURE, D7 - Design	Twenty hours - major part of year	Assist. Professor Seeler
ARCHITECTURE, D8 - Thesis	Twenty-five hours – major part of second term	Assist. Professor Seeler
ARCHITECTURE, D9 - Acoustics	One hour – part of one term	Professor Laird
ARCHITECTURE, D10 – Specifications and Estimates	One hour	Appointment to be made from the Corps of Lecturers on Architecture
ARCHITECTURE, D11 – Professional Practice	One hour	_____

Fonte: *Catalogue and Announcements, 1893-1894:159-162.*

Por não ter sido possível localizar seu prontuário de estudante, não se sabe o aproveitamento obtido em cada disciplina por ele cursada. Todavia, seu trabalho de graduação, ou *Senior Thesis*, conforme publicado pelo **Record of the Class of Nineteen Hundred** foi “*A Theatre*” (THE RECORD OF THE CLASS OF NINETEEN HUNDRED: 98). Ainda durante a graduação, há indicações de que tenha participado da *Architetcural Society*, por um ano, e de que auxiliou a equipe de editores do **Record of the Class of 1899** na publicação dessa obra (A RECORD OF THE CLASS OF 1899: XXX).

Depois de graduado, Preston mudou-se para *Austin*, no *Texas*, onde trabalhou como *Architectural Draughtsman*¹⁴⁴ para *J.L. O'Connor Architecture*, pelo menos até fins de 1901 (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER W.P. PRESTON). Num dos formulários enviados a ele pela *The General Alumni Society of the University of Pennsylvania*, em 1911, *Preston* informou, ao devolvê-lo preenchido, que ainda residia no *Texas*, na cidade de *Abilene*,¹⁴⁵ desenvolvendo, pelo que transparece de suas informações, carreira solo como arquiteto (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER W.P. PRESTON).

Em 1921, seu nome figura entre os participantes da *Sociedade Central de Architectos* do Rio de Janeiro, onde desempenhava a função de tesoureiro (ARCHITECTURA NO BRASIL, 1921, n.1:24). No Rio, Preston montou escritório com um colega de universidade, *John Pollock Curtis*, analisado na seqüência deste capítulo. Em 1923, escreveu, a pedido da interessante revista **Art and Archaeology**, publicada pela *The Archaeological Society of Washington*, um artigo chamado *Architecture of the Brazil Centennial Exposition*. A realização da Exposição do Centenário da Independência do Brasil deu chance a Curtis para mostrar seus laços de relacionamento social no país, e permite, hoje, aos leitores, encontrarem, em pormenores, descrições dos edifícios erigidos para aquele evento (ART AND ARCHAEOLOGY, 1923, n.3: 95-114).

O Professor Carlos Lemos, por ter tido acesso à correspondência trocada entre *Preston* e a empresa *Light and Power*, em meados da década de 1920, cartas que não foram encontradas novamente, diz que *Preston* e *Curtis* mantiveram escritório em *New York*, com mesma denominação encontrada no Rio de Janeiro (LEMOS, 1993: 96). O motivo dessa correspondência era o desenvolvimento de uma das primeiras referências à atuação dessa dupla, no Brasil: o projeto da sede da empresa anglo-canadense em São Paulo, no antigo sítio ocupado pelo Teatro São José, ao lado do Viaduto do Chá. Entretanto, em 5 de maio

¹⁴⁴ Este termo pode ser entendido como projetista, em português.

¹⁴⁵ Interessante é notar que *Abilene* era a cidade em que *John Pollock Curtis*, seu futuro sócio, residiu durante os estudos secundários. É possível que o contato entre os dois tenha começado antes do ingresso de *Curtis* na Penn.

de 1927, o diretor da *Fine Arts School*, Professor *Warren P. Laird* enviou uma carta a *Preston*, endereçando-a à *The Rio de Janeiro Tranway, Light and Power Co. Ltd.*, de onde se pode subentender que *Preston* estivesse ligado, oficialmente, ao braço carioca da empresa anglo-canadense. Em todo caso, a carta do antigo professor permite afirmar a presença deste arquiteto no Brasil, e não em *New York*, nesta data (CARTA DE W.P. LAIRD A WILLIAM P. PRESTON, 05/05/1927).

Este projeto da sede da *Light*, em São Paulo, datado de 1924, deve ter sido encomendado à dupla pelo fato de terem contatos com outros engenheiros da empresa, sobretudo com colegas egressos da mesma universidade, formados em *Electrical Engineering*. O edifício começou a ser construído, em 1925, pelo Escritório Técnico Ramos de Azevedo, de São Paulo. A inauguração aconteceu em 1929, e o prédio recebeu o nome de *Alexandre Mackenzie*, referenciando-se ao antigo presidente do grupo, *Alexander Mackenzie*.¹⁴⁶ As referências espaciais do edifício são nitidamente norte-americanas. Desenvolvido em um bloco uno, o projeto debruça-se sobre o Vale do Anhangabaú, permitindo que seja visto em várias cotas, quer da rua Xavier de Toledo, do Viaduto do Chá ou da Rua Formosa, via que se incorporou ao projeto original, após expansão projetada e realizada pelo Escritório Severo e Villares, sucessor do Escritório Técnico Ramos de Azevedo, no final da década de 1930.

O projeto concebido pelos norte-americanos explicita muitas referências às lojas de departamento em expansão nos Estados Unidos e na Europa naquele momento, além de edifícios institucionais vazados dentro do repertório *Beaux-Arts* praticado nas *Fine Art Schools* americanas, e que *Preston* chamava de *French Renaissance*. Uma das referências mais apontadas por críticos de arquitetura para o prédio é a do *Pacific Mutual Building*, de *Los Angeles*, edifício projetado por *John Parkinson* e *Edwin Bergstrom*, em 1908. É possível detectar, também, claras referências à loja de departamentos *Selfridge's*, de Londres, fundada pelo norte-americano *Gordon Selfridge*, em 1909, e edificada segundo os riscos do projeto arquitetônico de *Daniel Burnham* (Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Selfridges>. Acesso em 17 jan 2007). Estas referências atestam que *Preston* e *Curtis* praticaram com repertório arquitetônico e programático norte-americano no país.

Mediante a papelaria encontrada em seu prontuário na Penn, foi possível detectar que no final da década de 1920, o escritório estava em franco crescimento, uma vez que ocupava um andar da rua Buenos Aires, no centro do Rio de Janeiro, com telefone e serviço telegráfico. Por meio de um cartão profissional foi

¹⁴⁶ Ver maiores dados sobre a ação da *Light and Power* no capítulo 2 desta tese.

possível, também, detectar que ambos pertenciam ao Instituto Central de Architectos do Rio, e ao *American Institute of Architects* – AIA – nos Estados Unidos (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER W.P. PRESTON). Por saber dessa vinculação ao órgão de classe carioca e das dimensões do escritório, refuta-se a idéia sugerida por Lemos, de que o escritório da dupla foi mantido no Rio de Janeiro apenas durante as obras da *Light*, que, como visto, nem foram tocadas por eles, e com duração efêmera (LEMOS, 1993: 96). O livro publicado pela Penn para comemorar os 60 anos do oferecimento da disciplina Arquitetura naquela Universidade, também mostra *Preston* como residente no Brasil (THE BOOK OF THE SCHOOL, 1934: 156). Entretanto, mesmo verificando certa projeção junto à sociedade carioca, não foi possível detectar, até o momento de redação deste capítulo, outros projetos deste escritório, o que indica a necessidade de um estudo mais aprofundado em ocasiões futuras.

William Procter Preston retornou aos Estados Unidos, mais precisamente ao *Texas*, na década de 1950. Conforme ofício encaminhado à Penn, pelo *United States of America Operations Mission to Brasil*, assinado por *Audrey Paterson*, em 17 de março de 1955, ele faleceu, em meados de 1954, naquele país (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER W.P. PRESTON). Sua trajetória no Brasil, contudo, confirmou uma conexão da Penn com o país, que estava encoberta até o início da pesquisa para esta tese.

■ 3.4.3 – JOHN POLLOCK CURTIS: da Arquitetura à Embaixada

Assim como *William Procter Preston*, *John Pollock Curtis* imigrou dos Estados Unidos para o Brasil para desenvolver sua carreira como arquiteto. Nascido em 28 de julho de 1888, em *New Orleans*, estado da *Louisiana*, ele era filho de *David Martin* e *Fannie S. Curtis*. Seu prontuário de ex-aluno indica que ele concluiu o ensino secundário no *Simmons College*, em *Abilene*, no *Texas*, cidade na qual ainda residia quando de sua graduação (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER J.P. CURTIS).

Formado pela *School of Architecture* da Penn, em 1909, Curtis foi aluno logo após a chegada de *Paul Philippe Cret* à universidade. A chegada de *Cret*, em 1903, estava inscrita numa tendência de sofisticação dos métodos de ensino das academias norte-americanas de arte e arquitetura, que saíram em busca de alunos egressos de escolas seguidoras do modelo *Beaux-Arts*, na França. *John P. Curtis* foi estudante de destaque na instituição, como atestam a medalha de bronze, conquistada numa competição estudantil promovida pela Penn, e a sua participação na seleta *Architectural Society*, da qual foi tesoureiro e editor do



Fig. 174 - Fotografia oficial dos formandos de 1900 da "University of Pennsylvania", na escadaria da atual "Fisher Fine Arts Library". William Proctor Preston é o único homem usando chapéu, no lado esquerdo da fotografia. Fonte: Record of the Class of 1900.

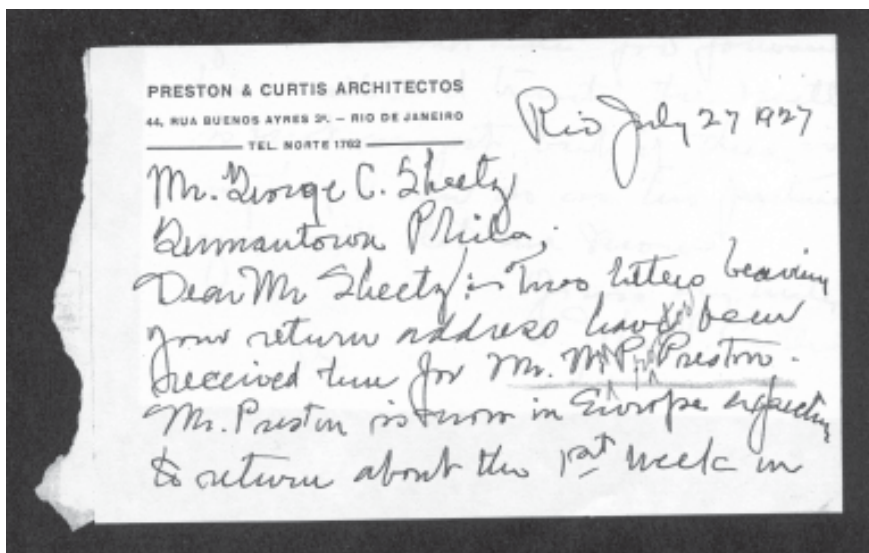
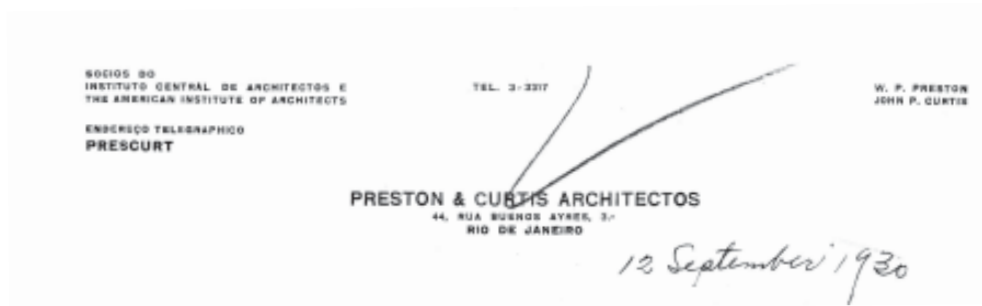


Fig. 175 e 176 - Papéis timbrados do escritório de Preston e Curtis, mostrando endereço no Rio de Janeiro e o pertencimento a instituições profissionais cariocas. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.



Fig. 177 - Loja de departamentos "Selfridges", em London. Fonte: www.freefoto.com/browse.jsp?id=31-11-4. Acesso em 30 mai 2007.

Fig. 178 - Edifício Alexander Mackenzie, a sede da Cia. Light and Power Co. Ltd., em São Paulo, projetada por Preston e Curtis. Imagem da construção. Fonte: ELETROPAULO, 1990.

Fig. 179 - Aspecto do edifício Alexander Mackenzie num cartão postal de 1940. Fonte: Acervo particular de Fernando Atique.

Architectural School Year Book (THE RECORD OF THE CLASS OF 1909: 31).

A formação de *Curtis* foi um pouco diferente da de *Preston*. As mudanças aconteceram principalmente por força do prestígio que *Paul Philippe Cret* impingiu à formação *Beaux-Arts*, e, em igual medida, à sua própria pessoa como docente, o que fez com que seus alunos e colegas o "reverenciassem por seus talentos" e acatassem suas instruções com "entusiasmo", conforme a dedicatória do livro de formandos de 1911, que foi a ele ofertada. *Paul Cret* assumiu as disciplinas de *Design*, (*Projeto*, em português). *Elizabeth Grossman*, analisando a carreira de *Paul Cret*, traçou um paralelismo entre *Jean-Louis Pascal* (1837-1920), "patron" de *Cret* em Paris, e os métodos de ensino deste, na Penn. Segundo esta autora, *Paul Cret* fazia o mesmo que seu mestre francês: aceitava o projeto gerado pelo aluno e o fazia nele trabalhar até alcançar o ideal de harmonia e escala (GROSSMAN, 1996: 8). Dessa forma, pode-se notar que *Curtis* foi talhado dentro do ideal de que o projeto é fruto de um processo de trabalho e não apenas da genialidade de poucos agraciados.

Ainda na Penn, *Curtis* foi vice-presidente do *Southern Club* e presidente do *Texas Club*, agremiações culturais mantidas pelos alunos da universidade. Depois de graduado, *Curtis* foi para a *Harvard University*, onde obteve o *Master in Architecture*, em 1915 (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER J.P. CURTIS). Após esta data, sabe-se que ele residiu em *Los Angeles*, na *California*, momento em que deve ter tomado contato com o *Mutual Financial Building*, que ele e seu futuro sócio, *William P. Preston*, teriam como referência, nos anos 1920, para o projeto da sede da *Light and Power*, em São Paulo.

Sabe-se que, em 1921, *Curtis* já residia no Brasil, pois tomou parte na fundação da Sociedade Central de Architectos do Rio de Janeiro, assumindo, inclusive, cadeira junto ao conselho administrativo da entidade (ARCHITECTURA NO BRASIL, 1921, n.1:24). Nesta época, possivelmente, ele já estava casado com *Clara Walther*, com quem teve dois filhos, *John Walther Curtis* e *David Stith Curtis* (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER J.P. CURTIS).

Sua trajetória profissional no Brasil seguiu os mesmos passos da de *Preston*, de quem foi sócio por muitos anos. Com exceção do edifício Alexandre Mackenzie, nenhuma outra obra de sua lavra foi localizada até o momento de redação desta tese. Contudo, uma informação deve ser acrescentada a esta breve biografia intelectual. *Curtis* foi, a partir de 1943, analista econômico e trabalhava como "Auxilliary Officer", na

Embaixada Americana, no Rio de Janeiro, colaborando com o período da consolidação da *Boa Vizinhança*, por meio do *United States of America Operations Mission to Brasil* (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER J.P. CURTIS).

William Procter Preston faleceu no Rio de Janeiro, em novembro de 1954, conforme ofício encaminhado à Penn, por *Audrey Paterson*, em 17 de março de 1955, o mesmo ofício que anunciou a morte de seu sócio, Curtis, naquele mesmo ano (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER W.P. PRESTON).

■ 3.4.4 - CHRISTIANO STOCKLER DAS NEVES: discípulo da 'Fine Arts', não da 'Beaux-Arts'

Christiano Stockler das Neves nasceu em Casa Branca, interior de São Paulo, em 1889. Seu pai, o engenheiro agrônomo Samuel das Neves, era formado em Agronomia pela Imperial Escola Agrícola da Bahia, de São Bento das Lages, em 1882. O início da carreira de seu pai se deu na construção de estradas de ferro, na Bahia, e no projeto de engenhos de açúcar para uma empresa de nome *Bahia Sugar Factories*. Quando em São Paulo, em meados da década de 1880, Samuel das Neves executou uma série de serviços de agrimensura, principalmente para o governo estadual. Foi por causa desses serviços que Christiano das Neves nasceu em Casa Branca, cidade onde seu pai havia se fixado a serviço. A mãe de das Neves era Elisa Augusta Stockler das Neves, com quem seu pai havia casado anos antes.

A vivência ao lado do pai permitiu a Christiano das Neves entender a questão arquitetônica sob o ponto de vista comercial, antes de rumar para os Estados Unidos. A firma de seu pai era especializada em projetos para a alta burguesia paulista e construía muito, valendo-se de profissionais estrangeiros, recém-chegados à capital (PEREIRA, 2005: 237).

Nos primeiros anos do século XX, o rival maior do escritório de Samuel das Neves era o Escritório de Ramos de Azevedo que, ao contrário do de Neves, que não possuía em seus quadros, nenhum arquiteto fixo, era repleto de profissionais diplomados na Europa e nos Estados Unidos (LEMOS, 1993). Embora a profissão de arquiteto e de engenheiro ainda não fossem regulamentadas, nessa época, no Brasil, o que garantia a Samuel das Neves o direito de projetar arquitetura, a concorrência era ferrenha, e os profissionais empregados por Ramos de Azevedo, muitas vezes, roubavam a cena e os projetos de Samuel das Neves,

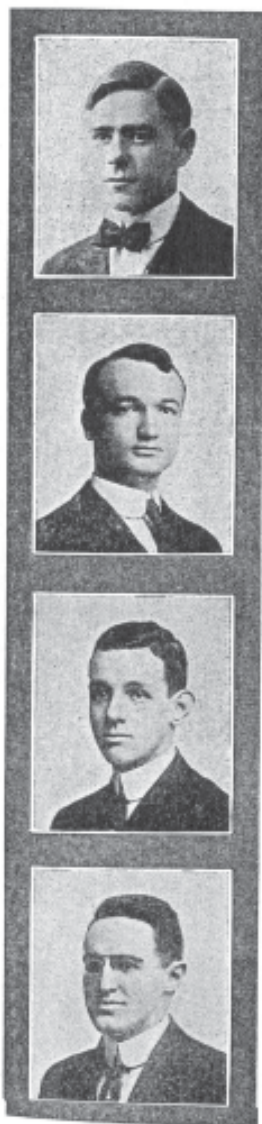
ARCHITECTURAL SOCIETY



Erikson Meislahn Newberry Law Robinson Lawrence Oens Gebhardt
Robeson Beneker Wetzel Austin Pollock Hall Senior Winbigler Dunbar Koyl
Grunwell Rinehart Rummell Hitchens Bartholomew Bankes Bristol Altman
Fetter Hokanson Curtis Schmidt Putnam Register Caldwell White Dice

Fig. 180 - Página publicada no "Record of the Class of 1909", mostrando os membros da "Architectural Society". Dentre os membros pode-se ver John Pollock Curtis. Fonte: Record of the Class of 1900.

THE UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA



CHARLES HOWARD COX

"Coxey"

88 Walnut Street, Bridgeton, N. J.

Chemistry.

Born March 23, 1886.

Son of James D. and Laura J. Cox.

Entered Freshman Year; South Jersey Institute, Bridgeton, N. J. Ewing Chemical Society (1) (2); Priestly Chemical Society (3) (4). Wrestling Team (3) (4). Second Place, Intercollegiate Wrestling Meet (3). New Jersey Club (1) (2) (3) (4).

JOHN POLLOCK CURTIS

"Curt" "Johnnie" "Jack"

226 Orange Street, Abilene, Texas.

Architecture.

Born July 28, 1888, at New Orleans, La.

Son of David Martin and Fannie S. Curtis.

Entered Freshman Year; Simmons College, Abilene, Texas. Treasurer Architectural Club (4); President Texas Club (4); Vice President Southern Club (4). Editor Architectural School Year Book (4).

SAMUEL HARVEY DAY, A Y

"Harve" "Sam"

"Rockford," Wilmington, Del.

Arts.

Born February 2, 1887, Rockland, Del.

Son of Thomas J. and Mary E. Day.

Entered Freshman Year; Delaware State College, Wilmington High School. Deutscher Verein (1) (2) (3) (4); Ewing Chemical Club (1); Priestley Chemical Society (2). Junior Week Committee; Senior Picture Committee. Delaware State Club (2) (3) (4); President (3).

VERE ROYCE DECROW, A Y

"Deck" "Count" "deKoven"

401 Delaware Avenue, Buffalo, N. Y.

Mechanical Engineering.

Born January 15, 1886, at Lockport, N. Y.

Son of D. A. and Cora Inez Decrow.

Entered Freshman Year. Scalp and Blade (1) (2) (3) (4). Sophomore Poster Committee; Bowl Fight Committee (2); Junior Banquet Committee (3). Glee Club (2) (3); Cercle Français (1) (2). Leader, "Gibson Girls," and "Premiere Danseuse" in University Circus (3).

Page Thirty-one

Fig. 181 - Página publicada no "Record of the Class of 1909", com os formandos de 1909. Fonte: Record of the Class of 1900.

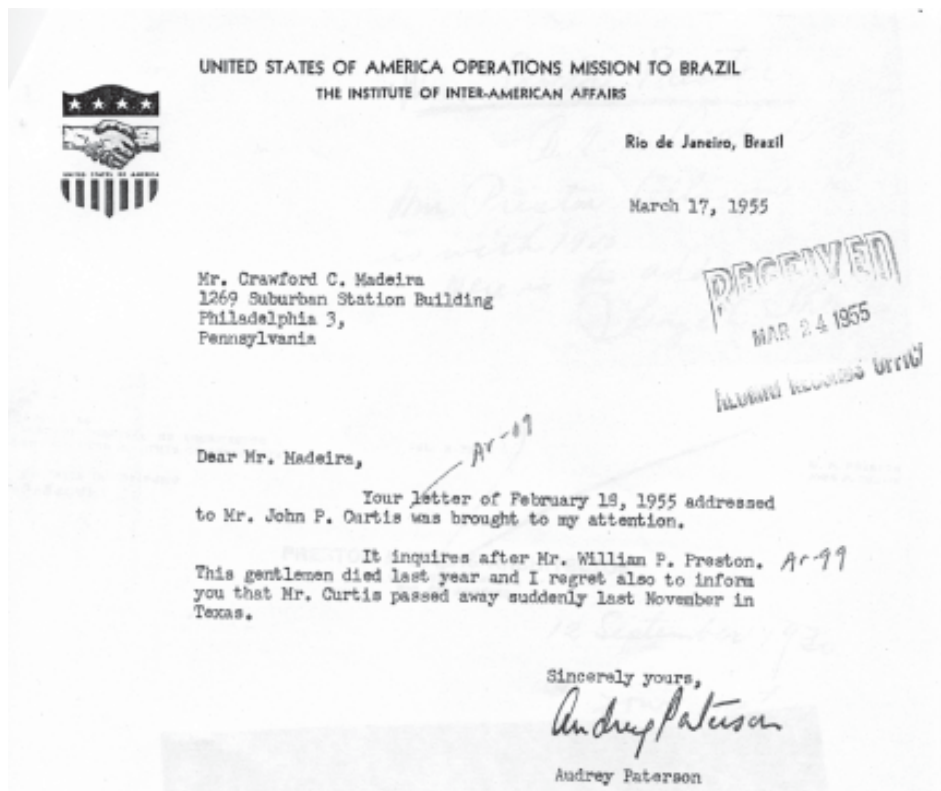


Fig. 182 - Documento remetido à Penn informando sobre o falecimento de John Pollock Curtis. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

Fig. 183 - A obra mais conhecida de Curtis, no Brasil: o edifício Alexander Mackenzie, no Vale do Anhangabaú, em São Paulo. Fonte: JARDIM et al, 2003.

que se via, então, forçado a desenvolver detalhamentos e construir para outros engenheiros e arquitetos, dentre eles George Krug, que também colaborava com Ramos de Azevedo.

Como aponta o arquiteto Gustavo Pereira, na dissertação de mestrado ***Christiano Stockler das Neves e a formação do Curso de Arquitetura no Mackenzie College***, de 2005,

“Tentando suprir essa carência, em 1907, Christiano submeteu-se a exames de admissão na Escola Politécnica, onde obteve aprovação no curso, que tinha a duração de seis anos: três anos do curso fundamental e três com matérias específicas de arquitetura. No ano seguinte, após cursar algumas semanas, descontente com a metodologia de ensino e o conteúdo do curso, transferiu-se para os E.U.A.” (PEREIRA, 2005: 239).

Como visto linhas atrás, havia a possibilidade de transferir-se para uma escola superior norte-americana, e muitas opções descortinavam-se aos estudantes brasileiros. Embora não tenha feito seus estudos secundários no Mackenzie College, o que o transportaria diretamente para o sistema de ensino do estado de *New York*, Christiano das Neves, segundo aponta Maria Teresa de Stockler e Breia Szolnoky, estudou parte do ensino de segundo grau, no *Colégio São Bento*, e parte no Instituto Macedo Soares, na avenida São Luiz, onde aprendeu inglês e francês (SZOLNOKY, 1995: 132). O proprietário deste instituto era ex-embaixador nos Estados Unidos e povoou a mente de Neves de histórias e referências aos Estados Unidos, plantando-lhe o desejo de graduar-se na “*Terra do Tio Sam*”.

Neste ponto, convém checar a procedência das informações disponibilizadas pelos dois autores citados. Szolnoky afirma que Christiano das Neves só ficou sabendo da existência da *University of Pennsylvania* quando já se encontrava nos Estados Unidos, mais precisamente na cidade de *Syracuse*, hospedado na casa de uma família americano-brasileira. A proximidade desta cidade com a *Cornell University*, tradicional no ensino de arquitetura, e com fortes vínculos brasileiros, leva a supor, embora a autora não faça tal relação, que das Neves intentava matricular-se no curso de arquitetura daquela instituição (SZOLNOKY, 1995:133). Por sua vez, Gustavo Pereira afirma que Christiano das Neves saiu do Brasil determinado a estudar na Penn, motivado, quem sabe, pelo contato com George Krug (PEREIRA, 2005:239). Entretanto, enquanto a idéia de que Krug tenha motivado Neves a buscar a Penn pareça procedente, o autor parece indicar que Neves rumou para os Estados Unidos em 1908, logo após desistir da Escola Polytechnica.

Há de ser ressaltado que ambos os autores fornecem a informação de que Neves chegou a cursar por um ano a Polytechnica, abandonando-a em prol dos Estados Unidos. Durante a pesquisa, o prontuário de

Neves, na Polytechnica, não foi localizado, dificuldade enfrentada também por Pereira, que argumenta que apenas os diplomados pela escola em questão tiveram arquivos mantidos, o que, como visto, não era o caso de Christiano das Neves (PEREIRA, 2005: 246). A informação de que Stockler das Neves era proveniente da Escola Polytechnica de São Paulo foi encontrada várias vezes em seu prontuário na Penn, onde, efetivamente se matriculou em 23 de setembro de 1909 (THE RECORD OF THE CLASS OF 1911).

Stockler das Neves não optou, assim como *George Krug*, pelo curso regular de diplomação de Bacharéis, mas, sim, pelo *Special Course*, de dois anos. Segundo sua *ficha do aluno*, ele foi admitido após exames de proficiência em *Desenho à Mão Livre* e de *História da Arquitetura*, ocorridos, ambos, em 01 de abril de 1910, um semestre após sua matrícula oficial, na Penn. O que causa estranheza é o fato de ele não ter apresentado certificação que o dispensasse de disciplinas cursadas na Polytechnica, já que, pelos autores citados, ele a frequentou por mais de um ano. Possivelmente, esses exames de proficiência foram aplicados em lugar do recebimento de seu histórico escolar na Polytechnica, o que levanta suspeitas de sua real frequência à instituição paulistana, muito embora a Penn o tenha considerado egresso dela (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER C.S. DAS NEVES).

Na Penn, Christiano das Neves vivenciou o período de modificações nas aulas de *Design* implementadas pelo arquiteto *Paul Philippe Cret*, que procurou adequar a formação tradicional da *École de Beaux-Arts* aos sistemas norte-americanos, sobretudo o que expedia certificados de proficiência na carreira, a cada dois anos, ao invés dos longos anos de estudo dispendidos numa instituição francesa. Embora mais rápido e mais barato do que o curso de quatro anos, as horas necessárias para o cumprimento ideal desse curso eram muitas. Como a *School of Architecture* enfatizava em seu catálogo de disciplinas, “o estudo de desenho é então enfatizado, exigindo um dispêndio significativo de tempo ao longo do curso em seus temas preparatórios e adicionais” (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, CATALOGUE, 1910-1911: 147).

As disciplinas cursadas por Christiano Stockler das Neves foram, no primeiro ano: *Elements of Architecture*, *Elements of Design – Grade I*, *Shades and Shadows*, *Perspective*, *Design – Grade II e III*, *Freehand Drawing*, *Architectural History (Ancient and Medieval)*; *Historical Ornament*, *Water Color Drawing*, *Carpentry and Construction*, *Masonry and Iron and Physical Education*, perfazendo um total de 24 unidades de crédito. No segundo ano eram oferecidas as disciplinas de *Design – Grade III*, *Architectural History*

(*Renaissance and Modern*), *Design – Grades IV e V*, *Free Handing Drawing*, *Graphic Statics*, *Masonry & Iron Construction*, *Capentry*, *Hygiene*, *Heat and Ventilation*, *Plumbing and Draining*, *Water Color Rendering*, *History of Sculpture*, *Professional Practice*, *Special Lectures e Physical Education*, o que perfazia, também, um total de 24 unidades (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, CATALOGUE, 1910-1911: 147).

Não foram encontradas informações extra-aulas, durante o seu período de estudos na Penn. Aparentemente, ele não se envolveu com nenhuma atividade extra-curricular, como clubes ou associações musicais, dando a entender que permaneceu dedicado aos estudos, talvez para satisfazer às exigências de seu pai, que, *a priori*, não concordava com sua ida aos Estados Unidos em busca de diplomação (SZOLNOKY, 1995:131).

A certificação de Stockler das Neves ocorreu em 21 de junho de 1911. Logo em seguida, assim como acontecera com Gilberto Freyre, Stockler das Neves embarcou para a Europa, onde permaneceu seis meses, visitando 26 localidades em diversos pontos daquele continente (SZOLNOLY, 1995: 134).

No Brasil, em 1912, associou-se ao seu pai, dando origem ao escritório *Samuel A. das Neves – Engenheiro – e Christiano Stockler das Neves – Architecto*. A dupla trabalhou junta por mais de 25 anos, edificando construções públicas e particulares e consolidando um nicho de mercado, aberto no final dos oitocentos por Samuel das Neves, na São Paulo que se industrializava. Como mostra Gustavo Pereira, a chegada Stockler das Neves

“ao escritório de Samuel das Neves, em 1912, acarretou uma alteração profunda em sua estrutura: o escritório assumiu o papel do moderno escritório de arquitetura e engenharia com mão de obra especializada de desenhistas e engenheiros que eram contratados como especialistas conforme a demanda de projetos. Analisando esse conjunto de desenhos dos escritórios, podemos constatar que, com [sua] chegada da Pennsylvania, a partir de 1912, a qualidade e a riqueza gráfica dos desenhos se aprimorou de forma radical” (PEREIRA, 2005: 252).

O mesmo autor, após analisar detidamente o acervo do escritório, guardado nesta casa, embora com o acesso proibido em função do péssimo estado de conservação, conseguiu mapear duas fases, uma que vai da chegada de Stockler das Neves, em 1912, até 1940, na qual, segundo Pereira, o egresso da Penn projetava seguindo o que ele definiu de estilo

“‘Luís XVI modernizado’, que era uma mistura de citações de elementos neoclássicos de origem francesa,

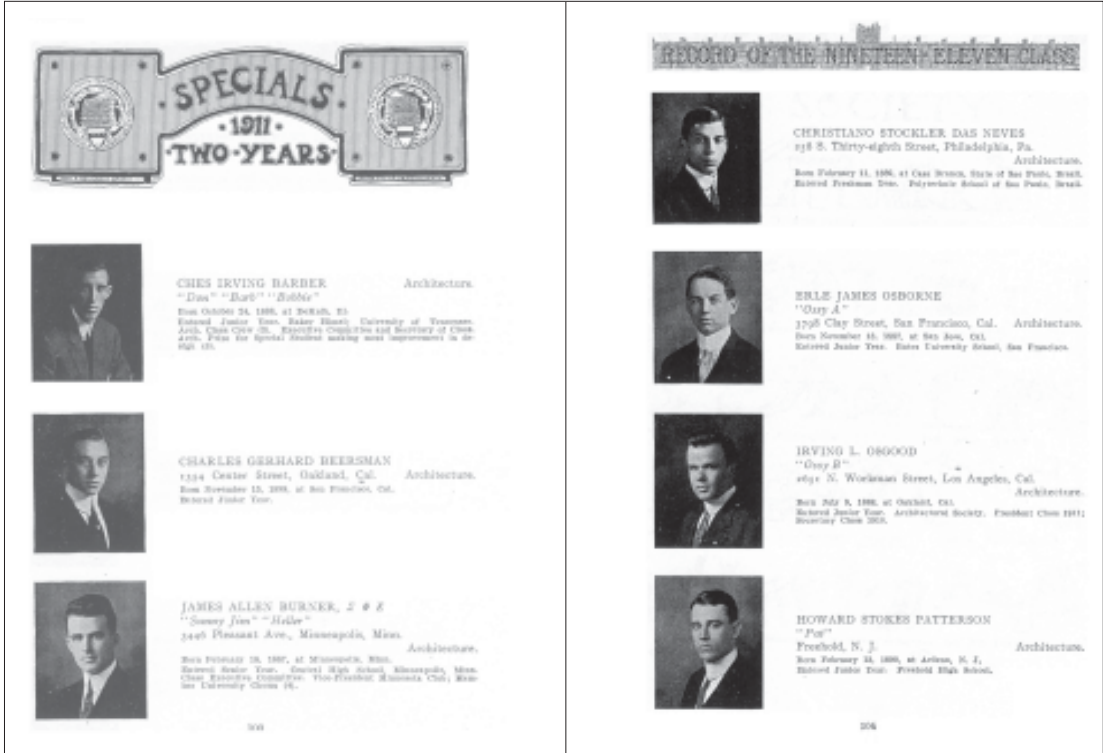


Fig. 184 - Páginas do "Record of the Class of 1911", mostrando a certificação de Christiano Stockler das Neves como "Special Student" na Penn. Fonte: Record of the Class of 1911.

Fig. 185 - Cabeçalho da "papelaria" do escritório de Samuel e Christiano das Neves, em São Paulo. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

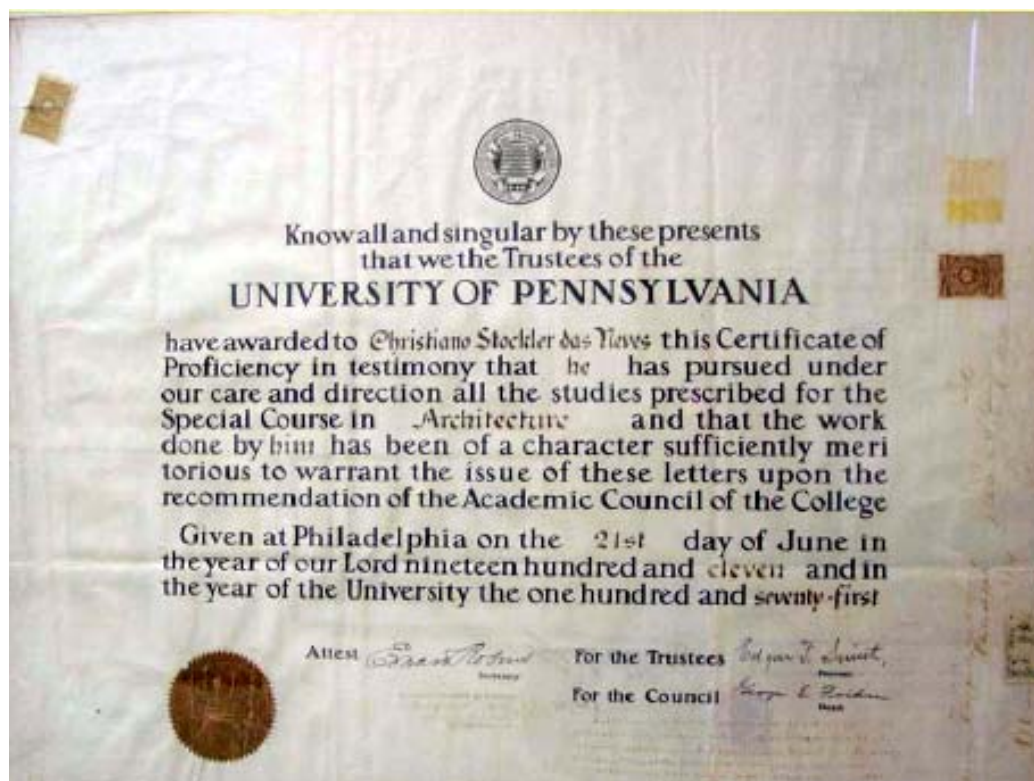


Fig. 186 - Diploma de Christiano Stockler das Neves como "Special Student", na Penn. Fonte: PEREIRA, 2005.

To Prof. Cret
with best wishes for
a merry Christmas and
a Happy New Year
Christiano das Neves



Fig. 187 - Dedicatória de Christiano das Neves a seu antigo Professor Paul Philippe Cret, quando do envio de alguns projetos seus aos Estados Unidos, visando publicação. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

Fig. 188 - Projeto para a Estação Central do Rio de Janeiro, conforme encaminhada por Neves a Warren P. Laird e Paul Cret. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

Fig. 189 - Projeto para o Terminal de Passageiros, em São Paulo, conforme enviado por Neves para apreciação na Penn. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

PROMINENT PENNSYLVANIANS



CHRISTIANO S. DAS NEVES

MAYOR

Christiano S. Das Neves, '11 Ar., has been elected mayor of Sao Paulo, Brazil. Prominent in his profession, he founded the architectural department at Sao Paulo's Mackenzie College in 1917, and is a past professor and dean. He received gold medals at the Pan American Architectural Expositions in 1927 and 1930 as well as a prize of honor in the former year. He has designed numerous public and private buildings in his own city as well as in Rio de Janeiro. He is a past officer of many professional and social organizations and is honorary president of the Brazilian Red Cross.



JOHN N. AITKEN, JR.

ACCOUNTANT

John N. Aitken, Jr., '16 Ev, is a senior member of Mathieson, Aitken and Company, certified public accountants in Philadelphia, all of whose partners attended the University. After association with various accounting firms for several years, he received his Pennsylvania certificate in 1921, and was immediately admitted to partnership in the firm with which he was then affiliated. He helped found his present firm in 1929. He is a member and past president and treasurer of the Pennsylvania CPAs, and has held administrative positions in the American Institute of Accountants.

EXECUTIVE

David W. Hopkins, '16 ME, is executive vice-president of the R-S Products Company of Philadelphia, manufacturing engineers. After graduation he engaged in aeronautical engineering research at MIT, subsequently serving as naval pilot in World War I. Early in his career he was consulting engineer and vice-president of V. E. Montgomery Co. (Ohio). His continual research in valve instruction and performance at the University has led to basic advances in the field. He joined his present organization in 1939. He is a member of Sphinx and Hexagon Senior Societies.



DIRECTOR

Colonel Sir Thomas Ellis Robins, '04 C, is resident director of the British South Africa Company in Southern Rhodesia. Distinguished as an undergraduate, when he edited the *Pennsylvanian* and the *Record*, was a Mask and Wig Club member, managed the football team and was elected to Phi Beta Kappa and Sphinx Senior Society, he won the state's first Rhodes Scholarship in 1904. He became a British subject in 1912, and after outstanding military service, repeated in World War II, he joined his present organization in 1928 and was knighted in 1946. His military, business and civic honors would fill twice the space available; suffice it to say he is a luminary of the first magnitude in the Pennsylvania alumni firmament.



DAVID W. HOPKINS



COL. SIR THOMAS E. ROBINS

Fig. 190 - Embora o período de Christiano das Neves como prefeito de São Paulo tenha sido muito curto (9 meses), foi suficiente para que a Penn tomasse ciência da notícia, e entrasse em contato com o ex-aluno visando sua inserção no rol de ilustres egressos. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

adaptados e simplificados segundo a ótica pragmática norte-americana. Como primeiro a difundir tal estilo na construção civil paulistana, Christiano tentava forjar uma aura de modernidade, sofisticação e inovação, se comparado com as tendências então predominantes na cidade, ou seja, os estilos italianizantes dos capomastri” (PEREIRA, 2005: 252-253).

A segunda fase, para Pereira, ocorreu depois dos anos 1940, e foi marcada pelo “clássico modernizado” – linguagem amplamente utilizada pelos arquitetos norte-americanos para projetar seus arranha-céus, mantendo as regras e proporções clássicas, mas com um razoável despojamento estilístico. Estas duas fases são as mesmas que se podem verificar na carreira de *Paul Philippe Cret*, apenas atentando para o fato de que o professor francês de Stockler das Neves faleceu em 1936, o que o obrigou a antecipar a utilização deste ‘clássico modernizado’ para o final dos anos 1920.

Aliás, percebe-se mediante todo o material publicado por Christiano Stockler das Neves na imprensa brasileira, sobretudo nas páginas da revista ***Architectura e Construções***, que *Paul Cret* era para ele, uma espécie de *messias*, alguém de quem gostaria de ser próximo, e de alcançar elogios, como uma carta datada de 05 de dezembro de 1923, enviada ao *Professor Warren P. Laird*, seu antigo ‘*dean*’, demonstra, ao pedir que o seu antigo mestre enviasse uma resenha crítica acerca dos projetos que acabara de executar para duas estações de trem, uma em São Paulo e, outra, no Rio de Janeiro. Nela, Neves pede que *Laird* intercedesse pedindo a *Cret* este “favor”. Aliás, algo que comprova a maneira como Christiano das Neves via a sua antiga escola é esta carta, cujos trechos, estão a seguir:

“De acordo com o que eu o escrevi tempos atrás, Eu recebi uma encomenda do meu Governo para projetar as duas mais importantes estações de trem deste país, uma nesta cidade, e, a maior delas, para o Rio de Janeiro.

Da estação de São Paulo eu mandei uma fotografia da elevação frontal e, agora, eu estou enviando um jogo completo de fotos da Grande Estação Central do Rio de Janeiro.

(...)

Eu apreciaria muito de ter a sua e a opinião do Professor Cret sobre este meu trabalho.

Agora, eu peço um grande favor: Caso o senhor veja que estes desenhos merecem ser publicados em qualquer importante revista americana de Arquitetura, eu solicito que interceda junto ao editor, por mim.

(...) Como o senhor pode ver, meu trabalho foi feito seguindo esses maravilhosos planos dos grandes terminais de seu país, com as necessárias adaptações que me foram dadas. Agora, se os membros da Junta ferroviária e outros do Governo brasileiro virem meu trabalho publicado numa revista estrangeira, eles prestarão mais atenção. (...) Seria muito bom se o Professor Cret mandasse-me sua crítica escrita em francês. O senhor, por favor, o pediria a ele este favor?” [tradução minha] (CARTA DE C.S. DAS NEVES A W.P. LAIRD, 05 dez 1923; LAIRD PAPERS).

Anos depois, descontente com o cancelamento de sua obra para a Estação da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, e de seu afastamento das obras da Estação da Sorocabana, em São Paulo, Stockler das Neves aproveitou um contato efetuado por *Warren Laird* para, em resposta, explicitar seu desejo de ir trabalhar nos Estados Unidos:

“Como o senhor vê, é horrivelmente difícil ser um arquiteto aqui neste país, e eu penso que o mesmo ocorre em toda a América do Sul. (...) Se eu pudesse obter uma boa posição num escritório de Arquitetura nos “States” eu iria embora. Você pensa que lá [sic] haveria qualquer oportunidade para mim com algum dos seus amigos? Eu tenho 16 anos de experiência em importantes trabalhos (...) Eu tenho muita prática em construções em concreto armado também, e em construções gerais, além de sua superintendência, e em todo trabalho de escritório. Eu tenho 10 anos de experiência como professor de Arquitetura. Eu ministrei cursos em “Elements”, em consonância com seus métodos, e História, Construções e Design [Projeto]. (...). Eu não sou ambicioso. Eu apenas gostaria de uma posição que me desse um viver decente e, também, que me permitisse dar educação às minhas três crianças.¹⁴⁷ Eu falo francês, italiano, espanhol, português e inglês, esta última, não tão bem quanto as outras línguas” (CARTA DE C.S. DAS NEVES A W.P. LAIRD, 21 jun 1927; LAIRD PAPERS).

Como referenciado na carta, Stockler das Neves foi o fundador do curso de arquitetura do Mackenzie College, em 1917, bem como o primeiro diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie, em 1947, ano em que foi criada. Partidário das concepções de beleza clássica e de que a *“arquitetura não era ciência”*, Stockler impregnou o curso do Mackenzie desses princípios, que eram plenamente aceitos pela sociedade e por seus pares naquelas décadas do século XX. A maneira como se deu a fundação do curso de Arquitetura do Mackenzie College foi assim descrita por Neves, em depoimento recuperado por Szolnoky:

“Verificando que a arquitetura em nosso país tinha um grande futuro, praticada então, por um número limitado de arquitetos, tivemos a idéia de fundar um curso de arquitetura, nos moldes inigualáveis das universidades norte-americanas. (...) efetivamente, sem visarmos qualquer interesse pecuniário, ocorreu-nos apresentar nossa idéia ao Mackenzie College, instituição livre e a única que estava em condições de aceitá-la, por adotar os mesmos métodos de ensino que fizeram a grandeza da terra do Tio Sam. (...) Fundador do curso de Arquitetura da Escola de Engenharia Mackenzie College, onde leciono desde 1917, tenho procurado conseguir um programa de estudos, tal que são estes ministrados na Universidade de Pennsylvania, cuja escola de arquitetura é a melhor organização que se conhece, incontestavelmente, para o ensino dessa bela arte. (...) Modelada pela École de Beaux-Arts, de Paris, a Universidade de Pennsylvania oferece a vantagem de uma melhor organização de ensino, aliado à riqueza de sua biblioteca e museu, o confortável espaço de suas magníficas salas para classes de desenhos, laboratórios, além da comodidade que uma rica instituição americana oferece ao estudante. (...) Orientado pelos seus ensinamentos adapto o mesmo sistema no Mackenzie, graças à benevolência e alto critério de um outro eminente educador, Dr. A.W. Waddell” (SZOLNOKY, 1995: 198).

¹⁴⁷ Neves se casou, com 21 anos de idade, com *Zita Guimarães*, com quem teve, Elza, em 1914, Christiano Filho, em 1919, e Zita, em 1921 (SZOLNOKY, 1995: 146).

Premiado em diversos concursos públicos e em Exposições Pan-Americanas de Arquitetura, quer diretamente, quer por meio do Mackenzie College, instituição na qual chegou a ser vice-reitor, construiu uma carreira calcada na franqueza, demonstrada, muitas vezes, nas páginas da imprensa, por onde atacava as posturas que contradissem suas crenças. Contudo, seus artigos demonstram uma simpatia pelas inovações americanas, de forma muito curiosa. Apesar de ser opositor declarado da arquitetura neocolonial e de seus maiores defensores, José Marianno Filho e Ricardo Severo, Stockler teceu, algumas vezes, elogios a essa manifestação, talvez pela adesão de *Paul Philippe Cret* a estas manifestações, como nos projetos para o *Pan American Union Building*, de 1907 e a biblioteca da *Texas University*, de princípio dos anos 1930:

"Attribuo esse movimento, formado por um pequeno numero de adeptos, a uma simples imitação do que americanos fizeram em relação á architectura colonial da Califórnia. É preciso, porém, considerar que as construcções modernas da Califórnia são originarias da Hespanha, muitíssimo mais fecunda em architectura [do que Portugal]. Os architectos americanos têm muita razão em desenvolver esta architectura, que, realmente, possui motivos bellissimos; há architectos americanos que se dedicam quasi exclusivamente a esse estylo, a que chamam 'Spanish Renaissance' e que o têm desenvolvido com grande proficiencia, devido ás viagens que fazem á Hespanha e Mexico. Esse é o estylo que devíamos cultivar por ser realmente agradável e adaptavel ao nosso clima e á nossa natureza [grifo meu]. Nos 'films' americanos os leitores terão occasião de observar as construcções nesse estylo" (NEVES, 1919: 41).

Como se vê, o problema não estava na arquitetura neocolonial,¹⁴⁸ mas nas fontes que a alimentavam, no caso do Brasil, a pouca beleza presente na arquitetura do passado português (SOUZA, 2004: 93). No trecho citado, demonstrando conhecer a produção arquitetônica norte-americana, Stockler comentou as "construções modernas" vindas da *California*. Entretanto, nos poucos estudos que tratam de sua obra, nunca se aponta a dimensão de sua simpatia pelos Estados Unidos, nem sequer pelo "*Spanish Renaissance*", conhecido também como *Mission Style*, ou estilo missões. É possível afirmar em relação a esse repertório demonstrado por Neves, que ele conhecia vários livros que divulgaram o *Mission Style* pelo mundo, sobretudo os do arquiteto *Rexford Newcomb*,¹⁴⁹ já que uma das principais obras desse autor, *Mediterranean Domestic Architecture in the United States*, fazia parte da biblioteca do Mackenzie (ATIQUÉ, 2005c).

Em 1947, o mesmo ano em que a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie fora criada, Christiano Stockler das Neves assumiu a prefeitura de São Paulo, por um curto período de tempo. Longo, contudo, o suficiente para que a Penn fosse informada¹⁵⁰ e fizesse contatos com o seu egresso, para que remetesse material para uma publicação nas páginas do *Pennsylvania Gazette*, onde estampou a foto de

¹⁴⁸ Mesmo assim, Stockler das Neves jamais realizou algum projeto seguindo o neocolonial, nem o *Spanish Renaissance* que mencionou.

¹⁴⁹ *Newcomb* publicou uma dezena de livros sobre esse assunto, como o *Old Mission Churches*, de 1917, o *Historic Houses of California*, de 1922 e o *The Spanish House for America*, de 1927.

¹⁵⁰ A informação chegou por meio de uma carta enviada ao "Dean Sherman Oberly", pelo Cônsul Geral do Brasil na Embaixada Brasileira na *Philadelphia: N. de Abreu*, em 07 de Abril de 1947. A Penn entrou em contato com Stockler das Neves em 17 de Abril do mesmo ano. Ele remeteu o material solicitado (foto recente e cópia do *Curriculum Vitae*

atualizado), em 28 de agosto de 1947, por ter recebido a carta da Penn no Mackenzie e não no escritório (UNIVERSITY ARCHIVES, FOLDER C.S. DAS NEVES).

Neves e os dizeres:

“proeminente em sua profissão, ele fundou o departamento de arquitetura do Mackenzie College, em 1917, e foi seu professor e diretor. Ele recebeu medalhas de ouro em 1927 e em 1930 nas Exposições Pan-Americanas de Arquitetura, como, também, um prêmio de honra ao mérito. Ele projetou inúmeros edifícios públicos e privados em sua própria cidade, como no Rio de Janeiro. Ele foi membro de inúmeras associações de classe e sociais, e é presidente honorário da Cruz Vermelha Brasileira” (PENNSYLVANIA GAZETTE, 1948: 21).

Partidário das soluções arquitetônicas dos Estados Unidos, país a quem atribuía o dístico de *“terra mais civilizada do mundo”*, Christiano Stockler das Neves foi figura singular, que atravessou o século XX lutando por uma crença que só permitia ser alterada se fosse para continuar a seguir os ensinamentos obtidos na América do Norte (NEVES *in* ARCHITECTURA E CONSTRUÇÕES, 1930, n. 13: 4).

Christiano Stockler das Neves faleceu em 1982, em São Paulo, deixando, contudo, um legado arquitetônico muito grande, mas que ainda necessita ser mais explorado, especialmente para se rever a conturbada imagem que deixou. É preciso, também, expor as doses certas de sua simpatia pela arquitetura da França e pelos Estados Unidos, já que, na maioria dos estudos a abordar sua fortuna crítica, a Europa se encontra hiperdimensionada, e, conseqüentemente, a *“Terra de Tio Sam”* desconsiderada.

■ 3.4.5 – EUGÊNIO DE ALMEIDA CASTRO: incógnita persistente

Eugênio de Almeida Castro foi o único aluno de arquitetura da Penn cujo endereço remetia a Salvador. Não havia, em nenhuma das fontes pesquisadas, informações que possibilitassem criar uma teia de relacionamentos, ou, até mesmo, elucidar quem foram seus progenitores. Em seu prontuário consta apenas uma página, onde foram grafados seu nome completo e seu endereço na capital baiana.

Sabe-se, por meio dos catálogos pesquisados, que Eugênio cursou arquitetura na Penn, mas, de forma alguma se conseguiu a informação se ele atendeu ao curso especial, de dois anos, ou ao curso de quatro anos. Sua permanência na Penn se deu em 1914 e 1915, o que pode indicar sua adesão ao curso mais rápido, procurado por outros brasileiros, como George Krug e Christiano das Neves (THE BOOK OF THE SCHOOL, 1934: 175).

Em breve pesquisa sobre o cenário profissional baiano das primeiras décadas do século XX, em Salvador, também não encontramos referência à sua atuação profissional.

Foi no período que antecedeu à Primeira Guerra Mundial, bem como nos anos de litígio, que se localizou o maior número de estudantes procedentes da Bahia, na Penn. Fora Eugênio de Almeida Castro, encontrou-se, também, João R. Germano e Filogonio Peixoto, que cursaram *Dentistry*, e José de Almeida Costa, que, em 1917, colou grau em *Electrical Engineering*. Teriam ido estes quatro baianos todos juntos estudar na Penn? Como será que eles tomaram conhecimento daquela universidade? Teria sido por meio de algumas das “escolas americanas” fundadas em território baiano, ou por meio das instituições locais de ensino superior, que já haviam equiparado diplomas expedidos pela Penn, ainda no século XIX, que se decidiram por uma formação superior nos Estados Unidos?¹⁵¹

Como se nota, a trajetória deste antigo estudante da Penn persiste como uma incógnita a ser desvelada em outra oportunidade.

3.4.6 - EDGARD PINHEIRO VIANNA: outrora, no grande circuito, agora, fora dos manuais

Edgard Pinheiro Vianna nasceu em 3 de setembro de 1895, em Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro; ele era filho de José Maria Vianna. Apesar de fluminense, Edgard Vianna morou, durante toda a infância e adolescência, no Rio de Janeiro, no bairro de Santa Teresa, onde, por iniciativa própria, confeccionou e fez circular, por volta de 1907, um jornal intitulado *O Porvir*, no qual apresentava caricaturas em aquarela, transcrevia poemas e anunciava negócios disponíveis no bairro.¹⁵²

Com, aproximadamente, 17 anos, parece ter freqüentado a Escola Nacional de Belas Artes, - ENBA -, no Rio de Janeiro, uma vez que seu prontuário de aluno e o verbete a ele reservado no livro de formandos da *University of Pennsylvania* indicam sua passagem pela ENBA, antes de seu ingresso como aluno nessa universidade norte-americana, em 1914 (ARCHITECTURAL ARCHIVES, SCHOOL OF ARCHITECTURE ALUMNI, VIANNA).

A exata razão que o motivou a procurar os Estados Unidos da América para se graduar arquiteto, não pôde ser esclarecida até o presente momento. Há algumas possibilidades para esta escolha, as quais

¹⁵¹ Emygdio Dias Novaes, natural de Queluz, São Paulo, requereu, no final da década de 1890, a equiparação de seu diploma de Medicina, expedido pela Penn, em 1885, na Faculdade de Medicina da Bahia, conforme mostra o artigo de Zeny Duarte et. Al, disponível em www.medicina.ufba.br/gmbahia/numeros/n_2_2005/gazeta%202-2005.pdf. Acesso em 15 mai 2006.

¹⁵² Segundo depoimento colhido junto ao seu neto, guardião de alguns exemplares do ‘jornalzinho’. Entrevista com o arquiteto *James Lawrence Vianna*, realizada em 14 de janeiro de 2004.

compensam ser elencadas. A primeira delas poderia ter sido a presença de Vianna numa escola de confissão protestante que ministrasse conteúdos norte-americanos e tivesse favorecido a chegada dele aos Estados Unidos dentro do esquema da conexão mostrada neste capítulo. Entretanto, sabe-se da formação católica do arquiteto, e não se comprova que ele tenha estudado em alguma “escola americana”. A segunda possibilidade que, talvez, o tivesse levado aos Estados Unidos para se graduar, diz respeito à eclosão da Primeira Guerra Mundial, que teria inibido, ou até mesmo impossibilitado, a chegada de brasileiros à Europa, como sugere seu neto, James Lawrence Vianna, em depoimento colhido em 2004, em Niterói. Entretanto, sabe-se que, embora muitos brasileiros tenham deixado de rumar à Europa para se graduarem por conta do conflito, o fluxo Brasil-Europa não cessou por completo, e mais, a simples eclosão da Guerra não explica o porquê da escolha da *University of Pennsylvania* como local para seus estudos, já que ele cursava a Escola Nacional de Belas Artes, sediada na cidade em que habitava e num período de turbulências no exterior. Como terceira possibilidade, sem dúvida a mais plausível, está o fato de que a *School of Architecture* da Penn já era conhecida no Brasil, em função da revisão do sistema de ensino *beauxartiano*, no país, que levou à análise das *Fine Arts Schools* norte-americanas. Neste sentido, as colocações efetuadas pelo professor Carlos Eduardo Dias Comas, durante a defesa de doutorado da arquiteta Adriana Irigoyen de Touceda, junto a esta casa, em 2005, são bem sugestivas e indicam um caminho que se acredita ter sido o mais coerente para a decisão de Edgard Pinheiro Vianna pelos Estados Unidos. Durante sua argüição, Comas trouxe à baila a indicação da existência de uma tese, escrita pelo arquiteto *Adolfo Morales de los Rios*, docente da ENBA, para provimento do cargo de professor catedrático nessa instituição, em 1896, na qual há a explicitação da necessidade de se adotar o modelo de ensino superior da *Stanford University*, nos Estados Unidos, como um modelo válido para a ENBA. Ora, embora esta tese não tenha sido localizada, há de ser frisado que, ainda em fins do século XIX, segundo Comas, o professor *Morales de los Rios* já estava a par dos métodos de ensino de arquitetura seguidos pelos Estados Unidos. Isso se dava porque *Morales de los Rios* era leitor assíduo e articulista eventual de publicações como a revista ***The American Architect and Building News***. Nesta revista, inclusive, ele publicou um artigo intitulado “*The Rebirth of Rio de Janeiro*,” em que comentou as obras levadas a termo por Pereira Passos, naqueles anos (MORALES DE LOS RIOS, 1906, in THE AMERICAN ARCHITECT AND BUILDING NEWS, 1906, n. 90: 20).

Crendo-se que Vianna freqüentou a ENBA por volta de 1913, é bem possível que a Penn fosse uma universidade conhecida no país, e, em certa medida, no Rio de Janeiro, ainda mais porque George Krug,

proeminente colaborador de Ramos de Azevedo e arquiteto de renome nesta época, e Christiano Stockler das Neves, apesar de paulistas, eram conhecidos no universo da ENBA, e eram identificados como egressos da Penn.¹⁵³ Some-se a isso o fato de que a chegada de *Paul Philippe Cret*¹⁵⁴ à Penn, e, principalmente, sua participação, junto ao exército francês, no conflito mundial, foram notícias dos principais periódicos norte-americanos, alguns dos quais já eram recebidos pelas instituições brasileiras de ensino.¹⁵⁵ Percebe-se, assim, que um estudante minimamente comprometido com sua formação, freqüentando, assiduamente, a biblioteca de sua instituição, teria tomado ciência do papel de ponta da Penn no cenário arquitetônico internacional. Em resumo: crê-se que a passagem de Vianna pela ENBA foi o estopim deflagrador de sua opção pela *University of Pennsylvania*. É possível que a Primeira Guerra talvez o tenha desviado de um suposto objetivo de se graduar na Europa, mas é incontestável que sua partida para os Estados Unidos fora uma opção consciente, em vista de tudo o que se expôs até aqui.

A chegada de Edgard Pinheiro Vianna a *Philadelphia* ocorreu no segundo semestre de 1914, como informa sua *ficha do aluno*, aberta em 23 de setembro daquele ano. Nela consta seu ingresso no *Freshman* do curso de formação de *Bacharéis em Arquitetura* e a atribuição de equivalência de créditos em disciplinas do início do curso, a saber: *Architecture 12* e *Architecture 14*, ambas versando sobre representação gráfica.¹⁵⁶ Pela leitura de seu prontuário, percebe-se que Vianna também foi dispensado de cursar as disciplinas *Architecture 9 – The Elements of Architecture* -, que consistia numa série de palestras acerca das cinco ordens arquitetônicas, suas formas afiliadas e derivadas; *Architecture 11*, que apresentava os princípios de desenho artístico; *Architecture 26 – Architectural Drawing* -, onde os ensinamentos de desenho técnico eram ministrados pelo *Professor Laird*; *Architecture 27 – Descriptive Geometry* -, que introduzia a questão das projeções ortográficas, criação de sólidos de revolução e demais operações espaciais, cujo corolário estava, exatamente, na disciplina *Architecture 28 – Shades and Shadows* -, a última a ser retirada do rol de obrigаторiedades de Vianna no curso da Penn (ARCHITECTURAL ARCHIVES, SCHOOL OF ARCHITECTURE ALUMNI, VIANNA). Embora não se tenha localizado o prontuário de Vianna no acervo da antiga ENBA, possivelmente, de posse do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – NPD/UFRJ – torna-se notório que as equivalências de créditos alcançadas por Vianna, na Penn, mostravam a aproximação dos conteúdos das aulas da escola carioca e da escola da *Pennsylvania*, ambas vinculadas ao ideário das *Écoles de Beaux-Arts*, embora, também ambas, avaliadoras dos métodos originais dessas instituições européias.

¹⁵³ Não se sabe do círculo de relacionamento de Vianna fora o mundo arquitetônico, mas é possível que ele tenha travado contato, também, com os demais egressos da Penn, radicados no Rio de Janeiro.

¹⁵⁴ Como ilustração dessas notícias sobre *Cret*, examinar o já citado livro de *Elizabeth Grossman*, de 1996. Há, na obra, muitas informações acerca deste arquiteto, que a tornam leitura indispensável aos estudiosos do ecletismo e dos métodos de ensino de arquitetura nos Estados Unidos e nos países que tiveram arquitetos ali formados.

¹⁵⁵ A título de ilustração, algumas obras básicas nos cursos de arquitetura dos Estados Unidos, presentes no acervo da antiga ENBA, poderão ser vistas nos anexos desta tese.

¹⁵⁶ A primeira enfatizava a feitura de simples objetos, por

meio do desenho de observação, e apresentava, ainda, as técnicas de uso do carvão e da execução de elementos tridimensionais. A segunda, nítida continuação da disciplina descrita anteriormente, induzia à reprodução, por meio do uso do carvão, de fragmentos de ornamentos e de arquiteturas. Ambas as disciplinas eram ministradas pelo *Professor Dawson*. Os livros de representação gráfica estadunidenses encontrados na antiga biblioteca da ENBA devem ajudar a explicar o porquê da equivalência de créditos

Nos primeiros anos de estudo nos Estados Unidos, as dificuldades de acompanhamento do curso foram inúmeras para Vianna: ele foi deixado em exame, diversas vezes, em diversas disciplinas, chegando, inclusive, a obter reprovação em algumas delas, o que adiou em um ano a data de sua formatura, ou seja, de 1918, para 1919 (THE RECORD OF THE CLASS OF 1918; THE RECORD OF THE CLASS OF 1919). Nota-se, entretanto, que as dificuldades de Edgard Vianna não eram localizadas em determinada área do conhecimento, o que, naturalmente, poderia levar a supor certa inaptidão em algumas disciplinas, mas vislumbra-se que o fator complicador para um alto desempenho na universidade era, de fato, a língua inglesa que, parcamente dominada, dificultava a retenção dos conteúdos programáticos ministrados pelos docentes.¹⁵⁷

Se nos primeiros anos do curso, Vianna demonstrou um desempenho acadêmico difícil, a partir do ano letivo de 1917, em função de um maior domínio da língua inglesa, bem como de sua aclimação às regras acadêmicas e às formas de sociabilidade norte-americana,¹⁵⁸ ele obteve excelente desenvoltura acadêmica. Este incremento, segundo aponta Anyone Costa, no interessante livro *A inquietação das Abelhas*, publicado em 1928, no Brasil, garantiu-lhe “*varias premiações honrosas, nem sempre concedidas a estrangeiros*”, como “*o 2º lugar em concurso procedido entre as universidades americanas que possuem academias de architectura, pela Beaux Arts Institute of Design [sic]*” (COSTA, 1927: 271).¹⁵⁹ Corroborando esta idéia, está o aceite do, então, estudante, dentro dos quadros da *Architectural Society*, entidade que só permitia o acesso de destacados alunos, garantindo aos membros aprofundamento de estudos e reconhecimento acadêmico e profissional entre seus pares.

Convém analisar o significado da presença de Vianna dentro da *Architectural Society*, por ter sido ele o único brasileiro, no período pesquisado, a ter freqüentado esta agremiação. A *Architectural Society* foi fundada em fins do século XIX, em data não encontrada, mas, certamente, depois de 1890, e era formada por alunos de graduação escolhidos por seus excelentes desempenhos nas “*Design Classes*”. Junto dos alunos, os instrutores das disciplinas de *Design* (Projeto) eram recebidos como membros honorários. Segundo o já citado artigo publicado na revista *Architectural Record*, em 1901, “*a sociedade [tinha] encontros mensais, ao longo do ano acadêmico, em eventos com forte caráter social. Diferentes membros do corpo docente [discursavam] para os homens, e diversas espécies de entretenimentos, incluindo música e lauta degustação [eram] providenciados pelos alunos*”¹⁶⁰ (ARCHITECTURAL RECORD, 1901: 334). A sociedade também publicava os trabalhos realizados pelos alunos, no *The Year Book of the Architectural*

nessas disciplinas.

¹⁵⁷ É importante frisar que até mesmo nos estudos de francês, língua que era mais freqüente nos estudos de segundo grau do Brasil, Vianna teve dificuldades de aprovação, o que permite contestar a assertiva de que era, em grande medida por conta do idioma – supostamente mais familiar – que os brasileiros rumavam à Europa para estudarem (ARCHITECTURAL ARCHIVES, SCHOOL OF ARCHITECTURE ALUMNI, VIANNA).

¹⁵⁸ Durante os anos finais de sua graduação, Vianna participou do “*second soccer team*”, e residiu em pensões próximas ao campus, a saber: durante 1916 e 1917 era seu endereço o número 3216 da *Chestnut Street*; e durante 1918 e 1919 ele assistia ao número 3417 da *Walnut Street*

(ARCHITECTURAL ARCHIVES, SCHOOL OF ARCHITECTURE ALUMNI, VIANNA).

¹⁵⁹ Esta instituição oferecia, desde o último decênio do século XIX, bolsas aos estudantes estadunidenses para refazerem, em Paris e Roma, a viagem concedida aos *Grand-Prix de Rome*, tradicionais na *École de Beaux-Arts*. O segundo lugar obtido por Vianna demonstra que ele havia sido um dos estudantes brilhantes na Penn.

¹⁶⁰ No original: “*The Society holds informal monthly meetings throughout the college year, which occasions are largely social in character. Different members of the Corps of Instructors talk to men, and various sorts of entertainment, including music and the ‘flowing bowl’, are provided by the students.*”

NEWTON TAYLOR TODD Σ X
 "Newt" "Tag"
 1464 North Pennsylvania Street, Indianapolis, Ind.
 Wharton
 Manual Training High School, Teane School, Conswaic Third
 Varsity Crew (2) (3); Crew Squad (4); Rifle Club (2);
 Freshman Crew Squad; Wharton Dues Committee (2); Epis-
 copal Committee (1) (4); Tennis Club, President (4); Rowing
 Club (1) (2) (3).

RUSSELL HARRISON UNRUH K A
 "Boss"
 702 High Street, Pottstown, Pa. Wharton
 Pottstown High School. Associate Editor "Red and Blue" (4);
 Class Day Nominations Committee (4); Vice President Inter-
 national Policy Club (4); Sigma Iota Prize in Spanish (3);
 Campfire Musical Score Mask and Wig Preliminary Show
 (3); Mask and Wig Show (3).

JOSEPH G. VANGINKEL Σ S
 "Fon" "Gink"
 1805 Sixth Avenue, Des Moines, Ia. Wharton
 North High School, Des Moines; Grinnell College. Varsity
 Football Team (4); Varsity Track Team (4); Tennis Team
 (4); Freshman Track Team; Freshman Basketball Team;
 Freshman Tennis Team.

EDGAR PINHEIRO VIANNA
 "Brazilian" "Baby"
 Maua 37 Morro de Statberesa, Rio De Janeiro, Brazil
 Architecture
 Escola Debellas-Artes. Second Soccer Team.

Fig. 192 - Página do "Record of the Class of 1919", mostrando Edgard Pinheiro Vianna. Fonte: The Record of the Class of 1919.

Society, e promovia exposições pelas demais escolas de Arquitetura dos Estados Unidos, com a finalidade de divulgar o nome da Penn. No ano de 1919, quando Vianna fazia parte dela, a *Architectural Society* era composta assim: *Alvin Bieber*, presidente, *William H. Livingstone*, vice-presidente, *John Craig Janney*, secretário, *Eugene F. Griffith*, tesoureiro. Membros: *James K. Smith*, *George Marshall Martin*, *John Platt Roberts*, *Gerard A. Anderson*, *Edgar P. Vienna* [sic], *Roland C. Anglemeyer*, *Clayton E. Jenkins*, *Arthur D. Kline*, *Lewis D. Cook*, *Harry Antenen*, *Paul Forrester Taylor*, *Edgar D. Tayler*, *Samuel B. Baylinson*, mais *Harold Webber*, *John W. Brooks* e *Lorenzo Bull* (THE RECORD OF THE CLASS OF 1919: 136).

Embora se tenha tentado encontrar o livro publicado pela *Architectural Society* no período em que Vianna dela participou, não se obteve sucesso, uma vez que, ao contrário do que sugeria a revista ***Architectural Record***, em 1901, nem em todos os anos houve publicação deste catálogo, especialmente durante a Primeira e Segunda Guerras (ARCHITECTURAL RECORD, 1901: 335). Desta forma, foi impossível localizar trabalhos realizados por Vianna durante sua graduação. Esboços similares aos que deve ter feito em seus anos na Penn são encontrados por meio da seleção de desenhos e fotos de projetos dos egressos da *School of Architecture*, publicados no ***Book of the School***, em 1934, alguns dos quais estão reproduzidos neste capítulo.


Com relação à graduação de Edgard Vianna, é muito importante frisar que ele não fora aluno de *Paul Cret*. O arquiteto francês estava em férias na Europa, em 1914, como fazia anualmente, quando estourou o conflito que se tornaria internacional. Sendo arquiteto, e ainda em idade militar, ele foi selecionado pelo exército francês para lutar. *Cret* esteve envolvido com a guerra por 5 anos, só retornando à *Philadelphia*, em 1919, exatamente no período em que Vianna chegou e partiu da Penn (GROSSMAN, 1996). Analisando o conteúdo programático ministrado à Vianna, vê-se que ele, aparentemente, não foi muito diverso daquele ministrado a *Curtis* e a *Stockler das Neves*, embora este último tenha sido um aluno do curso especial de dois anos, no período *Cret*. Entretanto, durante a ausência de *Cret*, a Penn valeu-se de alguns dos discípulos mais diretos deste arquiteto, sobretudo dos antigos alunos de seu curso, para a ministração das disciplinas antes encabeçadas pelo francês. Em seu lugar, especialmente, esteve *John Frederick Harbeson* que nutriu pelo francês um grau de admiração tão elevado, que chegou a batizar seu filho de *Paul Cret Harbeson* (GROSSMAN, 1996). Durante sua carreira, *Harbeson* esteve sempre ao lado de *Cret*, de quem se tornou colaborador, após a Guerra, e sócio, a partir de 1923, no escritório que *Cret* mantivera com *Albert Kelsey*, na *Philadelphia*, anos antes.¹⁶¹ Foi exatamente este grau de admiração elevadíssimo que levou *Harbeson*

¹⁶¹ O escritório ainda existe, sob a denominação de H2L2, por causa dos titulares *William J. H. Hough*, *William Livingston*, *Roy Larson* e o próprio *Harbeson* que continuou a obra de *Cret* após o falecimento deste, em 1945.

a expor aos alunos, durante as aulas de *Design*, as soluções projetuais de *Paul Cret*, especialmente uma de suas obras mais famosas nos Estados Unidos: o edifício-sede do *Pan American Union Building*, atual sede da *Organização dos Estados Americanos* – OEA - desenhado por *Cret e Kelsey*, em 1907, para a cidade de *Washington*, por meio de um concurso fechado. Este edifício, que externamente ostenta a aparência de uma *Maison Française*, como almejava *Paul Cret*, venceu este concurso promovido pelo *Bureau* de relacionamento das repúblicas americanas, por ser conciliador das referências européias de arquitetura e das referências latinas, materializadas nos ornamentos incas, astecas, maias, e, sobretudo nas soluções hispânicas de arquitetura, como um pátio central que se desenvolve em torno de uma fonte (GROSSMAN, 1996: 27-43). Crê-se que foi por intermédio deste tipo de repertório divulgado em sala de aula, que *Edgard Vianna* se tornou um entusiasta da arquitetura de caráter hispânico, denominada de *Mission Style*, e que é objeto de estudo mais detido, no capítulo 4, desta tese.

As referências ao *Mission Style* adentraram, de vez, à Penn, por meio desta obra de *Paul Cret*, e foram alimentadas pela compra de publicações voltadas ao gênero, pela biblioteca da universidade, onde podiam ser localizados exemplares dos livros de *Rexford Newcomb*, - também encontrados no acervo de *Vianna*, com data que remete à sua presença na *Philadelphia* -; de *Randolph William Sexton*, ex-aluno da própria Penn, formado em 1910, e autor de muitos títulos nesta área, e da coleção de gravuras mantidas por *Cret* e por *Harbeson*, algumas das quais utilizadas nos livros que este último lançou, em 1926 e 1928, de títulos: *The Study of Architectural Design, with Special Reference to the Program of the Beaux-Arts institute of Design*, e *Winning designs, 1904-1927, Paris prize in Architecture, Lloyd Warren Memorial*, este, localizado, também, no acervo da ENBA, no Rio de Janeiro (ATIQUE, 2005c).

Edgard Vianna graduou-se em 19 de outubro de 1919 e, pelo que foi pesquisado, retornou ao Rio de Janeiro, na seqüência. Seu retorno, contudo, se deu em condições diferentes das de sua partida. Ele era, então, não apenas um arquiteto diplomado no exterior, mas, também, um senhor casado. Nos Estados Unidos, *Vianna* casou-se com a norte-americana *Elizabeth Barret*, filha de irlandeses, nascida na *Philadelphia*, e que, pelo que informou seu neto, *James Lawrence Vianna*, muito o ajudou com o aprendizado da língua inglesa e com os trabalhos acadêmicos, permitindo-lhe “aclimatar-se” aos estudos nos Estados Unidos. *Elizabeth Barret* não chegou a cursar a Penn, tendo concluído apenas o ensino de segundo grau, quando se casou com *Vianna*, em data ignorada. Com ela, *Edgard Vianna* teve seu único filho, *Edgar Barret Vianna*.



ARCHITECTURAL SOCIETY

OFFICERS

President, ALVIN C. BIEBER, '19
Vice-President, WILLIAM H. LIVINGSTON, '19
Secretary, J. CRAIG JANNEY, '19
Treasurer, EUGENE F. GRIFFITH, '19

Undergraduates in Service

HAROLD WEBBER	JOHN W. BROOKS	LORENZO BULL
---------------	----------------	--------------

ACTIVE MEMBERS

JAMES K. SMITH GEORGE M. MARTIN JOHN P. ROBERTS GERALD A. ANDERSON EDGAR P. VIENNA ROLAND C. ANGLEMYER	SAMUEL B. BAYLINSON	CLAYTON E. JENKINS ARTHUR D. KLINE LEWIS D. COOK HARRY ANTENEN PAUL F. TAYLOR EDGAR D. TYLER
---	---------------------	---

Fig. 193 - Página dedicada à "Architectural Society" com indicação dos componentes. Dentre eles, figura Edgard Pinheiro Vianna. Fonte: The Record of the Class of 1919.

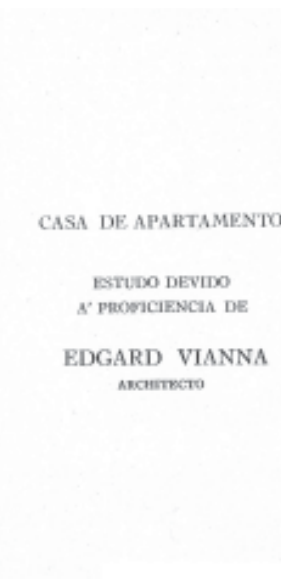
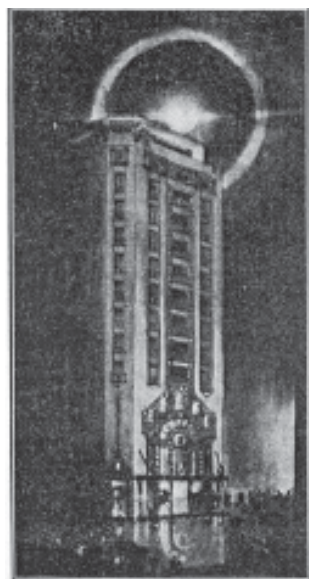


Fig. 194 - Cartão desenhado por Edgard Pinheiro Vianna recuperando um motivo hispânico (fonte, colunas, vegetação) de um pátio. O objetivo era indicar a abertura do escritório do recém-chegado da Philadelphia. Fonte: Acervo pessoal de James Lawrence Vianna.

Fig. 195 - Cartão profissional do escritório de Roberto Lacombe e Edgard Vianna, no Rio. Fonte: Acervo pessoal de James Lawrence Vianna.

Fig. 196 - Exame de proficiência de Edgard Vianna, visando o reconhecimento de seu diploma da Penn, no Brasil. Fonte: *Architectura: mensário de arte*, n. 1, jun, 1929.

Fig. 197 - fotografia de Edgard Vianna publicada no livro "A Inquietação das Abelhas", da segunda metade dos anos 1920. Fonte: COSTA, 1927.

Fig. 198 - Primeira Composição da Sociedade Central de Arquitetos do Rio de Janeiro. Na foto, que retrata a diretoria do órgão, pode-se ver Edgard Vianna, em pé (o primeiro da esquerda para a direita). Disponível em: www.iab.org.br. Acesso em 30 mai 2007.

Fig. 199 - Equipe técnica da Exposição Internacional Centenário, em 1922. Em pé, o primeiro da direita para a esquerda, de terno claro, está Edgard P. Vianna. Fonte: Acervo pessoal de James Lawrence Vianna.



Fig. 200 - Frontispício do livro de Rexford Newcomb trazido por Edgard Vianna dos Estados Unidos. Fonte: Acervo pessoal de James Lawrence Vianna.

Fig. 201 - Residência Alfonso Gomes Dias, em Botafogo. Este parece ter sido o último projeto realizado por Edgard Vianna. Foto: Fernando Atique, 2004.

Fig. 202 - Torreão da casa-sede da Usina São José, em Campos, estado do Rio de Janeiro. Projeto vazado em "Mission Style" para Gonçalo Vasconcelos. Fonte: Acervo pessoal de James Lawrence Vianna.

Fig. 203 - Casa de pedra em Copacabana. Em diversos projetos Edgard Vianna mostrou seu conhecimento de estereotomia, mais uma herança de sua formação na Penn. Acervo pessoal de James Lawrence Vianna.

Fig. 204 - Aspecto geral da casa-sede da Usina São José, em Campos. A grande torre funcionava como torre de controle dos cortadores de cana. Fonte: Acervo pessoal de James Lawrence Vianna.



Fig. 205 a 210 - Aspectos diversos das “casas da rua mauá”, as primeiras obras em “Mission Style” premiadas no Brasil. Projetadas por Edgard Vianna para a família Parker, em Santa Teresa, Rio, as casas ainda apresentam as mesmas configurações espaciais que em 1925, ano em que foram laureadas pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro no I Concurso de Fachadas. Fontes: Fernando Atique, 2004; ARCHITECTURA NO BRASIL, n. 25, nov, 1925.

De volta ao Rio de Janeiro, Vianna submeteu-se ao “*exame de proficiência*” de sua formação nos Estados Unidos. O projeto que apresentou era de uma “*Casa de Apartamentos*”,¹⁶² cuja solução de entrada era uma portada de referências coloniais (ARCHITECTURA: MENSÁRIO DE ARTE, 1929, n. 1: 40). O tema não podia ser mais norte-americano, e, ao mesmo tempo, explicativo da formação de Vianna na Penn: um arranha-céu com ornamentos hispânicos. Após conseguir equiparar seu diploma, ele abriu escritório à Avenida Rio Branco, no número 103, sala 11, bem no centro da capital federal de então. Seu cartão de visitas desta época era muito original em termos de formatação gráfica e, pelo que foi descoberto nos Estados Unidos, muito semelhante a inúmeros cartões pessoais de arquitetos daquele país. Uma outra versão deste mesmo cartão ostentava os dizeres de que ele era graduado pela *University of Pennsylvania*, algo que, como já explorado, outrora, neste capítulo, procurava criar uma distinção positiva de seu trabalho junto à sociedade. Em todo caso, em ambos era possível notar que a silhueta demarcava seu apreço pela arquitetura hispano-americana: pode-se ver uma fonte, ao centro, o plinto de uma coluna típica dessa arquitetura, à esquerda, e, à direita, um vaso de flores.

Vianna fez parte das sociedades de classe dos arquitetos, no Rio de Janeiro, como a Sociedade Central de Architectos, fundada em 1921; foi membro da Comissão Técnica da Exposição do Centenário da Independência, ocorrida no Rio, em 1922 e promoveu eventos sociais e arquitetônicos em alguns lugares do país, como a Exposição de Architectura de Bello Horizonte, de 1923, documentada pela revista ***Architectura no Brasil*** (ARCHITECTURA NO BRASIL, n.24, 1923: 185). É de sua lavra, também, o início da manifestação marajoara de arquitetura na cidade do Rio de Janeiro.¹⁶³

Ele projetou muito, especialmente no Rio de Janeiro, empregando, via de regra, o *Mission Style*. Foi, inclusive, por causa dessa forma de arquitetura que ele conquistou, em 1925, o primeiro lugar no *Primeiro Concurso de Fachadas* promovido pela Prefeitura do Rio, com as duas casas construídas para a família *Parker*, possivelmente de imigrantes americanos, à rua Mauá, 62 e 64, em Santa Teresa, ao lado de sua própria residência (ARCHITECTURA NO BRASIL, 1925, n.25: 17-18).¹⁶⁴ Ele também projetou a casa-sede da *Usina São José*, de propriedade de Gonçalo Vasconcelos, em Campos, interior fluminense, em estilo missões com pretensões “*panópticas*”, além de uma escola para pescadores, na praia de Jurujuba, em Niterói, dentro de um programa de alfabetização de povos litorâneos mantido por pouco tempo pelo governo federal (ACERVO JAMES LAWRENCE VIANNA).

¹⁶² O mesmo que prédio de apartamentos, no linguajar dos anos 1910-1920. A respeito, ver ATIQUE, 2004.

¹⁶³ O material levantado sobre Edgard Vianna permite a construção de uma história muito interessante sobre a discussão dos modelos e referências a serem seguidas na linha neocolonial no Rio de Janeiro. Além desse tópico, a discussão sobre a americanização da arquitetura brasileira é plenamente realizável, e é assunto do próximo capítulo desta tese.

¹⁶⁴ A rua Mauá, hoje, é conhecida como *Paschoal Carlos Magno*. No capítulo 4 existe uma análise espacial da proposta, e fotografias de levantamento de campo, realizado em 2004.



Fig. 211 - Capa da revista **Arquitetura no Brasil**, mostrando a proposta de Raphael Galvão e Edgard Vianna para o pavilhão de exposições do Brasil na "Sesquicentennial Exposition", na Philadelphia. Fonte: ARCHITECTURA NO BRASIL, abr - mai, 1926.

Dentro do repertório historicista *beauxartiano*, ele publicou o projeto de um banco para o Rio de Janeiro, em estilo grego, supostamente um dos trabalhos acadêmicos reciclados por ele, já que não traz indicações de cliente e endereço do projeto (ARCHITECTURA NO BRASIL, 1923, n.23: 129-133).

Vianna trabalhou em sociedade com muitos arquitetos do Rio de Janeiro, dentre eles, Mario Fertin Vasconcellos, com quem desenvolveu a proposta de *Porta Monumental para a Exposição do Centenário*, edificada como porta secundária do evento (ARCHITECTURA NO BRASIL, 1921, n.1: 34-35). Com Roberto Lacombe, nos anos 1930, manteve escritório fixo, como atesta o cartão profissional encontrado em seu acervo. Em revistas da década de 1920, foi possível ver seu nome associado a outros profissionais, como Raphael Galvão, com quem desenvolveu a proposta do Pavilhão de Exposições do Brasil para a *Sesquicentennial Exposition of Philadelphia*, que celebraria os 150 anos da Independência dos Estados Unidos, projeto não edificado em função do cancelamento da festividade, mas que conciliou referências hispânicas com portuguesas no feito da arquitetura (ARCHITECTURA NO BRASIL, 1926, n.28, capa).

Poucos foram os textos que Vianna deixou publicados. O maior deles e, talvez, o mais contundente acerca da origem de suas referências arquitetônicas, seja o contido em *Inquietação das Abelhas*, de 1928, pelo qual discursa sobre a sociedade norte-americana, seus marcos arquitetônicos e seu modo de projetar dos anos 1920:

“Durante a minha longa estada na America do Norte tive ocasião de ver e estudar, em realidade, esses formidáveis exemplos de energia americana.

Como já tive ocasião de dizer pela imprensa, o ‘skyscraper’ [sic] americano reflecte o espirito desse grande povo de organização perfeita, idéias inovadoras e capacidade de trabalho admirável!

Sente-se que ao contemplar-os que, se os retirássemos dalli, teríamos aberto falhas insubstituiveis, e dahi o podermos afirmar a necessidade de sua construcção.

Construir um ‘skyscraper’ [sic] é, a meu ver, um problema que deve ser seriamente encerrado. Os longos annos de experiencia dos americanos, nesse genero de construcções, deram-lhes grandes ensinamentos que nos poderão ser de incomparavel utilidade. Com o tino pratico que possuem, elles têm abordado o problema pelo lado financeiro, constructivo e esthetico.

Tenho acompanhado de perto e com o maior interesse a evolução constante desse typo de architectura e, francamente, devo dizer que, paea fazer um ‘arranha-céo’ não basta construir quatro paredes, fazer aberturas para janellas, amontoar decorações a esmo, sem obedecer a um partido definido de composição” (VIANNA, In COSTA, 1927: 276).

Vianna, no texto acima, faz questão de pontuar sua presença nos Estados Unidos e expõe que, durante sua graduação, o tema da verticalização também fez parte dos estudos ministrados a ele na Penn, o que

ajuda a entender um pouco melhor o escopo de temáticas trabalhadas na *School of Architecture*, minorando a idéia de que essa instituição ainda estava voltada apenas ao ensino dos dogmas *Beaux-Arts*, como no século XIX. Entretanto, embora tenha sido localizada uma carta escrita pelo Professor *Warren P. Laird* a Vianna, por ocasião dos preparativos da viagem deste professor para o III Congresso Pan-Americano de Arquitetos, ocorrido, em 1927, em Buenos Aires, endereçada, corretamente, ao escritório da avenida Rio Branco, não foi possível localizar a resposta do arquiteto ao seu antigo professor e diretor, como fizera, por exemplo, Christiano Stockler das Neves, o que permite ver que Vianna, embora divulgasse seu apreço pelos Estados Unidos não soube ou não quis manter os vínculos com sua antiga escola (CARTA DE W.P. LAIRD A EDGAR VIANNA, 05/05/1927; LAIRD PAPERS).

Mas a vivência social de Vianna, no circuito cultural e arquitetônico carioca, também permitiu com que ele transitasse por outras funções, igualmente demonstrativas de seus vínculos com os Estados Unidos. No ano de 1931 o arquiteto estadunidense *Frank Lloyd Wright* esteve no Brasil. Sua passagem pelo país foi ocasionada pela participação, como jurado, num concurso para um farol a ser erguido em honra a Cristóvão Colombo, na República Dominicana. Esse concurso, de âmbito internacional, fora realizado sob os auspícios da *Pan American Union*, e sob idealização de *Albert Kelsey*, o antigo sócio de *Paul Cret*, e co-autor do edifício desta associação, em *Washington*. O concurso tivera sua primeira fase realizada em Madri, em 1929. Lá, dos quatrocentos e cinquenta trabalhos recebidos, dez foram selecionados para a etapa final, que ocorreu, no Brasil, em 1931. Essa etapa desenvolvida no Rio de Janeiro foi julgada pelos arquitetos “*Albert Kelsey (delegado da União Pan-americana), Horácio Acosta y Lara (representante da América Latina), Wright (América do Norte) e Eliel Saarinen (Europa)*”. A esses, juntaram-se expoentes do cenário arquitetônico da então capital federal, como “*Nestor E. de Figueiredo (presidente do Instituto Central de Arquitetos), Adolfo Morales de los Rios, Cypriano Lopes, Edgard Vianna, Leônidas Vargas Dantas e (...) Archimedes Memória, diretor da ENBA*” [grifo meu] (IRIGOYEN, 2002: 37-38).¹⁶⁵ A participação de Vianna se deu como intérprete de Wright, função que dividiu, depois, durante as conferências deste arquiteto na ENBA, com *Alcides da Rocha Miranda* (NEDELYKOV; MOREIRA, 2005: 4. Disponível em www.vitruvius.com.br/arquitextos/. Acesso em 01 abr 2005).

Nos anos 1930, Vianna começou a dar sinais de entendimento da estética modernista. Na residência Affonso Gomes Dias, projeto seu, construído por Eduardo Souto de Oliveira, de 1934/1935, ele alia os métodos de concepção volumétricos, do que viria a ser chamado de *Art Déco*, com poucos ornamentos

¹⁶⁵ O Concurso sagrou vencedor a proposta de *J.L. Gleave*, de *Nothingham*, com um projeto em cruz, de aspecto *déco* em sua versão aerodinâmica, à qual Irigoyen atribui certa ascendência wrightiana na escolha. O segundo e o terceiro lugares ficaram, respectivamente, com *Donald Nelson*, de New York, e *Edgard Lynch*, de Paris. Mais informações sobre o projeto premiado, e sobre os demais classificados podem ser obtidas no livro citado (IRIGOYEN, 2002: 36-44).

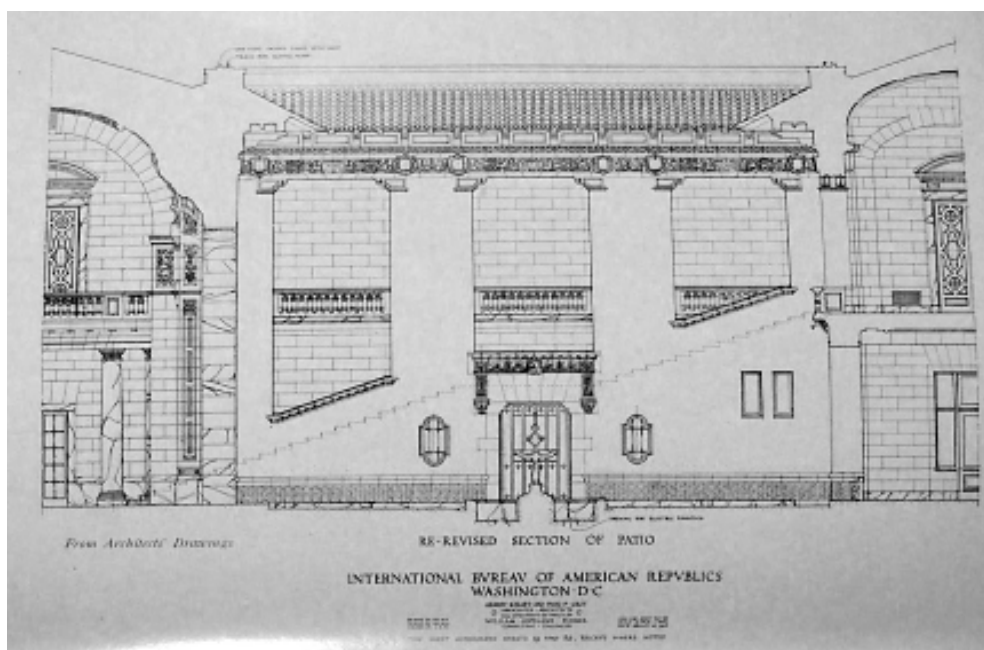
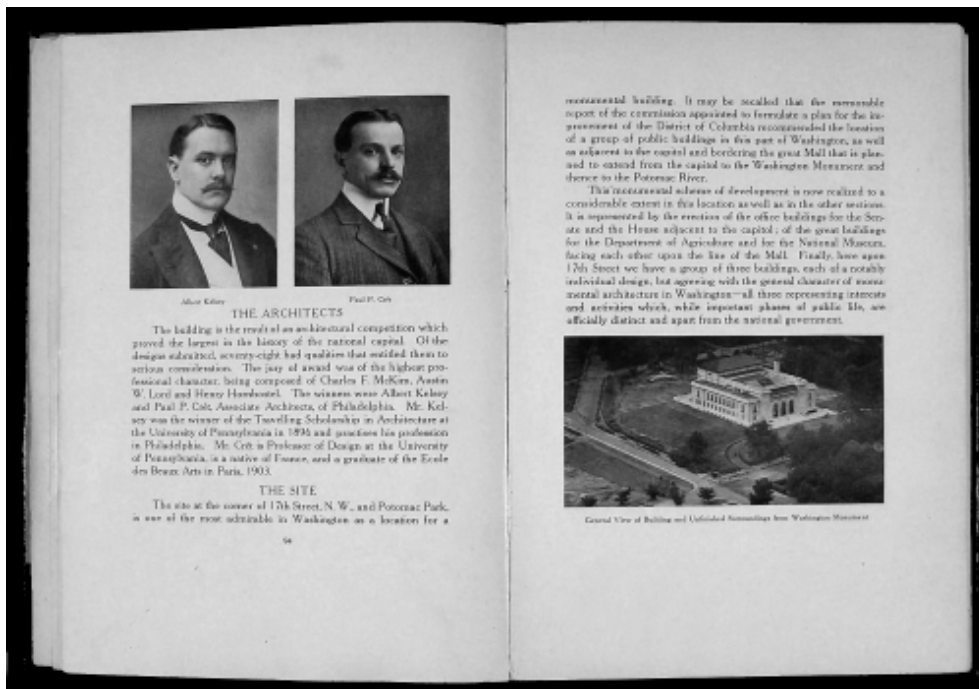
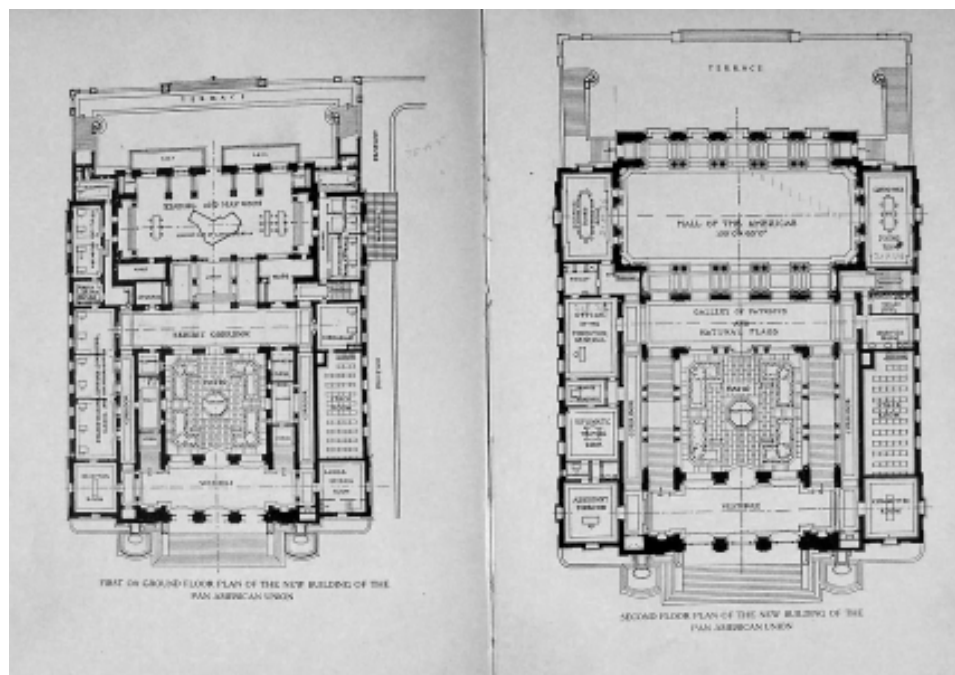


Fig. 212 a 215 - Imagens extraídas de uma publicação preparada em 1911 acerca do Pan American Union Building, projetado e construído por Albert Kelsey e Paul Cret, em Washington. Fonte: BARRET, 1911.



Looking at the Corner of the Patio Where the Pear Tree Was Planted

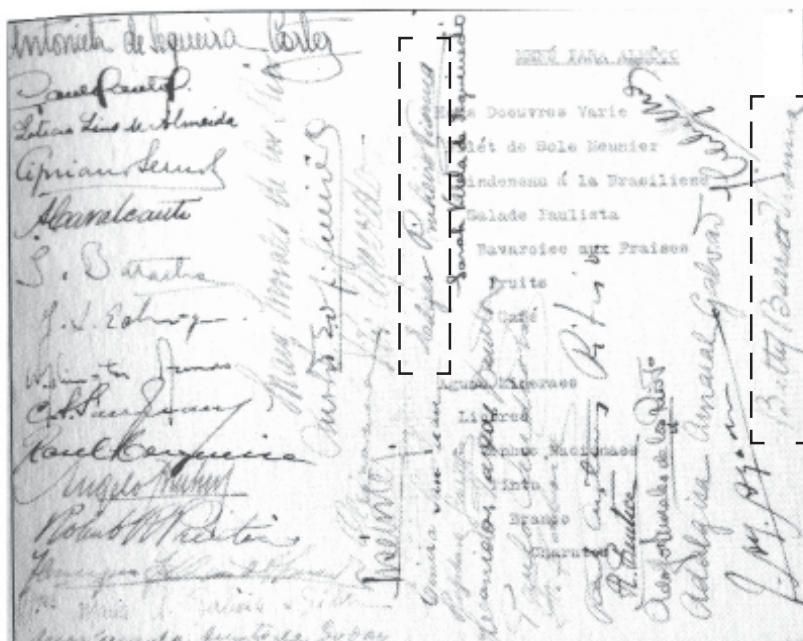


Fig. 216- Cardápio assinado pelos participantes de uma das recepções oferecidas a Frank Lloyd Wright e demais membros do juri do Concurso do “Farol de Colombo”, no Rio, em 1931. Os nomes em destaque são de Edgard Pinheiro Vianna e de sua esposa norte-americana, Elizabeth Barrett Vianna. Fonte: IRIGOYEN, 2002.

Fig. 217 - Membros do juri do julgamento do “Farol de Colombo”, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1931. Sentados, da esquerda para a direita, estão Albert Kelsey, Frank Lloyd Wright, Eliel Saarinen, Horacio Acosta y Lara e Alfred Agache. Na segunda fila, em pé, da direita para a esquerda, estão, em primeira posição, Rapahel Galvão, e, em terceira, Edgard Vianna. Fonte: IRIGOYEN, 2002.

Sua ficha de aluno, localizada no *Architectural Archives*, informa que sua aceitação na Penn ocorreu em 15 de setembro de 1925, tendo recebido aproveitamento de estudos nas seguintes disciplinas: *Architecture 10 – The Elements of Architecture*, cuja ementa abrigava os conteúdos ligados ao entendimento do espaço (paredes, colunas, as ordens arquitetônicas, os vultos arquitetônicos etc); *Architecture 26 – Architectural Drawing*, onde eram ministrados exercícios práticos de desenho a tinta e a lápis, carvão, além de desenvolvimento de caligrafia técnica; *Architecture 34 – Building Sanitation, Hygiene, Spanish e Mathematics 33, 34, 37, 38*, que introduziam as discussões de cálculo e geometrias descritiva e plana (SCHOOL OF FINE ARTS, 1924: 55-57).

As demais disciplinas cursadas por Rodrigues, no Mackenzie, não foram consideradas equivalentes às da Penn, o que forçou o estudante a se matricular em quase todo o *freshman year* da School of Fine Arts. Conforme bem observou, em conversa informal, o arquiteto e pesquisador *William Whithaker*, diretor do *Architectural Archives* da *School of Fine Arts* da Penn, Rodrigues teve muita dificuldade em acompanhar o curso ministrado nos Estados Unidos, muito provavelmente pela deficiência na língua inglesa. De fato, sua ficha do aluno mostra que ele ficou de exame nas disciplinas *Architecture 32 – Carpentry*, onde eram estudadas as propriedades físicas e plásticas da madeira, e *Architecture 28 – Shades and Shadows*, que introduzia o aluno nas teorias de representação gráfica de volumes e sólidos arquitetônicos. Em ambas ele foi examinado duas vezes, obtendo reprovação, o que aconteceu, também, em quase todas as demais disciplinas que cursou entre setembro de 1925 e maio de 1926.

Sem visíveis condições de prosseguimento, Fernando Gama Rodrigues abandonou o curso da Penn, como mostram os documentos obtidos, em 07 de julho de 1926. Contudo, há menção que este estudante regressou ao Mackenzie, pois seu nome consta dos formandos em Arquitetura de 1929, nessa instituição (ARCHITECTURAL ARCHIVES, FINE ARTS ALUMNI, RODRIGUES; FREITAS, 2002).

■ 3.4.8 – WASHINGTON AZEVEDO: Tentativa frustrada na “Terra do Tio Sam”

Washington Azevedo, natural de São Paulo, nascido em 14 de setembro de 1904, era filho de Francisco Azevedo. Assim como Fernando da Gama Rodrigues, Azevedo deixou o curso de arquitetura do Mackenzie

em estilo marajoara, por ele desenvolvidos desde o começo daquela década (CZAJKOWSKI, 2000: 68). Pelo que revelou a pesquisa, esta foi sua última obra construída, uma vez que faleceu em 30 de outubro de 1936, vítima de *angina pectoris*, no Rio de Janeiro, onde foi enterrado.

Sua presença para traduzir as palavras de *Wright*, os projetos executados para a alta sociedade carioca e paulista – ele projetou um “*Cassino Teatro*”, em 1923 para a Estação de Águas da Prata, em São Paulo, francamente inspirado no *Pan American Union Building* (ARCHITECTURA NO BRASIL, 1923, n. 21: 41) -, sua luta pelos direitos dos arquitetos brasileiros, sua presença nas mais importantes revistas de arquitetura do Brasil nos anos 1920 e 1930, seu trabalho ao lado de personagens que viriam a modificar os rumos da arquitetura brasileira, no século XX, atestam que existe uma lacuna no desenvolvimento da historiografia arquitetônica no Brasil, pois, personagens que, outrora, estiveram no foco principal, hoje, são ignorados por completo, levando, a reboque, as arquiteturas que alteraram a feição das cidades durante várias décadas. A trajetória de Edgard Pinheiro Vianna é singular para atestar esta constatação de quem, outrora, esteve no foco do grande circuito, no entanto, agora, está fora dos manuais de história da arquitetura.

■ 3.4.8 – FERNANDO GAMA RODRIGUES: do Mackenzie para a Penn

Fernando A. Gama Rodrigues nasceu em São Paulo, em 30 de julho de 1905. Seu pai era Antonio S. Rodrigues, conforme seu prontuário arquivado na Penn. Tendo frequentado o curso de Arquitetura do Mackenzie College até 1925, resolveu transferir-se para a *School of Fine Arts* da *University of Pennsylvania*, no segundo semestre deste mesmo ano.

O motivo da transferência não foi facilmente localizado, mas acredita-se que foi uma sugestão do antigo professor, egresso do curso de arquitetura da Penn, Christiano Stockler das Neves. Como apontado na análise de Neves, linhas atrás, nota-se que os vínculos deste professor com sua antiga escola nunca foram rompidos, o que corrobora a idéia de que tenha indicado a Fernando Rodrigues o prosseguimento de seus estudos superiores em Arquitetura nos Estados Unidos. Não foi possível, quando da estadia na Penn, descobrir se Christiano das Neves intermediou a transferência de seu antigo aluno para a universidade da *Philadelphia*. Entretanto, esta hipótese é muito plausível.

College, em 1925, para continuá-lo na *Fine Arts School* da Penn, na *Philadelphia*. A sugestão de que fora Christiano Stockler das Neves que o persuadiu a esta escolha torna-se inevitável, já que ele adentrou na universidade estadunidense junto com seu colega de turma no Mackenzie.

Sua trajetória na Penn reproduz os mesmos passos de Rodrigues, que, enfrentando problemas de adaptação nos Estados Unidos, sobretudo pelo provável pouco domínio da língua inglesa, tornou-se frustrada. Azevedo recebeu equivalência nas mesmas disciplinas de Rodrigues, o que induz ao pensamento de que não houve um exame de suficiência de conteúdos aplicado aos “*transferintes*”, e, sim, uma análise curricular de conteúdos e cargas-horárias, que pode ter sido encaminhada pelo professor Christiano Stockler das Neves à direção da *Fine Arts School*, em inglês. Convém apresentar certo raciocínio que pode explicar o porquê desses dois antigos mackenzistas terem ido estudar na Penn. O repertório norte-americano de arquitetura era facilmente adquirido na Biblioteca do Mackenzie College, mediante grande número de publicações compradas nos Estados Unidos, além do grande número de títulos de engenharia enviados pela *Board of Trustees*, por anos, para aquela escola (ATIQUE, 2005c; HACK, 2002). Como se sabe que Christiano das Neves seguia, de certa forma, a mesma estrutura, alimentada com quase o mesmo repertório que teve acesso durante sua estadia como *special student*, na Penn, é bem provável que ele tivesse enviado seus alunos àquela universidade.

Em todo caso, assim como Gama Rodrigues, Washington Azevedo foi diretamente retido, em algumas disciplinas, e foi colocado para exame nas mesmas disciplinas de seu colega brasileiro. Pelos registros contidos em sua ficha do aluno, ele provavelmente se retirou da Penn em setembro de 1926, dois meses após Fernando Gama Rodrigues. Ao contrário do caso do primeiro ex-mackenzista, foi impossível detectar os rumos tomados por Azevedo após ter deixado a Penn.

Estas duas trajetórias, de certa forma, frustradas, na “*Terra do Tio Sam*”, são elucidativas do grau de expectativa que permeava a sociedade brasileira, sobretudo seus estratos médios, nas décadas de 1920 e 1930, com relação a uma formação no exterior, especialmente nos Estados Unidos. O “*sonho americano*”, em franca divulgação nestas décadas, por meio do cinema, e a propaganda positiva acerca do desempenho profissional de arquitetos e engenheiros diplomados nos Estados Unidos, lançaram as bases para que o “*american way of life*” fosse se materializando no país, em escalas maiores do que as vistas anteriormente. Como foi mostrado, andar de automóvel, ir ao cinema, viajar e estudar nos Estados Unidos, tudo isto abriu

sendas para que a sociedade brasileira se munisse de repertório estadunidense e passasse a edificar suas casas e edifícios segundo o “*gosto americano*”, como será visto, em detalhes, no capítulo quatro desta tese, com o *Mission Style*.

Fig. 218 - Enrollment record for Washington Azevedo at the School of Fine Arts, Penn.

PERSONAL INFORMATION:
 NAME: Azevedo, Washington
 BORN: 8-14-05
 SCHOOL: McKeesport College, COLLEGE and DEGREE
 GUARDIAN: Azevedo, Francisco

GRADUATE COURSE SUMMARY:
 A.01: 0
 A.02: 2
 A.03: 2
 A.04: 4

LEAVE OF ABSENCE:
 NONE

Fig. 219 - Enrollment record for Fernando Gama Rodrigues at the School of Fine Arts, Penn.

PERSONAL INFORMATION:
 NAME: Rodrigues, Fernando Gama
 BORN: 7-22-02
 SCHOOL: McKeesport College, COLLEGE and DEGREE
 GUARDIAN: Br. Antonio B. Rodrigues

GRADUATE COURSE SUMMARY:
 A.01: 0
 A.02: 2
 A.03: 2
 A.04: 4

LEAVE OF ABSENCE:
 1/4/26

Fig. 218- Prontuário de Washington Azevedo na “School of Fine Arts” da Penn. Fonte: ARCHITECTURAL ARCHIVES.

Fig. 219 - Prontuário de Fernando Gama Rodrigues na “School of Fine Arts” da Penn. Fonte: ARCHITECTURAL ARCHIVES.



"Eu só era procurado por pessoas desejosas de morar em casas de 'estilo', estilos ingleses – elisabethano ou Tudor –, franceses – dos Luíses ao basco e normando – e, ainda 'missões' ou 'colonial' -, contrafações que, depois do meu batismo contemporâneo, já não conseguia mais perpetrar".

Lucio Costa, 1997: 81.

Fig. 220 - [abertura] - Grupo Escolar Dr. Fernando Magalhães, no Rio de Janeiro. Típica solução de "arquitetura missões". Fonte: HUNNICUTT, 1945.

4

“AS FONTES DA ARQUITETURA

O “*Mission Style*” e o neocolonial no Brasil

■ 4.1 – Uma Polêmica: a arquitetura neocolonial no Brasil e suas fontes estrangeiras

Os historiadores que se debruçaram sobre a arquitetura e as cidades do Brasil, durante o século XX, trataram de estabelecer marcos para sua história arquitetônico-urbanística. Nessa proposição de parâmetros ‘didáticos’ que favorecessem a assimilação das épocas e das mudanças espaciais para a transmissão de conhecimento aos futuros arquitetos e demais interessados houve, como na produção historiográfica de qualquer outra área, renúncias nas escolhas de fontes e de abordagens. Há de ser ressaltado que a própria produção de uma historiografia da arquitetura e do urbano, no Brasil, é fato novo, consolidado já sob a égide do Movimento Moderno, no século XX.

O objetivo principal deste capítulo não é discutir as matrizes historiográficas, mas, sim, analisar como a historiografia do campo arquitetônico-urbanístico viu uma delimitada produção espacial dentro do quadro geral do Brasil, no século XX. Refere-se à pesquisa das leituras efetuadas por arquitetos, historiadores e demais eruditos sobre o desenvolvimento do que se convencionou chamar de *arquitetura neocolonial*. Como primeira discussão dentro deste campo deve-se citar a própria terminologia utilizada na designação.

O termo “*neocolonial*” foi criado para se referir ao movimento de produção arquitetônica cujas matrizes estavam, supostamente, na antiga condição colonial das diversas repúblicas americanas, consideradas, via de regra, como detentoras da “*essência primária*” dos países do continente americano. A expressão, embora contemporânea dos mentores e artífices dessa forma de arquitetura, desagradava-lhes profundamente. Personagem especialmente atingido por essa terminologia foi José Marianno Filho, considerado o “mecenaz” dessa produção arquitetônica, no Brasil. José Marianno Carneiro da Cunha Filho, natural de Pernambuco, nasceu em 1881, num engenho de nome “*Monjope*”, próximo a Recife, filho de abastada família nordestina. Seu pai, como aponta Carlos Kessel, foi deputado do Império ligado à causa abolicionista. Sabe-se, também, que, desde cedo, José Marianno Filho residiu no Rio de Janeiro, junto com o pai e o irmão, o poeta Olegário Marianno. No Rio, José Marianno Filho formou-se em medicina, especializando-se em ginecologia, mas nunca chegou a clinicar (KESSEL, 2002: 89 - 90). Há informações de que foi casado com Violeta Siciliano, possivelmente descendente da família paulista. Desde cedo se envolveu com o círculo de poetas, escritores e artistas da capital federal de então, o que lhe abriu as portas para as atividades que desempenharia vida afora, como a de crítico de artes e de arquitetura. José Marianno Filho foi, também, diretor da Escola Nacional de Belas Artes em 1926 e 1927; sócio-fundador da Sociedade de Belas Artes e do Instituto Central de Arquitetos, ambos na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, foi membro-fundador de várias outras agremiações, como, por exemplo, do Rotary Club do Rio de Janeiro, em 1922 (Disponível em www.rotaryrj.org.br/Arquivos/Historia.htm. Acesso em 18 fev 2007).

Com relação ao desagravo pela nomenclatura que se tornou corrente para expressar “*a causa*” à qual estava filiado, José Marianno Filho, por diversas vezes, defendeu que o nome adequado à manifestação que propugnava era “*arquitetura tradicional brasileira*”. A negação da expressão “*neocolonial*” foi uma das formas mais enfáticas que encontrou para combater a idéia de que a arquitetura voltada à “*formação da genuína manifestação artística do Brasil*” era vinculada à seara de estilos praticados desde as últimas décadas do século XIX, dentro do escopo do ecletismo.¹ No livro ***A Inquietação das Abelhas***, publicado por Angyone Costa, em 1927, José Marianno Filho ainda salientou que também não aprovava o emprego da palavra “*estilo*”, para a evocação do movimento, e enfatizou que a única maneira de designar corretamente as realizações em curso era por meio de “*arquitetura tradicional brasileira (imprópria e perversamente chamada estilo colonial)*” (COSTA, 1927: 294).

¹ Estas formas eram identificadas pelo emprego do prefixo “*neo*”: neo-mourisco, neoclássico, neo-assírio, neo-florentino, neo-renascentista etc, e estavam presentes nos *portfolios* dos mais atuantes arquitetos e construtores do Brasil, entre fins do século XIX e metade do século XX.

— A CASA —

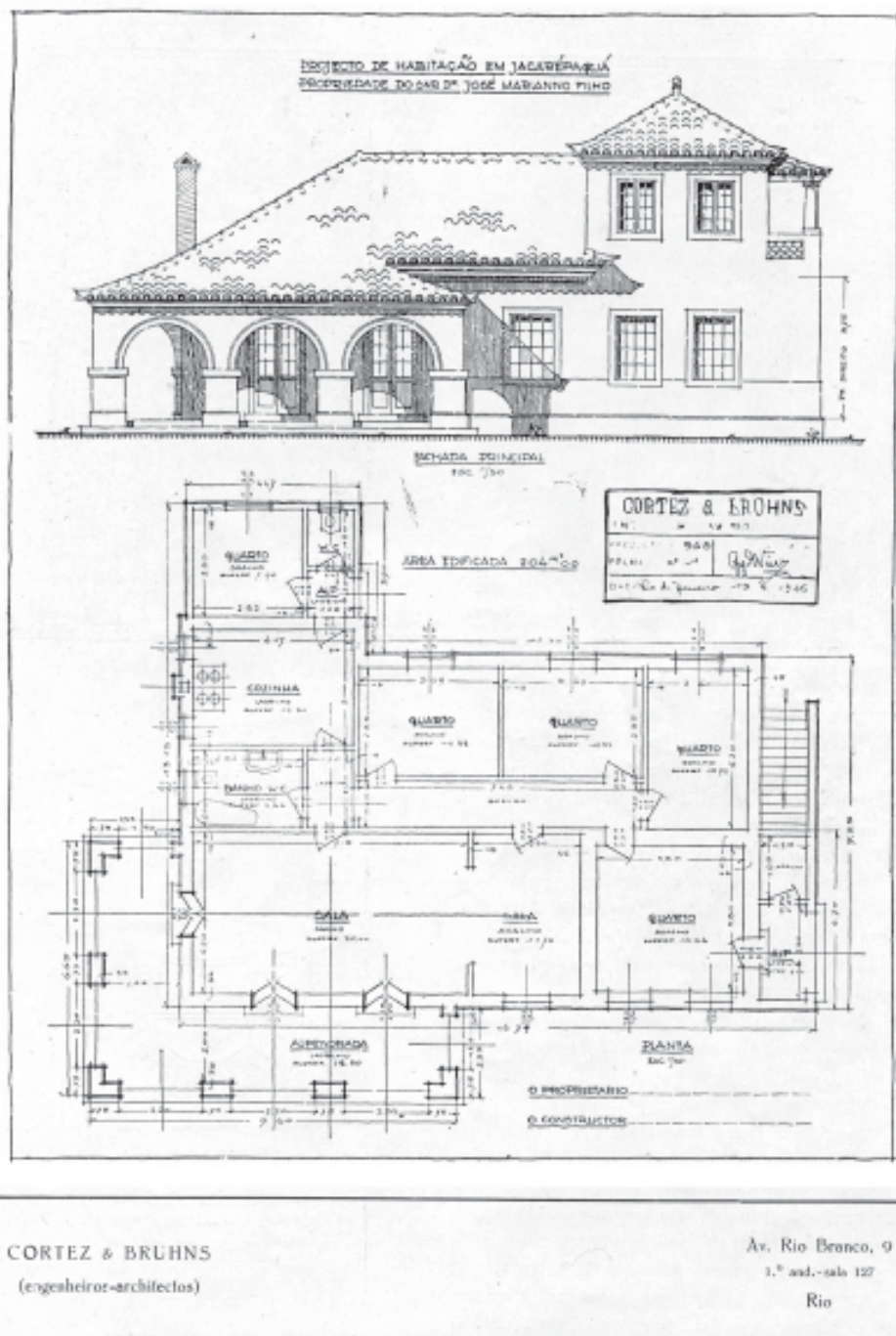


Fig. 221 - Projeto de residência suburbana desenvolvido por Cortez e Bruhns para José Marianno Filho, e publicado em *A Casa*, em 1927. Fonte: *A Casa* n. 39, 1927.

Esta rejeição deflagrada por José Marianno Filho pela colocação da arquitetura tradicional brasileira como o último fruto de uma “*árvore eclética de estilos arquitetônicos*” deve ser entendida pelo ideário deste intelectual e de seus seguidores. Para esses homens, a arquitetura tradicional brasileira vinha recuperar um elo perdido na cadeia da essência construtiva brasileira. José Marianno Filho defendia a tese de que a proliferação de estilos provenientes de outros países, se não destruiu, esmaeceu a plena demonstração da expressão da “*raça brasileira*”. Cria, ele, ainda, que a recondução, ao “*devido lugar*”, das “*expressões do povo*” se processaria apenas por meio desse movimento, que era uma espécie de campanha recuperadora² da forma e da sensibilidade estética do Brasil Colônia, nos “*tempos modernos*”.

Apesar de soar como supostamente anti-internacional e anacrônico, o movimento defendido por José Marianno Filho era, de fato, o reflexo brasileiro de um processo verificado em todos os países do continente americano, com exceção, talvez, do Canadá. Apoiados em discursos localistas, cada país das Américas onde o “*estilo tradicional*” floresceu não pretendia simplesmente transportar do passado para o presente - saltando por sobre cinco ou seis décadas de produção de estilos historicistas -, os mesmos programas e técnicas construtivas encontrados anteriormente. O que este movimento - de certa forma, *pan-americanista* - postulava era a necessidade de atualização das imagens e das proporções arquitetônicas verificadas na época colonial, em face dos avanços tecnológicos na área da construção civil e nos modos de vida.

Este debate sobre uma proposta de arte e de arquitetura tradicionais para o Brasil é apontado como tendo sido iniciado pelo engenheiro português *Ricardo Severo*,³ por meio de uma conferência proferida na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, em 20 de julho de 1914, de nome ***A Arte Tradicional no Brasil: a Casa e o Templo***. Nesta conferência Ricardo Severo expôs a necessidade de que o Brasil recuperasse sua trajetória arquitetônica interrompida com a eclosão do ecletismo. Afirmava que a ação a ser tomada era a de reinterpretar e de revalorizar a arquitetura de origem portuguesa, realizada por lusitanos, no país, durante o período colonial. Como pontuou Ricardo Marques de Azevedo, “*em resumo, o que Ricardo Severo afirmava era que a cultura autóctone que existia em terras brasileiras, por sua insipiência e primitivismo, não tinha a força suficiente para fundamentar uma arte de caráter nacional*” (AZEVEDO, 1994: 249). Está colocada aqui, então, a primeira demonstração de que a arquitetura neocolonial pensada por Severo não era recuperadora da arquitetura do Brasil Colônia, mas, sim, de sua ascendência portuguesa. Era neocolonial, pelo que se depreende de seus escritos, na concepção política deste termo: a de restabelecer uma dialética entre metrópole lusa e colônia brasileira (SEVERO, 1914).

² Não deve soar estranho, então, ver que, por diversas vezes, ele se auto-intitulou guerreiro numa cruzada, ou, ainda, “*bandeirante de um ideal nobre*” que a classe arquitetônica não compreendia. Em carta a Fernando de Azevedo, tergiversou: “*Afinal de contas não me devo queixar. Ninguém mais poderá deter o surto da arquitetura brasileira*” (A NOITE, 1927: 1).

³ *Ricardo Severo* nasceu em 1869, em Lisboa, mas foi criado na cidade do Porto, onde se formou Engenheiro Civil de Obras Públicas e de Minas, na *Academia Politécnica* (KESSEL, 2002: 55). Veio para o Rio de Janeiro em fins da década de 1880, mudando-se, logo em seguida, para São Paulo. Na capital paulista Severo casou-se com Francisca Dumont, filha de Henrique e irmã de Santos Dumont, em 1893. Tornou-se próximo e contra-parente de Ramos de Azevedo e da

Família Villares. Depois de casado, regressou a Portugal e fundou uma revista de nome *Portugália: materiaes para o estudo do povo português*, que publicou entre 1898 e 1908. Esta publicação mesclava reportagens sobre arqueologia e cultura material da Península Ibérica, dentro da tese cunhada por Severo de que antes da presença romana já havia se constituído, naquela porção da Europa, uma civilização que teria legado os traços constitutivos da raça portuguesa a partir da Pré-História. Sabe-se que, em 1908, Severo estava de volta a São Paulo, trabalhando para Ramos de Azevedo (LEMOS, 1993; SILVA, 2005).

Na práxis arquitetônica, como já apontaram Carlos Lemos e Silvia Wolff, Severo já havia construído duas residências utilizando-se do repertório formal português, antes da conferência de 1914. As casas geminadas das ruas Piauí e Maranhão datam de 1910 e demonstram a atitude deste engenheiro no emprego de características lusas, como a ordem toscana, mais simples e sem ornamentações excessivas; os beirais proeminentes e os tímpanos curvilíneos (LEMOS, 1993: 85; WOLFF, 2000: 221).

Existe, na historiografia que trata do neocolonial, uma certa condescendência com a exegese do discurso de Severo. Quase nunca se fala que a arquitetura por ele pretendida era estrangeira ou exógena, apesar de ele manifestar que o fundo repertorial para a feição da arquitetura da antiga colônia portuguesa era o Porto, e não Ouro Preto. Há, também, um *gap* entre o marco julgado como inicial – a conferência de 1914 – e a efetiva difusão do movimento, a qual, sem dúvida, se deu no Rio de Janeiro, com José Marianno Filho. Neste sentido, torna-se interessante analisar o editorial da **Revista Fon Fon**, de 1921:

“Desenha-se agora na nossa vida artística em geral um forte movimento tradicionalista, palpitante de aspirações nacionais. Cansados de copiar o que fazem os estrangeiros, chegamos à conclusão que é necessário (fazer) qualquer coisa de acordo com a história, a raça, a alma da nação, em todas as nossas manifestações artísticas. Daí o movimento, a cuja frente se pôs José Marianno Filho para restabelecer, pondo-os de acordo com o progresso, os velhos característicos da arquitetura colonial adaptada aos ares do Brasil, por aqueles a quem devemos a força da nossa coesão nacional e o profundo sentimento de nossa personalidade como povo” (Revista Fon Fon, 1921, citada por SANTOS, 1981:90).

O texto diz que o movimento tradicional era banhado por aspirações nacionais e que tinha, de certa forma, pensamento xenófobo. Estranho notar que Severo, português, ligado aos círculos de seus patrícios, continuaria a requisitar para si a deflagração do movimento e a insistir que Portugal era sua matriz, como um artigo publicado em **O Estado de São Paulo**, em 1922, mostra:

“Há alguns anos que no Brasil ensaiamos os primeiros protestos em favor da sua ‘Arte Tradicional’. Esta campanha – pelo jornal, em conferências, por tentativas práticas – era a seqüência da obra tradicionalista, começadas por uma geração de cientistas e artistas, da qual foi principal arauto a Revista ‘Portugalia’, fundada em 1899, sobre as mais primitivas bases da nacionalidade” (SEVERO, 1922).

A não-incorporação de Severo ao rol dos estrangeiros que produziam discursos e arquiteturas exóticas deve ser compreendida pela “*maturação*” de seu discurso, entre 1914 e 1922. Durante esses anos Severo foi explicitando, com mais apuro, a idéia de que a raça brasileira era tributária direta do mundo português, e que o recuperar das ligações artísticas com Portugal não era um demonstrativo de uma



Fig. 222 - Fachada projetada por Ricardo Severo para a Beneficência Portuguesa de Campinas / SP. Fonte: AMARAL, 1994.

Fig. 223 - Fachada projetada por Ricardo Severo para a Faculdade de Direito da USP, no Largo São Francisco, em São Paulo. Fonte: AMARAL, 1994.



Fig. 224 - Projeto de Lucio Costa para um "Portão Colonial" entregue a um dos concursos promovidos por José Mariano Filho. Fonte: COSTA, 1997.

Fig. 225 - Primeira residência projetada por Ricardo Severo a usar o vocabulário neocolonial, em São Paulo. Fonte: WOLFF, 2000.

atitude de dominação ou a assinatura de um atestado de dependência mas, sim, o retirar da arquitetura brasileira “*de um período de decadência*” cujo despertar se mostrava tardio (SEVERO, 1922). O mais importante é notar que Severo tinha consciência do que vinha ocorrendo em outros países e intentava uma equiparação do Brasil com essas nações. Ele diz, textualmente, que, enquanto o Brasil permanecia na letargia arquitetônica, nos “*outros países [amanhecia] uma nova renascença nacionalista, com o apostolado da tradição, de uma arte que [realizava] a arquitetura da raça na sua essência tradicional*” (SEVERO, 1922). Como se nota, o discurso de Severo não era interpretado como xenófobo ou *neocolonialista* pelo fato de ele sustentar a tese de que era na busca das origens coloniais brasileiras que se encontraria o elo perdido da verdadeira arte, e este elo – como ele quase “*messianicamente*” já havia advertido – era a herança portuguesa. Por outro lado, ao inscrever esta busca num cenário internacional, respondia ao afã modernizador e internacionalista típico da sociedade industrial. Em resumo: era por meio do encontro com o passado que se estabeleceria a condição para o ingresso brasileiro no cenário internacional.

Esta constatação é importante, pois, se era buscando as origens que se ingressaria no universo artístico internacional, seguindo os mesmos passos dos demais países americanos, era possível tentar encontrar características comuns entre o Brasil e as outras nações do continente americano. Entretanto, Severo, num primeiro momento, e José Marianno Filho, depois, se pronunciariam contrários a este “*escambo de formas*” entre os países de origem hispânica e o país de ascendência lusa. Ambos, já nos anos 1920, explicitaram a necessidade de pesquisar e de estabelecer normas para a utilização rigorosa e parcimoniosa dos elementos artístico-arquitetônicos do passado. E mais, para ambos, era necessário combater o interesse pela arquitetura dos vizinhos americanos e sua elevação à categoria de “*modelos*” de arte e de arquitetura (SEVERO, 1922). José Marianno Filho, valendo-se de sua verve feroz, tergiversou contra a fusão das formas advindas da tradição *Beaux-Arts* e do mundo hispânico com a arquitetura tradicional brasileira. Analisando a Exposição Internacional do Centenário ocorrida, em 1922, no Rio de Janeiro, ele fez objeções à reforma que o escritório formado por *Francisque Cuchet* e Archimedes Memória fez no antigo Arsenal da Guerra, também chamado de Casa do Trem, uma das últimas edificações provenientes do período colonial naquela cidade. José Marianno Filho elencou os problemas que verificou na transformação do edifício colonial em um “*neocolonial*”:

“Levantaram-se tímpanos mesquinamente perfilados, compuseram-se bow-windows inglesas à guisa de elementos decorativos (quer dizer que o Senhor Cuchet ignorava que nós possuíamos lindos balcões almofadados, aliás, comuns à toda América Latina), forjaram-se grades com escudos de renascimento espanhol,



Fig. 225 - Igreja de Nossa Senhora do Brasil, projetada por Bruno Simões Magro, para o Jardim América, em São Paulo. Fonte: FICHER, 2005.

Fig. 228 - Instituto de Educação do Rio de Janeiro, antiga Escola Normal. Projeto de Cortez e Bruhns. Foto: Fernando Atique, 2004.

Fig. 226 - Residência neocolonial projetada pelo escritório do arquiteto Ramos de Azevedo, em São Paulo. Fonte: LEMOS, 1993.

Fig. 229 - Capela de Nossa Senhora Aparecida, no distrito de Bueno de Andrade, em Araraquara / SP. Templo inaugurado em 1924. Foto: Fernando Atique, 2004.

Fig. 227 - Fachada da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos, da USP, em Pirassununga. Foto: Fernando Atique, 2004.

Fig. 230 - Fachada do Ginásio Poliesportivo da USP, campus Ribeirão Preto. Foto: Fernando Atique, 2004.

cometeram-se barbarismos e enxertos, na ânsia de embelezar um estilo cuja beleza está apenas na sua simplicidade" (CUNHA FILHO, citado por KESSEL, 2002: 107).

O texto revela que José Marianno Filho tinha conhecimento do que acontecia em *"toda a América Latina"*, mas temia que ocorresse uma *"sedução"* por parte dos artífices da arte tradicional brasileira pelos elementos e pela estrutura espacial daquelas arquiteturas.

A consagração do neocolonial na Exposição do Centenário, por outro lado, permitiu tomar contato com os movimentos análogos dos Estados Unidos, país que construiu seu pavilhão dentro dos ditames lusos, mas que também, inegavelmente, valeu-se de referências hispânicas tal qual verificadas no *Pan American Union Building* de *Kelsey e Cret*, em *Washington*. A Exposição também permitiu conhecer as formas barrocas empregadas no pavilhão mexicano, um dos mais ornamentados e coloridos da amostra, além de explicitar que as diferenças tão propaladas por Severo e Marianno Filho, na verdade, não eram tão grandes. A presença maciça de tantos países latinos, no Rio de Janeiro, ostentando pavilhões vazados desde o mais puro referencial neoclássico até a mais intensa ornamentação barroca, permitiu o entendimento do que poderia vir a ser uma arquitetura pan-americana.

Este tema merece ser melhor depurado. É impossível não comparar a Exposição do Centenário, inaugurada, no Brasil, em 1922, com a *Panama - Pacific Exposition*, ocorrida em *San Diego, California*, em 1915, cujo objetivo era celebrar a abertura do Canal do Panamá. O plano desta exposição ficou a cargo de *Bertram Grovesnor Goodhue*, arquiteto formado em Paris, pela *École de Beaux-Arts*. Apesar de ter trabalhado, até então, na costa leste dos Estados Unidos, ele foi escolhido para traçar as diretrizes de implantação e de arquitetura da feira por conta de uma publicação, de sua lavra, sobre a arquitetura colonial mexicana (KROPP, 2006). Pesou, também, além da publicação, o fato de ele ter realizado o edifício da companhia de trem do Canal do Panamá. Este edifício ferroviário empregava referências arquitetônicas como arcadas e portadas barrocas, como assegura *Francisco Potes* (POTES, 2000: 23). Com relação à Exposição de *San Diego*, *Goodhue* determinou que todos os edifícios fossem erigidos e ornamentados com referências estéticas do período colonial hispânico, constituindo o que ele denominou *"Spanish Colonial Style"* (POTES, 2000: 24). A empreitada foi muito bem recebida pela imprensa, pelos arquitetos e pela sociedade e acabou se tornando um pressuposto formal para a elaboração de edifícios das repúblicas americanas em eventos de porte semelhante (KROPP, 2006).

Voltando aos efeitos da Exposição do Centenário, convém mostrar que após o evento, aberto à visitação entre setembro de 1922 e setembro de 1923, José Marianno Filho tomou a iniciativa de enviar arquitetos recém-formados para visitar aquelas que eram consideradas as maiores expressões da genuína arte brasileira: as cidades mineiras. Assim, Lucio Costa, Nestor Emgydeo de Figueiredo e Nereo Sampaio foram mandados a Diamantina, São João Del Rey, Ouro Preto e Tiradentes, com o objetivo de analisar, sob vários aspectos, a arquitetura ali existente, e documentá-la para a propagação dos motivos a serem empregados na produção do “*Estilo Brasileiro*”, entre os arquitetos e engenheiros nacionais.

Pode-se dizer que havia, nesta iniciativa de José Marianno Filho, certo temor pela conjugação de elementos exógenos à arquitetura do Brasil, levando o movimento a enfraquecer e a passar a ser visto como um dos possíveis “*neos*” dos catálogos estilísticos que almejava ver suplantado. Sua atitude, num primeiro momento, era provocar uma proliferação dessa arquitetura entre todos os estratos sociais, de forma que a cidade fosse se renovando até ser vazada, integralmente, dentro das linhas da arquitetura vinculada ao passado. Entretanto, com o passar dos anos, José Marianno Filho foi fazendo concessões e adequações para garantir a permanência do estilo de forma adequada, evitando, assim, o surgimento de arranha-céus neocoloniais, por exemplo. É, neste sentido, que devem ser entendidas as proposições de concursos por José Marianno Filho, de “*sofá brasileiro*”, “*portão brasileiro*”, “*mobiliário D. João V para sala de estar*”, dentre alguns outros (KESSEL, 2002). Foi, também, nesta linha, que ele lutou para que as escolas públicas fossem construídas dentro dos ditames do colonial, a fim de transmitir às crianças em idade escolar a sensação de civismo e de reconhecimento de suas heranças nacionais (KESSEL, 2002: 149).

Esta campanha de José Marianno Filho demonstra o extremado zelo que ele nutria por sua “*causa arquitetônica*”. Neste sentido, convém mostrar que o combate à fusão de formas exóticas ao arcabouço brasileiro tinha o seu porquê. Em 1925, o convite para a participação na feira que comemoraria os 150 anos da Declaração da Independência dos Estados Unidos, a ocorrer na *Philadelphia*, fez com que os arquitetos, sobretudo os do Rio de Janeiro, recorressem à fusão de referências do colonial luso-brasileiro com o hispano-americano, para a concepção dos espaços e das ornamentações dos pavilhões apresentados ao concurso de escolha do pavilhão oficial do Brasil. Paulo Santos foi taxativo ao dizer que quem deflagrou esta atitude foi Edgard Vianna, educado na Penn, e adepto das “*formas coloniais*” pelo viés norte-americano (SANTOS, 1981: 94). Havia, na visão de Marianno Filho, um fator palpável para o possível desvirtuamento de sua proposta nacionalista: o contato com os Estados Unidos e com sua indústria editorial que, já nos



Mission Santa Inés - Consider Adjoining the Park

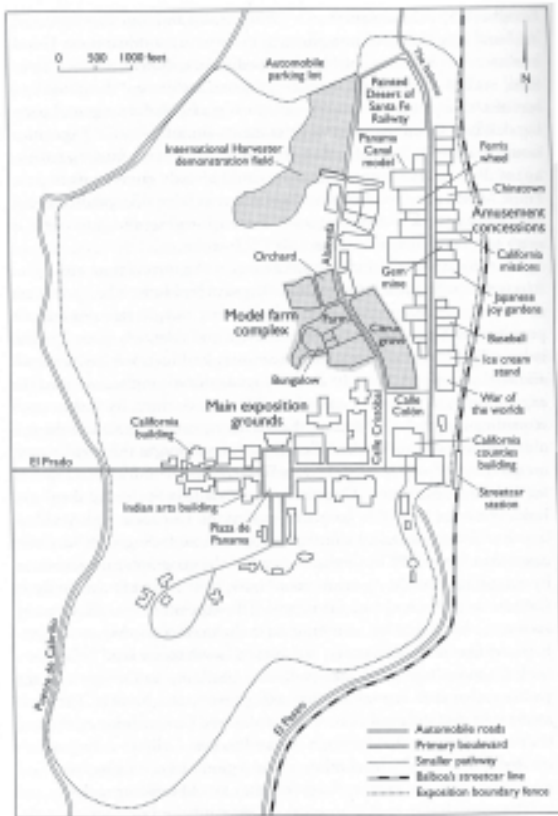


Fig. 231 - Claustro da Missão "Santa Inés", na Califórnia. Fonte: BAER, 1958.

Fig. 232 - Plano da "Panama Pacific Exposition", de 1915. Fonte: KROPP, 2006.

Fig. 233 - Aspecto da "Panama Pacific Exposition", numa tela a óleo. Notar o apelo hispânico nos trajes e na arquitetura. Fonte: KROPP, 2006.

anos 1920, invadia o país com inúmeras revistas, álbuns e propagandas acerca do que o brasileiro daqueles anos chamava de “*bangalô californiano*” (NASLAVSKY, 1998: 75).

Com a detecção deste problema, no ano seguinte, 1926, Fernando de Azevedo,⁴ importante intelectual e amigo de José Marianno Filho, realizou um inquérito no Jornal *O Estado de São Paulo*, pelo qual deu voz a vários arquitetos e defensores do movimento. Seu próprio artigo de abertura é relevante ao demonstrar que o Brasil pertencia a um rol de nações que inspirava “*todas as Artes na América*” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1926a: 4). Estas nações estavam alinhadas por combaterem a “*influência estrangeira*” que dissolvia a essência nacional. Embora cite os Estados Unidos, o Peru, a Argentina e o México como bons exemplos da vitalidade da investigação sobre suas origens arquitetônicas, Azevedo levantou a bandeira de que se deveria lutar contra a “*tradição estrangeira*”, no Brasil. Nesse artigo, Azevedo explicitou que ainda existia certo rechaço, no Brasil, pela adoção incontestada do neocolonial. Sobre essa atitude “*anti-nacional*”, ele comentou que

“Não haverá mais estranho do que esta repugnância que sentem alguns em adotar o tradicionalismo do país, quando nada mais fazem que importar todos os tradicionalismos exóticos. Em lugar da ‘casa brasileira’, o que se constrói é o chalé suíço, é o bangalow [sic] das colônias britânicas” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1926a: 4).

O conjunto de reportagens conduzidas por Fernando de Azevedo ficou conhecido como “*inquérito sobre a arquitetura colonial*” e foi publicado no jornal, durante todo o mês de abril de 1926. Dele participaram Ricardo Severo, Wash Rodrigues, Alexandre Albuquerque, Adolfo Pinto Filho e José Marianno Filho. As opiniões de todos esses intelectuais se coadunavam, de certa forma, em prol da necessidade do estabelecimento de regras mais claras sobre o que deveria ser incorporado às obras arquitetônicas. Os personagens repeliam, também, a influência estrangeira, apesar de sempre considerarem válidas as experiências dos demais países americanos. Foram observadas, também, ao longo de todos os depoimentos, diferenças entre a arquitetura brasileira e a das repúblicas hispânicas, o que deve ser visto como uma espécie de alerta ao uso indiscriminado das soluções espaciais verificadas nos países vizinhos.

Como resposta aos elementos a serem julgados como típicos da casa colonial brasileira, estavam, para Ricardo Severo, o “*carater ingenuo*”, a simplicidade das fachadas discretamente ornamentadas, os telhados de telha romana e a apropriação, ao clima, dos largos beirais e da luz que penetrava nas residências após vencer os alpendres acolhedores (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1926b: 3). O depoimento de Severo

⁴ Azevedo seria um dos viabilizadores, anos mais tarde, da implantação da idéia de José Marianno Filho da adoção da estética tradicional do período colonial em escolas, sobretudo no Rio.

ainda mostrava seu apreço pela arquitetura das casas de moradia que, segundo ele, “denuncia[va] o recato e a hospitalidade das famílias antigas, de vida patriarcal, cujo espírito religioso se recorda nas cruzes ornamentais, nos oratórios ou nas capelas” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1926b: 3). Outras características tidas como relevantes na “arquitetura adaptada” ao país, eram os tetos ricos; os painéis de azulejos; os pátios internos para onde se abriam as varandas e as salas de jantar; os portões “brasonados” e os vestíbulos com escadarias imponentes (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1926b: 3).

O artigo de Severo falava, também, da subsistência de um caráter comum que tornava possível a identificação dos edifícios, “do ponto de vista do estilo”. Contudo, o que está claro é a eleição de algumas características da arquitetura que foram utilizadas, posteriormente, com o neocolonial, mas não com o mesmo rigor do Brasil Colônia. Dentre essas características, apontava o autor: os espigões recurvados que terminam por uma telha simples ou recortada em forma de pomba, ou obra de alvenaria; os beirais, ora com cachorros encobertos, ora lançados sobre fileiras de telhas invertidas, ora assentados sob os caibros de madeira ou sobre cornijas de cantaria; as janelas com ou sem sacadas, onde eram aplicadas rótulas, gelosias, adufas ou grades de ferro forjado (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1926b: 3).

Quanto à estruturação dos edifícios, as formas retangulares e quadradas (com exceções de algumas igrejas com paredes curvas ou de forma elíptica) eram as predominantes. O pitoresco das casas coloniais, segundo o inquérito, não era originário apenas da decoração das fachadas, mas era resultado, também, das “discretas assimetrias” ou da “falta intencional de regularidade” que quebravam as linhas dos frontispícios, produzindo um “efeito agradável”, e diversificavam as formas dos telhados (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1926b: 3).

José Marianno Filho foi o último entrevistado por Azevedo, por ocupar, segundo o organizador do inquérito, a posição de principal nome da “campanha”. Criticando as fusões estilísticas que já proliferavam, naqueles anos, na construção de arquiteturas tradicionais, declarou que

“o que caracteriza um estilo arquitetônico não é o emprego de determinados elementos, mas as leis que regem a aplicação (...) Divergências de orientação, preocupação de forçar a nota pitoresca ou decorativa, criaram dissidências artísticas, cujas conseqüências refletem-se desfavoravelmente sobre o movimento pelo qual estou batalhando” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1926g: 3).

Esta mesma opinião foi encontrada no artigo de abertura de Azevedo, que exprimiu ser o Brasil formado por “um povo que hospeda todos os tradicionalismos estrangeiros” e que repudia o próprio estilo” (O

ESTADO DE SÃO PAULO, 1926a: 4). Os depoimentos de Ricardo Severo e de Wasth Rodrigues também criticavam a apropriação de estilos de outros países. O primeiro afirmava que

“em vez de rebuscar e apropriar a tradição de estranhas gentes, procuremos reviver a própria tradição, que é a nossa única razão de ser: está não só no passado como nas manifestações da vida presente, e só ela pode marcar-nos no futuro um lugar de próprio domínio, independente de outros povos” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1926b; 3).

Wasth Rodrigues, por sua vez, dizia que

“Para se construir uma casa de cunho colonial é preciso desviar os olhos dos tipos modernos de catálogos econômicos pra esses exemplares que ficaram da arquitetura antiga. Do contrário, teremos que andar às apalpadelas, procurando, como se tem feito, transformar em colonial o bangalô, que é uma casa de campo, importada das Índias Inglesas para a América do Norte.(...) Olhemos, pois, para o passado, se quisermos inspirar-nos melhor” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1926e: 4).

Alexandre Albuquerque, contrariando seus colegas, não postulava exclusividade para a arquitetura neocolonial. Em suas considerações, reconheceu que São Paulo, antes de tudo, constituía um crisol de raças e que o ecletismo era totalmente válido, afirmando que eram

“diferentes as bases científicas sobre que descansa a arquitetura, da mesma forma que é distinto em todos os sentidos o momento histórico. Por isso, a arte colonial não pode, na minha opinião, transformar-se pela simples vontade de certa ‘elite’ em uma arte nacional que produza numerosas tendências estéticas e simbolize a civilização atual” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1926f: 4).

A arquiteta Gabriela Campagnol, analisando a participação de Albuquerque, no inquérito, comentou que este arquiteto via as soluções importadas *“sem contrariar a índole nacional, nem os programas de necessidades sintonizados com a tradição”* (CAMPAGNOL, 2000: 10). De fato, ele dizia que a velha sala de jantar - a varanda, *“que se adapta melhor a nossa alma”* - não deveria ser substituída pelo *“pedante living room”* de importação. Assim, Albuquerque propunha a realização de um inventário da antiga arquitetura brasileira através de excursões científicas para o estudo e o levantamento das plantas dos templos e das casas coloniais, algo que, como será visto, ele, de fato, empreendeu (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1926f: 4).

Em linhas gerais, a arquitetura colonial era elogiada como resultado de uma “*evolução*” que teria alcançado formas consideradas ideais ao meio brasileiro. Entretanto, elas não deveriam, simplesmente, ser reproduzidas sem critérios. Conforme pregou a reportagem, a “*Renascença da Arte na Arquitetura*” se daria com a condição essencial de se apoiar “*sobre princípios*” e não sobre formas. Diante disso, questionava Azevedo: “*que é originalidade senão a expressão justa de uma idéia, a interpretação ornamental das formas derivadas dos materiais e a adaptação exata dos motivos à variedade funcional das construções?*” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1926h: 4).

A idéia de que o neocolonial era expressão recuperadora da essência construtiva brasileira, entretanto, não passou à história da arquitetura com este caráter. Os principais autores a tratar da arquitetura brasileira reservaram ao neocolonial pouco espaço e, via de regra, o enxergaram como um movimento saudosista do passado, equivocado na busca por uma identidade nacional e calcado na articulação de formas anacrônicas, face à eclosão do modernismo arquitetônico. Estas opiniões podem ser sentidas, em maior ou menor grau, nos livros de Carlos Lemos - *Arquitetura Brasileira e Alvenaria Burguesa* -, de Yves Bruand - *Arquitetura Contemporânea no Brasil* - e de Hugo Segawa - *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. Paulo Santos, em *Quatro Séculos de Arquitetura*, tende a analisar o neocolonial como uma importante página da arquitetura brasileira do século XX, abrindo, dessa forma, o caminho para uma exegese mais apurada das diversas faces do século passado.

Nesse sentido, embora exista, atualmente, uma louvável produção de teses acadêmicas sobre o neocolonial no Brasil, dentre as quais a de Carlos Kessel é o exemplo mais acabado e rigoroso, nunca se empreendeu uma leitura da arquitetura neocolonial de maneira a enxergá-la como uma possível *arquitetura pan-americana*. Sempre que se fala das fontes estrangeiras no escopo do neocolonial, fala-se de forma depreciativa e, não, analítica. Quando se cita a fusão do neocolonial de matriz luso-brasileira com o *Mission Style* e com as correlatas manifestações de recuperação da arquitetura de fundo hispânico, encontram-se discursos que as consideram fenômenos menores dentro de um movimento, por si só, visto como pouco contribuidor à arquitetura do Brasil. É tentando mostrar que a chegada do *Mission Style* e de suas manifestações correlatas, aos países latinos e, em especial, ao Brasil, se deu por conta de uma idéia de pan-americanismo na arquitetura, que se redigiu este capítulo. Diante do exposto, convém iniciar esta discussão pelas noções de origem do *Mission Style*.

4.2 – “Mission Style”: caracterizações fundamentais

“Os edifícios erigidos por esses padres expressam, de uma maneira singular, a cultura e a civilização que eles implantaram na região.”⁵

Rexford Newcomb, 1916, p.VII

Como visto, o *mission style* não é uma arquitetura originada no Brasil, mas, aqui, ele encontrou campo e foi desenvolvido, dentro de um movimento de pan-americanização cultural e arquitetônica que se tem procurado historiar. Expressão arquitetônica de um fenômeno decorrente da expansão territorial dos Estados Unidos, no século XIX, por áreas que eram de origem hispânica, o *Mission Style* é, na verdade, apenas uma parcela de um processo maior de criação cultural transcorrido na América do Norte. Iniciado no período posterior à *Guerra México - Estados Unidos*⁶ (1846 e 1848), significou, num primeiro momento, a atribuição de novas interpretações aos presídios, aos ranchos e às missões da *California*, do *New Mexico* e do *Texas*, mais afinados com os pressupostos político-sociais estadunidenses. Segundo apontou o historiador urbano *Roberto Lint Sagarena*, com essa atitude intentava-se apagar as marcas da dominação mexicana, ocorrida entre 1821 – ano da independência do México, da Espanha - e 1848 - ano do início do domínio dos Estados Unidos. A idéia era transformar a recém-incorporada região em uma idealizada “*Arcádia Espanhola*”. Isso, na prática, levou à produção de uma constelação de narrativas históricas que exaltaram os colonizadores franciscanos, colocando-os numa posição de destaque na formatação da região, e, conseqüentemente, transformando-os em espécie de embaixadores diretos da cultura espanhola nos Estados Unidos, repudiando, portanto, o lastro mexicano, plenamente visível (SAGARENA, 2002: 432).

Dessa forma, a gestão desses estados e de suas respectivas missões - mistos de aldeamentos indígenas com mosteiros religiosos - inscreveu-se num processo cuja principal estratégia era a cunhagem de uma cultura que mostrasse os Estados Unidos como uma terra plural, não apenas em tipos físicos e crenças, mas também em heranças históricas. No momento em que os Estados Unidos tomaram posse da *California*, das 21 missões originais,⁷ fundadas entre 1769 e 1823,⁸ poucas ainda estavam em uso, principalmente por conta da morte e/ou partida de religiosos, ou porque várias outras estavam em mãos de particulares, alçados à categoria de “*proprietários*” de terras com a Revolução de Independência mexicana, sem contar, ainda a anexação processada pelos Estados Unidos, após 1848. Como informa Sagarena, ainda em 1850, a Igreja Católica Norte-Americana enviou um representante para que procedesse à compra e à transferência

⁵ No original: “*The buildings erected by these padres express, in a similar manner, the culture and civilization that they heralded in the land.*”

⁶ O conflito conhecido como *Guerra México-Estados Unidos* teve origem em 1836, quando o México, independente da Espanha, perdeu uma considerável porção de seu território, o antigo *Tejas*, que se declarou independente. A *República Tejana* recebeu apoio dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e da França, que reconheceram sua independência. O México declarou não reconhecer a independência e demonstrou a intenção de reanexar o território julgado rebelde. Em 1845 os Estados Unidos apresentaram proposta de compra da *California* e do *New Mexico* ao governo mexicano, que não demonstrou interesse. A Guerra contra os Estados Unidos processou-se entre 1846 e 1848. Foi assinado, em 2 de

fevereiro de 1848, o *Tratado de Guadalupe Hidalgo*, pelo diplomata norte-americano *Nicholas Trist*. Este tratado concretizou a perda de 1 milhão e 300 mil quilômetros quadrados pelo México, quase metade de seu antigo território.

⁷ Foram elas, por ordem cronológica: *San Diego de Alcalá* (1769); *San Carlos Borromeo de Carmelo* (1770); *San Antonio de Padua* (1771); *San Gabriel Arcángel* (1771); *San Luis Obispo de Tolosa* (1772); *San Francisco de Asís* (1776); *San Juan Capistrano* (1776); *Santa Clara de Asís* (1777); *San Buenaventura* (1782); *Santa Barbara* (1786); *La Purísima Concepción* (1787); *Santa Cruz* (1791); *Nuestra Señora de la Soledad* (1791); *San José* (1797); *San Juan Bautista* (1797); *San Miguel Arcángel* (1797); *San Fernando Rey de España* (1797); *San Luis Rey de Francia* (1798); *Santa Inés* (1804); *San Antonio de Pala* (1816); *San Rafael Arcángel*

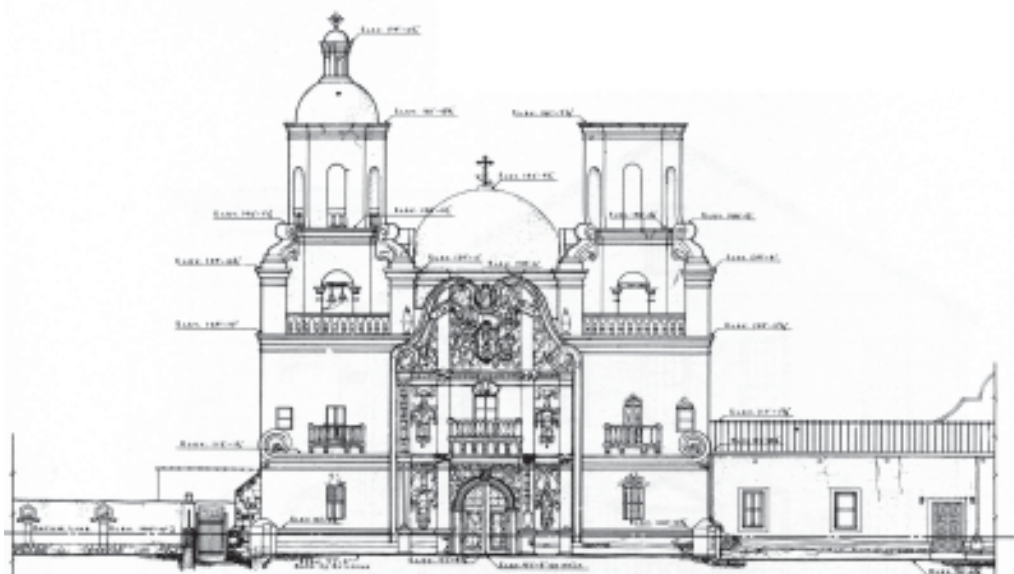


Fig. 234 - Fachada da igreja da Missão "San Xavier del Bac".
Fonte: RIFKIND, 1980.

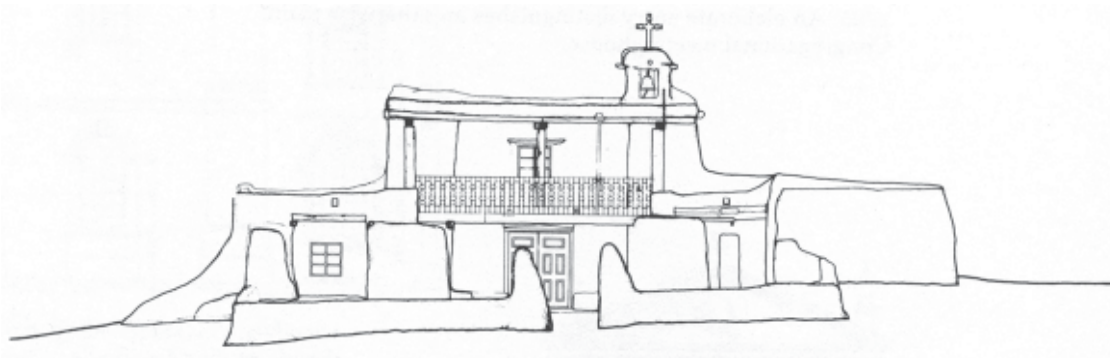


Fig. 235 - Fachada da igreja da Missão "Santa Ana del Pueblo".
Fonte: RIFKIND, 1980.

(1817) e *San Francisco Solano* (1823) (NEWCOMB, 1916: VII).

⁸ A história da colonização dessa porção da América do Norte remete à época da corrida expansionista européia ao *Novo Mundo*. No século XVI, a declaração de posse da *Nueva España*, na América, pelo reino espanhol, levou à conquista de áreas onde, hoje, estão o México, a Guatemala e as ilhas do Caribe. No século XVIII, com a chegada e a demarcação de áreas no litoral do Pacífico, o reino espanhol, aliado à Igreja Católica Romana, empreendeu a constituição de uma rede de assentamentos a serem liderados por religiosos jesuítas visando a conversão, ao cristianismo, de indígenas, e a conseqüente produção mineral e de agricultura a serem remetidas à Espanha. Locadas em uma área conhecida como *Baja California*, no sentido sul da falha geológica de *Santo*

André, a *Baja California* manteve-se ocupada por missões jesuítas, montadas de forma semelhante às ocorridas no Brasil e nos demais países platinos, até 1768, quando essa ordem foi expulsa. Naquele mesmo período, tomando ciência da atração que promovia a região mais setentrional das missões, na Europa, o governo espanhol resolveu explorar e ocupar a porção conhecida como *Alta California*. Sem os jesuítas, as missões pré-existentes foram entregues à *Ordem Dominicana*, e as novas missões, fundadas na *Alta California*, à *Ordem Franciscana*. Em 14 de julho de 1869, os Franciscanos iniciaram a ocupação, procurando aldeamentos indígenas onde encontrariam trabalhadores para a constituição das missões. Um dos pioneiros franciscanos foi o *frei Junipero Serra* que, depois, seria celebrado dentro do movimento que se historia. Há informações de que as missões nunca alcançaram auto-



Missão San Buenaventura - The Bell Tower



Missão Santa Barbara - The Church and the Marble Fountain



Missão San Fernando - The Long Corridor



Missão Santa Barbara - Stone Altar and Window of the Choir



Missão Santa Barbara - Altar and Window in the Choir



Missão San Antonio de Pádua - The Facade and the Courtyard



Missão Santa Inés - The Colonnade and the Church



Missão San Diego - The Facade and the Campanile

Fig. 236 - Igreja da Missão "San Buenaventura". Fonte: BAER, 1958.

Fig. 238 - Igreja da Missão "San Fernando". Fonte: BAER, 1958.

Fig. 237 - Interior da igreja da Missão "Santa Barbara". Fonte: BAER, 1958.

Fig. 239 - Igreja da Missão "Santa Inés". Fonte: BAER, 1958.

Fig. 240 - Igreja da Missão "Santa Barbara". Fonte: BAER, 1958.

Fig. 241 - Missão Santo Antonio de Pádua. Fonte: BAER, 1958.

Fig. 242 - Missão "Santa Barbara". Fonte: BAER, 1958.

Fig. 243 - Missão "San Diego" Fonte: BAER, 1958.

dos antigos templos das missões, da *Iglésia Católica Mejicana* para a *American Catholic Church*, e dos proprietários particulares à instituição religiosa. Dessa forma, em 1850, o bispo *Joseph Alemany* chegou à *California* para efetivar a posse e montar a Diocese das Califórnia.⁹ Este processo não foi tão simples, desembocando no assassinato do bispo e num decreto, baixado pelo Governo Federal dos Estados Unidos, que colocou as missões que haviam sido secularizadas, nas mãos da Igreja Católica Romana Norte-Americana (SAGARENA, 2002: 431). Mas, de fato, a Igreja não se interessou em ocupar os antigos templos franciscanos, preferindo a construção de novos espaços seguidores dos estilos praticados na costa leste e no meio-oeste daquele país, deixando-os, assim, sem atividades. Poucos anos mais tarde, alguns empresários, sobretudo protestantes que haviam adquirido parcelas de terras em torno das igrejas das missões, começaram a reformar os aldeamentos visando atrair turistas. Esta transformação de caráter funcional, de “*sítio religioso*” para “*sítio turístico*”, tem a ver com dois personagens históricos, fundamentais para a criação daquilo que *Mike Davis* chamou de o “*Mito das Missões*”: a escritora *Helen Hunt Jackson* e o jornalista *Charles Fletcher Lummis* (DAVIS, 1993: 39).

Em 1883, *Helen Hunter Jackson*, natural de *Amherst, Massachusetts*, criada em família de confissão Congregacional, escreveu uma série de artigos sobre o *Frei Junípero Serra*, líder franciscano no processo de implantação das missões na *Alta California*. Publicados numa revista de nome ***Century Magazine***, que circulava por todos os Estados Unidos, Jackson iniciou uma celebração, em escala nacional, do legado franciscano na costa oeste daquele país (SAGARENA, 2002: 432). Defendendo a tese de que o referido frei tinha sido um “*homem pio, de altos valores espirituais, descendente direto da teologia de São Francisco de Assis*”, e, portanto, distante do que os puritanos e seus descendentes julgavam como “*abusos*” do catolicismo romano, *Helen Hunter Jackson* transformou as missões e seus gestores, em mitos de uma sociedade pacífica, cordial e fundamentada em princípios que julgava não muito diferentes dos implantados pelos colonizadores, nas antigas 13 colônias da costa leste. Contudo, como bem pontua *Roberto Sagarena*:

“Mesmo tendo sido influente a biografia de *Frei Serra*, escrita por *Jackson*, foi, de fato, seu romance **Ramona** (publicado em 1884) que conquistou ampla audiência e moldou tropas nostálgicas que influenciaram gerações de literatos, historiadores, viajantes e arquitetos norte-americanos. A autora esperava que **Ramona** pudesse vir a ser a “*Cabana do Pai Tomás, do oeste*”, chamando a atenção para a população indígena da *California* e clamando por mudanças sociais” [tradução minha] (SAGARENA, 2002: 432).¹⁰

Ramona é a história de uma mestiça de espanhóis – note-se bem, não de *mexicanos* – com indígenas,

suficiência, necessitando de socorros financeiros da Espanha constantemente. Com o processo de independência no México, iniciado por volta de 1810, os auxílios europeus cessaram e, sucessivamente, muitos freis foram assassinados, outros foram envolvidos na causa libertadora, e muitas missões ficaram abandonadas, em consequência de um decreto do México independente que facultou, aos trabalhadores *missioneiros*, o direito de abandonarem as missões. Com o tempo, os franciscanos acabaram deixando as missões, levando, consigo, algumas peças de valor monetário e histórico. Depois de 1836, as áreas originalmente ocupadas por missões se tornaram espécie de *vilarejos* onde predominava a população indígena. Com a anexação da *California*, pelos Estados Unidos, os indígenas perderam a posse de suas terras, as quais foram ocupadas por posseiros

legitimados pela Guerra.

⁹ No plural, pois se referia à administração das regiões conhecidas como *Alta California* e *Meridional California*.

¹⁰ No original: “While *Jackson’s biography of Fr. Serra* was influential, it was her novel *Ramona* (appearing in 1884) that reached the widest audience and formalized nostalgic tropes that influenced generations of American novelists, historians, travelers, and architects. She had hoped that *Ramona* would be ‘the Uncle Tom’s Cabin of the West,’ bringing attention to the plight of *California’s Native American population* and calling for social change.”



Fig. 244 - Plano hipotético de uma missão californiana. Fonte: BAER, 1958.

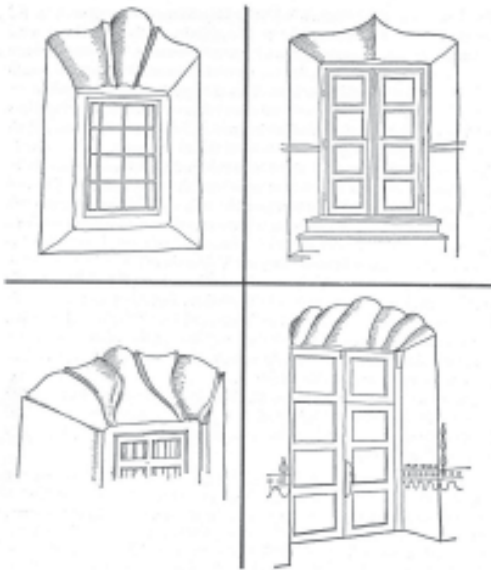


Fig. 2. Madefar Arches in the Missions: above, Mission Santa Barbara; below, left, San Buenaventura; right, San Luis Rey.

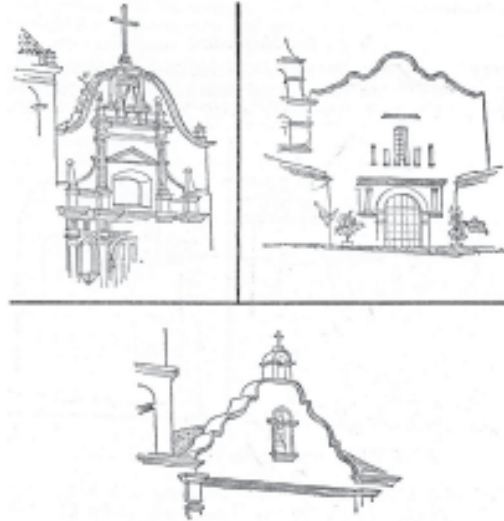


Fig. 5. The Espalinas at Monterey, San Diego, San Luis Rey.

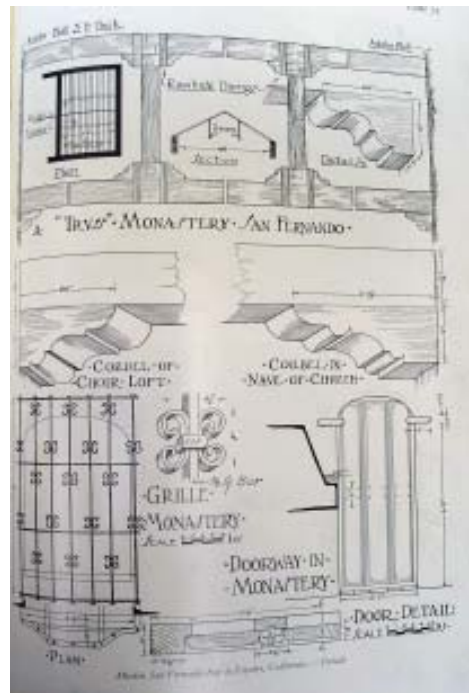
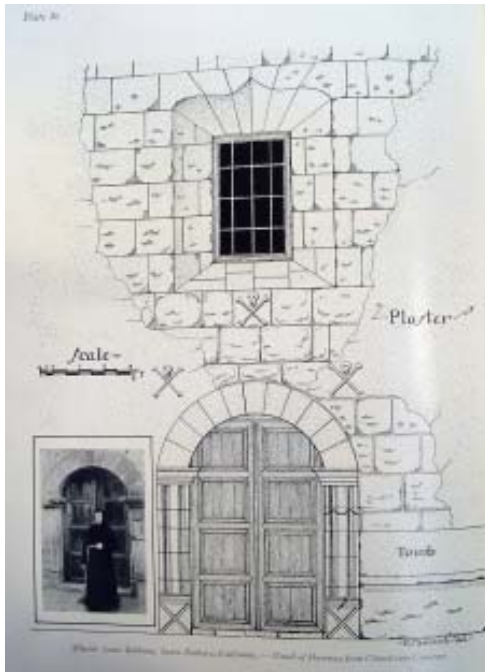


Fig. 245 e 247 - Elementos arquitetônicos de algumas missões californianas. Fonte: BAER, 1958.

Fig. 246 e 248 - Exemplos de duas páginas de levantamentos executados por Rexford Newcomb nas missões franciscanas da Califórnia. Fonte: NEWCOMB, 1916.

criada por uma madrasta de nome “*Señora Moreno*”. Dentro do mais completo enredo de conto de fadas, “à *la Cinderela*”, Ramona sofreu nas mãos de sua *mãe-postiça* e encontrou o amor nos braços de um ameríndio, nativo da região, que era, também, proprietário de um *rancho* e antigo freqüentador de uma das missões franciscanas, quando criança. O romance mostra o fenecimento das missões quando da mudança de hegemonia, primeiramente, da Espanha para o México e, deste, para os Estados Unidos, e narra a partida de Ramona e seu companheiro para a Cidade do México, onde reconstróem suas vidas. O livro fez sucesso na sociedade norte-americana de fins dos oitocentos e despertou, nas palavras de muitos historiadores, a criação de uma “*ramonamania*” que incrementou as atividades turísticas na região da *Alta California*, fazendo surgir roteiros criados para o desfrutar das idílicas paisagens “*por onde andou Ramona*”. Este ponto merece destaque. Embora seja um romance ficcional, muitos empresários, sobretudo do setor ferroviário, como os das empresas *Santa Fe Rail Lines* e *Southern Pacific*, desenvolveram paradas em diversos ranchos ao longo de suas linhas, afirmando terem sido aqueles lugares visitados por *Helen Hunter Jackson* para a escrita de ***Ramona***. De forma geral, intentou-se criar, com isso, um mito que favorecesse não só a atividade turística na área, mas, sobretudo, os negócios tributários dela.

A arquitetura desses locais, por ser diversa da encontrada na costa leste e no meio-oeste estadunidense, tornou-se icônica do “*ambiente de Ramona*” e de muitos outros romances surgidos para explorar a mesma atmosfera. Um movimento de reprodução desses espaços logo tomou fôlego e verdadeiros “*parques temáticos*” foram organizados para que os visitantes pudessem ficar imersos na paisagem que se constituía como *tipicamente californiana* (SAGARENA, 2002). Dentro desse movimento de valorização econômica da arquitetura, outro personagem histórico que deve ser apontado é o jornalista *Charles Fletcher Lummis*. Provindo de *Chillicothe*, no estado de *Ohio*, Lummis chegou à *California*, em 1884, para se recuperar de malária. Sua chegada ao estado que se insinuava como sendo uma quase *edênica* terra, se deu, como bem apontou *Mike Davis*, em circunstâncias também quase messiânicas, uma vez que ele fora, a pé, de *Ohio* a *Los Angeles*. Sua empreitada atraiu a atenção dos cidadãos da cidade que, naquele período, era a 187ª em tamanho, nos Estados Unidos. O proprietário do *Los Angeles Times*, *Harrison Gray Otis*, interessado na história daquele peregrino, acabou por torná-lo editor do jornal. Como bem observou *Davis*, baseado em *Kevin Starr*, autor de um livro de sugestivo nome ***Inventing the Dream***, a associação entre *Otis* e *Lummis* foi “*o protótipo para a cooptação de toda uma geração de intelectuais do leste (em geral de alto nível social, de gosto e intelecto refinados) como agentes culturais do boom*” econômico, cultural e imobiliário que transformaria *Los Angeles* e seus arredores (DAVIS, 1993: 38). Torna-se interessante ver

como as missões popularizadas por *Hunter* e *Lummis* passaram a ser vistas pelos empresários. Nas palavras do próprio *Lummis*, em fins do século XIX as missões eram, “*juntamente com o clima e suas conseqüências, o melhor capital de que [dispunha] a Califórnia Meridional*” (LUMMIS, citado por DAVIS, 1993: 37).

Nota-se, então, que o *Mito das Missões*, ao qual se refere *Mike Davis*, não foi um movimento saudosista e ingênuo inscrito, candidamente, numa época de *revivals*, como muitos historiadores da arte e da arquitetura procuram enfatizar.¹¹ Tal mito foi, desde o princípio, fruto de um mercado que colocou a arquitetura e seus setores como molas propulsoras de uma indústria cultural que, mais tarde, seria visível, também, na indústria cinematográfica montada em *Hollywood*, antigo reduto de religiosos Adventistas do Sétimo Dia.

As missões foram, então, esquadrinhadas em todos os seus aspectos. Desde a primeira década do século XX os motivos hispânicos passaram a freqüentar as pranchetas dos arquitetos, que eram chamados não só para reformar as missões históricas, como para criar os mais “*inovadores*” programas dentro daquilo que receberia o nome de *Estilo das Missões – Mission Style*. *Davis* aponta que a *Mission San Gabriel Arcángel*, por exemplo, recebeu um teatro vazado dentro dos códigos espaciais e ornamentais encontrados nos edifícios pré-existentes. Tempos depois, até salas de cinema recriando pátios de missões, numa noite enluarada, seriam propostos, em *Palo Alto*.

Dentro desse panorama, convém ressaltar, então, o significado de obras publicadas com o fim de disseminar e referenciar os projetos *à moda missioneira*, como as de *Rexford Newcomb*. Nascido em 1886, em *Independence*, no estado norte-americano do *Kansas*, *Newcomb* formou-se, em 1911, no curso de arquitetura da *University of Illinois*, depois de ter freqüentado, até 1908, a universidade de seu estado natal. Já arquiteto e casado, em 1912, mudou-se para a *Califórnia*, onde abriu um escritório, seguindo os passos de muitos arquitetos recém-formados nos Estados Unidos, nesse período, os quais eram atraídos pelas possibilidades imobiliárias da costa oeste. Ali, ele começou a lecionar, num curso voltado a adultos, uma disciplina de genérico nome *Interesses Arquitetônicos*, junto à *Long Beach Polytechnic for Adults*. Em 1917, *Newcomb* recebeu o grau de bacharel em *Sociology and Political Science*, pela *University of Southern California*, em *Los Angeles*. Neste mesmo ano o arquiteto se mudou para lecionar no *Texas Agricultural and Mechanical College*, em seu Departamento de História da Arquitetura. Em 1918, a *University of Illinois* concedeu-lhe o título de Mestre em Arquitetura e convidou-o para desenvolver carreira como *Assistant Professor*. Em 1931, ainda em *Illinois*, ele organizou o *College of Fine and Applied*

¹¹ *Giulio Carlo Argan* (1977) e *Susana Torre* (1990), por exemplo, defendem esta posição.

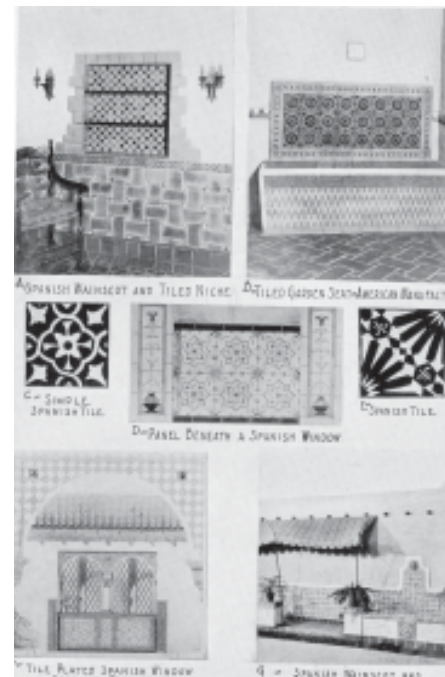


Fig. 249 a 252 - Páginas do manual *The Spanish house for America* de Rexford Newcomb, nas quais se nota a tabulação dos estilemas missioneiros. Fonte: NEWCOMB, 1927.

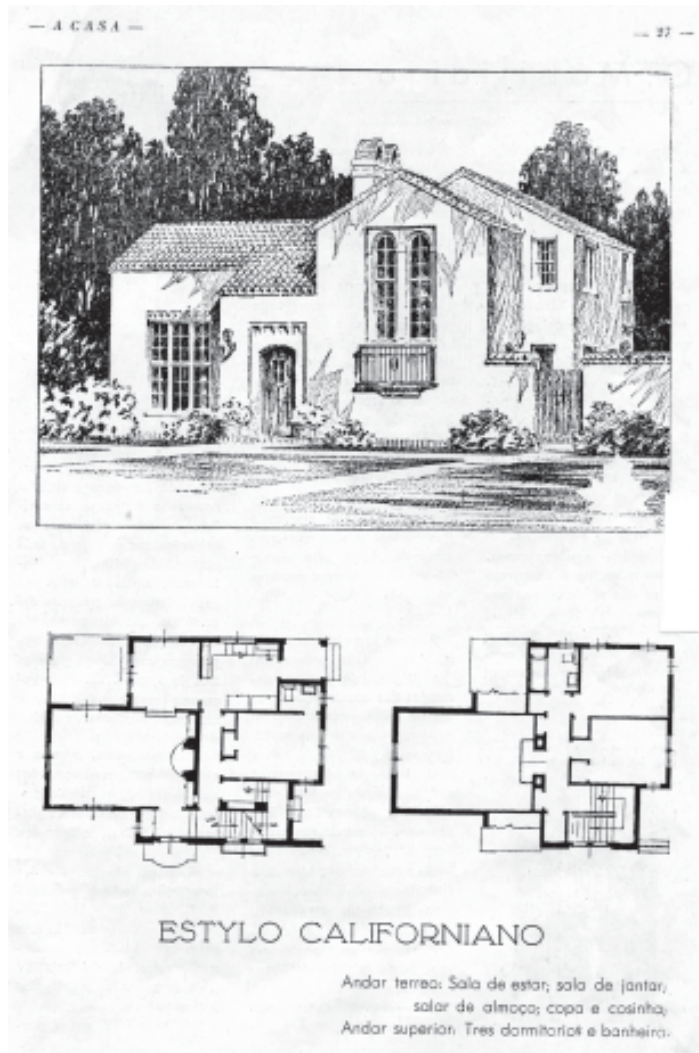


Fig. 253 e 254 - Duas reportagens da revista *A Casa* enfocando o "estilo californiano". Fonte: *A CASA*, n.98, 1932; *A CASA*, n. 42, 1927.

Arts, tornando-se seu primeiro e único diretor, até 1954, quando se aposentou. Durante sua carreira como educador, *Newcomb* publicou 250 artigos e 18 livros, quase todos devotados ao estudo das heranças arquitetônicas provenientes do período colonial dos Estados Unidos, sobretudo daquela encontrada em territórios que foram colonizados por espanhóis (APPLETON, 1999: XIV).

Seu primeiro livro foi *The Franciscan Mission Architecture of Alta California*, de 1916, mas outros dois títulos, *The Spanish House for America*, de 1927, e *Mediterranean Domestic Architecture in the United States*, de 1928, se tornaram os mais conhecidos e os mais largamente difundidos pelo mundo. *Rexford Newcomb* foi, também, o fundador de uma importante revista de arquitetura, de nome *Western Architect*, a qual editou, a partir de *Urbana-Champaign, Illinois*, até seu falecimento, em 16 de março 1968, aos 81 anos (ARCHITECTURAL RECORD, n.9, 1968: 36).

O livro sobre as antigas missões franciscanas não poderia ter recebido título melhor, já que esta ordem religiosa passou a ser vista com simpatia pelos norte-americanos migrados para a *California*, por conta de *Helen Hunter Jackson* e, sobretudo, pelas estratégias de *Lummis*. Com levantamentos minuciosos, que iam dos partidos de implantação das missões até detalhes de ferragens, como maçanetas e chaves, o livro foi um dos primeiros a circular, não só por todo aquele país, mas por diversas nações, levando imagens da arquitetura que, até então, haviam apenas sido descritas por romancistas. Em *The Franciscan Mission Architecture of Alta California*, *Newcomb* elencou 9 categorias nas quais reuniu os elementos caracterizadores do “estilo” original das missões:

- “1 - pátio com jardim ou fonte.
- 2 - sólidas e maciças paredes, pilares e colunas.
- 3 – arcadas.
- 4 – frontões curvilíneos.
- 5 - Torres sineiras ‘ateraçadas’, com domo e lanterna.
- 6 – pequenos campanários.
- 7 – largos e projetados beirais.
- 8 – espessas paredes não-decoradas.
- 9 – telhados de telhas vermelhas, tipo capa e canal” [tradução minha] (NEWCOMB, 1916: IX).¹²

Se *Newcomb* registrou em livros e artigos a produção arquitetônica original e a decorrente das missões, convém apontar quais foram os principais artífices dessa estética baseada na arquitetura dos antigos sítios religiosos da costa oeste. Arquitetos como *George Washington Smith*, *Bertram Goodhue* e *Reginald*

¹² No original: “1 - Patio with garden or fountain. 2 - Solid and massive walls, piers and buttresses. 3 – Arched corridors. 4 – Curved, pedimented gables. 5 – Terraced bell-towers, with dome and lantern. 6 – Pierced bellfries. 7 – Wide, projecting eaves. 8 – Broad, undecorated, wall surfaces. 9 – Low, sloping, red-tiles roofs.”

Johnson foram três nomes ligados, diretamente, à criação do que se convencionou chamar de *Mission Style*. Deve ficar claro, de imediato, que é uma convenção chamar de estilo a arquitetura produzida na *California*, no *New Mexico*, no *Arizona* e no *Texas*, naquele período. Apesar de não ser objetivo desta tese entrar no mérito do que vem a ser “estilo” em Arte e em Arquitetura, trabalho, por si só, longo e controverso, é impossível não apontar para a necessidade de certa coesão de elementos compositivos, os chamados estilemas,¹³ na afirmação de um estilo. Ao longo das épocas, as facilidades de contato e trocas, entre as civilizações, derrubaram a noção de que o elemento racial era o único capaz de definir uma arquitetura, como criam os mentores da arquitetura neocolonial, no Brasil. O *Mission Style*, apesar de calcado na pesquisa e no uso de elementos da arquitetura produzida nas missões fundadas por hispano-americanos,¹⁴ teve agregado, intencionalmente, ao seu escopo operativo, elementos espaciais e ornamentais provenientes das arquiteturas “*florentina e mediterrânea*”. Especialmente esta última foi muito estudada e documentada, sobretudo no período em que foi produzida sob dominação árabe.¹⁵ O *Mission Style*, dessa forma, nasceu com uma liberdade de “estilemas” muito grande. A necessidade de acoplar, de incorporar novas referências latinas à arquitetura descoberta nas missões era uma tentativa de mão dupla: facilitar as concepções de espaço pelos arquitetos, treinados em escolas e escritórios acostumados com os métodos de projeção “*beauxartianos*”, referenciados por modelos impressos, como os livros de *Vignola* e de *César Daly*, mas, também, dignificar algo que julgavam bruto demais. Se, afinal de contas, procurava-se apagar a herança direta dos mexicanos sobre o território outrora a eles pertencente, não se podia reproduzir modelos de espaço vinculados diretamente aos mesmos. Era necessário, por isso, remeter ao mundo latino europeu, sobretudo ibérico, “*fonte original*” da arquitetura “*distorcida*” pelos mexicanos, como diziam. Assim, os projetos de *George Washington Smith* são exemplares no uso de um partido residencial compacto, mas movimentado; com poucos, mas enfáticos ornamentos e com inúmeras referências italianizantes que, conjugadas aos referentes missioneiros, desenvolveram uma arquitetura plenamente identificável, apesar de não-rígida.

Por isso, a convenção sobre o que é o *Mission Style*, em termos de composição espacial e de ornamentação, é muito variável. Entretanto, alguns elementos se transformaram em signos dessa arquitetura: pátios internos, geralmente conformados por arcadas; poucos andares; uso de telhas cerâmicas do tipo capa e canal; a quase inexistência de beirais - já que as missões ficavam em áreas desérticas, onde pouco chovia -;¹⁶ lajotas cerâmicas ou lajes de pedras para os pisos, dentre alguns outros.

¹³ No vocabulário profissional dos artistas e, sobretudo dos arquitetos, *estilema* é uma palavra usada para designar as partes constitutivas de um *estilo*, as características imprescindíveis para sua exata classificação. Sem um mínimo de *estilemas*, a obra assume uma nova configuração, às vezes migrando para outro estilo que não aquele desejado. Certas horas, estilemas de estilos diversos se fundem gerando a impossibilidade de classificação, dando origem ao que se chama de eclético propriamente dito.

¹⁴ *Roberto Sagarena* afirma que a maior parte das missões não possuíram origem em freis espanhóis, mas, sim, em freis já nascidos na América Espanhola (SAGARENA, 2002).

¹⁵ Sobretudo da estética *Mudejar*, presente, em certa medida, na arquitetura de algumas missões californianas, mas, de fato, nascida da conjugação de elementos árabes com aspectos

mediterrâneos, na Espanha, durante o período de dominação moura da Península Ibérica. Este tipo de arquitetura e de arte tem recebido bibliografia específica, que não cabe ser citada aqui.

¹⁶ Apesar de *Newcomb* afirmar que os beirais largos eram uma das características das missões californianas estudadas por ele, as imagens que ele reproduziu em vários de seus livros mostram o contrário, e mais, em comparação com os beirais empregados nas edificações coloniais no Brasil, os beirais californianos são, de fato, muito estreitos.

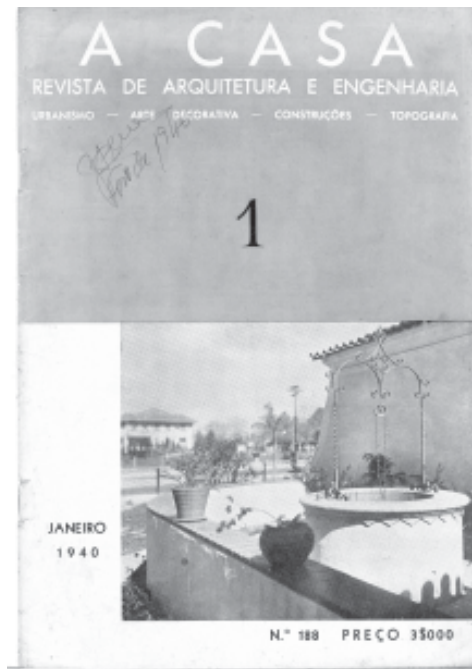


Fig. 255 - Capa da revista **A Casa**, na qual figura um projeto do arquiteto Kneese de Mello, de São Paulo, com poço semelhante aos dos livros de Rexford Newcomb. Fonte: *A CASA*, n.188, 1940.

Fig. 256 - Aspectos de balcões típicos do "Spanish Renaissance", em residência na cidade de Ribeirão Preto / SP. Foto: Fernando Atique, 2004.

Fig. 257 - Detalhe de muro e luminárias típicos do "Mission Style", na casa dos sogros do arquiteto Lucio Costa, em Correias / RJ. Fonte: *COSTA*, 1997.

Fig. 258 - Detalhe de janelas duplas, separadas por colunas torsas, em uma residência de São Carlos / SP. Foto: Fernando Atique, 2005.

Fig. 259 - Detalhe de reboco áspero e voluta arrematando a entrada da piscina pública de São Carlos / SP. Foto: Fernando Atique, 2005.

Apesar de idealizado, sem dúvida nenhuma, na *California*, o *Mission Style* foi seguido por outros estados, dando origem a processos semelhantes e a variações nem sempre fáceis de serem vistas como pertencentes ao mesmo escopo. Muitas missões, apesar de terem sido criadas pela mesma ordem religiosa, usaram tecnologia construtiva e referentes ornamentais diversos. Tome-se, por exemplo, a *Mission Santa Ana Pueblo*, no atual estado do *New Mexico*, de cerca de 1710. Ela foi toda edificada em adobe produzido pelos indígenas e, apesar de possuir belos trabalhos de marcenaria nos balcões e nas portas, é de extrema simplicidade. Seu madeiramento do telhado, feito com peças roliças, ficou à mostra; suas paredes, rebocadas com argamassa de terra, apresentam tamanha irregularidade de prumada, que se assemelham a construções árabes do norte do continente africano (RIFKIND, 1980: 121). Ela, entretanto, dá mais informações sobre como teriam sido as construções originais encontradas na *Alta California*, antes do *boom* preconizado por *Lummis*, do que as que hoje podem ser visitadas naquele estado. Isso porque, ao longo dos séculos XIX e XX, não só houve reformas das missões californianas, como também muitas ruíram e foram reconstruídas. A missão *Santa Ana Pueblo*, por isso, deu origem a uma nova arquitetura, batizada de *Pueblo*, que se tornou símbolo da arquitetura histórica e do estilo típico do *Texas* e do *New Mexico*.

Convém ressaltar que, embora o adobe seja sempre citado, quer em literatura, quer em manuais de arquitetura sobre o *Mission Style*, ele não foi empregado como material construtivo fundamental desse estilo. Muitas vezes as alvenarias de pedra e, sobretudo, as de tijolos (*bricks*) foram as escolhidas em detrimento do material histórico, julgado arcaico e pouco afeito às condições construtivas modernas.

Por outro lado, a *Mission San Xavier del Bac*, no atual estado do *Arizona*, edificada entre 1767 e 1797, possui elementos muito mais elaborados, tributários das composições empregadas pela coroa espanhola em seus projetos mais bem riscados, nas Américas. A igreja desta missão apresenta três pisos, duas torres laterais e uma portada que deve ser entendida não apenas como a porta, propriamente dita, mas como todo o frontispício, vazado, utilizando os estilemas barrocos e ostentando, inclusive, volutas e contra-volutas. A importância do povoado fez com que abundassem recursos financeiros e, mesmo tendo como tecnologia construtiva o adobe, apresentou um requinte de projeto muito contrastante com a missão anteriormente descrita (RIFKIND, 1980: 121). Mas, mesmo se assemelhando à arquitetura missões, tradicionalmente não se considera o *Arizona* como tendo sido progenitor do *Mission Style*, embora várias residências da *California* tenham seguido os traços de sua arquitetura, especialmente por meio dos trabalhos de *Newcomb*, que a historiou como fonte para a casa de ascendência hispana válida para os Estados

Unidos.

De fato, foi a arquitetura da *California*, sobretudo da *California Meridional*, que ficou conhecida como o exemplo mais bem acabado do estilo missões, nos Estados Unidos e, conseqüentemente, no mundo. O nome *Mission Style* surgiu na década de 1920 e efetivou-se como a mais comum designação da arquitetura que se produzia, no momento em que *Lummis* incentivava a reconstrução da cidade de *Santa Barbara*, destruída por um terremoto, em 1925. *Lummis* acreditava que *Santa Barbara* deveria articular seu passado romântico, perpetrado nas ruínas de sua antiga missão, com uma arquitetura que tivesse expressões locais, que fosse um atestado da identidade do lugarejo. Como diz *Sagarena*, *Lummis* acreditava que “o tão propalado ‘Mission Style’ em franco crescimento em toda a California, não era missões coisa nenhuma, nem arquitetura, apenas um fake” (SAGARENA, 2002: 439). *Lummis* faleceu sem vencer a batalha de repúdio ao que ele mesmo incentivara, muito embora quisesse mostrar que seu *Spanish Renaissance* era diverso do *Mission Style*, quando, no fundo, não eram.

Clara Correia D’Alembert, em sua tese de doutoramento, estipulou algumas características identificadoras do “estilo missões” produzido em São Paulo, entre as duas Guerras Mundiais. Como partido arquitetônico, a autora apontou a presença de um torreão circular, coberto por telhado cônico, marcando a caixa de escada no flanco do arcabouço. Acrescentou, ainda, como características, a presença de telhado movimentado de telhas capa-e-canal, fachada principal arrematada, total ou parcialmente, por telhado de duas águas com oitão coberto por telhas “*paulistinhas*” transversalmente dispostas e telhados secundários interceptando segmentos de fachadas. Como estilemas freqüentes apontou, também, a presença de pequenos corpos em balanço, nos andares superiores; chaminés de lareiras; elementos decorativos lembrando extremidades de dormentes, arrematando corpos salientes e janelas e balcões; balcões alpendrados no pavimento superior, guarnecidos por colunas salomônicas ou torneadas; alpendres com arcos plenos, abatidos ou goticizantes - que procuravam remeter aos elaborados elementos de origem árabe -, às vezes, emoldurados por tijolos ou pedras dispostos aleatoriamente, imitando aduelas; janelas com venezianas; mísulas de ferro e de madeira sustentando balcões; gradis de ferro trabalhados em portas e janelas e nos guarda-corpos de balcões; revestimento rústico das fachadas com reboco grosso em relevo, geralmente, na cor branca – para evocação dos resíduos deixados pelas brochas das constantes caiações nos prédios originais -; painéis de azulejos quadrilobados, dentre alguns outros (D’ALEMBERT, 2003: 196).

Já Nora Maria Geoffroy, comentando sobre o missões praticado no Rio de Janeiro, enfatiza que seus principais elementos eram as arcadas em arco pleno; a coluna salomônica ou torcida; o reboco grosso com texturas e “*desenhos informais e variados, vagamente lembrando a decoração árabe*”, e envasaduras com trabalhos de serralheria (GEOFFROY, 2004: 229). A arquiteta Silvia Wolff, por sua vez, fornece um repertório mais interessante acerca das possibilidades de caracterização do *Mission Style*. Segundo ela, existiram algumas versões. Era possível identificar

“uma [versão] mais simplificada que tinha um grande arco único no terraço que terminava externamente numa base com volutas, mais um arco para a passagem de carros e pequena sacadinha no pavimento superior. A versão mais elaborada apresentava portadas barrocas imitando pedras, gradis desenhados em portas e janelas, colunas salomônicas nos terraços, balaústres de ferro retorcido, de madeira recortada ou torneada em sacadas e janelas, falsas chaminés e também falsos poços ou chafarizes e, eventualmente, uma torre circular, onde se situavam o hall e, normalmente, as escadas. Essa torre trazendo alterações volumétricas representava novidade no panorama dos tipos residenciais mais comuns. Uma marca constante nessa arquitetura eram vasos grandes no terraço, em forma de ânfora, referências mediterrâneas incorporadas à linguagem, e também luminárias de ferro e vidro penduradas na fachada (...). A ânfora, bem como uma sugestão de vegetação que invariavelmente incluía palmeiras eram detalhes constantes nos desenhos de fachada dos projetos” (WOLFF, 2000: 229).

O inventário efetuado por esta arquiteta quando de seu estudo sobre o **Jardim América** fornece subsídios importantes para uma tentativa de separação do neocolonial feito sob a égide luso-brasileira, daquele riscado com olhos nos Estados Unidos. Como apontou Paulo Santos,

“o neocolonial era grave e viril; o Mission-Style gracioso e delicado; a conjugação dos dois (...) constituiu uma das notas mais características da sensibilidade artística da segunda metade da década [de 1920]. Na luta pela sobrevivência, seriam as formas hispânicas – talvez por mais leves e anacrônicas – as que mais resistiriam” (SANTOS, 1981: 94).¹⁷

Apesar de bela, a passagem de Santos deixa em aberto quais estilemas e partidos eram empregados em cada solução de ascendência colonial, talvez, por ser, já naquela época, difícil classificar rigidamente algo que estava em pleno processo de elaboração dentro de uma atitude de liberdade plástica que caracterizou grande parte do século XX.

Entretanto, como se não bastassem as associações de formas entre os dois “*neocoloniais*”, a própria nomenclatura que designava a arquitetura de inspiração estadunidense é difícil de ser precisada. No Brasil,

¹⁷ O verbete destinado ao *estilo missões* no *Dicionário Ilustrado de Arquitetura*, de Maria Paula Albernaz e Cecília Modesto Lima, define-o como: “*estilo arquitetônico adotado, sobretudo, nos anos 20 e 30 que associava as formas hispânicas às do neocolonial brasileiro. Permitia suprir de elementos decorativos as edificações em estilo neocolonial, escassos na arquitetura civil colonial brasileira. Seus traços característicos são maciças arcadas em arco pleno, colunas torsas e reboco grosso com desenhos informais lembrando vagamente a decoração árabe*” (ALBERNAZ E LIMA, 2003: 391).

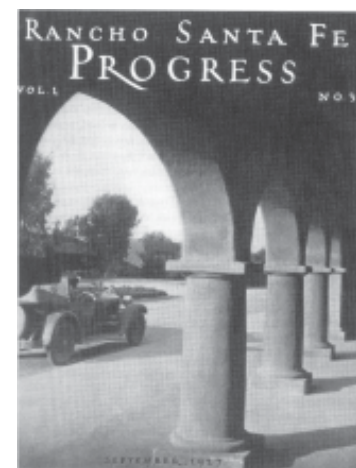
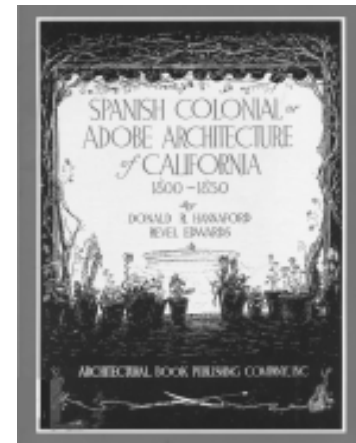
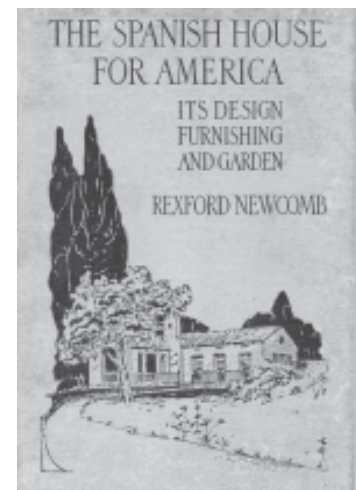
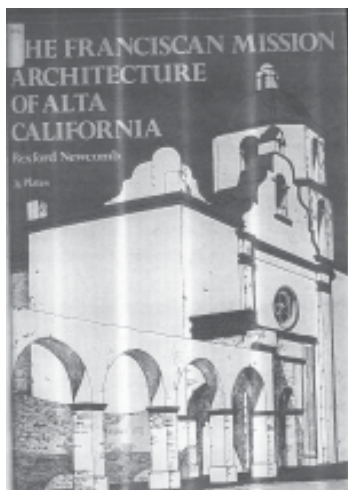


Fig. 260, 261, 262 e 263 - Capas dos manuais de arquitetura missões de Rexford Newcomb. Fonte: NEWCOMB, 1916; NEWCOMB, 1927; NEWCOMB, 1928.

Fig. 264 - Manual sobre arquitetura californiana em Adobe, com muitos exemplos compositivos e ornamentais das missões franciscanas. Fonte: HANNAFORD, 1990.

Fig. 265 - Capa de uma publicação, nos anos 1950, sobre "Santa Fe". Fonte: KROPP, 2006.



Fig. 266 a 269 - excertos de *Spanish Colonial Architecture in the United States*, de Rexford Newcomb. Notar as variações das casas e a pluralidade das soluções espaciais, todas, também verificadas no Brasil. Fonte: NEWCOMB, s/d.



Beverly Hills Hotel, Beverly Hills, California

Photo by the artist



Santa Barbara County Court House, Santa Barbara, California, William Bruce Company, architect

Photo by C. W. Newcomb



Church of the Holy Spirit, San Francisco, California, Wood and Baker, architect



San Francisco Opera House, San Francisco, California, Board of Directors, architect

Photo by C. W. Newcomb



Los Angeles Cathedral, Los Angeles, California, Henry D. Jacobus, architect

Photo 192



San Gabriel Mission, Los Angeles, California, Mission, architect



San Gabriel Mission, Los Angeles, California, Mission, architect



San Gabriel Mission, Los Angeles, California, Mission, architect

Photo by C. W. Newcomb

Fig. 270 a 273 - excertos de *Spanish Colonial Architecture in the United States*, de Rexford Newcomb. A imagem 271 mostra a catedral de Los Angeles, edificada seguindo a forma de "San Xavier del Bac". Fonte: NEWCOMB, s/d.

nas décadas de 1920, 1930 e 1940, o *Mission Style* foi chamado de “*Estilo Missões*”, “*Estilo Misiones*”, “*Estilo Mexicano*”, “*Californiano*”, “*Estilo a la Casa do Zorro*”, “*Colonial Hispano-Americano*”, “*Colonial Mouro Missões*”, “*Estilo Missão Hespanhola*”, “*California-Mission*”, “*Architectura Hespanhola adaptada ao Gosto Americano*”, “*Bangalô Californiano*”, dentre várias outras designações encontradas para designar edifícios concebidos com a utilização, em maior ou menor grau, dos partidos de concepção e dos estilemas acima elencados.

Encerrando este tópico, deve-se dizer da pertinência de enxergar o *Mission Style* como um fator cultural de união das Américas, divulgado dentro do debate pan-americanista tão presente nas décadas iniciais do século XX. Tal hipótese introduz o processo de reavaliação do próprio caráter da arquitetura neocolonial no país, sempre abordado como um traço de saudosismo pelo passado colonial brasileiro, ou como uma tentativa de levante da cultura tradicional portuguesa, pela ação de Ricardo Severo (AMARAL, 1994). Teria sido a fusão do missões com o estilo tradicional brasileiro algo que pôde equiparar, pelo menos em termos arquitetônicos, Brasil e Estados Unidos, naquelas décadas da primeira metade do século XX? Esta resposta precisa esperar algumas páginas para que, antes, se apontem os caminhos trilhados pelo *Mission Style* para chegar ao país.

■ 4.3 - Algumas escolas de arquitetura do Brasil com “repertórios neocoloniais”

“Servir-nos-ão de modelo, principalmente, as revistas norte-americanas como American Home, Architectural Forum, Pencil Points, House Beautiful, American Builder, Architecture & Building etc”

Architectura e Construções, jul, 1929, n.1.

Embora possam ser encontrados estudos acerca das instituições brasileiras ligadas à formação dos *profissionais do espaço* com relativa facilidade, é muito raro deparar-se com a análise de suas vinculações estrangeiras, especialmente com os Estados Unidos. No caso da Escola Polytechnica de São Paulo, por exemplo, Sylvia Ficher e Candido Malta Campos Neto analisaram a relação desta instituição com os modelos germânico e francês de ensino superior, e sustentaram a tese de que houve a adoção do sistema franco-germânico de educação em engenharia e arquitetura, por conta da formação universitária do fundador dessa escola, Antônio Francisco de Paula Souza, bem como de outros docentes dela, em terras do norte

da Europa (FICHER, 2005:26, CAMPOS NETO, 2002: 63-66). José Carlos Durand, analisando o cenário da formação de artistas e arquitetos na Imperial Academia de Belas Artes, no Rio de Janeiro, - em 1890, transformada em Escola Nacional de Belas Artes - ENBA -, demonstra que a instituição era herdeira das *Écoles de Beaux-Arts*, por força da Missão Artística Francesa que a precedeu e cujos antigos membros a fundaram (DURAND, 1989). Autores como Ricardo Forjaz de Souza e Maria Ruth Amaral de Sampaio apontam, por sua vez, que o arquiteto Christiano Stockler das Neves, por ser tributário do *Estilo Luiz XVI*, impregnou o *Mackenzie College* de lições derivadas de uma preponderante formação *Beaux-Arts* (SOUZA, 2004: 92; SAMPAIO, 1996).

De forma alguma se discorda dessas avaliações, mas se demonstra, nesta tese, que estes três ambientes não foram tão uniformes em suas concepções de ensino artístico-arquitetônico, como sugerem os historiadores. Havia dentro dessas três instituições uma diversidade de pensamento, de opções e de enfoques acerca dos conteúdos ministrados que permite afirmar que outras fontes repertoriais, além das européias, se fizeram presentes. Compartilha-se, dessa maneira, da opinião do arquiteto e filósofo Luiz Augusto Maia Costa que, em sua tese de doutoramento, expôs que a Escola Polytechnica de São Paulo fora forjada seguindo-se,

“na sua iridescência, o ‘modelo germânico’ e francês (o que, sem dúvida, não é pouco), entretanto, sua pulsação mais primordial veio da experiência norte-americana. Se, por um lado, é inegável a presença do pensamento francês e alemão em sua estrutura, por outro, isso se fazia aos moldes e intuitos egressos dos E.U.A. Se a Escola Politécnica não deve ser vista como uma escola americana, decerto que também não se pode negar a presença desta [herança] na sua concepção, elaboração e implementação” (COSTA, 2005: 337).

Não perdendo de vista o debate pan-americanista, deve-se esclarecer que as instituições escolhidas¹⁸ para a investigação do grau de alcance das discussões e da recepção de repertório norte-americano, no Brasil, eram as mais importantes no cenário nacional, na formação de arquitetos. Assim, por meio da análise do curso de engenheiro-arquiteto da Escola Polytechnica de São Paulo, do curso de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes e do curso de engenheiro-arquiteto do Mackenzie College, trabalha-se a hipótese de que o *Mission Style* deva ser visto como uma possível arquitetura pan-americana, irradiada de lugares dos Estados Unidos formados em antigas possessões hispanas, como a *California* e a *Florida*, e recebida nos mais diversos recantos do continente americano, em especial, no Brasil.

¹⁸ Outras instituições, além das já citadas, também tiveram íntima relação com os Estados Unidos. Exemplo maior, talvez, seja a antiga Escola de Sociologia e Política de São Paulo, fundada em 27 de maio de 1933, a qual seguiu, em sua montagem, certos aspectos da *University of Chicago*. Pedro Vasconcelos deixou claro, em seu livro *Dois Séculos de Pensamento sobre a Cidade*, que a atual Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo foi, até os anos 1950, o pólo introdutor e irradiador das teorias de planejamento da *Escola de Chicago* e da *Ecologia Urbana*, no Brasil (VASCONCELOS, 1999: 146). Pelo fato de a pesquisa ter focado a formação em Arquitetura, especialmente para detectar a irradiação do *Mission Style*, ponderou-se sobre a necessidade de não proceder a levantamentos sobre as instituições vinculadas ao planejamento e ao urbanismo. Esta

explicação faz-se necessária para expor o porquê de não se abordar a Escola de Sociologia e Política de São Paulo e algumas outras possíveis instituições tributárias dos Estados Unidos.

Posto isto, passa-se a analisar os elementos que a pesquisa forneceu para a comprovação de que os arquitetos e engenheiros-arquitetos brasileiros também se valeram dos Estados Unidos para a feitura da arquitetura neocolonial.

■ 4.3.1 – Escola Polytechnica¹⁹ de São Paulo: escola de “multi” referências

Embora alguns autores já tenham se debruçado sobre a Escola Politécnica, sobretudo sobre suas concepções de funcionamento e vinculações ideológicas, a maioria deles não vasculhou, por opções metodológicas, o repertório estadunidense presente na biblioteca dessa instituição. Durante a pesquisa deste doutoramento, empreendeu-se um levantamento dos títulos presentes na atual Biblioteca Central da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo – EPBC -, guardiã do acervo histórico da instituição. O resultado encontrado foi emblemático, revelando uma quantidade de títulos sobre as mais diversas áreas com as quais a Politécnica teve contato. Em um universo de obras germânicas, francesas e inglesas, a atual Escola Politécnica da USP possui, em seu acervo, publicações norte-americanas que permitem atestar as fontes de projeto e de erudição utilizadas pelos graduandos e pelos professores, desde fins do século XIX.²⁰ Dentre os títulos lá encontrados, procedentes dos Estados Unidos, figuram obras como: *American Renaissance: a Review of Domestic Architecture*, escrita por Joy Wheeler Dow e editada pela Comstock, de New York, em 1904; a revista *Domestic Engineering*, editada em Chicago e com números que remontam a 1900, no acervo, e o periódico *The Craftsman*, que remete ao ano de 1905.²¹ Fora estas, figura, também, o mensário *American Architect and Architecture*, editado em Boston, desde 1876 – absorvido, posteriormente, pela revista *Architectural Record*, - e cujo primeiro volume encontrado na EPBC remonta a 1891. Foi possível detectar, ainda, os títulos: *A Dictionary of Architecture and Building: Biographical, Historical, and Descriptive by and many Architects, Painters, Engineers, and other Expert Writers, American and Foreign*, da lavra de Russell Sturgis, de 1902; e a *Encyclopedia of Architecture, Carpentry and Building*, obra de Henry Barnard. Todavia, o que mais chamou a atenção foi a descoberta do livro *The Franciscan Mission Architecture of Alta California*, escrito por Rexford Newcomb, em 1916, e da revista *Pacific Coast Architect and Building Review*, de 1924, transformada, depois, em *California: Arts and Architecture*, cuja coleção principia em 1929 e segue até 1943.²²

É bem compreensível o porquê de estarem estes títulos nas estantes da Escola Politécnica, uma vez que a maioria de seus professores eram os mais importantes divulgadores dos estilos historicistas em São Paulo,

¹⁹ Pelo fato de a grafia de *Escola Polytechnica* ter mudado durante o período que interessa à pesquisa, e por ser necessário citar inúmeras vezes o periódico da instituição, a *Revista Politécnica*, escolheu-se grafar, daqui por diante, todas as referências à instituição, no formato atualizado “Politécnica”, quer para designar a escola, quer a revista.

²⁰ Segundo o relatório encaminhado pelo Diretor da Escola Politécnica, Paula Souza, em 14 de janeiro de 1895, ao “Secretário dos Negócios do Interior, Dr. Cezario Motta Jr.”, e recuperado por Maria Cecília Loschiavo dos Santos, a biblioteca da Politécnica possuía, naquela data: “489 volumes, integrado por livros de ciências, artes, revistas, dicionários, enciclopédias, relatórios, folhetos diversos e as coleções das leis e do Diário Oficial do Estado” (SANTOS, 1985: 382). A biblioteca iniciou suas atividades em 1895, sob o comando

do engenheiro-bibliotecário Eugenio Alberto Franco. Em 1907, a autora em questão apontou que o acervo havia subido para 6.442 volumes e, em 1982, possuía 47.202 volumes (SANTOS, 1985: 382).

²¹ A revista *The Craftsman*, produzida em Syracuse, estado de New York, publicou, como relata Marc Appleton, “uma variedade de artigos que alimentou, também, a produção do American Spanish, nos Estados Unidos” (APPLETON, 1999: XII).

²² Nesta breve seleção não foram elencados títulos de planejamento e saneamento, que são abundantes também.

naquele momento. Por outro lado, deve-se frisar que a existência de títulos norte-americanos na instituição paulistana demonstra que não havia um foco de interesse apenas sobre a produção européia, e revela uma multiplicidade de olhares por parte da instituição paulistana, dentro do mundo tecnológico e artístico, extremamente enriquecedor. Deve-se fazer uma ressalva: uma parcela de títulos encontrada na Politécnica pertenceu a antigos professores. Isto, entretanto, não anula, nem inviabiliza as conclusões obtidas, haja vista a intenção maior deste tópico de entender as referências norte-americanas que circularam pela casa, seja por meio do corpo discente ou docente. Muitos livros e periódicos que outrora pertenceram ao arquiteto Ramos de Azevedo, co-fundador da instituição foram acoplados ao acervo da Biblioteca após sua morte, em 1928, por sua recomendação. De um total de mais de 4500 livros, apenas pouco mais de 400 se encontram na EPBC, muitos tendo permanecido entre familiares e, outros, vendidos. Os títulos advindos da biblioteca particular de Ramos de Azevedo são facilmente identificáveis mediante a conferência de seu carimbo nas publicações, bem como por conta da inscrição de seu monograma nas lombadas. A tarefa de detecção dos títulos da antiga biblioteca azevediana é facilitado, sobretudo, por conta do importante trabalho da arquiteta Maria Cristina Wolff de Carvalho, que estudou os 414 volumes outrora pertencentes a Ramos (CARVALHO, 1999: 121). Da listagem de títulos de procedência e/ou assunto sobre os Estados Unidos, realizada para este doutoramento, sabe-se que o já citado livro de *Joy Dow – A Review of Domestic Architecture* -, além de *The Colonial House*, escrito por *Joseph Everett Chandler*, publicado em *New York* em 1916, e *La Vie Américaine*, da lavra de *Paul Rossiers* (1892), foram pertencentes a Ramos. A própria revista *The Craftsman* também pertencera ao arquiteto. Todos eles apresentam importantes informações sobre o universo arquitetônico dos Estados Unidos e comprovam, juntamente com os demais títulos mostrados por Wolff de Carvalho, sistematizados nesta pesquisa, uma das importantes referências na formação de repertório dos docentes da Escola Politécnica que não somente aquele de procedência européia (CARVALHO, 1999: 382 – 386). Esta autora expõe, muito convenientemente, que

“É surpreendente, até, deparar com seu [de Ramos de Azevedo] interesse pela arquitetura doméstica americana nos vários títulos referentes a ela que aparecem no lote. Em contrapartida, há que se ponderar que devia ser muito natural que isso ocorresse, uma vez que o boom da sociedade americana na virada do século era acompanhada com muito cuidado por personagens empreendedores como Ramos de Azevedo” (CARVALHO, 1999: 122).

Aproveitando esta explicação convém apontar o que estudiosos da obra de Azevedo revelam sobre seus vínculos com o mundo norte-americano. Carvalho, em artigo escrito para a revista *Cidade*, do Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo, em número dedicado à análise da colaboração

de Ramos de Azevedo à cidade de São Paulo, mostra que a arquitetura praticada por este arquiteto encontra paralelismo na de contemporâneos seus, atuantes nos Estados Unidos. Segundo esta autora, “o exemplo dos Estados Unidos é relevante, em particular, pelo que o país apresenta de novo e emergente e pelas similaridades que possam haver entre alguns anseios verificados tanto lá como aqui, guardadas as devidas proporções” (CARVALHO, 1998: 12). Em fins do século XIX, arquitetos norte-americanos buscaram treinamento na Europa e, ao regressarem aos Estados Unidos, desenvolveram projetos e executaram arquiteturas voltadas a sanar as demandas por programas de necessidades típicos daqueles tempos. Estações de trem, edifícios governamentais, arranha-céus, edifícios institucionais e moradias voltadas à burguesia eram necessários e foram resolvidos por nomes como *H.H. Richardson*, *Louis Sullivan* e *Richard Morris Hunt*. No Brasil, estes programas também eram necessários e, mais, havia o conhecimento da resolução dada a eles pelos norte-americanos. Este olhar voltado ao mundo estadunidense permite entender melhor o porquê de a Escola Politécnica procurar publicações norte-americanas. Wolff de Carvalho ainda comenta que

“as iniciativas no Brasil eram bastante tímidas em face do exemplo americano. É claro que eram diferentes os momentos no processo de industrialização dos dois países e que as expectativas também eram diferentes. Mas o apelo às formas consagradas é algo comum entre eles e está presente em grande parte dos edifícios erguidos em situações que, embora semelhantes, se faz necessário demonstrar ou provar aquilo que ainda não havia sido totalmente conquistado: solidez, permanência, raízes, estabilidade” (CARVALHO, 1998: 13).

Expressar características julgadas pertinentes à formação de uma República alçou Ramos de Azevedo à categoria de importante modelador dos espaços construídos desse regime, no Brasil. Carlos Lemos, em seu livro sobre o escritório de Ramos de Azevedo, citou um texto produzido à guisa de obituário deste arquiteto, em que o autor, anônimo, afirma que nos primeiros anos do século XX, Ramos de Azevedo fez demoradas viagens, sendo, uma delas, para a Inglaterra, “onde, em Londres, prestou exame de qualificação para o Instituto de Engenheiros Civis. Feito isto, Dr. Ramos de Azevedo fez demorados estágios de melhor aperfeiçoamento na Alemanha e nos Estados Unidos, retornando a São Paulo, em 1909” (LEMOS, 1993: 59). Este texto, embora sem autoria e sem mostrar em quais instituições Ramos de Azevedo estagiou, explicita uma importante triangulação já verificada na Escola Politécnica: as referências técnicas e tecnológicas emanadas da Alemanha e dos Estados Unidos. Até hoje, nenhuma descoberta apontando a presença de Ramos de Azevedo nos Estados Unidos foi trazida à tona. Sabendo-se de sua amizade com Antonio Francisco Paula Souza, fundador da Escola Politécnica, que teve sua formação em engenharia processada

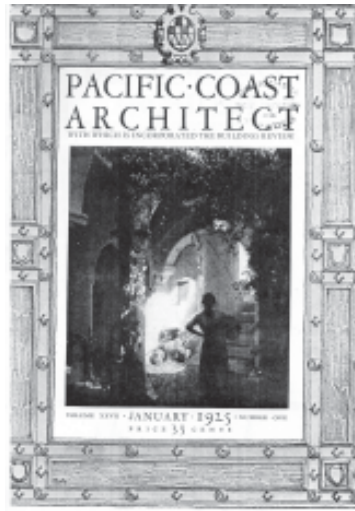
entre a Alemanha e os Estados Unidos,²³ não causa surpresa levantar a hipótese – em parte comprovada pela citação de Lemos – de que Azevedo tenha rumado a esses dois países para aumentar sua qualificação profissional.

Deixando de lado as concepções de arquitetura praticadas por Ramos de Azevedo, deve-se passar a analisar o significado das demais publicações encontradas na Escola Politécnica. É muito importante principiar esta análise discutindo a descoberta do livro de *Rexford Newcomb* na casa. Esta pode ser considerada uma das primeiras publicações a alcançar as escolas de arquitetura, divulgando a arquitetura hispânica, ao redor do mundo. O fato de este livro ter sido encontrado, nas estantes da histórica biblioteca da Escola Politécnica, explicita os olhares da instituição sobre o universo acadêmico e abre o caminho para a investigação da chegada dos referentes missionários ao campo de trabalho dos arquitetos e dos engenheiros paulistanos. O simples exame do sumário dessa publicação de *Newcomb* já revela os elementos que poderiam ser adquiridos pelo estudo de suas páginas: desenhos técnicos, textos e perspectivas sobre todas as 21 missões franciscanas da *Alta California*. Entretanto, se causa admiração a descoberta deste livro o que, de fato, desperta o senso da importância sobre as fontes repertoriais dentro de uma academia formadora de arquitetos e engenheiros é o exame das revistas ***Pacific Coast Architect and Building Review*** e ***California: Arts and Architecture***. A primeira surgiu em 1924, a partir de um periódico de nome ***Building Review***, publicado em *San Francisco*, desde 1919.²⁴ Em 1924 houve a criação da ***Pacific Coast Architect***, que incorporou não apenas a estrutura da antiga revista, como seu próprio nome. A ***Pacific Coast Architect*** tinha um caráter muito semelhante ao da sua antecessora, que era o de divulgar textos, fotografias e reportagens ligadas ao setor da construção civil, principalmente, dos que eram intimamente ligados à atribuição profissional do arquiteto: projeto, construção, pesquisa dos referentes estéticos e paisagismo. A ***Pacific Coast Architect and Building Review*** era uma revista dirigida ao meio técnico arquitetônico, como seu slogan denunciava: “*uma revista mensal, ilustrada, para o arquiteto, o empreiteiro e o construtor habitacional*”.²⁵ Sua destinação, apesar de o nome incorporar toda a costa oeste era, de fato, para a macro-área formada por *San Francisco* e *Los Angeles*. Assim, a ***Pacific Coast Architect and Building Review*** atinha-se a historiar o desenvolvimento daquela porção estadunidense publicando, conseqüentemente, inúmeras fotografias de missões franciscanas; muitos projetos vazados dentro dos estilos históricos encontrados na *California*, e textos onde a questão sobre a atividade projetual do arquiteto daquela costa era apontada como diversa da encontrada ao longo do litoral Atlântico dos Estados Unidos.

²³ Sobre Antonio Francisco Paula Souza, a socióloga e urbanista Cristina de Campos tem desenvolvido importante tese de doutorado, nesta casa.

²⁴ A *Biblioteca Central da Escola Politécnica* possui todos os volumes deste periódico, desde 1919.

²⁵ No original: “*An Illustrated Monthly Magazine for the Architect, Contractor and Home Builder.*”



« PACIFIC COAST ARCHITECT »

37

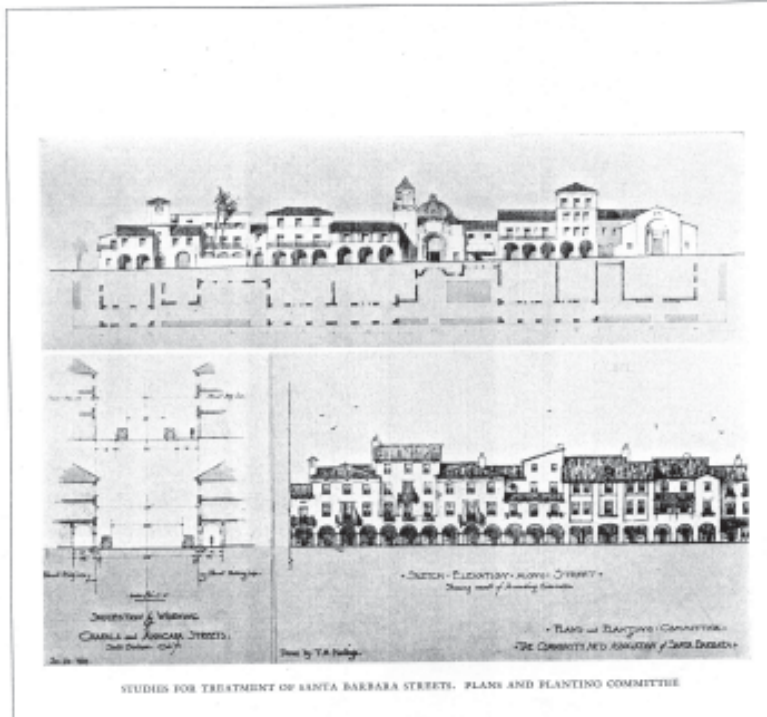


Fig. 274 e 275 - Capas de duas edições da revista *Pacific Coast Architect and Building News*, nas quais se nota o apelo à arquitetura californiana. Na primeira capa é possível notar o carimbo da biblioteca da Escola Politécnica. Fonte: *PACIFIC COAST ARCHITECT* n. 1; *PACIFIC COAST ARCHITECT*, n.5, 1925.

Fig. 276 - Trecho de reportagem da *Pacific Coast Architect and Building News* em que se discutia o projeto de reconstrução de Santa Barbara, depois do terremoto que possibilitou a proliferação do Mission Style pelos mais variados programas arquitetônicos. Fonte: *PACIFIC COAST ARCHITECT*, n.5, 1925.



GLADDING, McBEAN & Co.

LOS ANGELES OAKLAND SAN FRANCISCO SPOKANE PORTLAND

California

Arts & Architecture

Craft · Decoration · Gardens · Life · Music · Drama

August 1933



Portland Cement Association

For Beauty with Economy the gateway to a city is built with CONCRETE

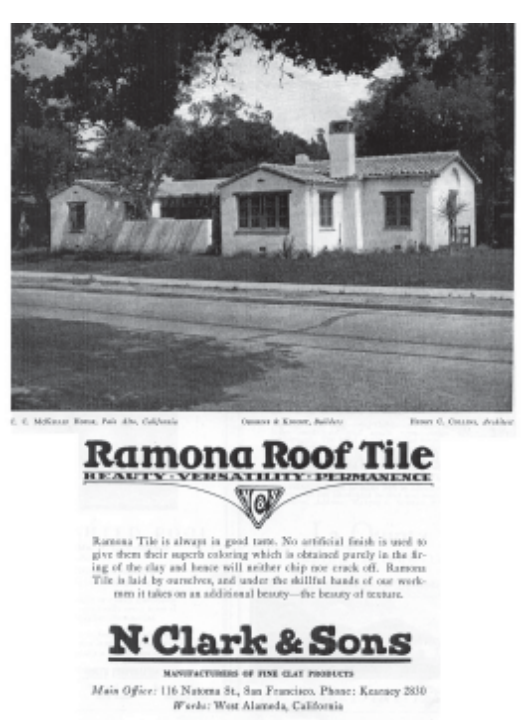


A New School Building in the Traditions of Old California

N. CLARK & SONS

Manufacturers of Fine Clay Products

116 N. MARKET STREET, SAN FRANCISCO
PORTLAND-DAVT. BLDG. CITY-LOS ANGELES



Ramona Roof Tile

BEAUTY · VERSATILITY · PERMANENCE

N-Clark & Sons

MANUFACTURERS OF FINE CLAY PRODUCTS

Main Office: 116 Market St., San Francisco, Phone: Keamany 2810
Works: West Alameda, California

Fig. 277 - Propaganda de posto de serviços publicada na revista **California: Arts and Architecture**. Fonte: CALIFORNIA: ARTS AND ARCHITECTURE, Jan, 1932.

Fig. 278 - Propaganda de uma escola construída na Califórnia dentro dos ditames do Mission Style. Fonte: CALIFORNIA: ARTS AND ARCHITECTURE, Jan, 1932.

Fig. 279 - Capa da edição de agosto de 1933 da revista **California: Arts and Architecture**, onde figura a torre de uma antiga missão franciscana. Fonte: CALIFORNIA: ARTS AND ARCHITECTURE, Aug, 1933.

Fig. 280 - Propaganda de telhas específicas para construções missionárias, de sugestivo nome: Ramona. Fonte: CALIFORNIA: ARTS AND ARCHITECTURE, Jan, 1930.

Fig. 281 - Anúncio da Companhia de Cimento Portland, relativa à inauguração do terminal de trem de "Los Angeles", edificado dentro dos princípios do Mission Style. Fonte: CALIFORNIA: ARTS AND ARCHITECTURE, Jun, 1939.

Uma breve seleção das matérias deste periódico, voltadas à temática hispano-americana de arquitetura, pode ser vista no quadro a seguir:

QUADRO 6:
PEQUENA AMOSTRAGEM DE MATÉRIAS ATRELADAS AO "MISSION STYLE"
NA REVISTA "PACIFIC COAST ARCHITECT AND BUILDING REVIEW"

Sistematização por F. Atique

EDIÇÃO	MATÉRIA	PÁGINAS
January, 1924	<i>An Adaptation of Modern Spanish Architecture in Brick</i>	6 / 33
February, 1924	<i>Country Club Near San Francisco, by Harris Allen</i>	5
March, 1924	<i>Some Fine Interiors</i>	25
April, 1924	<i>Shops in Los Angeles, by Morgan, Walls & Clements</i>	11
May, 1924	<i>The San Francisco Architectural Exhibition</i>	5-35
June, 1924	<i>A Country House in Early California Style, by Henry W. Hall</i>	5
July, 1924	<i>Residence of Jas. Scripps Booth, Pasadena. Marston & Van Pelt Architects</i>	p.17-22
August, 1924	<i>An Artist in Adobe, by Harris Allen</i>	p.5- 6
September, 1924	<i>Residence of Henry Swift, Berkley, California, Roland Stringham, architect</i>	9
October, 1924	<i>The Hotel Senator, Sacramento, California</i>	5
November, 1924	<i>Public Architecture in Florida</i>	34
December, 1924	<i>Exterior a Triumph in Stucco, by E.F. Halloran</i>	8
January, 1925	<i>Court in Arcos de la Frontera from Picturesque Spain</i>	Capa
January, 1925	<i>The Biltmore Theatre, by Harris Allen</i>	5
January, 1925	<i>Report of Historic Monuments Committee, by Ernest Coxhead</i>	33
February, 1925	<i>Cathedral parish School, Grace Day Home, Sacramento</i>	33
March, 1925	<i>A Street in Spain, Santa Barbara, California</i>	Capa / 23
April, 1925	<i>Interior and Theirs Decoration, by K. Hope Hamilton</i>	55
May, 1925	<i>Domestic Architetcture, by John Quinn</i>	7
June, 1925	<i>A Los Angeles Home, E.J. Soper, Architetc</i>	Capa
June, 1925	<i>A Collection of Small Houses in the California Redwood Association Competition</i>	7 – 53
July, 1925	<i>'El Mirasol', The Sunflower, by Frederick Clift</i>	23
August, 1925	<i>Residence of Fred A. Wickwt, Palo Alto</i>	Capa,
September, 1925	<i>Construction Lessons From Santa Barbara, by Dr. Bailey Willis, Stanford University</i>	5
September, 1925	<i>Proper Construction is California's Need, by Mark C. Colon</i>	6
September, 1925	<i>The Santa Barbara Mission after an etching by Ed Borein</i>	Frontspiece
September, 1925	<i>California Spanish - Editorial</i>	—
October, 1925	<i>Construction Lessons From Santa Barbara II, by Henry D. Dewell, Civil Engineer</i>	33
October, 1925	<i>The Santa Barbara City Hall</i>	37
November, 1925	<i>Construction Lessons From Santa Barbara III, by Dr. Bailey Willis, Stanford University</i>	6
December, 1925	<i>Santa Barbara Construction Lessons IV, Edwin Bergstron</i>	51
January, 1926	<i>Good Bye, Florida! Hello, California!, by Miss G.A. Shaffer</i>	45-46
February, 1926	<i>Santa Barbara Construction Lesson V, by Oscar G. Knecht</i>	43
March, 1926	<i>Mexican Sketches</i>	37
April, 1926	<i>Mexican Sketches</i>	41
May, 1926	<i>Spanish Atmosphere, by Harris Allen</i>	5-23
June, 1926	<i>New Spain, by Harris Allen</i>	5-7
July, 1926	<i>Santa Barbara Construction Lesson VI, by Oscar G. Knecht</i>	31
August, 1926	<i>The Essence of California, by Harris Allen</i>	9-11
September, 1926	<i>The New Temple Emanu-El of San Francisco</i>	15
October, 1926	<i>The New Del Monte, by Harris Allen</i>	35
November, 1926	<i>Map of Early California (1646)</i>	Capa
November, 1926	<i>Maya Architecture, by Robert Stacy-Judd</i>	27-32
November, 1926	<i>Small-House Plan</i>	33
December, 1926	<i>The Small Shop, by Zoe A. Battu</i>	9
January, 1927	<i>Another California Tradition Preserved, by Harris Allen</i>	21
January, 1927	<i>The Third Pan-American Congress</i>	51
February, 1927	<i>The Future of Architecture on the pacific Coast, by John Galen Hoaward</i>	9
March, 1927	<i>The Interior Architec, by A.F. Marten</i>	35
April, 1927	<i>Palos Verdes – Where Bd Architecture is Eliminated, by Myron Hunt</i>	9
May, 1927	<i>Residence of Mrs. J.Y. Baruh, Los Angeles, California</i>	11-14
June, 1927	<i>The San Francisco Architectural Exhibition, by Harris Allen</i>	9-35
July, 1927	<i>Recent California Theatres, by Harris Allen</i>	10
August, 1927	<i>The Housing of Librarires, by Harris Allen</i>	9-23
September, 1927	<i>Adventures in Architecture, by Harris Allen</i>	9-35
October, 1927	<i>The laguna Honda Relief Home, by Zoe A. Battu</i>	25
November, 1927	<i>The Place of the Hotel in the Modern City, by Guy Wilfrid Hayler</i>	25
December, 1927	<i>Residences in Pasadena, California</i>	11-15

A revista persistiu com este nome até 1929, quando se tornou ***California: Arts and Architecture*** pela fusão com outra publicação, a ***California Southland***,²⁶ que possuía um caráter mais próximo do que se conhece, atualmente, por revista de variedades. O título assumido pela fusão das antigas revistas intentava demarcar que o novo periódico não abrangeria toda a costa norte-americana do Pacífico, mas apenas o “estado dourado”, a *California*, muito embora tenham permanecido as reportagens sobre o estado de *New Mexico*, por exemplo.

O teor editorial da ***California: Arts and Architecture*** não era muito diverso do de suas antecessoras, uma vez que mesclava reportagens sobre personalidades de toda a *California* e sudoeste norte-americano com programas culturais e, ainda, com reportagens extensas sobre casas de artistas de cinema e de políticos. O destaque às edificações e aos produtos “típicos da *California*” possibilitou a divulgação de plantas e fotografias de casas, de missões, de praias, de edifícios de estações de trem, de museus e de cinemas, os quais, certamente, alimentaram as turmas da Escola Politécnica de repertório sobre a arquitetura daqueles lugares e, em especial, da vinculada ao *Mission Style*. Esta afirmação se faz pelas semelhanças encontradas nas obras identificadas como sendo de alunos da Poli, quer por meio das revistas, quer em levantamento de campo pelas ruas de cidades do estado de São Paulo.

Convém apontar mais detidamente o conteúdo apresentado pela revista em questão ao longo de sua trajetória, cuja coleção se encerra, em 1943, na Biblioteca Central da Politécnica. Todos os números encontrados no acervo trazem reportagens sobre aspectos históricos da *California*, sobre a arquitetura e sobre as “tradições” daquele estado. No que tange às “tradições californianas”, podem ser apontadas matérias, como “*The California Tradition of Hospitality Inherited from the Don*” e “*Peasant Courtyards of Spain – patios that are useful, simple, and still charming*”, ambas, publicadas em fevereiro de 1930, ou, ainda, “*Spanish Traditions of San Antonio: a city with the same background as California*”, de agosto de 1930 e “*Spanish Heritage*”, de fevereiro de 1939. Todas essas reportagens eram profusamente ilustradas por fotografias que ajudavam a enfatizar o caráter dogmático dos textos e auxiliavam na demonstração, aos leitores, mesmo os que pouco dominavam o idioma, do desenvolvimento da região enfocada.

No que diz respeito à divulgação de projetos, *stricto sensu*, podem ser elencadas algumas reportagens, escolhidas dentro de um universo maior, ali publicado, como: “*R. Max Cohn's Country Home situated in the Los gatos Hills*”, projeto de *Bertz, Winter e Maury*, da edição de fevereiro de 1930, e também, o

²⁶ No acervo da EPBC não existem números desta revista.

posto da “*Coast Counties Gas and Electric Company, Wastsonville*”, projetado por *Albert Roller*, divulgado em janeiro de 1932. Deve-se apontar, ainda, uma foto-reportagem acerca do “*Fox Arlington Theater at Santa Barbara*”, projetado por *William Edwards*, trazido à luz na edição de fevereiro de 1932. Uma reportagem que merece ser destacada é a de nome “*Practical Solution of the Small House Problem*”, escrita por *George Oyer*, que aponta a pertinência de utilização do *Mission Style* para casas de pequeno tamanho, chamadas de “*econômicas*”, algo que seria muito perceptível, no Brasil, no mesmo período (CALIFORNIA: ARTS AND ARCHITECTURE, 1933, Dec: 24 – 28). De maneira muito especial, comentou-se a publicação do projeto que mais foi divulgado e que se tornou emblema da arquitetura californiana, o “*Union Passenger Terminal*”, estação de trem que foi propalada não apenas nas páginas de reportagens do periódico, como também nas de anúncios, nas quais foi possível encontrar a Associação de Cimento Portland celebrando sua participação na empreitada (CALIFORNIA: ARTS AND ARCHITECTURE, Jun: 1939). Aliás, convém demonstrar que a indústria cimenteira dos Estados Unidos via a arquitetura de fundo hispânico como potencial forma de aplicação de seus produtos. O arquiteto norte-americano *Marc Appleton* revelou, em prefácio a uma das reedições de um dos manuais de arquitetura hispânica de *Rexford Newcomb*,²⁷ que a *Portland Cement Co. of Los Angeles* patrocinou a publicação de livros que abordavam a produção do que ele chama de *American Spanish Architecture* e do *Mediterranean Revival*, como ***Architectural Details, Spain and the Mediterranean*** (1927) e ***Old World Inspiration for American Architecture*** (1929), ambos da lavra do fotógrafo *Richard S. Requa*, o que demonstrava a versatilidade do uso do concreto não apenas nas atividades de infra-estrutura urbana, ou em arquiteturas verticais, mas também no desenvolvimento de casas isoladas e de referentes históricos (APPLETON, 1999: XII).

Na revista, ainda, podiam ser encontradas reportagens sobre artistas cinematográficos envolvidos com o universo de filmes épicos, como *Mona Maris* e *Don Jose Mojica*, ambos na edição de fevereiro de 1930 (CALIFORNIA: ARTS AND ARCHITECTURE, 1930, Jun: 56 – 57). Na edição de janeiro de 1933, uma seqüência de fotos da casa da filha de um senador americano, *Miss Jane Dunsmore*, tomavam grande parte da publicação, mostrando aspectos da decoração de casas de “*sabor hispânico*” da *California* (CALIFORNIA: ARTS AND ARCHITECTURE, 1933, Jan: 10). No que concerne às reportagens históricas, na edição de fevereiro-março, de 1933, deve ser apontada “*The Window Grilles of Old Mexico*”, que apresenta edificações que ainda guardam os modelos das janelas gradeadas originais da época das missões franciscanas que se tornaram uma das marcas do *Mission Style* ao redor do mundo (CALIFORNIA: ARTS AND ARCHITECTURE, 1933, Feb - Mar: 17-18).

²⁷ O livro *The Franciscan Mission Architecture of Alta California* (1916), o primeiro escrito por *Rexford Newcomb*, e um dos pioneiros da documentação da arquitetura missões, estava presente na Poli, também.

Estes dois periódicos citados podem ser vistos, de fato, como uma só publicação. Eles são um dos atestados da fonte repertorial norte-americana junto à Politécnica, para a apreensão da arquitetura do *Mission Style*. Depois da Segunda Guerra, a revista mudou novamente seu nome para **Arts and Architecture**, tornando-se uma das principais divulgadoras da Arquitetura Moderna “*apropriada aos climas sub-tropicais*”, com as *Case Study Houses* (IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005).²⁸

O quadro 7, a seguir, apresenta edições das duas primeiras revistas que têm relação direta com a divulgação da arquitetura e da cultura atrelada à difusão do *Mission Style*, no Brasil, e, em especial, na Escola Politécnica.

QUADRO 7:
PEQUENA AMOSTRAGEM DE MATÉRIAS PUBLICADAS EM
“CALIFORNIA: ARTS AND ARCHITECTURE”,
LIGADAS À DIFUSÃO DO “MISSION STYLE”

Sistematização: F. Atique

EDIÇÃO	MATÉRIA	PÁGINAS
January, 1930	“Ramona Roof Tile: Beauty – Versatility – Permanence”	4
January, 1930	“La Quinta: This Winter, the Sun-Drenched California Desert... The Romance of an old Spanish Hacienda – The Desert Invites you”	65
February, 1930	The California Tradition of Hospitality Inherited from the Dons	18 / 22-24
February, 1930	Peasant Courtyards of Spain: Patios That Are Useful, Simple, and Still Charming. Autor: Thomas D. Churchill, Landscap Architect	19-21
February, 1930	Decorative Possibilities of the Cactus	25
February, 1930	The assault on the Mike – The Sucess of Big Voices on the Screen – Mona Maris e Don Jose Mujica.	56-57
February, 1930	California Leads in Airports	59
June, 1930	The picturesque home of Mr. W.V.B. Campbell at Pebble Beach	32-33
August, 1930	Spanish Traditions of San Antonio: a city with the Same Background as Califórnia, by Harvey P. Smith	34-35 / 72-3
January, 1932	Coast Counties Gas and Electric Company, Watsonville.	52
February, 1932	The Vanishing Monterey Pines	32
February, 1932	An Unusual Theater with Unique Approach	33-35
January, 1933	Romantic Reality in Drama, by Ellen Leech	3
January, 1933	The Charm of Early California Days transplanted to modern California Life.	10
January, 1933	The Charm of Living in California, by Marion Parks	11-15 / 22
February-March, 1933	The Window Grilles of Old México, by Charles Gibbs Adams	17-18
February-March, 1933	Gates and Gate Lodges at Del Monte	25
January, 1935	California – As We See it	2
July, 1933	The Palo Alto Community Theater –The “Little Theater” Movement Grows	24
December, 1933	A New School Building in the Traditions of Old California	10
December, 1933	The Horse Come Back, by Mark Daniels	18-
December, 1933	A Practical Solution on the Small House Problem, by George Oyer	24 / 28
March, 1935	New Houses in Southern California	22- 23 / 30
April, 1935	Hamilton Field: the Army’s Newest Air Base	13- 14
April, 1935	Pacific Gas Heating Headquarters – Modernize with Pacific!	30
June, 1935	Modernism and Tradition, by Irving F. Morrow	25
February, 1939	Spanish Heritage	16-17
September, 1939	The Result of an Early Spanish Influence	16-17
June, 1939	For Beauty with Economy the Gateway to a City is Built with Concrete	contra-capá
August, 1942	South American Caravan	20-22 / 37

²⁸ Em 1944, a revista suprimiu o *California* de seu título e prosseguiu como **Arts and Architecture**, até fins da década de 1960. No período da Guerra, e sobretudo após seu término, a publicação passou a veicular reportagens afinadas com as questões da casa mínima e do alojamento para os soldados que regressavam à sua pátria. Neste momento, o *Mission Style* saiu de cena em prol das *Case Study Houses*, trabalhadas por *Adriana Irigoyen* em seu doutorado, defendido nesta Faculdade, demonstrando que não cessou o intercâmbio de modelos domésticos dos Estados Unidos com o Brasil depois da Guerra (IRIGOYEN, 2005).

Examinadas as reportagens dessas revistas, resta apresentar os docentes e os alunos que mantiveram envolvimento com a concepção da arquitetura, segundo esses ditames neocoloniais emanados dos Estados Unidos. Mediante a leitura do trabalho de Sylvia Ficher, *Os Arquitetos da Poli*, recentemente transformado em livro, foi possível notar que entre os professores de composição e de desenho da Escola Politécnica de São Paulo, vários recorreram aos estilos hispânicos e, sobretudo, ao *Mission Style*, nas suas atividades profissionais. Exemplos desses docentes são o italiano *Felisberto Ranzini*, o paulista Alexandre Albuquerque e, até mesmo, o urbanista Francisco Prestes Maia (FICHER, 2005).

Sabe-se que Alexandre Albuquerque, nascido em São Paulo, em 14 de novembro de 1880, e falecido, na mesma cidade, em 9 de dezembro de 1940, teve os vínculos mais diretos com o acervo da Biblioteca da Politécnica, porque desempenhou, no período entre 1917 e 1937, a função de diretor da mesma. Foi exatamente neste período que as revistas *Pacific Coast Architect and Building Review* e *California: Arts and Architecture* passaram a ser assinadas, e que muitos outros títulos de procedência norte-americana das áreas da engenharia e de história da arquitetura passaram a ser trazidos ao Brasil, para ampliação do acervo da escola. Além disso, como bem frisou Ficher, foi na gestão de Albuquerque que o Sistema Dewey de classificação bibliográfica²⁹ passou a ser empregado na casa, mostrando o grau de conhecimento desse arquiteto sobre o mundo técnico norte-americano (FICHER, 2005: 105). Em sua dissertação de mestrado, Beatriz Portugal Albuquerque recuperou muitos textos de Alexandre Albuquerque e citou um, apresentado ao Grêmio Politécnico, do qual foi fundador, em 1903, relativo à sua viagem à Europa como aluno premiado.³⁰ Descrevendo com olhos argutos alguns descuidos verificados nas cidades européias, Albuquerque demonstrou que considerava equivocada a manutenção, pelo governo brasileiro, apenas de *“pensionistas de arte no estrangeiro”*, pois cria que

“se o Estado mantivesse também pensionistas de industriais que fossem conhecer a Inglaterra, a Alemanha, a Áustria, os Estados Unidos etc, de volta ao Brasil poderiam manter e dirigir grandes fábricas, dando trabalho a milhares de operários e transformar os nossos sertões em campos de riqueza” [grifo meu] (ALBUQUERQUE, 1907, citado por ALBUQUERQUE, 2006: 26).

Muito embora nunca tenha pisado nos Estados Unidos, Albuquerque estava a par da importância industrial norte-americana por conta de sua formação na Escola POLITÉCNICA, onde trabalhavam inúmeros outros docentes engenheiros formados naquele país. Ao lado das referências imprescindíveis da Europa, ele soube aglutinar os preceitos estadunidenses, demonstrando que a Escola Politécnica era, desde os primeiros anos, um espaço plural na aquisição e no tratamento de suas fontes repertoriais.

²⁹ A Classificação Decimal de Dewey (CDD ou DDC, na sigla em inglês, também conhecido como Sistema Decimal de Dewey) é um sistema de [classificação de bibliotecas](#) desenvolvido por [Melvil Dewey](#) (1851–1931), em 1876, e, desde então, enormemente modificado e expandido ao longo de vinte e duas grandes revisões que ocorreram até 2004. Como se esperava, este sistema de classificação é proveniente dos Estados Unidos. Conforme http://pt.wikipedia.org/wiki/Classifica%C3%A7%C3%A3o_decimal_de_Dewey. Acesso em 08 fev 2007.

³⁰ Anualmente, a Congregação da Escola Politécnica de São Paulo oferecia ao melhor aluno, entre os formandos, um prêmio que consistia numa viagem de estudos à Europa, para apreensão dos aspectos estudados no Brasil e por ela determinados. Na volta do ex-aluno, a Congregação requeria um relatório sobre as atividades desenvolvidas. Alexandre Albuquerque foi o primeiro a ser laureado.

Já docente, na década de 1910, Alexandre Albuquerque foi encarregado de criar as bases para o estudo da arquitetura brasileira, na Politécnica, por meio da disciplina de História da Arquitetura, da qual se tornou lente catedrático, em 1926 (ALBUQUERQUE, 2006: 36). Na década de 1920, dentro dessa disciplina, ele iniciou a efetiva difusão da arquitetura neocolonial entre os estudantes politécnicos, da mesma forma que ocorreu no Rio de Janeiro, por meio de visitas de estudo às cidades históricas de Minas Gerais. As viagens de Albuquerque apresentaram aos alunos as técnicas de levantamento arquitetônico e a própria arquitetura de algumas das antigas cidades coloniais brasileiras. Os desenhos relativos às visitas empreendidas por Alexandre Albuquerque podem ser vistos nas páginas do *Boletim do Instituto de Engenharia* e da *Revista Politécnica*, durante as décadas de 1920 e 1930.³¹ Albuquerque também realizou algumas obras de caráter neocolonial em São Paulo, como o Convento de Santa Teresa, atual sede da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, à rua Monte Alegre, no bairro de Perdizes, além de várias residências. Em sua produção, entretanto, é muito raro encontrar a fusão dos preceitos compositivos da arquitetura missões com a luso-brasileira, talvez, por força de seu conhecimento e dos estudos aprofundados *in loco*, sobre o período colonial do Brasil. Entretanto, muitos de seus alunos da Politécnica não tiveram o mesmo tipo de atitude e aderiram ao estudo das referências hispano-americanas, como será visto mais adiante.

Na biblioteca de Alexandre Albuquerque, de posse de sua família, foram encontrados alguns livros referentes à arquitetura nos Estados Unidos. Na listagem disponibilizada por Beatriz Albuquerque puderam ser vistos títulos como *L'art et la Philosophie des Indiens de l'Amérique du Nord*, escrito por *Hartley Bur Alexander*, publicado em Paris, em 1926; *History of Art: the Spirit of the Form*, da lavra de *Elie Faure* (uma edição nova-iorquina) e os importantes trabalhos: *L'Architecture aux États-Unis: Preuve de la Force d'Expansion du Génie Français*, de 1920, de *Jacques Gréber*,³² e *The American Vitruvius: an Architects' Handbook of Civic Art*, escrito por *Werner Hegemann* e *Elbert Peets*, em 1922 (ALBUQUERQUE, 2006: 166-180).

Embora Alexandre Albuquerque tenha projetado dentro do repertório neocolonial, foi seu antigo professor e, depois, colega de casa, *Victor Dubugras*, quem demonstrou maior ênfase no emprego dessa corrente estético-arquitetônica. Nascido em *Sarthe*, na França, em 1868, e falecido em Teresópolis, em 1933, Dubugras foi criado na Argentina, onde se iniciou na prática arquitetônica no escritório de *Francisco*

³¹ A *Revista Politécnica* foi criada em 1904, como órgão do Grêmio Politécnico, fundado e dirigido por Alexandre Albuquerque. Convém apontar que Sylvia Ficher reproduziu, em seu livro, muitos desses desenhos, o que facilita ao pesquisador interessado nessa produção de Albuquerque a apreensão direta dos mesmos (FICHER, 2005:196; FREITAS, 2002).

³² Este livro de *Jacques Gréber*, francês que trabalhou na *Philadelphia* durante a metade da década de 1910 e a de 1920, relata de que forma houve a difusão de elementos e de profissionais egressos das *Écoles de Beaux-Arts* francesas naquele país. Amigo de *Paul Cret*, *Gréber* realizou, com este,

trabalhos na diagonal que liga a *Old City* ao *Fairmount Park*, num processo de embelezamento que a transformou no *Benjamin Franklin Boulevard* (FOUNDATION FOR ARCHITECTURE, 1994). Este livro sistematiza suas proposições para alguns outros espaços da *Philadelphia*, não edificados.

Tamburini, um dos autores do *Teatro Colón* de Buenos Aires. Chegado a São Paulo por volta de 1891, empregou-se no escritório de Ramos de Azevedo e, depois, no Departamento de Viação e Obras Públicas (REIS FILHO, 2005: 19). Logo, estabeleceu seu próprio escritório de projetos e passou a colaborar na Escola Politécnica. Em 1894 tornou-se “*professor de aula*”, cargo, como explica Sylvia Ficher, ocupado por professores que não possuíam diploma superior (FICHER, 2005: 82). Em 1925 ainda estava lecionando na instituição, quando se efetivou. Sempre ministrou aulas dentro da seqüência de representação gráfica, como *Desenho Topográfico e Elementos de Arquitetura; Desenho à Mão Livre e Geométrico Elementar; Desenho Arquitetônico e Esboço do Natural*, dentre outras, que também lecionou para o curso de Engenheiros Civis (FICHER, 2005: 82).

Seus projetos mesclam elementos do *Art Nouveau* com referências inglesas historicistas e posturas racionalistas, rendendo-lhe o epíteto “*protomoderno*” por alguns historiadores da arquitetura, brasileiros e latinos (REIS FILHO, 2005). Dubugras destacou-se pelo uso do neogótico em muitas escolas e fóruns nas primeiras décadas do século XX, quando, paralelamente, introduziu e desenvolveu o *Art Nouveau* em São Paulo. Apenas em 1919 foi que ele criou sua primeira obra julgada como ligada ao escopo do neocolonial: a reformulação urbanística da Ladeira da Memória, antigo Largo do Piques, em São Paulo. Ali, com muita liberdade, empregou uma colunata toscana para a conformação de um painel de azulejos desenhados por Wash Rodrigues, que criou pano de fundo para os antigos obelisco e figueira da área. Valendo-se de uma incomparável solução em escadaria, que mais remete ao repertório *Art Nouveau*, *Dubugras* passou a ser visto como um dos arautos do movimento que havia sido deflagrado, anos antes, em prol da arquitetura tradicional do país.

De fato, *Dubugras* fundia os estilemas luso-brasileiros com modelos europeus, como os do *Art Nouveau*, mais do que com os dos estilos hispânicos.³³ Em todo caso, como atesta a perspectiva do Hotel Mongaguá, projetado para o Guarujá, por volta de 1920, *Dubugras* tinha conhecimento do desenvolvimento da arquitetura no norte do continente americano. Neste hotel é possível ver o emprego das ordens toscanas, dos frontões curvilíneos e das indefectíveis arcadas duplas, presentes no *Mission Style*. Nos corpos secundários da edificação, precisamente nos pavilhões de recreação, era possível sentir, também, o emprego de uma típica solução ligada ao missões: cornijas arrematando o telhado sem beirais, arcadas duplas etc (FICHER, 2005). Aparece aqui, também, outra recorrente ornamentação empregada por *Dubugras*: vedações em elementos vazados em meias-luas, usados em guarda-corpos.³⁴

³³ Em 1904 recebeu Medalha de Prata na Exposição de *Saint Louis*, nos Estados Unidos.

³⁴ Clara Correia D’Alembert, em sua tese de doutorado, explicitou a dificuldade em mapear a origem desses elementos, mas comentou que *Thomas Ewbank*, ao descrever sua visita a Niterói, em 1846, disse ter visto “*alguns muros (...) com a justaposição de telhas produzindo uma impressão agradável de rede. Algumas são dispostas a produzir círculos*” (EWBANK, 1846, citado por D’ALEMBERT, 2003: 191). Talvez a origem desses elementos vazados empregados na arquitetura neocolonial, sobretudo por *Dubugras*, tenham sido as telhas coloniais empilhadas.

Contudo, a maior repercussão dos projetos ligados ao neocolonial seria alcançada com seus Pousos da Serra do Mar, também encomendados por Washington Luiz Pereira de Souza, amigo com quem desenvolveu expedições em busca dos resquícios da história construída paulista, desde 1915. Realizados para as comemorações do Centenário da Independência do Brasil, em 1922, estes pousos foram feitos sob antigas paradas, na antiga estrada chamada de Caminho do Mar, e receberam os seguintes nomes: Pouso de Paranapiacaba, Pouso da Maioridade, Marco do Lorena, Cruzeiro Quinhentista, Pouso Circular e Monumento do Pico. Neles, *Dubugras* empregou, sem nenhum constrangimento, a alvenaria de pedras ao lado de telhados “*sonolentos*”, da arquitetura da época do Brasil Colônia, com azulejos, numa típica composição de autoria. Em todo caso, lançou moda entre os projetistas paulistanos que passaram a deixar à mostra, em seus projetos, pedras, ou a aplicar quadrados nas fachadas das casas, onde exibiam quatro ou cinco azulejos decorados. Como se vê, um dos estilemas apontados por Clara D’Alembert como típico do missões, em São Paulo – as pedras em torno das arcadas - , surgiu por derivação do neocolonial praticado por *Victor Dubugras*.

Em 1923, *Dubugras* realizou, também a convite de Washington Luiz, o projeto de pavilhões para a Estância Hidromineral do Prata, na divisa de São Paulo com Minas Gerais. Esses projetos, recuperados por Nestor Goulart Reis Filho, mostram, mais uma vez, o uso dos recursos espaciais e dos estilemas híbridos dos movimentos *Arts and Crafts*, *Art Nouveau* e Colonial Luso-Brasileiro (REIS FILHO, 2005: 79 - 80).

Aposentado da Politécnica, em 1927, *Dubugras* se mudou para o Rio de Janeiro, onde já desenvolvia muitos projetos, desde a década de 1910. Ali, projetou muito dentro do repertório desse seu peculiar neocolonial. Dentre as obras deste período estão as casas de Arnaldo Guinle, em Teresópolis, e o projeto do *Canada Garden City*, proposto para o morro de Santa Teresa, em 1932. Este último projeto é o que mais demonstra a fusão do repertório do colonial luso-brasileiro com o *Mission Style*. Composto de quase duas dezenas de casas, quase todas elas aparecem, na perspectiva do conjunto, vazadas dentro de uma simplicidade formal bem própria do missões: telhados cerâmicos em poucas águas, sem grandes beirais; paredes ásperas brancas e uso do óculo quadrilobado. Do neocolonial luso-brasileiro nota-se a presença dos coruchéus e das pinhas arrematando pilares. Muito mais simples do que a versão paulistana de seu colonial, estes projetos dos últimos anos da carreira de *Dubugras* permitem ver sua versatilidade ao longo de sua atuação profissional, transitando por muitas correntes estéticas, readaptando-as em seus projetos

brasileiros.

Dentro da Politécnica, impressionou muitos alunos, sobretudo pelo emprego pioneiro de estruturas de concreto armado, como na Estação de Mairinque. Poucos projetos seus foram publicados na **Revista Politécnica**, embora fosse muito conhecido entre os estudantes, os quais, estima-se, sorveram os projetos apresentados em sala de aula, os ensinamentos sobre o neocolonial e sobre os demais modos de composição arquitetônica.

Fora Alexandre Albuquerque que, de fato, esteve mais vinculado ao desenvolvimento repertorial da Politécnica por meio da aquisição de fontes norte-americanas do que pela práxis arquitetônica ligada a modelos estadunidenses, e *Victor Dubugras*, que demonstrou estar livre de uma única vinculação estética no desenvolvimento de seu neocolonial, apesar de serem visíveis suas citações norte-americanas, podem-se citar outros professores da instituição cujo envolvimento com o mundo acadêmico e profissional dos Estados Unidos foi bem maior. Nesse sentido, a trajetória de *Felisberto Ranzini* é exemplar. Nascido em *San Benedetto Po*, Itália, em 18 de agosto de 1881, e falecido em São Paulo, em 22 de agosto de 1976, *Ranzini* teve papel importante na divulgação e no emprego de formas hispano-americanas na Poli. Sua trajetória na instituição começou em 1921, quando foi contratado como professor de “*Composição Decorativa, do 1º e 2º anos do curso de Engenheiro-Arquiteto*”. Como informa Ficher, ele sempre lecionou essa disciplina, mesmo quando houve a alteração de sua nomenclatura, em 1926, para *Composição Geral e Decorativa*³⁵ (FICHER, 2005: 201 - 202). Em 1931 ele se efetivou no cargo de professor da Politécnica, aposentando-se em 1951. Antes de ser professor ali, ele havia lecionado no *Lyceu de Artes e Offícios*, e trabalhado junto com *Domiziano Rossi*, para o Escritório de Ramos de Azevedo, por vários anos (LEMOS, 1993).

No período em que Ranzini ingressou na Politécnica, esta escola já possuía repertório estadunidense em sua biblioteca, como visto. Sylvia Ficher, que teve acesso à biblioteca particular desse arquiteto, conseguiu identificar, ali, dois títulos básicos da instrução em “*Composição Arquitetônica*”: a coleção germânica ***Der Ornamenten Schatz*** e um volume de *A. Raguenet*, francês vinculado ao sistema *Beaux-Arts*. Ela, contudo, não informa sobre a existência de outros títulos ligados às *Fine Arts Schools* norte-americanas (FICHER, 2005: 202). Embora não se tenha obtido acesso ao acervo particular consultado por Ficher, foi possível detectar que, além das revistas estadunidenses acima citadas, na Politécnica existia o livro de *John Frederick*

³⁵ Como dizia o *Anuário da Escola Politécnica de São Paulo*, em 1908: “Na cadeira de composição, trata-se de aplicação dos varios estylos, á elevação das fachadas ou do interior, pois o seu objecto, é o estudo das plantas dos diferentes edificios públicos e monumentaes, com a lógica distribuição das suas diversas partes e a capacidade sufficiente relativa a lotação de cada uma (...). Para a completa instrução ao aluno, os projetos dos edificios n'este curso, precisam ser estabelecidos segundo as regras de composição, fazendo-se na sua elevação, applicação dos divresos estylos” (ANUARIO DA ESCOLA POLITÉCNICA, 1908, citado por SANTOS, 1985: 243).

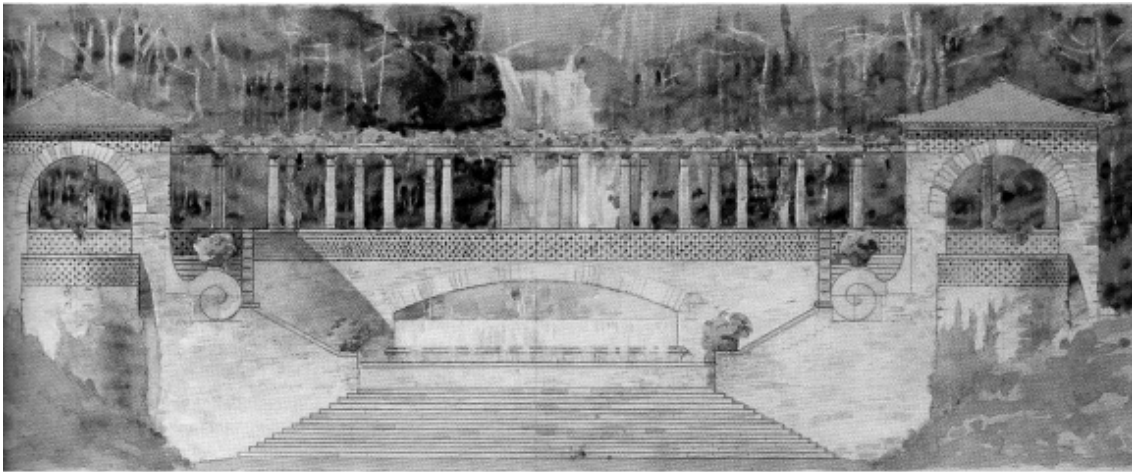


Fig. 286, 287, 289 e 290 - Imagens atuais dos pousos construídos por Victor Dubugras no antigo Caminho do Mar, em São Paulo. Fotos: Maria Cristina Erdelyi, 2007.

Fig. 288 - Elevação de uma pérgola prevista no projeto de Victor Dubugras para a estação do Prata, em São Paulo. Fonte: REIS FILHO, 2005.

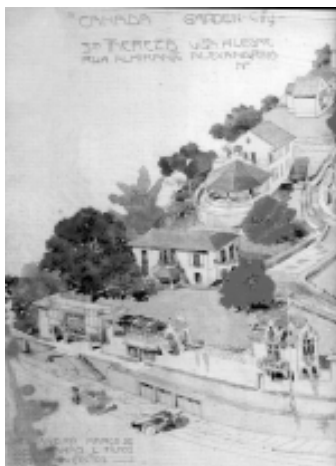
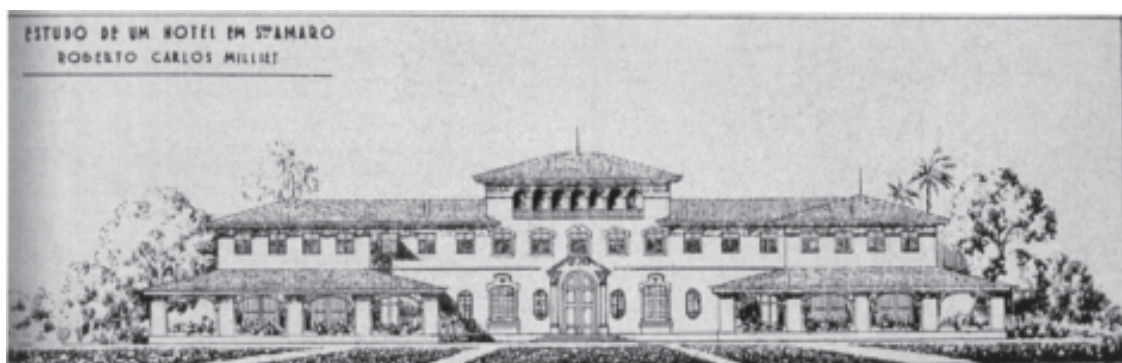


Fig. 291 e 294 - duas aquarelas de Felizberto Ranzini, mostrando casas neocoloniais. Fonte: FICHER, 2005.

Fig. 292 - Projeto de Hotel em Santo Amaro, publicado no livro de Sylvia Ficher, como ilustração à produção discente da Escola Politécnica de São Paulo. Fonte: FICHER, 2005.

Fig. 293 e 295 - Duas imagens do Canada Garden City, projeto desenvolvido por Victor Dubugras para o Morro de Santa Teresa, no Rio. É possível notar algumas soluções recorrentes do Mission Style. Fonte: REIS FILHO, 2005.



Fig. 296 - Projeto de Hotel para estância Balneária, desenvolvido pelo então aluno Roberto Cerqueira César, dentro da típica solução missioneira. Fonte: FICHER, 2005.

Fig. 297 - Aquarela de Francisco Prestes Maia, preparada para o livro Melhoramentos de São Paulo, ilustrando as piscinas de seu Parque nas Cabeceiras do Ipiranga. Toda a composição é ligada ao Mission Style. Fonte: REVISTA CIDADE, n.4, 1996.

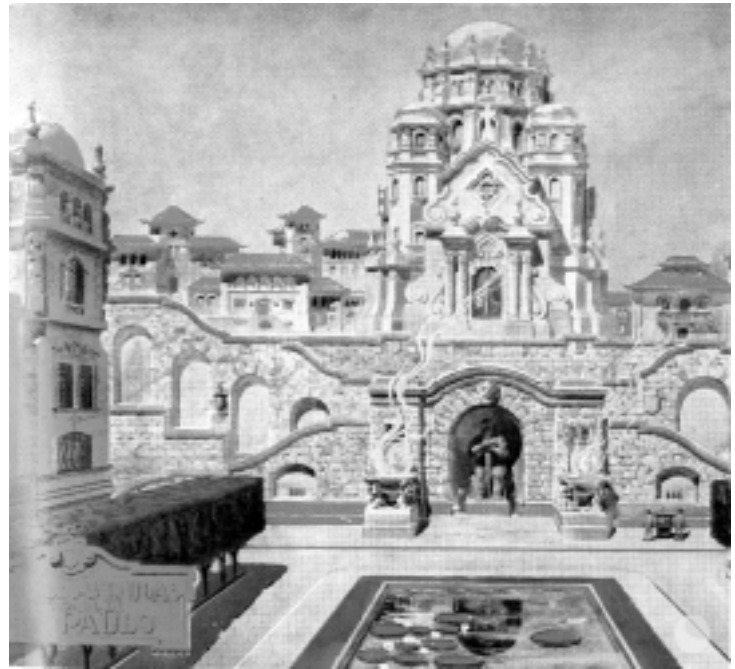
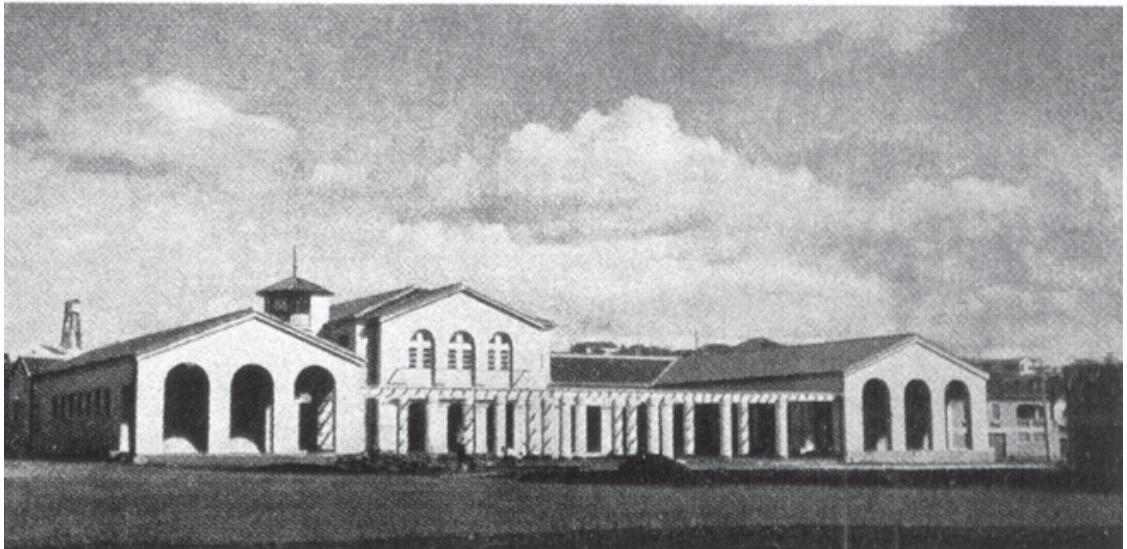


Fig. 298 - Projeto do Parque Infantil da Vila Romana, projetado no período em que Prestes Maia foi prefeito de São Paulo. Típica solução missões. Fonte: FICHER, 2005.

Fig. 299 - Aquarela de Prestes Maia retratando a solução de escadaria pensada para a rua Tabatinguera. Fonte: REVISTA CIDADE, n.4, 1996.

Harbeson, publicado em 1927, outro título básico das disciplinas de Composição. *Harbeson*, como já foi dito, foi professor da *School of Fine Arts* da *University of Pennsylvania*, e seu livro ***The Study of Architectural Design with Special Reference to the Program of the Beaux-Arts Institute of Design*** traz muitas referências à obra de *Paul Philippe Cret* e à produção estadunidense vinculada ao *Mission Style*. Pode-se aventar a hipótese de que *Ranzini* conhecia esta obra, já que parece ter sido professor cômico da bibliografia pertinente ao tema de suas aulas, como muitos depoimentos colhidos por *Sylvia Ficher* atestaram e como a diversidade de projetos que produziu permite supor (FICHER, 2005: 202).

Nas aquarelas reproduzidas no livro de *Ficher*, da lavra de *Ranzini*, bem como em outras encontradas nas páginas da ***Revista Politécnica***, foi possível identificar alguns projetos neocoloniais, *stricto sensu*, e outros, híbridos das soluções brasileiras com referências hispânicas, o que demonstra o acompanhamento, por *Ranzini*, das possibilidades projetuais das décadas de 1920 e 1930. Sabe-se que várias dessas aquarelas consultadas por *Ficher* e guardadas pelo neto de *Ranzini*, *Renzo Ranzini*, foram usadas em sala de aula para demonstrar as possibilidades de composição arquitetônica e de representação aos alunos de Arquitetura da Politécnica, uma das formas de transmissão desse vocabulário hispano-americano de arquitetura aos estudantes (FICHER, 2005: 202). Ele também pode ter recomendado a adoção do *Mission Style* no desenvolvimento de projetos durante os anos de 1930, uma vez que as páginas da revista da instituição são repletas de exemplos dessa arquitetura, muitos, inclusive, identificados como “trabalhos escolares” dos 4º e do 5º anos.

Como apontado anteriormente, outro profissional que demonstrou possuir conhecimento do cenário urbano e, em especial, do arquitetônico estadunidense foi Francisco Prestes Maia. Nascido em Amparo, interior de São Paulo, em 19 de março de 1896, e falecido em São Paulo, em 24 de abril de 1965, Prestes Maia é mais conhecido como urbanista do que como professor de desenho e “arquiteto prático”, atividades que também desempenhou (FICHER, 2005: 155). Sua passagem pela Escola Politécnica de São Paulo durou 14 anos, o que deve ter permitido que mostrasse, literalmente, imagens positivas dos Estados Unidos aos estudantes, por meio das ilustrações que fazia e exibia em sala de aula. Nessa instituição de ensino, ele não lecionou nenhuma disciplina ligada à *Composição Espacial* - nem urbana, nem arquitetônica -, mas ficou incumbido, desde 1924, quando ingressou como professor interino de *Desenho Geométrico e à Mão Livre*, de algumas aulas da seqüência de representação gráfica. Sua trajetória como arquiteto de prancheta é bem pequena, mas se pode sentir, por exemplo, no Palácio Mauá, projetado em 1946, para ser a sede

do Instituto de Engenharia de São Paulo, referências à arquitetura vertical de *Chicago*, como a do *Lake Shore Trust Building*, prédio de 1922, da dupla *Marshall e Fox* (SINKEVITCH, 2004:107).

O que mais desperta a atenção são as aquarelas publicadas por Prestes Maia como ilustrações de suas proposições ao seu ***Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo***, originalmente pensado em conjunto com João Florence de Ulhôa Cintra, em 1924. O trabalho foi expandido e implementado por Maia, a partir de 1938. Suas aquarelas relativas a esse plano urbano podem ser vistas em obras publicadas, como ***Os Melhoramentos de São Paulo*** - nas suas duas versões, de 1942 e de 1945 -, ou no livro de Benedito Lima de Toledo, chamado ***Prestes Maia e as Origens do Urbanismo Moderno em São Paulo***. Uma edição da revista ***Cidade***, comemorativa do centenário de Maia, revela, também, o conhecimento desse urbanista, de várias facetas da arquitetura dos Estados Unidos (MAIA, 1942; MAIA, 1945, TOLEDO, 1996a; TOLEDO, 1996b: 63-75). Como mostra Lima de Toledo, Prestes Maia era bem ciente do repertório urbanístico estadunidense, a ponto de citar *Daniel Burnham*, *Clarence Perry* e outros pensadores das cidades da América do Norte (TOLEDO, 1996a: 226).³⁶ O que se gostaria de ressaltar, nesta tese, é que, além de ser instruído nas discussões sobre urbanismo e planejamento,³⁷ demonstrou ser conhecedor do repertório estético atrelado à arquitetura hispano-americana. Exemplos dessa afirmação são perceptíveis em seu projeto para o parque nas cabeceiras do Ipiranga, no qual houve a mistura de referências luso-brasileiras com típicas soluções *missioneiras*, algumas das quais remetem à arquitetura da *World's Columbian Exposition* de *Chicago*, de 1893 (MAIA, 1945: 339). Uma perspectiva do parque, mais comprometida em mostrar seus espaços de recreação na água, ostenta um torreão com ornamentos bem à moda missioneira e, num primeiro plano, uma seqüência de arcadas conformam um pátio interno, remetendo a soluções de espaços de *Miami* ou de *Los Angeles*, onde a arquitetura do *Spanish Renaissance* se fez sentir com veemência. Outra aquarela feita por Prestes Maia revela que ele havia imaginado, para resolver os problemas de percurso na rua Tabatingüera, uma escadaria que se desenvolveria em torno de uma densa edificação de nítidas pinceladas hispânicas também (TOLEDO, 1996b: 75).

Fora isso, em ***Melhoramentos de São Paulo***, nota-se que a arquitetura dos parques infantis que ele fez construir, enquanto prefeito da capital, seguiu, nitidamente, os preceitos da arquitetura missões, em especial a do Parque Infantil da Vila Romana, projeto de seu ex-aluno Julio César Lacreta (Poli, 1932), construído pela dupla de ex-politécnicos, Luiz Lins de Vasconcelos Neto (Civil-Poli, 1933) e Flávio Baptista da Costa

³⁶ Muitas de suas soluções, embora pertencentes ao escopo do ecletismo, são mostradas dentro do costumeiro modo norte-americano e, no Plano de Avenidas, em especial, elas são muito próximas das ilustrações da *World's Columbian Exposition*, de 1893, ocorrida em *Chicago*, dentro do plano elaborado por *Daniel Burnham*. Ainda no Plano de Avenidas é possível ver, também, referências àquilo que se convencionou chamar de Arquitetura *Art Déco*, muito praticada nos Estados Unidos, nos anos de 1930.

³⁷ No que diz respeito à divulgação do saber técnico atrelado à cidade, sobretudo ao urbanismo moderno, é inegável e mais notória a contribuição de Luiz Ignácio Romeiro de Anhaia Mello, opositor declarado de Prestes Maia. Anhaia Mello, nascido em São Paulo, em 23 de agosto de 1891, e falecido, na mesma cidade, em janeiro de 1974, ingressou na

Politécnica em 1909, diplomando-se em 1913. Já em 1918 começou a desempenhar a função do magistério na instituição, sendo efetivado no cargo, em 1922. Em 1925, por meio da reforma universitária efetuada na Politécnica, através da Lei n. 2128, ele passou a ministrar as disciplinas de *Composição Geral e Urbanismo I e II* (FICHER, 2005: 144). A trajetória de Anhaia Mello foi alvo de intensa pesquisa da urbanista Sarah Feldman, que aponta, com pertinência, em diversos artigos e, em seu livro, recentemente publicado, ***Planejamento e Zoneamento***, o papel de divulgador, assumido por Anhaia Mello, das referências norte-americanas na atividade do planejamento em São Paulo (FELDMAN, 2005).

(Poli, 1932). Outro parque infantil vazado nas referências hispânicas emanadas da arquitetura californiana foi o da Vila São Jorge (MAIA, 1945: 294; NIEMEYER, 2002).

Por meio dos depoimentos colhidos por Sylvia Ficher, junto aos ex-alunos da Politécnica, pôde-se identificar, também, como os conhecimentos sobre a arquitetura *missioneira* foram recebidos pelo antigo corpo discente da instituição.³⁸ Amador Cintra do Prado, formado em 1921, declarou ter feito “*muita coisa colonial sem preocupação*” (FICHER, 2005: 205); Carlos Alberto Gomes Cardim Filho realizou projetos “*missiones*” e neocoloniais durante muitos anos depois de formado, como o “*conjunto de casas econômicas à rua José do Patrocínio, um parque infantil em Campinas, uma creche, uma escola maternal, sua residência à rua Luacatã, e a Igreja São Pancrácio, em Interlagos*” (FICHER, 2005: 218).

Se os personagens históricos, acima citados, revelaram sua adesão profissional à “*arquitetura missioneira*”, convém ressaltar que a pesquisa dos trabalhos desenvolvidos dentro dessa arquitetura, nas páginas da **Revista Politécnica**, entre 1904 e 1945,³⁹ mostrou que, efetivamente, era esta não apenas discutida na Politécnica, como enfatizada em muitos exercícios, prolongando-se como opção estética pela vida profissional de muitos egressos da escola. Nesse sentido, nota-se que Ferruccio Julio Pinotti teve preferência pelo neocolonial e, sobretudo, pelo missões. Ele projetou, como bem sintetizou Ficher, a “*Casa de Carlos Teixeira à rua Novo Horizonte e a Residência Gino Pinotti, à rua José Getúlio*” dentro dos estilemas deste estilo, além da residência Aurélio Junqueira, à rua Cardoso de Almeida, fundindo-o com o neocolonial (FICHER, 2005: 224).

Ainda dentro dos anos 1920 se pode notar o quão proeminente fora a discussão sobre a arquitetura tradicional, dentro da Poli. Amadeo de Barros Saraiva, nascido em Rio Claro, em 15 de maio de 1898, e diplomado em arquitetura pela Politécnica de São Paulo, em 1928, permitiu expor a adesão da instituição ao neocolonial. Em 1927, quando era estudante da carreira de engenheiro - arquiteto, ele fez publicar uma seleção de desenhos de *Felisberto Ranzini*, seu professor à época, de arquiteturas neocoloniais. O livro recebeu o título de ***Estylo Colonial Brasileiro: composições architectônicas de motivos originais***. Saraiva projetou várias obras dentro dessa linhagem, algumas muito semelhantes às encontradas nas páginas desse livro. Deve-se expor que o fato de ele ter feito publicar as proposições neocoloniais de *Ranzini* o alçou à categoria de divulgador, para além da Poli, do neocolonial. Embora o título da obra deixasse explicitada que a fonte das arquiteturas mostradas era o passado colonial do Brasil, existiam, ali,

³⁸ Maria Cecília Loschiavo dos Santos aponta que, até 1954, a Escola Politécnica formou 120 engenheiros-arquitetos. Interessante é frisar que foi durante os anos 1920 e 1930 que as maiores levas de alunos saíram da escola formados (SANTOS, 1985: 256).

³⁹ A **Revista Politécnica** era o periódico oficial do Grêmio Politécnico da escola e publicava muitos trabalhos de alunos, docentes e ex-alunos, além dos de outros *profissionais do espaço* de destaque no cenário paulista e nacional. Consultaram-se todos os números da revista, entre 1904, ano em que fora lançado seu número 0, e 1945, fim do período estipulado pela pesquisa.

soluções tipicamente ilustrativas do repertório missões, já corrente, na Politécnica.

Ao iniciar a análise do repertório publicado nos anos de 1930 na *Revista Politécnica*, notou-se que o graduando Flavio Baptista da Costa, que se formou em 1932, foi um dos mais freqüentes projetistas dentro dos preceitos do *Mission Style*. Em seu segundo ano, ele desenvolveu uma casa de praia dentro do repertório híbrido do neocolonial brasileiro com o missões (REVISTA POLITÉCNICA, n. 104, 1932). No final do curso, a revista publicou seu projeto para uma residência missões⁴⁰ (REVISTA POLITÉCNICA, n.107, 1933 p.446), e o projeto que ele desenvolveu, junto com seu irmão, Luiz Xavier da Costa (Poli-Civil, 1931), para o concurso de uma colônia escolar para o Departamento de Educação do Estado de São Paulo, nitidamente vazado dentro dos estilemas do *Mission Style*, o qual recebeu o segundo lugar (REVISTA POLITÉCNICA, n. 110, 1933).⁴¹ Depois de formado, ainda foram identificados mais três projetos de sua lavra, vinculados ao imaginário da costa oeste norte-americana: “duas residências em estilo missões (...); a residência Joaquim José da Nova Filho, à rua Argentina, 89”, classificada como “estilo neomexicano”, a qual, de fato, apenas demonstrava mais outra designação para o *Mission Style*, no Brasil (FICHER, 2005: 270).

Em 1933, Carlos Brasil Lodi (Poli, 1933) publicou uma residência designada de “neocolonial brasileira” pela revista, cuja estruturação espacial e ornamental era nitidamente *missioneira* (REVISTA POLITÉCNICA, n. 108, 1933: 570). No mesmo ano, Juracy Camará da Silveira (Poli, 1933) teve seu trabalho de duas casas geminadas, executado em disciplina do 5º ano, igualmente publicado (FICHER, 2005: 279). Camillo Fernandes Dinucci (Poli, 1934), enquanto aluno, ainda em 1933, viu seu projeto de residência colonial aparecer nas páginas do periódico (REVISTA POLITÉCNICA, n.111, 1933: 250). O mesmo aconteceu com Mario Edgard Henrique Pucci (Poli, 1934), que teve publicada a casa missões que executou como trabalho escolar de 5º ano (REVISTA POLITÉCNICA, n.116 -117, 1934).

Nos anos subseqüentes, as publicações de edifícios projetados pelos escolares dentro do repertório norte-americano, sobretudo do vinculado ao *Mission Style*, só aumentaram. Rubens Gouvêa Carneiro Vianna (Poli, 1938) mostrou sua residência em estilo missões, desenvolvida no 5º ano (REVISTA POLITÉCNICA, n. 126, 1938). No ano seguinte, Michel Elias Mahfuz (Poli, 1939) teve o projeto de residência em estilo neocolonial desenvolvido na disciplina de *Composição*, do 4º ano, publicado também (REVISTA POLITÉCNICA, n. 129, 1939: 26-27). Em 1940, possivelmente por força de algum exercício de

⁴⁰ Este projeto recorre ao uso de um frontão curvilíneo, arrematado por uma cornija simples, que alcança pé-direito duplo, já que a residência projetada é um sobrado. No corpo principal da proposta, logo abaixo do frontão, encontra-se uma sacada que tem seu guarda-corpo arrematado por duas volutas em ferro batido, como insinuam as sombras da prancha. Ao lado desta sacada existe outra, reentrante ao corpo da edificação, que tem seu guarda-corpo executado em meias-luas cerâmicas, muito difundidas como elemento construtivo “neocolonial”. A cobertura desta sacada é feita por meio de dois pilaretes de madeira torneada, como em muitas obras norte-americanas, e nota-se a quase inexistência de beiral, marca da arquitetura do *Mission Style*. Ainda como referência explícita ao estilo missões podem ser vistas serralherias artísticas nas janelas e nos lampadários, além da

presença de falsas terças aparentes (REVISTA POLITÉCNICA, n. 107, 1933). Um muro formado por uma sucessão de volutas e contra-volutas, como empregado por Edgard Vianna nas Casas da Rua Mauá, no Rio de Janeiro, também está presente, e inscreve uma passagem em arco pleno, remetendo às arcadas costumeiramente empregadas nesta arquitetura.

composição que requereu o desenvolvimento de “*Habitação Popular*”, vários projetos missões apareceram, da mesma maneira como acontecia em todo o Brasil, nesta época, no qual “*casa popular*” se tornava sinônimo de “*casa missões*”, por força da pouca ornamentação necessária para a configuração do estilo (NASCIMENTO, 2004; ATIQUE, 2004). Assim, Roberto Cerqueira César (REVISTA POLITÉCNICA, n.134, 1940), Ariosto Mila (REVISTA POLITÉCNICA, n.135, 1940: 33), Frederico René Jaegher e José Luiz de Almeida Nogueira Junqueira, todos da turma formada em 1940, tiveram seus exercícios da disciplina de composições do 4º ano, de “*Casa Popular em Estilo Missões*”, publicados. Este último também projetou e construiu, depois de graduado, algumas outras obras dentro desta tendência (REVISTA POLITÉCNICA, n. 138, 1941: 122).

Roberto Carlos Milliet, também da mesma turma acima enfocada, desenvolveu para a disciplina de *Composições* o projeto de um Hotel em Santo Amaro, publicado em 1940, em separata. O projeto mesclava elementos coloniais luso-brasileiros, com referências missões (REVISTA POLITÉCNICA, n. 134, 1940). Roberto Magno de Carvalho, formado em 1942, teve publicado um de seus projetos acadêmicos de um Hotel Balneário, bem aos moldes dos encontrados nos Estados Unidos, naquele período. Esta forma de arquitetura pode ser vista, também, no Brasil, na obra de Luiz Signorelli, mineiro de Cristina, nascido em 1896, e formado pela ENBA, em 1925. Atuante em Minas Gerais, Signorelli dirigiu a Escola de Belas Artes mineira, fundada em 1930,⁴² e projetou, dentre várias obras grandiosas, o Grande Hotel do Barreiro de Araxá, estudado pela arquiteta Daniele Porto em sua dissertação de mestrado: ***O Barreiro de Araxá: projetos para uma estância hidromineral em Minas Gerais***, defendida da Escola de Engenharia de São Carlos, da USP, em 2005 (REVISTA POLITÉCNICA, n.134, 1940: 33 - 36; PORTO, 2005). Ambas as iniciativas hoteleiras, contudo, se assemelham à proposta de um amplo conjunto de reuniões e hospedagem, de nome *Masonic Home*, projetado pelos arquitetos *William Mooser* e *E.G. Bolles*, para *Decoto*, o qual foi publicado pela revista *Pacific Coast Architect and Building Review*, em 1924 (PACIFIC COAST ARCHITECT AND BUILDING REVIEW, 1924, v. XXV, n.5: 68).

Mostraram-se, até aqui, muitos nomes que fizeram a divulgação da arquitetura hispano-americana, especialmente do *Mission Style*, dentro do rol de professores e egressos da Escola Politécnica, pela cidade e pelo estado de São Paulo.⁴³ Entretanto, resta comentar que o arquiteto João Batista Vilanova Artigas, antigo aluno e professor da Instituição, logo depois de formado, projetou e construiu algumas obras dentro dessa estética de ascendência estadunidense. Nascido na capital do Paraná, Curitiba, em 1915, e

⁴¹ O projeto dessa “*Colônia Escolar*” foi desenvolvido segundo o conhecido esquema pavilionar de hospitais, santas casas e hospitais psiquiátricos, só que, desta vez, baseado em ornamentações hispânicas, com direito a pátio interno (REVISTA POLITÉCNICA, n. 110, 1933).

⁴² Em 1925 foi fundada, na capital paulista, a Escola de Belas Artes de São Paulo, cuja direção esteve a cargo de Alexandre Albuquerque. A Escola encerrou as atividades na década de 1930 e, nos anos 1970, voltou a atuar, sob a direção da Família Cardim, também envolvida com a empreitada da década de 1920. Houve, segundo alguns outros registros, escola de nome semelhante, fundada em 1911, mas que teve duração efêmera e nenhuma ligação com esta dos anos 1920. Arquiteto que se formou por esta escola, já citado no capítulo 3, foi Guilherme Malfatti, que riscou para si casa

dentro do repertório *missioneiro* também, publicada em ***Acrópole***, em fevereiro de 1940, no número 22, às páginas 16-19. Por sua vez, a *Escola de Belas Artes de Minas Gerais* deu origem ao Curso de Arquitetura da UFMG, em Belo Horizonte. Embora tanto a escola paulista quanto a mineira tenham ministrado cursos de arquitetura, poucos e bem identificáveis foram seus formandos. Optou-se, assim, por tecer comentários sobre os profissionais delas egressos, ao longo do trabalho, ao invés de empreender pesquisas sobre as instituições, as quais, de fato, não se comparavam às três escolas aqui tratadas: Politécnica, ENBA e Mackenzie.

⁴³ Uma nota dissonante em termos estéticos, mas consonante ao que tange ao ideário arquitetônico estadunidense, na Poli, é a descoberta de que Oswaldo Correa Gonçalves, diplomado em 1941, não teve nenhuma residência em estilo missões

falecido em São Paulo, em 1985, Artigas se diplomou em 1937 pela Politécnica de São Paulo e, quatro anos depois, em 1941, ali se tornou professor, permanecendo, nela, até 1947, quando se envolveu com a criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, no processo de desvinculação da formação dos arquitetos do campo da Engenharia. Entre 1937 e 1944, Artigas associou-se a um ex-colega da Politécnica, de nome Duílio Marone, formado em 1936, em engenharia civil. Segundo analisou a arquiteta Adriana Irigoyen, em *Wright e Artigas: duas viagens*, livro de 2002, esta sociedade com Marone rendeu a constituição de uma empresa construtora que executou projetos, realizou empreitas e calculou orçamentos, dentro do ritual costumeiro no mercado da construção civil paulistano daqueles anos (IRIGOYEN, 2002: 128). Embora Irigoyen afirme que a firma *Marone & Artigas* realizava projetos de estilos por “*imposição dos clientes*”, o que, em certo sentido, mostra uma postura teleológica sobre a constituição da obra moderna de Artigas, sabe-se que essa dupla podia realizar bem as encomendas por força da formação que tiveram. A pesquisadora recuperou a primeira obra executada pela dupla: a residência Nelson Pereira da Costa, vazada no mais explícito referencial missões. Como aponta Irigoyen, a casa foi executada por meio de uma indicação do arquiteto Oswaldo Arthur Bratke⁴⁴, quem muito auxiliou a dupla de ex-politécnicos nos primeiros anos de profissão (IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005: 128).

A casa em questão ficava localizada no Jardim América, bairro formado pela *Cia. City*, que foi um campo fértilíssimo para a ação dos arquitetos, nas primeiras décadas do século XX, por conta da construção de residências nos mais variados estilos, para os quais eles haviam sido preparados em seus anos acadêmicos (WOLFF, 2000). Neste mesmo bairro, Artigas projetou e construiu, ao lado de Duílio Marone, a casa Henrique Arouche de Toledo, de 1938, também vinculada aos estilemas do missões.⁴⁵ Embora a fase em que Vilanova Artigas leu e trabalhou sobre a obra de *Frank Lloyd Wright* tenha sido o período em que ele explicitou, incontestavelmente, seu entendimento pelos Estados Unidos, é necessário dizer que sua vinculação com os preceitos arquitetônicos norte-americanos, de fato, se deu quando produziu, no Brasil, arquitetura doméstica vinculada ao *Mission Style*. Sendo assim, antes da “*fase wrightiana*” de Artigas, apontada por *Yves Bruand*, deve-se compreender que houve uma certa “*fase missioneira*” do arquiteto, a qual também expõe sua conexão com os Estados Unidos, apesar de ser notório ele tê-la abandonado em prol do organicismo *wrightiano* (BRUAND, 1991; IRIGOYEN, 2002: 130).

Ainda dentro do campo da arquitetura domiciliar executada em São Paulo, documentada pela *Revista Politécnica*, deve-se apontar o “*projeto completo*” executado pelo engenheiro-arquiteto Hernani do Val

ou mesmo neocolonial publicada, mas realizou, como exercício escolar, um projeto de residência para *week-end*, publicada em 1941 (REVISTA POLITÉCNICA, n. 137, 1941: 226).

⁴⁴ Oswaldo Arthur Bratke era formado no Mackenzie College, e será analisado mais adiante, neste capítulo. Convém informar, entretanto, que seu escritório, em sociedade com Carlos Botti, era especializado em projetos de residências missões, em São Paulo, nos anos de 1930.

⁴⁵ Esta última residência expõe uma dezena de elementos, tratados anteriormente, como caracterizadores do *Mission Style*: cornijas simples arrematando o telhado, executado em telha capa e canal; balcão circular guarnecido por guarda-corpo em ferro batido; uso de arcadas na conformação da

garagem; presença de luminárias com trabalhos de serralheria artística, a incrustação de pedras ornamentais em meio ao reboco áspero; e portas emolduradas por soluções em “*Arcos Mudejares*”, herança árabe deixada na Espanha e capaz de ser vista nas *Missões San Buenaventura, Santa Barbara, e San Luiz Rey de Espanha, na Alta California* (BAER, 1958: 15)

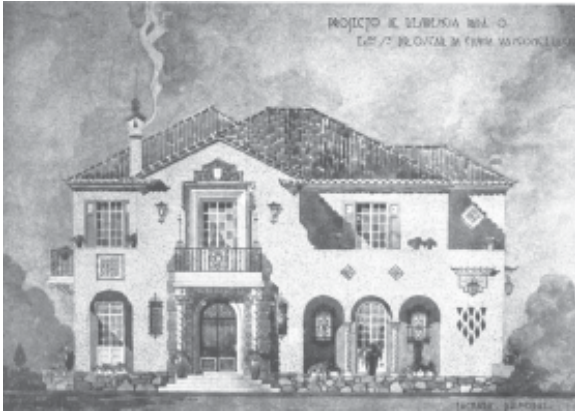


Fig. 300 - Aquarela de José Maria da Silva Neves. Fonte: FICHER, 2005.

Fig. 301 - Aquarela de Plínio Botelho do Amaral para seu projeto do "Tennis Club Paulista". Fonte: REVISTA POLITÉCNICA, n.102, nov - dez, 1931.

Fig. 302 - Fachada do projeto desenvolvido pelos primos Luiz Xavier da Costa e Flavio Baptista da Costa para uma Colônia Escolar. Fonte: REVISTA POLITÉCNICA, n. 110, jul - ago, 1933.

Fig. 303- Uma das residências missões projetadas por Vilanova Artigas durante sua sociedade com Duílio Marone. Fachada da casa Henrique Arouche de Toledo, de 1938. Fonte: IRIGOYEN, 2002.

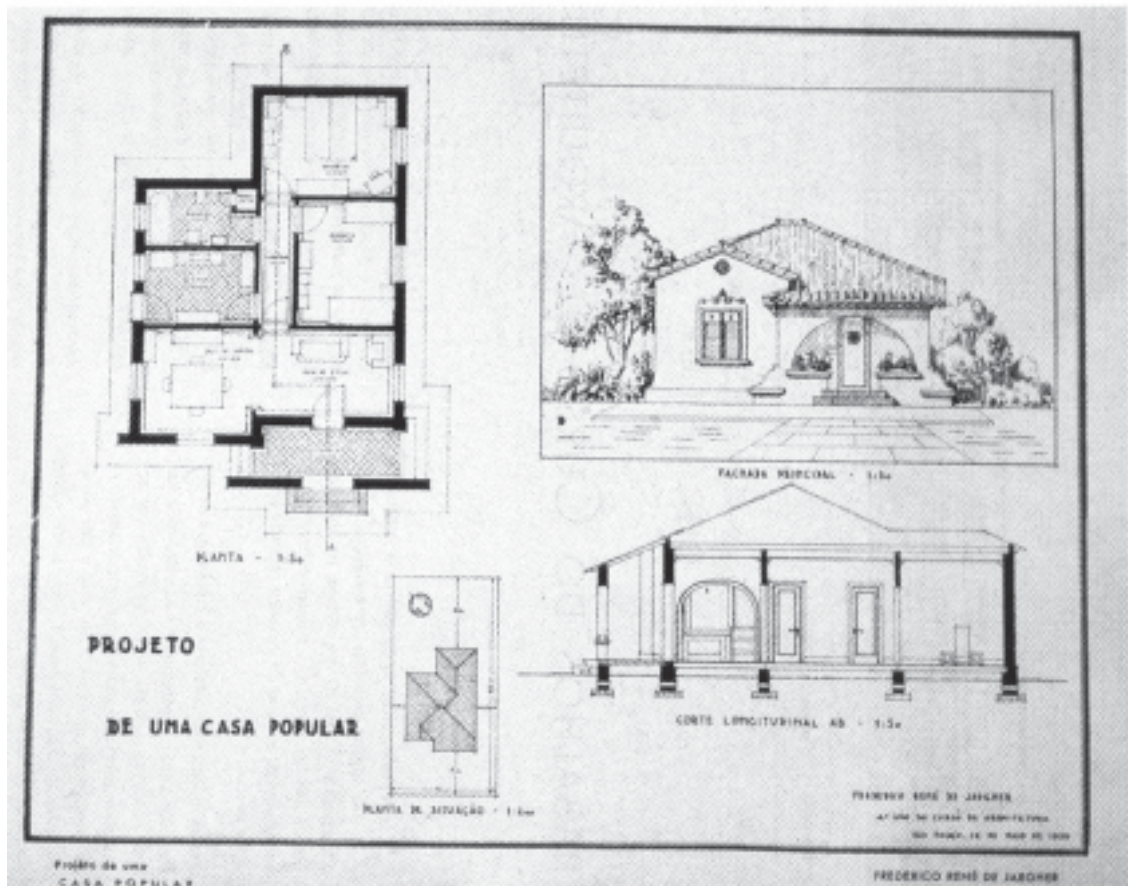


Fig. 304 - Uma prancha de um dos trabalhos escolares requisitados pelo curso de engenheiro-arquiteto da Poli, para uma habitação popular. A solução foi a proposta de uma residência missões. Fonte: FICHER, 2005.

Fig. 306 - Residência particular projetada por Flavio Baptista da Costa, depois de graduado na Poli. Fonte: REVISTA POLITÉCNICA, n.107, jan - fev, 1933.

Fig. 305 - Projeto de residência missões do aluno Flavio Baptista da Costa. Fonte: REVISTA POLITÉCNICA, n.102, 1931.

Penteado,⁴⁶ para sua própria casa, em 1933. Com aproximadamente 120 m², a casa evoca a típica solução com a qual o estilo missões ficaria associado, no Brasil: casa térrea, com varanda lateral, frontão demarcando o corpo principal da casa, revestimento áspero sobre o reboco. Embora a planta seja seguidora fiel do esquema de habitação para a classe média na São Paulo dos anos 1930, é possível ver, por meio de uma perspectiva interna, que o autor dialogava com as referências hispano-americanas. Havia uma arcada simples, conformada por três arcos e duas colunas salomônicas, separando a “*sala de visitas*” da “*sala de jantar*”, no teto das quais era possível notar a presença de maciços volumes à moda das peças de madeira que evocavam a herança das missões franciscanas da *Alta Califórnia* e do *Texas* (REVISTA POLITÉCNICA, n. 112, 1933).

Como apontou Carlos Lemos, em sua obra, *Alvenaria Burguesa*,

“O Novo Continente voltou-se aos seus princípios e foi buscar nos primórdios coloniais a inspiração na materialização de seu desenvolvimento. Até nos Estados Unidos, na Califórnia, por exemplo, houve esse movimento recordador da civilização material espanhola timbrada pelos franciscanos catequizadores. (...) As revistas mundanas trazendo notícias hollywoodianas mostravam que até na terra do cinema também era válida a inspiração na arte colonial e o ‘estilo missões’ aqui veio fazer verdadeira concorrência ao neocolonial, quando não se mesclava a ele em verdadeiras soluções sincréticas onde predominavam os pequenos pátios internos e caprichosos trabalhos de ‘serralheria artística’, tema que nunca foi de muito agrado da arquitetura lusitana e ainda menos da nossa, colonial” (LEMOS, 1989: 183).

Como mostrado com o exemplo da Escola Politécnica de São Paulo, as revistas, consideradas “*mundanas*” por Lemos, se não abriram caminho para a chegada de repertório estadunidense à instituição, fortaleceram o contato com os Estados Unidos.



⁴⁶ Hernani do Val Penteado é muito conhecido, em São Paulo, pelo projeto do terminal de passageiros do Aeroporto de Congonhas.

Fig. 307 a 309 - Capas da revista *A Casa*, mostrando soluções missões. A imagem 309 refere-se a projeto de Edgard Vianna, publicado naquele número. Fontes: *A CASA*, n. 40, 1927; *A CASA*, n.45, 1928; *A CASA*, n. 47, 1928,

■ 4.3.2 – Escola [Inter]Nacional de Belas Artes

“Tanto a “Mission-Style” como as casinhas de “Pan-de-Bois” invadiram o ensino da ENBA.”
Paulo Santos, 1981, p.94.

“Fazemos cenografia, “estilo”, arqueologia, fazemos casas espanholas de terceira mão, miniaturas de castelos medievais, falsos coloniais, tudo, menos arquitetura.”
Lucio Costa, 1930 [1997], p. 68

Curiosamente, pode-se dizer que foi com a chegada, em 1816, de um navio de bandeira norte-americana, chamado *Calpe*, que se preparou o terreno para a criação da primeira escola de arquitetura, no Brasil. Este navio trouxe, ao Rio de Janeiro, artistas que ficariam conhecidos como membros da *Missão Artística Francesa*⁴⁷. Alguns desses artistas se envolveram, dez anos mais tarde, na constituição da *Academia Imperial de Belas Artes*, na mesma cidade, dando origem ao primeiro curso oficial de arquitetura do país.⁴⁸

A Academia Imperial de Belas Artes passou a ministrar o curso de arquitetura em 1827, ano em que seu funcionamento foi oficialmente autorizado. Este ensino tinha, como um dos lentes principais, *Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny*,⁴⁹ arquiteto laureado pela *École de Beaux-Arts de Paris*, em 1799, e ganhador do *Grand-Prix de Rome*, um dos mais altos reconhecimentos artísticos para a sociedade francesa de fins do século XVIII e início do XIX. Montigny era membro da *Missão* chefiada por *Joachim Lebreton*,⁵⁰ que veio catalisar o processo de classicização da arte, no Rio de Janeiro, outrora parcamente verificado (CONDURU, 2003: 143).

O que vários autores sustentam é que, durante o Período Imperial, a repercussão da escola e a qualidade do trabalho de seus formandos eram deficientes, pois a instituição não abordava, especificamente, aspectos de base tecnológica na formação dos alunos. Com isso, priorizava-se uma formação mais artística, a qual se dava de forma conjunta com os candidatos a escultores, gravuristas e pintores, até o terceiro ano do curso, quando, então, os arquitetos eram submetidos a aulas de *Pequenas e Grandes Composições* para obtenção do título específico (SOUSA, 2001: 60). De fato, a carreira arquitetônica não atraía muita atenção do público brasileiro apto a procurar um curso superior. Alberto Souza apresenta algumas razões para a pouca repercussão dessa formação, ainda nos primeiros anos da Academia, e comenta que, em

⁴⁷ Sugere-se a leitura do livro *A Missão Francesa*, publicado pela Editora Sextante, em 2003, para uma visão panorâmica, não apenas da Missão, como da instituição que ajudou a fundar. Por meio de ensaios de Julio Bandeira, Pedro Martins Caldas Xexéo e Roberto Conduru, toma-se ciência da multiplicidade de atividades dos franceses e de seus discípulos, no Brasil.

⁴⁸ Contudo, anteriormente à fundação da Academia, uma formação que se assemelhava à do arquiteto ocorria nas *Aulas de Fortificações*, mantidas pelo governo português, mas que atribuíam o título de engenheiro militar e de fortificações, e não de arquitetos. O ensino regular de arquitetura num estabelecimento oficial ocorreu, em Portugal, na Escola do Paço da Ribeira, em 1572, o qual foi encerrado quando o governo português foi anexado ao de Madri, e reaberto em

1647, com a restauração da Dinastia de Bragança. Como aponta Rafael Moreira, um decreto de 1696 criou “aulas de fortificação” nas capitais coloniais – Salvador, Recife, Rio de Janeiro, São Luís do Maranhão, Goa – e maiores praças militares (Viana, Elvas, Valença), que [entraram] a funcionar à medida da capacidade dos respectivos engenheiros. O currículo destes cursos de quatro ou cinco anos é impressionante: das matemáticas às ciências naturais, do desenho à lógica, cosmografia, balística e arquitetura. [Foram] verdadeiros institutos politécnicos – as universidades que o Brasil não teve -, donde [saíram] graduados a nível superior técnicos polyvalentes tão capazes de mapear fronteiras e pintar, como de traçar e erguer cidades e seus edifícios” (MOREIRA, 2001: 15).

⁴⁹ *Auguste Henri Victor de Montigny* nasceu em Paris, em

vinte e três anos ininterruptos de atuação docente, *Montigny* preparou somente treze arquitetos, na fase que se seguiu à instalação do curso, e três, nos últimos anos de sua vida (SOUSA, 2001: 57).⁵¹ José Carlos Durand, por sua vez, no livro *Arte, Privilégio e Distinção* informa que, entre 1890 e 1900, foram formados, no curso, apenas mais três arquitetos (DURAND, 1989: 69). Uma das causas dessa pouca atração era o descrédito alcançado pela Academia, que era julgada, socialmente, por educar arquitetos incapazes de construir o que desenhavam, o que, em certa medida, era também alimentado pela concorrência com os engenheiros militares, pelos mestres de obras e, posteriormente, pelos engenheiros civis egressos da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, transformada, de Escola Central, nessa instituição, em 1874.

Sabe-se que, com a Proclamação da República, o curso sofreu alteração significativa, recebendo, inclusive, no começo do século XX, uma nova sede, construída na Avenida Central, então recém-aberta por Francisco Pereira Passos, no Rio de Janeiro. Também sob a República, a denominação da Academia Imperial foi alterada para Escola Nacional de Belas Artes – ENBA -, e a separação dos cursos artísticos (pintura, desenho, escultura) do curso “*aplicado*” (arquitetura) se tornou mais nítida, chegando a estipular exame admissional específico para a carreira arquitetônica. Todavia, a ENBA continuou conhecida como formadora de “*arquitetos-artistas*”.

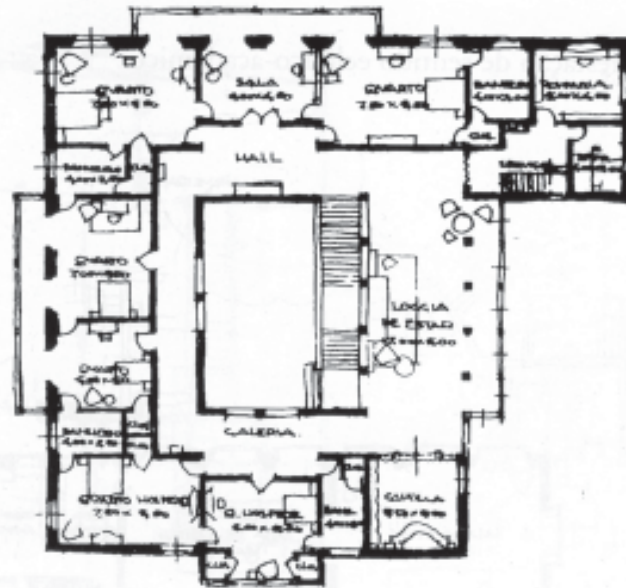
Até 1945, a ENBA ofereceu o curso de Arquitetura na sua sede da Avenida Central, nesse período já chamada de avenida Rio Branco. A partir de 1945, contudo, este curso deu origem à Faculdade Nacional de Arquitetura, criada pelo decreto n. 7918, de 31 de agosto, a qual passou a funcionar na Praia Vermelha, no casarão que antes abrigava o Hospício Pedro II. Até 1961, a Faculdade de Arquitetura esteve locada na Praia Vermelha, quando, juntamente com outros cursos da, então, Universidade do Brasil,⁵² foi transferida para o campus da Ilha do Fundão, passando a se chamar Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Até hoje, a designação e a sede permanecem as mesmas.

Dentre essas várias mudanças espaciais, uma interessa, por razões metodológicas, a este trabalho: a de 1945, quando a Escola Nacional de Belas Artes teve o curso de arquitetura subtraído de sua direção. A mudança, tanto física quanto burocrática, levou à separação do acervo da biblioteca que, como mostra o sítio eletrônico da biblioteca da FAU/UFRJ, esteve durante mais de um século sendo tratado como um só:

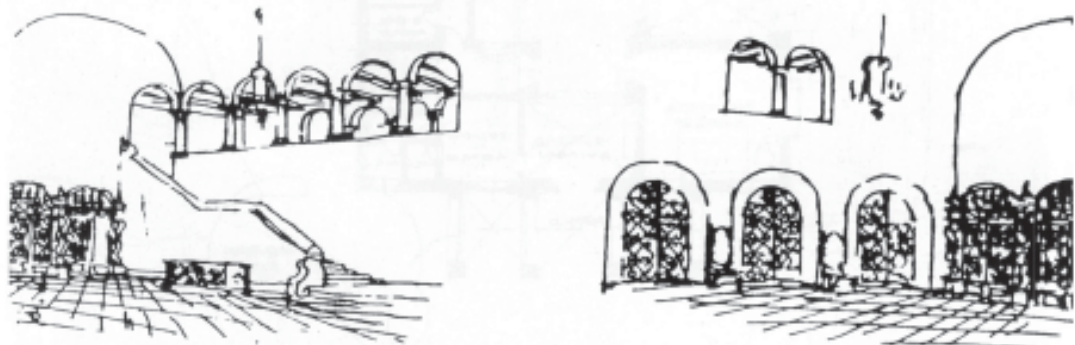
15 de julho de 1776, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1850. Após ganhar o *Grand-Prix de Rome*, a recompensa máxima dentro do sistema *Beaux-Arts* de ensino artístico, morou em Roma, entre 1801 e 1805, e alimentou a academia francesa de desenhos de templos e edifícios clássicos, descobertos por meio da ascensão da arqueologia. De volta à França, foi designado arquiteto oficial do rei *Jerôme Bonaparte* e se mudou para *Kassel*, na *Vestfália*. Após as sucessivas derrotas e por meio do alto grau de inimizade alcançado por Bonaparte, *Montigny* abandonou seu posto real e resolveu romper seus vínculos com o poder bonapartista. Rejeitando um convite para ir ensinar na Imperial Academia de Belas-Artes de São Petesburgo, embarcou, com os demais franceses, para o Brasil, dentro do que se convencionou chamar de Missão Francesa. No Rio de Janeiro, trabalhou para o poder

imperial até sua morte, ensinando, na Academia Imperial de Belas Artes, arquitetura, e projetando edifícios dentro do repertório neoclássico, como a antiga Alfândega, hoje, Casa França-Brasil (CONDURU, 2003: 147-177).

⁵⁰ *Joachim Lebreton* nasceu em lugar e data desconhecidos, na França, filho de um ferreiro. Formou-se pela *École de Beaux-Arts* de Paris. Ele foi partidário de Napoleão Bonaparte, o que lhe rendeu a eleição de secretário - perpétuo da Classe de Belas-Artes do Instituto de França. Envolvido em conflitos políticos por conta do Museu do Louvre, foi demitido e expatriado, em 1815, achegando-se aos domínios de Dom João VI por conta de seu contato com o Marquês de Marialva, embaixador português na França, com quem tivera contato quando da atitude bonapartista de invasão de Portugal. Marialva, encarregado de selecionar artistas que pudessem



ANDAR



HALL ENTRADA

Fig. 310 - Casa neocolonial de Lucio Costa (Casa Fontes), onde as referências ao Mission Style são explícitas. Fonte: COSTA, 1997.

movimentar a vida cultural do Rio de Janeiro, por determinação do Conde da Barca, entrou em contato com *Lebreton*, que estava sem atividades remuneradas. Fechado o acordo que o traria ao Brasil, o francês arrebanhou alguns colegas formados na *École* para virem com ele. Ao contrário do que se pensa, a trupe artística não embarcou em navio português e, muito menos, veio subvencionada pelo regente que assistia nos trópicos. As pensões que manteriam a equipe de artistas seriam dadas apenas após a chegada ao Brasil, o que obrigou, muito curiosamente, os franceses, a embarcarem num navio de bandeira norte-americana, de nome *Calpe*, para o Rio de Janeiro, e por conta própria. Recebidos, no Brasil, com certo receio por Dom João, por serem franceses e antigos aliados de Bonaparte, os artistas passaram a promover, efetivamente, mudanças na vida cultural do Rio, mas não

viram, pelo menos *Lebreton*, que faleceu em 1819, em sua residência no Flamengo, a prometida Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios sair do papel, até 1826, e, mesmo assim, sob o comando de um português (BANDEIRA, 2003: 20-30).

⁵¹ Após a morte do mestre francês, em 1850, a Academia foi conduzida pelo professor Job Justino d'Alcântara, um dos primeiros arquitetos por ele formados (SOUSA, 2001: 54).

⁵² A Universidade Federal do Rio de Janeiro receberia esta designação apenas em 1965, pela Lei nº 4.831, de 5 de novembro (www.ufrj.br/institucional. Acesso em 24 jul 2005).

"A Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ foi criada em 1960, mas seu acervo tem origem na Academia de Belas Artes, criada em 1816. Com a desvinculação da Escola Nacional de Belas Artes, em 1945, e a divisão em Faculdade de Arquitetura e Escola de Belas Artes, o acervo dividiu-se. Mas foi sendo enriquecido, graças aos esforços dos dirigentes, professores, alunos e bibliotecários, o que possibilita atender a toda a comunidade da UFRJ" (Disponível em www.fau.ufrj.br/bibliotecafau. Acesso em 25 jul 2005).

Ter tomado conhecimento dessa desvinculação foi algo primordial à pesquisa, pois muitos títulos de interesse dos arquitetos ficaram retidos na biblioteca da Escola de Belas Artes - EBA/UFRJ -, o que levou à consulta dos dois acervos para a detecção dos títulos de procedência norte-americana na casa, especialmente entre meados da década de 1870 e 1945.⁵³ Da mesma maneira que a pesquisa no acervo da EPBC revelou uma significativa atenção pelo universo norte-americano de publicações, a investigação processada no antigo acervo da ENBA mostrou o grau de conhecimento do mercado editorial dos administradores dessa escola.

Como já se afirmou, sabe-se que *Adolfo Morales de los Rios*,⁵⁴ em concurso para provimento do cargo de professor catedrático na ENBA, em 1896, explicitou a necessidade de se adotar o modelo de ensino superior da *Stanford University*, nos Estados Unidos. Embora possa soar estranho que uma escola que foi criada e mantida, pelo menos durante seus primeiros anos, vinculada ao modelo das *Écoles de Beaux-Arts*, procurasse referenciais estadunidenses para suas classes, deve-se ter em mente quão diversa foi a trajetória da ENBA ao longo de toda a sua existência. Durand é categórico em afirmar que foi apenas após os primeiros anos da República que ocorreu a ascensão da carreira de arquiteto dentro da ENBA, antes desprestigiada. Para Durand isso aconteceu, exatamente, pelo fato de muitos docentes terem buscado qualificação profissional no estrangeiro, sobretudo na Europa. Mas, como se nota, também as publicações norte-americanas favoreceram essas modificações, já que Morales de los Rios era leitor e articulista, nos primeiros anos do século XX, do periódico *The American Architect and Building News*.

O significado do interesse de docentes, como *Morales de los Rios*, pelos Estados Unidos, expressa que "a ENBA passou a abrigar profissionais de origem social bem diversa daquela dos pintores e escultores" dos períodos anteriores. Com a mudança do perfil dos docentes, houve a necessidade de se ampliar as fontes repertoriais para a produção e para o pensamento arquitetônico. Como a aquisição de livros em inglês era, em certo sentido, fácil, no Rio de Janeiro, ainda no século XIX, por conta dos diversos acordos comerciais com a Grã-Bretanha, a descoberta do mundo editorial norte-americano, após a década de 1870, também

⁵³ No caso do Rio de Janeiro, a pesquisa concentrou-se no mapeamento das publicações existentes tanto na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo quanto na Escola de Belas Artes, instituições que dividiram o acervo da antiga ENBA. Na pesquisa efetuada no acervo da UFRJ, obteve-se a informação de que as obras raras ligadas às questões tecnológicas foram transferidas para a Biblioteca de Obras Raras do Instituto de Tecnologia.

⁵⁴ *Adolfo Morales de los Rios* nasceu na Espanha em 1858, onde também se formou arquiteto. Radicou-se no Brasil, no ano de 1890. Extremamente produtivo, *Morales de los Rios* teve uma atuação ímpar no meio intelectual carioca, tornando-se, inclusive, professor da ENBA, nos últimos anos do século XIX, possivelmente com a referida tese citada por Comas, em 1896. Teve ativo escritório, o qual, dentre várias obras,

projetou a sede da ENBA na Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, local onde, atualmente, funciona o Museu Nacional de Belas Artes. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1928. Seu filho, *Adolfo Morales de los Rios Filho* também foi arquiteto e docente na ENBA.

não causa nenhum espanto. Por meio de livrarias e das casas exportadoras, como a *Nathanael Sands*, facilmente se conseguiam publicações que dirigiam o olhar dos intelectuais e dos acadêmicos para os Estados Unidos.

Com o prenúncio de alteração do perfil dos docentes após os primeiros anos da década de 1900, também o dos alunos de arquitetura da ENBA se alterou, atraindo filhos da elite econômica e intelectual para o curso de Arquitetura, enquanto as demais carreiras oferecidas pela escola ainda recebiam membros dos extratos mais pobres da República, tal qual na época imperial (DURAND, 1989).

A procura crescente e sucessiva pela carreira de arquiteto, no século XX, era um prenúncio da ampliação do mercado de projetos no Rio de Janeiro, proporcionado pelo incremento da produção agro-industrial, que permitiu o intercâmbio de idéias com a Europa, mas, também, entre as Américas. Se, neste período, o arquiteto encontrava campo crescente para suas obras na sociedade, sobretudo na construção de palacetes, edifícios comerciais e institucionais, na administração da ENBA ocorria o mesmo. É muito interessante notar como os demais docentes da instituição passaram a ver os arquitetos após o incremento de sua participação numérica na instituição. O depoimento do pintor Modestino Kanto, colhido por Angyone Costa, no livro *A Inquietação das Abelhas*, revela o grau de importância da profissão e da projeção social alcançada pela classe:

“Antigamente, na Escola Nacional de Belas-Artes, a arquitetura não despertava interesse, não tinha o desenvolvimento que tem hoje, correndo os seus estudos com pouco entusiasmo, sendo os arquitetos menos prejudiciais do que se tornaram agora. Neste momento, porém, a Escola se transforma em Escola de Doutores e estes são, justamente, os arquitetos” (COSTA, 1927, p. 231).

Alguns dados estatísticos colhidos por Durand sobre a exibição de projetos de arquitetura nas Exposições Nacionais de Belas Artes, promovidas pela escola, demonstram o início da acentuação de importância arquitetônica na casa. Entre 1894 e 1899, foram expostos, em média, 5,6 projetos; entre 1900 e 1905, 11,3; entre 1906 e 1911, 4,5; entre 1912 e 1916, apenas 8. Dessa data em diante, os números referem-se à casa das duas dezenas: 21 (1917-1921); 28 (1922-1926) e 21, novamente, até 1931 (IBGE, 1940, citado por DURAND, 1989: 70). Se havia trabalhos expostos em maior número, é porque havia um maior número de estudantes. Lauro Cavalcanti mostra que, de 1890 até 1939, a ENBA formou 384 arquitetos, sendo “3, entre 1890 e 1900; 37, entre 1901 e 1929 e 344, entre 1930 e 1939” (CAVALCANTI, 1995: 47).⁵⁵ Resta discutir, então, quais foram as referências empregadas por esses

⁵⁵ A distribuição, por ano, nesta década foi a seguinte: 40 em 1930; 56 em 1931; 58 em 1932; 68 em 1933; 59 em 1934; 17 em 1934; 8 em 1936; 2 em 1937; nenhum em 1938 e 28 em 1939 (CAVALCANTI, 1995: 47).

alunos nos projetos expostos e, mais, quais foram as publicações que estiveram disponíveis no acervo da instituição.

Ao contrário da Escola Politécnica de São Paulo, na qual as referências estadunidenses foram facilmente encontradas, na ENBA, por sua vez, predominou, até por volta dos anos 1920, a matriz européia. Contudo, isto não significa que não houvesse, desde os tempos de Adolfo Morales de los Rios, nos primeiros anos de República, material norte-americano na instituição. A pesquisa revelou que, em 1897, já havia o livro de *Henry A. Reed*, intitulado ***Topographical Drawing and Sketching, Including Applications of Photography***, publicado em *New York* por *John Willey & Sons*. Este era livro de referência no cenário estadunidense de estudos topográficos. Dos primeiros anos do século XX foram localizados o livro de *Russell Sturgis*, de nome ***A Dictionary of Architecture and Building: biographical, historical, and descriptive by and many Architects, Painters, Engineers, and other expert writers, American and Foreign***, publicado em *New York* pela *MacMillan*, em 1901, - livro também encontrado na Poli, em São Paulo -, e outro título ligado, ainda, à topografia: ***A Manual of Topographical Drawing***, de *Lieut Smith*, editado pela já referida *John Willey & Sons*, em 1902.

Com relação às revistas voltadas à arquitetura foram localizados exemplares da ***Architectural Record***, editada em *Boston*, desde 1876, primeiramente sob o nome ***The American Architect and Architecture*** e, depois de 1910, já com esta designação. O acervo desta revista na biblioteca da antiga ENBA iniciou-se em 1912, no número 31, e está completo até os dias de hoje. Mesmo não tendo sido encontrados títulos como ***California: Arts and Architecture***, no acervo, convém expor qual o significado da ***Architectural Record*** para a divulgação do *Mission Style*, foco deste capítulo. Assim como muitas revistas estadunidenses, a ***Architectural Record***, também foi porta-voz dos estilos historicistas e do modernismo, dedicando reportagens inteiras ao movimento de construção de edifícios dentro do repertório *do Mission Style*. Em 1922, por exemplo, o periódico de janeiro trouxe reportagem sobre a residência *J.P. Jefferson*, em *Montecito, California*, projetada pelo arquiteto *Reginald D. Johnston*, de feições tipicamente missões (ARCHITECTURAL RECORD, Jan, 1922: 8-15). O número de julho dedicou 21 páginas para abordar os projetos recentes do escritório de *Marston & Van Pelt*, atuante no sul da *California*, e mostrou 4 projetos completos vinculados ao *Mission Style*, além de muitas fotografias das obras (ARCHITECTURAL RECORD, 1922, Jul: 17-38); em outubro, foram publicadas mais sete residências concebidas dentro do mesmo princípio arquitetônico (ARCHITECTURAL RECORD, 1922, Oct: 318 – 340), para citar apenas um ano da revista, além dos

precedentes e, principalmente, dos sucessivos, nos quais esta temática foi abundante.

Além da *Architectural Record*, localizaram-se números da revista *Architectural Digest*, no entanto sem volumes seqüenciais. A edição mais antiga remonta a 1920. Esta revista possui, até os dias de hoje, caráter muito semelhante ao da *California: Arts and Architecture*, mesclando reportagens sociais com publicação de projetos de arquitetura. A *Architectural Digest*, produzida, desde 1914, em *Los Angeles*, pela *California Knapp Communications Corporation*, também abordou projetos de formas hispânicas, em diversos números, ao longo dos anos.

Junto dessas revistas não tão abundantes na ENBA, estão os livros técnicos estadunidenses, estes, sim, mais numerosos. Extremamente importante é a presença dos já citados livros de *Paul Harbeson*, no acervo da ENBA: *The Study of Architectural Design, with Special Reference to the Program of the Beaux-Arts Institute of Design*, publicado em *New York* pela *Pencil Points*, em 1927, e *Winning Designs, 1904-1927, Paris Prize in Architecture*, editado pela mesma companhia, em 1928, no qual são expostos projetos criados dentro das regras “*beauxartianas*”, mas com várias referências hispânicas, aos moldes do *Pan-American Union Building*, de *Paul Cret* e *Albert Kelsey*.

Embora os livros de *Harbeson* sejam importantes, não são comparáveis aos produzidos por *Rexford Newcomb*, como visto, o principal divulgador da história e dos edifícios criados dentro do vocabulário hispânico, nos Estados Unidos. Na ENBA foi possível encontrar volumes do *Spanish House for America*. Este livro, publicado pela célebre editora *J.B. Lippincott*, da *Philadelphia*, foi muito popular no Brasil, nos anos 1930, e foi, sem sombra de dúvida, uma das principais referências para o projeto de edificações dentro dos princípios coloniais hispano-americanos, em todo o continente.⁵⁶ Sua presença na biblioteca da instituição revela o porquê de muitos projetos realizados pelos egressos da ENBA mostrarem um apurado senso compositivo e de detalhamento. Crê-se, todavia, que o rigor projetual dos alunos foi também alcançado pela consulta a outro título importante, o *Architectural Details of Southern Spain: One Hundred Measured Drawings, One Hundred and Thirteen Photographs*, trabalho de *Thomas Gibson* e *Gerstle Mack*, publicado, em *New York*, em 1928, que apresenta um verdadeiro arsenal de modelos para detalhamento da arquitetura *missões*. Na mesma linha, localizou-se outro livro, de nome *Measured Drawings of Early American Furniture*, da lavra de *Burl N. Osburn*, de 1926, que trazia, dentre muitos desenhos ligados a outros estilos arquitetônicos, referências ao mobiliário de caráter hispânico.

⁵⁶ Logo no início desta pesquisa de doutoramento, em 2003, foi possível adquirir, num sebo especializado em arquitetura, em São Paulo, um exemplar desse livro, que pertencera ao escritório carioca MM Roberto, o que mostra como os arquitetos egressos da ENBA tinham ciência das publicações estadunidenses.

Outro título digno de nota, encontrado no acervo da ENBA, é *American Public Buildings of Today*, de 1931, escrito por *Randolph Sexton*. Este livro mostra quase uma centena de projetos executados dentro dos referentes hispano-americanos de escolas, hospitais, creches, além de outros programas de edifícios institucionais. A nota curiosa é que a publicação enfatiza que muitas dessas edificações foram fruto de um trabalho de reconstrução, empreendido pelo Governo Federal daquele país, nos estados da costa oeste, após diversos abalos sísmicos que dizimaram a arquitetura preexistente ali, sobretudo o de 29 de junho de 1925, que acabou com o centro de *Santa Barbara* (SAGARENA, 2002: 429).

Se havia fontes para apreensão da arquitetura missões, dentro da ENBA, não se deve deixar passar, despercebidamente, os projetos publicados por alunos e ex-alunos da instituição, no órgão oficial de seu grêmio: a *Revista de Arquitetura da ENBA*. Fundada em 1934, por Levi Autran e Paulo Motta, e dirigida por Sebastião de Almeida, a revista surgiu após a passagem de Lucio Costa pela diretoria da Instituição. Entretanto, mesmo contando com colaboradores ligados ao modernismo, como Álvaro Vital Brazil e Affonso Eduardo Reidy, foi possível identificar muitas reportagens sobre a temática da arquitetura neocolonial. Por vezes, foi possível encontrar projetos vinculados à arquitetura missões trazidos a público em propagandas de escritórios de arquitetura, mas, também, como artigos da própria revista. Na edição de número 11, saída em maio de 1935, o escritório Galo, Barata e Fonseca publicou uma proposta de residência assobradada que misturava as referências hispânicas de forma bem livre. Agregando barras de pedras serradas, banco de azulejos e serralherias artisticamente moldadas, a casa mostrava uma das variantes do neocolonial praticado no Rio de Janeiro, a qual, por sinal, era bem oposta a outra proposição, igualmente desenvolvida pelo escritório, para uma residência no Leblon, na qual se via o uso mais contido e proporcional dos estilemas missionários: torreão circular demarcando a entrada, encimada por uma portada de sabor barroco enfatizando esta função, além de cactos e de telhas capa e canal (REVISTA DE ARQUITETURA DA ENBA, 1935, n. 11, mai: 10-12).

No número 13, publicado em julho de 1935, era possível ver outro projeto da mesma Galo, Barata e Fonseca, dentro da linguagem arquitetônica do missões. O projeto destinado a uma habitação unifamiliar assobradada, trazia perspectivas externas e internas nas quais os referentes hispânicos eram nítidos: paredes ásperas, inexistência de beirais, arcos *mudejares*, cactáceas, tecidos à moda sevilhana displicentemente dispostos; volutas arrematando o guarda-corpo da escada; elementos de serralheria artística (REVISTA



*Casa del Dr. José Marianno (Filho)
Rio de Janeiro
Detalle del patio
Cróquis del Arq. José Millé*

Fig. 311 - A casa neocolonial que José Marianno Filho mandou construir para si próprio, no Rio de Janeiro. A propriedade recebeu o nome de Solar Monjope, em alusão à antiga propriedade rural de sua família, em Pernambuco. Fonte: REVISTA DE ARQUITETURA, n. 116, ago, 1930.

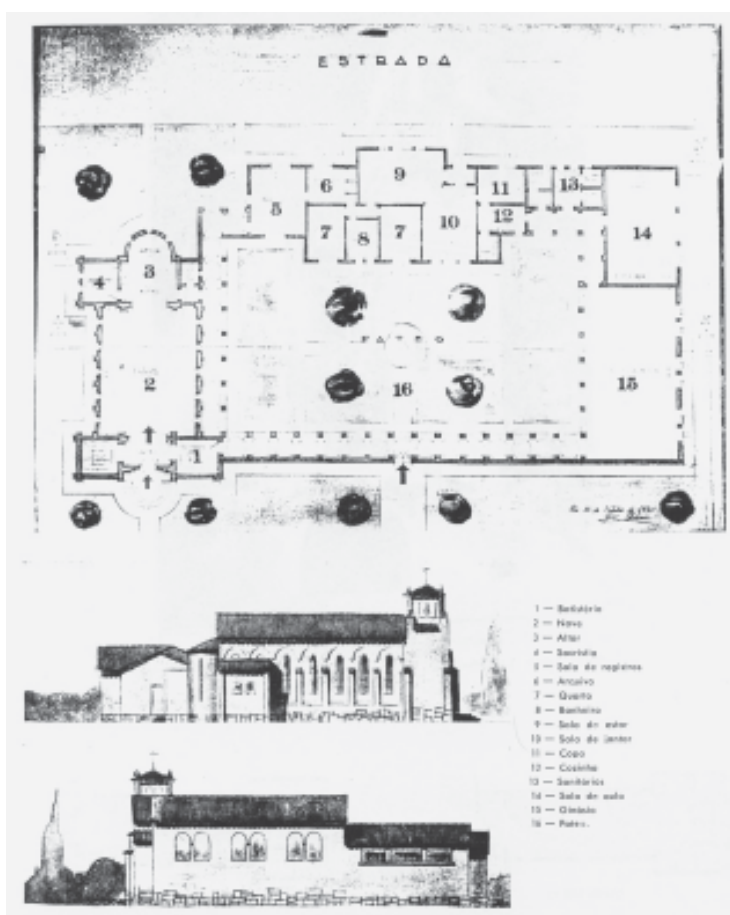
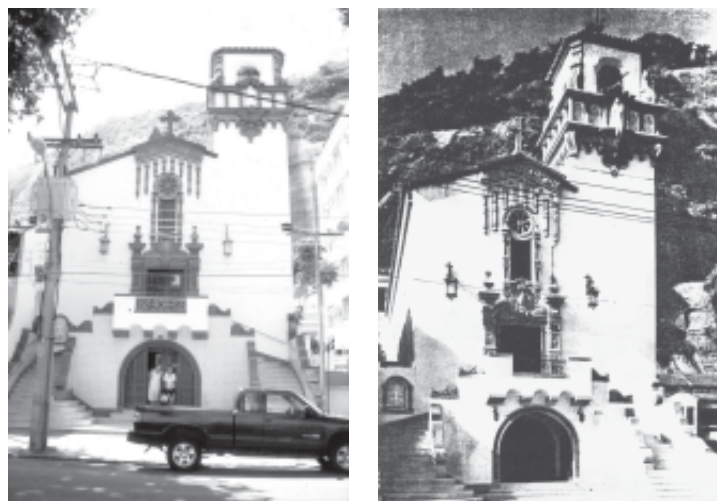
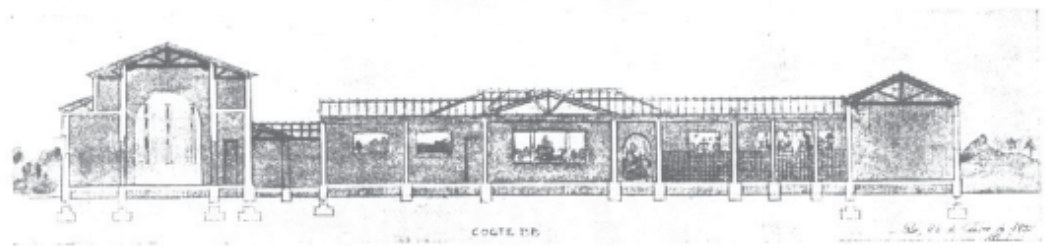
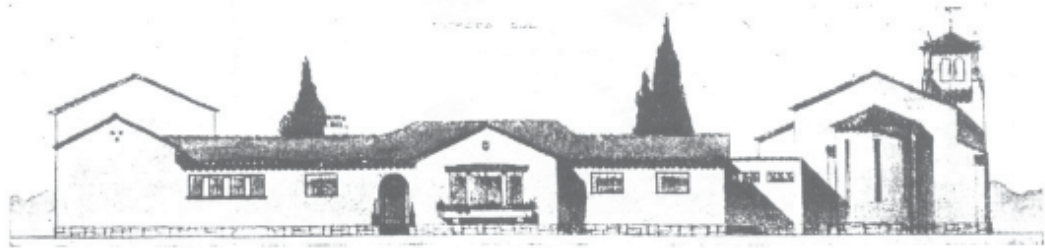
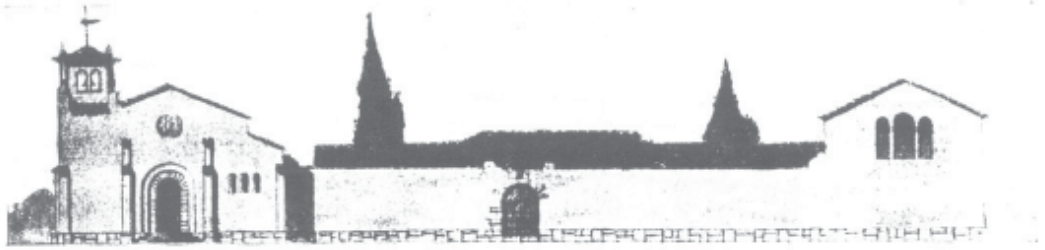


Fig. 312 e 314 - Igreja de Nossa Senhora do Brasil, na Urca, Rio de Janeiro. Projetada por Frederico Faro Filho, em explícita alusão aos pressupostos espaciais missionários. Foto: Fernando Atique, 2004; Fonte: ARQUITETURA E URBANISMO, mai-jun, 1937.

Fig. 313 - Trabalho escolar requisitado pelo professor Paulo Pires, da ENBA. Solução de igreja de João Nagib Khair. Fonte: ARQUITETURA E URBANISMO, 1936, n. 1.

Tema: UMA PAROQUIA

3.º ANO



Aluno: JOÃO NAGIB KHAIR.

Professor: PAULO PIRES.

Fig. 314 - Trabalho escolar requisitado pelo professor Paulo Pires, da ENBA. A solução de João Nagib Khair remete diretamente às antigas missões californianas. Fonte: ARQUITETURA E URBANISMO, 1936, n.1.

DE ARQUITETURA DA ENBA, 1935, n.13, jul: 22). Na mesma edição, a dupla de engenheiros Carlos Porto e Caio Moacyr também publicaram, em página dupla, a perspectiva e as fotografias da obra desenvolvida para uma residência unifamiliar, à Avenida Epitácio Pessoa. Ostentando todos os estilemas já expostos do *Mission Style*, a edificação não deixava dúvida da proliferação dessa vertente neocolonial pelo Rio de Janeiro (REVISTA DE ARQUITETURA DA ENBA, 1935, n.13, jul: 12-13).

Com relação aos textos nos quais a defesa do neocolonial era praticada, há um de autoria de *Adolfo Morales de los Rios Filho*,⁵⁷ de nome “*Arquitetura não é Standard*”, publicado em março de 1935, que comenta abertamente o desenvolvimento da arquitetura nos Estados Unidos. Para ele, a arquitetura predominante na costa leste, calcada no modelo do arranha-céu, não era tão proeminente na costa oeste, pelo fato de “*o espírito espanhol e luzitano*” não ter desaparecido de seus antigos territórios, como “*os sobrenomes ilustres e a heraldica recordam aos presentes*”. Mas, para além desta constatação, um tanto quanto simplória, Rios Filho agrega suas considerações arquitetônicas, dizendo que “*onde abundam os edifícios das ‘Missões’ espanholas dos Seculos XVII e XVIII, verdadeiros nucleos arquitetônicos – a arquitetura é outra. ‘El rancho’, ‘la casona’, ‘el solar’, são os tipos representativos dessa arquitetura néo-colonial norte-americana*” (REVISTA DE ARQUITETURA DA ENBA, 1935, n.9, mar: 11).

A conclusão deste autor se baseava no fato de que o desenvolvimento “*dessa arquitetura hoje denominada ‘Mission Style’ ou ‘Mediterranean Style’*” se pautava pelo entendimento de que “*Arquitetura não é Standard*”, já que “*ela sempre deverá corresponder ao material, aos usos e costumes, aos fatores mesológicos, às condições econômicas e á mão de obra*” (REVISTA DE ARQUITETURA DA ENBA, 1935, n.9, mar: 11).

Também foi pauta da revista a compreensão do discurso de José Marianno Filho. No número 13, de julho de 1935, por exemplo, a publicação trouxe uma entrevista com o médico, originalmente publicada no jornal **Correio da Noite**, do Rio de Janeiro, intitulada *Orientação Nacionalista na Arquitetura*. Como explica o preâmbulo redigido pelos redatores da **Revista de Arquitetura da ENBA**, a razão daquela reportagem era “*saber até que ponto as idéias do sr. José Marianno Filho se ajusta[va]m às do sr. Raul Lino*”, que, naquele ano, visitou o Brasil e teceu comentários sobre o neocolonial (REVISTA DE ARQUITETURA DA ENBA, 1935, n.13, jul: 25). Em linhas gerais, a revista tentava provocar um confronto de idéias entre os dois ideólogos tradicionalistas, já que Lino havia declarado que a despeito de o Brasil ainda não ter encontrado um “*estilo próprio*”, ele pôde notar “*três influências: a modernista colonial, a*

⁵⁷ *Morales de los Rios Filho* era espanhol, assim como seu pai. Nascido, em *San Sebastian*, em 23 de maio de 1887, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, em 1890. Mostrou-se interessado pela arte desde cedo. Tendo herdado de seu pai o gosto pela arquitetura, matriculou-se na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e no curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes, por volta de 1910. Em 1914, formou-se engenheiro-arquiteto pela ENBA. No mesmo ano, quando começou a trabalhar com seu pai, foi condecorado com o primeiro prêmio em concurso público pelo projeto ‘*Manuelino*’ para o edifício do Conselho Municipal do Rio. Outro prêmio dividido com seu pai foi o primeiro lugar no concurso público pelo projeto de ‘*Azulejo*’ para o Portão Colonial da Exposição Internacional do Centenário da Independência, em 1922, quando também recebeu o

Diploma de Honra pelo projeto e construção do ‘Palácio da Fiação’. Escreveu diversas obras ligadas à cultura arquitetônica e a sua história. Foi catedrático de História da Arquitetura da ENBA, e docente em várias outras instituições de ensino. Foi conselheiro, entre 1936 e 1960. Naturalizado brasileiro, faleceu em 19 de setembro de 1973.

revista de arquitetura

Ano I

N.º 8

Órgão Oficial do Directorio de E. N. B. A.
Rio de Janeiro (Brasil) Dezembro de 1934
Redação - Assembléa, 32, 4.º, s. 3 - Tel. 2-3440

Fundadores: Luiz Arnan e Paulo Netto - Director: Sebastião de Almeida



LUCIO COSTA - a realização da reforma do E. N. B. A.
desenho de Paulo Netto

7



Ante-projecto de uma residencia a Av. Epitacio Pessoa

**CARLOS PORTO
& CAIO MOACYR^{OP}**

ENGENHEIROS AV. RIO BRANCO, 183-9-5
TEL. 19-1228

A mesma depois de executada



12



ACHADA PRINCIPAL

Projeto de
Galo - Barata & Fonseca Ltda.
Rua 1.º de Março 110 - 1.º
Tel. 23-4260 Rio

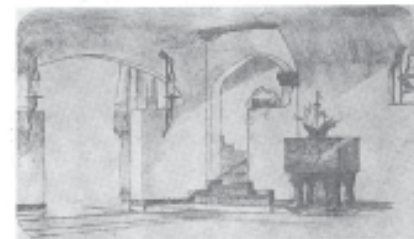


19



Projeto

de
Galo, Barata e Fonseca



22

Fig. 315 a 318 - Excertos de várias edições da *Revista de Arquitetura da ENBA*. A capa acima retrata Lucio Costa no momento em assumiu a direção da escola. As demais páginas mostram projetos de escritórios cariocas que trabalhavam com Mission Style: Carlos Moacyr e Galo, Barata e Fonseca. Fontes: *REVISTA DE ARQUITETURA DA ENBA*, dez, 1934; *REVISTA DE ARQUITETURA DA ENBA*, mai, 1935; *REVISTA DE ARQUITETURA DA ENBA*, jul 1935; *REVISTA DE ARQUITETURA DA ENBA*, jul 1935.

ARCHITECTURA

RESIDENCIA "MISSÕES"

FLORIDA—ESTADOS UNIDOS



Raphael Roland, architecto

Conselho de Internacional Machinery Co.

Casa desmontável construída com o emprego
do acreditado CELOTEX

Projeto de
Galo - Barata & Fonseca Ltda.
arquitetos - construtores



11

Fig. 319 - Propaganda da revista *Architectura: Mensario de Arte*.
Fonte: ARCHITECTURA: MENSARIO DE ARTE, jul, 1929.

Fig. 320 - Projeto de Galo, Barata e Fonseca. Fontes: REVISTA DE
ARQUITETURA DA ENBA, mai, 1935.

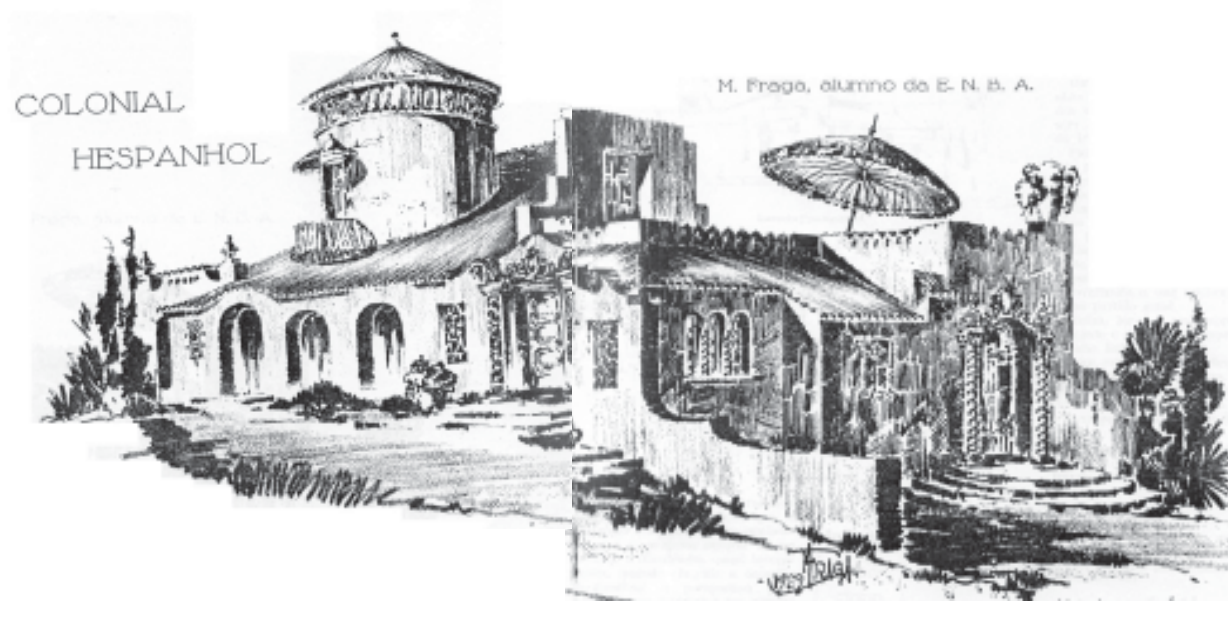


Fig. 321 e 323 - Capas da revista **Arquitetura: Mensário de Arte**. Fonte: ARCHITECTURA: MENSARIO DE ARTE, jun, 1929; ARCHITECTURA: MENSARIO DE ARTE, ago 1929.

Fig. 322 - Projeto de Moacyr Fraga, proprietário da revista **Arquitetura: Mensário de Arte**. Fonte: ARCHITECTURA: MENSARIO DE ARTE, jul, 1929.

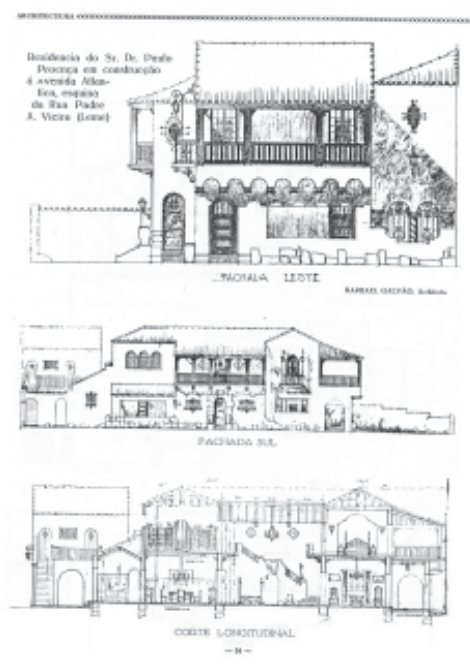
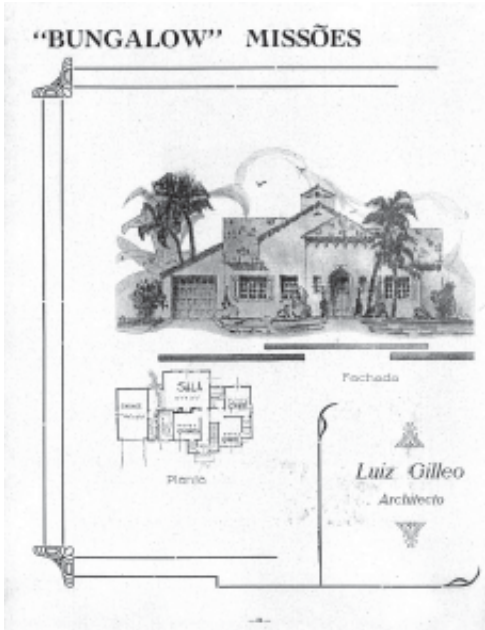


Fig. 324 a 327 - Excertos da revista *Arquitetura: Mensario de Arte*. Fonte: *ARCHITECTURA: MENSARIO DE ARTE*, mai, 1930; *ARCHITECTURA: MENSARIO DE ARTE*, jul, 1929; *ARCHITECTURA: MENSARIO DE ARTE*, ago, 1929; *ARCHITECTURA: MENSARIO DE ARTE*, jun, 1929.

portuguesa antiga e a norte-americana. Esta última [inspirava-se] nos arquitetos da Califórnia e do Novo México que souberam explorar muito bem a tradição hespanhola [daquele] paiz”, - declaração que afrontava José Marianno Filho, nitidamente (REVISTA DE ARQUITETURA DA ENBA, 1935, n.13, jul: 3).

Pelo exposto, nota-se que o debate acerca das proposições norte-americanas de entendimento do lugar, de desenvolvimento de uma arquitetura que trabalhasse a questão das heranças culturais encontrou abrigo dentro da ENBA. Cabe, então, abrir espaço para abordar de que forma houve a transmissão dessas referências entre professores e alunos, e entre os antigos alunos e a sociedade. Para tanto, torna-se importante a transcrição de trechos da obra ***Arquitetura no Brasil: depoimentos***, do arquiteto Abelardo Reidy de Souza.⁵⁸ Formado pela Escola Nacional de Belas Artes, em 1932, Souza acompanhou todo o processo de mudança acontecido com a chegada, à direção da Escola, de Lucio Costa, que manteve o corpo docente tradicional lecionando nos últimos anos do curso, enquanto implantou cadeiras novas nos anos iniciais, voltados à valorização técnico-construtiva, ministradas por professores afinados com o ideário moderno. Tentando demonstrar sua vinculação à matriz modernista, Abelardo de Souza expôs o ambiente de ensino-aprendizado dentro da ENBA, de maneira depreciativa, mas importante de ser analisado:

“Antes dos anos trinta, a arquitetura brasileira era uma constante cópia de vários estilos que imperavam na época, vindos todos de outras terras. Para a arquitetura residencial, que era o que mais se fazia, copiava-se o ‘espanhol’; com seus avarandados em arcos, suas janelas protegidas por grades de ferro retorcido formando desenhos os mais variados, seus pátios internos pavimentados com lages de pedra e um poço no meio, geralmente, sem água. Copiava-se, também, o ‘mexicano’, um espanhol transportado para o Brasil via Hollywood, sem passar pelo México. (...) Todos esses estilos, menos o nosso ‘colonial’, chegavam por aqui por meio de revistas ou livros de arquitetura. Duas revistas que eram, na época, muito difundidas entre os estudantes, (...) eram a Mi Casita, que se não nos enganamos, era de origem Argentina e uma outra, bem brasileira, feita por um então aluno da ENBA, seu proprietário, seu editor, seu redator, autor da maioria dos projetos apresentados e, também, seu distribuidor” (SOUZA, 1978: 15-17).

Souza se referia à popular ***Architectura: Mensário de Arte***, preparada por Moacyr Fraga. Este aluno lançou o primeiro número da revista em 8 de junho de 1929, trazendo, já na capa, um projeto com elementos *missiones*. Apesar de apresentar algumas referências ao que Paulo Santos chamou de “*casinhas em pan-de-bois*”, em texto citado na epígrafe deste tópico, o carro-chefe da publicação foram as casas de arquitetura vinculada ao *Mission Style*.

Durante aproximadamente um ano – a revista desapareceu precocemente – Fraga projetou muitos edifícios

⁵⁸ Nascido no Rio de Janeiro, em 15 de julho de 1908, Souza era filho de Absalão F. de Souza e de Esther Reidy. Após ter recebido as primeiras letras no *Lycée Français*, estudou no Colégio Pedro II e cursou a ENBA.

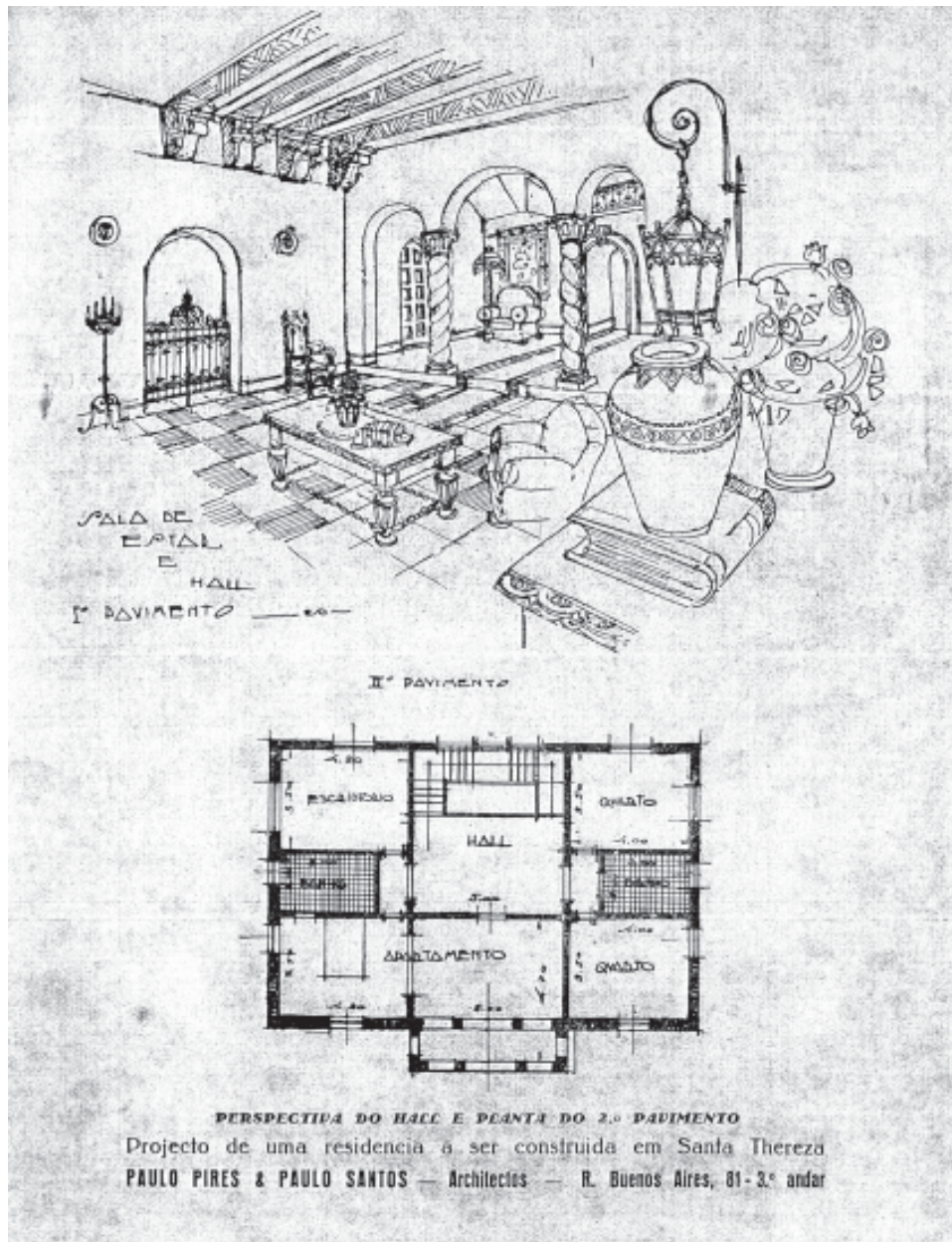


Fig. 328 - Projeto da dupla de arquitetos Paulo Pires e Paulo Santos para Martin Kock. Fonte: ARQUITETURA E URBANISMO, 1937, n.6.

residenciais dentro das referências missões. Seu objetivo era atrair clientes para si próprio e para seus colegas da ENBA, muito embora ainda fosse um graduando. A ENBA parece não ter se oposto à revista, uma vez que vários projetos produzidos em suas classes foram divulgados pela publicação que, por sinal, sempre colocava subtítulos indicativos da condição de alunos dos colaboradores do periódico. Logo em seu número 1 foi publicado o exercício destinado a sondar o repertório mobilizado na execução de uma “*Casa para Milionário*”. O projeto desenvolvido pelo aluno Gerson Pompeu Pinheiro, batizado de “*Pinturesco Colonial*”, era uma típica solução de arquitetura neocolonial onde ficava explícita a fusão dos estilemas luso-brasileiros com os hispânicos (ARCHITECTURA: MENSÁRIO DE ARTE, 1929, n. 1: 21). No mesmo número também foi exibido o projeto realizado por Pinheiro em conjunto com Affonso Eduardo Reidy, para outra residência de um milionário. Neste projeto, a fusão dos elementos hispânicos se dava em menor grau com os de fundo luso-brasileiro, apesar de a implantação ser tipicamente baseada nos princípios emanados das lições “*beauxartianas*” francesas (ARCHITECTURA: MENSÁRIO DE ARTE, 1929, n. 1: 28).

O porquê de Moacyr Fraga ter insistido,⁵⁹ em todos os números da sua publicação na propagação de projetos de arquitetura dentro dos estilemas missioneiros, não é difícil de ser encontrado. Segundo a análise do militante pró-modernismo, Abelardo de Souza, isso se dava porque

“Nos três primeiros anos [de curso], tínhamos uma cadeira que, para nós, era a principal: Composição de Arquitetura. Fazíamos plantas, cortes e fachadas, projetos de pórticos, pavilhões de caça, fontes, tudo dentro da mais completa inutilidade. A nossa opção era escolher o estilo: ou o colonial, ou o espanhol, ou o inglês, tudo ‘inspirado’ nas revistas. (...) Os temas dados na cadeira de Composição de Arquitetura, como se fossem uma herança vinculada, que passava de ano para ano, de turma para turma, se repetiam de uma maneira impressionante, salvo raríssimas exceções. Nos primeiros anos eram aqueles pórticos, aquelas fontes, aqueles pavilhões de caça já descritos. Nos últimos anos, do quarto ao sexto, os temas dados eram, então, fora de qualquer realidade, já naquela época. Coisas como: ‘uma residência de uma família distinta’. (...) O estilo determinado era o ‘californiano’ que não era nem o espanhol nem o mexicano. Então vinham as grandes arcadas, as indispensáveis coluninhas retorcidas, as grades de ferro e os pátios internos com suas fontes” [grifos meus] (SOUZA, 1978: 15-23).

Abelardo de Souza expôs, mesmo que de maneira combativa, não só a disponibilidade de encontrar livros e revistas que mostravam a arquitetura espanhola, californiana, missioneira, enfim, “*colonial*”, dentro da ENBA, como o fato de que os docentes da casa sabiam e aceitavam os modelos neocoloniais advindos dos Estados Unidos. Neste sentido, torna-se importante mostrar o que foi encontrado nas páginas da revista oficial do Instituto de Arquitetos do Brasil, chamada ***Arquitetura e Urbanismo***. Em 1936, um exercício

⁵⁹ Com o fim da revista, Fraga passou a publicar seus projetos missões em outros periódicos, como ***A Casa***.

aplicado pelo Professor Paulo Pires ao terceiro ano do curso requereu que se projetasse uma paróquia, ocasião em que não apenas se poderia usar dos referentes ornamentais, como, também, dos elementos estruturadores do “*espaço missioneiro*”. Um dos projetos encontrados foi o do, então aluno João Nagib Khair que desenvolveu uma igreja e as demais dependências dentro de todas as referências *missiones*: pátio interno, capela lateral, emprego dos principais elementos ornamentais (ARQUITETURA E URBANISMO, 1936, n.1: 50-51). Este treinamento em sala de aula era completado, entretanto, pelas atividades de estágio, processadas em importantes escritórios do cenário carioca de então. É importante informar, neste sentido, que a familiaridade de Abelardo de Souza com as questões atreladas à difusão do *Mission Style*, no Rio de Janeiro, deve-se, principalmente, ao fato de ele ter sido estagiário do escritório de Edgard Vianna e de Raphael Galvão, em princípio dos anos 1930. Estes dois arquitetos, que, nesse período, trabalhavam juntos, empreenderam muitas obras dentro da imagética hispânica⁶⁰ (CONSTANTINO, 2004: 44).

A revista ***Architectura no Brasil***, em 1925, também publicou projetos realizados pelos ex-alunos da ENBA expostos no *Salão de Belas Artes* daquele ano. Um que chama muito a atenção é o do arquiteto Attilio Correia Lima, que expôs o projeto de uma residência vazada dentro dos princípios volumétricos e ornamentais do missões. Projetos semelhantes também foram expostos por Paulo Antunes Ribeiro e por Raphael Galvão, todos para residências missões (ARCHITECTURA NO BRASIL, 1925, n.25: 27 - 28). Em vários números dessa publicação seriam verificados projetos neocoloniais, mas, talvez pelo fato de ser um periódico mais ligado às entidades de classe do Rio de Janeiro, onde estavam os mentores do Movimento Neocolonial, foi difícil encontrar as variantes hispânicas em suas páginas.

Embora a Escola Nacional de Belas Artes tenha sido taxada de “*arcaica*”, “*equivocada*”, “*atrasada*”, por várias gerações de arquitetos, ela foi, de fato, uma escola com repertório internacional, afinada com as discussões em processo em todo o continente americano. Defende-se a tese de que mais do que enxergar a ENBA como uma escola pró-eclétismo ela foi, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, uma instituição que soube se comunicar com suas congêneres de norte a sul das Américas e que teve um projeto de ensino arquitetônico. Assim, pode-se dizer que ela foi uma Escola “Internacional” de Belas Artes.

⁶⁰ Edgard Vianna teve, pelo menos, dois sócios ao longo de sua curta trajetória profissional. Morto em 1936, no auge de sua produção, ele foi associado, em momentos não-precisados, mas não concomitantemente, de Roberto Lacombe e de Raphael Galvão, entre 1920 e 1936.



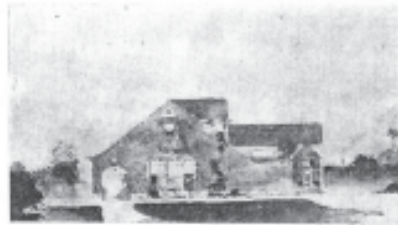
Sala de estar. Raphael Gubido, Architecto.

O Architecto Raphael Gubido expõe dois projectos: um relativo á reforma da Polytechnica GERAL do Rio de Janeiro, e o outro de uma residência para o Sr. Luiz Hermann. O primeiro, como idéa de reforma, é bastante feliz. So-



Biblioteca. Raphael Gubido, Architecto.

bastante sensível entre o retângulo que comprehende a sala de estar, sala de visitas, escriptorio e hall, e o outro comprehendido pela copa e cozinha, parecendo estarem esses dois corpos em escalas diferentes. Quanto á



Projecto de residência. (Fachada principal). A. Corrêa Lima, Architecto.

fosse possível obter uma colunata com maiores proporções, terin ficado muito mais agradável o conjunto. Nota-se perfeitamente nesta ligeira desproporção, demasiada distancia de seis a oito das pilastras.

Ao mesmo tempo não podemos deixar de reconhecer que esta solução foi forçada pelos massigos e vãos existentes, pela tradição de uma reforma.

No projecto de residência para o Sr. Luiz Hermann, a planta do 1.º pavimento apresenta uma desproporção



Projecto de residência. (Sala de estar). A. Corrêa Lima, Architecto.

planta do pavimento superior, notamos á primeira vista ser o corredor de communicação um pouco largo de mais, porém, assim foi projectado para poder comportar armários embutidos.



Projecto de residência. (Perspectiva e planta). A. Corrêa Lima, Architecto.



Projecto de residência. (Fachada lateral). A. Corrêa Lima, Architecto.

Fig. 329 - Página da revista *Architectura no Brasil* com diversos projetos em Mission Style, de alunos e ex-alunos da ENBA. Fonte: *ARCHITECTURA NO BRASIL*, 1925, n.25.

Quanto á fachada está bastante interessante; os motivos estão bem dispostos. Nota-se, apenas, demasiada

O conhecido e estimado Architecto de S. Paulo e um distinto collaborador, Victor Dubugras, que é



Corte transversal e planta. Paulo A. Ribeiro, Architecto.

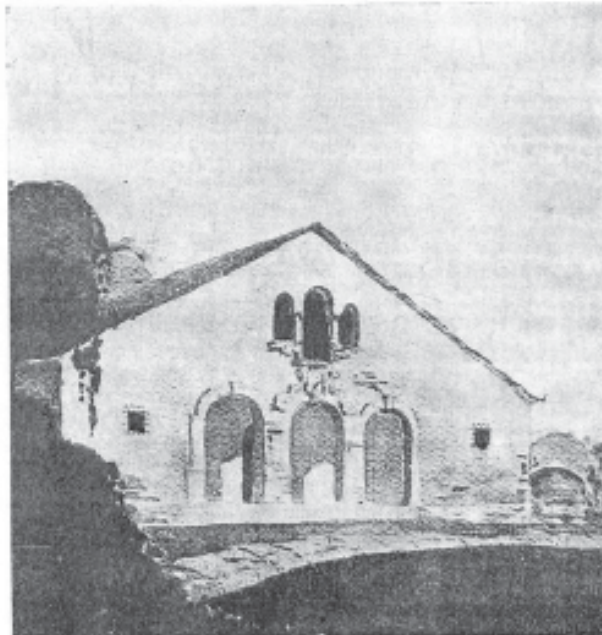


Perspectiva. Paulo A. Ribeiro, Architecto.

simplicidade nas arcadas abaixo da loggia, em relação ao conjunto.

Talvez com a collocação de lampoões em ferro batido.

concorra, apresenta uma perspectiva e maquete de um projecto de residência para o Dr. Arnaldo Guinle de Theresopolis.



Projecto de residência do Sr. Fernando Sigrist. Paulo Antonio Ribeiro, Architecto.

ficasse resolvido o problema. As perspectivas interiores foram executadas com muita habilidade e bom gosto.

Escrevemos ao Architecto Dubugras solicitando a planta do edificio, que não fôra enviada ao Salão.

Fig. 330 - Página da revista *Architectura no Brasil* com projetos em Mission Style. Fonte: *ARCHITECTURA NO BRASIL*, 1925, n.25.

4.3.3 – As várias “Américas” no curso de arquitetura do Mackenzie

“Os americanos por sua vez desenvolvem tres estylos, o ‘Colonial’ ou ‘Georgian Period’ caracterizado pelos ‘porches’ de columnas, muito adoptado nas construcções suburbanas ruraes; o ‘Spanish Renaissance’ largamente usado nas residências da California e sul dos Estados Unidos, e o ‘English Renaissance’ adoptado geralmente em escolas, Igrejas e grupos universitários.

Christiano Stockler das Neves, 1919, p.43

Foi mostrada no capítulo 3, de maneira aprofundada, a criação da instituição de ensino conhecida como *Mackenzie*, em São Paulo. Também se discorreu um pouco sobre a trajetória profissional do fundador do curso de Arquitetura mantido por aquela casa, *Christiano Stockler das Neves*. Convém, agora, ressaltar alguns dos métodos de ensino empregados por Neves no curso que criou e dirigiu, ininterruptamente, por décadas, para que se tenha noção plena de como as referências norte-americanas foram disseminadas entre os alunos, e, de uma maneira mais focada no interesse deste capítulo, como o neocolonial influenciou a casa.

Descrevendo o debate arquitetônico, mais restrito a profissionais e a jovens em formação, o arquiteto Hugo Segawa deixou claro que *“a circulação e a influência de revistas norte-americanas nos anos 1930 a 1960 no meio acadêmico latino-americano é um tema a se explorar”* e cita, como exemplo, a formação do arquiteto paulista *Oswaldo Arthur Bratke*, que constituiu seu repertório internacional, basicamente, por revistas *“de procedência norte-americana,”* como *“Architectural Record e Pencil Points”*, assinadas pelo curso de engenheiros-arquitetos do Mackenzie, onde se formou como um evento seminal da carreira deste arquiteto (SEGAWA E DOURADO, 1997: 15).

Esta passagem foi, em certa medida, o que despertou o interesse pela análise das revistas e livros adquiridos pelo Mackenzie, capazes de subsidiar as lições arquitetônicas proferidas por Christiano das Neves e por seu *staff*. Obviamente, não causava surpresa o fato de saber que Neves permitia a aquisição de publicações nos Estados Unidos, já que obteve *Certificado em Arquitetura* naquele país. Mas, de fato, a análise da produção arquitetônica dos egressos daquela escola provocava certo ruído, já que, quase todos eles, engajaram-se na projeção de residências dentro do repertório do *Mission Style*. A razão de ser desse *“incômodo analítico”* era certa defasagem entre os discursos propagados sobre a formação *Beaux-Arts* de

Neves e sua vinculação ao *Estilo Luis XVI*, e a constante descoberta de algumas dezenas de casas projetadas pelos egressos do Mackenzie, dentro dos princípios pitorescos estadunidenses.

Analisando o acervo da biblioteca da atual *Faculdade de Arquitetura e Urbanismo*, o acervo do *Centro Histórico* e a *Biblioteca George Alexander*, esta, a mais antiga da *Universidade Presbiteriana Mackenzie*, conseguiu-se obter um panorama dos títulos que estiveram disponíveis entre 1917 – ano de formação do curso de Arquitetura – e 1945, quando termina o arco temporal da pesquisa. Como era esperado, muitos títulos relativos à arquitetura clássica, editados nos Estados Unidos, foram encontrados, mas, não apenas eles, deve-se frisar. Volumes ligados à difusão do modernismo também foram achados e, o que interessa de forma especial a esta tese, algumas obras ligadas ao repertório hispano-americano.

Começando pelos títulos que fornecem elementos sobre esta arquitetura, mas que também enfocam outros assuntos, pode ser citado o onipresente livro de *John Haberson: The Study of Architectural Design, with Special Reference to the Program of the Beaux-Arts Institute of Design*, de 1926. O fato de ter sido encontrado este livro nas três instituições pesquisadas demonstra como as referências estadunidenses para formação em arquitetura circularam pelo continente americano. Fora este título, alguns mais antigos, possivelmente comprados na época da constituição da Escola de Engenharia, em 1896, também foram localizados, tais como o escrito por *James Carter Beard*, de nome ***Curious Homes and their Tenants***, publicado em *New York*, em 1897 pela *Appleton*; e o da lavra de *Nathaniel Hawthorne*, chamado ***Our Old Home***, lançado pela *Houghton*, de *Boston*, em 1907. Sobre o universo colonial norte-americano, o acervo que esteve disponível para consulta de engenheiros e arquitetos incluía, por exemplo, o ***The Colonial House***, escrito por *Joseph Everett Chandler*, e produzido pela *McBride*, de *New York*, em 1924, dentre outros.

As obras ligadas mais diretamente à divulgação do universo missões foram os livros, e não as revistas, como se poderia supor.⁶¹ Estes livros foram ***American Public Buildings of Today: City Halls, Court Houses, Municipal Buildings, Fire Stations, Libraries, Museums, Park and Buildings***, escrito por *Randolph Williams Sexton*, de 1931, e os mais explícitos na divulgação do assunto: ***The Mediterranean Domestic Architecture in the United States***, de *Rexford Newcomb*, editado pela *Janson*, de *Cleveland*, em 1928; ***Spanish Interiors, Furniture and Details, from the 14th to the 17th Century***, escrito por *Harold Donaldson Eberlein*, e publicado pela *Architectural Book* de *New York*, em 1925. E, sobretudo, o ***The Architectural***

⁶¹ Em um dos números da *Revista de Engenharia do Mackenzie College*, publicada em 1915, é possível encontrar logo no sumário a seguinte seção: “*Extractos úteis e curiosos de Revistas Americanas e Inglesas*”, comprovando o olhar sobre o mundo técnico europeu e estadunidense. (REVISTA DE ENGENHARIA DO MACKENZIE COLLEGE, 1915, out, n.3).

Digest: a Pictorial Digest of California's Best Architecture, de 1920, produzido pela John Brasfield, em Los Angeles, em três volumes.

Mas, pelo que se nota mediante alguns depoimentos, o acervo da instituição não era tão sortido de títulos, como se poderia esperar. Carlos Lemos, em recente livro sobre sua vida, relatou alguns pormenores de seu tempo de estudante no curso de Arquitetura, no Mackenzie:

“Vivíamos assim, uma situação esdrúxula: nossa prática nada tinha a ver com a teoria apregoada. Era uma escola ao contrário, não possuía biblioteca especializada e ali as revistas americanas de arquitetura moderna eram escondidas e folheadas somente quando Christiano se ausentava. (...) Christiano escolheu a dedo os professores para completar o quadro docente da nova escola; todos seus fiéis seguidores na linha de ensino, embora na vida profissional praticassem por necessidade os estilos da moda” (LEMOS, 2005: 138).

Mais adiante, na mesma passagem, Lemos expõe que um dos professores ligados a Christiano das Neves requisitou, dentro da disciplina de *Arquitetura Brasileira*, segundo ele *“improvisada às pressas”*, para atender às recomendações federais, o projeto de *“uma igreja em estilo colonial”* (LEMOS, 2005: 138-139). A descoberta de que, dentro do Mackenzie, eram requisitados projetos dessa natureza, revela que, muito embora Neves vociferasse contra o movimento neocolonial, as exigências curriculares o faziam ter de buscar soluções estéticas novas para seu pensamento. Não se pode afirmar que Neves tenha projetado pelo menos um edifício dentro da linguagem do neocolonial, fosse ele de fundo luso-brasileiro, ou hispano-americano, mas foi possível encontrar comentários elogiosos ao *Mission Style*, em alguns de seus escritos, como este, de 1919, num dos seus textos contra a *“Arquitetura Colonial”*:

“Attribuo esse movimento, formado por um pequeno numero de adeptos, a uma simples imitação do que americanos fizeram em relação á architectura colonial da Califórnia. É preciso, porém, considerar que as construcções modernas da Califórnia são originarias da Hespanha, muitíssimo mais fecunda em architectura [do que Portugal]. Os architectos americanos têm muita razão em desenvolver esta architectura, que, realmente, possui motivos bellissimos; há architectos americanos que se dedicam quasi exclusivamente a esse estylo, a que chamam ‘Spanish Renaissance’ e que o têm desenvolvido com grande proficiencia, devido ás viagens que fazem á Hespanha e Mexico. Esse é o estylo que devíamos cultivar por ser realmente agradável e adaptavel ao nosso clima e á nossa natureza [grifo meu]. Nos ‘films’ americanos os leitores terão occasião de observar as construcções nesse estylo” (NEVES, 1919: 41).

É muito interessante verificar que, apesar de ser contrário ao movimento neocolonial, por julgar as *“matrizes pesquisadas”* (Portugal e o Período Colonial do Brasil) sem grandes contribuições estéticas, Neves era, por

assim dizer, ciente do que acontecia nos Estados Unidos, dentro de um movimento análogo. Existem inúmeros textos na revista **Architectura e Construções**, da qual foi colaborador, e na **Revista de Engenharia do Mackenzie College**, órgão oficial do Centro Acadêmico Horácio Lane, que demonstram suas opiniões acerca dos arranha-céus, da difusão da Arquitetura Moderna nos Estados Unidos, dos concursos acontecidos naquele país, dentre vários outros aspectos. Há, também, traduções de textos, por ele efetuadas, neste último periódico, que citam a fonte como sendo da **Architectural Forum**, revista das mais respeitadas nos Estados Unidos.⁶² Infelizmente, com relação à “*arquitetura colonial*”, era impiedoso e taxativo, repelindo qualquer tipo de mérito ao movimento em franco desenvolvimento no Brasil.

Entretanto, é muito curioso notar que, por algumas vezes, a **Revista de Engenharia do Mackenzie College**, da qual era um dos principais arautos, cedeu espaço para a publicação de projetos e obras de alunos e ex-alunos, vinculados ao neocolonial. O caso de maior representatividade ocorreu na edição conjunta dos números 52 e 53, em 1930, por ocasião dos preparativos do IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos. Nesta edição foram apresentados projetos desenvolvidos por alunos e ex-alunos do Mackenzie, muitos, vazados dentro dos estilos pitorescos⁶³ praticados naquele momento, no país, como o *tudor*, o *normando* etc (PINHEIRO E D'AGOSTINO, 2004: 126), mas também dentro do que se convencionou chamar de *Art Déco*. Exemplos são os projetos de “*faróis*” desenvolvidos pelos acadêmicos Jayme Fonseca Rodrigues e Oswaldo Bratke (REVISTA DE ENGENHARIA DO MACKENZIE COLLEGE, 1930, n.52 – 53). Entretanto, um outro projeto de farol desenvolvido pela mesma turma, mas com alguns poucos elementos ligados ao *Mission Style*, foi o produzido pelo aluno Américo Cápua, mesmo assim, com predominância de traços *déco* (REVISTA DE ENGENHARIA DO MACKENZIE COLLEGE, 1930). Na mesma edição, era possível ver muitas residências construídas dentro dos preceitos compositivos do neocolonial luso-brasileiro, tais como: a *residência no Alto da Lapa*, construída por Dias & Valle; um projeto de Álvaro da Costa Vidigal; *residência do Sr. Linneu Muniz de Souza*, de Olavo Franco Caiuby; um *Balneário para Santo Amaro*, e um pátio interno de *Architectura Mourisca*, ambos da pena de Américo Cápua e a *residência do Dr. B. Rabinovich*, concebida por Monteiro, Heinsfurter & Rabinovich (REVISTA DE ENGENHARIA DO MACKENZIE COLLEGE, 1930).

Embora o combate sobre a adoção do neocolonial como um “*estilo válido*” fosse pauta constante no discurso de Stockler das Neves, de fato seus alunos encontraram necessidade de desenvolverem projetos nessa linha. Deve-se ressaltar que muitos eram pouco refinados, já que misturavam elementos provenientes

⁶² Na edição de abril de 1926, n. 38, a **Revista de Engenharia do Mackenzie College** republicava artigo aparecido na revista estadunidense **The Architectural Forum**, sob o nome “*O arranha-céu em Nova-York*”. (REVISTA DE ENGENHARIA DO MACKENZIE COLLEGE, 1926, n.38: 59-60).

⁶³ Para uma correta e aprofundada inteiração do vocábulo *Pitoresco* e de seu uso corrente na arquitetura brasileira, consultar o artigo de Mário Henrique Simão D'Agostino e Maria Lucia Bressan Pinheiro, “*A Noção de Pitoresco em Arquitetura*”, publicada no número 1 da revista **Desígnio**, da Área de História e Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo, 2004.

do estilo *Segundo Império* com estilemas barrocos. Em comparação com o neocolonial saído das pranchetas da Escola Politécnica de São Paulo, o desenvolvido por mackenzistas era de outro matiz. Tal constatação decorre, talvez, pelo impedimento ou inexistência de exercícios regulares desenvolvidos na escola, como os que ocorriam na Escola Politécnica, nas décadas de 1920 e 1930. Entretanto, como Lemos mostrou, nos anos 1940 a temática já havia se instalado na instituição.

Outras informações sobre o ambiente de ensino-aprendizado dentro do Mackenzie foram obtidas consultando o diário escrito por *Miguel Forte*,⁶⁴ arquiteto egresso em 1939. Em entrevista concedida a um programa de televisão da Universidade Presbiteriana Mackenzie, ainda inédito, citado por Mônica Junqueira de Camargo, Forte revelou de que forma se desenvolvia o curso de arquitetura quando de seus anos de estudante:

“Naquela ocasião, o ateliê de arquitetura no Mackenzie era um único espaço, porque havia poucos alunos em cada ano. Em 1934, em média, nós éramos seis ou sete alunos por ano, e o curso era de seis anos e nós não podíamos levar o trabalho para casa. O Christiano das Neves nos obrigava a trabalhar na escola. (...) O Christiano era intransigente, ele não permitia que você pudesse ter idéias contemporâneas, que você pudesse gostar de arquitetura contemporânea. (...) Todos os temas que ele passava para os alunos deveriam ser desenvolvidos segundo suas idéias. E existia um grupo – Jacob Rutchi, Galiano Cimapaglia, Igor Sresnewsky e outros poucos – que, escondido do Christiano, estudava por conta própria os movimentos de arquitetura dessa época” (MIGUEL FORTE, citado por CAMARGO, 2001: 15).

Mesmo enfatizando a narrativa de que as revistas que consultavam eram propagadoras da Arquitetura Moderna, o que, de fato, eram, torna-se muito importante ver que aquelas ligadas à arquitetura missioneira, também eram conhecidas por esses alunos, especialmente por Miguel Forte que, no diário que produziu durante sua viagem ao Estados Unidos, em 1947, expôs ter conhecido a *“mulher de Herbert Matter, um artista gráfico que fez algumas capas do California: Arts and Architecture”*. Este diário de Forte revela, também, que os mackenzistas tinham intimidade com o neocolonial, já que ele, ao narrar a visita que fez à casa de *Carmen Miranda*, em *Beverly Hills*, classificou-a como *“uma agradável casa de estilo colonial, bem arrumada, com um jardim, no fundo, aberto sobre uma boa piscina”* (FORTE, 2001: 115 /173).

Lemos e Forte foram dois alunos do Mackenzie que, depois de formados, não projetaram dentro do repertório do *Mission Style*,⁶⁵ vinculando-se a outras arquiteturas também de procedência estadunidense, como, por exemplo, as *Case Study Houses*, estudadas por Adriana Irigoyen (IRIGOYEN DE TOUCEDA, 2005). Contudo, muitos de seus colegas, depois ligados, quase exclusivamente, ao vocabulário moderno

⁶⁴ Miguel Forte nasceu em São Paulo, em 05 de dezembro de 1915; era filho de imigrantes italianos, da província de *Salerno*. Estudou no *Instituto Lievore*, escolinha italiana mantida nos fundos da Igreja de Santa Ifigênia. Morou grande parte de sua infância e juventude próximo ao Largo São Bento. Em 1926 mudou-se com a família para a região da Avenida Paulista, passando a freqüentar o *Dante Alighieri*, até que ingressou no curso ginásial da Escola Americana, e, depois, no curso de Arquitetura do Mackenzie College, embora seu pai reprovasse a escolha, e pensasse que o filho freqüentava o curso de Engenharia Civil, que abandonou logo no início (CAMARGO, 2001: 11-21).

⁶⁵ Pelo menos não foram encontradas obras nem discursos neste sentido.

de arquitetura, desenvolveram muitas obras missões. Através das páginas da revista *Acrópole*, principal periódico sobre arquitetura produzido em São Paulo, entre 1938 e 1970, foi possível elencar vários projetos e várias obras vazadas dentro desses preceitos de neocolonial. Já em seu número 1, apesar de trazer na capa o Edifício Esther, era possível examinar, com muitos detalhes, a residência para *Jean Lecoq*, projetada por Eduardo Kneese de Mello, formado no Mackenzie, em 1931.⁶⁶ Era uma típica casa missões, assobrada e explícita no emprego de seus estilemas caracterizadores: paredes ásperas, arcadas, telhado sem grande beirais, serralheria artística utilizada em muitas ferragens, pátio interno e até um oratório cunhado dentro de uma citação dos arcos *mudejares* (ACRÓPOLE, 1938, n. 1: 27-33). No mesmo ano, e na mesma revista, Kneese de Mello publicou outra habitação criada dentro dos referenciais californianos: a residência à rua dona Hypolita, no Jardim Paulistano, bairro de elite, em São Paulo. Esta casa, além de algumas características já apontadas na anterior – falta-lhe o pátio interno –, emprega balcões, à guisa de terraços, feitos com madeira torneada, algo que era muito recorrente também, na *California* (ACRÓPOLE, 1938, n. 8: 22-25).

Walther Saraiva Kneese, primo de Eduardo Kneese de Mello, também se formou no Mackenzie. De sua pena, saíram projetos formatados dentro do repertório missioneiro, como as duas casas que apresentou para o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários – IAPC -, em São Paulo, à avenida Rebouças, em 1939. As casas, seguidoras do programa consolidado para classe média, à época, apresentam duas variáveis do missões, via de regra utilizadas em casas de caráter mais popular: mostram beirais um pouco mais sobressalentes, uma barra demarcando o embasamento, mas, mesmo assim, mostram os indefectíveis arcos e rebocos ásperos, e as ornamentações típicas dessa arquitetura (ACRÓPOLE, 1939, n.18: 16-17).⁶⁷ Ainda neste número, Olavo Franco Caiuby, engenheiro civil, formado em 1914, publicou a obra da residência de Quirino Gastão de Sá, à rua Venezuela. De partido extenso, a casa possui grande parte térrea e uma ala elevada, onde estão alguns dormitórios. Este volume vertical ostenta um trabalho efetuado por meio das vigas de concreto que, por serem colocadas muito próximas, intentam denotar o barroteamento usado nas antigas *Missões* californianas (ACRÓPOLE, 1939, n.18: 33-37).

O engenheiro-arquiteto Francisco Beck publicou muitas obras suas, dentro do vocabulário do *Mission Style*, nas páginas da *Acrópole*. Sua residência à Rua Chile, 48, feita para Marina Dias Laranjeira Cabral, é exemplo bem-acabado dessa arquitetura. Beirais estreitos, arcadas, reboco áspero, serralheria artisticamente especificada, óculos nichos e volutas atestam a intenção plástica do projetista. Mesmo

⁶⁶ Eduardo Augusto Kneese de Mello nasceu em São Paulo, em 5 de abril 1906, e faleceu, na mesma cidade, em 1995. Seu sobrenome anglo-saxão, herdou do avô materno, um norte-americano que emigrou ao Brasil, após a Guerra da Secessão, e fixou residência em Araraquara, interior de São Paulo. Eduardo Kneese de Mello, após estudar no Instituto Caetano de Campos, ingressou na Escola Americana. Em 1925 iniciou sua graduação em Arquitetura no Mackenzie, onde se diplomou em 1931. Em 1938 começou a lecionar na mesma escola. Em 1938 envolveu-se com a criação da revista *Acrópole*, em São Paulo. Para um panorama maior sobre sua vida e obra, consultar o catálogo da Exposição promovida pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, em 2005, quando da 6ª Bienal Internacional de Arquitetura.

⁶⁷ Um ano antes, o escritório H.S. Caiuby, formado por J.D. Caiuby, Nestor Dale Caiuby e Walther Saraiva Kneese, apresentou estudo de uma residência, sem cliente definido, em que a linguagem arquitetônica era a do *Mission Style*, embora um dos arcos da fachada de acesso à casa se transformasse num *garde-cochère* (ACRÓPOLE, 1938, n.4: 63).

assim, podem-se notar concessões a outros modelos domésticos, como uma estranha *'bow-window'* que se projeta sobre a área de acesso à residência (ACRÓPOLE, 1939, n. 15: 8-14). Em 1941, ele apresentou um outro projeto para a Rua Estados Unidos, em que as referências à arquitetura praticada na *California*, naquele período, eram explícitas (ACRÓPOLE, 1941, n.36: 419-424).

Alfredo Ernesto Becker mostrou, nas páginas da *Acrópole*, em agosto de 1940, os projetos que desenvolveu para a *"Estrada de Ferro Corumbá – Santa Cruz de la Sierra"*, como fruto dos trabalhos da *"Comissão Mixta Ferroviaria Brasileiro-Boliviana"*. O projeto de casas para *"mestres de linha"* fundem o tradicional modelo de habitação operária, debatido desde o século XIX, no qual sala e cozinha são separadas pelo sanitário, articulando os quartos, com a redução do missões ao seu estilema maior: a presença de grande arco na fachada, a qual recebe, também, à moda de guarnição, dois cunhais oblíquos com pedras aparentes, como era moda nos anos 1930 e 1940, no país. As casas previstas para *"engenheiros-residentes"* eram maiores, mais confortáveis e, estilisticamente, mais coerentes com a matriz estadunidense (ACRÓPOLE, 1940, n.28: 131-132).

Por fim, deve-se citar o papel de Oswaldo Arthur Bratke. Nascido em Botucatu, estado de São Paulo, em 24 de agosto de 1907, Bratke era filho de um imigrante alemão, de nome Arthur Bratke e de Amélia Von Giessel Bratke. Em 1914, a família se mudou para São Paulo, onde Arthur esperava conseguir melhor oportunidade de estudo para as duas filhas mais velhas. Em São Paulo, em 1917, depois de a família passar por problemas intensos por conta da origem germânica, Oswaldo Arthur Bratke ingressou na Escola Americana mantida pelo Mackenzie College. Em 1925, ele obteve o diploma de madureza na mesma instituição e, no ano seguinte, matriculou-se no curso de Engenharia do Mackenzie. Em 1931 obteve a diplomação de engenheiro-arquiteto e, como acontecia desde o século XIX, o Mackenzie ofereceu-lhe uma bolsa de estudos por meio do *Carnegie Institute of Fellowship*, da qual declinou em prol de seu emprego na *Companhia Mechanica e Importadora*, em São Paulo. Em 1933, montou escritório com um contemporâneo de Mackenzie e, também ,conterrâneo, Carlos Botti. Hugo Segawa informa que

"Do início da sociedade, em 1933, até a morte de seu sócio,⁶⁸ em 1942, Bratke projetou e/ou construiu de quatro a cinco centenas de obras, principalmente residências (...). E decerto era uma arquitetura com fidelidade nos 'estilos': José Marianno Filho, o paladino do neocolonial no Brasil, procurou-o depois de conhecer uma casa projetada por Bratke no Jardim América. Ficaram amigos, e chegaram a fazer levantamentos métrico-arquitetônicos juntos nos anos 1930 – numa oportunidade, levando também um estagiário chamado Artigas" (SEGAWA E DOURADO, 1997: 17).

⁶⁸ Carlos Botti faleceu vitimado por acidente aéreo, em 1942. Depois dessa data, Bratke desenvolveu carreira-solo, por longo período.

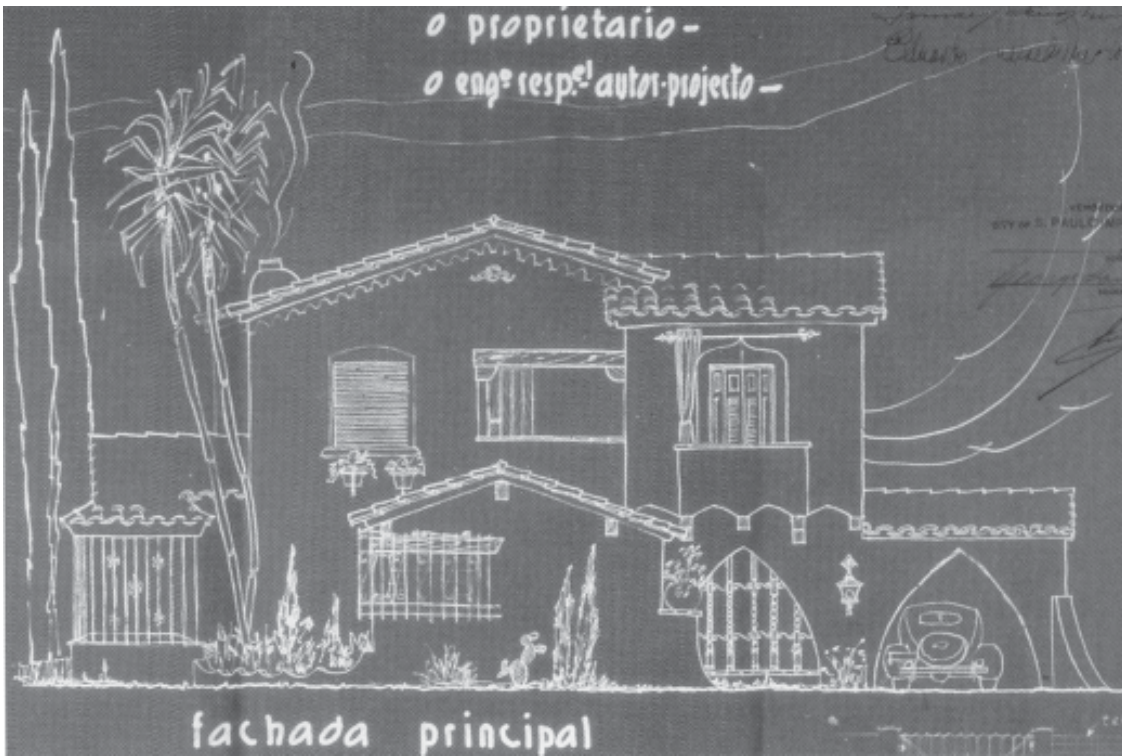
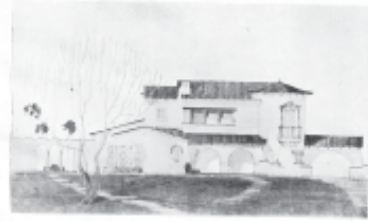


Fig. 331 e 333 - Projetos da dupla Bratke e Botti, em São Paulo. Fonte: SEGAWA; DOURADO, 1997.

Fig. 332 - Projeto do arquiteto Eduardo Kneese de Mello para uma residência no Jardim Amérioca, em São Paulo. Fonte: WOLFF, 2000.



18 A CASA
junho de 1938



SÃO PAULO

RESIDÊNCIA PITORESCA

As últimas decorações aderem à paisagem.

Projeto de

CIAMPOLINI & NICOLA JR.

Arquitetos e construtores

A CASA
junho de 1938 25

Fig. 334 a 337 - Projetos publicados na revista *A Casa*, em número especial sobre São Paulo, em 1938. As imagens 334 e 336 são projetos de Bratke e Botti; a figura 335 mostra detalhe de uma janela à moda "mudejar" em edifício riscado por Kneese de Mello; a imagem 337 ilustra a solução espacial dada por Eduardo Ciampolini para uma residência em estilo missões. Fonte: *A CASA*, n. 170, jul, 1938,

Segawa, em obra sobre o arquiteto, teceu comentários acerca da admiração por *Paul Philippe Cret*, arquiteto de quem tomou consciência por meio das aulas de Christiano das Neves e por diversas publicações disponíveis no Mackenzie. Sabe-se, todavia, que Bratke foi um dos maiores intérpretes e projetistas de habitações, em São Paulo, dentro dos princípios missionários. Muitas de suas obras chegaram a ser premiadas. Na revista *Acrópole*, segundo importante levantamento realizado pela professora Maria Lucia Bressan Pinheiro, uma das principais estudiosas do neocolonial em São Paulo, foram publicadas várias obras projetadas e/ou construídas por Bratke e Botti dentro dessa linha (PINHEIRO, 1998: 99).

A primeira apareceu na edição de número 3, em julho de 1938: a casa Manoel Vega (ACRÓPOLE, 1938, n.3: 57-61). Segawa considera esta obra como atestado de rigor construtivo, já que “*as mãos-francesas funcionam como tal*”, e os projetos não se rendiam ao excesso de decorativismo (SEGAWA E DOURADO, 1997: 18). Como visto, o *Mission Style*, dentro de sua acepção mais genuína, era uma arquitetura despojada de ornamentações exuberantes, se comparada com os estilos acadêmicos, e a observação, mais do que querer demonstrar certo *proto-racionalismo* na obra de Bratke – que soa um tanto quanto desnecessária –, atesta, de fato, a compreensão exata da arquitetura que a dupla realizava naqueles anos, por vários bairros de São Paulo.

Dentre esses bairros está o Jardim América que recebeu, entre 1935 e 1940, 46 projetos “*forjados pelo estilo neocolonial hispano-americano*”, a maioria feito por Bratke, Kneese de Mello e por outro egresso do Mackenzie, Vicente Nigro Júnior (WOLLE, 2000: 228). Formado em 1931, Vicente Nigro Júnior teve projetos vinculados ao *Mission Style* publicados em vários periódicos. Na edição de número 9, de janeiro de 1939, da *Acrópole*, a residência de *Raffaelina Di Gaimo*, à rua Estados Unidos, revela um projeto de referências *Arts and Crafts* aliado a muitos detalhes missionários, numa inusitada conjugação (ACRÓPOLE, 1939, n. 9: 17-22). Ainda em 1939, a revista publicou a residência do “*Dr. Julien Fouque em Porto Feliz*”, como explicou, “*M.D. Gerente da ‘Société de Sucrieries Brésilienne’*” [sic]. Esta residência expunha vários elementos da sobriedade do *Missões*, como pouca ornamentação, arcadas e cornijas arrematando o telhado, sem beirais (ACRÓPOLE, 1939, n.12: 23-25). Ainda da lavra deste profissional, a revista publicou dois outros projetos com citações ornamentais do *Mission Style*, mas que incorporaram modismos, além de não serem bem resolvidas espacialmente: a residência de Jurandyr V. Campos, divulgada em agosto de 1939, e a residência à Avenida Rebouças, 119, exibida no número 23, em março de 1940

(ACRÓPOLE, 1939, n.16: 9-14; ACRÓPOLE, 1940, n.23: 9-13).

Mais um mackenzista a se valer do *missões* em sua vida profissional foi Plínio Botelho do Amaral. No âmbito das edificações coletivas edificadas dentro dessa linguagem figurou, na *Revista Politécnica*, o “*Projecto para a Séde do Tennis Club Paulista*” (REVISTA POLITÉCNICA, n. 102, 1931). Este projeto se desenvolvia em dois corpos, cobertos por telhado de telhas cerâmicas capa e canal. Ao centro, ficava a entrada principal que assumia tal função por ser demarcada por um frontão curvilíneo arrematado por uma cornija simples, bem aos moldes dos edifícios das missões da *Alta California*. Ainda dialogando, mesmo que sutilmente, com a arquitetura *Pueblo*, de origem texana, é possível ver uma seqüência de peças, de madeira que remetem às terças usadas no madeiramento do telhado, que foram postas à mostra, criando movimentação na fachada pelo jogo de luz e sombras. É possível ver a utilização de serralheria artística arrematando duas das janelas ali encontradas e um banco de argamassa revestido de azulejos. O conjunto do projeto de Amaral foi apresentado numa aquarela onde se percebe, também, referências às publicações norte-americanas congêneres. Nessa aquarela são vistas muitas palmeiras e a utilização de cactáceas como recursos paisagísticos (REVISTA POLITÉCNICA, n. 102, 1931).

Mais um trabalho saído das pranchetas de mackenzistas foi o Aeroporto de Poços de Caldas, estância hidromineral mineira, projetado pela firma Richter & Lotufo e divulgado na revista *Acrópole*, em sua edição de março de 1940. Otávio Lotufo era engenheiro-arquiteto formado pelo Mackenzie, por volta de 1931. Como dizia a legenda das fotografias do aeroporto, “*o estilo pitoresco adotado, combinando com o aspecto da região, tornou a estação, mais um ponto de recreio para os turistas*” (ACRÓPOLE, 1940, n. 23: 1-5). Esta legenda denuncia que a cidade possuía já uma grande concentração de construções vazadas dentro dos estilos pitorescos, dos quais faziam parte o normando, o tudor, o *neocolonial* e suas variantes hispânicas. Mas, mais que isso, deve-se expor que os primeiros aeroportos construídos no interior do país, de norte a sul, valeram-se dos apelos imagéticos da arquitetura californiana.⁶⁹ Isso é facilmente explicado. Se for verificado o quadro 5, onde algumas das matérias da revista *California: Arts and Architecture* foram elencadas, será visto que a costa oeste norte-americana, sobretudo *Los Angeles*, possuía, já nos anos 1930, a maior concentração de aeroportos daquele país. Muitos, inclusive, foram divulgados no Brasil, quer por meio de revistas estadunidenses, quer por revistas nacionais. Como os mackenzistas, pelo que transparece pelo diário de Miguel Forte, tinham conhecimento e, possivelmente, acesso à citada revista dos Estados Unidos, não parece mera coincidência cotejar os ângulos das fotografias vistas em *Acrópole*

⁶⁹ Um estudo sobre esses espaços seria interessante e permitiria comparar o racionalismo do aeroporto Santos Dumont, do Rio de Janeiro, com seus congêneres. Projetos dentro da linha californiana de aeroportos são as antigas bases aéreas de Salvador, de Cumbica, de Curitiba, de Belo Horizonte, de São Luís, de Ribeirão Preto, de Bauru, entre outros.



CALIFORNIA LEADS IN AIRPORTS

Romantic Spanish architecture, heretofore gloried in California missions, now assumes modern aspects with its incorporation into the design of an aviation hangar recently completed for the Curtiss-Wright Flying Service at the Los Angeles Municipal Airport. A Mission-style tower, cloistered arches, and other typically Hispanic touches happily modify the utilitarian with the romantic. Lavish appointments for student fliers, Monterey furniture, luxurious offices, and hangar space for twelve planes are other features.

Gable and Wyatt, architects, designed this new addition to the growing list of airports in California. It is interesting to note that A. C. Zimmerman and W. H. Harrison, associated architects and engineers of Los Angeles, have been awarded first prize of \$5000 in a recent national competition for an airport. Architects H. Roy Selley of Los Angeles and Virgil Westbrook of San Clemente each received honorable mention for their designs.

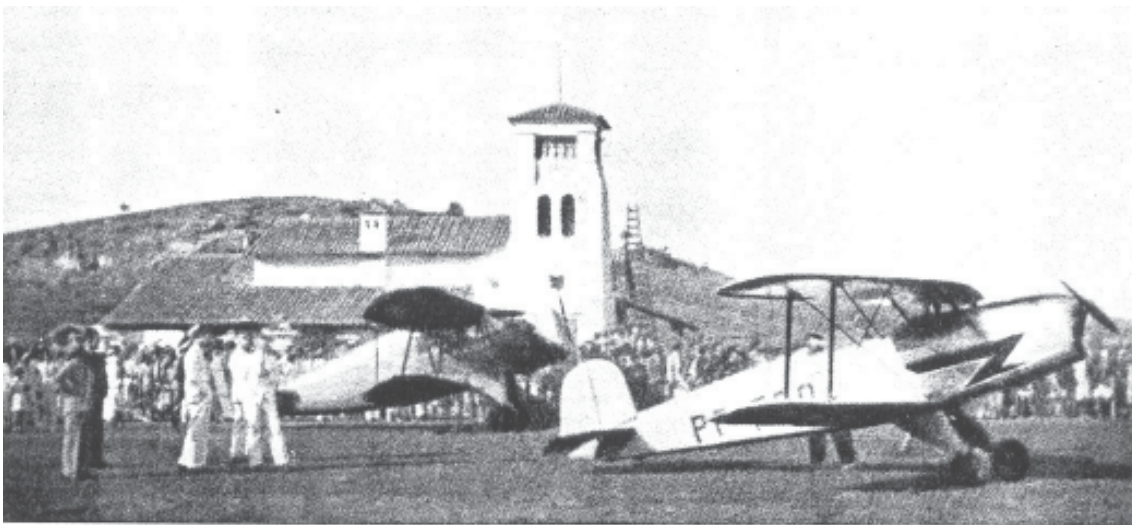


Fig. 338 e 340 - Imagens de uma reportagem da revista **California: Arts and Architecture** sobre o desenvolvimento aeroportuário da Califórnia. Fonte: CALIFORNIA: ARTS AND ARCHITECTURE, Feb, 1930.

Fig. 339 - Imagem em que se pode ver a inauguração do aeroporto de Poços de Caldas / MG, com edifício missões, ao fundo, e aviões monomotores. O projeto é de Richter e Lotufo. Fonte: ACRÓPOLE, n. 23, mar, 1940.

THE STUDY OF ARCHITECTURAL DESIGN

WITH SPECIAL REFERENCE TO
THE PROGRAM OF THE BEAUX-ARTS INSTITUTE OF DESIGN

By
JOHN F. HARBESON, A. I. A.

*Assistant Professor in Architectural Design, School of Fine Arts, University of Pennsylvania
Formerly, Department of Architecture, Pennsylvania Academy of the Fine Arts
Formerly, Patron, T Square Club, Atelier*

Foreword by
LLOYD WARREN



THE PENCIL POINTS LIBRARY

THE PENCIL POINTS PRESS, INC.
NEW YORK, 1924

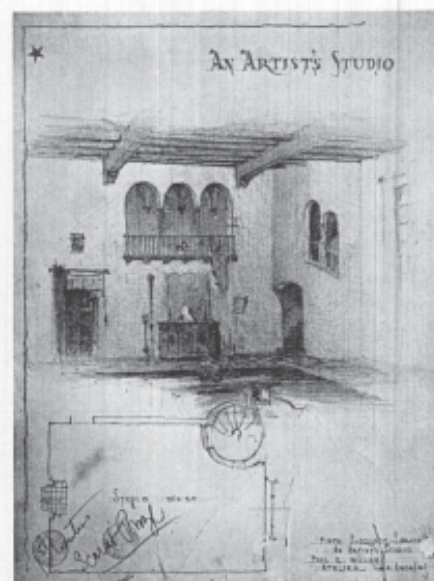


Figure 311. Class B Esquisse-Enquise. "An Artist's Studio."
By Paul R. Williams, Scarab Prize, Atelier Los Angeles.

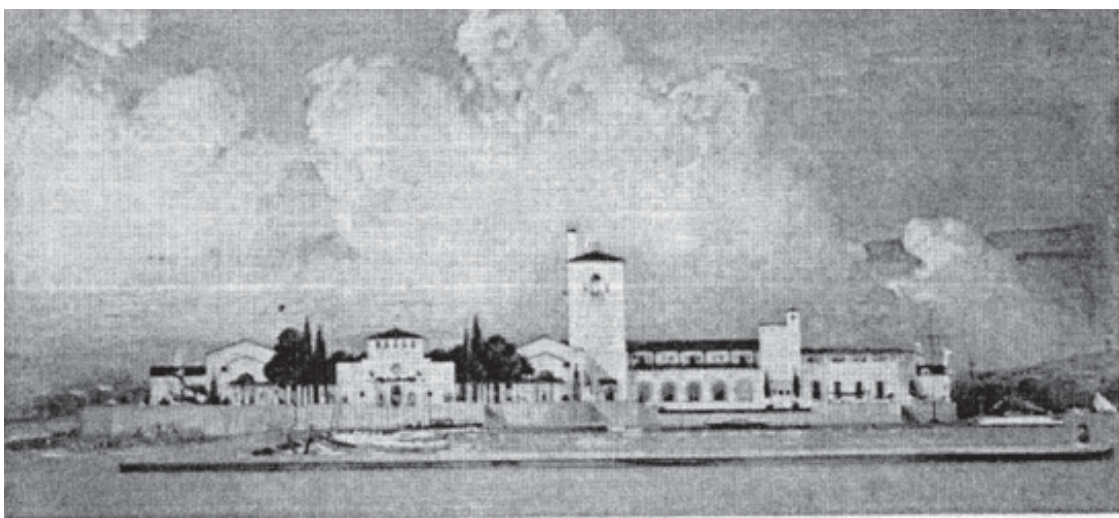


Figure 236. "A Yacht Club in Florida", by Darwin H. Urffer.

Fig. 341 a 343 - Capa e excertos do livro de John F. Harbeson, *The study of architectural design, with special reference to the program of the Beaux-Arts Institute of Design*, de 1927, em que se enfatiza a projeção de edificações dentro dos princípios do Mission Style. Fonte: HARBESON, 1927.

e na *California: Arts and Architecture* (CALIFORNIA: ARTS AND ARCHITECTURE, 1932).

Participando da construção dos espaços urbanos da metrópole em formação, os engenheiros-arquitetos diplomados no Mackenzie College ajudaram a introduzir signos do mundo norte-americano no país, como os arranha-céus, mas, também, a fixar elementos de uma arquitetura que se poderia chamar de pan-americana: o colonial, sobretudo a denominada *Mission Style*. De fato, resta mostrar como se deu essa propagação em solo brasileiro, longe das salas de aula.

■ 4.4 – A Disseminação de projetistas e de manuais de um neocolonial segundo o “gosto norte-americano”

“Com a crescente popularidade da ‘Arquitetura Espanhola’ nos Estados Unidos surgiu a demanda por um livro que pudesse contribuir, em curto espaço e com termos simples, a salientar as características desse adorável estilo.”

Rexford Newcomb, 1927.⁷⁰

Mostraram-se, até aqui, alguns dos caminhos percorridos pela arquitetura neocolonial, especialmente daquela chamada estilo missões. Tratou-se do universo acadêmico com a investigação da formação de repertório de docentes e de engenheiros e arquitetos.⁷¹ Entretanto, é necessário enfatizar, também, a maneira como uma produção “erudita” de arquitetura se dissemina em uma sociedade receptiva, consolidando e amplificando a adesão a opções estéticas. Esta investigação, no caso da análise do *Mission Style*, é importante, pois considerável parcela das edificações encontradas nos levantamentos foi feita por mestres de obras e por construtores, sem a presença de um arquiteto ou engenheiro. Estes mestres de obras e construtores realizaram uma “*tradução espacial*” de edificações vistas em revistas de construção, em filmes ou em outros prédios vazados por profissionais que receberam uma formação acadêmica e ampliaram as escalas de difusão do *Mission Style*, no Brasil, ao se coadunar à deles.

Desta forma, tentando entender, também, os caminhos não acadêmicos percorridos pela arquitetura neocolonial de ascendência norte-americana, procedeu-se a uma investigação das publicações que, além de terem servido a engenheiros e arquitetos, voltaram-se, ainda, a mestres de obras e a potenciais proprietários, os quais ajudaram a disseminar, de norte a sul do Brasil, o missões. Pelo exposto, convém

⁷⁰ No original: “with the growing popularity of Spanish Architecture in the United States has come the demand for a book that would set forth in short space and easy terms the salient features of this lovable style.”

⁷¹ Embora fosse oferecido dentro de uma Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, o grau conferido aos concluintes daquela instituição era o de *engenheiro-arquiteto*, como no Mackenzie e na Escola Politécnica.

tratar de algumas outras trajetórias que ajudem a compreender as razões dessa arquitetura ter sido encontrada em tantas regiões diversas. A primeira consideração, nesta linha, faz com que se retorne às instituições de ensino já analisadas para mostrar onde alguns de seus egressos atuaram profissionalmente.

Na pesquisa de campo, constatou-se que a cidade de Campinas, no interior de São Paulo, apresentava muitas edificações vazadas dentro dos *estilemas missioneiros*. Por meio da pesquisa bibliográfica tomou-se ciência do importante trabalho de um arquiteto, egresso da Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, que tivera atuação preponderante, por várias décadas, em Campinas, por seu trabalho como arquiteto. Esse arquiteto foi Mário de Camargo Penteadó,⁷² membro de família de proeminência em Campinas, cidade onde nascera, em 1905, como filho de José Ferreira Penteadó e de Alice de Camargo Penteadó. Em meados dos anos 1920, Mário Penteadó mudou-se de Campinas para se graduar no Rio, o que ocorreu em 1931.⁷³ A obra de Mario Penteadó só nos últimos tempos vem sendo estudada.⁷⁴ A contribuição mais importante para o conhecimento de suas atividades advém da dissertação de mestrado de Silvia Amaral Palazzi Zakia, defendida no Mestrado em Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em 2004. Por meio desta dissertação foi possível descobrir que o acervo de Penteadó havia sido doado por sua família ao Centro de Documentação do Curso de Arquitetura daquela universidade, permitindo, assim, sua análise e a descoberta da autoria de muitas obras vinculadas aos referentes do *Mission Style* e de suas conjugações com o neocolonial de fundo luso-brasileiro, em Campinas. Entretanto, a pesquisa no acervo revelou que poucas obras de Penteadó restam na cidade, mas as que perduram, ainda, se destacam pela qualidade de projeto, sobretudo em seus quesitos de implantação, de escala e de detalhamento. Grande parcela dessas obras vinculadas ao *Mission Style* foi feita para bairros em expansão, nos anos 1930, como o Cambuí e o Guanabara. Em 1934, como aponta Zakia, Penteadó construiu sua primeira obra dentro do repertório missioneiro, a residência Zelina Pontes Ferreira, à rua Conceição, 876 (ZAKIA, 2004). A casa, um sobrado para classe média, reproduz a planta típica das habitações daquele período, no Brasil, com grande segmentação e especialização funcional de seus espaços. Em termos de composição volumétrica, a residência também não se diferencia muito das congêneres construídas naqueles anos, entretanto, em termos de referências estilísticas, é clara a adoção consciente dos pressupostos missões: fachada movimentada com envasaduras dando a impressão de predomínio de cheios sobre vazios; uso de elementos de madeira torneada na conformação de janelas gradeadas, arcos para demarcação, tanto da entrada principal quanto para um *garde-cochère*, já que o carro havia se tornado parte do programa doméstico naqueles anos. Com partido projetual semelhante estão as casas que ele projetou e

⁷² Campinas atribuiu a Mário Penteadó a alcunha de autor da primeira casa modernista da cidade, feita assim que regressou do Rio de Janeiro, em 1932. Esta casa trazia referentes do que se convencionou chamar de *Art Déco*, e ficava num dos bairros de expansão do território da elite da cidade: o Cambuí. O título de autor da Casa Modernista Campineira tenta pôr Mário Penteadó na mesma posição de destaque de *Gregori Warchavchik*, considerado o autor da primeira casa modernista de São Paulo, em 1927, (casa da rua Santa Cruz, na Vila Mariana). Para maiores discussões sobre Mário Penteadó e a Casa Modernista de Campinas, consultar a dissertação de Zakia (2004).

⁷³ Outro aluno egresso da ENBA a trabalhar em Campinas foi Eduardo Edargé Badaró, que se tornou importante personagem no processo de transformação urbana na cidade,

deflagrado com o *Plano de Melhoramentos Urbanos*, levado a termo por *Francisco Prestes Maia*. Badaró parece ter se formado em meados da década de 1930, e sua chegada a Campinas, segundo informa Zakia, se deu por indicação de *Lucio Costa*. Na cidade, ele assumiu, a convite de Prestes Maia, o cargo de Diretor do *Departamento de Obras e Viação* (ZAKIA, 2004). Na mesma turma de Penteadó, como mostra, ainda, Zakia, estavam *Carlos Leão*, *Alcides da Rocha Miranda*, *Luiz Carlos Nunes de Souza*, *Luiz Eduardo Frias de Moura*, *Firmino Saldanha*, *Ângelo Alberto Murgel* e *Benedito Barros* (ZAKIA, 2004: 251).

⁷⁴ Penteadó é personagem histórico que trabalhou como arquiteto de muitas obras, além de ter sido vereador, membro do *Rotary Club* campineiro e técnico atuante no planejamento daquela cidade.

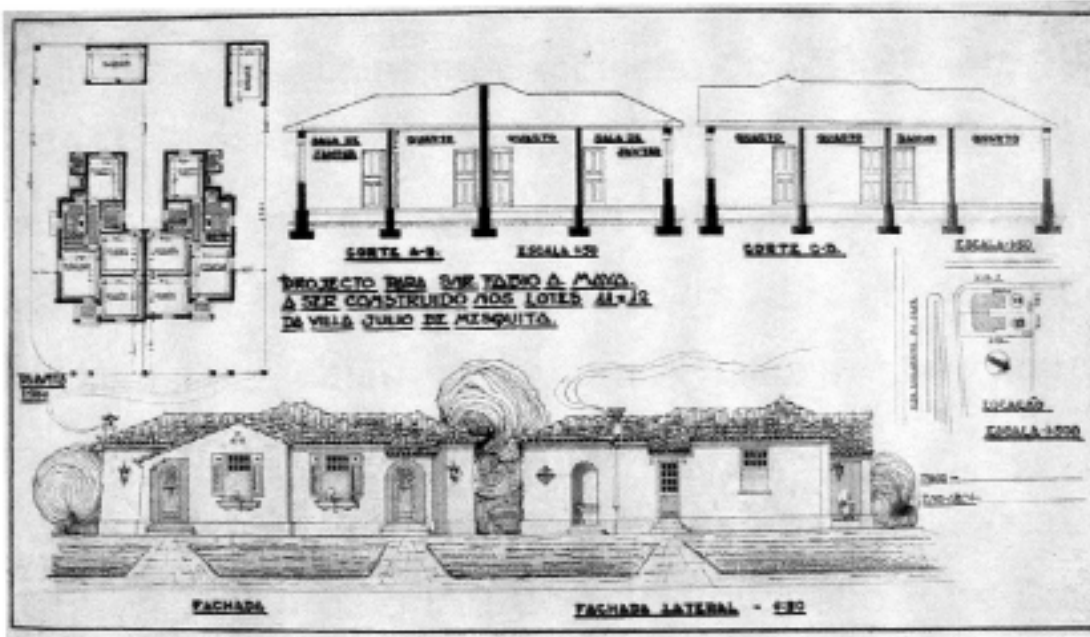
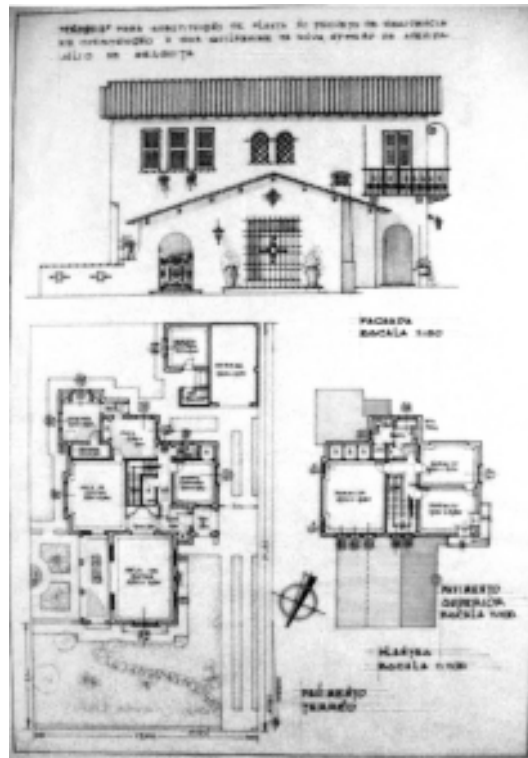


Fig. 344 a 346 - Projetos de Mario Pentead, ex-aluno da ENBA, para Campinas / SP. Fonte: ZAKIA, 2004.

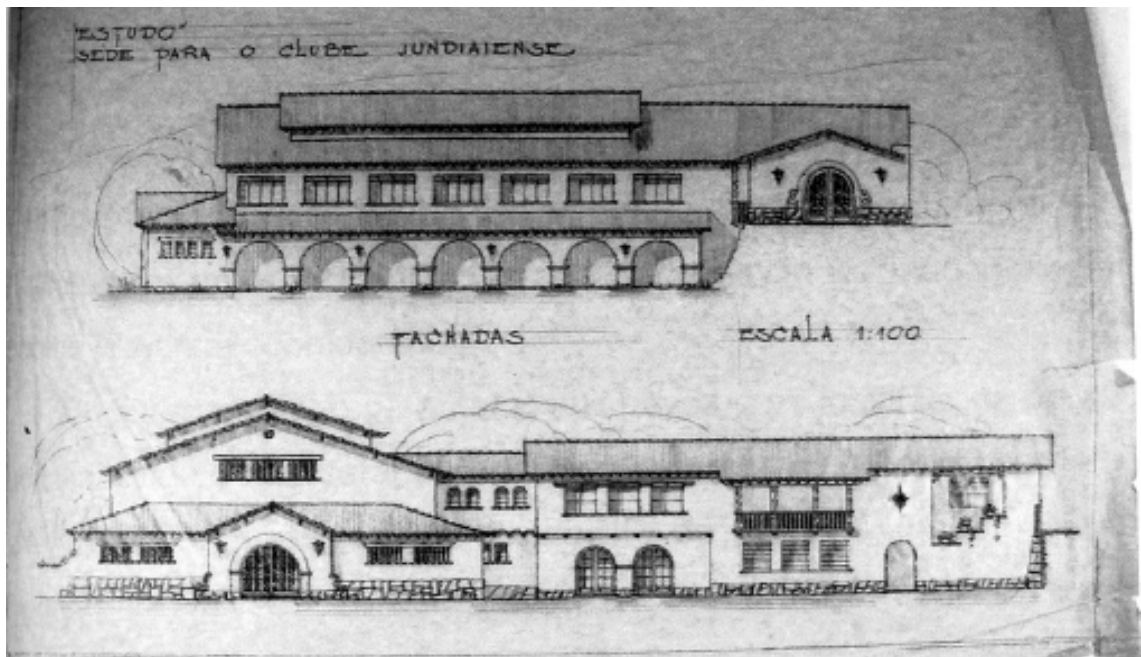


Fig. 347 a 349 - Projetos de Mario Pentead, ex-aluno da ENBA, para uma residência em Campinas / SP, para o Clube Jundiaense, em Jundiá / SP e para a residência Queiroz, em Campinas / SP, usada na capa desta tese. Fonte: ZAKIA, 2004; CEAD - PUCC.

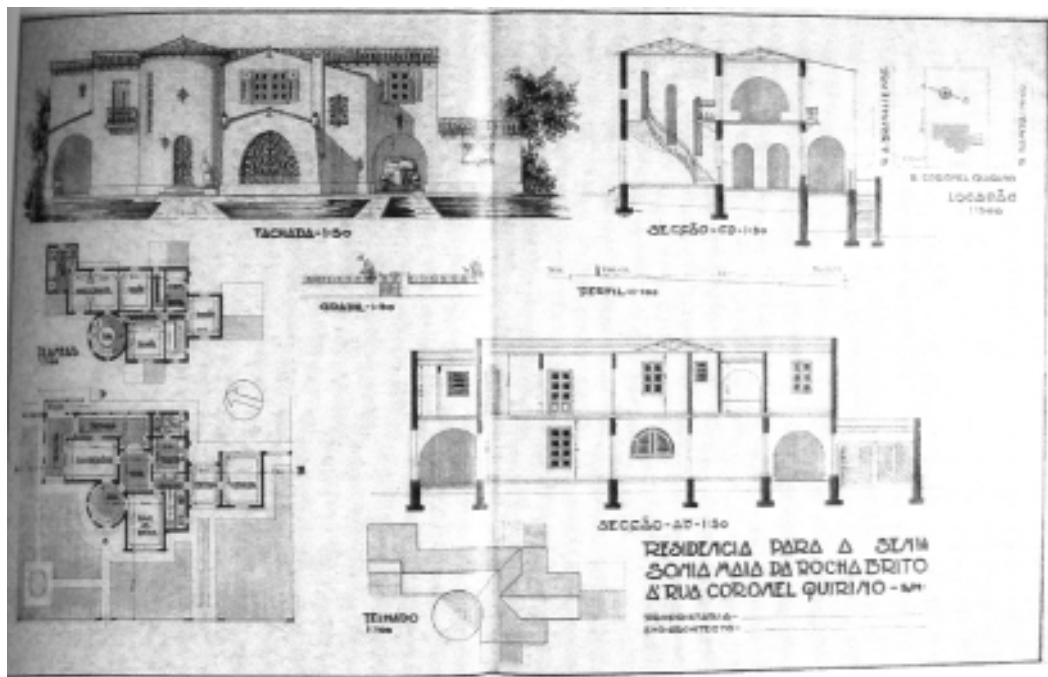
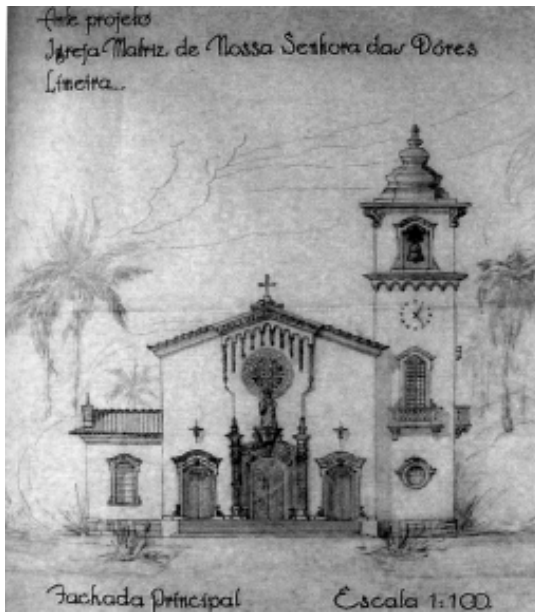


Fig. 350 e 352 - Igrejas projetadas por Mario Penteado, para Limeira e Cosmópolis, cidades do interior paulista, com referentes missionários. Fonte: ZAKIA, 2004; Fernando Atique, 2000.

Fig. 351 - residência missões projetada por Mario Penteado para Campinas / SP. Fonte: ZAKIA, 2004.

construiu para Silvino de Godoy, Francisco Andrade Nogueira e Tarcílio Correa, todas, em 1937.

Ainda em 1934, Penteado projetou um conjunto de seis casas, possivelmente para renda, para o senhor Lafayette Álvaro, à rua Senador Saraiva, na esquina com a rua Barreto Leme, no centro de Campinas. A solução adotada foi a “*geminção*” das residências em dois blocos de três casas cada. Dentro de uma engenhosa solução, as construções foram conformadas por um único telhado, comum a cada três unidades, mas conservaram, visualmente, a independência, mediante a criação de frontispícios únicos para cada uma, que interceptam o telhado e geram a impressão de propriedades isoladas. Nesses frontispícios foram dispostas as aberturas (janelas e porta-janela) e alguns ornamentos em serralheria artística. A entrada de cada residência ficou determinada pela lateral, por meio de um arco que conduz à porta. Este agenciamento espacial ficou muito comum no Brasil e, em especial, em Campinas, onde Penteado realizou algumas outras obras geminadas para renda: dois conjuntos para Fabio Maia, em 1935; duas casas para Ricardo Manarini, em 1943; duas residências à rua Santa Cruz, em 1945, e três casas à rua Coronel Quirino, em 1947, para Armando do Valle Bastos, e, ainda, outras sete residências para Ricardo Manarini, em 1949.

Fora estas, destinadas a um público de renda média e média baixa, foi possível identificar, por meio da pesquisa no acervo da PUCC, residências de alto padrão projetadas por Penteado: a residência Sonia Maria Rocha Brito, de 1936, com área superior a 150 m², e com volumetria extremamente recortada, na qual comparece até mesmo um torreão demarcando a caixa de escada e a entrada principal; a casa para Oswaldo Lima, de 1937; a obra para Leôncio Queiroz, de 1939; a habitação para Vicente Silva, de 1940; a casa para Ampélio Gazeta; a residência Oswaldo de Rezende, de 1942; a moradia de José Paiva de Oliveira, de 1944; e a casa destinada à Leda Manarini, de 1945.

Penteado também projetou algumas edificações dentro do repertório luso-brasileiro e outras, dentro do *Mission Style*, que fugiram do programa habitacional. Nesta última linha, podem ser apontados seus projetos para a igreja matriz de Cosmópolis, de 1956, construída em cima de antigo templo feito pelo escritório de Ramos de Azevedo, nos anos 1910; a igreja matriz de Limeira, que ostenta a fusão dos estilemas luso-brasileiros com hispano-americanos; o projeto da sede social do Clube Jundiaense, de 1940, e o Hotel da Companhia Paulista de Transportes, na cidade paulista de Tupã, interior do estado, riscado na década de 1940.

Esses projetos e obras mostram um nível de concepção espacial elevado, pois traduzem, com grande requinte de detalhes, elementos e partidos arquitetônicos muito próximos daqueles realizados nos Estados Unidos, em outros países do continente americano e na então capital federal, o Rio de Janeiro. É impossível não apontar que o estilo missões saído da pena de Penteadado traz concepções arquitetônicas próximas às verificadas, também, em outros antigos alunos da ENBA. Por exemplo, Frederico Faro Filho, formado em princípio da década de 1920, era dono de um escritório muito atuante no Rio de Janeiro, nas décadas de 1930 e 1940, e também professor na ENBA. Encontraram-se muitas obras saídas de sua prancheta, em revistas brasileiras. Grande número de matérias foram exibidas pela revista oficial do Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB - a **Arquitetura e Urbanismo**, nas décadas citadas. Fora as residências projetadas por ele, uma obra que aproxima a produção de Faro Filho com a de Mario Penteadado é o projeto da igreja Nossa Senhora do Brasil. Projetada em 1925, e concluída em 1934, esta igreja tornou-se a matriz do bairro carioca da Urca, celeiro de edificações missões.⁷⁵ Faro Filho criou um projeto que explicita inúmeras referências a igrejas de missões franciscanas, especialmente na ornamentação de sabor barroco aplicada sobre as empenas brancas.⁷⁶ É impossível não comparar, por exemplo, a pequena igreja da Urca com a igreja da *missão San Xavier Del Bac*, no *Arizona*, e, mais ainda, com a *Saint Vincent Church*, em *Los Angeles*, projeto de *Albert Martin*, terminada em 1925 e divulgada em muitos dos periódicos já analisados (CALIFORNIA: ARTS AND ARCHITECTURE, 1926, n.2: 26). A igreja matriz de Cosmópolis, de Penteadado, dos anos 1950, apresenta partido semelhante a esta congênera carioca, muito embora seja resolvida em um só plano, sem a necessidade de verticalização. Mais do que propor certa ascendência deste projeto paulista à igreja da Urca convém mostrar a mobilização de um repertório comum, que são as igrejas vazadas aos moldes missionários, dentre alunos saídos da mesma instituição de ensino, no caso, a ENBA.

Outros arquitetos ligados à ENBA que tiveram obras missões publicadas pela revista **Arquitetura e Urbanismo**, naqueles anos, foram Paulo Pires, professor da ENBA, e seu sócio, Paulo Santos,⁷⁷ futuro docente do curso de Arquitetura da Universidade do Brasil. Esta dupla publicou a residência feita para Álvaro Lourenço Jorge, na edição de maio-junho de 1939, onde empregou, além de madeiramento à mostra nos forros de vários cômodos, um guarda-corpo semelhante ao utilizado por Edgard Vianna nas casas da rua Mauá, nos anos 1920, todo baseado em volutas e contra-volutas. Os arquitetos empregaram, também, janelas à moda de gelosias, além de arcadas, toldos listrados e telhados sem beirais, demonstrando elegante composição dos estilemas missionários (ARQUITETURA E URBANISMO, 1939, mai - jun: 499 – 501). Outra obra saída das pranchetas desse escritório foi a residência de Martin A. Kock, divulgada,

⁷⁵ Arquitetos que também foram contemplados com edificações *missões* publicadas na *Arquitetura e Urbanismo*, mas dos quais não se sabe a procedência educacional, embora se suspeite serem egressos da ENBA, foram Miguel Barroso do Amaral, com a casa à rua Fonte da Saudade, 329, na Urca, no Rio de Janeiro (ARQUITETURA E URBANISMO, 1938, n.13: 74 – 75) e Eduardo Souto de Oliveira, com “*residência Pitoresca*” na mesma via, sob o número 234 (ARQUITETURA E URBANISMO, 1939, jul – ago: 570 - 571). Estas duas são apenas dois exemplos de edificações publicadas, de casas do bairro, mas o universo de casas dessa linha é bem maior.

⁷⁶ Também dentro do repertório típico do *Mission Style*, Frederico Faro Filho projetou a residência de alto padrão para João Daltro Filho, publicada na edição de Maio e Junho de

1937 da *Arquitetura e Urbanismo*.

⁷⁷ Nascido em 1904, Paulo Ferreira Santos formou-se arquiteto pela Escola Nacional de Belas Artes, no começo da década de 1920. Dono de um escritório de arquitetura muito atuante no Rio de Janeiro, foi sócio de Paulo Pires, que lecionava na ENBA. Nos anos 1930 Paulo Santos tornou-se arquiteto no curso de Arquitetura da Universidade do Brasil, posto que ocupou por anos. Pesquisador de grande erudição, publicou muitos estudos sobre o Brasil, quer no que se refere à história das formas arquitetônicas, quer das formas urbanas. Sua biblioteca, presente no Paço Imperial, no Rio de Janeiro, permite pesquisas as mais diversas valendo-se da pluralidade de títulos ali reunidos. Ao seu acervo original foram acoplados outros, de seus contemporâneos de ENBA. As atividades de pesquisa ali desenvolvidas foram de capital importância para

alguns anos antes, em 1937. Apesar de os arquitetos terem escrito, no pequeno texto que acompanhava as fotos e peças gráficas da reportagem, que a casa era um exemplar vinculado aos aspectos arquitetônicos da época medieval, mesclando-os com elementos românticos – referências impossíveis de serem vistas em qualquer parte da construção –, a edificação era, de fato, uma residência de alto-padrão vazada dentro dos ditames missionários, com as arcadas conformadas por colunas torsas, o emprego de um torreão no flanco do arcabouço, a quase inexistência de beirais, a especificação de reboco áspero, dentre outros estilemas que permitem essa afirmação (ARQUITETURA E URBANISMO, 1937, n.6: 5 – 10).

Deve-se citar, ainda, o arquiteto Roberto Magno de Carvalho que desenvolveu sua própria casa dentro do repertório missões. Publicada em 1939, na mesma **Arquitetura e Urbanismo**, a casa apresenta um programa compacto, e poderia estar em qualquer localidade, quer nos Estados Unidos, quer nos demais países latinos, em que a produção de neocolonial hispano-americano encontrou campo, pela sua extrema elegância e adesão aos preceitos compositivos (ARQUITETURA E URBANISMO, 1939, jul - ago: 590 – 591). Também em 1939 divulgou o projeto missões feito por este arquiteto ao cliente João Antonio da Cunha, intitulado: “*Casa para Renda em terreno de 10 por 13 metros*”. Como já se afirmou, a utilização do *estilo missões* como estética para casas de aluguel foi muito comum entre as décadas de 1920 e 1940 (ARQUITETURA E URBANISMO, 1939, mai – jun: 515 - 516).

Devem-se tecer comentários, ainda, sobre o arquiteto Raphael Galvão que, no período posterior à sua separação do escritório com Edgard Vianna, continuou a projetar edifícios neocoloniais e, sobretudo missões. Exemplo é a propriedade projetada para Rivadavia Correa Meyer, divulgada pela citada revista, em 1937. Projeto de planta pouco resolvida para uma residência, sobretudo por força dos torreões a ela acoplados, a casa é, entretanto, um típico exemplar de arquitetura missões praticada no Rio de Janeiro, em seus aspectos volumétricos, como o trabalho de Nora Geoffroy demonstra (ARQUITETURA E URBANISMO, 1937, n.9: 184 – 185; GEOFFROY, 2004).

Complementando esse quadro de arquitetos egressos da ENBA, deve-se falar de Ângelo Alberto Murgel. Em 1938, ele publicou alguns esboços de uma residência missões, na **Arquitetura e Urbanismo**, que mostra o emprego de soluções compositivas de maneira muito elegante (ARQUITETURA E URBANISMO, n.17: 316 – 317). Aliás, Murgel teve uma prolífica atuação dentro dos referentes neocoloniais, sobretudo do *Mission Style*. De sua prancheta saíram edifícios imponentes como as sedes dos parques nacionais do

esta tese, já que ali foram encontradas todas as revistas citadas, muitos títulos de livros norte-americanos e nacionais, além de catálogos ligados ao *Mission Style*, do qual foi um dos projetistas mais elegantes e um dos críticos mais sempre-conceitos. Paulo Santos faleceu em 1988.

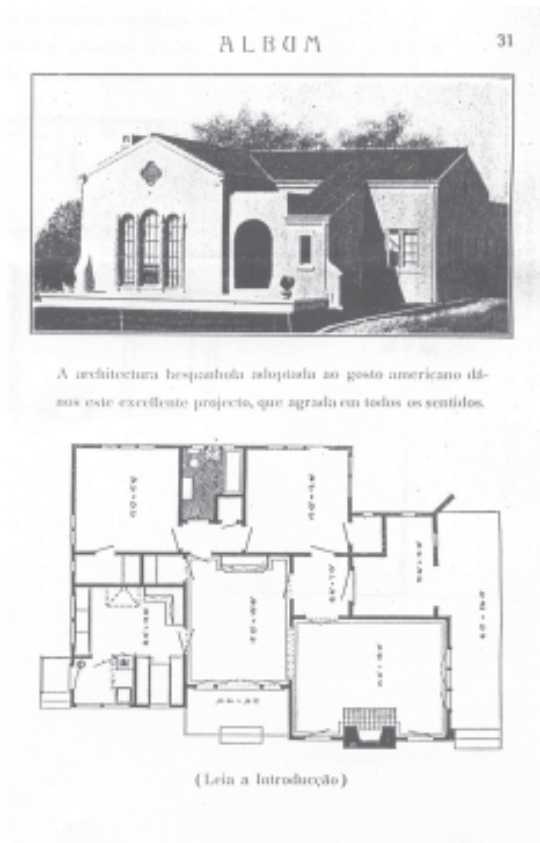
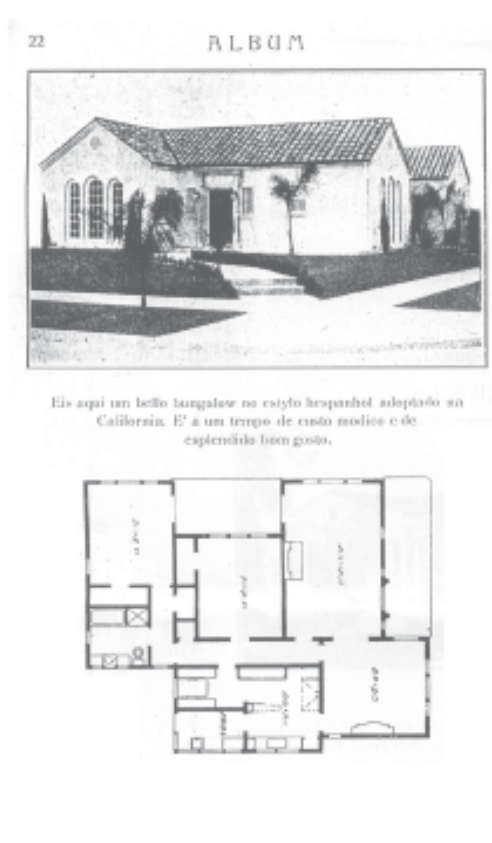


Fig. 353 e 355 - Excertos do *Album de Casas de Estylo*, publicado por Conceição e Cia., nos quais se pode ler as explícitas referências à California. Fonte: ALBUM DE CASAS DE ESTYLO, s/d.

Fig. 354 - Capa da publicação de Jader Passarinho, na qual se percebe uma edificação missões. Fonte: PASSARINHO, 1942.

Fig. 356 - propaganda de engenheiro civil, na revista *A Casa*, aproveitando tema missioneiro. Fonte: A CASA, n. 39, 1927.

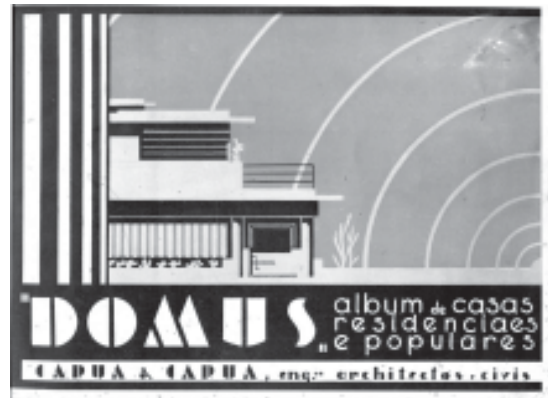
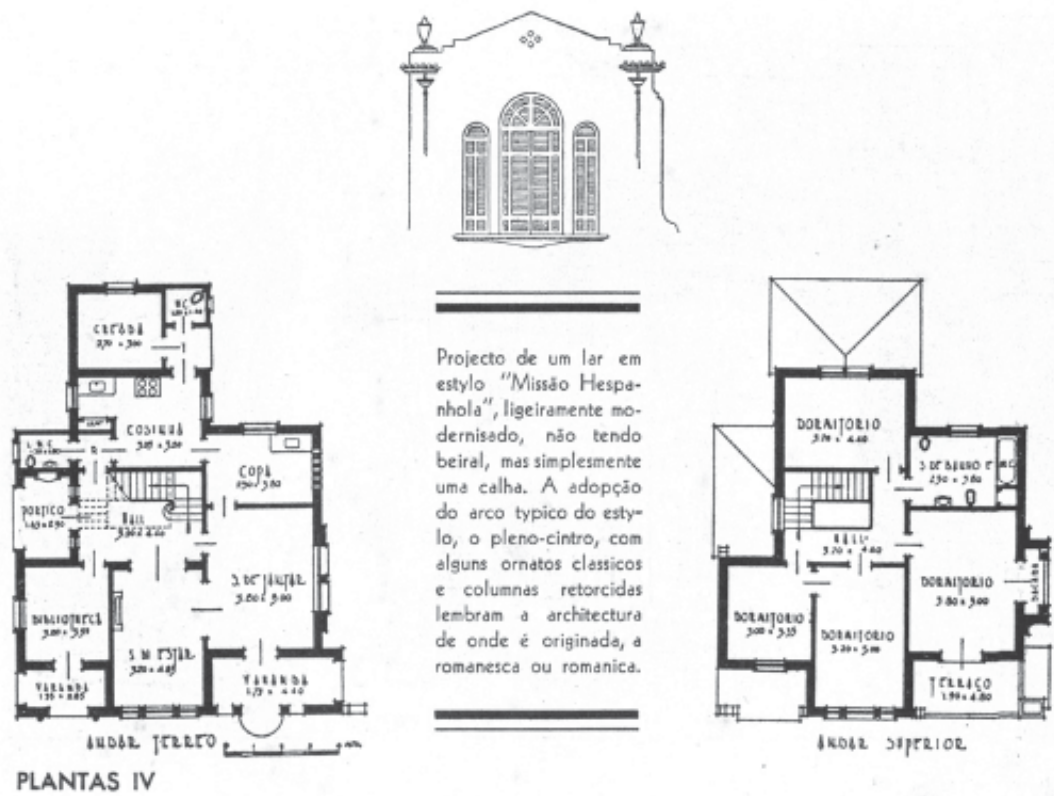


Fig. 357 a 359 - Excertos do catálogo publicado por Capua & Capua, intitulado *Domus: album de casas residenciaes e populares*. Fonte: CAPUA & CAPUA, c. 1935.

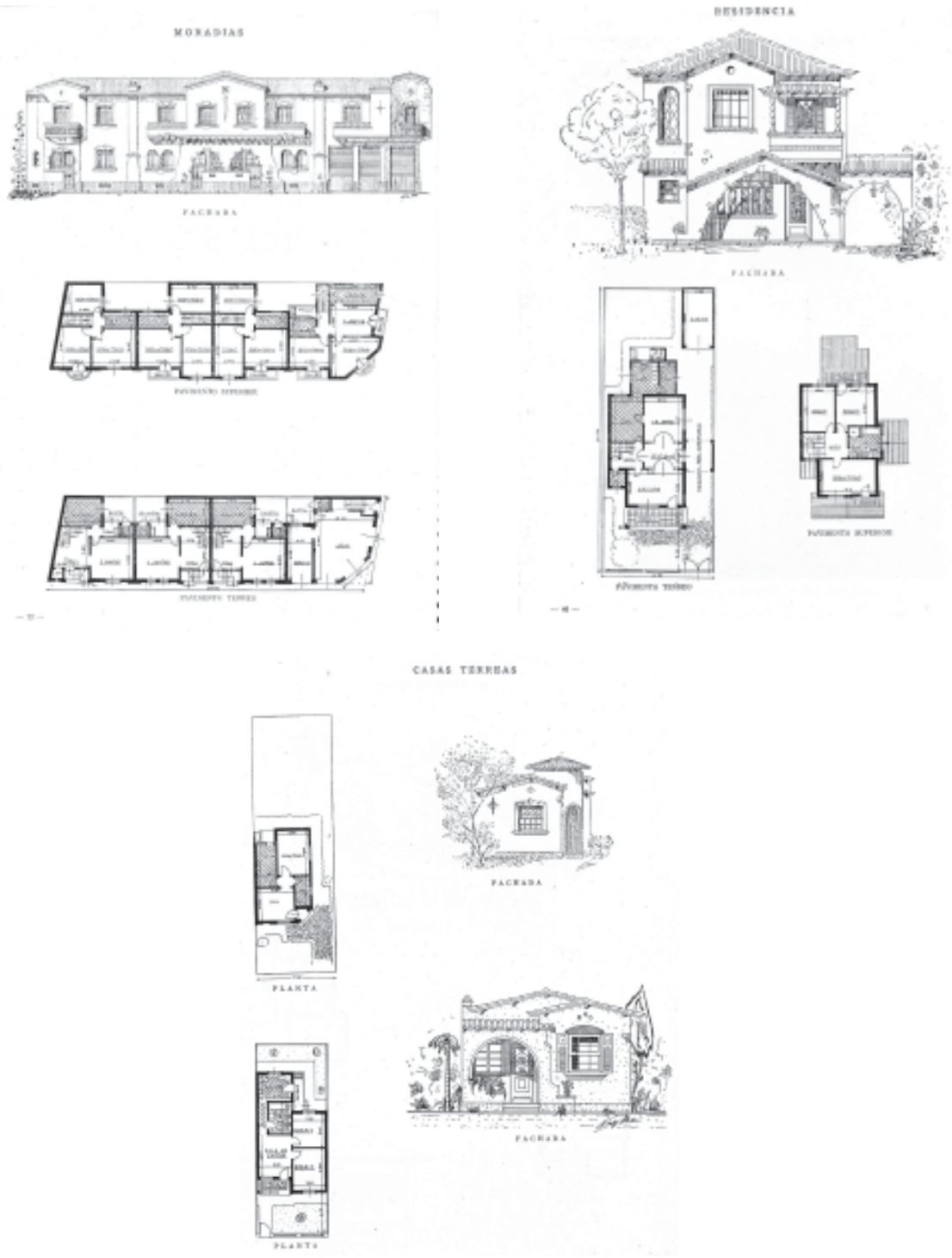


Fig. 360 a 362 - Excertos do catálogo publicado por Luiz Muzzi, com diferentes arranjos espaciais, todos, vazados dentro dos princípios do "Mission Style". Fonte: MUZZI, c. 1941.

Itatiaia, no Rio de Janeiro, e de Foz do Iguaçu, no Paraná. O aeroporto desta cidade turística paranaense também foi por ele projetado e executado, além do campus da atual Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em Seropédica. Todos estes projetos datam das décadas de 1930 e 1940 e mostram o pleno conhecimento do arquiteto acerca da arquitetura utilizada em programas iguais, pelas Américas.

A **Arquitetura e Urbanismo** também mostrou muitas outras obras missões, sobretudo no Rio de Janeiro, como as residências projetadas para João Daudt de Oliveira e para Adelaide Daudt de Oliveira por Lucio Costa e Fernando Valentim,⁷⁸ publicadas na edição de número 16, do bimestre setembro – outubro de 1938. As casas, vizinhas, ocupam grande gleba e, apesar de terem plantas estruturadas segundo as regras compositivas do “*morar à francesa*”,⁷⁹ são bons exemplos da arquitetura missioneira. Intermediando as duas residências, bem ao fundo de um eixo principal, os arquitetos, sócios à época, colocaram uma fonte explicitando as referências ao estilo missões, empregadas em todo o projeto (ARQUITETURA E URBANISMO, 1938, n.16: 238-250). Valendo-se de telhados sem beiral algum, de arcos *mudejares*, de toldos listrados - os quais, a partir da efetiva introdução de referências mediterrâneas ao escopo de elementos missões, nos Estados Unidos, também se propagaram como mais uma de suas características - , as duas residências mostram que Lucio Costa, adepto do neocolonial na década de 1920, e arquiteto que se referenciaria à arquitetura colonial brasileira em muitas obras futuras, também soube projetar dentro dos princípios compositivos do *Mission Style*, algo que negaria depois de sua auto-propalada conversão ao ideário moderno.

Até mesmo um arquiteto britânico radicado no Brasil, desde a década de 1920, projetou valendo-se da estética do *Mission Style*. *Robert Prentice* desenvolveu uma residência em Copacabana, nos anos 1930, na qual empregou, nitidamente, os elementos missões, inclusive um pátio interno com fonte, portada de sabor barroco e muitas ornamentações, tanto externamente, quanto em seu interior (ARQUITETURA E URBANISMO, 1938, n.12: 16 – 21).

Com referência ao emprego da arquitetura missões em casas operárias de vilas e núcleos fabris no Brasil, não se pode deixar de mostrar a relevância do núcleo voltado à produção de sapatos em Piracaia, interior do estado de São Paulo. O núcleo habitacional Batatuba, ligado à indústria Sapaco, foi criado e mantido pelo imigrante tcheco, radicado no Brasil, *Jan Antonin Bata*, que construiu 120 casas dentro dos estilemas missioneiros, empregando-os quer nas casas operárias mais simples, quer na do gerente do empreendimento.

⁷⁸ A arquiteta Nora Geoffroy, em sua pesquisa de doutoramento, descobriu outros dois projetos dessa dupla a seguir os preceitos missioneiros: a residência Álvaro Alberto à rua Barata Ribeiro, de 1927, com área total edificada de quase 500 m², e uma casa no Distrito da Glória, de 1926, cujo construtor foi Carlos Del Negro, professor da ENBA e projetista afinado com o *Mission Style*. A área construída desta casa era de 233 m² (GEOFFROY, 2004: 233 – 236).

⁷⁹ Para uma apreensão mais densa do significado do “*morar à francesa*”, consultar *O Palacete Paulistano*, de 1996, de Maria Cecília Naclério Homem.

Apesar de não ter sido possível encontrar referências sobre o projetista deste núcleo, sabe-se que ele foi edificado em fins dos anos 1930, já que, em 1940, a indústria se encontrava em franca atividade. Sua descoberta, por meio de indicações de graduandos em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Francisco, permite afirmar que o *Mission Style* não foi usado dentro da ideologia que dominou o ecletismo de fins do século XIX, em que imigrantes enriquecidos pelas atividades agro-industriais faziam referências arquitetônicas aos seus países de origem (LEMOS, 1993).

Outras localidades que tiveram edificações do mundo fabril vinculadas ao *Mission Style* foram os núcleos de produção canaveira, tanto no Rio de Janeiro, quanto em São Paulo. A casa-sede da Usina São José, em Campos dos Goytacazes, projetada por Edgard Vianna, no final dos anos 1920, é um excelente exemplo disso. Esta casa, que utilizou o torreão como espaço panóptico, possui ares de fortaleza, fato favorecido pelo emprego dos estilemas missões, que remetem a antigos assentamentos com caráter religioso e defensivo. No interior de São Paulo, as usinas Bom Retiro, em Capivari, Cillo e Santa Bárbara, ambas em Santa Bárbara D'Oeste também possuem suas casas-sede ostentando a arquitetura *missões*. Conforme relata a arquiteta Gabriela Campagnol, muitas dessas edificações foram construídas ao longo dos anos de funcionamento dessas indústrias açucareiras, seguindo as referências arquitetônicas preponderantes no cenário cultural brasileiro (CAMPAGNOL, 2005). Também mostra que edificações como cinema e capela foram construídos na Usina Santa Bárbara, dentro do vocabulário missões (CAMPAGNOL, 2005). Encontrou-se em Araraquara, um estádio voltado à prática de esportes por operários, na Usina Tamoio, cuja edificação remonta à segunda metade da década de 1940.

Fora os núcleos açucareiros, foram encontradas vilas operárias com casas segundo o “*gosto norte-americano*” em Sobral, no interior do estado do Ceará. As casas edificadas para a Companhia Industrial de Algodão e Óleos S/A – CIDAÓ -, com sede em Recife, mas com extensa vila nesta cidade cearense, seguiam o *estilo missões*. Como elucidou Herbert Rocha por meio de seu livro *O Lado Esquerdo do Rio*, em meados dos anos 1940 “a CIDAÓ construiu algumas casas para as famílias de seus funcionários mais graduados no bairro Betânia,” em frente a sua fábrica (ROCHA, 2003: 184). Entretanto, Rocha não explicitou a autoria desse complexo, mas paira a suspeita de que o projeto tenha sido feito por algum profissional recifense, onde ficava a sede da empresa. Em Sobral, contudo, foi possível identificar diversas outras edificações construídas seguindo os preceitos do *Mission Style*. Como afirmou Rocha, a construção do Ideal Clube, em princípio dos anos 1940, consolidou o processo de cristalização das referências estadunidenses naquela

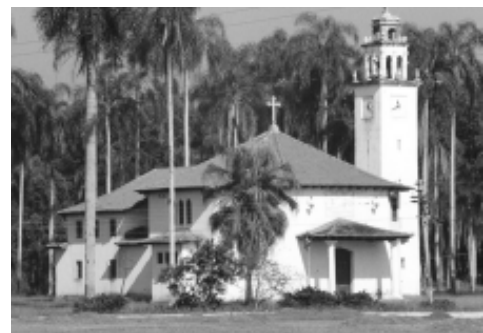


Fig. 363 e 367 - Duas casas do núcleo fabril da CIDAO, em Sobral / CE. Fonte: ROCHA, 2003.

Fig. 364, 368 e 369 - Residências do núcleo açucareiro da Usina de Cillo, em Santa Bárbara d'Oeste / SP. Fonte: CAMPAGNOL, 2005.

Fig. 365 - Vila Ferroviária, em Araraquara / SP. Foto: Fernando Atique, 2003.

Fig. 366 - Vila de casas na Fazenda Experimental do Instituto Agrônômico de Campinas / SP. Foto: Sandro Pizzicato, 2004.

Fig. 370 - Igreja do núcleo fabril Cícero Prado, em Pindamonhangaba / SP. Foto: Philip Gunn, 2002.



Fig. 371 a 375 - Imagens e levantamento métrico do núcleo fabril Batatuba, em Piracaia / SP, estabelecido pelo tcheco Jan Antonin Bata, nos anos 1940. Forte apelo ao estilo missões. Fontes e Fotos: João Luiz do Carmo, 2007; Maria Cristina Erdelyi, 2007.

localidade, fato perceptível nas residências de classe média da cidade, como a residência Walter Araújo, Gonzaga Melo, Antonio Regino Amaral e a residência Falb Rangel. Como mostra Rocha, Falb Rangel era “*desenhista do Departamento Nacional de Obras contra as Secas – DNOCS -, empresário de cinema, arquiteto autodidata, com registro no CREA/CE como engenheiro agrimensor*” (ROCHA, 2003: 202). As casas, com soluções bem próximas das encontradas no Rio de Janeiro e em São Paulo, são explicadas, em parte, pela proliferação das salas de cinema na cidade, desde os anos 1910, mas, também, pela referência imagética obtida por Falb Rangel por meio das “*revistas nacionais*”.

Até aqui se falou da importância das revistas norte-americanas na formação de repertório das instituições de ensino superior, sobretudo em arquitetura, no país. Comentou-se a importância das revistas ligadas ao universo específico de ação de arquitetos e de engenheiros, mas é preciso abrir espaço para tecer comentários sobre as revistas que, mais do que serem dirigidas para os profissionais diplomados, geraram clientes nos estratos médios da sociedade, alimentando o sonho da casa própria (NASCIMENTO, 2004: 19). Neste grupo, a pesquisa encontrou fortes e surpreendentes referências. A mais importante, sem dúvida, foi a revista **A Casa**.

Criada pelo arquiteto Ricardo Wriedt, em 1923, **A Casa**, logo em 1924, se tornou propriedade de Segadas & Cordeiro, empresa formada pelo engenheiro civil A. Segadas Vianna e pelo arquiteto J. Cordeiro de Azeredo. Como explicava seu subtítulo, a revista era destinada a engenheiros, arquitetos, artistas e decoradores, com periodicidade mensal e com tiragens que, em princípio, eram de 4 mil exemplares, mas que, em 1940, já haviam alcançado a casa das 8 mil cópias. Publicado no Rio de Janeiro, o periódico que articulava o cenário arquitetônico local para buscar colaboradores, logo passou a receber contribuições, via correio, de diversos estados, e chegou a abrir representação própria em São Paulo. Por isso, em seus números, era possível encontrar projetos de expoentes da arquitetura nacional e de anônimos, que expunham suas concepções arquitetônicas. É importante mostrar como **A Casa** se prestou à divulgação das referências estético-arquitetônicas provenientes dos Estados Unidos e da América Latina. Reportagens sobre energia elétrica, equipamentos domésticos, técnicas construtivas eram pauta frequente, mas, sem dúvida nenhuma, eram os projetos de habitações ligadas ao missões que abundavam em suas páginas.

Não tardou e a revista passou a organizar concursos destinados a obter projetos para casas suburbanas e rurais. Estes concursos recebiam o apoio de pessoas ou empresas patrocinadoras para a doação de somas

em dinheiro aos ganhadores. O primeiro concurso, ocorrido em 1925, teve como vencedores os arquitetos J. de Souza Camargo, junto com seu colega Carlos Rapozo, que já eram colaboradores habituais da publicação. Na segunda edição da disputa, o primeiro lugar foi obtido pelo mesmo J. de Souza Camargo, seguido, em segunda posição, por A. de Simonin Mattos e Carlos do Rego Raposo. Os concursos estipulavam a necessidade de adoção de um estilo que conviesse ao meio rural ou suburbano e que, além disso, possuísse um orçamento competitivo, a ser entregue nas mesmas pranchas do projeto arquitetônico, como principal elemento do julgamento. As propostas deveriam seguir as normas edilícias da prefeitura do então Distrito Federal. Os concursos eram muito disputados e forneciam matérias para **A Casa**, por meses, já que, mesmo após o julgamento, as proposições consideradas pelos editores como contribuição ao tema eram publicadas.

É muito importante dizer que os projetos de habitação de caráter popular se tornaram o carro-chefe da publicação, o que favorecia a ampliação do número de leitores, não só, via assinaturas, mas também pela aquisição em bancas. A temática desses concursos estava na ordem do dia nos anos 1920, sendo algo que já havia sido discutido, algumas vezes, nos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos, como visto. Também não se pode furtar de dizer que a adoção de um neocolonial simplificado, usando a expressão cunhada por Carlos Lemos, e, sobretudo, o uso do estilo missões aproximavam os projetos de habitação proletária feito nas demais Repúblicas Sul-Americanas, desses do Brasil.

Muitos projetos exibidos pela **A Casa** foram, de fato, construídos em diversas localidades do país, sobretudo do estado do Rio de Janeiro. A arquiteta Flávia Brito do Nascimento, em sua dissertação de mestrado, encontrou a existência de um Serviço de Construções Proletárias, fundado em decorrência da promulgação do novo Código de Obras do Distrito Federal, em 1937. Este Serviço pautava-se pela recomendação de que as casas econômicas fossem construídas em subúrbios (ZR3) e no meio rural (ZA), sendo obrigatório contemplarem apenas uma família; estarem isoladas no lote; afastadas 6 metros do alinhamento da rua e, no mínimo, 1,5m de cada lado, além de se elevarem a 30 cm do solo (NASCIMENTO, 2004: 76). Como aponta Nascimento, *“a maior novidade era que a Prefeitura forneceria o projeto para três tipos de casas: Classe A – um quarto, cozinha e gabinete sanitário; Classe B – um quarto, cozinha, uma sala e gabinete sanitário; Classe C: dois quartos, uma sala, cozinha e gabinete sanitário”* (NASCIMENTO, 2004: 77).

Embora a lei seja bem posterior ao auge dos concursos de **A Casa**, deve-se perceber que os modelos

arquitetônicos e as destinações das habitações eram os mesmos vistos, nos anos 1920, nas páginas do periódico. Como analisa Flavia Brito do Nascimento,

“Essas casas-tipo podem ser reconhecidas nos subúrbios do Rio, pois se tornaram comuns e espalharam-se rapidamente nos anos de crescimento da cidade. A prefeitura liberava o proprietário de contratar um profissional licenciado. Esse poderia construí-las independentemente, desde que fosse seguido o projeto fornecido” (NASCIMENTO, 2004: 77).

Resta falar, então, desses modelos fornecidos pela Prefeitura. Os tipos A, B e C encontravam diversas “soluções”, as quais não apenas alteravam a disposição dos espaços, mas, principalmente, as fachadas. Em grande parte, as casas eram moldadas dentro do repertório de *arquitetura pitoresca* e, muitas, são claras soluções vinculadas ao *Mission Style*, como, por exemplo, o Tipo B, solução 3; Tipo C, solução 1; Tipo C, solução 11 e Tipo C, solução 16 (NASCIMENTO, 2004: 78-86).

O estudo de Brito do Nascimento ainda conseguiu apontar algo que, por meio das páginas das revistas consultadas, especialmente de **A Casa**, também se vislumbrou. A expansão dos subúrbios cariocas, nos anos 1930 e 1940, se deu de três maneiras: por meio deste programa de habitação tutelada, em termos espaciais e estéticos, pela Prefeitura do Distrito Federal; pela ação dos Institutos de Aposentadorias de Pensões, que projetou e construiu inúmeras residências dentro desses modelos habitacionais e, mais, pela ação de pequenos proprietários que recorriam a revistas e manuais de construções para a escolha dos “*modelos de planta e fachada*” de sua habitação. Nos três casos, o missões, em todas as suas variantes, foi estética presente e numerosa.

A revista **A Casa** continuou a realizar seus concursos, sempre se pautando pelo exercício de casas destinadas às zonas suburbanas e rurais, seguindo as normas municipais da Prefeitura do Distrito Federal, mas notou-se que, ao longo dos anos 1930, a iniciativa foi caindo em desuso. Não resta dúvida, todavia, que, pela abrangência nacional⁸⁰ da publicação, foram reproduzidos em muitas localidades, Brasil afora, modelos de habitação mostrados neste periódico.

Embora a grande atração do público-leitor tenha se dado por esses projetos populares, a temática mais constante da revista que, em 1952, parece ter se encerrado, era a produção e a divulgação de residências e de produtos voltados à formação de uma classe média. Destinada a mostrar soluções espaciais “*up to*

⁸⁰ Os exemplares adquiridos num sebo especializado em arquitetura, em São Paulo, pertenceram a um engenheiro - construtor de Curitiba, de nome Epaminondas Amazonas, por exemplo.

date”, **A Casa** divulgou, por anos, profissionais afinados com a estética missioneira, como Edgard Vianna, Raphael Galvão, Ângelo Bruhns, Ângelo Murgel, Oswaldo Bratke, Kneese de Mello, Frederico Faro Filho, Moacyr Fraga, J. de Souza Camargo e outros. É praticamente impossível, em poucas linhas, dar conta de todo o conteúdo dessa que, com certeza, é uma publicação que elucida muitos pontos acerca da criação e da alimentação estética da classe média brasileira. O quadro 8, a seguir, procura sistematizar algumas matérias sobre a arquitetura missões.⁸¹

QUADRO 8:
PEQUENA AMOSTRAGEM DE MATÉRIAS PUBLICADAS EM
“A CASA”, LIGADAS À DIFUSÃO DO “MISSION STYLE”

Sistematização: F. Atique

EDIÇÃO	MATÉRIA	PÁGINAS
Mai 1925, n.13	<i>O Estylo Colonial em São Paulo</i>	22
Jun 1925, n.14	<i>O Concurso da “A Casa” - Edital</i>	5
Jun 1925, n.14	<i>Habitação em Estylo Colonial – Projeto de J. Cordeiro de Azeredo</i>	12
Jun 1925, n.14	<i>Casas Econômicas – Architectos J. de Souza Camargo e Ângelo Bruhns</i>	26
Out 1925, n.18	<i>Dezoito Pontos Importantes para os quais desejam comprar ou construir uma casa</i>	7
Out 1925, n.18	<i>Segundo Concurso da A Casa – Edital</i>	8
Out 1925, n.18	<i>Projecto de Casa Econômica – Projeto de Emerson Fernandes</i>	17
Out 1925, n.18	<i>Concurso da “A Casa” – J. de Souza Camargo</i>	18
Out 1925, n.18	<i>Concurso da “A Casa” – J. Cordeiro de Azeredo</i>	19
Out 1925, n.18	<i>Projecto de residencia de Propriedade do Snr. Dr. Raul Cerqueira</i>	24
Out 1925, n.18	<i>Bairro-Jardim Maria da Graça – Companhia Imobiliaria Nacional</i>	31
Jan 1926, n.21	<i>Segundo grande Concurso da “A Casa” – resultados</i>	5
Jan 1926, n.21	<i>Segundo grande Concurso da “A Casa” – Projeto de A. de Simonin Mattos</i>	13
Jan 1926, n.21	<i>Segundo grande Concurso da “A Casa” – Projeto Carlos Raposo</i>	14
Jan 1926, n.21	<i>Segundo grande Concurso da “A Casa” – Projeto de Emerson Fernandes e Paulo Gomes</i>	15
Jan 1926, n.21	<i>Segundo grande Concurso da “A Casa” – Projeto de J. Souza Camargo</i>	16
Jan 1926, n.21	<i>Segundo grande Concurso da “A Casa” – Projeto de Carlos Raposo (3º premio)</i>	17
Jan 1926, n.21	<i>Segundo grande Concurso da “A Casa” – Projeto de J. Cordeiro de Azeredo</i>	20
Jan 1926, n.21	<i>Uma Pequena Vivenda para a Zona Rual – J. de Souza Camargo</i>	separata
Jan 1926, n.21	<i>Casas Econômicas para Praias e Arrabaldes por Abelardo Gama</i>	26
Fev 1926, n.22	<i>Projecto de Habitação Suburbana – Cortez & Bruhns</i>	14
Fev 1926, n.22	<i>Projecto do Architecto Armando de Oliveira</i>	16 - 17
Mar 1926, n.23	<i>Casas de Apartamentos</i>	7
Mar 1926, n.23	<i>Residencias geminadas – J. Cordeiro de Azeredo</i>	9
Mar 1926, n.23	<i>Residencias Architectos Ricardo Wriedt & J. Cordeiro de Azeredo</i>	13
Mar 1926, n.23	<i>Pequena Habitação: Uma Reforma Básica que se Impõe</i>	21
Abr 1926, n.24	<i>Os Collaboradores Deste Numero</i>	5
Abr 1926, n.24	<i>Projecto de Habitação Rural – Cortez & Bruhns</i>	9
Abr 1926, n.24	<i>Projecto de Habitação Suburbana – Cortez & Bruhns</i>	10
Abr 1926, n.24	<i>Uma Residência no Leblon – Architecto Jerson de Azeredo Coutinho</i>	13
Abr 1926, n.24	<i>Projecto de Habitação Suburbana – Cortez & Bruhns</i>	14
Abr 1926, n.24	<i>Habitação Rural – J. Cordeiro de Azeredo</i>	15
Jul 1926, n.27	<i>Escola de Bellas Artes – Posse Dr. Jose Marianno</i>	5

⁸¹ Não foi possível seguir seqüencialmente a numeração da revista pela falta de alguns exemplares nas diversas bibliotecas consultadas. Em todo caso, a amostragem conseguida é bem representativa do rol de número lançados.

Jul 1926, n.27	Casas Baratas – Ninguem faz Milagre	5 - 7
Jul 1927, n.27	Estylo Missões Hespanolas – Predio do Architecto Raphael Galvão	17
Jul 1927, n.27	Projecto de Habitação em Jacarepaguá – Prop. José Marianno Filho	21
Jul 1927, n.27	Projecto de Tudy Brack em Estylo Colonial Mexicano	27
Jul 1927, n.27	Projecto Hispano-Missoes - projecto de Moacyr Fraga	30
Jul 1927, n.27	Projecto Hispano-Missoes - projecto de Moacyr Fraga	31
Ago 1927, n.40	A Capa deste Numero	5
Ago 1927, n.40	Projecto de Habitação em Jacarepaguá – Prop. José Marianno Filho	25
Ago 1927, n.40	Projecto em Estylo Colonial Mexicano a ser construído em Botafogo – Moacyr Fraga	37
Set 1927, n.41	Projecto em Estylo Colonial Mexicano – Architecto Moacyr Fraga	25
Set 1927, n.41	Projecto de Construção de um Predio a Rua Barão do Bom Retiro – Antonio Raffin	33
Out 1927, n.42	O que faz uma “Boa Casa”	17 - 20
Out 1927, n.42	Projecto em Estylo Colonial Mexicano pelo Architecto Moacyr Fraga a ser Construído no Bairro Maria da Graça em terrenos da Companhia Immobiliaria Nacional	21
Out 1927, n.42	Projectos de Moacyr Fraga – Tipos V, XII, XIII, XIV	30, 31
Out 1927, n.42	Projecto de Robet Kissel	37
Out 1927, n.42	Casa Missões – Proletaria / Do Jornal do Brasil	49
Dez 1927, n.44	Pequenas Residências	15
Dez 1927, n.44	Concurso de Ante-projetos para a Escola Normal	18-19
Dez 1927, n.44	Residencia Construída para Oscar A. Campos – Projecto Raphal Galvão	23 - 26
Jan 1928, n.45	Facilitando CONstruções na Zona Rural	15
	Residencia do Sr. Antenor Alem ma Vila Izabel – Projecto de Frederico Faro Filho	27
Mar 1928, n.47	Capa com Projeto de Edgard Vianna	22
Mar 1928, n.47	Projecto para Daniel Melman em Copacabana, do Architecto João Sá	19
Mar 1928, n.47	Residência à rua Cosme Velho – F. Faro Filho	24
Mar 1928, n.47	Garage da Residência à Rua Cosme Velho – F. Faro Filho	25
Mar 1928, n.47	Residencia Sra. Geysa Bahiense, em Nichteroy – F. Faro Filho	27
Mar 1928, n.47	Uma Pequena Casa – J. de Souza Carvalho	28
Set 1930, n.77	Projecto de Alberto Lauria	13
Set 1930, n.77	Preocupemo-nos com os Interiores	17
Set 1930, n.77	Projecto de Álvaro Gonçalves, da Cia. Nacional de Construções Civis e Hydraulicas – Av. Rodrigues Alves, 303	31
Jul 1932, n.98	A Construção e o Detalhe	15 - 18
Jul 1932, n.98	A Varanda	20
Jul 1932, n.98	Concursos de Projectos de Casas Econômicas	22-25
Jul 1932, n.98	Estylo Californiano	27
Mar 1938, n.166	Nossa Capa – Residência por Salvador Batalha	11-15
Mar 1938, n.166	Construções nos Bairros	19
Mar 1938, n.166	Projecto de Benajmin da Cunha	20
Mar 1938, n.166	Projecto e Construção de Luiz Derene & Irmão	22-23
Mar 1938, n.166	Projecto de uma Casa de um Pavimento num terreno de 12 mestros	24-25
Mar 1938, n.166	Colégio Profissional Feminino dr. Joaquim Teixeira Leite, em Vassouras, projecto de Luiz Fossati	26
Mar 1938, n.166	Edifício Construído à Rua Barão da Torre – Leonídio Gomes & Cia.	29
Jul 1938, n.170	Detalhe – Eduardo Kneese de Mello	13
Jul 1938, n.170	Residencia à Rua Siqueira Campos – Copacabana	14-15
Jul 1938, n.170	Prédio à Av. Brasil – Projeto e Construção Bratke e Botti	16-18
Jul 1938, n.170	Residencias Projetadas por Bratke e Botti em São Paulo	20 / 28
Jul 1938, n.170	Alfredo Ernesto Becker – São Paulo	22
Jul 1938, n.170	Residência Pitoresca em São Paulo – Ciampolini & Mota Jr.	24-25
Jul 1938, n.170	Projeto e Construção de Saramago, Fonseca & Soares - Niterói	29
Jun 1939, n.181	Pequena Residencia em Terreno Amplo – J. Cordeiro de Azeredo	23
Jun 1939, n.181	Construção em São Paulo – Eduardo Kneese de Mello	24-25
Jun 1939, n.181	Projetos de Aatoria de Alfredo Ernesto Becker	32
Jun 1939, n.181	Residência Proletária a ser construída pelo IAPETC em Vitória, E.S. – Moacyr Fraga arquiteto	39-41
Jan 1940, n.188	Residência de D. Ambronina Fonseca – projeto de Andrade Lima & Cia., Rio	10-11
Jan 1940, n.188	Projeto de José Luis Moia e Victor Martorel – da Revista La Casa, Buenos Aires	14
Jan 1940, n.188	Bungalow a ser construído na Tijuca para um associado do IAPETC	18
Jan 1940, n.188	Eduardo Kneese de Mello – pátio da residência a Av. Brasil	21

Como já se pode depreender, na maioria dos casos apontados até agora o *missionês* foi usado como estética arquitetônica em habitações, indo de residências isoladas no lote a simples soluções de fachada. Em Bauru, interior paulista, o trabalho de um egresso da Escola de Belas Artes de São Paulo, de nome João Cacciola, formado em 1932, confirma esta afirmação. Cacciola produziu na cidade, que se tornava um dos pólos principais no circuito ferroviário paulista, pelo menos uma dezena de edificações dentro dos ditames do *Mission Style*. Exemplos dessa produção são as casas à rua Bandeirantes, 10-57; Bandeirantes 10-59; rua 13 de Maio com Bandeirantes; rua Monsenhor Claro, 361 e 359 e rua Bandeirantes, esquina com Virgílio Malta. Entretanto, não se deve colocar o arquiteto em questão como o único autor e/ou responsável pelo desenvolvimento dessa estética ali.

Várias das casas encontradas no levantamento de campo em Bauru assemelham-se muito às propostas encontradas nas páginas da revista **A Casa**, mas, também, são materializações dos projetos de um manual voltado à difusão de habitações, de nome, **Estudos Residenciais**, produzido por Jader Passarinho e publicado, em 1942, no Rio de Janeiro. Esta seleção de casas pode ser vista como um catálogo, já que apresentava 15 soluções de plantas e de fachadas. A temática principal da obra, em termos de volumetria e de ornamentação, era o *Mission Style*. Na capa, **Estudos Residenciais** já trazia uma edificação em estilo *missionês* que enfocava em suas páginas. Como explica o prefácio produzido pelo engenheiro-arquiteto Salvador Duque Estrada Batalha, o autor em questão era um autodidata que adquirira “*grande desembaraço*” na produção habitacional mediante sua “*longa prática nos grandes escritórios de arquitetura*” do Rio de Janeiro (BATALHA, 1942). O fato de o autor ser um prático sem formação acadêmica fez com que ele expusesse a que se devia sua iniciativa editorial:

“Estudos Residenciais’ não é um livro destinado aos grandes centros como sejam Distrito Federal e São Paulo, onde os recursos arquitetônicos são abundantes. Tendo residido em diversos estados do meu Brasil e percorrido um sem numero de cidades interiores, tive a ocasião de observar a maneira como se constroem nesses lugares. Na maioria das vezes são casas feitas por pessoas que ignoram completamente os metodos da profissão, embora dispondo de grandes recursos materiais. Esses construtores de emergência poderão encontrar nos diversos estudos que compõem esta série (...) alguns tipos de casas apropriadas para campo e quando não possam ser apropriadas ‘in totum’ terão apenas que adoptá-las ás suas conveniências, pois é sabido que qualquer pessoa, mesmo que não disponha de conhecimentos arquitetônicos, não encontra grandes dificuldades em alterar uma planta, melhorando-a. Disto tenho provas concretas, não somente por já ter observado em outrem como em mim mesmo” (PASSARINHO, 1942).

Passarinho exprimiu, em seu texto, uma atitude longe de haver surgido apenas naqueles anos. A publicação

de catálogos destinados à aquisição de gosto arquitetônico e, principalmente, para apreensão de modelos de casas, remonta ao século XIX. Os manuais encontrados em língua portuguesa, encontrados em diversas localidades do Brasil, divulgadores do missões, por sua vez, são da década de 1920, como o de nome **Album de Casa de Estylo**, publicado pela firma Conceição & Cia.⁸² Este álbum explicitava, já em sua introdução que se destinava a “auxiliar a todos quantos (...) desejem construir uma casa, seja para sua moradia ou para residencia de outrem”, já que muitas vezes “construções desgraciosas e sem conforto são levantadas, ora por carencia de um guia de confiança, como será este livro, ora por que se confia demasiadamente na arte de constructores frequentemente elles mesmos sem gosto artistico, e, portanto, incapazes de uma ideia de verdadeira arte (ALBUM DE CASAS DE ESTYLO, s.n.:11). O livro trazia 100 projetos propostos e edificados por arquitetos de renome, e plantas “desenhadas sob o critério da construção americana, que é a mais confortável”. Isso significava que todas as cotas eram dadas em sistema métrico inglês. A justificativa da editoria era porque “o desenhista acostumado na escola americana”, se sentia “mais a vontade com a medida pé” (ALBUM DE CASA ESTYLO, s.n.:12). Na realidade, embora se passe a imagem de que a referida publicação fosse brasileira, ela era, de fato, uma compilação de álbuns similares editados nos Estados Unidos. As próprias plantas e as fotografias sugerem serem as mesmas aparecidas na edição norte-americana, apenas com a retirada das nomenclaturas aplicadas aos cômodos que, provavelmente, estavam em inglês. Os comentários contidos no livro sobre as casas vinculadas ao *Mission Style* eram bem celebradores: “eis aqui um bello bungallow no estylo hespanhol adotado na California. É, a um tempo, de custo modico e de esplendido bom gosto”. Ou, então:

“Outro modelo no lindo estylo hespanhol. Sobretudo na America do Norte este estylo tem fervorosos adeptos, captivos da simplicidade e da belleza exotica de suas linhas”; Esta casa é inteiramente ‘California-mission’ e constitue uma das residencias mais lindas deste livro, pela simplicidade e sympathia de suas linhas. Propria para o campo ou para a cidade”, (ALBUM DE CASA DE ESTYLO:, s.n.: 23, 27).

Nos anos 1940, este modelo de álbum estilístico já estava consolidado no Brasil. No prefácio da publicação **Arquitetura e Construções**, o engenheiro civil Francisco Salles Malta Junior explicitava que o autor, Luiz Muzi, “com sua longa experiência de construir, vivendo entre nós, construindo para nós, [era] um conhecedor profundo das nossas necessidades e dos nossos problemas”, e, por isso, era apto a apresentar as referências estilísticas cabíveis ao Brasil. Dividido em 8 partes – prédios de apartamentos, prédios residenciais de dois pavimentos, prédios residenciais de um só pavimento, prédios econômicos de vários tipos, prédios de vários tipos para interior, motivos ornamentais da arquitetura colonial brasileira, prédio de uma fundição e

⁸² A Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia possui exemplares deste álbum, por exemplo, assim como a Escola Politécnica de São Paulo.

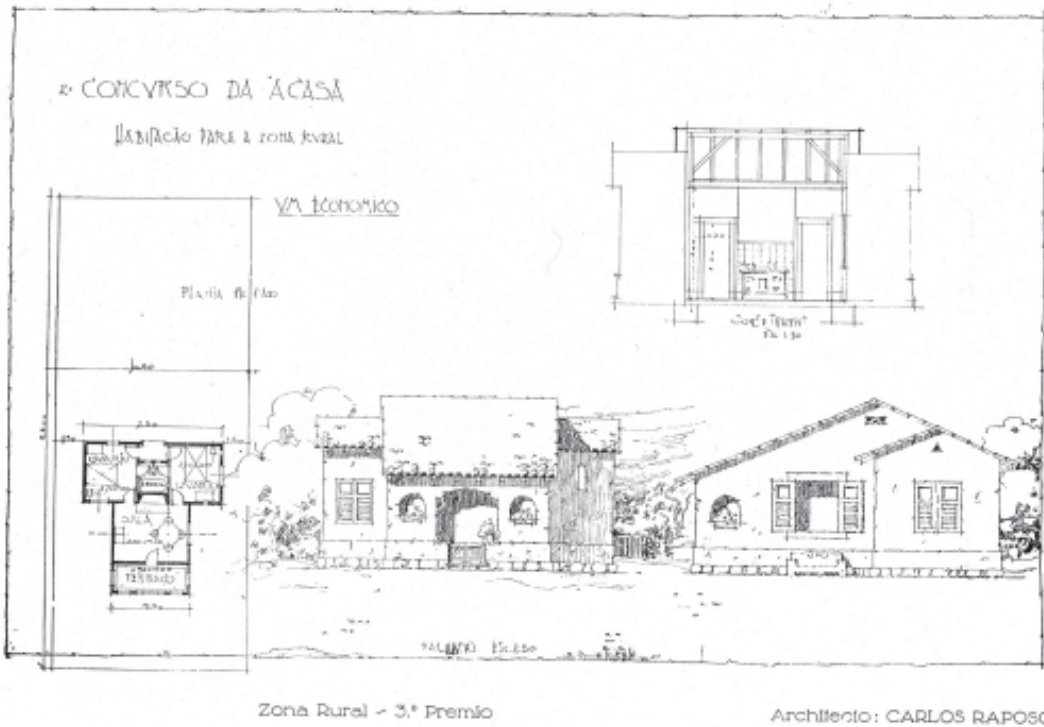


Fig. 376 - Primeiro Concurso de A Casa. Solução publicada. Fonte: A CASA, n. 18, 1925.

Fig. 377 - Segundo Concurso de A Casa. Solução premiada. Fonte: A CASA, n. 21, 1926.

Fig. 378 - Reportagem de A Casa. Fonte: A CASA, n. 23, 1926.

Fig. 379 - Reportagem de A Casa. Fonte: A CASA, n. 39, 1927.

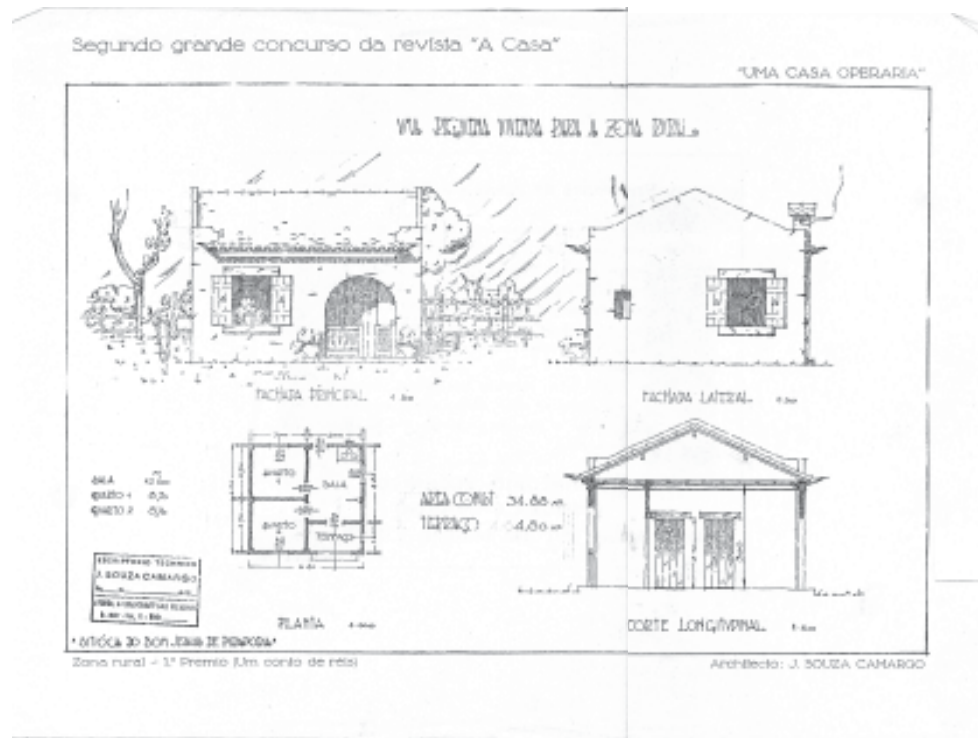
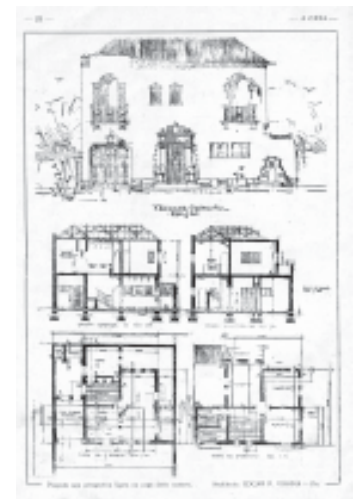


Fig. 380 - Projeto missões publicado na revista **A Casa**. Solução de Moacyr Fraga. Fonte: **A CASA**, n. 41, 1927.

Fig. 381 - Projeto participante do Segundo Concurso de **A Casa**. Fonte: **A CASA**, n. 21, 1926.

Fig. 382 - Reportagem de **A Casa**. Fonte: **A CASA**, n. 23, 1926.

Fig. 383 - Projeto missões de Edgard Vianna, na revista **A Casa**. Fonte: **A CASA**, n. 47, 1926.



Fig. 384 - Casa missões, em Araraquara / SP. Foto: Fernando Atique, 2003.

Fig. 387 - Estação de bombeamento e tratamento de água, em Araraquara / SP. Sua arquitetura lembra muito a do Grande Hotel de Araxá, de Signorelli. Foto: Fernando Atique, 2003.

Fig. 389 - Residência em Bauru / SP. Foto: Fernando Atique, 2005.

Fig. 385 - Oficial da aeronáutica posa em frente à Base Aérea de São Luís, no Maranhão. Arquitetura aeroportuária foi sinônimo de arquitetura missões, no Brasil. Fonte: HUNNICUTT, 1945.

Fig. 390 - Residência missões, em Bauru / SP. Foto: Fernando Atique, 2005.

Fig. 388 - Conjunto comercial missões, em Bauru / SP. Foto: Fernando Atique, 2004.

Fig. 386 - Residência missões, em Bauru / SP. Foto: Fernando Atique, 2004.

Fig. 391 - Conjunto de casas em Campinas / SP. Foto: Fernando Atique, 2003.

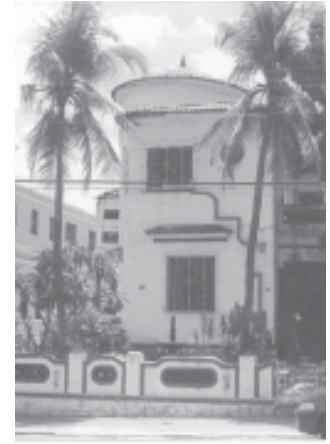


Fig. 392 - Ônibus parado em frente a uma casa missões, no Jardim América, em São Paulo, nos anos 1940. Fonte: WOLFF, 2000.

Fig. 393 - Residência missões, em Ribeirão Preto / SP. Foto: Fernando Atique, 2005.

Fig. 394 - Propaganda do Grande Hotel do Lago, na cidade de Águas de Lindóia / SP. Edifício hoteleiro construído dentro da arquitetura missões. Fonte: Acervo particular de Fernando Atique.

Fig. 395 - Residência missões de Falb Rangel, em Sobral / CE. Fonte: ROCHA, 2003.

Fig. 396 - Residência híbrida de missões com marajoara, no bairro da Urca / RJ. Foto: Fernando Atique, 2004.

Fig. 397 - Residência projetada por Falb Rangel, em Sobral / CE. Fonte: ROCHA, 2003.

Fig. 398 - Igreja de Santo Antônio, na Vila Prado, em São Carlos / SP. Foto: Fernando Atique, 2004.



Fig. 399 e 402 - Casas no campus da USP, em Ribeirão Preto / SP. Todas apresentam semelhanças com as residências mostradas nos manuais de Rexford Newcomb, embora o campus também possua edificações com forte acento neocolonial de matriz luso-brasileira. Fotos: Fernando Atique, 2004.

Fig. 400 - Curral no campus da USP, em Pirassununga / SP. Foto: Fernando Atique, 2005.

Fig. 401 - residências geminadas em bairro de classe média de Ribeirão Preto / SP. Foto: Fernando Atique, 2004.

Fig. 403 - Casa em Bauru / SP. Foto: Fernando Atique, 2004.

Fig. 404 - Aspecto de um bairro de Belo Horizonte, nos anos 1940, com várias casas estilo missões. Fonte: gentileza de José Fábio Bueno.

Fig. 405 - Casa em vila operária em Bauru / SP. Foto: Fernando Atique, 2004.

Fig. 406 - Residência missões em Ribeirão Preto / SP. Foto: Fernando Atique, 2004.

chaminé –, o autor apresentava uma gama de programas arquitetônicos em execução naqueles anos. Das 8 classes, 6 traziam referências missioneiras, muitas das quais foram, efetivamente, seguidas por cidades brasileiras. Durante a pesquisa de campo, foi possível identificar edifícios extremamente semelhantes em diversas localidades, como Araraquara, São Carlos, Bauru, Campinas, Ribeirão Preto, todas no interior paulista, e mais Rio de Janeiro e Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, entre outras localidades.

Deve-se explicitar, ainda, que à medida que os arquitetos foram vislumbrando a ampla aceitação desses álbuns de projetos, também passaram a divulgar suas obras por meio de publicações que visavam alcançar construtores e membros das camadas médias do interior do Brasil. O escritório Cápua & Cápua, de São Paulo, por exemplo, formado por alunos egressos dos cursos de Arquitetura e Engenharia Civil do Mackenzie College, fez publicar em meados dos anos 1930 um catálogo luxuoso de suas obras. Intitulado ***Domus: album de casas residenciaes e populares***, o álbum, apesar de mostrar, em sua capa, um projeto de linhas racionalistas, bem parecidos com aqueles desenvolvidos em São Paulo, por personagens como *Gregori Warchavchik* e Carlos da Silva Prado, mostrava ênfase em projetos riscados dentro do repertório do *Mission Style*. Das 33 propostas apresentadas pelo livro, 13 são explicitamente chamadas de “*Missões Hespanholas*” pelos autores. O alcance desta publicação não se pôde perscrutar, pois em nenhuma das bibliotecas pesquisadas ele foi encontrado; também não há indicações de que o álbum fosse vendido em bancas, apesar de esta ser uma hipótese plausível. O exemplar que foi usado para a pesquisa foi adquirido num sebo especializado em arquitetura, existente na cidade de São Paulo, e pertenceu a certo Pedro Formaggia, que dele tomou posse, em 1937, indicando sua difusão, não entre a classe arquitetônica, mas entre o público em geral.

Outro arquiteto a se valer dessa forma de divulgação foi Eduardo Kneese de Mello que, como visto, também projetou e construiu muitas obras dentro do repertório missões. Em 1939, Mello publicou um livro em que mostrou seus projetos feitos e/ou concluídos em 1937. O livro, de nome ***Construções Residenciaes***,⁸³ foi publicado pela União Paulista de Imprensa – UPI - a convite desta entidade, representada pelo senhor Corrêa de Brito, e intentava mostrar o desenvolvimento da arquitetura em São Paulo. Na publicação foram mostradas 14 obras claramente missões, nos Jardins América e Europa, no Pacaembu e nos demais bairros de classe média da época.⁸⁴

Estes *livros-catálogos* encontrados⁸⁵ permitem confirmar a brilhante interpretação dada por *Claude Lévi-*

⁸³ Este livro, segundo o catálogo publicado por ocasião da VI Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, permitiu que Kneese de Mello se envolvesse com a criação da revista *Acrópole*, em 1938, ao lado de Alfredo Ernesto Becker e Henrique Mindlin, também egressos do Mackenzie (REGINO, 2005: 51).

⁸⁴ Residências Dr. Antonio Pinto Cardoso de Mello (rua Canadá); Comendador Enrico Guerini (rua Estados Unidos); Dr. Ismael Ribeiro de Barros (rua Canadá); Francisco de Assis e Almeida (rua Maestro Chiafarelli); Sr. José Martins Borges (rua Inglaterra); Sr. Altino de Castro Lima (rua Gucatan); Dr. Américo Floriano de Toledo (rua Terra Nova); Sr. José Martins Borges 2 (rua Pamplona); Dr. Mario Dias da Costa (rua Chile); Sr. Sebastião Ferraz (rua Atibaia); Sr. Elias Fleury (rua Antonio Bento); Dr. Francisco de Paulo Pinto Hartung (Av. Brasil);

Prof. Theodoro Braga (rua Boituva) e Sr. João Amorim de Souza (rua Rosa e Silva).

⁸⁵ Não se pode deixar de mencionar, novamente, o livro de Amadeu de Barros Saraiva, ***Estylo Colonial Brasileiro: composições architectônicas de motivos originaes***, lançado em 1927, trazendo desenhos de *Felisberto Ranzini*, que se insere plenamente neste universo.

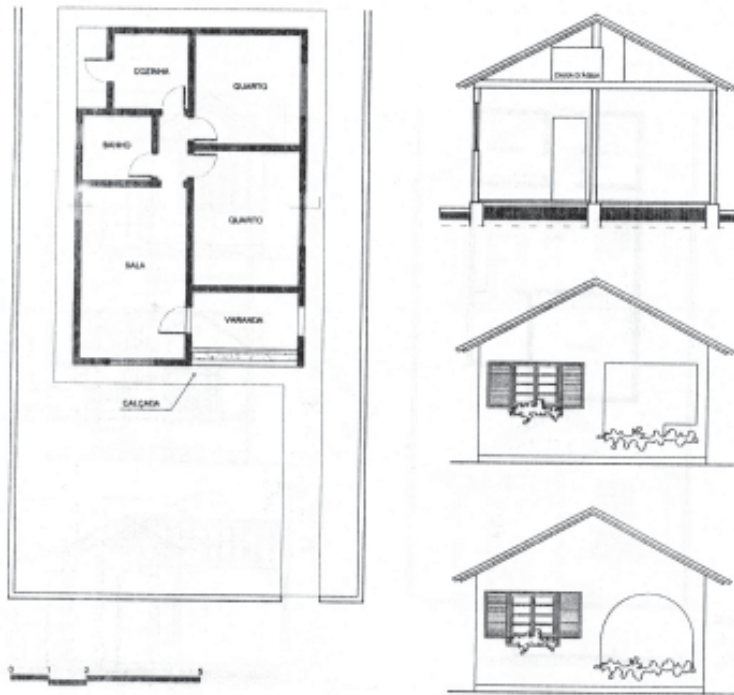


Fig. 407 - Um dos modelos distribuídos pela Prefeitura do antigo Distrito Federal (Rio de Janeiro). Notar a possibilidade de fachada dentro do estilema maior do "Mission Style": o arco conformando a varanda. Fonte: NASCIMENTO, 2004.

Fig. 408 - Mutação da paisagem do Bairro Peixoto, enclave dentro de Copacabana. Fonte: Acervo do CONDEPHAAT, SP.

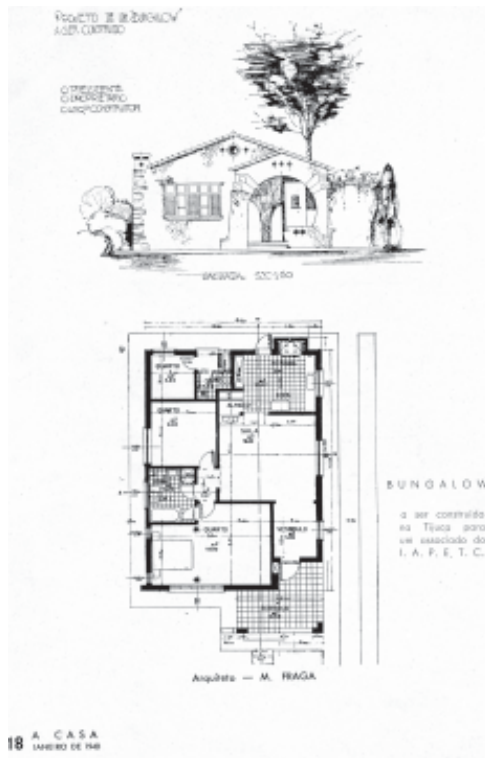


Fig. 409 e 411 - Dois modelos de casas publicados na revista *A Casa*, para um conjunto do IAPTEC. Fonte: *A CASA*, n. 188, 1940; *A CASA*, n. 181, 1939.

Fig. 410 - Aeroporto para Foz do Iguaçu, projetado por Angelo Murgel, dentro da costureira referência formal do "Mission Style". Fonte: LIMA, 2003.

Strauss acerca do processo de urbanização paulistano neste período:

“Mas os milionários abandonaram a avenida Paulista. Seguindo a expansão da cidade, desceram com ela o Sul da colina, para bairros sossegados de ruas sinuosas. Suas residências de inspiração californiana, em cimento misturado à mica e com sacadas de ferro fundido, deixam-se entrever no fundo de jardins abertos nos pequenos bosques rústicos onde se implantam esses loteamentos” (LÉVI-STRAUSS, 1999: 94).

Dentro do que foi exposto até aqui, convém mostrar qual foi a amplitude de emprego do *Mission Style* no Brasil. O Quadro 9, disposto a seguir, sistematiza, por localidade, os diferentes programas funcionais encontrados com estética missioneira:

**QUADRO 9:
AMOSTRAGEM DE PROGRAMAS E LOCALIDADES
COM EDIFICAÇÕES MISSÕES, NO BRASIL**

Sistematização: F. Atique

FUNÇÕES ORIGINAIS	LOCALIDADE
Aeroportos	Belo Horizonte / MG Curitiba / PR Foz do Iguaçu / PR Poços de Caldas / MG Salvador / BA São Luís / MA São Paulo / SP
Cinemas	Usina Santa Bárbara – Sta. Bárbara d'Oeste / SP
Clubes Recreativos e/ou Piscinas Públicas	Jundiaí / SP Rio de Janeiro / RJ São Carlos / SP Frigorífico Armour - São Paulo / SP Usina Tamoio – Araraquara / SP
Escolas e Creches	Belo Horizonte / MG Cambuí / MG Niterói / RJ Ribeirão Preto / SP Rio de Janeiro / RJ São Carlos / SP São Paulo / SP Usina Ester – Cosmópolis / SP Usina Santa Bárbara – Sta. Bárbara d'Oeste / SP

Escolas Técnicas e Universidades

Pirassununga / SP
Ribeirão Preto / SP
Seropédica / RJ

Estação de Tratamento de Águas

Araraquara / SP

Hospitais e Hospitais Psiquiátricos

Rio de Janeiro / RJ
Sousas – Campinas / SP

Hotéis Balneários e Hotéis

Águas de Lindóia / SP
Águas de São Pedro / SP
Araxá / MG
Tupã / SP

Igrejas e Capelas

Bueno de Andrade – Araraquara / SP
Cícero Prado - Pindamonhangaba / SP
Cosmópolis / SP
Limeira / SP
Rio de Janeiro / RJ
São Carlos / SP
Usina Santa Bárbara – Sta. Bárbara d'Oeste / SP

Pavilhões de Exposições

Exposição Internacional do Centenário - Rio de Janeiro / RJ

Pontes e Demais Equipamentos Urbanos

Rio de Janeiro / RJ

Postos de Gasolina

São Paulo / SP

Quartéis e Escolas Militares

Campinas / SP
Pirassununga / SP
Resende / RJ

Residências em Assentamentos Agroindustriais

Usina Bom Retiro – Capivari / SP
Usina de Cillo - Sta. Bárbara d'Oeste / SP
Usina Santa Bárbara – Sta. Bárbara d'Oeste / SP
Usina São José - Campos dos Goytacazes / RJ

Residências em Núcleos Fabris

Araraquara / SP
Batatuba -Piracaia / SP
Cícero Prado - Pindamonhangaba / SP
Jundiaí / SP
Ribeirão Preto / SP

Residências Particulares de Alto Padrão

Bauru / SP
Campinas / SP
Londrina / PR
Niterói / RJ
Recife / PE
Ribeirão Preto / SP
Rio de Janeiro / RJ
São Paulo / SP
Sobral / CE

Residências Particulares de Baixo Padrão

Bauru / SP
Campinas / SP
Goiânia / GO
Guariba / SP
Itatiba / SP
Jundiaí / SP
Nova Odessa / SP
Ribeirão Preto / SP
São Paulo / SP

Residências Particulares de Padrão Médio

Araraquara / SP
Bauru / SP
Campestre / MG
Campina Grande / PB
Campinas / SP
Goiânia / GO
Itatiba / SP
Jaboticabal / SP
Natal / RN
Niterói / RJ
Piracicaba / SP
Ribeirão Preto / SP
Rio de Janeiro / RJ
São Carlos / SP
São Paulo / SP

Residências de Vilas e Vilas Operárias

Campinas / SP
Rio de Janeiro / RJ
São Carlos / SP
São Paulo / SP
Sobral / CE

Residências em Vilas Ferroviárias

Araraquara / SP
Bauru / SP

Sede e Residências em Parques Nacionais

Foz do Iguaçu / PR
Itatiaia / RJ

Esta listagem de programas e localidades servidas pelo *Mission Style* revela, paralelamente, a abrangência da atuação de arquitetos, construtores, pedreiros e, mais, mostra a teia de relações entre arquitetura, urbanismo, cultura e mercado editorial que se retro-alimentaram, constituindo, de fato, uma das maiores expressões da modernidade no Brasil. Voltando à instalação do missões, no país, perscrutando os caminhos seguidos por esta arquitetura, pode-se afirmar que mais do que mais uma variedade estilística praticada dentro da seara historicista, o *Mission Style* deve ser visto como uma arquitetura internacional e que, diferentemente da arquitetura racionalista, chamada Moderna, trabalhava com heranças e com repertórios comuns a todas as Américas. Com esta constatação, convém sustentar, mais uma vez, a idéia de que o missões foi a expressão maior de pan-americanismo na arquitetura.

■ 4.5 – O “*Mission Style*” como arquitetura pan-americana

É importante mostrar que os processos verificados no Brasil foram semelhantes aos de muitos outros países americanos. As referências da arquitetura missões foram empregadas tanto nos Estados Unidos, como em lugares como Cuba, Colômbia, Argentina, Chile, Venezuela e Bolívia, entre outros, seguindo os mesmos caminhos mostrados no caso brasileiro. Mesmo que, por vezes, se chame de arquitetura hispano-americana ao *Mission Style*, percebeu-se que os países de colonização espanhola, além de buscarem encontrar suas referências arquitetônicas nos edifícios coloniais de seus próprios territórios, valeram-se das revistas, manuais e álbuns emanados dos Estados Unidos na produção de seus neocoloniais.

Durante as atividades de pesquisa na *University of Pennsylvania*, *David Brownlee* notou a pertinência de interpretar o *Mission Style* como uma arquitetura pan-americana. A colocação daquele estudioso da arquitetura dos séculos XIX e XX, orientador da pesquisa naquele país, ajudou a consolidar a abordagem desta tese, que entende, de fato, o *Mission Style* como uma das chaves demonstradoras dos contatos entre o Brasil e os Estados Unidos.

A leitura sistêmica da produção arquitetônica do continente americano é tarefa árdua e demorada, mas foi um desafio a ser enfrentado, permitindo afirmar que houve, durante muitas décadas, entre fins do século XIX e a primeira metade do século XX, diálogos entre o Brasil e os demais países americanos, fossem eles de fala espanhola ou inglesa. Esses diálogos velados têm sido notados por poucos pesquisadores ligados

à história urbana e, em menor número, por interessados na história da arquitetura. Ao escolher o *Mission Style* como mote discursivo desse contato, intentou-se colaborar com essa área de estudos que ainda merece maior atenção.

Algumas semelhanças verificadas nos processos de recepção e desenvolvimento do *Mission Style* nos países americanos devem ser apontadas como considerações finais deste capítulo. Parece ser importante mostrar que os interesses econômicos dos Estados Unidos espalhados por muitos países de ascendência hispânica permitiram a construção de arquitetura missões, nessas localidades, diretamente por arquitetos e empresas americanas. Como mostram *Francisco Ramirez Potes, Jaime Gutiérrez Paz e Rodrigo Uribe Arboleda*, no livro ***Arquitecturas Neocoloniales: Cali 1920 – 1950***, sabe-se que a firma nova-iorquina de *Fred Ley & Co.* desenhou edifícios na Colômbia, no Equador, no Peru e no Chile, via de regra empregando a arquitetura missões, julgada como adequada a países ligados à Espanha, no passado. Outro norte-americano a trabalhar na América do Sul foi *Geo Bunker* que, para *Cali*, projetou reservatórios de água dentro da temática missões. No mesmo país, outro escritório nova-iorquino, o de *Clifford C. Wendhack* realizou algumas residências e, em *Caracas*, na Venezuela, essa firma projetou e executou o *Caracas Country Club* (POTES: 2000: 34). Uma empresa urbanizadora, de nome *Foundation Co.*, atuante em Lima, nos anos 1930, não apenas divulgou o modelo de subúrbio habitacional, como nele implantou os primeiros “chalets” californianos. Como mostra Potes, o modelo habitacional derivado da *California* e também da *Florida* foi produzido em *Barranquilla*, Colômbia, no bairro *El Prado*, pelo arquiteto norte-americano *Karl Parrisch*, que trabalhou ao lado do paisagista estadunidense *Roy F. Wyrick* (POTES, 2000; 35).

No México, a construção de *Rosita*, indústria adquirida pela *American Smelting & Refining Co.* da *Compañía Carbonífera de Sabinas*, nos anos 1910, e transformada em *company town*, em 1921, mostra outra faceta dos arquitetos estadunidenses nos demais países americanos. Pelo projeto do arquiteto *Hjalmar E. Skougor*, de *New York*, que locou 208 casas para operários, teatro, hospital, escola, mercado, galpões industriais e muitas dezenas de casas para chefes e administradores, os referentes missionários, algumas vezes conjugados aos estilemas do *Pueblo Style*, passaram a ser vistos como um bom modelo para outras empreitadas fabris dos norte-americanos. Para exata compreensão deve-se ter em mente não só a dimensão do projeto, mas, ainda, o fato de ele ter sido publicado em 1921, na revista ***Coal Age***, destinada a empresários do setor (COAL AGE, 1921: 983 – 1040). A repercussão desses núcleos fabris dentro da arquitetura missionária

foi mostrada por Telma de Barros Correia, em núcleos fabris destinados à extração de nitrato, no norte do Chile, por empresas norte-americanas, as quais se valeram, também, de edificações *missiones*. Entre eles, a autora aponta a *Oficina Maria Elena*, de 1925 (CORREIA, 1995: 117).⁸⁶

Igrejas, como a episcopal de *Santíssima Trinidad*, de 1905, já demolida, foi riscada pelo arquiteto norte-americano *Bertram G. Goodhue*, em Cuba. A ilha, que depois da Guerra de 1898 se tornou um dos principais locais de ação norte-americana, recebeu inúmeras edificações semelhantes às encontradas na *California* e na *Florida*. Como exemplo, cita-se a estação central de trens de *Havana*, projetada e construída por *Kenneth Murchison*, entre 1910 e 1912 (CODY, 2003: 24). *Jeffrey Cody* aponta que, fora *Goodhue* e *Murchison*, atuaram ativamente, em Cuba, os escritórios de arquitetura de *Barclay, Parsons and Klapp* e o de *Carrere and Hastings*, além da construtora *Purdy & Henderson* (CODY, 2003: 24). Este mesmo autor mostra que o projeto do *Bank Boston* de Buenos Aires, na Argentina, de 1921 – 1924, foi feito por *Paul Bell Chambers*, educado na Grã-Bretanha, e por *Louis Newberry Thomas*, nativo, mas que fora educado no *Brooklyn's Pratt Institute*, ao lado de dois outros escritórios (*Edward Tork & Philip Sawyer e Stone & Webster*) que haviam acabado de inaugurar a sede da instituição bancária, em *Boston*. O projeto foi concebido dentro da incorporação dos estilemas missionários, com direito a suntuosa portada barroca sobre uma estrutura metálica, em franca difusão nos Estados Unidos, naquele momento (CODY, 2003: 64 - 65).

Aliás, estas informações de *Cody* abrem espaço para comentar a ação de arquitetos nativos ou fixados no Brasil que produziram arquiteturas seguindo os princípios norte-americanos. Convém recapitular que o pavilhão dos Estados Unidos, construído por ocasião da Exposição Internacional do Centenário, ocorrida entre 1922 e 1923, foi feito pelo arquiteto *Frank Packard*, que se valeu de muitas características do neocolonial de fundo luso-brasileiro, mas que, sem dúvida, incorporou muitos referentes missionários, sobretudo na conformação do pátio central da obra, que serviu, por algum tempo, como sede da Embaixada Norte-Americana no Brasil (THE AMERICAN ARCHITECT, 1922, n.122: 184).

Como apontaram *Potes* e equipe, o desenvolvimento da arquitetura neocolonial no continente americano fez necessária a investigação aprofundada das arquiteturas do passado, por meio da emergência da figura do arquiteto-historiador. Para eles, da Argentina ao México, pode-se falar de uma geração que teve os mesmos interesses, como *Angel Guido*, *Martín Noel* e *Mario Buschiazzo*, na Argentina; *Roberto Dávila*

⁸⁶ No Panamá, a *Compañía del Canal del Panamá* construiu, em 1915, um bloco de apartamentos para solteiros, dentro dos estilemas neocoloniais (AMARAL, 1994: 303).

Carson, no Chile; *Emílio Harth-Terré e Héctor Velarde*, no Peru e *Frederico Mariscal*, no México (POTES, 2000: 43). Os autores, entretanto, excluem o Brasil e os Estados Unidos desta lista, a despeito das contribuições desses países. A importância desses levantamentos foi capital para muitos arquitetos e críticos ligados à difusão do neocolonial no continente americano, e mostra a eclosão de um movimento pan-americano, de fato, ligado à publicação dos espaços e dos elementos arquitetônicos, ampliando a circulação de imagens e projetos entre as Américas. No Brasil, por exemplo, como sugere Carlos Kessel, Ricardo Severo contratou os serviços de José Wash Rodrigues para representar as edificações, ornamentos, arremates, ferragens e demais elementos constitutivos da arquitetura colonial, para a publicação de um ***Dicionário sobre a Arte e a Arquitetura Colonial do Brasil***, obra nunca saída do prelo, mas que pode ser vislumbrada, em certa medida, no livro que Rodrigues publicou, décadas depois, sob o nome de ***Documentário Arquitetônico Relativo à Antiga Construção Civil no Brasil*** (KESSEL, 2002; RODRIGUES, 1979). José Marianno, por sua vez, comissionou as famosas viagens de estudo da Arquitetura Tradicional do Brasil, em 1924, da qual fizeram parte Lucio Costa, Nestor Emgydeo de Figueiredo e Nereo Sampaio. É impossível não comparar a iniciativa dessas viagens saídas do Rio de Janeiro e de São Paulo, pela mão de Alexandre Albuquerque, visando a constituição desses “álbuns”, com as publicações de *Rexford Newcomb* e de *Richard W. Sexton*,⁸⁷ norte-americanos que depois de visitas de levantamento a lugares nos estados de *New Mexico*, *California* e *Texas*, publicaram manuais de divulgação da arquitetura hispânica, os quais se tornaram referências obrigatórias para o entendimento da arquitetura colonial nos territórios, hoje, ocupados pelos Estados Unidos (NEWCOMB, 1916). É interessante notar que *Albert Kelsey* também empreendeu uma pormenorizada viagem de estudos ao México, durante a feitura do projeto do *Pan-American Union Building*, em Washington, em 1907, para coletar referências ornamentais da arquitetura inca e hispânica, que foram empregadas, efetivamente, no pátio interno da atual sede da OEA (LETTERS FROM ALBERT KELSEY TO PAUL CRET, Ms. Coll. 295).

No universo hispano-americano, deve-se apontar, também, a contribuição de *Mario J. Buschiazzo* que fez publicar, nos mesmos moldes dos seus colegas brasileiros e norte-americanos, seus ***Estudios de Arquitectura Colonial Hispano Americana***, em *Buenos Aires*, em 1944.

Aliás, torna-se interessante ver que até mesmo as posturas preservacionistas da arquitetura, nascidas nos anos 1920, em quase todo o continente que teve origem ibérica, surgiram por meio das mãos desses profissionais do espaço envolvidos com as viagens de documentação. Carecem, entretanto, de maior análise as relações entre as várias repúblicas americanas no que concerne à troca de experiências na

⁸⁷ Por exemplo, o livro da lavra de SEXTON, R.W. ***Spanish-Colonial Architecture in the United States***. New York, Brentano's, 1927.

formulação de seus serviços de patrimônio, tema que tem sido explorado pelo autor deste trabalho, mas que ainda necessita de maiores investigações. Em todo caso, é muito importante notar que Mario de Andrade, autor da primeira proposta de formulação de estatutos para a constituição do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, manteve correspondência com muitos argentinos, tendo revelado especial apreço pela arquitetura de Buenos Aires (ARTUNDO, 2004: 24).

Ainda dentro da discussão da divulgação da arquitetura por meio de publicações, deve-se falar da circulação, no contexto pan-americano, das revistas como *Architectural Digest*, *American Architect*, *Arts and Decoration*, *House and Garden*, *Landscape Architecture*, *California Arts and Architecture*, que foram importantes referências para a chegada do *Mission Style* ao Brasil, mas que também foram cruciais em outros países. Potes e equipe afirmam que o conhecimento dos projetos publicados nessas revistas, pelos latinos, ajudou a cristalizar algo que já foi indicado nesta tese: a atenção dada à arquitetura norte-americana. Esta mesma equipe de pesquisadores ajuda a elencar os arquitetos leitores dessas publicações estadunidenses: Na Argentina, *Alejandro Christophersen* recomendava a leitura da revista *The Architect*, onde “*havia encontrado tipos de casas de campo e de estâncias perfeitamente adaptáveis à Argentina*”; sua atitude era amplificada, entretanto, por seu colega *Raúl J. Alvarez* que dizia, explicitamente, da necessidade de tomar os exemplos dos norte-americanos que têm sabido erigir sobre toda a *California* uma arquitetura regional, a qual deveria ser “*transplantada*” para seu país. No Uruguai, por meio da *Revista Ultra*, *Raúl Lerena Acevedo* recomendava a adoção do “*Colonial Californiano*” (POTES, 2000: 34). No Brasil, apesar de mais reticente ao neocolonial, *Christiano das Neves* também afirmava, por meio da *Revista de Engenharia do Mackenzie College* que o *Spanish Renaissance* era “*o estylo que devíamos cultivar por ser realmente agradável e adaptavel ao nosso clima e á nossa natureza*” (NEVES, 1919: 41).

Todo este entusiasmo pelo *Mission Style* alcançou não apenas os profissionais de formação erudita nas academias, como os nomes acima citados permitem ver, mas, principalmente, clientes. Entre estes, algo que não pode deixar de ser citado é a recomendação de *Eva Perón*, na Argentina, para que as casas construídas durante o governo populista de Perón fossem adeptas do *Mission Style*, que demonstraria “*a apropriação simbólica*”, por parte de grandes setores populares, de um dos “*principais atributos físicos de conforto e de dignidade*” exibidos, até aquele momento, apenas em edifícios destinados às altas e médias camadas da população (PETRINA, 1994: 291). A sugestão de “*Evita*” parece ter sido a oficialização de um processo, como mostra Ramon Gutierrez:

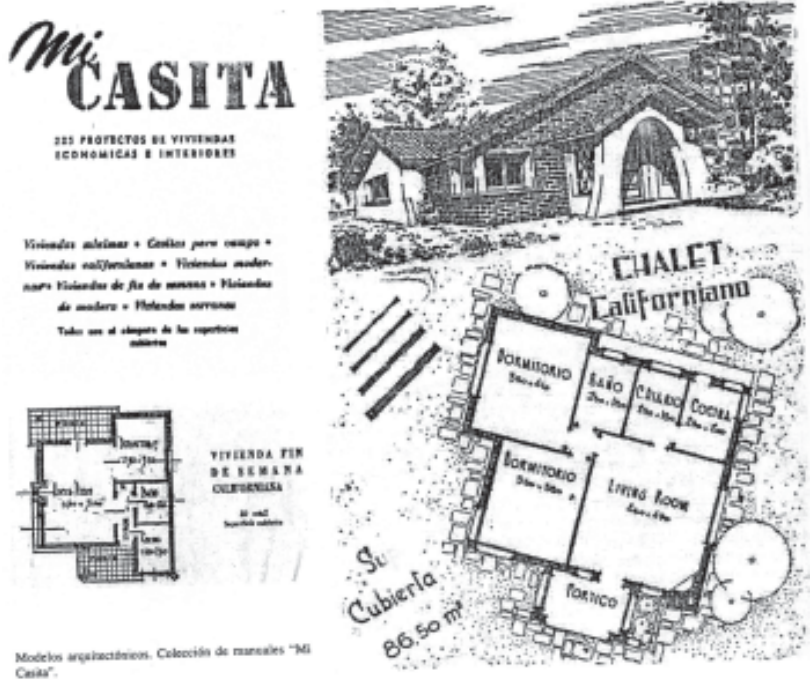
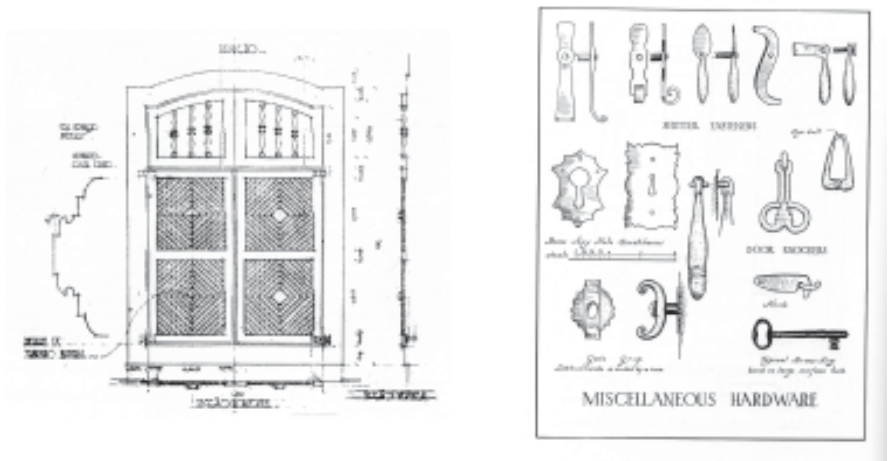


Fig. 412 - Levantamento métrico de uma janela executado por Lucio Costa, em 1924, na cidade de Diamantina / MG.

Fig. 413 - Propaganda da revista argentina *Mi Casita*, na qual se faz referência aos "chalets californianos". Fonte: POTES, 2000.

Fig. 414 - Imagens de ferragens empregadas nas antigas missões franciscanas da Califórnia. Fonte: HANNAFORD, 1990.

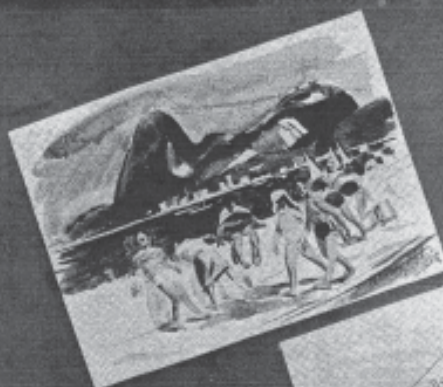
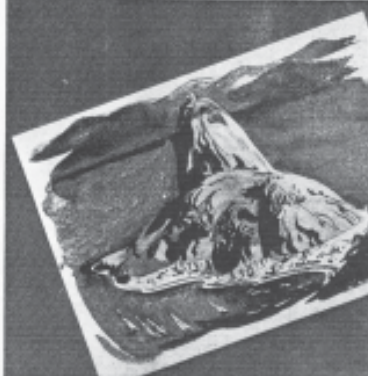
“Se moldou, assim, a mítica imagem do ‘chalet californiano’ como símbolo de status, de prestígio, e como modelo. Inicialmente, foi utilizado pelas classes altas, em suas variantes pitorescas; o consolidaram logo as classes médias, nos subúrbios das grandes cidades, em especial Buenos Aires, Córdoba, Rosário e La Plata, e, insistentemente, os setores populares o requisitavam para as habitações que o Governo planejava” [tradução minha] (GUTIERREZ, citado por POTES, 2000: 35).⁸⁸

No Brasil foi mostrado que alguns Institutos de Aposentadorias e Pensões produziram habitações vazadas dentro dos estilemas missionários e como a Prefeitura do antigo Distrito Federal cedia projetos de características *Mission Style* para a constituição dos subúrbios cariocas. Viu-se, também, a importância da revista **A Casa**, de manuais de projetos e de catálogos de arquitetos na disseminação de habitações das classes médias urbanas. Por essas similaridades não apenas estético-construtivas, mas, sobretudo, de método divulgador, é que se pode afirmar que o *Mission Style* foi um *estilo pan-americano*, encontrado do norte do continente americano à Terra do Fogo. Esquecido ou mal-compreendido, por décadas, esperase que por meio da leitura empreendida, nesta tese, a maneira de vislumbrar essa arquitetura ajude a redefinir algumas abordagens no trato das relações do Brasil com os Estados Unidos, e do Brasil com os demais países americanos.

⁸⁸ No original: “se conformó así la mítica imagen del ‘chalet californiano’ como símbolo de status, de prestígio, y como modelo. Inicialmente lo utilizaron en sus variantes pintorescas las clases altas; lo concretaron luego las clases medias en los suburbios de las grandes ciudades, en especial Buenos Aires, Córdoba, Rosario y La Plata, y los reclamaban insistentemente los sectores populares para las viviendas que planificaba el Gobierno.”



SOUTH AMERICAN CARAVAN

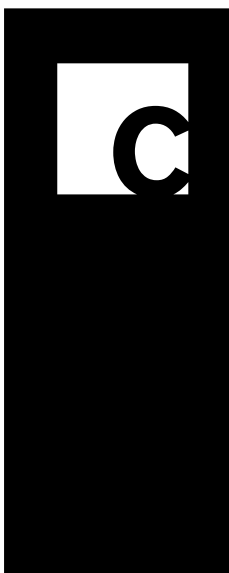


“Um povo só incorpora um determinado valor cultural de outro povo se ele fizer sentido no conjunto geral da sua cultura. Isso significa que a assimilação cultural não se faz por imitação, mas por complicado processo de recriação”.

Antonio Pedro Tota, 2000, p. 193.



Fig. 415 - [abertura] vinheta publicada em **California: Arts and Architecture**, em agosto de 1942, em alusão à colaboração mútua das Américas. Fonte: CALIFORNIA: ARTS AND ARCHITECTURE, Aug, 1942: 20.



CONSIDERAÇÕES FINAIS: O Caminho Pan-Americano da Americanização

Este trabalho, embora enfoque o processo de recepção das referências norte-americanas na cidade e na arquitetura do Brasil, não pode deixar de mostrar a pluralidade do processo “americanizador”. Transcorrida, como mostra *Jeffrey Cody*, a partir da década de 1870, a disseminação dos referentes americanos alcançou muitos países ao redor do mundo e imprimiu marcas que permitem entender uma das facetas do capitalismo: a criação de demandas. Alguns historiadores, como *Eric Hobsbawn*, em *A Era dos Impérios (1875 – 1914)* defendem que essas demandas, como, aqui, se preferiu chamar o processo de livre comércio, baseavam-se na idéia de que entre os países produtores de matéria-prima e os países processadores dessas matérias existia um intercâmbio que os coadunava. *Hobsbawn*, repudiando a noção freqüente de países desenvolvidos e países atrasados, explicitou que “enquanto o (...) Primeiro Mundo, apesar de suas consideráveis disparidades internas, era movido pela história e por ser o portador conjunto do desenvolvimento capitalista, o Segundo Mundo (muito maior) não era unido senão por suas relações com o primeiro” (HOSBAWN, 1988: 33). Embora se concorde com esta característica apontada pelo historiador, deve-se ressaltar algumas ressalvas à sua exegese de que

“embora a posição futura da América como superpotência econômica mundial já estivesse assegurada pelo ritmo e pelo ímpeto de sua industrialização, o produto industrial europeu ainda era duas vezes maior do que o americano, e os principais avanços tecnológicos ainda provinham basicamente do leste do Atlântico. Os automóveis, o cinema e o rádio foram inicialmente desenvolvidos com seriedade na Europa” (HOSBAWN, 1988: 36).

Obviamente, não se repudiam os dados estatísticos levantados por *Hobsbawn*, mas não se pode concordar com a análise de que após 1914, com o deflagrar da Primeira Guerra Mundial os Estados Unidos “teve licença” das grandes potências de então para iniciar seu processo *americanizador*. Sabe-se que com a Primeira Guerra Mundial a participação efetiva dos Estados Unidos na produção e na distribuição dos bens industrializados assumiu preponderância, quer sobre os britânicos, quer sobre os germânicos, duas nações que disputavam com os americanos essa proeminência comercial, há algumas décadas. Contudo, soa um tanto quanto “eurocentrista” afirmar que “a cultura americana, mais democrática e igualitária, só assumiu uma posição própria na era da cultura de massa do século XX” (HOBSBAWN, 1988: 37). Nem mesmo no caso europeu, como enfaticamente mostrou, já há mais de uma década, Jean-Louis Cohen, consegue-se sustentar a idéia de que apenas no segundo pós-guerra a Europa descobriu os Estados Unidos. O que procura-se mostrar é que o processo de recepção do mundo americano, embora possa ser visto por muitos analistas como “*intrometido*” e “*tardio*”, de fato, não foi. Os Estados Unidos souberam abrir frestas para sua atividade econômica e cultural nas mais diferentes culturas, e, talvez por tentarem driblar a concorrência britânica, se fizeram menos proeminentes naquela nação. Entretanto, para diferentes realidades, a “*Terra de Tio Sam*” construiu diferentes caminhos, pavimentando relações comerciais que se confundiram com relações sociais, culturais, estéticas, tecnológicas, educacionais e morais.

Convém apontar pelo menos alguns desses caminhos mapeados, antes de se mostrar a especificidade do caminho pan-americano da americanização. *Cody* aponta, a americanização é um mosaico, montado com peças similares e provenientes do mesmo lugar, mas com resultados diferentes (CODY, 2003: XIV). Ainda em fins do século XIX, o know-how adquirido pelos americanos na construção com estruturas metálicas e com concreto proporcionou o desenvolvimento de muitos projetos em lugares como *Atbara*, na África, onde uma firma da costa leste estadunidense construiu uma ponte para ferrovia (CODY, 2003: 11). Não se deve pensar que esta foi a única realização neste setor. Em anos subseqüentes, outros viadutos foram erigidos em Uganda, Austrália, Nova Guiné, Mandchuria do Sul, Japão, México, Nova Zelândia, Taiwan e Colômbia pela *United States Steel Products Export Company* (CODY, 2001: 13). Valendo-se, ainda de estruturas metálicas, uma loja de departamento foi erigida no México; um hotel, e diversos engenhos de açúcar, em Cuba; alguns arranha-céus, em *Johannesburgo*, na África do Sul; várias fábricas na Rússia; pontes e passarelas na Costa Rica e um hotel em Buenos Aires; um palácio em Cabul e um templo na Índia, apenas para citar alguns exemplos recuperados por *Cody*, e que mostram a ação técnica e tecnológica

dos Estados Unidos, no período estudado por *Hobsbawn*, em ***A Era dos Impérios***.

Focando o caso da Europa, tanto *Cody* quanto *Cohen* mostram como a Rússia se interessou e adotou aspectos ligados ao mundo americano, sobretudo no que dizia respeito à expansão industrial. *Lenin* trouxe até a Rússia alguns engenheiros pra divulgarem os métodos de gerenciamento científico de *Taylor*, e diversos profissionais e empresários soviéticos, depois, nutriram grande admiração por *Henry Ford* (CODY, 2003: 101). *Jean-Louis Cohen* chega a mostrar que, na Rússia, *Ford* era considerado o “São Pedro de um Deus chamado Lenin”, e, ainda, divulga que *Stalin*, escrevendo à *American Chamber of Commerce*, apontou *Ford* como a personificação de “Tio Sam” (COHEN, 1995: 72).

Na França, *Cohen* mostra a grande importância dos Estados Unidos na vida profissional de *Le Corbusier*, e na cunhagem dos termos da racionalização da construção, precocemente preconizados pelo franco-suíço com a “*Maison Dom-inó*”, de 1912. Na obra deste arquiteto autodidata, estão presentes, também, a admiração pelo automóvel, claramente visível em sua “*Cidade para Três Milhões de Habitantes*” e nas suas casas, riscadas para os mais diversos clientes, onde a garagem assume papel articulador do projeto. Na Alemanha, é possível sondar o elogio de *Walter Gropius*, na *Bauhaus* de *Weimar*, ao elevador e à linha de montagem de *Ford* (COHEN, 1995: 78). Ainda no ambiente nórdico europeu, não se pode furtar de falar da importante experiência de *Adolf Loos* nos Estados Unidos, em princípio do século XX, que lhe rendeu subsídios para a escrita de seu contundente ***Ornamento e Delito***, de começo da década de 1910.

Na Itália, cuja recepção e adoção dos princípios americanos rendeu, inclusive, considerações de *Antonio Gramsci*, em seu importante texto ***Americanismo e Fordismo***, de 1936, o ambiente fabril automotivo transformou-se, na interpretação de *Cohen*, com a idéia trazida por *Giovanni Agnelli*, o fundador da FIAT, dos Estados Unidos, nas viagens, por ele realizadas em 1902 e 1912, à *Highland Park*, o “quartel general” de *Henry Ford*, em *Detroit*.

No oriente, sobretudo na China, a presença dos Estados Unidos também se fez notar com certa ênfase. Embora as maiores expressões sejam do segundo pós-guerra, o período do primeiro conflito mundial serve para mostrar como os princípios ocidentais, sobretudo pelo filtro dos americanos, estavam sendo mobilizados na transformação do país. Como já se apontou, o livro de *Wilma Fairbanks* sobre os dois arquitetos egressos da *University of Pennsylvania*, *Liang e Lin*, revela a adesão ao método *Beaux-Arts* de

projeção. *Jeffrey Cody*, que não apenas estuda o oriente, como, ali, leciona, é uma importante referência para o entendimento das relações com os Estados Unidos, as quais perpassaram o planejamento urbano, a aeronáutica, a infraestruturação das cidades, a industrialização, a verticalização, a divulgação da arquitetura clássica e neoclássica ocidental e as relações comerciais.

Como tem interpretado Maria Lucia Caira Gitahy, há muita pertinência no entendimento de um relacionamento pan-americano. Embora a situação econômica dos países americanos seja diferente, e as origens sociais e culturais, também, um dado que se poderia chamar como relativo à “*cultura material*” promove uma inegável e importante aproximação entre essas nações: a necessidade de soluções para problemas similares. A ocupação do continente americano esbarrou em superações semelhantes, quer ela ocorresse na porção setentrional, na central ou na sulista. Tomando, em específico, a relação Brasil – Estados Unidos, é possível notar como os dois países se entreolharam ao longo de suas histórias. Quando ainda era uma colônia de Portugal, o Brasil procurou a ajuda dos recém-libertos americanos no evento da Inconfidência Mineira (CALMON, 1941). No século XIX, não apenas houve troca de correspondência entre os dois países, como missionários estadunidenses aportaram no Brasil para evangelizarem e disseminarem métodos novos de educação. Houve, ainda, a recuperação de elementos e de políticas estadunidenses quando da preparação das Cartas Magnas brasileiras, e importantes acordos alfandegários (DOLHNIKOFF, 2005, GUNN, 1986). Quando a Segunda Revolução Industrial tomou corpo nos Estados Unidos, o Brasil foi convidado a celebrar, por meio das feiras internacionais, os avanços tecnológicos daquela nação. Em contrapartida, travou importante diálogo com o universo da ciência e do planejamento e se tornou um maior consumidor dos produtos exportados por aquela nação (COSTA, 2001; DOMINGUES, 1999).

No caso da “*americanização*” do próprio continente americano, algumas considerações se fazem necessárias, em particular. Se dentro do contexto americano o Brasil foi visto como um “*ente estranho*” durante parte do século XIX, o processo de “*americanização*”, sobretudo aquele transcorrido no campo da arquitetura e do urbanismo, aproximou o país das demais nações americanas e, em especial, dos Estados Unidos. A circulação de idéias, pessoas, produtos e imagens, entre as três Américas, permite atestar o que a epígrafe de Antonio Pedro Tota mostra: não se pode pensar numa intromissão cultural de um país sobre outro, a não ser que os signos e os símbolos mostrados por um país satisfaçam aspirações de um outro povo. A recepção de ideários, produtos, formas, imagens e modelos operacionais no campo da casa e da cidade só

puderam ser fixados, no Brasil, porque houve, em certo sentido, uma demanda da sociedade brasileira por eles, e, em contrapartida, um arguto olhar norte-americano para o oferecimento daquilo que poderia vir a ser consumido no país. Este olhar estadunidense foi *estrategista* - na medida em que pôde satisfazer demandas já existentes junto às classes urbanas nacionais - e *sedutor* - quando criou demandas para fazer presente o mundo americano.

O que se entende por "*caminho pan-americano da americanização*" é a similaridade com que o processo de recepção dos produtos estadunidenses ocorreu em todos os países americanos. Vistos como herdeiros de uma origem comum - a península ibérica -, as nações americanas foram reunidas num fundo que alinhavou elementos tidos como unívocos. Muitas vezes, contudo, a generalidade desta operação foi um problema, já que entre Portugal e Espanha, e, sobretudo, entre suas antigas colônias americanas, existiram mais diferenças e mais idiosincrasias, do que se poderia pensar. Línguas diversas, paisagens díspares, regimes políticos diferentes, foram, no mínimo, três caracteres que tiveram de ser superados para que uma unificação, pelo menos em teoria, pudesse ser instalada.

Já se falou sobre o papel desempenhado pelo cinema e de como as histórias transcorridas nas telas conseguiram repercutir no Brasil. O que se gostaria de acrescentar é o fato de que o caminho pan-americano da americanização criou até mesmo personagens que mostraram que era nas diferenças das Américas que se encontrava o fator de sua possível união. Estes personagens, saídos dos estúdios de *Walt Disney*, nos anos 1940, eram um pato - que remetia ao fundo anglo-saxão da América do Norte e de sua tradição de caças -; um galo - que permitia a recuperação do colorido dos hispanos e de seus hábitos rurais -, e, ainda, um papagaio que tentava mostrar a importância das florestas tropicais americanas. Os três personagens - *Pato Donald*, *Panchito* e *Zé Carioca* - podem ser vistos como a encarnação do que a América, com toda a sua pluralidade, poderia garantir: "*boa vizinhança*".¹ Talvez esta tentativa de aproximação cultural pan-americana tenha fracassado, mas o que esta tese mostrou foi que uma outra face desta aproximação cultural vingou e repercutiu grandemente: a propagação da arquitetura missões que, como visto, é um legítimo fenômeno pan-americano.

Baseada num arranjo espacial típico das missões jesuíticas e franciscanas plantadas num território que passou do domínio espanhol para o mexicano e, deste, para o estadunidense, o *Mission Style* foi a resposta dada pela produção capitalista da arquitetura para expressar a particularidade da costa oeste dos Estados

¹ As aventuras de Zé Carioca e Pato Donald podem ser assistidas no filme *Alô, Amigos* (*Hello, friends*), de 1941 / 1942, produzido nos estúdios de *Walt Disney*; por *Norman Ferguson*; onde ocorreu a estréia de Zé Carioca. A tríade de aves aparece em *Você já foi à Bahia?* (*The three caballeros*), produção de 1943. *Disney* criou, ainda um personagem para remeter à Argentina, de forma específica, o *Gauchinho Voador*.

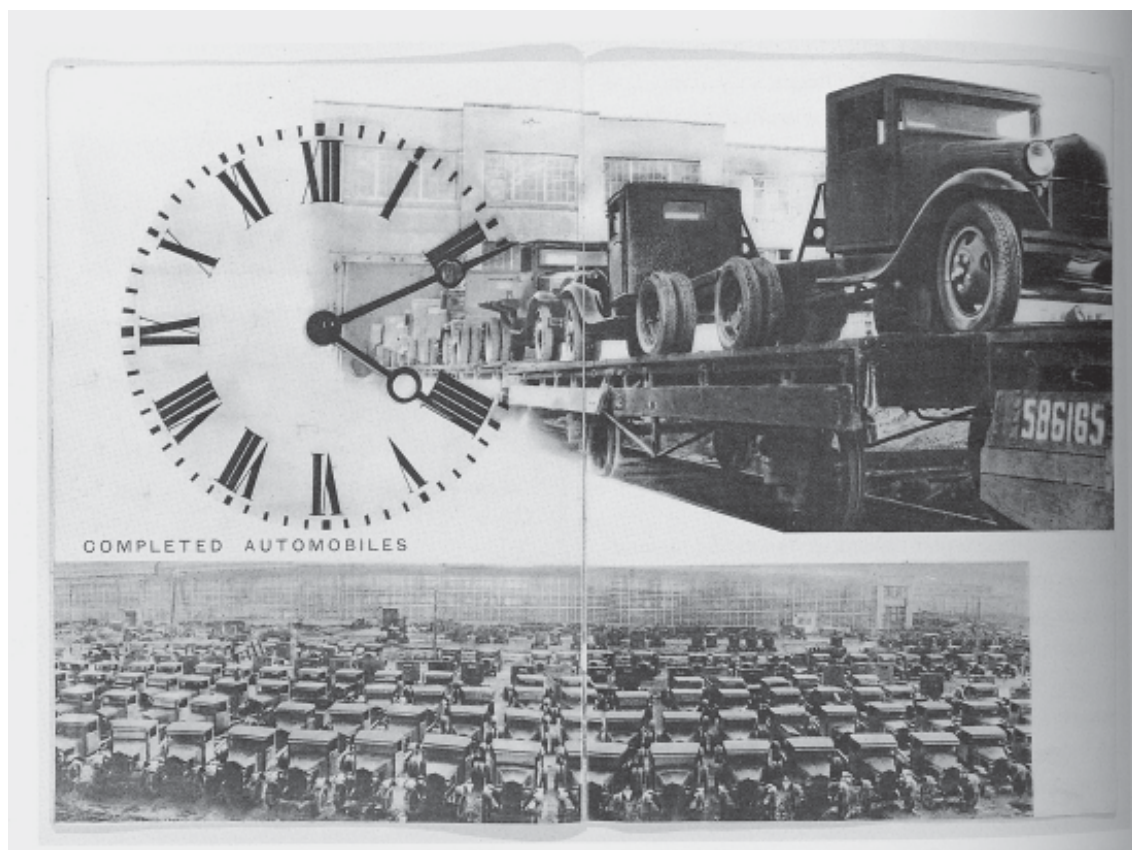


Fig. 416 - Projeto do arquiteto Goodhue para a catedral de Cuba, durante o "período americano" da ilha. Fonte: CODY, 2003.

Fig. 417 - Fotomontagem recuperada por Jean-Louis Cohen da Fábrica de Automóveis de Moscou (AMO). Fonte: COHEN, 1996.

Fig. 418 - Hotel construído por empresa norte-americana em Cuba. Fonte: CODY, 2003.

Unidos. Região vista com olhos desconfiados pelos *yankees* da costa leste, a *California*, como também o *New Mexico* e o *Texas* tiveram de ser inseridos no escopo daquela nação, enaltecendo características que eram julgadas mais “nobres” do que a herança mexicana: os indícios de uma herança mediterrânea. Resolvido o problema “genealógico” daqueles estados, o governo dos Estados Unidos percebeu a pertinência de resignificar a existência daquelas missões religiosas - e da arquitetura vazada segundo as mesmas -, como um ponto de contato com a América Latina. Embora preservasse a imagem de terra pujante, criadora da verticalização e dos *business men*, os Estados Unidos tocaram num ponto importante do ego americano: a dialética entre modernização e tradição. Ao mostrarem a possibilidade da combinação da manutenção das heranças coloniais e do avanço econômico, os Estados Unidos seduziram os países com quem almejava estreitar laços econômicos e políticos, oferecendo um produto que parecia casar perfeitamente com os anseios locais: a arquitetura neocolonial pelo viés estadunidense.

Recorrendo ao cinema, mais uma vez, o que se nota é que nos anos 1920, quando o primeiro filme da saga do *Zorro* foi lançado, ainda em tempos de cinema mudo, o foco norte-americano era mostrar a validade do projeto expansionista estadunidense em todo o continente americano, recorrendo àquilo que o governo de *Washington* julgava como sendo o lado latino dos Estados Unidos: a costa oeste. Naquele tempo, o que os Estados Unidos almejavam era a expansão de seu modo de vida e de sua forma de organização do espaço sobre as demais áreas da América. Para tanto, criou estratégias de “americanização das Américas” que perpassaram diversas áreas, dentre elas, a arquitetura e o urbanismo. Neste sentido, a arquitetura missões, possível de ser vista nos cenários daquela produção cinematográfica, foi edificada em quase todos os países americanos, exceção, talvez, do Canadá, dentro de uma lógica de referências e de recuperações que, como vista, foi praticada por arquitetos estadunidenses, como *Albert Kelsey* e *Rexford Newcomb*; argentinos como *Horacio Acosta y Lara* e brasileiros, como *Edgard Vianna*.

Se a adoção, por instituições de ensino superior brasileiras, dos métodos de educação norte-americanos, por um lado, mostrou a possibilidade de destaque e de projeção social no seio da sociedade urbana do Brasil, por outro, enfatizou a pertinência de se enxergar a americanização como um processo iniciado muito tempo antes da Segunda Guerra Mundial. Nos alunos brasileiros graduados nos Estados Unidos, pelo menos os estudados por esta tese, foi possível perceber a manutenção de contato com o mundo americano, seja através de cartas, eventos, aquisição de publicações ou mesmo na projeção da cidade com referências estadunidenses. Esta divulgação de princípios operativos do espaço segundo os ditames



Fig. 419 - Cartaz da primeira versão do filme *A Marca do Zorro*.
Fonte: Acervo particular de Fernando Atique.

Fig. 420 - Júlio Prestes na "University of Pennsylvania", nos anos 1920. Fonte: UNIVERSITY ARCHIVES.

Fig. 421 - Os presidentes Roosevelt e Vargas se encontram na Base Aérea de Natal, em Parnamirin, para acertar a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. A tela mostra dois signos do mundo americano: A arquitetura missões, perceptível nas arcadas e na igreja, ao fundo, e o "Jeep". Fonte: TOTA, 2000.

e gostos dos Estados Unidos forjou uma proliferação de arquiteturas e de referências infra-estruturais para as cidades brasileiras que se disseminaram para além do universo erudito da construção, já que vinham a atender ao anseio de certas classes sociais que viram tais projetos nas ruas, nos livros e nas telas dos cinemas que passavam a fazer parte de sua vivência de urbanidade.

Complementando a troca de experiências e a construção de referenciais que podem ser chamados de americanos estão os Congressos Pan-Americanos de Arquitetos, eventos de grande dimensão e importância, em realização até os dias de hoje. Nas cinco edições estudadas por esta tese – 1920 a 1940 – os arquitetos debateram temas que interessavam a todos os países das Américas. Na questão da regulamentação profissional, como visto, recorreram às explicações dadas pelo *American Institute of Architects*, dos Estados Unidos; no debate acerca da disseminação da Arquitetura Moderna, o Brasil foi analisado, mas, de fato, foi o intercâmbio do resultado de pesquisas similares, realizadas por americanos, por argentinos, por mexicanos e por brasileiros que se pode sentir a validade de uma produção pan-americana. A produção da arquitetura neocolonial é o atestado maior para isto, já que por meio dos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos ela se retro-alimentou. Se, por um lado, é possível afirmar que o *Mission Style* nasceu na *California*, ele, por outro, se delineou e se reestruturou, de fato, ao se fundir com outras referências coloniais das Américas, dando origem àquilo que ilustra a construção de um percurso pan-americano para a arquitetura.

Em conclusão: enquanto o relacionamento do Brasil com os Estados Unidos se evidenciou após a Segunda Guerra Mundial, os andaimes para sua construção remontam ao século XIX, época em que o país se aproximou não apenas da “*Terra do Tio Sam*”, mas, também, das demais repúblicas americanas, dando origem, de fato, ao “*Arquitetar da Boa Vizinhaça*”.



Fig. 422 - Fotomontagem por Fernando Atique, retratando os diversos símbolos dos diálogos americanos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS

- II CONGRESSO Pan-Americano de Architectos. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.24, v.4, a. II, set, 1923, p. 141-142.
- II CONGRESSO Pan-Americano de Architectos. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.23, v.4, a. II, ago, 1923, p. 135.
- III CONGRESSO Pan-Americano de Arquitetos. **Revista de Engenharia do Mackenzie College**. São Paulo: Escola de Engenharia do Mackenzie College, n.44, set., 1927.
- IV CONGRESO Panamericano de Arquitectos. **Revista de Arquitectura**. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos, n. 112, abr, 1930, p. 259-399.
- IV CONGRESSO Pan Americano de Architectos. **Revista de Engenharia do Mackenzie College**. São Paulo: Centro Acadêmico Horacio Lane, n.52 – 53, 1930, snp.
- A EXPOSIÇÃO do Centenario. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.24, v.4, a. II, set, 1923, p. 143-154.
- A ORGANIZAÇÃO científica do trabalho. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.42, a. V, out., 1927, p.10.
- A PROVÍNCIA de São Paulo. Editorial por Rangel Pestana. São Paulo: 29 jun 1876.
- ADAMS, Charles Gibbs. The window grilles of Old Mexico. **California: arts and architecture**. Los Angeles: p. 17 - 18, Feb - Mar, 1933.
- AEROPORTO de Poços e Caldas. Projeto e construção: Richter & Lotufo Ltda. **Acrópole**. São Paulo: n.23, mar, 1940, p.3-5.
- ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário ilustrado de arquitetura**. 3ª ed. São Paulo: Pró-Editores, 2003.
- ÁLBUM de casas de estylo. Rio de Janeiro: Conceição e Cia., s.d.
- ALBUQUERQUE, Maria Beatriz Portugal. **Luz, ar e sol na São Paulo Moderna**: Alexandre Albuquerque e a Insolação em São Paulo, 1916 – 1934. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2006.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). **História da vida privada no Brasil**, v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ALUMNI ORGANIZATION and Activities. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1924.
- ALVAREZ, Raúl J. No olvidemos las sanciones de los Congressos. In: **Revista de Arquitectura**. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos, n.123, mar, 1931.
- AMARAL, Aracy. **Arquitectura neocolonial**: América Latina, Caribe, Estados Unidos. São Paulo: Fondo de Cultura Econômica / Memorial da América Latina, 1994.
- AMARAL, Plínio Botelho do. Projecto para a séde do Tennis Club Paulista. **Revista Politécnica**. São Paulo: Escola Politécnica, n. 102, snp, nov - dez, 1931.
- AMERICAN Institute of Architects Foreign Relation Committee. Folder 8. In: CODY, Jeffrey W. **Exporting American architecture: 1870 – 2000**. New York: Routledge, 2003.
- ANTE-projeto de uma residência a Av. Epitácio Pessoa, de Carlos Porto & Caio Moacyr Ltd. **Revista de Arquitectura da ENBA**. Rio de Janeiro: ENBA, n.13, jul, 1935, p.12-13.
- APEX-ROTAREX: varredores a vacuo para todos os fins. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.40, a. V, ago., 1927, p.12.
- APPELBAUM, Stanley. **The Chicago World's Fair of 1893**: a photographic record. New York: Dover Publications, 1980.
- APPLETON, Marc. Introduction. In: NEWCOMB, Rexford. **Mediterranean domestic architecture in the United**

States. New York: Acanthus Press, 1999.

ARCHITECTURAL RECORD, n.9, 1968: 36

ARCHITECTURAL RECORD. Rexford Newcomb. **Architectural Record.** New York: v. 144, n.9, p.36-36, Sep, 1968.

ARGAN, Giulio Carlo et al. **El pasado en el presente:** el revival en las artes plásticas, la arquitectura, el cine y el teatro. Barcelona: Gustavo Gili, 1977.

ARQUITECTOS Lucio Costa e F. Valentim. **Arquitetura e Urbanismo.** Rio de Janeiro: IAB, n. 16, set - out, 1938, p.238 - 250.

ARQUITETURA de transição. Tema: uma paróquia. Aluno João Nagib Khair / Professor Paulo Pires. **Arquitetura e Urbanismo.** Rio de Janeiro: IAB, mai-jun, 1936, p.50-51.

ARTUNDO, Patricia. **Mario de Andrade e a Argentina:** um país e sua produção cultural como espaço de reflexão. São Paulo: EDUSP, 2004.

AS RESIDENCIAS do Dr. João Daudt de Oliveira e Ex. senhora D. Adelaide Daudt de Oliveira. Arquitetos Lucio Costa e F. Valentim. **Arquitetura e Urbanismo.** Rio de Janeiro: IAB, n. 16, set-out, 1938, p.238-250.

ATIQUE, Fernando. **Em busca de profissão nos Estados Unidos:** pesquisa e documentação sobre a formação de brasileiros na "University of Pennsylvania", entre 1876 e 1950. Relatório final do processo 3789/05-5 apresentado à CAPES. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **As cidades brasileiras e a presença norte-americana:** espaço, cultura e imaginário. São Paulo: 2005b. Segundo Trabalho Programado.

_____. **As idéias de pan-americanismo e suas leituras no Brasil:** um itinerário preliminar. São Paulo: 2005a. Primeiro Trabalho Programado.

_____. **Estantes em inglês:** levantamento e discussão de algumas obras de procedência norte-americana, presentes em instituições de ensino de São Paulo e do Rio de Janeiro, formadoras de engenheiros e arquitetos, na primeira metade do século XX. São Paulo: 2005c. Terceiro Trabalho Programado.

_____. **Memória moderna:** a trajetória do Edifício Esther. São Carlos: RiMa / FAPESP, 2004.

AULA de Pequenas Composições de Arquitetura. Casa para 'week-end'. João H. Vieira Gonzaga da Silva / Prof. Paulo Pires. **Arquitetura e Urbanismo.** Rio de Janeiro: IAB, set-dez, 1940, p.331.

AUSTIN, E. L.; HAUSER, Odell. **The Sequi-Centennial International Exposition:** a record based on Official Data and Departmental Reports. Philadelphia: Current Publications, 1929.

AZEVEDO, Ricardo Marques de. Las ideas de Ricardo Severo y la relación con el academicismo. In: AMARAL, Aracy. **Arquitetura neocolonial:** América Latina, Caribe, Estados Unidos. São Paulo: Fondo de Cultura Económica / Memorial da América Latina, 1994.

BAER, Kurt. **Architecture of the California missions.** Berkeley: University of California Press, 1958.

BAIRRO-JARDIM Maria da Graça. **A Casa.** Rio de Janeiro: n.18, out, 1925, p.31.

BANDEIRA, Julio. Quadros históricos: uma história da Missão Francesa. In: BANDEIRA, Julio; XEXÉO, Pedro Martins Caldas; CONDURU, Roberto. **A Missão Francesa.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BANDEIRA, Julio; XEXÉO, Pedro Martins Caldas; CONDURU, Roberto. **A Missão Francesa.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BARBOSA, Ruy, citado por CHACON, Vamireh. **Vida e morte das Constituições Brasileiras.** Rio de Janeiro: Editora Forense, 1987.

BARBUY, Heloísa. **A cidade-exposição:** comércio e cosmopolitismo em São Paulo, 1860 – 1914. São Paulo: EDUSP, 2006.

BARRET, John. **The Pan American Union:** peace, friendship, commerce. Washington: Pan American Union, 1911.

BARRETO, Lima. O futurismo. In: RESENDE, Beatriz (comp.). **Lima Barreto:** melhores crônicas. São Paulo: Global, 2005. (originalmente publicada em Careta, 22 jul 1922).

_____. Amor, cinema e telefone. In: RESENDE, Beatriz (comp.). **Lima Barreto:** melhores crônicas. São Paulo:

- Global, 2005. (originalmente publicada em Careta, 24 jan 1920).
- _____. O edifício da Cruz Vermelha. In: RESENDE, Beatriz (comp.). **Lima Barreto: melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2005. (originalmente publicada em Hoje, 10 jul 1919).
- _____. A biblioteca. In: RESENDE, Beatriz (comp.). **Lima Barreto: melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2005. (originalmente publicada no Diário da Noite, 13 jan 1915).
- _____. O convento. In: RESENDE, Beatriz (comp.). **Lima Barreto: melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2005. (originalmente publicada na Gazeta da Tarde, em 213 jul 1911).
- BASTOS, Tavares. Carta, 1862. In: CALMON, Pedro. **Brasil e América: história de uma política**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1944.
- BATALHA, Salvador Duque Estrada. Prefácio. In: PASSARINHO, Jader. **Estudos residenciais**. Rio de Janeiro, s.n., 1942.
- BEALS, Carleton et al. (Org.). **What the south Americans think of us?: a symposium**. New York: Robert M. McBride & Company, 1945.
- BEARD, James Carter. Curious homes and their tenants. New York: Appleton, 1897.
- BECK, Francisco. Residência á r. Estados Unidos com d. Hypollita. **Acrópole**. São Paulo: n.36, p. 419 - 424, abr, 1941.
- _____. Residência da sra. Marina Dias Laranjeira Cabral, r. Chile, 48. **Acrópole**. São Paulo: n.15, p. 8 -14, jul, 1939.
- BECKER, Alfredo Ernesto. Casa de mestre de linha e agentes e casa de engenheiro residente da Comissão Mixta Ferroviária Brasileiro – Boliviana. E.F Corumbá – Santa Cruz de la Sierra. **Acrópole**. São Paulo: n.28, p. 131 – 132, ago, 1940.
- BEECHER, Catherine Esther. **A treatise on domestic economy, for the use of young ladies at home and at school**. New York: Hacker Art Books, 1970. fax-similar edition of the 1841's version.
- BENCOSTTA, Marcus Levy. **Ide por todo mundo: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana / 1869-1892**. Campinas: Centro de Memória / UNICAMP / FAPESP, 1996.
- BENDER, Flora Christina. **A 'Scena Muda'**. (Tese de doutorado). São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1979. 2 v.
- BERNARDINI, Sideney Piochi. **Os planos da cidade: as políticas de intervenção urbana em Santos – de Estevan Fuertes a Saturnino de Brito (1892-1910)**. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2003.
- BERTZ; WINTER: MAURY. R. Max Cohn's country home situated in the Los gatos Hills. **California: arts and architecture**. Los Angeles: p. 22 - 24, Feb, 1930.
- BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- BOSSOM, Alfred C. **An architectural Pilgrimage in old Mexico**. New York: Charles Scribner's sons, 1924.
- BRAGA, Erasmo; GRUBB, Keneth G. **The Republic of Brazil: a survey of the religious situation**. London; New York; Toronto: World Dominion Press, 1932.
- BRASIL ODONTOLÓGICO. **Uma antiga fotografia**. Rio de Janeiro: v. IX, n.1-2, jul-ago, 1932.
- BRATKE, Oswaldo Arthur; BOTTI, Carlos. Residencia Manoel Vega, rua Chile, 17-b. **Acrópole**. São Paulo: n.3, p. 57 – 61, jul, 1938.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BUEL, J. W. **Louisiana and the Fair: an exposition of the world. Its people and their achievements**. Saint Louis: World's Progress Publishing Co., 1904.
- BUENO, Clodoaldo. **Política externa da Primeira República: os anos de apogeu – de 1902 a 1918**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- BUNGALOW hespanhol. Projecto de Moacyr Fraga, alumno da ENBA. **Arquitetura: mensário de arte**. Rio de

Janeiro: a. I, n.3, ago, 1929, p.36-37.

BUNGALOW missões. Luiz Gilleo, architecto. **Architectura: mensário de arte**. Rio de Janeiro: a. II, n.12, mai, 1930, p.24.

CABUGÁ, Antonio Gonçalves da Cruz. Carta ao presidente dos Estados Unidos da América. In: CALMON, Pedro. **Brasil e América: história de uma política**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1944.

CAIUBY, Olavo Franco. Residencia Quirino Gastão de Sá, r. Venezuela, 202. **Acrópole**. São Paulo: n.18, p. 33 – 37, out, 1939.

CALCULADOR MERCHANT: o unico calculador de alavancas de fabricação americana. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.39, a. V, jul., 1927, p.10.

CALIFORNIA Houses. **Architectural record**. S.n., p. 318 – 340, Oct, 1922.

CALMON, Pedro. **Brasil e América: história de uma política**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1944.

CAMARGO, Mônica Junqueira de. Prefácio. In: FORTE, Miguel. **Diário de um jovem arquiteto: minha viagem aos Estados Unidos em 1947**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2001.

CAMPAGNOL, Gabriela. **Assentamentos agroindustriais: o espaço da habitação em usina de açúcar**. São Carlos: RiMa / FAPESP, 2005.

_____. **Neocolonial e arquitetura brasileira nos artigos de abril de 1926**. São Carlos: trabalho apresentado à disciplina Regionalismo e Arquitetura Moderna no Brasil, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2000.

CAMPOS NETO, Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: Editora Senac, 2002.

CAMPOS NETO, Candido Malta; SACCHETTA, Vladimir; GAMA, Lucia Helena. **São Paulo, metrópole em trânsito**. Percursos urbanos e culturais. São Paulo: Editora Senac, 2004.

CAMPOS, Cristina de. **São Paulo pela lente da higiene**. As propostas de Geraldo Horácio de Paula Souza para a cidade: 1925-1945. São Carlos: RiMa / FAPESP, 2002.

CAPUA & CAPUA. **Domus: album de casas residenciaes e populares**. São Paulo: edição dos autores, c.1935.

CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. **Ramos de Azevedo**. São Paulo: EDUSP, 1999.

_____. A arquitetura de Francisco de Paula Ramos de Azevedo. In: **Cidade: revista do departamento do patrimônio histórico**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, a.V, n.5, jan, 1998. p. 4-19.

CARVALHO, Roberto Magno de. Hotel Balneário. **Revista Politécnica**. São Paulo: Escola Politécnica, n.134, p.33 - 36, abr – mai, 1940.

CASA DE APARTAMENTO. Estudo devido á proficiencia de Edgard Vianna, architecto. **Architectura: mensário de arte**. Rio de Janeiro, a. I, n. I, 8 jun., 1929, p.40.

CASA DE APARTAMENTO. Estudo devido á proficiencia de Edgard Vianna, architecto. **Architectura: mensário de arte**. Rio de Janeiro: a. I, n. I, 8 jun., 1929, p.40.

CASA Economica. Edgar P. Vianna, architecto. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro, n.24, v.4, set, 1923, p. 185.

CASA Economica. Edgar P. Vianna, architecto. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.24, v.4, set, 1923, p. 185.

CASA para renda. Arquiteto Roberto Magno de Carvalho. **Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: IAB, mai - jun, 1939, p.515 - 516.

CASA rua fonte da saudade, 329. Arquiteto Miguel Barroso do Amaral. **Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: IAB, mar - abr, 1938, p.74-75.

CASAS econômicas. Architectos J. de Souza Camargo e Ângelo Brhuns. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.14, jun, 1925, p.26.

CASAS FORD. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.27, a. IV, jul., 1926, p.29.

CAVALCANTI, Amaro. **Pan-American Questions: means looking to the mutual development of American Republics**. Rio de Janeiro: Typographia Annexa a Directoria do Servico de Estatistica, 1913. (Issued by order of the hon.

minister Dr. Pedro de Toledo).

CAVALCANTI, Lauro. **As preocupações do belo**: arquitetura moderna brasileira nos anos 30 e 40. Rio de Janeiro: Taurus, 1995.

CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL. **A vida cotidiana no Brasil nacional**: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1930 – 1970). Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2003.

_____. **A vida cotidiana no Brasil moderno**: a energia elétrica e a sociedade brasileira (século XIX a 1930). Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2001.

CERÁVOLO, Ana Lúcia. **Arquitetura Total na trajetória de Paulo de Camargo e Almeida**. (Dissertação de mestrado). São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos, 2000.

CÉSAR, Elben Lenz. **História da evangelização no Brasil**: dos jesuítas aos neopentecostais. 2 ed. Viçosa: Ultimato, 2000.

CÉSAR, Roberto Cerqueira. Projecto de uma casa popular. **Revista Politécnica**. São Paulo: Escola Politécnica, n.134, snp, mar – abr, 1940.

CHANDLER, Joseph Everett. *The colonial house*. New York: McBride, 1924.

CHURCH, Thomas D. Peasant courtyards of Spain – patios that are useful, simple, and still charming. **California: arts and architecture**. Los Angeles: p. 19 - 21, Feb, 1930.

CIUCCI, Giorgio; DAL CO, Francesco; TAFURI, Manfredo. **La ciudad Americana**: de la Guerra civil al New Deal. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.

CODY, Jeffrey W. **Exporting American architecture**: 1870 – 2000. New York: Routledge, 2003.

COHEN, Jean – Louis. **Scenes of the world to come**: European architecture and the American challenge, 1893 – 1960. Paris: Flammarion / Canadian Centre for Architecture, 1995.

COLONIAL HESPANHOL. Croquis de Moacyr Fraga. **Arquitetura: mensário de arte**. Rio de Janeiro: a. I, n.2, jul, 1929, p.23-25.

COLONIAL mouro-missões. Residencia do narrador arabe Malba Tahan. **Arquitetura: mensário de arte**. Rio de Janeiro: a. I, n.3, ago, 1929, p.24-25.

CONCURSO da A Casa. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.14, jun, 1925, p.5. (edital).

CONCURSO da A Casa. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.18, out, 1925, p.18-19.

CONCURSO de 'A Casa'. Projeto de Ricardo Wriedt e J. Cordeiro de Azeredo. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.23, a. IV, mar., 1926, p.12-13.

CONCURSOS de projectos de casas econômicas. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.98, a. X, jul., 1932, p.10-12.

CONCURSOS de projectos de casas econômicas. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.98, a. X, jul., 1932, p.22-24.

CONDURU, Roberto. Grandjean de Montigny: um acadêmico na selva. In: BANDEIRA, Julio; XEXÉO, Pedro Martins Caldas; CONDURU, Roberto. **A Missão Francesa**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CONSTANTINO, Regina Adorno. A obra de Abelardo de Souza. (Dissertação de mestrado), São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2004.

COOPER, Clayton Sedwick. **The Brazilians and their country**. New York: Frederick A. Stones Company, 1945.

COOPER, Gail. Frederick Winslow Taylor and scientific management. In: PURSELL JUNIOR, Carroll. **Technology in America**: a history of individuals and ideas. 2nd edition. Cambridge: The MIT Press, 1990.

CORREIA, Telma de Barros. **A construção do habitat moderno no Brasil**: 1870-1950. São Carlos: RiMa / FAPESP, 2004.

_____. **Pedra**: plano e cotidiano operário no sertão. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. **Pedra**: o projeto urbano e social de Delmiro Gouveia. (Tese de doutorado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1995.

CORREIO PAULISTANO. Editorial. São Paulo: 20 ago 1872.

- COSTA, Angyone. **A inquietação das abelhas**: inquérito sobre a vida artística brasileira. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello e Cia., 1927.
- COSTA, Cacilda Teixeira da. **O sonho e a técnica**: a arquitetura de ferro no Brasil. São Paulo: EDUSP, 2001.
- COSTA, Flavio Baptista da. Residencia particular. **Revista Politécnica**. São Paulo: Escola Politécnica, n.107, p.446, jan – fev, 1933.
- COSTA, Flavio Baptista da; COSTA, Luiz Xavier da. Ante-projecto para colônia escolar apresentado no concurso organizado pelo Departamento de Educação. **Revista Politécnica**. São Paulo: Escola Politécnica, n. 110, snp, jul - ago, 1933.
- COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**. 2ª ed. São Paulo: Empresa das Artes 1997.
- COSTA, Luiz Augusto Maia. **O moderno planejamento territorial e urbano em São Paulo**: a presença norte-americana no debate da formação do pensamento urbanístico paulista / 1886-1919. (Tese de doutorado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2005.
- _____. **O ideário urbano paulista na virada do século**: o engenheiro Theodoro Sampaio e as questões territoriais e urbanas modernas (1886-1903). São Carlos: RiMa / FAPESP, 2003.
- CUNHA FILHO, José Marianno Carneiro da. Definindo mais uma vez meu pensamento. In: **Architecture**: mensário de arte. Rio de Janeiro: a.l, n.7, dez, 1929. p. 9 -10.
- _____. Carta a Fernando de Azevedo. In: **A Noite**. Rio de Janeiro: 1927.
- CURTIS, John Pollock. Architecture of the Brazil Centennial Exposition. In: **Art and archaeology**: na illustrated monthly magazine. Washington: v.XVI, n.3, sep., 1923. p. 95-103.
- CZAJKOWSKI, Jorge (org.). **Guia da arquitetura moderna no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000.
- D'AGOSTINO, Mario Henrique Simão; PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. A noção de pitoresco em arquitetura. In: **Desígnio**: revista de pesquisa em História e Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo. São Paulo: Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo / Annablume, a.1, n.1, mar, 2004. p.119 - 128.
- D'ALAMBERT, Clara Correia. **Manifestações da arquitetura residencial paulistana entre as Grandes Guerras**. (Tese de doutorado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2003.
- DAGHLIAN, Carlos. **Os discursos americanos de Joaquim Nabuco**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1988.
- DANTAS, George Alexandre Ferreira. **"Caes da Europa"**: o plano geral de sistematização no contexto de modernização da cidade, 1929-1930. (Monografia de conclusão de curso). Natal: Curso de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1998.
- DAVIS, Mike. **Cidade de Quartzos**: escavando o futuro em Los Angeles. São Paulo: Editora Página Aberta, 1993.
- DINUCCI, Camillo Fernandes. Projecto de residencia. **Revista Politécnica**. São Paulo: Escola Politécnica, n.111, p. 250, set – out, 1933.
- DO JORNAL DO BRASIL. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.42, a. V, out., 1927, p.49. (casa proletária estilo missões).
- DOLHNIKOFF, Miriam. **O pacto imperial**: origens do federalismo no Brasil. São Paulo: Editora Globo, 2005.
- DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. As demandas científicas e a participação do Brasil nas exposições internacionais do século XIX. **Quiipu**. Ciudad del Mexico: v.12, n.2, may – ago, 1999, p. 203 – 215.
- DONGHI, Halperin. **História da América Latina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- DUAS RESIDENCIAS em estylo 'missões hespanholas' á rua Mauá, n. 62 e 64 – Santa Theresa. Edgar P. Vianna, architecto. **Architecture no Brasil**. Rio de Janeiro: n.25, v.5, a. III, nov, 1925, p.16-18, p.23, separata de desenhos.
- DUNLOP, J.B. **Rio Antigo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Rio Antigo, 1958, 3v.
- DURAND, José Carlos. **Arte, privilégio e distinção**: artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855 / 1985. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- EBERLEIN, Harold Donaldson. **Spanish interiors, furniture and details, from the 14th to 17th century**. New York:

Architectural Book, 1925.

EDGAR P. VIANNA, architecto. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.27, v.5, fev-mar, 1926, p.III. (cartão que participa a abertura de seu escritório).

EDGARD P. VIANNA. **Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: n.5, nov-dez, 1936, p.226. (obituário).

EDWARDS, William. An unusual theater with unique approach - Fox Arlington Theater at Santa Barbara. **California: arts and architecture**. Los Angeles: p. 33 - 35, Feb, 1932.

ELETROPAULO. **Cidade da Light**: edição bilíngüe português-inglês, comemorativa dos 5.000.000 de ligações. São Paulo, ELETROPAULO, 1990.

ELIAS, Beatriz Vicentini. Inovação americana na educação do Brasil. **Nossa História**. Rio de Janeiro: a. 2, n.23, p.81-83, set., 2005.

ESBOÇO de Ângelo Murgel, arquiteto. **Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: IAB, nov - dez, 1938, p.316 - 317.

ESCOLA Nacional de Bellas Artes. Concurso de grau medio. Thema: residencia para milionário (pinturesco colonial). Alumno Gerson P. Pinheiro. **Architectura: mensário de arte**. Rio de Janeiro: a. I, n.1, 8 jun., 1929, p.21.

ESCRITÓRIO HS Caiuby. Estudo de residencia. São Paulo: **Acrópole**. São Paulo: n.4, p. 63, ago, 1938.

ESTYLO Californiano. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.98, a. X, jul., 1932, p.27.

ESTYLO Missões Hespánholas, architecto Raphael Galvão. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.39, a. V, jul., 1927, p.17.

EXPOSIÇÃO de Architectura de Bello Horizonte. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.24, v.4, set, 1923, p. 185.

EXPOSIÇÃO de Bellas Artes. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: a.III, v.5, n.25, p.27-28, 1925.

EXPOSIÇÃO Internacional Commemorativa... **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.25, v.5, nov, 1925, p. 48-49. (diretrizes para o concurso do pavilhão do Brasil).

FAIRBANK, Wilma. **Liang and Lin**: partners in exploring China's architectural past. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2003.

FELDMAN, Sarah. **Planejamento e zoneamento**: São Paulo, 1947 – 1972. São Paulo: EDUSP / FAPESP, 2005.

FICHER, Sylvia. **Ensino e profissão**: o curso de engenheiro-arquiteto da Escola Politécnica de São Paulo. (Tese de doutorado). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1989. 2v.

FICHER, Sylvia. **Os arquitetos da Poli**: ensino e profissão em São Paulo. São Paulo: EDUSP, 2005.

FIGUEIREDO, Nestor Egydeo de. Entrevista. **A Noite**. Rio de Janeiro: 28 fev 1930.

FLINK, James J. Henry Ford and the triumph of the automobile. In: PURSELL JUNIOR, Carroll. 2nd edition. **Technology in America**: a history of individuals and ideas. Cambridge, The MIT Press, 1990.

FOR BEAUTY with economy the gateway to a city is built with concrete. **California**: arts and architecture. Los Angeles: snp, Jun, 1939.

FOUNDATION for Architecture. **Philadelphia Architecture**: a guide to the city. Philadelphia: Duke & Company, 1994.

FREDERICK, Christine. **Household engineering**: scientific management in the home. Chicago: American School of Home Economics, 1919.

FREITAS, Marcus Vinicius de. **Charles Frederick Hartt**: um naturalista no Império de Pedro II. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. (Série Humanitas).

FREITAS, Maria Luiza de. **Os periódicos de engenharia e o debate de arquitetura e da racionalização das construções em São Paulo, entre 1915 e 1937**. Relatório de Iniciação Científica – CNPq / PIBIC. São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade – 1915/1930. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

- _____. **Oliveira Lima, Don Quixote gordo**. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 1970.
- _____. **Prefácio à tradução italiana de Ordem e Progresso**. Recife: Separata da Revista Estudos Universitários, v. 9, n. 2, abr.-jun., 1969. p. 31-41.
- GALO, BARATA E FONSECA. Residência. **Revista de Arquitetura da ENBA**. Rio de Janeiro: n. 11, p.10 – 12, mai, 1935.
- GARCEZ, Benedicto Novaes. **O Mackenzie**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970.
- GAZETA DE CAMPINAS. **Editorial**. Campinas: 30 nov 1871.
- GELADEIRA electrica Frigidaire. **Revista de Engenharia do Mackenzie College**. São Paulo: Escola de Engenharia do Mackenzie College, n.39, 1926.
- GENERAL Graduates of the Graduates and Former Students of Miami University, Ohio, including Members of the Board of Trustees and Faculty during its First Century: 1809-1909. Oxford: s.n.t., 1909.
- GEOFFROY, Nora Maria Mendes Guimarães. **A morada carioca no contexto das zonas norte e sul nos anos 20**. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2004.
- GIBSON, Thomas; MACK, Gerstle. **Architectural details of Southern Spain: one hundred measured drawings, one hundred and thirteen photographs**. New York: W. Helburn, 1928.
- GONÇALVES, Oswaldo Correa. Casa para *week – end*. **Revista Politécnica**. São Paulo: Escola Politécnica, n.137, p.226, jan – fev, 1941.
- GONZAGA, Alice. **Palácios e poeiras: cem anos de cinemas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Record / FUNARTE, 1996.
- GOODWIN, Philip. **Brazil builds: architecture new and old, 1652 – 1942**. New York: The Museum of Modern Art, 1943.
- GOUVÊA, Fernando da Cruz. **Joaquim Nabuco: entre a Monarquia e a República**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1989.
- GRAMSCI, Antonio. Americanismo e Fordismo In: **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, v.4.
- GRÉBER, Jacques. A Architectura nos Estados Unidos. **Architectura: mensário de arte**. Rio de Janeiro: a. II, n.14, jul, 1930, p.47-48.
- GREEN, Philip Leonard. **Pan American Progress**. New York: Hasting House Publishers, 1942.
- GROSSMAN, Elizabeth Greenwell. **The civic architecture of Paul Cret**. New York: Cambridge University Press, 1996.
- GUNN, Philip Oliver Mary. **Espaço, Estado e Território: contribuição à análise crítica da organização social em São Paulo e no Brasil**. (Tese de doutorado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1985.
- HÁ MUITO TEMPO... **A Casa**. Rio de Janeiro: n.41, a. V, set., 1927, p.34. (reportagem sobre refletores luminosos da General Electric dos EUA).
- HACK, Oswaldo Henrique. **Mackenzie College e o ensino superior brasileiro: uma proposta de universidade**. São Paulo: Mackenzie Editora, 2002.
- HAGER, Alice Rogers; MARTIN, Jackie. **Brazil: giant to the South**. New York: The Macmillan Company, 1945.
- HANNAFORD, Donald; EDWARDS, Revel. **Spanish colonial or adobe architecture of California: 1800-1850**. Connecticut: Architectural Book Pub. Co., 1990
- HARBESON, Paul. **Winning designs: 1904 – 1927, Paris prize in architecture**. New York: Pencil Points, 1928.
- HARRINGTON, John. Spanish heritage. **California: arts and architecture**. Los Angeles: p. 16 - 17, Feb, 1939.
- HAWTHORNE, Nathaniel. Our old home. Boston: Houghton, 1907.
- HEUSE JUNIOR, Frederick. **A guide to foreign missionary manuscripts in the Presbyterian Historical Society**. Philadelphia: Presbyterian Historical Society, 1988.

- HISPANO-MISSÕES. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.39, a. V, jul., 1927, p.30-31. (projetos de Moacyr Fraga).
- HOBBSAWN, Eric. **A era dos impérios (1875 – 1914)**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Considerações sobre o americanismo. In: **Cobra de vidro**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- HOLMES, Frank R.; WILLIAMS JR., Lewis A. **Cornell University: a history**. New York: The University Publishing Society, 1905. 4 v.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. O princípio da racionalidade e a gênese da cozinha moderna. **Pós**: revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, n. 13, jun, 2003, p.124-155.
- _____. **O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira**. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- _____. **Higienópolis**: grandeza e decadência de um bairro paulistano. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo / Secretaria Municipal de Cultura, 1981. (Série história dos bairros de São Paulo, v. 17).
- HUNNICUTT, Benjamin Harris. **Brazil, world frontier**. New York: D. Van Nostrand Company Inc., 1949.
- _____. **Brazil looks forward**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1945.
- HUTCHINS, Amey. **University of Pennsylvania**. Charleston: Arcadia, 2004. (The campus history series).
- IGREJA na Urca. Arquiteto E Faro Filho. **Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: IAB, mai-jun, 1936, p. 37.
- INFORMACIONES sobre el próximo Congreso Pan-Americano de Arquitectos. **Revista de Arquitectura**. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos, n. 129, sep, 1931, p. 478-479.
- INGMAN, Samuel Guy. **Problems in Pan-Americanism**. New York: Geroge H. Doran Company, 1921.
- IRIGOYEN DE TOUCEDA, Adriana Marta. **Da Califórnia a São Paulo**: refêrencias norte-americanas na casa moderna paulista, 1945-1960. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2005.
- IRIGOYEN, Adriana. **Wright e Artigas**: duas viagens. Cotia: Ateliê Editorial / FAPESP, 2002.
- JARDIM, Evandro Carlos; MUSA, João Luiz; MENDES, Ricardo. **São Paulo, anos 20**: andar, vagar, perder-se. São Paulo: Melhoramentos, 2003.
- JOHNSTON, Reginald D. J.P. Jefferson house, Montecito. **Architectural record**. S.n., p. 8- 15, Jan, 1922.
- JORGE, Clóvis de Athayde. **Consolação**: uma reportagem histórica. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico / Divisão do Arquivo Histórico, s/d. (série História dos Bairros de São Paulo, volume 22).
- JUNQUEIRA, José Luiz de Almeida Nogueira. Projeto de residencia. **Revista Politécnica**. São Paulo: Escola Politécnica, n.138, p. 122, mar – abr, 1941.
- JUNQUEIRA, Mary A. **Estados Unidos**: a consolidação da nação. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- KELSEY, Albert. **Yucatecan scenes and sounds**. Philadelphia: the Numismatic Society of Philadelphia, 1919.
- KESSEL, Carlos. **Entre o Pastiche e a Modernidade**: arquitetura neocolonial no Brasil. (Tese de doutorado). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- _____. **A vitrine e o espelho**: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001. (coleção memória carioca, v. 2).
- KNEESE, Walther Saraiva. Projecto desenvolvido para o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes, á avenida Rebouças, 1939. **Acrópole**. São Paulo: n. 18, p. 16 – 17, out, 1939.
- KOYL, George Simpson. In: Architectural Alumni Society. **Book of the School**. Department of Architecture, University of Pennsylvania, 1874-1934. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1934.
- KROPP, Phoebe. **California Vieja**: culture and memory in a modern American place. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.
- KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **As grandes festas didáticas**. A educação brasileira e as Exposições Internacionais: 1862 – 1922. Tese (doutorado). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia,

- Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996.
- LADIE'S home journal: a maior revista norte-americana. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.98, a. VIII, set., 1930, p.46.
- LAIRD, Warren Power. Our sister continent. In: **General Magazine and Historical Chronicle**. Philadelphia: the general alumni society of the University of Pennsylvania, n.2, v. XXX, jan, 1928.
- LANE, Horace Manley. In: PROSPECTOS: Escola Americana. São Paulo: 1904. (Arquivado no Centro Histórico da UPM).
- _____. In: PROSPECTOS: a Protestant College for Brazil. São Paulo, c.1885. (Arquivado no Centro Histórico da UPM).
- LEMOS, Carlos A. C. **Viagem pela carne**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- _____. Prefácio. In: SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de. **A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna: 1930-1964**. São Carlos: RiMa / FAPESP, 2002.
- _____. **Alvenaria burguesa**: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. 2ª ed. São Paulo: Nobel, 1989.
- _____. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo: Pini / Lix da Cunha, 1993.
- LEVI, Darrel. **The Prados of São Paulo, Brazil**: an elite family and social change, 1840 – 1930. Athens and London: University of Georgia Press, 1987.
- LEVI, Rino. Carta ao Estado de São Paulo, 25 out 1925. In: ANELLI, Renato; GUERRA, Abílio; KON, Nelson. **Rino Levi: arquitetura e cidade**. São Paulo: Romano Guerra: 2001.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LIMA, Fábio José Martins de. **Por uma cidade moderna**: ideários de urbanismo em jogo no concurso para Monlevade e nos projetos destacados da trajetória dos técnicos concorrentes (1931-1943). (Tese de doutorado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2003.
- LIMA, Manuel de Oliveira. **Pan-americanismo**: Monroe, Bolívar, Roosevelt. Rio de Janeiro, Brasília: Fundação Casa de Rui Barbosa / Senado Federal, 1980.
- LOBATO, Monteiro. **América**: os Estados Unidos de 1929. São Paulo: Brasiliense, 1950. (Coleção obras completas de Monteiro Lobato, v.9).
- _____. Prefácio. In FORD, Henry. **Os princípios da prosperidade**. Rio de Janeiro: Editora Bruand, c.1946.
- LOCKEY, Joseph Byrne. **Essays in Pan-Americanism**. Berkeley: University of California Press, 1939.
- _____. **Pan-Americanism**: its beginnings. New York: The Macmillan Company, 1920.
- LODI, Carlos Brasil. Projecto de uma residencia colonial brasileira. **Revista Politécnica**. São Paulo: Escola Politécnica, n.108, p. 570, mar – abr, 1933.
- LOS RIOS, Adolpho Morales de. The rebirth of Rio de Janeiro. **The American architect and building news**. N. 21, Jul, 1906, p.20 – 28.
- LOS RIOS FILHO, Adolfo Morales de. Arquitetura não é Standard. **Revista de Arquitetura da ENBA**. Rio de Janeiro: ENBA, n.9, mar, 1935, p.11.
- LOVE, Joseph. **A locomotiva**: São Paulo na Federação brasileira – 1880/1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- LUCE, Henry. The American Century. In: **Life**, feb, 1941, p.61-65.
- LUCIO Costa: o pioneiro da reforma da ENBA. Charge de Gerson Pinheiro. **Revista de Arquitetura da ENBA**. Rio de Janeiro: ENBA, n.8, dez, 1934, p.7.
- LYRA, HEITOR. O Panamericanismo no Brasil antes e depois da Declaração de Monroe, 1917. In: **Revista Americana**: uma iniciativa pioneira de cooperação intelectual, 1909-1919. Brasília: Senado Federal, 2001. (edição fac-similar).
- MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Lima Barreto**: um pensador social na Primeira República. Goiânia: Ed. UFG; São Paulo: EDUSP, 2002.
- MAGALHÃES, Gildo. **Força e luz**: eletricidade e modernização na República Velha. São Paulo: editora da UNESP / FAPESP, 2000.

- MAHFUZ, Michel Elias. Projecto de residencia colonial. **Revista Politécnica**. São Paulo: Escola Politécnica, n. 129, p. 26-27, 1939.
- MAIA, Francisco Prestes. **Os melhoramentos de São Paulo**. 2ª ed. Atualizada. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1945.
- _____. **Os melhoramentos de São Paulo**. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1942.
- MALTA Junior, Francisco Salles. Prefácio. In: MUZZI, Luiz. **Arquitetura e construções**. São Paulo: edição do autor, c.1941.
- MARINHO, Maria Gabriela Silva Martins da Cunha. **Elites em negociação**: breve história dos acordos entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo (1916-1931). Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- _____. **Norte-americanos no Brasil**: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934-1952). Bragança Paulista: EDUSF / Autores Associados, 2001.
- MARSTON & VAN PELT. **Architectural record**. S.n., p. 17 – 38, Jul, 1922.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP / Imprensa Oficial do Estado / FAPESP, 2001.
- MARTINS, Carlos Alberto Ferreira. **Arquitetura e Estado no Brasil**: elementos para a investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil; a obra de Lucio Costa – 1924 / 1952. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Programa de Pós – Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1987.
- MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros presbiterianos do Brasil**: 1859-1900. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.
- _____. Introdução. In: SIMONTON, Ashbel Green. **O diário de Simonton**: 1852-1866. 2. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002. p. 1-12.
- _____. O Colégio Protestante de São Paulo, um estudo de caso sobre o lugar da Educação na Estratégia Missionária da Igreja. **Fides Reformata**, São Paulo: n. 4, p.1-25, fev. 1999.
- _____. “Para Memória Sua”: a participação da mulher nos primórdios do Presbiterianismo no Brasil. **Fides Reformata**, São Paulo: n. 3, p.1-18, fev. 1998.
- MATTIE, Erik. **World's Fairs**. New York: Princeton Architectural Press, 1998.
- MATTOSO, Kátia de Queirós. A opulência na província da Bahia. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). **História da vida privada no Brasil**, v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). **História da vida privada no Brasil**, v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MELLO, Eduardo Kneese de. **Construções residenciais**. São Paulo: União Paulista de Imprensa, 1939.
- _____. Residencia á rua dona Hypollita. **Acrópole**. São Paulo: n.8, p. 22 – 25, dez, 1938.
- _____. Residencia dr. Julien Fouque em Porto Feliz - M.D.gerente da 'Societé de Sucrieries Bresilenne'. **Acrópole**. São Paulo: n.12, p. 23 -25, abr, 1939.
- _____. Residencia Jean Lecoq, rua Terra Nova, n.8. **Acrópole**. São Paulo: n.1, p. 27 - 33, mai, 1938.
- _____. Residencia Jurandyr V. Campos, r. Topázio x r. Alabastro. **Acrópole**. São Paulo: n. 16, p. 9 – 14, ago, 1939.
- _____. Residencia Raffaelina Di Giaimo, rua Estados Unidos. **Acrópole**. São Paulo: n.9, p. 17 - 22, jan, 1939.
- MENDES, Marcel. **Mackenzie no Espelho**. São Paulo: Mackenzie Editora, 2000.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil**. São Paulo: EDITEO, 1994.
- MILA, Ariosto. Projecto de casa popular. **Revista Politécnica**. São Paulo: Escola Politécnica, n.135, p. 33, mai – jun, 1940.
- MILLIET, Roberto Carlos. Estudo de um hotel em Santo Amaro. **Revista Politécnica**. São Paulo: Escola Politécnica,

n.134, snp, abr – mai, 1940.

MONROE, James. Carta a Carlos Alvear, citada por CALMON, Pedro. **Brasil e América: história de uma política**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1944.

MOOSER, William; BOLLES, E.G. Masonic home, Decoto. **Pacific coast architect and building review**. San Francisco: v. XXV, n. 5, p.68, May, 1924.

MORALES DE LOS RIOS, Adolpho. The rebirth of Rio de Janeiro. In: **The American architect and building news**. New York: n.90, 1906.

MOREIRA, Rafael. Prefácio: o ensino arquitetônico entre a teoria e a prática. In: SOUSA, Alberto José de. **O ensino de arquitetura no Brasil imperial**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2001.

MORRIS, Edwin Bateman. History of the School. In: ARCHITECTURAL ALUMNI SOCIETY. **Book of the School**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1934.

MORSE, Richard M. **Formação histórica de São Paulo: de comunidade a metrópole**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MUZZI, Luiz. **Arquitetura e construções**. São Paulo: edição do autor, c.1941.

NABUCO, Joaquim. Despacho reservado de Washington, 1905. In: BUENO, Clodoaldo. **Política externa da Primeira República: os anos de apogeu – de 1902 a 1918**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. A aproximação das duas Américas. In: **Revista Americana: uma iniciativa pioneira de cooperação intelectual, 1909-1919**. Brasília: Senado Federal, 2001. (edição fac-similar).

_____. **Minha formação**. Brasília: Editora da UnB, 1963. (Introdução de Gilberto Freyre).

NASCIMENTO, Flávia Brito do. **Entre a estética e o hábito: o Departamento da Habitação Popular – Rio de Janeiro, 1946-1960**. (Dissertação de mestrado). São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2004.

NASLAVSKY, Guilah. **Modernidade arquitetônica no Recife: arte, técnica e arquitetura de 1920 a 1950**. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1998.

NEVES, Christiano Stockler das. Editorial. In: **Arquitetura e Construções**. São Paulo: n.13, 1930, p.4.

_____. Architectura Tradicional. **Revista de Engenharia do Mackenzie College**. São Paulo: Centro Acadêmico Horacio Lane, n.55, 1931, p. 18 - 19.

_____. Architectura Colonial. In: **Revista de Engenharia do Mackenzie College**, n.19, jul, 1919.

NEWCOMB, Rexford. **The Franciscan mission architecture of Alta California**. New York: Dover Publications, 1916.

_____. **Spanish – Colonial Architecture in the United States**. New York: J.J. Augustin, s.d.

_____. **The Mediterranean Domestic Architecture in the United States**. Cleveland: Janson, 1928.

NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. **Parques infantis de São Paulo: lazer como expressão de cidadania**. São Paulo: Annablume / FAPESP, 2002.

NIGRO JÚNIOR, Vicente. Residência à avenida Rebouças, 119. **Acrópole**. São Paulo: n.23, p. 9 - 13, mar, 1940.

NOBLE, David F. **America by design: science, technology and the rise of corporate capitalism**. New York: Oxford University Press, 1979.

NOVAS Casas. **A Casa**. Rio de Janeiro: n. 32, dez, 1926.

NÚMERO especial referente al IV Congreso Panamericano de Arquitectos y Exposición de Arquitectura realizado em Río de Janeiro. **Revista de Arquitectura**. Buenos Aires: Sociedad Central de Arquitectos, n. 116, a. XVI, ago, 1930, p. 468-556.

O ARRANHA-CÉO EM NOVA -YORK. **Revista de Engenharia do Mackenzie College**. São Paulo: Centro Acadêmico Horacio Lane, n.38, abr, 1926, p. 59 – 60.

O ESTADO DE S.PAULO. **Arquitetura colonial**. São Paulo: 13 abr 1926a.

_____. **Architectura colonial**. São Paulo: 14 abr 1926b.

_____. **Architectura colonial**. São Paulo: 15 abr 1926c.

_____. **Architectura colonial**. São Paulo: 16 abr 1926d.

_____. **Architectura colonial**. São Paulo: 17 abr 1926e.

_____. **Architectura colonial**. São Paulo: 21 abr 1926f.

_____. **Architectura colonial**. São Paulo: 24 abr 1926g.

_____. **Architectura colonial**. São Paulo: 29 abr 1926h.

_____. **Architectura colonial**. São Paulo: 30 abr 1926i.

OLIVEIRA, Ana Maria Costa de. **O destino (não) manifesto**. Os imigrantes norte-americanos no Brasil. São Paulo: União Cultural Brasil-Estados Unidos, 1995.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Centelha em restolho seco**. Rio de Janeiro: edição da autora, 1985.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Americanos**: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000. (Série Humanitas).

ORIENTAÇÃO nacionalista na arquitetura. **Revista de Arquitetura da ENBA**. Rio de Janeiro: n. 13, p. 25, jul, 1935.

OS ESTADOS Unidos da América do Norte na Exposição Internacional do Centenario. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n. 1, v.1, a. 1, out, 1921, p. 59-60.

OSBURN, Burl N. **Measured drawings of early American furniture**. Milwaukee: The Bruce Publishing Company, 1926.

OYER, George. Practical solution of the small house problem. **California: arts and architecture**. Los Angeles: p. 24-28, Dec, 1933.

PADILHA, Márcia. **A cidade como espetáculo**: publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20. São Paulo: Annablume, 2001.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

PARQUE infantil da Vila Romana. Engenheiros Costa & Lins. **Acrópole**. São Paulo: n.28, ago, 1940, p.149.

PASSARINHO, Jader. **Estudos residenciais**. Rio de Janeiro, s.n., 1942.

PATTISON, Mary. **Principles of domestic engineering**. New York: The Trow press, 1915.

PENNSYLVANIA BOARD OF CENTENNIAL MANAGERS. **Pennsylvania and the Centennial Exposition**: comprising the preliminary and final reports of the Pennsylvania Board of Managers. Philadelphia: Gillin & Nagle, 1878.

PENNSYLVANIA GAZETTE. **Prominent Pennsylvanians – Mayor Christiano S. das Neves**. Philadelphia: feb, 1948, p.21.

PENTEADO, Hernani do Val. Projecto de residência. **Revista Politécnica**. São Paulo: Escola Politécnica, n. 112, snp, nov - dez, 1933.

PEQUENA residencia tipo 'colonial hespanhol'. Projecto de Moacyr Fraga. **Architectura: mensário de arte**. Rio de Janeiro: a. 1, n. 1, 8 jun., 1929, p.16. (o mesmo projeto figura na capa desse número).

PEREIRA, Gustavo. **Christiano Stockler das Neves e a formação do curso de arquitetura no Mackenzie College**: um estudo sobre as École de Beaux-Arts e as Fine Arts Schools norte-americanas. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005.

PEREIRA, Margareth Aparecida Campos da Silva. O pan-americanismo e seu impacto na institucionalização do urbanismo no Brasil: 1920-1945. **Anais do IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

PERSPECTIVA do ante-projecto para o pavilhão do Brasil na exposição de Philadelphia. Rapahel Galvão e Edgar Vianna, architectos. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro, n.28, v.5, abr-mai, 1926. (capa da edição).

- PERSPECTIVA do ante-projecto para o pavilhão do Brasil na exposição de *Philadelphia*. Rapahel Galvão e Edgar Vianna, architectos. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.28, v.5, abr-mai, 1926. (capa da edição).
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- PETERS, Frank; MCGUE, George. **A guide to the architecture of Saint Louis**. Columbia: American Institute Of Architects, Saint Louis Chapter, 1989.
- PETRINA, Alberto. Tránsito de la arquitectura hispanocriolla: de la vitalidad nacional a la banalidad comercial. In: AMARAL, Aracy. **Arquitectura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos**. São Paulo: Fondo de Cultura Económica; Memorial da América Latina, 1994.
- PIMENTEL, Gustavo Ribeiro. **O concreto na verticalização de São Paulo**. Edifícios altos e modernidade no centro, 1934-1957. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2006.
- PINHEIRO, Gerson Pompeu. Casa para Milionário - Pinturesco Colonial. **Architectura: mensário de arte**. Rio de Janeiro: n.1, p.21, 1929.
- PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. **Modernizada ou moderna? A arquitetura em São Paulo, 1938 - 1945**. (Tese de doutorado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1998.
- PORTO, Carlos; MOACYR, Caio. Residência unifamiliar à avenida Epitácio Pessoa. **Revista de Arquitetura da ENBA**. Rio de Janeiro: n. 13, p. 12 -13, jul, 1935.
- PORTO, Daniele Resende. **O Barreiro de Araxá: projetos para uma estância hidromineral em Minas Gerais**. (Dissertação de Mestrado). São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2005.
- POST, Robert C. (Ed.). **1876: a Centennial Exhibition**. Philadelphia: Smithsonian Institute, 1976.
- POTES, Francisco Ramírez; PAZ, Jaime Gutiérrez; ARBOLEDA, Rodrigo Uribe. **Arquitecturas neocoloniales: Cali, 1920 – 1950**. Cali: Centro de Investigaciones em Territorio, Construcción y Espacio, Universidade del Valle, 2000.
- PRADO, Eduardo. **A ilusão americana**. 6ª ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 2001.
- PRESBYTERIAN Historical Society. Personnel Files, RG 360, DASCOMB.
- _____. Personnel Files, RG 360, LANE.
- _____. Personnel Files, RG 360, WADDELL.
- PROJECTO de casa economica. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.18, out, 1925, p.17. (projeto de Emerson Fernandes).
- PROJECTO DE HABITAÇÃO em Jacarepaguá, propriedade do Snr. Dr. José Marianno Filho. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.40, a. V, ago., 1927, p.25.
- PROJECTO de habitação em Jacarepaguá, propriedade do snr. José Marianno Filho. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.39, a. V, jul., 1927, p.21.
- PROJECTO de habitação rural, Cortez e Bruhns. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.24, a. IV, abr., 1926, p.9.
- PROJECTO de habitação suburbana, Cortez e Bruhns. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.24, a. IV, abr., 1926, p.10
- PROJECTO de habitação suburbana, de Cortez e Bruhns. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.27, a. IV, jul., 1926, p.12.
- PROJECTO de Robert Kissel. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.42, a. V, out., 1927, p.37.
- PROJECTO de uma residência no Leblon. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.26, a. IV, jun., 1926, p.13.
- PROJECTO em estylo colonial mexicano, architecto Moacyr fraga. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.41, a. V, set., 1927, p.25.
- PROJECTO em estylo colonial mexicano. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.42, a. V, out., 1927, p.21.
- PROJECTO para o banco do Rio de Janeiro. Edgar P. Vianna, architecto. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro, n.23, v.4, a. II, ago, 1923, p. 129, 131 e 133.
- PROJECTOS de Moacyr Fraga, typo XIV e typo V. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.42, a. V, out., 1927, p. 30-31.
- PROJETO de Galo, Barata e Fonseca. **Revista de Arquitetura da ENBA**. Rio de Janeiro: ENBA, n.13, jul, 1935, p.22.

- PROPRIEDADE da Exm. Dr. Rivadavia Correa Meyer. Arquiteto Raphael Galvão. **Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: IAB, jul - ago, 1937, p.184 - 185.
- PROPRIEDADE do Ex. Sr. João Daltro Filho. Arquiteto F Faro Filho. **Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: IAB, mai-jun, 1937, p. 117-130.
- PROSPECTOS: Mackenzie College. São Paulo: 1913. (Arquivado no Centro Histórico da UPM).
- PUCCI, Mario Edgard Henrique. Projecto de residencia. **Revista Politécnica**. São Paulo: Escola Politécnica, n.116 -117, snp, jul – out, 1934.
- REED, Henry A. **Topographical drawing and sketching, including applications of photography**. New York: John Willey & Sons, 1897.
- REGINO, Aline Massaralla et al. Arquitetura: atribuição do arquiteto. Homenagem a Eduardo Kneese de Mello. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2005. (catálogo da VI Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo).
- REIDY, Affonso Eduardo. Residencia para um milionário. **Architecture: mensário de arte**. Rio de Janeiro: n.1, p.28, 1929.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Victor Dubugras**: precursor da arquitetura moderna na América Latina. São Paulo: EDUSP, 2005. (edição bilíngüe francês – português).
- _____. **Memória do transporte rodoviário**: desenvolvimento das atividades rodoviárias de São Paulo. São Paulo: CPA, 1997.
- RELATÓRIOS DO MINISTRO DA FAZENDA DO BRASIL, 1907, 1908, 1909. In: BUENO, Clodoaldo. **Política externa da Primeira República**: os anos de apogeu – de 1902 a 1918. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- RESIDENCIA a ser construida no Leblon. Projeto de Galo-Barata & Fonseca Lrda. **Revista de Arquitetura da ENBA**. Rio de Janeiro: ENBA, n.11, mai, 1935, p.10-11.
- RESIDENCIA missões. Florida – Estados Unidos. **Architecture: mensário de arte**. Rio de Janeiro: a. 1, n.2, jul, 1929, s/p. (separata da revista).
- RESIDENCIA neocolonial. **Architecture no Brasil**. Rio de Janeiro: n.7-8, v.2, a. 1, abr-mai,1922. separata colorida da revista.
- RESIDENCIA nos fundos de um terreno. Arquiteto R. M. Carvalho. **Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: IAB, jul - ago, 1939, p.590 - 591.
- RESIDENCIA pitoresca. Arquiteto Eduardo Souto de Oliveira. **Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: IAB, jul - ago, 1939, p.570-571.
- RIBEIRO, Boanerges. **A Igreja Presbiteriana do Brasil**: da autonomia ao cisma. São Paulo: O Semeador, 1987.
- RICHTER E LOTUFO. Aeroporto de Poços de Caldas. **Acrópole**. São Paulo: n.23, p. 1 - 5, mar, 1940.
- RIFKIND, Carole. **A field guide to American architecture**. New York: Plume, 1980.
- RIO BRANCO, Barão do, citado por BUENO, Clodoaldo. **Política externa da Primeira República**: os anos de apogeu – de 1902 a 1918. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. Arquitetura não é standard. **Revista de Arquitetura da ENBA**. Rio de Janeiro: n. 9, p. 11, mar, 1935.
- ROCHA, Herbert. **O lado esquerdo do rio**. São Paulo, Sobral: HUCITEC / Secretaria de Desenvolvimento da Cultura e do Turismo / Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia, 2003.
- RODÓ, José Enrique. **Ariel**. Austin: University of Texas Press, 1988.
- RODRIGUES, Eduardo de Jesus. **As fachadas na arquitetura paulistana**: o estilo missões. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 1985.
- RODRIGUES, José Wash. **Documentário arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil**. 4ª ed. Belo Horizonte, São Paulo: Editora Itatiaia / EDUSP, 1979.
- RODRIGUES, Marly. **Imagens do passado**: a instituição do patrimônio em São Paulo. São Paulo: Editora da UNESP; CONDEPHAAT; Imprensa Oficial, 2000.

- ROLLER, Albert. Coast counties gas and electric company, Wastsonville. **California: arts and architecture**. Los Angeles: p. 52, Jan, 1932.
- ROSITA. **Coal Age**. New York: McGraw-Hill, v.24, Jan, 1921, p. 983 – 1040.
- SÁ, Marcos Moraes de. **A mansão Figner: o ecletismo e a casa burguesa no início do século XX**. Rio de Janeiro: Editora SENAC, 2002.
- SAGARENA, ROBERTO LINT. Building California's past: mission revival architecture and regional identity. In: **Journal of Urban History**, v. 28, n. 4, May, 2002: 429 – 444.
- SALVI, Ana Elena. **Cidadelas da civilização: políticas norte-americanas no processo de urbanização brasileira com ênfase no processo de metropolização paulistana dos anos 1950 a 1969**. (Tese de doutorado). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2005.
- SAN FRANCISCO– NEW YORK. **Architectural Forum**. New York: Jun, 1939, p.492 – 493.
- SANTANA, José Carlos Barreto de. Euclides da Cunha e a Escola Politécnica de São Paulo. **Estudos Avançados**. São Paulo: n.26, v.10, 1996. p.311-327.
- SANTOS, Luís Cláudio Villafañe Gomes dos. **O Brasil entre a América e a Europa**. O Império e o interamericanismo (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington). São Paulo, Editora da UNESP, 2004.
- SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **Escola Politécnica da Universidade de São Paulo: 1894 - 1984**. São Paulo: Reitoria/Escola Politecnica/fdte, 1985.
- SANTOS, Paulo. **Quatro séculos de arquitetura**. Rio de Janeiro: IAB, 1981.
- SÃO PAULO, 110 anos de industrialização. São Paulo: Editora Três, 1992.
- SCHAPOCHNIK, Nelson (org.). **João do Rio: um dândi na Cafelândia**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. (Coleção Paulicéia – letras).
- SEGAWA, Hugo Massaki; DOURADO, Guilherme Mazza. **Oswaldo Arthur Bratke**. São Paulo: Pró - Editores, 1997.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- SEGUNDO concurso da A Casa. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.18, out, 1925, p.8.
- SEGUNDO Congresso Pan-Americano de Architectos. Regulamento Geral. **Architectura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.21, v.4, jun, 1923, p.109-111.
- SEGUNDO grande concurso da 'A CASA'. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.21, a. IV, jan, 1926, p.5.
- SEGUNDO grande concurso da 'A CASA'. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.21, a. IV, jan, 1926, p.13-20.
- SEGUNDO Grande concurso da 'A CASA'. Projeto de Habitação rural, Cortez e Brhuns. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.21, a. IV, jan, 1926. p.13-15.
- SEGUNDO grande concurso da 'A CASA'. Zona rural, primeiro prêmio. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.21, a. IV, jan, 1926. (separata).
- SENHORES industriaes... **Revista de Engenharia do Mackenzie College**. São Paulo: Escola de Engenharia do Mackenzie College, n.44, 1927.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- SEVERO, Ricardo. Da arquitetura colonial no Brasil: arqueologia e arte. In: **O Estado de São Paulo**, 7 set 1922.
- _____. A arte tradicional do Brasil: a casa e o templo. In: **O Estado de São Paulo**, 26 jul 1914.
- SEXTON, Randolph. **American public buildings of today**. New York: Architectural Book Publishing, 1931.
- _____. **Spanish influence on architecture and decoration**. New York, Brentano's, 1927.
- SHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do Imperador: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- SILVA, Elizete da. A presença protestante no Brasil. **Nossa História**. Rio de Janeiro: a. 4, n. 38, p.14-17, dez.,

2006.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e. **Nacionalismo e arquitetura em Ricardo Severo**: Porto, 1869 – São Paulo, 1940. (Dissertação de mestrado). São Carlos: Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2005.

SILVA, João Luiz Máximo da. **O impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870-1930)**: estudos de cultura material no espaço doméstico. Dissertação (mestrado). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2002.

SIMÕES, Inimá. **Salas de cinema em São Paulo**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura / Secretaria de Estado da Cultura / PW, 1990.

SIMONTON, Ashbel Green. **O diário de Simonton**: 1852-1866. 2. ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

SINGER, Paul. As relações internacionais do Brasil durante a Primeira República. In FAUSTO, Boris (org.). **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1975. v.I, Tomo III.

SINKEVITCH, Alice. **AIA Guide to Chicago**. 2nd ed. Chicago: Harcourt Books, 2004.

SMITH, Harvey P. Spanish traditions of San Antonio: a city with the same background as California. **California**: arts and architecture. Los Angeles: p. 34 - 36, Aug, 1930.

SMITH, Lieut. **A manual of topographical drawing**. New York: Willey & Sons, 1902.

SOCIEDADE Central de Architectos. **Arquitetura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.1, v.1, a. 1, out, 1921, p. 24-28.

SOCIEDADE Central de Architectos. **Arquitetura no Brasil**. Rio de Janeiro: n.1, v.1, a. 1, out, 1921, p. 24-28.

SOMEKH, Nadia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador**: São Paulo, 1920 – 1939. São Paulo: Studio Nobel / EDUSP, 1997.

SOUZA NETO, Washington Luiz Pereira de. Introdução. In: LIMA, Manuel de Oliveira. **Pan-americanismo**: Monroe, Bolívar, Roosevelt. Rio de Janeiro, Brasília: Fundação Casa de Rui Barbosa / Senado Federal, 1980.

SOUZA, Abelardo de. **Arquitetura no Brasil**: depoimentos. São Paulo: Livraria Diadorim Editora, 1978.

SOUZA, Coelho e. **Impressões dos Estados Unidos**: memorial oferecido á odontologia brasileira pelo seu representante ao 7º Congresso Dentário Internacional de Philadelphia. Rio de Janeiro: Papelaria Vênus, 1927.

SOUZA, Ricardo Forjaz Christiano de. **O Debate arquitetônico brasileiro**: 1925-36. (Tese de doutorado). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2004.

STURGIS, Russell. **A dictionary of architecture and building: biographical, historical, and descriptive by and many architects, painters, engineers, and other expert writers, American and foreign**. New York: MacMillan, 1901.

SZMRECZÁNYI, Maria Irene de Queiroz Ferreira. A americanização da cidade brasileira: a substituição de modelos urbanísticos em São Paulo, no século XX. Buenos Aires: **Proceedings of the XIII International Economic History Congress**, 2003.

SZMRECZÁNYI, Tamás. Apontamentos para uma história financeira do grupo Light no Brasil, 1899 / 1939. **Revista de Economia Política**. São Paulo. V. 6, n. 1, jan – abr, 1986.

SZOLNOKY, Maria Teresa de Stockler e Breia E. **O ensino de arquitetura e Christiano Stockler das Neves**. (Dissertação de mestrado). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 1995.

THE ARCHITECTURAL DIGEST: a pictorial digest of California's best architecture. Los Angeles: John Brasfield, 1920. 3v.

THE ARCHITECTURAL RECORD. Architectural Schools in the United States: University of Pennsylvania - n. 2. New York: v. 10, p.314-335, mar. 1901.

THE ASSAULT on the Mike: the success of big voices on the screen. **California**: arts and architecture. Los Angeles: p. 56 - 57, Feb, 1933.

THE CALIFORNIA tradition of hospitality inherited from the Don. **California**: arts and architecture. Los Angeles: p. 18, Feb, 1930.

THE CHARM of the early California days transplanted to modern California Life. **California**: arts and architecture. Los Angeles: p. 10, Jan, 1933.

THE SÃO PAULO TRAMWAY, LIGHT & POWER Co., LTD. **Cinqüenta anos de progresso com São Paulo**: 1900-1950. São Paulo, snt, 1950.

THOMAS, George E.; BROWNLEE, David B. **Building America's First University**: an historical and architectural guide to the University of Pennsylvania. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.

TOLEDO, Benedito Lima de. **Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo**. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.

_____. O mestre e o pincel: Prestes Maia era um engenheiro-arquiteto-artista. In: **Cidade**: revista do departamento do patrimônio histórico. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, a.III, n.4, set, 1996b. p. 63 - 75.

TORRE, Susana. En busca de una identidad regional: evolución de los estilos misionero y neocolonial hispano en California entre 1880 y 1930. In: AMARAL, Aracy. **Arquitectura neocolonial**: América Latina, Caribe, Estados Unidos. São Paulo: Fondo de Cultura Económica; Memorial da América Latina, 1994.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

UM LUSTRE ilustre. **A Casa**. Rio de Janeiro: n.22, a. IV, fev., 1926, p.26.

UMA RESIDENCIA á rua Pompeu Loureiro. Arquiteto Robert Prentice. **Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: IAB, jan - fev, 1938, p. 16-21.

UMA RESIDENCIA confortavel. Arquitetos Pires e Santos. **Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: IAB, mai - jun, 1939, p.499 - 501.

UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. **A Record of the Class of 1899**. Philadelphia: The Senior Class of the College, 1899.

_____. **A Record of the Class of Nineteen Hundred**. Philadelphia: The Senior Class of the College, 1900.

_____. Architectural Archives. Alumni, Rodrigues.

_____. Architectural Archives. Alumni, Vianna.

_____. **Catalogue and Announcements: 1893-1894 – The College**. Philadelphia: Penn Press, 1894.

_____. **Catalogue: 1910-1911**. Philadelphia: Penn Press, 1911.

_____. Rare Books and Manuscripts Library. General Correspondence. Letters from Albert Kelsey to Paul Cret, Ms. Coll. 295.

_____. **School of Fine Arts**: courses in Architecture, Landscape Architecture, Music and Fine Arts. Announcement 1924-1925. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1924.

_____. **Special announcement of the organization and courses of study of the new Department of Science to be opened September, 1872**. Philadelphia: Collins Printer, 1872.

_____. **The Alumni Annual**. Philadelphia: Society of the Alumni – School of Dentistry, 1895.

_____. **The Alumni Annual**. Philadelphia: Society of the Alumni – School of Dentistry, 1895.

_____. **The Medical Scope**: Record of the Class of Nineteen Fourteen. Philadelphia: The Senior Class of The School of Medicine, 1914.

_____. **The Record of the Class of 1892**. Philadelphia: The Senior Class of the College, 1892.

_____. **The Record of the Class of 1901**. Philadelphia: The Senior Class of the College, 1901.

_____. **The Record of the Class of 1909**. Philadelphia: The Senior Class of the College, 1909.

_____. **The Record of the Class of 1911**. Philadelphia: The Senior Class of the College, 1911.

_____. **The Record of the Class of 1916**. Philadelphia: The Senior Class of the College, 1916.

_____. **The Record of the Class of 1918**. Philadelphia: The Senior Class of the College, 1918.

_____. **The Record of the Class of 1919**. Philadelphia: The Senior Class of the College, 1919.

- _____. **The Spanish house for America:** its design, furnishing and garden. Philadelphia: J.B. Lippincott, 1927.
- _____. **The study of architectural design, with special reference to the program of the Beaux-Arts Institute of Design.** New York: Pencil Points, 1927.
- _____. University Archives and Record Center, folder A.G.S. Rodrigues.
- _____. University Archives and Record Center, folder B. Montenegro.
- _____. University Archives and Record Center, folder C.E. Paxson.
- _____. University Archives and Record Center, folder C.S. das Neves.
- _____. University Archives and Record Center, folder I.G. Baumgardner.
- _____. University Archives and Record Center, folder J.M. Fordham.
- _____. University Archives and Record Center, folder J.P. Curtis.
- _____. University Archives and Record Center, folder J.P. Stevenson Junior.
- _____. University Archives and Record Center, folder M.S. Carvalho.
- _____. University Archives and Record Center, folder P.B.G. de Freitas.
- _____. University Archives and Record Center, folder W.B. Keyes.
- _____. University Archives and Record Center, folder W.P. Preston.
- _____. University Archives and Record Center. **Correspondence from H. Acosta y Lara to W.P. Laird, Sep 12, 1919.** Laird Papers – 1919.
- _____. University Archives and Record Center. **Correspondence from F. Squirru to W.P. Laird, Dec 2, 1919.** Laird Papers – 1919.
- _____. University Archives and Record Center. **Correspondence from F. Squirru to W.P. Laird, Sep 9, 1919.** Laird Papers – 1919.
- _____. University Archives and Record Center. **Correspondence from C.S. das Neves to W.P. Laird, 1927.** Laird Papers – 1927.
- _____. University Archives and Record Center. **Correspondence from The American Institute of Architects to A.C. Molina, Nov 7, 1927.** Laird Papers – 1927.
- _____. University Archives and Record Center. **Correspondence from W.P. Laird to W.P. Preston, Mai 5, 1927.** Laird Papers - 1927.
- _____. University Archives and Record Center. **Correspondence from W.P. Laird to E. Vianna, May 5, 1927.** Laird Papers - 1927.
- _____. University Archives and Record Center. **Correspondence from C.S. das Neves to W.P. Laird, Dec 5, 1923.** Laird Papers – 1923.
- _____. University Archives and Record Center. **Correspondence from C.S. das Neves to W.P. Laird, Jun 21, 1927.** Laird Papers – 1927.
- _____. University Archives and Record Center. folder J.M. Fernandes.
- _____. University Archives and Record Center. **Laird Papers - 1927.**
- _____. **The Scope of the Class of 1929.** Philadelphia: Medical School, 1929.
- VIANNA, Edgar P. Casino Theatro, para a Estação do Prata. **Arquitectura no Brasil.** Rio de Janeiro: n.21, v.4, jun, 1923, p.41-45.
- _____. Uma escola no littoral do Brasil. **Arquitectura no Brasil.** Rio de Janeiro: n.9-10, v.2, jun-jul, 1922, p. 35, 36; 39 e separata.
- VIANNA, Rubens Gouvêa Carneiro. Projecto de residencia. **Revista Politécnica.** São Paulo: Escola Politécnica, n.126, snp, jan – abr, 1938.
- VITALINO, Urbano; REINAUX, Marcílio. **Colégio Quinze:** 85 anos servindo a Deus, à Pátria e a Garanhuns. Garanhuns: Edição dos autores / Colégio Quinze de Novembro, 1985.

VIVENDA Elisabeth. Arquitetos Pires e Santos. **Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: IAB, n. 6, jan - fev, 1937, p.5 - 10.

WILLIAMS, Mary Wilhelmine. **Dom Pedro, the magnanimous**: second emperor of Brazil. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1937.

WOLFF, Sílvia Ferreira Santos. **Jardim América**: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura. São Paulo: EDUSP / FAPESP / Imprensa Oficial, 2000.

WRIGHT, Mary Robinson. **The new Brazil**: its resources and attractions - historical, descriptive and industrial. 2nd ed., rev. and enl. Philadelphia: G. Barrie & Sons, 1907.

ZAKIA, Sílvia Amaral Palazzi. **Mário Pentead**: arquiteto e obra. (Dissertação de mestrado). Campinas: Mestrado em Urbanismo, Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2004.

DOCUMENTOS EM MEIO ELETRÔNICO

ALMANAK LAEMMERT. Diversos números. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/hartness/index.html>. Acesso em: diversas datas.

AMERICAN flag pictures. Disponível em: www.awesomelibrary.org/Flag.html. Acesso em: 21 mai 2007.

AMERICAN Institute of Architects - AIA. **History of the American Institute of Architects**. Disponível em: www.aia.org/about2_template.cfm?pagename=about_history. Acesso em: 20 mar 2007.

ATIQUE, Fernando. O Debate sobre habitação nos Congressos Pan-Americanos de Arquitetos. **Anais do XI Encontro Nacional da ANPUR**. Salvador: ANPUR / UFBA, 2005. (cd-rom).

_____. Profissão, estilo e causa: um olhar sobre os primeiros congressos pan-americanos de arquitetos. **Anais do VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Niterói: UFF, 2004. (cd-rom).

BAGGIO, Kátia Gerab. Os intelectuais brasileiros e o pan-americanismo: a Revista Americana (1909-1919). **Anais eletrônicos do IV Encontro**. Disponível em: www.ifch.unicamp.br/anphlac/anais/encontro4. Acesso em: 22 jul 2005.

BANDEIRA Provisória da República do Brasil. Disponível em: www.editorainformal.com.br/atividades/festivas/bandeira/bandeira-provisoria.htm. Acesso em: 21 mai 2007.

BARÃO DO RIO BRANCO. Disponível em: www.biblio.com.br/conteudo/biografias/baraodoriobranco.htm. Acesso em: 21 mar 2007.

BARBOSA, Ruy, citado por ZIMMERMAN, Augusto. **Rui Barbosa, o "águia de Haia": um breve estudo em homenagem ao centenário de sua participação na segundo conferência de paz de Haia**. Disponível em: www.casaruibarbosa.gov.br/. Acesso em: 20 abr 2007.

BAYLOR UNIVERSITY. **About**. Disponível em: www.baylor.edu/about/. Acesso em: 20 nov 2006.

BRUIT, Héctor. A invenção da América Latina. In: ANPHLAC. **Anais eletrônicos do V Encontro**. Disponível em: www.ifch.unicamp.br/anphlac/anais/encontro5. Acesso em: 22 jul 2005.

CAMARA AMERICANA DE COMÉRCIO. **História**. Disponível em: www.amcham.com.br/entidade/historia/index_html/0304/0304arts02.html. Acesso em: 09 dez 2006.

COLÉGIO BATISTA AMERICANO DE RECIFE. **História**. Disponível em: www.americanobatista.com.br Acesso em: 04 nov 2006.

COLÉGIO BATISTA BRASILEIRO. **Nossa História**. Disponível em: www.batistabrasileiro.com.br/home/institucional/nossahistoria.asp. Acesso em: 04 nov 2006.

CPFL. **Histórico**. Disponível em: www.cpfl.com.br. Acesso em: 22 ago 2004.

CUNHA, Euclides da, citado por BAGGIO, Kátia Gerab. Os intelectuais brasileiros e o pan-americanismo: a Revista Americana (1909-1919). **Anais eletrônicos do IV Encontro**. Disponível em: www.ifch.unicamp.br/anphlac/anais/encontro4. Acesso em: 22 jul 2005.

DUARTE, Zeny et al. História da Faculdade de Medicina da Bahia. In: **Gazeta Médica da Bahia**. Disponível em: http://www.medicina.ufba.br/gmbahia/numeros/n_2_2005/Gazeta%202-2005.pdf. Acesso em: 15 de mai 2006.

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO – UFRJ. **Exposições Universais**. Disponível em: www.fau.ufrj.br/brasilexpos/f2-1893.html. Acesso em: 23 abr 2007.

FOLTS, James D.. **History of the University of the State of New York and the State Education Department: 1784-1996**. Disponível em: www.nysl.nysed.gov/edocs/education/sedhist.htm. Acesso em: 29 nov 2006.

FOTO NADIA. Disponível em www.fotonadia.art.br. Acesso em: 21 mai 2007.

FREE PHOTO. **Selfridges**. Disponível em: www.freefoto.com/browse.jsp?id=31-11-4. Acesso em: 30 mai 2007.

FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE. **Biblioteca Virtual Gilberto Freyre**: Vida e Obra. Disponível em: <http://bvfg.fgf.org.br/portugues/vida/viagem/01a.htm>. Acesso em: 10 nov 2006.

- FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. **Cronologia de Joaquim Nabuco**. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/docs/nabuco/jn.html>. Acesso em: 21 mar 2007.
- GUROVICH, Albert. Conflictos y negociaciones: la planificación urbana en el desarrollo da Gran Santiago. **Revista urbanismo**. Santiago, 2003. Disponível em: www.revistaurbanismo.uchile.cl. Acesso em: 12 set 2004.
- IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. **Histórico**. Disponível em: www.ipb.org.br. Acesso em: 01 nov 2006 e outras datas.
- INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL. **IAB comemora 86 anos de existência**. Disponível em: www.iab.org.br. Acesso em: 30 mai 2007.
- INSTITUTO HISTÓRICO DE PETRÓPOLIS. **Algumas datas anteriores a 17 de junho de 1859**. Disponível em: www.ihp.org.br/docs/gkf19530800.htm. Acesso em: 20 nov 2006.
- INSTITUTO PRESBITERIANO GAMMON. **História**. Disponível em: www.gammon.br/aescola/historico/. Acesso em: 08 set 2004.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Entrevista. **Com Ciência – SBPC: revista eletrônica de jornalismo científico**. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&tipo=entrevista&edicao=14>. Acesso em: 20 mar 2007.
- MULTIPLY. Ludao. Disponível em http://udaol.multiply.com/photos?=&album=&page_start=40. Acesso em: 21 mai 2007.
- NEDELYKOV, Nina; MOREIRA, Pedro. Caminhos da Arquitetura Moderna no Brasil: a presença de Frank Lloyd Wright. In: **Arquitextos**. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/aro018/aro018_03.asp. Acesso em: 01 abr 2005.
- OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. **Na Filadélfia as sementes do reino da opinião**. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/alm010720032.htm>. Acesso em: 09 jan 2007.
- OLIVEIRA Lima. Disponível em: <http://www.biblio.com.br/conteudo/biografias/oliveiralima.htm>. Acesso em: 21 mar 2007.
- PALÁCIO Monroe. Disponível em: <http://www.fotonadia.art.br/monroe.htm>. Acesso em: 20 mar 2007.
- PINTO, Maria Inez Machado Borges. **O cinematographo e a ilusão espetacular da São Paulo Moderna**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000, mimeo. Disponível em www.mnemocine.com.br/cinema/histindex.htm. Acesso em: 15 ago 2003.
- ROBERT COLLEGE. **About**. Disponível em: www.robcol.k12.tr. Acesso em: 28 nov 2006.
- ROTARY CLUB DO RIO DE JANEIRO. **História**. Disponível em: www.roatry.rj.org.br/Arquivos/Historia/htm. Acesso em: 18 fev 2007.
- RUTGERS COLLEGE. **About**. Disponível em: <http://rutgerscollege.rutgers.edu/>. Acesso em: 08 dez 2006.
- SECRETARIA DE TURISMO DE PIRACICABA. **Bens tombados no município**. Disponível em: www.setur.piracicaba.sp.gov.br/. Acesso em: 14 jan de 2007.
- UNIVERSO HQ. **Charges na FAAP**. Disponível em www.universohq.com/quadrinhos/n24052003_07.cfm. Acesso em: 03 jun 2007.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. **Portal Museu: Lavras**. Disponível em: www.portalmuseu.ufla.br/Lavras_cultura/lavras_cultura7.htm. Acesso em: 08 set 2004.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Biblioteca FAU**. Disponível em: www.ufrj.br/bibliotecafau. Acesso em: 24 jul 2005.
- _____. **História**. Disponível em: www.ufrj.br/institucional. Acesso em: 24 jul 2005.
- UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA PRESS. **Catalogue**. Disponível em: www.upenn.edu/pennpress/book/561.htm. Acesso em: 10 mai 2006.
- _____. **Gazette**. Disponível em: www.upenn.edu/gazette/0304/0304arts02.html. Acesso em: 10 mai 2006.
- VILLELA, Sally Crimmins. **About USNY**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por: Fernando Atique em: 25 abr 2006.
- WEBER, Austin. **Then & Now: the Centennial Exposition, 2001**. Disponível em: <http://www.assemblymag.com>. Acesso em: 04 de jul 2005.
- WHARTON BRAZIL. **História**. Disponível em: www.whartonbrazil.com.br. Acesso em: 10 jan 2007.
- WIKIPEDIA. **Alberto Santos Dumont**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Santos_Dumont. Acesso em: 20 nov 2006.
- _____. **American University of Beirut**. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/American_University_of_Beirut. Acesso em: 28 nov 2006.
- _____. **Bandeira do Estado de São Paulo**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_de_S%C3%A3o_Paulo. Acesso em: 21 mai 2007.
- _____. **Elihu Root**. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Elihu_Root. Acesso em: 20 mar 2007.
- _____. **Hampden-Sidney College**. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Hampden-Sydney_College. Acesso

em: 05 nov 2006.

_____. **Henry Luce**. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Henry_Luce. Acesso em: 25 mar 2007.

_____. **Levante dos Boxers**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Levante_dos_Boxers. Acesso em: 14 jan 2007.

_____. **Manifesto Republicano**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Republicano. Acesso em: 15 jul 2005.

_____. **Selfridges**. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Selfridges>. Acesso em: 17 jan 2007.

_____. **Simón Bolívar**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Simón_Bolívar. Acesso em: 20 mar 2007.

_____. **Sousa Aguiar**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sousaaguiar>. Acesso em: 23 abr 2007.

_____. **Tory**. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Tory>. Acesso em: 11 dez 2006.

_____. **Ivy League**. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Ivy_League. Acesso em: 01 dez 2006.

_____. **Zorro**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Zorro>. Acesso em: 16 mai 2007.

ZIMMERMAN, Augusto. **Rui Barbosa, o “águia de Haia”: um breve estudo em homenagem ao centenário de sua participação na segunda conferência de paz de Haia**. Disponível em: www.casaruibarbosa.gov.br/. Acesso em: 20 abr 2007.

A

**TABELA CRONOLOGICA DOS ESTUDANTES DA "UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA" (PENN)
COM COMPROVADA ORIGEM BRASILEIRA (1876 – 1950)**

	NOME	ORIGEM (NO BRASIL)	"CLASSE" ou PERÍODO NA PENN	GRAU OBTIDO ou CARREIRA PRETENDIDA	OBSERVAÇÕES
01	Bernardo de Souza Franco Harrah	Rio de Janeiro / RJ	1876-1882	A.B. LL.B.	Membro da Fraternidade Delta Psi Membro do Glee Club (1º Baixo) Membro do Football Team
02	Antonio A. da S. Moraes	Nao Descoberta	1877	Medicine	
03	Antonio A.da Silva Novaes	Nao Descoberta	1877	Medicine	
04	Jose de Paula Leite e Barros	Sao Paulo / SP	1878	Medicine	
05	Trapier Brumby Gaston	Nao Descoberta	1878	Medicine	
06	Henry Riedl	Nao Descoberta	1880-1881	Dentistry	Estudos Preparatorios com Dr. Charles J. Essig
07	J.C.P. e Silva	Nao Descoberta	1880-1881	Special Course in Dentistry	Recebeu Certificado, nao Grau.
08	Raphael A. C. Dillon	Nao Descoberta	1881	Dentistry	Preparado por Dr. S. E. Bond
09	Moyses Marcondes	Nao Descoberta	1881	Medicine	
10	Joaquim Teixeira de Almeida Nogueira	Campinas / SP	1881-1882	T.S.S.	Membro da Secao Nu da Fraternidade Chi Phi Membro da Athletic Association (Soccer Player)
11	Manuel da Silva Ramos	Nao Descoberta	1882	Dentistry	
12	J. Cezar Rudge	Nao Descoberta	1882	Medicine	
13	Leopoldo M. da Costa	Sao Paulo / SP	1883	Medicine	Curso Secundario em Lisboa
14	George Henry Krug	Campinas / SP	1883-1884	Special Course in Architecture	Recebeu Certificado, nao Grau. Membro da Secao Nu da Fraternidade Chi Phi

15	Arthur Gillun Krug	Campinas / SP	1884	B.S. Civil Engineering	Membro da Secao Nu da Fraternidade Chi Phi
16	Edmund Gastal	Pelotas / RS	1884	Dentistry	
17	Francisco de P. Novaes	Nao Descoberta	1884	Medicine	
18	David Pacheco	Nao Descoberta	1884-1886	B.S. Parece ter desistido do curso em 1886, antes da graduacao, em 1888.	Presidente do "Freshmen Year". Membro da Fraternidade Phi Kappa Secao Psi Iota Faleceu em 1892.
19	Louis Ginoyer	Sao Paulo / SP	1885	Dentistry	
20	William S. Couto	Nao Descoberta	1885	Dentistry	
21	Odorico G. de Lemos	Nao Descoberta	1885	Medicine	
22	Emygdio Dias Novaes	Queluz (?) / SP	1885	Medicine	
23	Caldwell Keppele Biddle	Rio de Janeiro / RJ	1886	A.B. Law	"Lawyer" em Philadelphia. Nasceu no Rio por ser seu pai Funcionario do Governo dos Estados Unidos no Rio. Nunca teve vinculos profissionais com o Brasil. Membro da Fraternidade Delta Psi
24	Jose Paranhos	Porto Alegre / RS	1886	Doctor of Dental Surgery	
25	Francisco Pereira	Pelotas / RS	1886	Doctor of Dental Surgery	
26	Octavio B. Raupp	Porto Alegre / RS	1886	Doctor of Dental Surgery	
27					
28	Manuel C. da Silva	Rio de Janeiro / RJ	1888-1889	Medicine	
29	Domingos Paranhos Ribas	Pelotas / RS	1889	Dentistry	Membro da Fraternidade...
30	Antonio G. da Silva Rodrigues	Sorocaba / SP	1889-1890	Medicine	Preparado por W.G. Chamberlain, no Mackenzie College
31	Henrique S. do Couto	Rio de Janeiro / RJ	1889-1890	Dentistry	
32	Justino da Silva Dilk	Nova Friburgo / RJ	1890	Dentistry	Assistant Demonstrator of Operative Dentistry (1891-1892)
33	Arthur Edward Hansom	Sao Paulo / SP	1890-1891	Medicine	

34	Manuel da Costa Gomes	Rio de Janeiro / RJ	1890-1891	Medicine	
35	Francisco Marcondes Rezende	Taubate / SP	1890-1891	Medicine	Preparado por A.G. de Souza Castro
36	Carlos Alberto de Armada	Rio de Janeiro / RJ	1890-1891	Dentistry	Membro da Secao Epsilon da Fraternidade Delta Sigma Delta
37	William Ellis Jr.	Sao Paulo / SP	1891-1892	Medicine	
38	Franklin M. Keffer	Sao Paulo / SP	1894	Dentist	
39	Antonio d' Avila	Estacas de Lanhas (?) / SP	1894	Dentistry	
40	Lourival M. de Souza	Pelotas / RS	1894	Dentistry	
41	Armand Rous	Rio de Janeiro / RJ	1895	Dentistry	Membro da Secao Episolon da Fraternidade Delta Sigma Delta Membro da Edwin T. Darby Dental Society
42	Henrique Ellis	Sao Paulo / SP	1895	Medicine	
43	Malcolm Ellis	Sao Paulo / SP	1897	Doctor of Dental Medicine	
44	Pio Angelo da Silva	Rio Grande / RS	1904	Medicine	
45	Alexandrino de Moraes Pedroso	Sao Paulo / SP	1904	Medicine	Membro da Latin American Association
46	Eurico Barreiros	Sao Paulo / SP	1904	Dentistry	Membro da Secao Epsilon da Fraternidade Delta Sigma Delta
47	Filinto de Moraes Pedroso	Sao Paulo / SP	1904	Dentistry	Membro da Edwin T. Darby Dental Society Membro do Latin American Club Membro da Fraternidade Delta Sigma Delta
48	Arnaldo de Moraes Pedroso	Sao Paulo / SP	1905	Medicine	Membro da John Guiteras Medical Society
49	Pedro Baptista Gomes de Freitas	Pelotas / RS	1909	Dentistry	Membro E.C. Kirk Dental Society
50	Benedicto Montenegro	Sao Paulo / SP	1909	Medicine	Membro da Fraternidade Omega Upsilon Phi Medical Mermbro da Tyson Medical Society

					Foi Diretor da Faculdade de Medicina da USP
51	Brenno A. Caminha	Uruguaiana / RS	1909	Dentistry	
52	Fabio Leite Loureiro	Manaus / AM	1909	Dentistry	
53	Henrique Lindenberg	Rio de Janeiro / RJ	1909	Medicine	Membro da Fraternidade Omega Upsilon Phi Medical Mermbro da Tyson Medical Society
54	Henrique Feio Galvao	Estacao do Rocha (?) / RJ	1910	Dentistry	
55	Christiano Stockler das Neves	Sao Paulo / SP	1910-1911	Special Course in Architecture	Recebeu Certificado, nao Grau
56	Hugo Caminha	Rio de Janeiro / RJ	1912	Dentistry	
57	Alberico Dircey de Rezende	Recife (?) / PE	1912	Dentistry	
58	Synesio Aratangy	Sao Paulo / SP	1913	Dentistry	
59	Roberto Schmidt	Sao Paulo / SP	1913	Dentistry	
60	Vicente de la Earp	Rio de Janeiro / RJ	1913	Dentistry	
61	Benedito Avila Paiva	Sao Paulo / SP	1913	Medicine	Membro do Scope Board (desenhista)
62	Antonio L. Abreu	Curvelo / MG	1913-1914	Dentistry	
63	Antonio Fonseca	Uberaba / MG	1913-1914	Dentistry	
64	Joao R. Germano	Salvador (?) / BA	1913-1914	Dentistry	
65	Bernardo Borges Pires Leal	Belem / PA	1913-1914	Dentistry	
66	Filogonio Peixoto	Salvador (?) / BA	1913-1914	Dentistry	
67	Bernard McDowell Krug	Sao Paulo / SP	1914	Medicine	Membro da John Morgan Medical Society Membro da Fraternidade Nu Sigma Nu Medical
68	Stephano Monici	Espirito Santo do Pinhal / SP	1914-1915	Electrical Engineering	
69	Jose Manuel Fernandes	Rio de Janeiro / RJ	1914-1915	Electrical Engineering	Membro das Fraternidades Lambda Chi Alpha e Beta Kappa Nu

					Membro da Whitney Engineering Society Membro do Cosmopolitan Club Presidente da The University of Pennsylvania Alumni Association of Brazil
70	Jayme Tavares	Natal / RN	1914-1915	Civil Engineering	
71	William Grant Stevens Jr.	Rio de Janeiro / RJ	1914-1915	Civil Engineering	
72	Turbitt Marques Lisboa Wright	Sao Paulo / SP	1914-1915	Commerce and Finance (Wharton)	
73	Pedro Americo de Andrade Werneck	Rio de Janeiro / RJ	1914-1915	Law	
74	Oswaldo Franco da Silva	Bage / RS	1914-1915	Special Course in Dentistry	
75	Jose Roche Ribas	Rio de Janeiro / RJ	1914-1915	Graduate Student in Dentistry	
76	Eugenio Almeida Castro	Salvador / BA	1914-1915	Architecture	
77	Americo Andrade Werneck	Rio de Janeiro / RJ	1914-1915	Electrical Engineering	
78	Jorge de Albuquerque Sales	Sao Paulo	1915-1915	Electrical Engineering	
79	Mario de Souza Carvalho	Rio de Janeiro / RJ	1916	Civil Engineering	Membro da Fraternidade Sigma Tau Engineering Membro da Whitney Engineering Society Empregado da American Bridge Company, no RJ
80	Raul Leite	Sao Paulo / SP	1916	Dentistry	
81	J. G. de Coelho	Nao Descoberta	1916	Electrical Engineering	Membro da Whitney Engineering Society
82	A. de Macedo	Nao Descoberta	1916	Electrical Engineering	Membro da Whitney Engineering Society
83	Oscar Centeno Crespo	Pelotas / RS	1916-1917	Electrical Engineering	
84	Pedro Perdigao	Nao Descoberta	1916-1917	B.S.	

85	Sylvio Manuel Novae	Sao Paulo / SP	1916-1917	Special Course in Dentistry	
86	Jose de Almeida Costa	Salvador (?) / BA	1917	Electrical Engineering	Membro da Chestnut Hill Academy Membro da Electrical Engineering Society Membro da Whitney Engineering Society
87	Sebastiao Frageli	Corumba / MT	1917	Civil Engineering	Membro da Civil Engineering Society Secretario do Brazilian Club (?) Membro do Cosmpolitan Club
88	Joao Baptista de Freitas Montenegro	Sao Joao da Bocaina / SP	1917	Medicine	Membro da Basini Surgical Society Jogador no Soccer Team Secretario-Chefe de Anatomia e Patologia no Instituto Biologico de Sao Paulo
89	Alcino de Campos	Sao Paulo / SP	1917	Electrical Engineering	Membro da Fraternidade Sigma Tau Membro da Electrical Engineering Society Membro da Whitney Engineering Society Membro do Cosmopolitan Club
90	Annibal Bomfim	Rio de Janeiro / RJ	1917-1918	Civil Engineering	
91	Genesco de Oliveira Castro	Porto Alegre / RS	1917-1918	Graduate Student in Dentistry	
92	Antonio Francisco da Costa Ramos Sharp	Sao Paulo / SP	1917-1918	Graduate Student in Dentistry	
93	Francisco de Paula Amarante	Sao Paulo / SP	1918	Civil Engineering	
94	Miguel Frederico Peixoto	Rio de Janeiro / RJ	1918-1919	Electrical Engineering	
95	Albert Juste Cathiard	Rio de Janeiro / RJ	1918-1919	Electrical Engineering	
96	Edgar Pinheiro Vianna	Rio de Janeiro / RJ	1919	Architecture	Membro da Architectural Society Membro do Soccer Team
97	Heitor Ribeiro Junior	Rio de Janeiro / RJ	1919	Electrical Engineering	

98	Merrit Leon Fordham	Petropolis / RJ	1919	Dentistry	Filho de J. Merritt Fordham Membro da Fraternidade Delta Sigma Delta Membro da Darby Dental Society
99	Julio Vigil Davila	Nao Encontrada	1923	Architecture	
100	Flavio de Moura Ribeiro	Santos / SP	1926	Special Course in Dentistry	
101	Fernando Gama Rodrigues	Sao Paulo / SP	1926-1928	Architecture	Ex-aluno do Mackenzie College
102	Washington Azevedo	Sao Paulo / SP	1926-1929	Architecture	Ex-aluno do Mackenzie College
103	Laureston Job Lane Junior	Sao Paulo / SP	1929	Physician	Ex-Aluno Mackenzie College e Filho de Laureston Job Lane
104	Irvin Zeitler	Sao Paulo / SP	1942	Nao Encontrado	
105	Juan Clinton Llerena	Rio de Janeiro / RJ	1946	Aluno da Wharton School	Presidente da Fraternidade Delta Phi Membro do Mask and Wig Club Membro do Varsity Swimming e do Varsity Soccer Teams Membro da Sphinx Senior Society
106	Ary de S. M. Guimaraens	Nao Encontrada	Nao Encontrada	Nao Encontrada	
107	Alvaro Crespo	Sao Paulo / SP	Nao Encontrada	Nao Encontrada	

**TABELA DOS EX-ALUNOS DA "UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA" (PENN)
COM COMPROVADA ATUACAO NO BRASIL (1876 – 1950)**

	NOME	LOCAL DE ATUACAO (NO BRASIL)	"CLASSE" ou PERÍODO NA PENN	GRAU OBTIDO ou CARREIRA SEGUIDA	OBSERVAÇÕES
01	Ira G. Baumgardner	Sao Paulo / SP	1888	Dentist	
02	William Baldwyn Keyes	Rio de Janeiro / RJ	1888	Dentistry	
03	Charles Keyes	Rio de Janeiro / RJ	1889	Dentistry	
04	J. Merritt Fordham	Rio de Janeiro / RJ	1889	Dentistry	
05	Laureston Job Lane	Sao Paulo / SP	1899	Physician	
06	William Proctor Preston	Rio de Janeiro / RJ	1899	Architecture	Membro do Varsity Crew (1897) Socio de J.P. Curtis (classe de 1909) e socio do Instituto Central de Arquitetos e da American Institute of Architects. Sua morte foi informada a Penn pela United States of America Operations Mission to Brazil.
	Thomas Paxton Stevenson	Rio de Janeiro / RJ	1901	Civil Engineering	Membro da Fraternidade Phi Gamma Delta Presidente da Brazil Chamber of Commerce e da Federal Express Company
07	Clement Esmond Paxson	Rio de Janeiro / RJ	1902	Electric Engineer	Membro do Mask and Wig Club Chorus Membro da Fraternidade Phi Delta Theta Engenheiro –Chefe da Telephone Co. Of Rio de Janeiro e Sao Paulo
08	John Pollock Curtis	Rio de Janeiro / RJ	1909	Architecture	Membro da Architectural Society. Foi Auxilliary Officer da Embaixada Americana no Rio de Janeiro.